

3ª edição

Cultivando
VIDA
desarmando
VIOLÊNCIAS



EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO, CULTURA, LAZER, ESPORTE E CIDADANIA
COM JOVENS EM SITUAÇÃO DE POBREZA

...

Mary Garcia Castro (Coordenadora)

Miriam Abramovay

Maria das Graças Rua

Eliane Ribeiro Andrade



edições UNESCO

Conselho Editorial

Jorge Werthein

Maria Dulce Almeida Borges

Célio da Cunha

Revisores: Ricardo Borges e Sônia Peçanha

Assistente Editorial: Larissa Vieira Leite

Capa: Edson Fogaça

Cultivando vida, desarmando violências : experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situações de pobreza / Mary Castro et alii. – Brasília : UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

583p.

ISBN: 85-87853-34-1

1. Problemas Sociais-Brasil 2. Educação-Brasil 3. Cultura-Brasil
 4. Cidadania-Brasil 5. Lazer-Brasil 6. Esporte-Brasil
 7. Pobreza-Brasil
- I. Castro, Mary II. UNESCO

CDD 362



Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

SAS, Quadra 5 Bloco H, Lote 6,

Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar.

70070-914 - Brasília - DF - Brasil

Tel.: (55 61) 321-3525

Fax: (55 61) 322-4261

E-mail: UHBRZ@unesco.org

Equipe de Elaboração

Mary Garcia Castro - coordenadora de pesquisa UNESCO

Miriam Abramovay - consultora BID

Maria das Graças Rua - consultora UNESCO

Eliane Ribeiro Andrade - consultora UNESCO

Assistentes de Pesquisa

Leonardo de Castro Pinheiro - coordenador da equipe de assistentes

Perla Ribeiro

Vanessa Viana

Colaboradores:

Claudia Beatriz Silva Souza

Claudia da Costa Martinelli

Diana Barbosa

Danielle Oliveira Valverde

Indira Marrul

Laura Segall

Marilia Gomide Mochel

Thiago Galvão

EQUIPE DE PESQUISA DE CAMPO

BAHIA

Antônio Jonas Dias

Ricardo Moreno - Assistente

CEARÁ

Verônica Parente

Eugênia Figueiredo - Assistente

ESPÍRITO SANTO

Luiza Mitiko Yshiguro Camacho

Kátia de Sá - Assistente

MARANHÃO

Cléa de Souza C. A. Ribeiro

Sandra M. T. da Costa - Assistente

MATO GORSSO

Eugênia Coelho Paredes

Daniela Barros da S. F. Andrade - Assistente

PARÁ

Aldalice Moura da Cruz

Lúcia Isabel Silva - Assistente

PARANÁ

Ana Inês de Souza

Gisele Carneiro Blasius - Assistente

RIO DE JANEIRO

Alexandre da Silva Aguiar

Cleide Figueiredo Leitão - Assistente

SÃO PAULO

Maria Dirce Gomes Pinho

Vilma Bok - Assistente

PERNAMBUCO

Ana Nery dos Santos

Elisabeth Ramos - Assistente

As autoras são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas, que não são necessariamente as da UNESCO e não comprometem a Organização. As designações empregadas e a apresentação do material não implicam a expressão de qualquer opinião que seja, por parte da UNESCO, no que diz respeito ao status legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou no que diz respeito à delimitação de suas fronteiras ou de seus limites.

Nota sobre as autoras

MARY GARCIA CASTRO - Coordenadora de pesquisas da UNESCO, Representação no Brasil. Mestrados em Planejamento Urbano-UFRJ; e em Sociologia da Cultura- UFBA; PhD em Sociologia pela Universidade da Florida. Pesquisadora associada do Centro de Estudos de Migrações Internacionais-UNICAMP; professora aposentada UFBA; membro da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento; co-coordenadora da Seção de Estudos Feministas e de Gênero para America Latina da LASA-Latin American Schollars Association (2000-2001). Publicações nas áreas de gênero, migrações internacionais, estudos culturais e juventude. Entre trabalhos recentes, destacam-se: “Identidades, Alteridades, Latinidades” (coord.)- *Caderno CRH*, 32, janeiro-junho 2000; “Transidentidades no Local Globalizado. Não Identidades, Margens e Fronteiras: Vozes de Mulheres Latinas nos EUA”. (In Bela Feldman-Bianco e Graça Capinha, org., “Estudos de Cultura e Poder. Identidades”, Ed. Hucitec, São Paulo, 2000); “Migrações Internacionais - Subsídios para Políticas” (coord.), CNPD-IPEA, Brasília (no prelo).

MIRIAM ABRAMOVAY - Consultora da UNODCCP e do Banco Mundial em pesquisas e avaliações em questões de gênero, juventude e violência. Formou-se em Sociologia e Ciências da Educação pela Universidade de Paris, França (Paris VII - Vincennes). Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Foi coordenadora do Programa de Conservação Social da UICN para a América Central e o México e do Programa de Gênero na FLACSO para a América Latina. Trabalhou como consultora para o Banco Mundial, UNICEF, OPS, UNIFEM, IDB, ACDI/Canadá e FAO, entre outros. Entre muitos trabalhos publicados destacam-se “Gangues, Galeras,

“Chegados e Rappers”, Editora Garamond, Rio de Janeiro, 1999; “Escolas de Paz”, Edições UNESCO, Brasília, 2001”; “As Relações de Gênero na Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais” (CONTAG), in Baltar da Rocha, Maria, “Trabalho e Gênero”, Editora 34, São Paulo, 2001.

MARIA DAS GRAÇAS RUA - Professora da Universidade de Brasília e consultora da UNESCO em pesquisas e avaliações, principalmente para questões de gênero, juventude e violência. Bacharel em Ciências Sociais, fez pós-graduação em Ciência Política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Brasil. Entre muito trabalhos, destaca-se com Abramovay, Miriam “Companheiras de Luta ou ‘Coordenadoras de Panelas?’”, Edições UNESCO, Brasília, 2000; e sua tese de doutorado: “Políticos e Burocratas no Processo de Policy-Making: A Política de Terras no Brasil, 1945-1984”. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho de Políticas Públicas da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) entre 1994-1996.

ELIANE RIBEIRO ANDRADE – Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estácio de Sá. Consultora da UNESCO na área de juventude/educação, co-autora do livro Escolas de Paz/UNESCO. Membro da Coordenação do Fórum de Educação de Jovens e Adultos do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense/RJ. Mestre em Filosofia da Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas. Pós-Graduação em Avaliação de Programas Sociais e Educativos pelo Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura – IICA.

SUMÁRIO

Agradecimentos	11
Apresentação	13
1 Introdução	17
1.1.A pesquisa e matrizes	19
2 Metodologia	31
2.1 A pesquisa de campo	35
2.2.A pesquisa exploratória	38
2.3. O banco de dados	38
3 Explorando Dimensões de Vida dos Jovens nas Periferias das Cidades Pesquisadas	39
3.1 Representação demográfica dos jovens	41
3.2 Trabalho	43
3.2.1 Situações no trabalho	45
3.2.2 O significado e a importância do trabalho	47
3.2.3 Uso do dinheiro	48
3.2.4 Obstáculos percebidos quanto a ter um trabalho	49
3.3 Lazer	54
3.4 Discriminação	62
3.5 Violência	68
3.5.1 Violência doméstica	75
3.5.2 Violência institucional	76
3.6 Drogas	80
3.6.1 Motivos do envolvimento com drogas	83
3.7 Um fecho não muito feliz, mas oxalá, não é ainda o final	86

4 Estudo de Casos - Perfil de Experiências	89
4.1 O campo da pesquisa	91
4.2 Bahia	100
4.2.1 Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA	100
4.2.2 Liceu de Artes e Ofícios da Bahia	116
4.2.3 Fundação Cidade Mãe (Empresa Educativa, Bairro de Saramandaia)	129
4.2.4 Grupo Cultural Olodum (Escola Criativa)	138
4.2.5 Circo Picolino	149
4.3 Ceará	157
4.3.1 Associação Curumins	157
4.3.2 Comunicação e Cultura	173
4.3.3 Escola de Dança e Integração Social para a Criança – EDISCA	188
4.4 Maranhão	203
4.4.1 Circo-Escola	203
4.4.2 Descobrimdo o Saber	218
4.5 Mato Grosso	230
4.5.1 Projeto Cidadania, Arte e Educação - CIARTE	230
4.5.2 Orquestra de Flautas Doce	239
4.6 Pará	251
4.6.1 Cores de Belém	251
4.6.2 Rádio Margarida	263
4.7 Pernambuco	276
4.7.1 Coletivo Mulher Vida	276
4.7.2 Auçuba	289
4.7.3 Centro das Mulheres do Cabo	302
4.7.4 Centro de Cidadania Umu Ganzá	315
4.7.5 Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente – PACA	328
4.8 Paraná	338
4.8.1 Escola de Rodeio Erê	338
4.8.2 Artivistas M.D.E (Movimento de Expressão) Hip Hop	348
4.9 São Paulo	359
4.9.1 Cidade Escola Aprendiz – Projeto “100 Muros”	359
4.9.2 Fundação Gol de Letra	373
4.9.3 Meninos do Morumbi	386
4.9.4 Fundação Travessia	399
4.10 Rio de Janeiro	414
4.10.1 Vila Olímpica da Mangueira	414
4.10.2 Comitê para a Democratização da Informática	428

4.10.3 Grupo Cultural Afro Reggae	440
4.10.4 Grupo de Teatro Nós Do Morro	454
4.10.5 Viva Rio	463
5 Vocabulário de Sentidos	479
5.1 Esclarecimentos	481
5.2 Vocábulo s	483
5.2.1 Protagonismo juvenil	483
5.2.2 Auto-estima	486
5.2.3 Pertencer	492
5.2.4 Identidade	494
5.2.5 Conscientização identitária – A Raça	494
5.2.6 Cidadania	496
5.3 Campos e Verbete s	498
5.3.1 Cultura	498
5.3.2 Desconstruindo preconceitos: a capoeira	502
5.3.3 Cultura de rua e grafite	503
5.3.4 Linguagens	504
5.3.5 Escola e arte-cidadania	504
5.3.6 Arte-educação	506
5.3.7 Entre expressão e disciplina	507
5.3.8 Arte e pedagogia de/para participação	508
5.3.9 Arte-Educação: o circo	509
5.3.10 Direitos e limites	510
5.3.11 Cidadania cultural – exercício da crítica social	510
5.3.12 Esporte e cidadania	511
6 Conclusões	515
7 Recomendações	523
8 Referências	531
9 Listas	539
Lista de Quadros	541
Lista de Tabelas	541
Lista de Gráficos	542
Lista de Siglas	542
10 Anexos	545
Declaração de Ministros Responsáveis pela Juventude	547
Plano de Ação de Braga para a Juventude	563
Encontro sobre melhores práticas em projetos com jovens do Cone Sul	577

Agradecimentos

Muitos foram entrevistados para a composição desta pesquisa – diretores, educadores e jovens participantes, tanto das entidades aqui focalizadas como de outras, congêneres – no Brasil; também entrevistamos os pais daqueles jovens e figuras de liderança nas comunidades relacionadas às entidades. Além dessas, muitas outras pessoas colaboraram em distintas etapas, de várias formas, nos bastidores deste trabalho.

A todos, nossos agradecimentos, esperando de alguma forma corresponder aos que dispuseram de seu tempo e colaboraram com a pesquisa. Reafirmamos nossa cumplicidade com cenários alternativos aos jovens, em particular àqueles em situações de pobreza e violência.

À Brasil TELECOM, à Fundação W.K.Kellogg e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, parceiros no financiamento deste trabalho, agradecemos, não somente como pesquisadoras, mas sobretudo como cidadãs, a oportunidade de compartilhar esta busca, dar visibilidade a experiências que investem na criatividade, na auto-estima, e na responsabilidade coletiva dos jovens, tendo a educação, a arte, o esporte e a cultura como trapézios para outros saltos.

A cooperação da UNESCO mais uma vez desafia dicotomias, aliando preocupação com diagnósticos rigorosos e sensibilidade com gestos, cuidando do social, da juventude. Não por acaso se desenhou a pesquisa sobre experiências governamentais e não-governamentais, recorrendo a distintos instrumentos quantitativos e qualitativos e observações *in loco* por distintas partes do Brasil – o que mais se detalha no corpo do estudo.

Tanto o nosso rigor, como a nossa sensibilidade no curso da pesquisa muito devem ao entusiasmo, críticas e reflexões do Representante da UNESCO no Brasil, Jorge Werthein, que de muito perto colaborou com o desenvolvimento desta pesquisa.

Aprendemos, no processo de pesquisa, que há que se desenvolver alguma argúcia investigativa para identificar práticas, além de discursos de boas intenções. Para tanto, ajuda ouvir o que dizem os jovens e a comunidade, e ler entrelinhas ou entre falas.

Somos gratas também a Vera Regina Ros Vasconcelos, assistente do Representante da UNESCO, pelo apoio administrativo.

Agradecemos as críticas e sugestões de Célio da Cunha, Marlova Jovchelovitch Noletto e Marta Porto, da UNESCO.

Frisamos que as trinta experiências a seguir são consideradas inovadoras no campo do trabalho com jovens, expostos a diversos tipos de violências, particularmente pela criatividade em relacionar educação, arte, cultura, esporte, lazer e cidadania, apostando na participação dos mesmos. Mas, se as experiências são inovadoras, não são necessariamente únicas.

Por um lado, tem-se em conta que muitas outras agências vêm, há algum tempo, contribuindo para armar palcos alternativos para que jovens participem de produções culturais, e que não se pretende com este trabalho dar conta da riqueza de tal campo. Muitas dessas agências, como por exemplo o Projeto Axé, são citadas como parte de um consciente coletivo que aposta no jovem. Por outro lado, se de inovação se trata, implícita estariam referências a construções coletivas, não tendo sentido um pensamento ou um modelo único. A todas as instituições nesse campo, às quais aquelas aqui retratadas também muito devem, nosso reconhecimento por seu trabalho e indireta colaboração na nossa leitura das experiências estudadas.

Apresentação

A pesquisa apresentada pretende contribuir para ampliar a visibilidade social de experiências no trabalho com jovens – em particular aqueles em situações de pobreza –, no campo da arte, cultura, cidadania e esporte. A intenção é socializar suas metodologias e práticas e oferecer subsídios para políticas públicas, tendo por foco a juventude.

É comum, em fóruns internacionais sobre juventude, referências aos jovens por linguagens que apelem para os sentidos e para o lúdico; assim como destacar a importância de renovar práticas educacionais, fazendo pontes entre o conhecimento formal e um saber para a cidadania, dando ênfase a valores éticos e de estímulo à sensibilidade estética. Ao discutir políticas públicas que contemplem os jovens, costuma-se considerar arte, cultura e esporte não como atividades complementares à formação e à ampliação do acervo de informações, mas como um direito de cidadania com repercussões múltiplas, contribuindo para valores positivos, para um reencanto sobre a vida, que beneficiariam não somente os jovens, mas à sociedade em geral.

Por exemplo, na “Declaração de Lisboa sobre Políticas e Programas de Juventude”, resultante da I Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude, realizada entre 8 e 12 de agosto de 1998 (Anexo 1 desta publicação), se faz referência às necessidades “econômicas, sociais, educacionais, emocionais, culturais e espirituais dos jovens, bem como aos seus problemas”. Destaca-se, entre outros compromissos, o de investir em políticas para “reforçar e criar novas parcerias que permitam aos jovens de ambos os sexos aprender, criar e expressar-se através de atividades culturais, físicas e desportivas, em benefício de um desenvolvimento físico, intelectual, artístico, moral, emocional e espiritual equilibrado, assim como da sua integração social”.

A pesquisa visa contribuir com uma nova perspectiva sobre exclusões sociais, vulnerabilidades e modelagens de políticas públicas, no debate que relaciona cultura e juventude, enfatizando-se a participação do jovem, quer como produtor, quer como consumidor cultural, além da importância de incentivar redes, canais de intercâmbio e a abertura de espaços institucionais, como as escolas, para atividades extracurriculares com os jovens. Demanda que empiricamente a UNESCO vem registrando em um acervo crescente de pesquisas sobre juventude em diferentes estados, no Brasil.

Quanto a problemas que afetam de modo singular os jovens, tanto os fóruns internacionais quanto diversos estudos no Brasil destacam violências como riscos que, se não são próprios de uma época, na contemporaneidade, assumem proporções e formatos próprios a requererem respostas criativas.

Um caminho inovador para lidar com violências seria afastar-se de uma lógica repressiva e escutar o que querem os jovens, aquilo que ocupa suas mentes e desperta suas vontades; contrapor o belo à fera, reapropriando sentidos, cultivando vidas e desarmando violências, como sugere esta pesquisa.

As próprias organizações, objeto deste estudo, situam limites para o alcance de seus esforços e para a importância de soluções de continuidade com repercussão mais permanente na vida dos jovens. Todas se preocupam com a escola, a família, a comunidade; consideram importante políticas públicas para os jovens e para o combate à pobreza. Além disto, investem para que seus trabalhos não sejam apenas espaços restritos, protegidos, mas que os jovens tenham a possibilidade de circulação por múltiplos espaços, públicos e domésticos, sem medo de violências ou sem ser partícipes delas. Portanto, reconhecem que ainda que façam um trabalho inovador por recorrer à arte, cultura e esporte, como valores contrários a culturas de violência, percebem as limitações do Estado e de outras agências na sociedade em não assumirem a importância dos jovens como sujeitos de direitos, e dificultando que se abram espaços para culturas que cultivem a vida e oportunidades materiais em distintos campos para mobilidade social e qualidade de vida digna.

A Fundação W.K.Kellogg, a Brasil TELECOM e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, com a cooperação da UNESCO, promoveram este estudo sobre experiências de organizações não-governamentais (ONGs) e entidades do setor público junto a jovens, a maioria em situações de pobreza, colaborando com a discussão

sobre políticas públicas em que se reconheça a potencialidade da cultura, em especial para este público.

A pesquisa apresentou experiências em atividades como oficinas, cursos, espetáculos, seminários, reuniões etc, ligadas à arte, cultura, educação para cidadania, esporte e lazer, identificando também a construção de um vocabulário de sentidos (ou a linguagem de valores de tais experiências) voltados para uma cultura que se contraponha a culturas de violência. Assim, a pesquisa pretendeu contribuir também para a documentação dos esforços pela construção de espaços de democratização do acesso a bens culturais. No estudo se registram testemunhos de impactos de tais experiências nas vidas dos jovens, seus familiares e de suas comunidades, em particular mudanças, além de documentar suas condições de vida, segundo diversas dimensões e recomendações expressas pelos entrevistados ou a partir do estudo.

Jorge Werthein

Representante da UNESCO no Brasil

Henrique Neves

Presidente da Brasil
Telecom Participações

Francisco B. Tancredi

Diretor Regional para América Latina e Caribe
Fundação W.K.Kellogg

Waldemar S. Wirsig

Representante do Banco Interamericano
de Desenvolvimento no Brasil



Introdução

1.1 A pesquisa e matrizes

Ilya Prigogine assinalou que o século XX transformou o planeta de um mundo finito de certezas em um mundo infinito de indagações e dúvidas. O sentido ativo contido no termo cultura em seu significado original precisa ser restaurado. Cultura resulta do ato de cultivar. Hoje mais do que nunca, é preciso cultivar a criatividade humana, pois, em um contexto de rápida mutação, os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por meio da iniciativa e da imaginação criadora. (Cuéllar, 1997:102)

Um razoável investimento em estudos sobre juventude – por metodologia quantitativa e qualitativa, ou seja, análises em profundidade em diferentes áreas do Brasil –, promovido pela UNESCO, antecede esta pesquisa. A preocupação de ouvir e aprender com diversas vozes em comunidades tem orientado tais pesquisas,¹ colaborando para explicitar conceitos, identificar demandas e recomendações calcadas em realidades, para melhor orientar políticas públicas. Foi a partir desses estudos com jovens em distintas condições sociais e lugares no Brasil que se constatou que a violência juvenil oscila durante a semana e aumenta nos fins de semana.

Nessas pesquisas, a arte, o esporte, a educação e a cultura aparecem como um contraponto, elemento estratégico para enfrentar e combater a violência, para construção de canais de expressão alternativos, espaço a ser explorado, um incentivo aos jovens para afastarem-se de situações de perigo, sem lhes negar meios de expressão e de descarga dos sentimentos de indignação, protesto e afirmação positiva de suas identidades.

1 MINAYO, 1999; ABRAMOVAY et al., 1999; SALLAS et al., 1999; WAISELFISZ, 2000; WAISELFISZ, 1998; BARREIRA, 1999.

Um achado comum sobre o cotidiano de jovens que vivem em bairros de setores populares é o caráter rotineiro de suas vidas, inclusive quanto às atividades de lazer, quer por carências quanto a equipamentos em suas comunidades, quer por dificuldades de acesso aos equipamentos concentrados em bairros de classe média e alta, inclusive por não terem meios econômicos que lhes garantam o uso de bens culturais urbanos. Mesmo aquelas atividades promovidas em áreas públicas não são facilmente freqüentadas. O custo do transporte é, para esses jovens, um entre vários outros impedimentos, considerando a relação entre classe e cultura.

Não somente haveria demarcações de classe no acesso a bens culturais como também ocorreria a construção de um imaginário social, pelo qual se considerariam algumas expressões culturais como algo das elites, o que teria raízes históricas e seria legitimado por uma educação diferenciada quanto a hábitos, por exemplo, ida a bibliotecas, centros culturais e teatros seriam atividades que não fariam parte do horizonte cultural oferecido aos pobres, ou de sua socialização cultural.

Estudo realizado em Belo Horizonte sobre a área cultural chamaria a atenção para a relação entre algumas expressões culturais, acesso a elas e classe:

Para a população investigada, cultura caracteriza-se fundamentalmente pela imprecisão conceitual e pela distância em relação a suas vidas cotidianas. Cultura é um sem-número de coisas. (...) O único traço comum nas várias visões sobre o assunto é a imagem de que a cultura é equivalente à informação e ao conhecimento. (...) as várias imagens ligadas ao assunto estão inevitavelmente ligadas a uma outra: a imagem do culto. É nessa discussão que se revela, de forma mais clara, um dos aspectos mais consensuais sobre o assunto. (...) O mundo da cultura é muito distante, é quase inatingível. Não há, entre os participantes, quem se considere culto. Os "cidadãos comuns" sentem-se excluídos e inferiorizados frente ao "mundo da cultura". É para eles, mais uma forma de marcar as diferenças sociais. As pessoas são remetidas "ao seu lugar". Ao invés de criar hiatos na realidade cotidiana, através da possibilidade do prazer e do entretenimento, as manifestações culturais tendem a separar e marcar ainda mais a hierarquização da sociedade. A "posse da cultura" surge como marca dos segmentos de renda mais elevada da população, uma marca distintiva. O mundo da cultura está sempre um degrau, ou mais, acima daquele em que o interlocutor acredita estar. (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Vox Populi, 1996:51)

Espetáculos artísticos não são parte do universo dos jovens entrevistados. São podadas também linguagens juvenis que lhes são caras, dificultando que os mesmos cultivem a criatividade em atividades lúdicas e artísticas, o que criaria condições para o que Castells chama de “desordem alternativa”, referindo-se, nos termos seguintes, à canalização da energia juvenil para violências:

Enquanto organizamos, por cima, a nova ordem econômica e tecnológica, um amplo setor de jovens está construindo, por baixo, uma desordem alternativa feita de sua negação a um sistema que os nega. (Castells, 1999: 10)

A reflexão de Castells é construída tendo por base a pesquisa promovida pela UNESCO em cidades da periferia de Brasília, que aponta tal rotina e baixa acessibilidade a atividades artísticas, esportivas e de lazer entre jovens. A mesma tendência se revela em outras pesquisas, como a promovida, também pela UNESCO e Fundação FioCruz, sobre jovens na cidade do Rio de Janeiro, que por outro lado alerta para as limitadas opções de lazer também entre jovens em outras situações socioeconômicas (Minayo et al, 1999:10). Segundo essa pesquisa, mais de 20% dos jovens de classe A, B, C, por exemplo, nunca vão ao cinema. Já em outra pesquisa, também realizada no Rio de Janeiro, em data mais recente (2001), tem-se que 70% dos jovens entrevistados não vão à praia, 55% declararam não praticar nenhum esporte e 11% afirmam nada fazer nas horas vagas (Abramovay et al, 2001).

Ao mesmo tempo em que os jovens de camadas populares têm menos acesso aos bens culturais – que por si deveriam estar ao alcance de toda a população – eles conseguem criar formas e canais alternativos de expressão opcional à violência. O *rap*, por exemplo, é o som da juventude na periferia, aparecendo como canal de expressão de sua revolta, é também um elemento de uma identidade social juvenil, uma via para que os jovens se afastem das gangues e da criminalidade.

Considerando que a sociabilidade desempenha um papel fundamental entre os jovens para internalização de valores e que as relações de cooperação e solidariedade são mecanismos importantes de interação, em especial para a população em tal ciclo de vida, preocupa que seja precisamente em atividades que poderiam viabilizar tais dimensões, como as de lazer, cultura, e esporte que registrem-se limitações, o que se demonstra também nesta pesquisa. Como se insiste na pesquisa sobre “Escolas de Paz”, a considera-

ção de tais áreas como pertinentes a uma agenda de políticas públicas passa por desmistificar a dicotomia entre trabalho e lazer e a hierarquização que se procede entre tais constituintes da vida.

A vulnerabilidade social das populações que residem em áreas periféricas, inclusive naquelas de maior índice de urbanização no Brasil, é também destacada em mapeamento da cidade de São Paulo, promovido pela Organização Mundial de Saúde, cujo interesse seria avaliar a vulnerabilidade dos jovens às drogas. Nesse estudo, defende-se recorrer a atividades de lazer, cultura e esportes para inibir o uso de energias e tempo em violências e no uso de drogas. Chama-se a atenção para a coexistência territorial entre falta de equipamentos de lazer e cultura e altos índices de violências. Têm-se também informações sobre o distanciamento cultural de jovens de diversas classes sociais. Por exemplo, 88% dos entrevistados nunca assistiram a um espetáculo de balé clássico; 52% nunca foram a um museu de arte e 59% não passaram por uma experiência objeto de desejo dos jovens: ir a um show de *rock* (Ver Folha de São Paulo 6/5/2001: C1 e C3).

Note-se que as pesquisas promovidas pela UNESCO e outras, além de corroborar as tendências já referidas sobre ausência de equipamentos coletivos culturais, esportivos e de lazer em comunidades da população de baixa renda, indicam que existe reivindicação manifesta por tais equipamentos, por parte dos jovens, além de constatar a relação destacada entre ser sujeito produtor e consumidor de cultura e sentir-se pessoa, com responsabilidades sociais e gratificada consigo. A reflexão a seguir tem como referência os estudos comentados:

Constata-se, através de pesquisas promovidas pela UNESCO uma demanda dos jovens por espaços de sociabilidade e de manifestação de criatividade ...e o sentimento de exclusão, o desencanto deles com os aparatos institucionais, a discriminação, a perda de referencial ético, a baixa auto-estima (Werthein, 2001)

Esses resultados serviram de referência para a montagem do programa da UNESCO “Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz” (UNESCO, 2001) cuja idéia central é estimular a abertura de escolas nos finais de semana e disponibilizar espaços alternativos que possam atrair jovens. Tais elementos estratégicos vêm-se revelando tão decisivos no resgate da cidadania juvenil, que vêm sendo adotados pelo poder público, como ocorre, por exemplo, nos estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Mato Grosso.

Em que consiste abrir os espaços das escolas? Além de agregar e maximizar recursos culturais quer da sociedade, quer da comunidade próxima, atendendo à demanda expressa pelos jovens quanto a atividades, são explorados temas relevantes para o bem-estar da juventude, conjugando ética e estética, prazer, reflexão e criatividade. Esses temas devem ser trabalhados por linguagens mais afins aos jovens, como a criação artístico-cultural própria. – Pode-se, assim, utilizar a música e dança (*rap e hip hop por exemplo*), a criação dramática, teatro, oficinas literárias, jogos e atividades esportivas (capoeira, caratê, futebol, estabelecendo regras que estimulem a cooperação e o trabalho em equipe), além de debates, com envolvimento dos próprios jovens. Abordam-se temas como: sexualidade; drogas; intolerância; violência na sociedade e na família; AIDS; gravidez precoce; ética pública, cidadania, vida associativa e participação política.

Foi, portanto, a partir de tais análises que se identificou a importância de melhor conhecer o universo das experiências que trabalham com jovens e que vinham, de alguma maneira, fazendo diferença. Ou seja, intervenções positivas no plano de contrapor cultura a violências ou, como se repete ao longo desta pesquisa, quando se transcrevem testemunhos de jovens, seus pais e animadores nas experiências analisadas, contribuir para criar espaços alternativos, afastar os jovens de situações, comportamentos e idéias de violência.

Este estudo versa sobre experiências promovidas por organizações não-governamentais (ONGs) e entidades do setor público junto a jovens em situações de pobreza,² acionando oficinas, cursos e atividades ligadas à arte, cultura, educação para cidadania, esporte e lazer. O intuito é explorar a construção de um vocabulário de sentidos para uma cultura que se contraponha a culturas de violências; documentar esforços pela construção de espaços de democratização dos acessos a bens culturais; registrar testemunhos de impactos de tais experiências nas vidas dos jovens, seus familiares e de suas comunidades, em particular, mudanças ou distanciamento de violências.

A pesquisa pretende contribuir para ampliar a visibilidade social de tais experiências, socializar suas metodologias e práticas e oferecer subsídios para políticas públicas, tendo por foco a juventude. Pretende-se que venha a servir também para programas como o desenhado em “Abrindo Espaços: Educação e Cultura para a Paz”. Outra intenção é

2 Algumas poucas experiências também envolvem jovens de em outras situações socioeconômicas como jovens de classe média e alta.

estimular a formação de redes entre experiências e intercâmbio do ponto de vista nacional. Objetivo este em que já vem investindo o Escritório da UNESCO no Rio de Janeiro, mediante programas como o “Fala Galeira” que articula entre si diversas experiências em que participam jovens, por intermédio de “oficinas, fóruns temáticos e outros eventos”, além de propiciar articulações dessas experiências com instituições públicas e privadas e meios de comunicação (UNESCO, 2001).³

Por um lado, o lastro de estudos da UNESCO sobre juventude (ver nota 2) dá chão à pesquisa e à sua decolagem, bem como à tentativa de desvendar nas práticas institucionais o sutil nexos entre o sim à vida e o não à violência. Por outro lado, tanto aquelas como esta pesquisa fazem parte de uma cadeia civilizatória, que aposta na paz e no cultivo de valores ético-estéticos humanistas, contra o desencanto do mundo e a destruição de vidas juvenis, por drogas, envolvimento com o tráfico, intolerância e discriminação.⁴

Compõem, portanto, os bastidores deste estudo, suas matrizes, peças do acervo UNESCO no Brasil e no plano internacional, ou seja, trabalhos – publicações e programas – que registram princípios, valores e recomendações sobre educação, escola, conhecimento, cultura, ética, juventude e cultura de paz.⁵

3 Também no sentido de criação de rede entre experiências que trabalham com jovens ver verbete sobre o CRIA, em Perfil das Experiências, neste estudo. O CRIA estimulou e participa, em Salvador, do MIAC Movimento Integrado de Ação Cultural, fundado em 1997 e que hoje reúne cerca de 300 projetos.

4 Foge ao escopo desta pesquisa o diálogo com a literatura brasileira sobre juventude, que vem tomando um impulso singular nos últimos tempos, respondendo a alertas, de vários meios, sobre o aumento de violências envolvendo jovens (ver neste sentido, entre outros, MELLO, 1998; BERCOVICH et al., 1998).

Sobre juventude e cultura no Brasil, ver entre outros: ABRAMO, 1994; CARDOSO e SAMPAIO, 1995; MADEIRA, 1997; GONZALEZ, 1996; LANDIM et al., 1996; NOVAES et al., 1996; SILVA, 1995; ABRAMO et al., 2000; GROppo, 2000 e Revista Brasileira de Educação, 1997.

5 “A história da UNESCO, uma instituição com mais de meio século de existência, tem se caracterizado fundamentalmente por uma incessante luta pela democratização dos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade. O seu campo de abrangência compreendendo as áreas da Educação, Ciência e Tecnologia, Cultura, Comunicação, Informática e Desenvolvimento Social indica que por intermédio da generalização do conhecimento, a humanidade poderá atingir padrões aceitáveis de convivência humana e de solidariedade. Esta concepção e esta perspectiva estão na origem dos atos constitutivos da Organização, em 1946, logo após a Segunda Grande Guerra Mundial”. UNESCO, 2001. Nesse documento se acessam alguns dos textos contemporâneos, cuja realização foi promovida pela UNESCO, como o texto de Cuéllar (1997), citado; DELORS, 1998 e MORIN, 1999. Também se comenta a “Carta Internacional da Educação Física e Desporto adotada pela Conferência Geral da UNESCO em 1978. e a “Carta Internacional de Educação para o Lazer”, de 1978. Ver também GOMES, 2001.

Por exemplo, a reflexão do “Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento” citada na abertura desse capítulo, parte da preocupação com o desenvolvimento e com a diversidade cultural, defendendo a importância “do fator humano, a teia complexa de relações, crenças, valores e motivações existentes no centro de toda cultura” (Cuéllar, 1999:9). Cultura é debatida como um fim instrumental para o desenvolvimento e como um fim em si, que confere sentido à existência humana, ressaltando solidariedade e exercício de liberdade criativa em favor de coletividades.

A Cultura de Paz, no Relatório, é anunciada como construção que requer participação e reconhecimento da diversidade. Portanto, não comporta passividade ou camuflagem de conflitos, desigualdades e injustiças sociais. Além disso, pressupõe investimento em educação, conhecimento de formas de ser e pensar, calcado em pesquisas sobre gerações –sobre a “equidade em cada geração e entre gerações” – tempos e comunidades.

No ideário de Cultura de Paz, dá-se ênfase às bases materiais, à necessária tônica na erradicação da pobreza, cuidando de exclusões sociais não como medidas pontuais, ou seja políticas limitadas a alguns e em algumas áreas ou momentos, mas alertando para a importância de vontade e investimento político estrutural. Tal ênfase recusa, por um lado, a dicotomia entre cultura e economia. Por outro lado se busca, via conhecimento de práticas culturais, de sua diversidade, evitar reificações ou reduções de cultura à economia. Reconhece-se, portanto, mútuos condicionamentos, trânsitos, e a potencialidade de expressões culturais para lidar com situações de pobreza, para que essas não derivem em violências individualizadas, contra si e outros, muitos, iguais.⁶

A idéia é que não há uma relação linear absoluta entre pobreza e violência, mas que, além dos efeitos negativos na qualidade de vida material, a pobreza facilita sentidos culturais perversos, inclusive comprometendo a subjetividade, a criatividade e a disposição para uma cultura de paz.

Seria pré-requisito para construção dessa cultura, a participação, bem como o reconhecimento de linguagens diversas, como a

6 Fica o esclarecimento de que o reconhecimento da importância da dimensão cultural, quando tratando sobre juventude e violências, não implica desconhecer a importância de políticas de emprego, profissionalização e de educação de qualidade para jovens na pobreza, aliás demandas reiteradamente apresentadas pelos jovens

das imagens, do sentido, da irreverência. Tal tema, no Relatório da UNESCO sobre cultura, é assim referido:

Os marginalizados da sociedade devem contentar-se com suas próprias práticas culturais que institucionalizam o dualismo social. Sabem o que é estar à deriva e o que é a autodepreciação, associada à assimilação de imagens negativas de si próprios e da sociedade, com os problemas que se seguem. Isso é particularmente verdadeiro no caso dos jovens, cujo quadro de referência e de valores se afasta dos padrões tradicionais, e cuja falta de condições e de recursos os marginaliza e impede que participem efetivamente da vida social. A luta pela erradicação da pobreza, portanto, deve incluir a dimensão cultural (Cuéllar, 1997: 125).

No Relatório também se chama a atenção para o caráter da cultura como “patrimônio intangível” ou “bem imaterial alojado nas mentes”, cujo valor seria desconsiderado pela lógica de mercado.

Em todas as experiências analisadas neste trabalho, ressalta-se a preocupação com as condições de vida dos jovens, sua pobreza e falta de alternativas de sobrevivência das respectivas famílias. Como já se advertia em trabalho anterior sobre experiências bem-sucedidas com jovens na área de arte e cultura, em Salvador, “os olhares não são sobre pão ou circo, mas sobre combinação entre pão e circo” (Castro e Abramovay, 1998: 573).

A preocupação em resgatar cultura em políticas públicas, no plano de debate sobre desenvolvimento, desconstruindo a departamentalização comentada, entre cultura e economia está presente em uma literatura que não é nova mas que vem sendo oxigenada por estudos de comunidades e de práticas institucionais, e na atenção para a força do desejo, dos sentimentos e dos sentidos dada pelos indivíduos às relações sociais, inclusive para acionar ou marginalizar políticas econômicas e princípios gerais bem-intencionados. Segundo Arizpe:

La teoría y la política del desarrollo deben incorporar los conceptos de cooperación, confianza, etnicidad, comunidad, identidad y amistad ya que estos elementos constituyen el tejido social en que se basan la política y la economía. En muchos lugares el enfoque limitado del mercado basado en la competencia y la utilidad está alterando el delicado equilibrio de estos factores y, por lo tanto, agravando las tensiones culturales y el sentimiento de incertidumbre. (Arizpe, 1998: 6)

O Relatório da UNESCO citado anteriormente, ao advogar que os jovens deveriam ser parceiros na construção de uma cultura de paz, não devendo ser tratados nem como “consumidores passivos” nem como “espectadores indiferentes”, explicita questionamento que estimula explorar o universo discursivo de jovens e de entidades que trabalham com jovens, a nível comunitário.

Como poderão as novas gerações aprender a viver juntas no mundo de amanhã e como poderemos construir um mundo no qual as defesas da paz estejam erigidas ao mesmo tempo, nas estruturas institucionais e nas mentes dos jovens? Muitas respostas a esses desafios podem e devem vir dos próprios jovens, se lhes for dada a oportunidade de se manifestar. O potencial é considerável. Não sendo tratados como consumidores passivos e espectadores indiferentes de seu próprio destino, os jovens tornam-se agentes ativos e participantes da vida de suas comunidades. (Cuéllar, 1997: 200)

Vale adiantar que os achados desta pesquisa apóiam a correção de tal caminho de respostas, ou de como sentir-se sujeito, participante, pode dar um outro sentido à vida. Muitas das experiências analisadas investem na formação de jovens artistas e educadores populares, que são multiplicadores nas próprias entidades ou nas comunidades. Apresentam espetáculos com temas de cidadania, ensinam outros jovens e crianças, constituem-se em exemplos positivos. Além disso, se afastam de violências, por se sentirem sujeitos sociais, por serem úteis ou porque percebem que para seus projetos artístico-culturais é incompatível o uso do corpo em práticas nocivas, como o consumo de drogas.

Esta pesquisa pretende ser mais um elo do que aqui se denomina cadeia ou brigada civilizatória. De fato, destacamos o direito à cultura que, assim como o direito à dignidade, à educação, ao acesso a serviços públicos, são direitos que aparecem como reivindicações entre os pesquisados. Assim também destacamos o investimento na solidariedade, tônica das experiências analisadas, que ilustram a potencialidade do tema que vem sendo enfatizado por distintos autores: a importância de ancorar políticas públicas em participação.

Ao ter como matéria-objeto a cultura, as artes, o esporte e a educação por valores de cidadania, cultiva-se o belo, e o belo, se não é em si suficiente, é necessário contraponto à fera, às violências.

Mas o que tem a ver o belo, a alegria, a diversão, o lazer, o esporte, a educação por valores éticos, o cultivo da vida, com a fera, com a violência? Não se estaria correndo o risco de um uso instrumental da cultura, ao se reunir, em um mesmo estudo, a intenção de documentar experiências que estão no campo das artes, da cultura popular e da educação para cidadania e destacar nessas sua potencialidade de contribuir para desarmar violências, ao acionar auto-estima, participação, solidariedade, valores de cultura de paz, ao propiciar oportunidades de os jovens se fazerem artistas de seus próprios espetáculos, ganharem respeito e admiração em suas comunidades e estimular espaços para dar vazão criativa à adrenalina jovem?

A depender da equação feita entre tais construtos – cultura e violência – há de fato tal risco. Mas as experiências mapeadas neste estudo indicam que não necessariamente relacionar tais construtos, equacionar o belo para fazer frente à fera, implica reducionismos clássicos – “economicismos” *versus* “culturalismos” – ou atualizados – microssociologismos como a apologia da sociedade civil, das organizações comunitárias, descartando o Estado e o jogo da economia política *versus* neoculturalismos, como o deslumbramento com o discurso, o simbólico, expressões da subjetividade e linguagens performáticas em si. São tempos que desafiam proceder a combinações e trânsitos.

As experiências analisadas e outras congêneres que trabalham com jovens, a partir de linguagens desses e de suas vontades, vêm fazendo diferença na vida de muitos dos que em situações de pobreza, quer por lhes garantir acesso e direito à cultura, por serem espaços de riso e prazer, quer por municiá-los com perspectiva crítica sobre violências e drogas, encorajando a participação e o desenvolvimento da auto-estima, contribuindo com espaços alternativos quanto a ser e estar e colaborando para resistências.

Foi organizado em capítulo específico um vocabulário de sentidos⁷ a partir de reflexões de agentes variados. Animadores, educadores, os jovens, público-alvo das experiências e parceiros dessas, falam sobre significados dados a seus trabalhos e de que modo na

7 O vocabulário de sentidos é composto por um conjunto de palavras, expressões e reflexões sobre perspectivas de vida, a partir de temas relacionados com as práticas das experiências sobre trabalhar com os jovens, ou mesmo tópicos que afloraram no diálogo, propostos pelos entrevistados que sugerissem linguagens comuns e singulares de um campo, valores e cosmovisões sobre as atividades experiências e questões contemporâneas de vivências juvenis.

prática lidam com conceitos comuns na literatura que versa sobre juventude, cultura e violências, como, por exemplo, participação e protagonismo juvenil, cidadania e auto-estima. Também se descreve, em outro capítulo, cada experiência, a partir de uma série de dimensões relacionadas à metodologia e ordenação das atividades, além de se apresentar depoimentos sobre o impacto das experiências na vida dos jovens, das famílias e das suas comunidades.

Na perfilação das experiências, foram pinçadas trinta ilustrações de experiências inovadoras nos Estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Cada uma delas é descrita seguindo um roteiro de categorias relacionadas a dimensões quais sejam: sustentabilidade (histórico, orçamento e fontes); objetivos; quadro de profissionais; metodologia; impacto de irradiação e multiplicação (tipos de parcerias); perfil do público-alvo; impactos e avaliações das experiências, também segundo os entrevistados (jovens, educadores, animadores de projetos nas experiências e membros da comunidade em que residem os jovens).

Nos capítulos intermediários, se descreve a metodologia, realçando o campo da pesquisa e o contexto ou áreas em que vivem os jovens.

2

Metodologia

Dada a complexidade do que denominamos “experiências inovadoras”, nesta pesquisa, a metodologia utilizada abrange técnicas diferentes, porém complementares, em razão das suas características, de seus resultados e das estratégias adotadas: questionários, entrevistas individuais e grupos focais, combinados de modo a articular os respectivos benefícios e superar as limitações de cada instrumento de coleta.

A palavra dos interlocutores jovens, animadores, pais, diretores das instituições e outros foi tomada como ponto focal da análise, enquanto o questionário foi um instrumento utilizado para obter informações detalhadas sobre as diferentes instituições.

As técnicas utilizadas compõem uma abordagem compreensiva, que procura trabalhar o conteúdo de manifestações da vida social, próprias às atividades dos sujeitos, que interagem em função de significados (individuais, sociais, culturais etc.) atribuídos tanto à própria ação quanto à relação com os outros. Busca-se, por meio dessa abordagem, recompor o ator fragmentado, num primeiro momento, em dimensões objetivas, que são também importantes para a caracterização de uma determinada morfologia sociocultural.

Como sublinha Bourdieu (1979), os objetos não são objetivos: eles dependem das características sociais e pessoais dos informantes. Em outras palavras, na abordagem compreensiva, os fundamentos do discurso científico não levam em conta aspectos independentes do sujeito, centrando-se nas suas percepções, na procura do sentido, nas intenções, nas motivações e nos valores dos atores sociais.

Em linhas gerais, a abordagem compreensiva tem como pontos principais: a) recolher as percepções dos atores sociais, sem idéias predefinidas: as categorias e conceitos analíticos são construídos a partir dos discursos e não são um *a priori* dos mesmos; b) compreender e explicar os comportamentos sociais, cercado uma problemática, suas causas e seus efeitos; c) favorecer a inserção dos atores, acordando-lhes a palavra e reconhecendo que cada pessoa é o especialista de sua própria história.

Entre as técnicas adotadas, na abordagem qualitativa, destaca-se o grupo focal – um processo no qual os membros do grupo narrram e discutem visões e valores sobre eles próprios e o mundo que os rodeia (Kruger, 1994). Frequentemente usado nas Ciências Sociais para buscar uma resposta ao “porquê” e “como” dos comportamentos, o grupo focal tem-se revelado uma estratégia privilegiada para o entendimento de atitudes, crenças e valores de um grupo ou de uma comunidade relacionada aos aspectos específicos que se pesquisam.

De acordo com esta abordagem, foi realizado um estudo aprofundado, mediante grupos focais, com jovens participantes nas experiências analisadas e com os pais, mães ou responsáveis pelos mesmos, com coordenadores, professores ou animadores das instituições. E foram realizadas entrevistas individuais com diretores das entidades examinadas, com agentes que atuam no ambiente da população beneficiada e com parceiros das experiências.⁸

Em suma, a metodologia utilizada orientou-se para o objetivo de identificar experiências inovadoras, comparando soluções diferenciadas segundo contextos socioespaciais distintos, a partir dos olhares e das falas dos próprios e diversos atores e agências, a partir de diferentes modalidades de inserção.

Na abordagem qualitativa, a etapa mais importante do trabalho é a análise das informações, realizada mediante a sistematização das respostas dos participantes, identificando e classificando as dimensões mais significativas. Começando com as perguntas da pesquisa e com as suas hipóteses, problemáticas, e temas-chave do estudo, as categorias surgem das perguntas principais com base nos roteiros das entrevistas e nos dados.

Na primeira etapa da análise, os dados são categorizados de maneira descritiva a fim de que os padrões culturais que guiam a interpretação possam ser identificados na segunda etapa. Nesta, as preocupações, as prioridades e as percepções dos indivíduos pesquisados são identificadas e apresentadas tal como foram expressas, sem censura, nem discriminação.

A análise prossegue mediante uma exploração progressiva das respostas, utilizando subcategorias de dados organizados por temas, para que possam ser reorganizadas em categorias culturais. Ou seja,

8 Os nomes dos entrevistados não aparecem no trabalho, desta maneira protege-se o anonimato e a vida privada dos depoentes. Os nomes das instituições foram, porém, conservados.

as categorias surgem dos dados segundo padrões e repetições, baseando-se, como ponto de apoio, nos referenciais culturais do grupo pesquisado. Uma comparação do que existe em comum e do diferente é realizada entre os vários grupos entrevistados.

Finalmente, após as informações serem categorizadas, efetua-se uma síntese dos resultados, a fim de revelar as mensagens principais, os pontos de convergência e divergência, pontos de vista contraditórios, e diálogos entres os informantes individuais e/ou em grupo.

Foram enviados às instituições envolvidas questionários auto-aplicáveis, destinados a detalhar aspectos dos processos adotados no desenvolvimento das atividades. Além disso, foram examinados registros administrativos das experiências – *folders*, atas, dados de matrículas etc.

Os dados primários foram contextualizados à luz de dados secundários provenientes do IBGE, principalmente informações apresentadas pela PNAD, além de dados do Ministério da Saúde (SIM e DATASUS), do CEDBRID e do INEP, MEC (Censo Escolar).

2.1 A pesquisa de campo

Esta pesquisa se iniciou em agosto de 2000 e terminou em maio de 2001. Foi realizada em dez estados: Bahia, Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, compreendendo principalmente – mas não exclusivamente – as regiões metropolitanas e capitais.

Inicialmente foram elaborados os diversos instrumentos de coleta de dados e identificadas, por contatos, as experiências a serem estudadas. Além disso, foram constituídas as equipes locais.

A eleição das experiências que desenvolvem trabalhos na área do estudo – arte, cultura, esporte e educação para cidadania com/para jovens em comunidades de baixa renda – seguiu uma estratégia em três estágios, sem pretensão de uma amostra estatisticamente significativa. Por se tratar de experiências singulares, não foi possível realizar uma amostra probabilística ou recorrer à aleatoriedade.

Recorreu-se ao apoio de uma rede de pesquisadores, agências que atuam quer como parceiros doadores, quer como técnicos junto a distintas experiências, bem como outras agências e personalidades relacionadas direta ou indiretamente ao campo. Cartas da Re-

apresentação da UNESCO no Brasil foram enviadas para vários possíveis informantes a fim de melhor mapear o campo.

Também baseou-se em pesquisa exploratória, detalhada no próximo item. Com esse mapeamento, optou-se pelo levantamento de campo com dez experiências por estado, o que totalizou cem experiências.

Procedeu-se, assim, em um segundo momento, à eleição de trinta unidades de pesquisa, tendo como parâmetro para tal decisão quanto à amostra o horizonte de tempo, recursos humanos e materiais. Em lugar de uma seleção probabilística, a intenção foi garantir alguma presença típica, para ilustrar a diversidade e a criatividade, inovações em um campo bastante heterogêneo e vasto (ONGs e entidades públicas nas áreas já mencionadas), em especial, nesse estágio, de algumas dimensões, como: foco substantivo ou atividades endereçadas e programação no plano de cultura e educação por cidadania.

Nesse momento, se representou a diversidade das experiências quanto a tamanho (em termos de orçamento e público participante); à exposição social (algumas teriam amplo espaço na mídia e outras seriam reconhecidas por públicos e comunidades específicas). Também orientou a eleição das experiências, sua preocupação com a violência e a exclusão (social e cultural).

Dessa forma, sem pretender um estudo baseado em critérios formais de representação do campo, nem hierarquias seletivas, chegou-se a um conjunto de experiências ilustrativas da riqueza da ação de entidades privadas e públicas, tendo especialmente os jovens como sujeitos da sua modelagem.

Selecionadas as unidades de pesquisa, foram estabelecidos os primeiros contatos com as instituições com as quais as experiências se vinculavam e a equipe de pesquisa da UNESCO realizou uma capacitação das equipes de pesquisa locais. Foram contratadas dez equipes locais – ligadas a ONGs ou universidades –, encarregadas de coletarem os dados em seus respectivos estados.

As equipes foram formadas por consultores provenientes de universidades ou organizações não-governamentais sediadas nos referidos estados. Em alguns casos, esses consultores possuíam experiência de trabalho em pesquisa e já haviam colaborado com a UNESCO em pesquisas anteriores. Assim, foi possível garantir um conhecimento prévio do campo, através de sua experiência acumulada de trabalho e dos vínculos informais já estabelecidos entre eles e as instituições pesquisadas.

Os instrumentos de coleta de dados foram submetidos a pré-teste, durante as capacitações das equipes locais de pesquisa nas cidades do Rio de Janeiro, Fortaleza e Cuiabá.

Foram distribuídos questionários fechados para as instituições. Esses questionários, auto-aplicáveis, destinavam-se a obter uma visão geral do conjunto de projetos empreendidos por cada entidade. Nessa segunda etapa, também foram realizadas as entrevistas e os grupos focais nas instituições pesquisadas.

Cada equipe de pesquisa local também coletou registros administrativos e material secundário sobre as experiências e apresentou relatórios de observação dos grupos focais realizados. Por fim, foram produzidos Relatórios Mensais de Atividades (RMA), em que as equipes relatavam o andamento da pesquisa em seus respectivos estados, bem como impressões recolhidas durante a coleta dos dados no campo.

Amostra da pesquisa sobre experiências inovadoras nas áreas de educação para cidadania, cultura, lazer e esporte com jovens em situações de pobreza (100 experiências)
Total de pessoas contatadas e envolvidas com a pesquisa: 4.300.
Total de grupos focais: 400 grupos, 4.000 indivíduos participando.
Total de entrevistas individuais: 300 entrevistas.
Total de questionários aplicados e respondidos: 100 questionários.

Amostra da pesquisa sobre experiências inovadoras nas áreas de educação para cidadania, cultura, lazer e esporte com jovens em situações de pobreza (30 experiências)
Total de pessoas contatadas e envolvidas com a pesquisa: 1.290.
Total de grupos focais: 120 grupos, 1.200 indivíduos participando.
Total de entrevistas individuais: 90 entrevistas.
Total de questionários aplicados e respondidos: 30 questionários.

2.2 A pesquisa exploratória

Em dezembro de 2000, realizou-se uma etapa preliminar do trabalho, a pesquisa exploratória, baseada em entrevistas com dirigentes das entidades pesquisadas e na análise do material coletado durante visitas de campo. Os dados foram coletados através de entrevistas e do preenchimento do questionário com informações sobre as instituições.

O objetivo dessa etapa era recolher informações preliminares no campo, em busca de tendências e percepções que indicariam caminhos mais amplos para a pesquisa principal. Para isso, foram selecionados quatro estados – Bahia, Ceará, Rio de Janeiro e Pernambuco –, onde se realizou pesquisa em profundidade e com menor número de instituições (30). Esses estados foram selecionados por representatividade quanto a temas nucleares da pesquisa como: índices de violência atingindo jovens e ações no campo da sociedade civil e do poder público voltadas para a juventude, além de garantirem alguma diversidade regional.

2.3. O banco de dados

Além das instituições incluídas na pesquisa principal, buscou-se montar um mapa geral das experiências, mediante o envio de mais de 400 questionários. Em seguida, foi construído um banco de dados onde foram listadas mais de 300 experiências com jovens em todo o país. A finalidade desse banco de dados foi desenhar um quadro geral de como estão organizadas e como funcionam essas experiências.

O banco de dados permite também alguma caracterização dos processos e impactos do trabalho destas entidades. Ressalta-se, porém, que esses impactos podem se dar num nível econômico, social, cultural, técnico, e que seu objetivo maior é ampliar o conhecimento sobre práticas e formatos dessas experiências para que possam ser analisadas por estudos de variado escopo, e tal conhecimento vir a servir de base para formulação de políticas públicas voltadas para a juventude, em especial de grupos na pobreza.

3

*Explorando dimensões de vida dos
jovens nas periferias das cidades pesquisadas*

Neste capítulo, são examinadas algumas dimensões centrais na vida dos jovens de 15 a 24 anos, nas capitais e alguns municípios onde foi feita a pesquisa. Centrais, de acordo com o acervo de trabalhos sobre jovens em situações de pobreza, no Brasil e considerando-se o dado, ou seja, as informações oficiais disponíveis.⁹ Centrais também de acordo com o que sentem jovens, pais e educadores.¹⁰ Assim, combinam-se a análise macroreferenciada e extratos de discursos de tais agentes sobre sentido, percepção e importância das dimensões analisadas. Recorre-se a testemunhos típicos, comuns a situações vividas pelos jovens, daí não se identificar, neste capítulo, os lugares (experiências) de suas falas.

Após uma panorâmica da representação demográfica da população jovem, focalizam-se temas associados ao trabalho, como tipo de inserção no mercado, segundo formalidade desse, uso do dinheiro e obstáculos percebidos para inserção no mercado de trabalho; ao lazer, considerando mapa de equipamentos das cidades e oportunidades disponíveis de ocupação do tempo livre nas comunidades de residência; e às diversas formas de discriminação experimentadas por jovens, em especial do grupo social de referência. A violência, em suas diversas facetas, é tema especialmente investigado, com ênfase em significados, manifestações e reações dos jovens, assim como o uso de drogas.

3.1 Representação demográfica dos jovens

Nas capitais e alguns municípios onde foi realizada a pesquisa, a coorte entre 15 e 24 anos correspondia, em 1998, a cerca de 1/5 da

9 Recorre-se principalmente a diversas informações divulgadas pelo IBGE, e pelo CNPD, 1998, e ainda outras disponíveis no IBGE; SIM; Departamento de Informática do SUS; CEBRID; INEP/MEC.

10 Material coletado por grupos focais são matéria-prima para essa análise. Ver capítulo sobre Metodologia.

população. Os percentuais encontrados variam do mínimo de 17% no Rio de Janeiro e de 19% em São Paulo, ao máximo de 24% em São Luís (Tabela 1). Nessas localidades a participação dos jovens na população total é superior àquela registrada no Brasil como um todo em 1995 (8,5%), o que se alinha com a concentração juvenil nas áreas urbanas (78% em 1996). Praticamente não há diferenças na distribuição por sexo nessa faixa etária.

Tabela 1 - População entre 15 e 24 anos na população total, por sexo, segundo cidades selecionadas, 1998 (%).

Cidade	Homens	Mulheres	Total
Belém	23 (553.204)	23 (616.664)	23 (1.169.868)
São Luís	23 (378.660)	25 (436.999)	24 (815.659)
Fortaleza	20 (959.251)	21 (1.091.542)	21 (2.050.793)
Recife	21 (634.416)	20 (729.507)	21 (1.363.923)
Camaragibe	23 (56.268)	22 (59.647)	22 (116.275)
Cabo de Sto. Agostinho	23 (72.148)	22 (74.353)	23 (146.501)
Salvador	22 (1.066.327)	23 (1.202.220)	22 (2.268.547)
Cuiabá	22 (218.581)	22 (227.656)	22 (446.237)
Vitória	20 (127.022)	20 (141.971)	20 (268.993)
Rio de Janeiro	18 (2.616.395)	16 (2.950.498)	17 (5.566.893)
São Paulo	20 (4.749.910)	19 (5.145.276)	19 (9.895.186)
Curitiba	20 (744.178)	20 (804.170)	20 (1.548.348)

Fonte: PNAD/IBGE, 1998. Os números absolutos correspondem ao total sobre o qual foram calculados os percentuais em cada categoria.

Segundo estudos sobre a dinâmica populacional do segmento jovem, ainda que acompanhando a redução do ritmo de crescimento da população, somente no período 1991/1996, em todo o Brasil, aquela coorte cresceu a uma taxa média anual de 1,7%, conta-

bilizando-se cerca de 31 milhões de jovens em 1996. Note-se que na maioria das Regiões Metropolitanas (RM) – referências para algumas capitais e municípios desta pesquisa, com exceção de Recife – ocorrem taxas médias de crescimento anual da população entre 15 e 24 anos, bem superiores ao todo do país, a saber: Belém, 2,43%; Fortaleza, 2,26%; Salvador, 3,14%; Vitória, 3,37%; Rio de Janeiro, 1,12%; São Paulo, 2,51% e Curitiba, 3,81% (OLIVEIRA et al 1998).

Tais dados por si já sinalizam a importância de políticas públicas para esse expressivo contingente da população. Por outro lado, os dados anotados sinalizam para o crescimento dessa coorte, em que pese a tendência recente de envelhecimento demográfico da população brasileira. Como observa Madeira, referindo-se ao ritmo de crescimento da população entre 15 e 24 anos, seria pertinente destacar, no panorama demográfico brasileiro, uma “onda jovem”, chamando a atenção para o fato de que estaríamos “vivendo um pico abrupto no número de adolescentes, cuja média gira em torno de 17 anos” (Madeira, 1998: 431).

3.2 Trabalho

Várias fontes alertam para a situação de vulnerabilidade dos jovens quanto ao trabalho, sendo esse um dos contingentes populacionais que apresenta algumas das mais altas taxas de desemprego e de subemprego no país,¹¹ já que enfrenta problemas singulares quanto à primeira inserção no mercado, considerando o requisito da experiência prévia. É também uma população que vem exigindo novos enfoques da educação profissionalizante, novos olhares sobre qualificação profissional, especialmente nas famílias mais pobres. De fato, as mudanças no mundo do trabalho, a desregulamentação e a flexibilização da economia demandariam habilida-

11 Em 1995, dos 4,5 milhões de desempregados no Brasil, cerca de 48% (2,1 milhões) eram jovens – entre 15 e 24 anos. Ou seja, 11,1% dos jovens no mercado de trabalho, de fato, estariam procurando trabalho, na semana de referência da coleta de dados da PNAD. Nas Regiões Metropolitanas tinha-se, em 1995, “uma taxa média de desemprego juvenil da ordem de 16,2%, sendo que no grupo social mais pobre – até ½ salário mínimo *per capita* – essa porcentagem se eleva a 27,1% e no seguinte – de ½ até 1 salário mínimo *per capita* – a 20,7%”. ARIAS, 1998.

des, nem sempre disponíveis aos jovens de setores populares – como conhecimentos em informática e línguas estrangeiras – isso em contexto de diminuição dos postos de trabalho para grande parte da população.

Por outro lado, trabalho e juventude são campos de polêmica, inclusive no meio internacional, não havendo consenso sobre a propriedade da inserção no mercado de trabalho quando se trata de uma população que, em princípio, deveria estar dedicada aos estudos (ver, entre outros autores, sobre essa polêmica Madeira, 1998). Contudo, é um dado a participação dos jovens brasileiros na população economicamente ativa (PEA) – como empregados ou desempregados em busca de trabalho. No Brasil, a PEA de 15 a 24 anos correspondia, em 1995, a 65,2% dessa faixa etária, representando 18,8 milhões de jovens (ARIAS, 1998). Portanto, haveria que partir dessa realidade, do momento atual (o que não corresponde a uma situação ideal) – a necessidade de fontes de sobrevivência de grande parte da população jovem e de familiares que do seu trabalho dependem – quer no sentido de minimizar os atritos entre participação no mercado de trabalho e o investimento educacional a longo prazo, quer no plano de mais investir na qualificação desses jovens.¹²

Entre os jovens com participação ativa no mercado de trabalho encontram-se diferenças segundo o tipo de inserção – trabalho formal ou informal – e também por sexo, como se registra na Tabela 2.

12 Importante notar que o intervalo etário de 15 a 24 anos esconde realidades heterogêneas quando o foco é participação no mercado, em especial, em horizonte diacrônico. Segundo Arias (op.cit.) enquanto a taxa de atividade do grupo de 15 a 19 anos caiu de 59,8%, em 1992, para 56,6%, em 1995, já aquela relativa aos jovens entre 20 e 24 anos se manteve inalterável, no período, cerca de 75%. Esse autor também adverte sobre marcas de classe na relação entre juventude e trabalho. Em 1995, no Brasil, cerca de 39% dos jovens estariam em famílias sem rendimentos ou com rendimentos *per capita* de apenas até ½ salário mínimo.

Tabela 2 – População de 15 a 24 anos na população economicamente ativa (PEA), por tipo de inserção no trabalho (1) e por sexo, segundo cidades selecionadas(2), 1998 (%).

Cidade	Trabalho formal homens	Trabalho formal mulheres	Trabalho informal homens	Trabalho informal mulheres
Belém	15(80 973)	15(52 977)	33(44 113)	35(19 232)
Fortaleza	21(237 211)	18(160 172)	38(148 553)	32(77 849)
Recife	19(298 657)	17(159 581)	39(137 730)	39(58 833)
Salvador	18(291 142)	16(204 151)	31(103 599)	33(56 834)
Rio de Janeiro	17(1 342 284)	17(767 805)	31(364 223)	31(175 375)
São Paulo	23(2 175 465)	26(1 413 303)	39(755 054)	34(392 271)
Curitiba	25(339 609)	27(218 219)	42(95 013)	41(43 068)

Fonte: PNAD/IBGE, 1999. Os números absolutos correspondem ao total sobre o qual foram calculados os percentuais em cada categoria.

(1) Trabalho formal compreende os trabalhadores com carteira assinada, militares e funcionários públicos estatutários. Trabalho informal, todas as demais categorias, denominadas "Outros" na base de dados da PNAD.

(2) Não foram encontrados dados para São Luís, Camaragibe, Cabo de Santo Agostinho, Vitória e Cuiabá.

Como mostram os dados da Tabela 2, ao comparar os dois tipos de inserção no mercado – formal e informal – observa-se que os percentuais de jovens dessa faixa etária que realizam trabalho formal são significativamente inferiores aos que executam atividades informais. Os primeiros variam do mínimo de 15% para ambos os sexos, em Belém, ao máximo de 27% das moças em Curitiba. Já os que executam trabalho informal são bem mais numerosos, variando do mínimo de 31% no Rio de Janeiro, para os dois sexos, ao máximo de pouco mais de 40% de rapazes e moças em Curitiba (in PNAD/IBGE, 1999).

3.2.1. Situações no trabalho

As informações coletadas junto às experiências analisadas mostram situações heterogêneas que recomendam qualificar adequada-

mente as relações entre trabalho e juventude. A inserção dos jovens no mundo do trabalho varia entre os diversos projetos.

Todos eles exigem que os jovens estudem, sendo que alguns alinham a tese de que o tempo de juventude é tempo de formação e de diversão e não de trabalho. Existem aqueles que conjugam suas atividades artístico-culturais, esportivas e de educação para a cidadania, com capacitação e iniciação profissional.

Mas há um consenso quanto ao desejo dos jovens de empregarem-se e sobre a apreensão destes e de seus pais acerca do futuro. O trabalho tem uma centralidade referencial, é uma preocupação constante. Por outro lado, o emprego é irregular ou instável tanto na vida dos beneficiários diretos dos projetos como na de seus pais, muitos dos quais estão desempregados. Os depoimentos que se seguem, colhidos em grupos focais com educadores e familiares, corroboram a concentração do público jovem em atividades informais, desnudando tanto as precárias situações vividas nas relações de trabalho, como a vulnerabilidade a explorações:

Quadro 1 – Vão esmolando

Grupo focal com educadores e familiares

[...] são engraxates, fazem pequenos bicos, pequenas entregas, fazem montagens de algumas coisas, alguma pintura, qualquer atividade de baixo conhecimento que eles possam fazer. Vão ali ajudar o pai a fazer trabalhos de pedreiros, então vão capinar alguma coisa, então eles fazem pequenas atividades, vão ser flanelinhas, vão vigiar carros. Alguns, aqueles que têm um pouco de sorte, vão ser contínuos, mas a grande maioria está nesse eixo de atividade do mercado informal, não têm carteira assinada, não sabem seus direitos, são explorados.

Eles estão esmolando, vendendo em feiras livres, que já são tradicionais, mercados, e nos finais de semana também nas praias. E de noite encontra-se muita criança, e muito adolescente, também vendendo na rua. No mercado formal nós não temos jovens, dessa clientela nossa não.

3.2.2. O significado e a importância do trabalho

Os jovens entrevistados frisam ser de extrema importância conseguir um trabalho, enfatizando ser este o meio de sobrevivência individual e, muitas vezes, de suas famílias, ou mesmo a forma de atingir a independência financeira necessária para sentirem-se pessoas e construir sua auto-estima, ou seja, o sentido de inspirarem respeito na comunidade. Também insistem que a remuneração proporcionada pelo trabalho lhes possibilita maior autonomia no plano das relações familiares: *não ficar dependendo do dinheiro da mãe*, por exemplo.

No vocabulário juvenil pesquisado, é comum a expressão *se dar bem na vida*. A explicitação dos significados associados a tal expressão destaca o sentido de *conseguir um bom emprego*, o que para muitos consistiria em um trabalho bem remunerado. Tal achado se contrapõe ao estereótipo socialmente difundido de que os jovens, em especial os pobres, estariam propensos a associar *se dar bem na vida* com atalhos ilícitos para mobilidade social. Enquanto possibilidade, esta última conotação certamente tem razão de ser. Contudo, ao menos no presente campo de análise, não se aplica. Pode-se especular que este seja um efeito positivo, quanto a valores, da participação nas experiências observadas.

Nessa linha, observam-se referências dos jovens ao trabalho como elemento que contribui para desenvolver o senso de responsabilidade, inclusive no que se refere ao uso do dinheiro, como lidar com ele, dá *direção na vida*. Porém, em nenhum momento mencionam o trabalho como canal para a realização de talentos e potencialidades individuais, como fonte de satisfação pessoal, nem como meio pelo qual são construídas suas próprias identidades e são capazes de atuar sobre o mundo em que vivem.

Os jovens, como seus pais, enfatizam a importância do trabalho como forma de ocupação do tempo, da mente, o que os impediria de estar pensando em cometer qualquer infração. Assim, afirmam que se houvesse emprego muitos jovens não estariam envolvidos em atividades ilícitas: [...] *Que nem diz o outro: 'cabeça parada, oficina do diabo'*.

As mães entrevistadas afirmaram genericamente ser o trabalho um fator importante para o amadurecimento dos filhos. Além disso, justamente por deixar os jovens ocupados, é visto como uma eficiente medida para afastá-los das ruas, consideradas lugares mais propícios ao envolvimento com a criminalidade e as drogas.

Também pais e mães, em que pese a importância para a sobrevivência do grupo familiar, debatem-se entre a necessidade de que seus filhos tenham alguma fonte de renda e o reconhecimento de que seria importante que se concentrassem em estudar e pudessem exercer atividades extra-escolares, como aquelas em que estão engajados nas experiências analisadas. Mas este é, de fato, um ponto sobre o qual se registram diferentes posições. E, em vários casos, são precisamente os pais e as mães que criticam o fato de as experiências não se concentrarem no campo de profissionalização, ou não possibilitarem, muitas delas, um imediato emprego para seus filhos. Muitos deles se angustiam, considerando que o ideal seria conciliar trabalho e estudo. Na concepção desses, os jovens deveriam começar a trabalhar desde cedo, de modo a não só aumentar as chances de ingresso no mercado de trabalho, quando alcançassem a idade adulta, como também ajudar no sustento da casa.

Por exemplo, uma das mães sustenta que os jovens deveriam começar a trabalhar desde cedo, por volta dos 13 anos, com a ressalva, porém, de que fosse por meio período, para não sobrecarregá-los em virtude dos estudos.

A falta de serviço é um dos problemas que afeta os jovens porque não dão oportunidades. O jovem de 13,14 anos não pode trabalhar porque é muito novo. Depois chega 15,16, a maioria não quer porque está aproximando a fase do exército e ninguém quer pegar. Não tem experiência também, tudo isso fica ruim pro jovem conseguir serviço [...] Agora, se dessem chance pra eles começarem mais novos, 13 anos, eu acho que devia. Mais cedo, que eles tivessem a hora de lazer, tudo direitinho, mas também alguma ocupação, trabalhar (Entrevista com mães).

3.2.3. Uso do dinheiro

Significativa parcela dos jovens utiliza parte do dinheiro recebido para ajudar a família: *O dinheiro que eu recebo, eu dou metade para minha mãe. E a metade eu compro roupa e o resto do dinheiro é para minha família comprar e comer.*

Quase todos ressaltam que parte do dinheiro obtido é utilizada para que comprem *suas coisas*, indicando a centralidade assumida em suas vidas pelas aspirações de consumo – cuja satisfação, grande parte das vezes, é refreada pela falta de recursos: *Do trabalho a*

melhor coisa é comprar tudo que você queira. Eu sempre que pego um dinheiro, não penso em nada, só em comprar as coisas.

Paradoxalmente, o trabalho tanto pode ser meio para afastar-se das drogas, como para assegurar o acesso às mesmas. Em alguns casos, parte do dinheiro que esses jovens conseguem é usada para comprar drogas: *eu compro roupa, compro maconha, cola, crack, cocaína.*

Em outros casos, trabalho e violências se associariam, por causas que independem da vontade dos jovens e remetem a situações que atingiriam não só aos jovens, mas aos trabalhadores que residem nas periferias:

O que mais preocupa é quando o cara vai para o serviço, tem que acordar às cinco horas da manhã, e aí sai e vai seguindo a estrada. Não sabe se tem um maconheiro fumando e rodeando a estrada. Isso aí é uma preocupação porque o cara trabalha e não sabe o que tem pela frente (Grupo focal com jovens).

[...] o cara sai cedo dentro de casa, não sabe se chega vivo ou morto. A preocupação é essa (Grupo focal com jovens).

[...] você recebe o dinheiro e eles estão prontos a assaltar (Grupo focal com jovens).

Alguns projetos pagam bolsas de estudo aos jovens até como forma de evitar que eles trabalhem nas ruas, vindo a prejudicar, assim, seus estudos. Tal estratégia também não encontra consenso, registrando-se críticas tanto de alguns pais quanto dos membros da comunidade. Nessa linha, a preocupação é com o fato de as bolsas serem provisórias, não podendo assegurar a sustentabilidade econômico-financeira dos jovens e de suas famílias.

3.2.4. Obstáculos percebidos quanto a ter um trabalho

Alguns pais entrevistados reclamaram que os filhos fazem cursos profissionalizantes, mas depois, quando saem, não aplicam o conhecimento adquirido devido às dificuldades para conseguir emprego – em face da alegação de falta de experiência. De fato, ao apontar os problemas a serem enfrentados pelos jovens, de um modo geral, destacam a falta de perspectiva em relação ao futuro, por causa das dificuldades de conseguir um emprego.

As principais delas seriam, de acordo com discursos de diversos entrevistados: a exigência do 2º. grau e de conhecimentos de informática; o fato de os jovens não estudarem em escolas que os preparem para a competição do mercado; a discriminação por residirem em comunidades periféricas, o que limitaria suas oportunidades. O preconceito racial também seria percebido por muitos como um obstáculo imposto aos jovens. Noutros casos, o envolvimento do jovem com a violência e a criminalidade seria destacado como um dos maiores impedimentos à sua inserção no mercado de trabalho posto que, em diversas experiências, alguns beneficiários já cometeram pequenos delitos e esbarram na exigência do certificado de bons antecedentes para conseguir um emprego.

A esses obstáculos se somam outros, relacionados ao avanço tecnológico, dificilmente acompanhado pelas camadas de baixa renda, gerando um *apartheid ocupacional e digital*, segundo expressão do coordenador de um dos projetos, que assim se refere a discriminações associadas à ênfase em conhecimentos de informática para obter trabalho em diversas áreas:

Tem muitos analfabetos, mas o que acaba acontecendo é que hoje, enquanto um terço dos europeus acessa a Internet, no Brasil, só 4% da população acessam a Internet e só 9% têm acesso a computadores, no trabalho ou em locais públicos. Desses 4% que acessa a Internet, 16% são da classe C e apenas 4% da classe D. Essa situação já configura uma situação de apartheid digital, em que estão se formando legiões de excluídos tecnológicos. Então uma ação emergencial pra combater o analfabetismo digital é fundamental, essa população de baixa renda que precisa ter acesso ao que a tecnologia traz em termos de mercado de trabalho, oportunidades de serviços, de lazer e entretenimento, e principalmente de educação. (Entrevista com coordenador).

Pais, educadores e líderes comunitários enfatizam que a falta de alternativas de trabalho para os jovens dificultaria atingir as propostas dos projetos, como afastá-los de situações de violência, influenciar comportamentos e valores e incentivar posturas éticas de compromisso para com a cidadania:

O trabalho do projeto é muito importante porque, por exemplo, profissionalizou muitos. Mas quando eles chegam lá fora, nada. Antigamente eles ainda conseguiam alguma coisa, mas agora eles fi-

cam soltos e acabam esquecendo o que aprenderam e aí começam a entrar de novo na bandalheira e tudo se recomeça. A atividade que eles aprenderam aqui passa a não ter mais valor, porque no momento que eles saem daqui e não conseguem nada, se desestimulam, acham que não valeu nada, que tudo aquilo foi tempo perdido (Grupo focal com líderes de comunidade).

Tendo como referência tais ponderações, membros da comunidade defendem o ensino técnico, que já encaminharia o jovem para uma profissão. A materialidade dos imperativos de sobrevivência leva a posições discutíveis, no plano da ética e dos direitos internacionais contra o trabalho infantil, mas que devem ser compreendidas, como alimentadas por situações de desespero diante dos diversos efeitos do desemprego e da pobreza, o que também adverte sobre a importância de relacionar investimentos em valores éticos com políticas e atos contra as vulnerabilidades sociais.

Os jovens reconhecem a dificuldade de acesso ao trabalho especialmente devido aos requisitos quanto à escolaridade, ou seja, à tendência de o mercado exigir níveis cada vez mais elevados de escolaridade para atividades as mais diversas, muitas das quais que em outros tempos não apresentavam tal exigência:

Quadro 2 – Tem que ter estudos

Grupo focal com jovens

Para poder trabalhar tem que ter os estudos todos. Porque hoje o 2º grau não é nada. É preciso terminar o ano, para fazer o vestibular e para poder trabalhar.

Alguns jovens chegam mesmo a manifestar perplexidade e desalento com a perda do significado da escolaridade como credencial para o trabalho, expressão de uma conjuntura que eles próprios estranham: *Falta emprego para quem tem escolaridade ou não. Tem gente por aí formado, professora, e não consegue emprego.*

Muitos pais e animadores das experiências analisadas são bastante críticos acerca do lugar da escolarização na história de vida

ocupacional de seus filhos, questionando o valor da escola em si, devido à qualidade do ensino e sua inadequação às demandas do mercado:

Uma escola que não é interessante, uma escola que na verdade não busca esse jovem, que espera que esse jovem se enquadre a uma estrutura que é defasada, um ensino pouco interessante com metodologias ultrapassadas (Coordenadora de projetos).

Em que pesem, porém, reflexões críticas sobre a relação entre o ensino formal e o engajamento no mercado de trabalho, os jovens, como seus pais, valorizam a escolaridade como fundamental para alcançar bons postos no mercado de trabalho: *Porque a primeira coisa que se exige para conseguir emprego é estudo, até para ser catador de lixo.*

Mais consensual é a leitura dos efeitos do desemprego e do afastamento da escola no condicionamento de desencantos, na baixa auto-estima e na insegurança que, por sua vez, seriam possíveis desencadeadores de envolvimento com violências e drogas:

Um problema é o desemprego e o outro é o pessoal não ter a questão da educação, um grande número não está estudando, uma parcela muito pequena que estuda. Desemprego gera o quê? Desmotivação, baixa auto estima, o fato de não estar estudando deixa eles despreparados para o mercado de trabalho e isso os leva a se envolver com outros tipos de atividades não saudáveis, como drogas e outras coisas (Entrevista com diretora).

Contudo, haveria que relativizar, por um lado, a idéia de que o desemprego é uma situação associada tão somente à escolaridade e, por outro lado, que seja um problema de grupos jovens. Informações sobre outros contingentes populacionais sugerem ser este um dos problemas de um tempo, de uma sociedade. Por exemplo, o saldo entre admissão e desligamento do emprego na população total, conforme os dados do Ministério do Trabalho e Emprego da Tabela 3, mostra-se negativo em todas as cidades focalizadas, sendo particularmente elevado em Curitiba, Camaragibe, Belém, São Paulo e Cuiabá.

Tabela 3 – Trabalhadores admitidos e desligados, segundo cidades selecionadas, em dezembro/2000 (números absolutos, saldo e razão)

Cidade	(a)Total de admitidos	(b)Total de desligados	Saldo(b-a)	Razão(b/a)
Belém	4.163	5.246	-1.083	1,26
São Luís	2.604	3.031	-427	1,16
Fortaleza	9.901	10.829	-928	1,09
Recife	7.724	8.777	-1.053	1,14
Camarágibe	128	164	-36	1,29
Cabo de Sto. Agostinho	334	389	-55	1,16
Salvador	9.452	10.838	-1.386	1,15
Vitória	3.829	4.327	-498	1,13
Rio de Janeiro	43.031	47.311	-4.280	1,1
São Paulo	66.895	83.285	-16.390	1,25
Curitiba	14.439	19.222	-4.783	1,33
Cuiabá	2.864	3.512	-648	1,23

Fonte: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, 2001.

Os dados da Tabela 3 reafirmam a tese de que não apenas os jovens têm de enfrentar os obstáculos próprios ao primeiro ingresso no mercado de trabalho, mas que devem fazê-lo numa conjuntura adversa até mesmo para os trabalhadores veteranos. Uma das mães lembra que o desemprego dos pais agrava, não raras vezes, a precariedade da condição de vida dos filhos:

Quadro 3 – O desemprego

Grupo focal com mães

O desemprego afeta os jovens porque os pais não têm trabalho, isso afeta muito o jovem. Muitos, jovens ou não, vão traficar já que não encontram emprego, então vão achar jeito de ganhar dinheiro.

Entre os jovens empregados também são comuns as críticas às relações de trabalho, à remuneração, sendo freqüente considerarem que o trabalho atual pouco contribui para suas vidas futuras. Reclamam da falta de reconhecimento profissional e da falta de oportunidades de mobilidade na atividade que realizam. Já entre os jovens que estão no mercado de produção artística, mesmo quando fazem esporádicas apresentações ou com baixa remuneração, são mais comuns declarações positivas sobre o que fazem, sugerindo haver compensação do ganhar pouco por estarem no que gostam o que, por outras avaliações, lhes dá alguma gratificação.

3.3 Lazer

Significativas parcelas dos jovens beneficiários freqüentam as escolas por requisito das próprias experiências nas quais estão envolvidos. Porém, casos foram encontrados em que essa exigência não se faz, ou não necessariamente é cumprida. É comum os jovens relatarem que em suas comunidades são muitos os que abandonaram as escolas, sem que estejam trabalhando de forma remunerada, descartando a associação entre essas situações.

De fato, dados sobre educação e trabalho indicam que os jovens fora da escola não necessariamente se encontram ocupados no mercado de trabalho e vice-versa. De acordo com Madeira (1998), no Brasil, aproximadamente 12% dos jovens de 15 a 19 anos – cerca de 2 milhões de pessoas – não estão trabalhando nem estudando. O que fazem esses jovens com o tempo ocioso? E o que fazem com o que se

convencionou chamar de “tempo livre” os que trabalham e estudam, ou os que só estudam? Contam com oportunidades de lazer, de envolvimento com atividades esportivas ou com práticas culturais? Diversas pesquisas têm alertado que não contam com tais oportunidades, e enfatizam que há uma demanda da juventude pelas mesmas.

A recente publicação da “Pesquisa de Informações Básicas Municipais 1999”, pelo IBGE, proporciona uma visão geral do estado dos equipamentos culturais e sociais nos municípios brasileiros. Os indicadores sobre equipamentos culturais justificam e reforçam a preocupação com a falta de espaços de lazer e de cultura para a população jovem, em especial para aqueles em situações de pobreza. Cerca de 19% dos municípios brasileiros não têm uma biblioteca pública; cerca de 73% não dispõem de um museu; cerca de 75% não contam com um teatro ou casa de espetáculo e em 83% não existe um cinema. Predominam carências também quanto a ginásios poliesportivos, já que cerca de 35% dos municípios não contam com tal equipamento, enquanto em 64% deles não há uma livraria (IBGE, 1999). As tabelas que se seguem também indicam que nos municípios que são capitais de estados e que exibem grande porte, a razão entre equipamentos e população jovem deixa a desejar.

Tabela 4 – Bibliotecas públicas e razão entre bibliotecas e população de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999.

Municípios	Biblioteca pública	População (15-24 anos)	Nº de bibliotecas por 1.000 jovens
Belém	12	273.013	0,0439
São Luís	9	196.525	0,0457
Fortaleza	1	425.861	0,0023
Recife	3	279.978	0,0107
Camaragibe	1	25.941	0,0385
Cabo de Sto. Agostinho	1	32.944	0,0303
Salvador	5	511.281	0,0097
Cuiabá	9	98.233	0,0916
Vitória	3	54.241	0,0553
Rio de Janeiro	22	958.372	0,0229
São Paulo	65	1.908.611	0,0340
Curitiba	51	309.657	0,1646

Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999

O número de bibliotecas públicas varia, em termos absolutos, do máximo de 65 em São Paulo e 51 em Curitiba, ao mínimo de uma em Fortaleza e três em Recife e Vitória (Tabela 4). Porém, a razão encontrada entre o número de bibliotecas públicas e a população de 15 a 24 anos residente nos municípios mostra-se mais favorável em Curitiba, Cuiabá, Vitória, São Luís e Belém do que nos demais.

Tabela 5 – Museus e razão entre museus e população de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999.

Município	Museu	População residente (15-24 anos)	No de museus por 1.000 jovens
Belém	6	273.013	0,0219
São Luís	5	196.525	0,0254
Fortaleza	25	425.861	0,0587
Recife	16	279.978	0,0571
Camaragibe	0	25.941	0
Cabo de Sto. Agostinho	1	32.944	0,0303
Salvador	8	511.281	0,0156
Cuiabá	8	98.233	0,0814
Vitória	3	54.241	0,0553
Rio de Janeiro	77	958.372	0,0803
São Paulo	58	1.908.611	0,0303
Curitiba	18	309.657	0,0581

Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999.

Os cinco municípios com maior número absoluto de museus são, em ordem decrescente, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Recife e Curitiba (Tabela 5). O exame da razão entre esse número e a população de 15 a 24 anos residente mostra uma outra ordem. O primeiro lugar cabe a Cuiabá, seguindo-se o Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba e Recife.

Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Curitiba e Recife são os municípios que apresentam maior número absoluto de teatros e casas de espetáculos. Entretanto, é em Vitória, Rio de Janeiro, Fortaleza, Cuiabá e Curitiba ocorrem as mais elevadas razões entre o número de estabelecimentos e o de jovens de 15 a 25 anos residentes (Tabela 6).

Tabela 6 – Teatros/casas de espetáculos e razão entre teatros/casas de espetáculos e população de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999.

Município	Teatros/casas de espetáculos	População residente (15-24 anos)	No de teatros por 1.000 jovens
Belém	9	273.013	0,0329
São Luís	4	196.525	0,0203
Fortaleza	35	425.861	0,0821
Recife	12	279.978	0,0428
Camaragibe	0	25.941	0
Cabo de Sto. Agostinho	1	32.944	0,0303
Salvador	10	511.281	0,0195
Cuiabá	8	98.233	0,0814
Vitória	6	54.241	0,1106
Rio de Janeiro	102	958.372	0,1064
São Paulo	69	1.908.611	0,0361
Curitiba	20	309.657	0,0645

Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999.

Finalmente, como mostra a Tabela 7, em valores absolutos, o número mais expressivo de cinemas encontra-se no Rio de Janeiro, seguindo-se São Paulo, Salvador, Recife e Curitiba. A análise da razão existente, a exemplo das tabelas anteriores, mostra uma outra realidade: embora o Rio de Janeiro permaneça na primeira posição, a segunda maior razão ocorre em Cuiabá, seguindo-se Recife, Vitória e Curitiba.

A regularidade com que São Paulo aparece em posições menos vantajosas quanto aos equipamentos sociais e culturais disponíveis, quando contraposta a situações como a de Cuiabá e Vitória, sugere que as assimetrias na densidade demográfica e na distribuição espacial da população devem ser cuidadosamente consideradas. Ou

seja, como os dados se referem aos municípios e não estritamente às cidades, as razões encontradas podem ser enviesadas em virtude do grau de urbanização de cada um dos municípios, de tal sorte que municípios com maior densidade demográfica e maior grau de urbanização apresentam razões menores do que os que possuem o perfil oposto.

Tabela 7 - Cinemas e razão entre cinemas e população de 15 a 24 anos (%), segundo cidades selecionadas, 1999.

Estado	Cinema	População residente (15-24 anos)	No de cinemas por 1.000 jovens
Belém	10	273.013	0,0366
São Luís	7	196.525	0,0356
Fortaleza	7	425.861	0,0164
Recife	24	279.978	0,0857
Camargibe	0	25.941	0
Cabo de Sto. Agostinho	0	32.944	0
Salvador	25	511.281	0,0488
Cuiabá	11	98.233	0,1119
Vitória	4	54.241	0,0737
Rio de Janeiro	118	958.372	0,1231
São Paulo	49	1.908.611	0,0256
Curitiba	20	309.657	0,0645

Fonte: IBGE, Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999.

Como a escassez não ocorre eqüitativamente, é possível que, quando se trata da oferta de atividades culturais, esportivas e de lazer, a insuficiência do equipamento social e cultural afete, em especial, a população de renda mais baixa. Depoimentos colhidos na pesquisa corroboram as hipóteses de uma desigual distribuição desses equipamentos entre áreas da cidade. Nas comunidades pobres,

seriam escassas as oportunidades de os jovens usufruírem os bens culturais e terem acesso ao capital cultural e artístico cultivado pela humanidade e parte do patrimônio nacional. O futebol ainda seria a modalidade de esporte mais difundida e acessível a esses jovens:

Quadro 4 – Ficar pelas ruas no final de semana

Grupo focal com educadores

Lazer, para os jovens, pode ser colocar duas sandálias na rua e jogar futebol com a bola amassada e tal, muitos por falta de condições mesmo. A realidade é de pobreza e de dificuldade de acesso a outro tipo de lazer que não seja o futebol, não tem, é ficar pelas ruas durante os finais de semana... dificilmente eles saem disso.

Ao examinar o cotidiano dos jovens atendidos pelos diversos projetos, observa-se que a grande maioria estuda em um turno e, em outro, frequenta o projeto. Quando indagados a respeito de seu lazer, respondem que jogam bola. A praia, eventuais festas e brincadeiras também são citadas como opções de lazer. Divertem-se escutando música – gostam de ouvir rap, axé, samba, rock e funk – tocando em bandas, ensaiando em grupos de pagode, reggae, grupos de dança, andando de skate, e dizem que alguns “bebem muito”. À noite, alguns passeiam, ficam pelas ruas:

Eu vou pra praia e à noite, no futebol, tem jogo, se não tenho, eu vou assistir o jogo do meu irmão. Quando chega à noite tomo banho e vou pra os pagodes (Grupo focal com jovens).

De fato, os bailes de pagode seriam comuns em distintas comunidades, em diferentes cidades:

Os meninos e meninas adolescentes têm muito a história do pagode, assim nos barzinhos mesmo, na praia. Aqui os meninos comentam até muito no final de semana: eu fui para um pagode não sei onde. Hoje o pagode, para eles, é uma forma muito grande de diversão e também os forrós. Para os meninos é mais futebol (Grupo focal com educadores).

Há que ter em consideração que está se tratando de uma juventude com certo privilégio, já que os projetos que freqüentam são em si espaços culturais. Não é por acaso que muitos jovens se ressentem quando as experiências fecham, como nos fins de semanas e férias. Muitos deles são artistas ou aprendizes, fazem o espetáculo e se educam também para serem espectadores. Mas a falta de equipamentos de lazer, esporte e cultura pode também inibir o livre curso de suas habilidades e desejos:

A clientela que a gente atende não tem muita opção. Tanto que reclamam muito. Quando chega na sexta-feira, eles reclamam que vai chegar final de semana, e eles não vão vir para o circo. Então, eles não têm muita opção. Olha, até tem opção de baile, mas eles não têm muita condição de ir regularmente, eles vão uma vez ou outra. Por isso, eles estão realmente sem opção. A opção é rua mesmo (Grupo focal com técnicos).

Além da falta de equipamentos nas comunidades, os jovens circulam em raio restrito, segregados nos seus bairros, não necessariamente exercendo constituinte de cidadania social, qual seja, o benefício do uso da cidade em que vivem.

Os próprios jovens registram a sua situação de excluídos, afirmando ironicamente que o lazer é escasso *porque tem favelas que não têm clube, balneário, piscinas.*

A carência de atividades é explorada pelo tráfico que, em muitos lugares, marca presença, ocupando um espaço deixado em aberto pelo poder público e pela comunidade, constituindo-se em referência para os jovens:

Quadro 5 – O tráfico foram nossos heróis.

Grupo focal com jovens

[Os traficantes] Colocaram lazer na comunidade, organizaram o futebol, coisa que a comunidade ama, entendeu? Colocaram o baile funk, que na época a gente adorava. Colocaram uma série de outras atividades, assim, para animar a comunidade. Poxa, os traficantes foram os nossos heróis, entendeu? Na época, os traficantes eram os meus heróis e não os policiais.

3.4 Discriminação

Focalizar o problema da discriminação desse segmento da população requer uma perspectiva que vai além das formas mais usuais e visíveis de tratamento desigual. Na realidade, as causas da discriminação são muitas e sutis.

Os jovens sentem-se discriminados por várias razões: por serem jovens, pela fato de morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, a maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros. Há reações contra os jovens que aprendem dança e música, e eles próprios são violentos contra os homossexuais.

Para iniciar, na medida em que existe uma representação social da juventude como irresponsável, são discriminados simplesmente por serem jovens. Os adultos desconfiam deles, não acreditam na sua capacidade, o que muitas vezes rebaixa sua auto-estima, faz com que se sintam desrespeitados e maltratados:

Eu acho isso também discriminação. No mundo de hoje, em termos de trabalho, assim o jovem é muito assim, vamos dizer, irresponsável. Porque, tu erra e eles culpam geral. Todos que está ven-

do aqui, todo mundo quer objetivo na vida. Pois é, eu acho as portas têm que ser mais abertas para os jovens, acreditar mais. Você não pode, hoje, julgar cem mil por causa de um. O dono de empresa pensa muito nisso, vamos dizer assim, o cara tem 35 anos e eu 17, “Ah, não quero não, ele vai entrar, vai faltar, chegar tarde, não vai ter responsabilidade” (Grupo focal com alunos).

Um outro motivo de discriminação é o estigma de morar na periferia, que é associada com miséria, violência e criminalidade. Assim, o local de moradia, por si só, é um fator de exclusão no trabalho e na escola, combinando com uma *maneira de vestir* que é peculiar não somente a esses jovens:

Na verdade, a mídia acaba criando uma resistência da sociedade para com os jovens de periferia. A própria mídia acaba criando um paradigma onde esse jovem é qualificado como um marginal por ele não ter uma condição social de andar bem-arrumado. Então a sua pequena tatuagem, o seu short, o seu brinco, a sua condição de ser negro, por exemplo, já há uma discriminação terrível, que se torna muitas vezes um critério de avaliação, se o jovem é bandido ou não (Entrevista com coordenador).

A percepção sobre determinados bairros, como violentos, leva a exclusões imediatas, fechando também as possibilidades de trabalho. A distinção entre ser honesto ou marginal é simplificada e está relacionada ao local de moradia, de maneira que uma sociedade excludente classifica como “*marginais*” os pobres :

Eu já botei vários currículos em lojas. Em uma, o gerente mandou me chamar. Eu disse que morava aqui no bairro, que eu estava fazendo o 1º ano. Um dos pretextos dele de não me colocar foi porque eu era do 1º ano. Eu sabia que ele não queria que eu trabalhasse lá porque eu disse que era do bairro. A discriminação é muito grande e injusta porque não existe só marginal, existe gente honesta até demais, e pessoas que gostam de zelar pela sua cultura (Grupo focal com jovens).

Depoimentos no mesmo sentido se multiplicam:

Quadro 6 – Ela mora nas favelas

Grupo focal com alunos

Por exemplo, eu fiz um teste tradicional, fiz teste na empresa, você vai, “ah, ela mora não sei aonde, e ela ganhou nota dez, e ela fez prova, teste e passou.”, Mas ela foi marginalizada por quê? Porque ela mora na favela, então tem essa marginalização, discriminação.

Na escola, nos cursos, quando vão estudar em outro bairro, têm dificuldades de aceitação e é preciso fazer um grande esforço para demonstrar que não são marginais: [...] *eu já passei muito por isso, quando fui fazer curso fora, perguntavam: onde você mora? Eu dizia no (...) ah! Não tem vaga para você. É horrível isso!*

O preconceito racial é, segundo os jovens, uma das principais causas da violência: *O que mais afeta os jovens na violência é o racismo; [...] Como aconteceu hoje comigo: eu vim trabalhar e uma moça segurou a bolsa, eu voltei e dei uma bronca nela.*

O racismo manifesta-se também na seleção negativa e arbitrária das oportunidades de trabalho, confirmando os estereótipos sociais atribuídos aos negros :

Hoje em dia, já é difícil você arrumar um emprego, porque eles não viram a capacidade que você tem de profissionalismo. Te julgam pela sua maneira de vestir. Te julgam porque você usa cabelo grande; te julgam se você é negro. O racismo no Brasil é cordial. O racismo é aquele que o cara te atende bem, te dá um golinho de café para você tomar, conversando com ele. Depois que você sai, ele rasga seu currículo (Grupo focal com jovens).

De fato, as oportunidades de trabalho exibem variações segundo a cor ou raça dos indivíduos. Como mostra a Tabela 8, com exceção dos estados do Espírito Santo, Mato Grosso e Paraná, em todas as demais localidades, o percentual de empregados é sistematicamente mais elevado entre os brancos que entre os pardos e negros. Entre esses, o percentual de negros empregados é regularmente mais

baixo que o de pardos. Isso ocorre independentemente da composição racial da população, já que os brancos somente representam maioria nas RMs de São Paulo e de Curitiba.

Tabela 8 – População empregada por cor ou raça, segundo Unidades da Federação (UF) e/ou Regiões Metropolitanas (RM), 1999 (%)

UF/RM	Branco	Pardo	Negro
RM Belém	43,3(122 758)	42,3(232 999)	31,6(111 600)
Maranhão	19,7(658 196)	16,8(1 776 032)	11,2(242 192)
RM Fortaleza	52,5(357 236)	51,6(707 561)	39,1(22 425)
RM Recife	49,4(438 930)	46,7(709 172)	47,5(45 977)
RM Salvador	53,8(232 890)	50,1(734 942)	46,1(205 198)
Mato Grosso	42,0(461 380)	41,5(667 566)	51,6(52 741)
Espírito Santo	40,3(715 818)	50,8(602 720)	52,4(82 786)
RM Rio de Janeiro	52,6(2 717 133)	52,9(1 034 233)	48,8(507 006)
RM São Paulo	59,9(4 739 927)	63,2(1 954 563)	56,3(327 453)
RM Curitiba	52,5(955 644)	55,1(183 236)	58,7(34 719)

Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais, 2000.

Além disso, os negros e pardos ocupados têm rendimentos médios sistematicamente mais baixos que os brancos, sendo que os ren-

dimentos médios dos negros são ainda mais baixos que os dos pardos (Tabela 9).

Tabela 9 – População ocupada, por cor ou raça, anos médios de estudo e rendimento médio em salários mínimos, segundo Unidades da Federação (UF) e/ou Regiões Metropolitanas (RM), 1999.

UF/RM	Branços		Pardos		Negros	
	Anos médios de estudo	Rendimento médio (SM)	Anos médios de estudo	Rendimento médio (SM)	Anos médios de estudo	Rendimento médio (SM)
RM Belém	9,3	5,85	7,7	3,44	7,5	4,47
Maranhão	4,9	3,16	4,0	1,78	2,6	1,08
RM Fortaleza	8,2	4,95	6,0	2,67	4,5	1,57
RM Recife	8,7	5,56	6,6	2,62	5,9	2,48
RM Salvador	10,4	8,04	7,3	3,30	6,6	2,33
Mato Grosso	7,1	5,0	5,6	2,83	5,6	2,47
Espírito Santo	7,3	4,93	6,2	2,86	4,2	1,91
RM Rio de Janeiro	9,1	6,53	6,9	3,62	6,4	3,27
RM São Paulo	9,0	7,69	6,5	3,90	6,7	3,81
RM Curitiba	8,4	6,07	6,0	3,08	7,0	3,54

Fonte: IBGE, Síntese de Indicadores Sociais, 2000.

O mesmo ocorre quando o foco recai sobre o número de anos médios de estudo para cada um desses grupos. Vale observar, porém, que a magnitude das variações nos rendimentos médios parece guardar maior correspondência com a raça ou a cor do que uma proporcionalidade com o número de anos de estudo.

A discriminação racial se expressa, ainda, no tratamento conferido pela polícia aos jovens, carregado de clichês e preconceitos:

Quadro 7 – Ele prefere parar o negro

Entrevista com coordenador

(...) não está fazendo nada, é negro, vem na rua sem camisa, mão aberta, falando muito... isso é o bastante. Não é novidade nenhuma o que estou falando. Porque tem polícia assim: se está passando um branco e um negro assim, acho que ele prefere parar o negro e deixar o branco, isso aí que é racismo.

É como se os jovens fossem *empurrados* para o tráfico, a única alternativa que lhes parece restar:

(...)Tem o depoimento do jovem que eu achei lindíssimo: “Sou negro já tenho outra barreira para mim, eu sei que eu nunca vou ter uma casa boa para morar, eu sei que eu nunca vou ter um carro como eu gostaria de ter. Mas na minha rua, professora, tem um pessoal que faz aviãozinho, e acho que desse jeito eles têm mais condições. Porque olha, eles têm tênis de marca, eles andam muito arrumados. E eu que fico lá, meu pai falando que é importante ser honesto, ser isso, ser aquilo, eu não tenho nada. Então eu preciso ficar muito firme com minha cabeça para eu não ir desse lado, porque eu sei que o meu pai mora nessa favela há quinze anos, não conseguiu sair. Tudo o que a gente conseguiu fazer foi um cômodo de alvenaria.” Então, para esse rapaz, o futuro para ele é ter uma casa para morar, um carro, um emprego. E ele, de antemão, já está vendo que vai ser impossível com a sociedade que está aí. Uma sociedade seletiva, discriminatória, então ele está sentindo que ele não vai conseguir, e ele também está vendo o outro lado (Entrevista com escola parceira).

Também ocorre discriminação devido aos estereótipos em torno das opções de exercício da sexualidade e das atividades artísticas a elas associadas no imaginário social. Especialmente os rapazes enfrentam preconceito pelo fato de praticarem uma atividade tradicionalmente associada às moças: *Alguns meninos não querem entrar na instituição porque dizem que é coisa de maricas, veado. Meu irmão, quando fazia parte da [...], ele sofria muitos preconceitos, quando ele passava na rua, eles diziam: “olha o bailarino, olha o bailarino.*

Um jovem que pratica dança relata como se sente vítima de um grande preconceito: *a maioria do pessoal aqui acha que quem dança é bicha*. Mas quem pratica música também pode ser discriminado e visto como *truqueiro, ladrão*.

Entretanto, a discriminação contra homossexuais e travestis pode levar a atos de extrema violência por parte dos próprios jovens:

Teve uma época que eu possuía um revólver, [...], a gente foi para a cidade, chegamos lá uns travestis queriam ficar com a gente, eu não tenho nada contra, mas eles vieram para cima de mim, eu não gostei da atitude deles, eu puxei o revólver e comecei a massacrá-los e fui dizendo: Meu irmão, se oriente, eu não gosto de frango não, sou homem, meu irmão, você saia daqui porque eu vou acabar lhe matando. Eu dei um tiro assim e, quando eu cheguei em casa, deu o arrependimento, foi grande, no outro dia mesmo eu vendi o revólver, como a turma diz, vendi barato demais, dei o revólver (Grupo focal com jovens).

Os jovens atendidos por alguns projetos seriam discriminados também em virtude do seu passado de pichadores, de membros de gangues ou porque integram um movimento (hip-hop), o que os identifica como “marginais”: *Se o menino anda em grupo de pichações, de não sei quê, então eu já não quero mais nem saber dele. Então ele já é colocado de lado. Até mesmo a igreja teme desenvolver o trabalho.*

Os veículos de comunicação de grande porte contribuiriam para produzir uma realidade social distorcida, com modelos que a sociedade segue e que os jovens não podem alcançar:

Uma coisa também, difícil, que tem que se abolir num currículo, é uma “frasinha” de que boa aparência é tudo. A boa aparência no Brasil é como ator de novela da Globo. Nós somos diferentes. Nós não temos obrigação de ter olho azul e nem cabelo liso. Nós queremos ser como que Deus fez a gente, e temos capacidade. E não é nossa cor, não é nossa estatura, não é nosso peso que vai diferenciar nós de qualquer outra pessoa (Grupo focal com jovens).

3.5 Violência

Dados de diversos estudos, assim como as percepções coletadas em grupos focais, sugerem que, além da falta de oportunidades de

trabalho e de alternativas de lazer, uma marca singular dos jovens, nestes tempos, é a sua vulnerabilidade à violência, o que se traduz na morte precoce de tantos. De fato, alguns dos autores citados e outros consideram que, se falta de alternativas de trabalho e lazer não é traço novo na vida dos jovens de baixa renda no Brasil, o medo, a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos e no tráfico de drogas seriam marcas identitárias de uma geração, de um tempo no qual vidas jovens são ceifadas como em nenhum outro período da idade moderna, exceto as circunstâncias de guerra civil ou entre países. Ou seja: são marcas dos tempos atuais e não distintos de uma classe pobre. Como observa-se em pesquisa sobre juventude e violência em Brasília, entre jovens de classe média e alta (Waiselfisz, 1997 : 159):

Não há um tipo único de jovem. Os jovens da periferia apresentam descontentamento por sua exclusão social agravada, circunstancialmente de forma violenta, buscam reconhecimento e valorização como cidadãos.

Com relação aos jovens de classe média, nota-se a existência de poucos estudos a respeito. Explica-se essa ausência pelo estereótipo consolidado violência/miséria. As classes populares já seriam “perigosas”, e as classes médias estariam iniciando um processo de crise. Alguns estudos tendem a demonstrar que os jovens de classe média experimentam exclusão existencial e processos identitários. Buscam afirmar-se por meio de contestação de valores tradicionais recebidos nos vários níveis da sociedade, o que pode vir a gerar violência.

Considerando o total de mortes por coorte, a faixa de 15 a 24 anos de idade exhibe uma maior concentração na categoria de óbitos por “violência conjunta” (decorrentes de homicídios, agressões e acidentes de trânsito) do que na categoria de óbitos por “causas internas” (relacionadas a doenças). Essa tendência é bastante mais acentuada que nas demais coortes de idade. Por exemplo, no Rio de Janeiro, em 1998, enquanto as mortes por “violência conjunta” representaram 55% do total de óbitos de indivíduos na faixa de 15 a 24 anos, na mesma cidade e período, os que faleceram pelos mesmos motivos não excederam 5%, tanto entre a coorte de 0 a 14 anos, como na de mais de 24 anos (Ministério da Saúde/FNS/CENEPI/SIM e IBGE - dados de 1998).

Tabela 10 - Óbitos na população de 15 a 24 anos, por grupos de causas, segundo cidades selecionadas, 1998 (%).

Cidade	Causas internas (1)	Violência conjunta (2)	Total
Belém	50	50	100(477)
São Luís	71	29	100(228)
Fortaleza	50	50	100(552)
Salvador	69	31	100(597)
Recife	33	67	100(1269)
Camaragibe (3)	3	97	100(29)
Cabo de Santo Agostinho (3)	20	80	100(55)
Cuiabá	40	60	100(296)
Vitória	36	58	100(253)
Rio de Janeiro	31	69	100(2270)
São Paulo	26	74	100(3821)
Curitiba	48	52	100(446)

Fonte: Ministério da Saúde/ FNS/ CENEPI/ Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e IBGE

Notas: (1) Óbitos por causas internas: doenças de todo tipo.

(2) Óbitos por violência conjunta: decorrentes de homicídios, agressões e acidentes de trânsito;

(3) Vale esclarecer que a assimetria desses percentuais é específica do ano de 1998.

Em Camaragibe, os óbitos na faixa de 15 a 24 anos foram, em 1997, 17% devido a causas internas e 83% à violência conjunta. Os percentuais de 1996 são de 20% e 80%, respectivamente. Em Cabo de Santo Agostinho, em 1997, na mesma faixa etária, foram 16% os óbitos devido a causas internas, e 84% à violência conjunta. Em 1996, foram, respectivamente, 41% devido a causas internas, e 59%, à violência conjunta.

De fato, como mostra a Tabela 10, a morte devido às causas da violência conjunta assumem singular magnitude entre os jovens de 15 a 24 anos, variam do mínimo de 29% em São Luis e 31% em Salvador, até o estarrecedor percentual de 97% em Camaragibe.

Comparando somente as capitais de Estados, o percentual de jovens que perderam a vida por violência conjunta (frente às mortes por causas internas) varia dos mencionados 29% e 31% (São Luís e Salvador), atinge a casa dos 50% em Fortaleza e Belém, cresce um pouco mais em Curitiba (52%) e Rio de Janeiro (55%), chega a 3/5 em Cuiabá (60%), aumentando em Vitória (64%) e Recife (68%) para se aproximar de 3/4 em São Paulo (74%).

A acentuada vulnerabilidade à violência aparece claramente nas falas dos atores entrevistados, nas quais são evidenciadas as diversas facetas da violência que produz não somente essas mortes, mas deixam seqüelas de vários tipos em suas vítimas diretas e indiretas.

Tanto os jovens como os responsáveis pelos projetos, além dos técnicos e outros membros, relatam um ambiente no qual a violência deixou de ser um componente de excepcionalidade e se disseminou a tal ponto, que se naturalizou, se banalizou, passando a ser elemento comum no cotidiano das populações de baixa renda:

Quadro 8 – Qualquer um já viu: nego morrendo, apanhando

Grupo focal com jovens

Porque isso aqui, qualquer um já viu – nego morrendo, apanhando. Quer dizer, eu acho que já viu, porque por mais que você seja bonzinho, você acaba não se tornando ruim, mas você tem que aprender nesse mundo. Eu era uma criança, eu também era diferente. Mas depois você começa a ver tanta coisa, eu tive que aprender a ser ruim. Porque tem aquela história – Se você não bate, apanha. Se o cara tá errado, igual ele falou, o cara tava errado – se ele fosse se meter ia morrer também, então você tem que aprender o que você tem que fazer – você tem que aprender a correr. Você não deve pra polícia, mas quando solta fogos, a gente tem que correr com os traficantes. Tinha vezes, que quem não tinha nada a ver, que estava numa casa cheia de traficantes e a polícia chegava e queria matar todo mundo. Mas, por quê? Se você não corre, fica – morre. E se você corre atrás do traficante, a polícia pega e mata, então você tem que escolher o que vai fazer: Ou corre e fica com os traficantes e diz assim – “Não, eu vou conseguir fugir com eles porque os caras conhecem mais do que eu a favela e estão armados ou eu vou ficar e a polícia vai me pegar, vai bater, vai me matar.” Então ninguém quer isso pra si.

De fato, vários entrevistados sublinham que a violência está sempre presente no cotidiano desses jovens:

Eles contam cada história, de arrepiar o cabelo, deixar você tonto. Tem história de quem já viu assassinatos, irmão assassinado por gangues, colegas da escola que estão na prostituição. Então não é difícil de imaginar, aqueles que moram no Brasil, não é? Só que com eles está na casa deles, na escola deles, na rua deles, no bairro deles (Entrevista com diretor).

No depoimento de mães, evidencia-se que o medo que sentem dos criminosos, o que impede a denúncia de crimes que ocorrem no bairro: “[...] *A gente não pode nem abrir a boca pra dizer assim: ‘Ele fez.’ Porque ele vai e diz assim: ‘Olha, ali a fulaninha que disse que tu fez.’ Aí a polícia pega ele e diz que foi a gente que disse, aí a gente fica calada, né, com medo.*”

O discurso dos jovens reitera, várias vezes e pelas mais vívidas imagens, o ambiente de violência em que transcorre suas vidas:

Quadro 9 – Amamentados ao som dos tiros

Grupo focal com jovens

A gente fala que fomos amamentados pelo som dos tiros. Porque várias vezes, a gente tava na rua, ou a gente tava em casa e, constantemente, era muito tiro... e tinha muita coisa que a gente via.

Os jovens, de um modo geral, reclamam da violência existente entre gangues ou galeras que dominam territórios nos bairros. Queixam-se da brutal rivalidade entre as gangues, o que afeta diretamente a sua liberdade de circulação:

Hoje em dia é isso, a gente não pode ir num bairro. Se um cara está todo arrumado, quando ele passa na rua, eles querem tomar as coisas. Não deveria ter esse tipo de gangue aí... se eu moro aqui no bairro, e vou para o [...], só porque eu sou do bairro de [...] eles quebram o pau. Isso não podia existir (Grupo focal com jovens).

Frisam os jovens que as rixas, brigas entre facções, grupos e gangues matam:

[...] cheguei lá, meu irmão estava jogado no chão, o pessoal todo olhando. Aí chegam dois rapazes que disseram que ele merecia morrer pior do que daquele jeito, que alma sebosa morre pior do que daquele jeito, tinha que ficar jogado no meio da rua para todo mundo ver. Aí começou a discussão, a gente pegou, para não deixar ele lá jogado à toa, levou para o IML [Instituto Médico Legal] (Grupo focal com jovens).

Tanto os jovens como os pais ressaltam o cerceamento à liberdade de todos, devido ao aumento da violência nas comunidades de residência:

Já passamos por isso. Fomos jovens há dez anos atrás, mas se tinha liberdade de sair, poder escolher tudo, participar mais de grupos, assim, principalmente à noite, festas. Hoje em dia não. A violência tá demais, hoje em dia, se você quiser sair da sua casa, tem que pensar bastante (Grupo focal com jovens).

Entre os jovens, são comuns os relatos do seu próprio envolvimento com gangues, com tráfico de drogas, a violência sexual e a prostituição. Membros de vários projetos nas experiências estudadas têm ficha policial resultante de delitos como roubos e agressões físicas:

Antes de eu entrar no [projeto], eu vivia muito na rua. Andava junto com os “pichadores”. Eu já fiz parte de gangue, ia para outras áreas brigar. A gente apanhava, mas também batia. A gente já furamos gente lá. O pessoal da nossa gangue foi furado e a gente também furamos juntos (Grupo focal com jovens).

Enfatiza-se que a violência é vivida e presenciada no cotidiano. A análise dos relatos de jovens nos grupos focais, nas 30 experiências aqui apresentadas, mostra que poucos foram os casos em que não houvesse um deles que não tivesse passado por situações de constrangimento, violência física ou moral. A maioria quase absoluta foi, em algum momento, “roubada”. Roupas, sandálias, relógios, celulares, sapatos, óculos são objetos de desejo e são constantes os furtos dos mesmos:

[...] Uns cinco boyzinhos assim queriam tomar o chapéu que eu estava, eu não queria dar aí só foi uma tabocada no meu olho, eles ficaram com o chapéu e eu com o olho roxo.; [...] disse passa o relógio, aí eu não quis dar, aí ele disse que o revólver não era de brinquedo (Grupo focal com jovens).

Violência se enlaça com reações, em si violentas, em um sistema de vingança, no qual os assaltados esperam o momento oportuno de revanche:

Quando a turma me tomou o chapéu, depois de um tempo, apareceu um só deles lá na rua que eu moro, aí juntei uns colegas meu e massacraram ele. Eu acho que na hora eu pensava que estava certo, mas depois eu vi que estava errado, mas eles também não pensaram assim quando me pegaram (Grupo focal com jovens).

Para as mães, a violência entre os jovens é corriqueira, mas, nem por isso, menos sofrida: “*puxam logo uma arma, mata com revólver, tudo, é muita violência*”. Buscar um filho no hospital ou perdê-lo em função de brigas, ou até mesmo sem ter motivo, é rotineiro:

Quadro 10 – E mataram

Grupo focal com mães

Está com dois meses que ele foi para o pagode, e eu me acordei de manhã com a notícia de que ele estava com um tiro na Restauração, cheguei lá, pensei que ele nem estava andando, porque disseram que tinha atingido a rótula, outros disseram que tinha torado a mão, foi só a notícia, cheguei lá, tinha pegado a orelha dele, varou do outro lado, trouxe ele para casa e pronto.

Meu filho nunca foi violento, não respondia, não brigava, não chegava com confusão, não dizia pornografia, se estivesse num canto e dissessem “vou dizer a tua mãe” pronto: ele saía, não respondia a ninguém. E mataram ele sem ter nem para quê. Quando eu soube, ele já estava morto, aqui é fogo, é preciso muita sorte mesmo.

3.5.1. Violência doméstica

Muitos dos jovens tiveram contato com a violência de forma direta ainda no ambiente familiar. Os coordenadores dos projetos chamam a atenção para o fato de que muitos dos meninos que foram encontrados nas ruas deixaram a família por serem vítimas de maus-tratos pelos próprios pais:

Os meninos que estão na rua sempre têm uma história que vem da família. É um padrasto que espanca, uma mãe que espanca, é um abuso, um irmão, um padrasto que tenta abusar, é uma morte. Às vezes, no interior, a família se desmancha mesmo. Cada um vai para um lado, a criança fica só, fica abandonada (Grupo focal com técnico).

Ocorrências de violência doméstica contra meninas são também relatos que se repetem:

Já foram muitos os casos de violência familiar! Por parte de padrasto, do pai, as meninas vítimas de estupro. É uma coisa muito triste, tanto que muitos nem moram com a família, moram com uma família alternativa, tio, avó, ou algum parente mais velho (Entrevista com coordenador).

A exposição a atos de violência no âmbito doméstico destruiria a auto-estima dos jovens, que se encontrariam inseguros, sem referências, já que os pais seriam os agressores, seus algozes.

Tem muita jovem que já começa a ser violentada e espancada de casa. Acorda de manhã cedo já sendo espancada pelo pai embriagado, pela mãe que acabou de chegar, e a criança já sai para a rua desesperada. Qualquer coisa para ela, ou para ele, vai servir, que ele bata uma carteira, que cheire uma cola, que se drogue para esquecer o que aconteceu na casa da mãe: ao se levantar nem o prato de comida tinha, tinha somente espancamento. Aí a violência já começa de casa. Chega na rua, vai encontrar o quê? Mais violência (Grupo focal com mães).

A violência doméstica é tida, por muitos, como elemento desencadeador do que poderia ser denominado cadeia de violências ou reprodução de violências. Pais e mães violentos que têm os filhos como suas vítimas que, por sua vez, se tornariam violentos,

fazendo outras vítimas. O alerta para o terrível e perigoso efeito da violência doméstica na constituição do que se denomina cadeia de violência ou de sujeitos violentos não necessariamente se restringiria a culpar os pais ou as mães, mas procura chamar a atenção para contextos de violência:

As mães, mais por falta de orientações, são agressivas. Mas elas são mulheres revoltadas. Eu acho até que por não ter muita condição financeira. Eu acho que a própria vida induziu a isso, não sabe mais como conduzir a casa, não sabe mais como levar a vida dignamente. E aí já parte para a agressão física, para o grito, no final das contas, não resolve nada. Os filhos reagem da mesma maneira, eles são agredidos e agredem da mesma maneira (Grupo focal com comunidade).

De fato, o próprio jovem pode ser o agente de violência doméstica, como ilustra o relato de uma mãe: *Eu tenho loucura pela minha filha, mas eu guardo sempre a mágoa, cada vez que eu me lembro. Assim, final de ano, ela chegou com o namorado dela, com o outro, armados de arma, para mim, para a própria mãe.*

3.5.2. Violência institucional

Os relatos apontam para abuso de autoridade por parte de membros da justiça e do aparato policial. Os jovens se dizem vítimas de maus-tratos dos policiais, por isso não os percebem como agentes da sua segurança. Pelo contrário, para eles, na melhor das hipóteses, polícia e bandido são imagens que se confundem. Quando questionados a respeito do que mudariam no mundo, muitos respondem que acabariam com a polícia, como exemplificam falas de jovens:

[...] hoje em dia, a polícia é a primeira a dar mau exemplo, porque os policiais pegam traficante, aí em vez de levarem pra cadeia, eles só pedem dinheiro [...] (Grupo focal com jovens).

Os primeiros a provocar a violência são os policiais, porque tem muito matador, agora vá uma pessoa e denuncie para ver se no outro dia, ou no mesmo dia, o matador não está sabendo (Grupo focal com jovens).

A polícia não aparece como protetora, senão como um elemento que faz parte do jogo da violência, humilhando e mesmo matando. O depoimento de um jovem ilustra bem o abuso de poder, por parte de alguns policiais, e o exercício de violência por parte dos que deviam zelar pela ordem:

Quadro 11 - Tinha que fazer tudo ou apanhava

Grupo focal com jovens

Eu uma vez vinha do ensaio... os policiais me pegaram na rua e me pediram a identidade. Eu era de menor, tinha 15 anos, eles colocaram uma arma no meu rosto. E me fizeram sambar, eu tive que sambar. Perguntaram se eu tocava, "você canta?" "Canto", cantei para eles. "Você dança?" "Danço". "Você bate palma?" "Bato". "Bata palma", tinha que fazer tudo isso ou apanhava.

A violência policial é um indutor, ou produtor, de sujeitos violentos, tornando os jovens, pela revolta, agentes de violências. O depoimento de um jovem morador de uma favela descreve tal revolta e ambiência propícia ao crescendo da violência e seu incentivo pelos homens da lei:

Cara, foi tipo assim, eu nasci aqui, sempre vivi aqui na favela e vendo o quê? Vendo a polícia entrando, subindo a passarela ali, e já dando tiro pra cá pra dentro. E se dane quem tava no meio da rua, tá entendendo? Se dane, eles não querem nem saber... eu cresci vendo a polícia massacrando meus familiares, meus amigos e o pessoal da comunidade. Eu cresci vendo a polícia dando tapa na minha cara, enfiando porrada. Esculachando minha família, minha mãe e me mandando ir embora, entendeu? Essa é uma coisa que vai despertando uma revolta, sabe? Eu era um moleque muito rebelde, muito revoltado em função de tudo isso, tudo isso (Grupo focal com jovens).

Muitos consideram que as arbitrariedades cometidas por policiais contra a população pobre, em especial os jovens, se derivariam também de um sistema de preconceitos contra os negros:

Eu acho que a polícia, apesar de ganhar pouco, eles deveriam ser mais educados, pois só porque somos periféricos, moramos aqui no... um bairro que 90% são negros, tem essa discriminação de eles chegarem aqui, sem procurar saber quem usa droga e quem não usa [...] eles chegam batendo, às vezes levam até preso, sem a gente dever nada; chega lá faz a ficha nossa... Isso foi uma coisa muito humilhante que eu sofri, que vai marcar sempre a minha vida (Grupo focal com jovens).

Em alguns discursos, mesmo condenando a violência policial, se infiltram também estereótipos e juízos discutíveis, como os de condenar a violência de policiais contra ‘cidadãos honestos’ e admitir, implicitamente, que essa seria válida caso aplicada contra *almas sebosas*.¹³

O meu tio não era alma seboza, apenas ele gostava de andar com uns caras arruaceiros. [...] uma mulher foi roubada e foi dizer que quem roubou foi meu tio. Aí eles tavam surfando no ônibus, o policial do DETRAN veio e queria pegar ele. Como ele estava no ônibus, ele pulou de cima do ônibus para a maré, aí ficou lá dentro da maré e os policiais do DETRAN mandando ele se entregar e ele dizendo que não queria. Quando ele resolveu se entregar, os dois policiais do DETRAN deram dois tiros nele. Minha vó ficou desesperada (Grupo focal com jovens).

Nem mesmo a projeção artística e social conquistada com o desempenho em projetos reconhecidos na comunidade é capaz de proteger os jovens da violência institucional:

E isso [...] vira uma violência dupla. Ao mesmo tempo você vê as crises: alguém, que já aconteceu aqui, acaba de chegar da Noruega, endeusado e respeitado, e leva dura, tapa na cara, por nada. O corpo dele para a polícia é um corpo de levar porrada não é um corpo de fazer malabarismo, de fazer acrobacia, é o corpo que eles estão acostumados a dar na cara, estão acostumados a dar de cassetete. Aí a ferida é muito maior. Então a gente tem isso constante, de assassinatos de meninos, que a gente continua tendo, que já passaram por essa fase toda de levar porrada na rua... Isso ainda é muito forte, não livra disso (Entrevista com coordenação).

13 Expressão usada em Pernambuco para indicar os que cometem contravenções.

Notável pelo caráter exemplificador da violência institucional é o relato sobre o comportamento de um juiz, a partir do qual se revela toda a revolta dos jovens, seu desencanto e descrédito para com as instituições:

O meu cunhado foi preso, aí levaram ele para o juiz... Quando chegou lá o juiz disse: “Como é que você fica com uma alma se-bosa dessa? Se fosse eu, já tinha matado”. Ele acha que por ser juiz não deve ter respeito pelas pessoas. Ele gosta de fazer as pessoas de palhaço, como ele fez com a minha mãe, ele fez ela perder três empregos, a gente ficou passando necessidade por causa dele. Quando eu vinha para a audiência, ele me prendeu na rua como se eu tivesse matado ou roubado alguém, me fez a maior vergonha na frente dos meus colegas, querendo me bater. Eu acho que por ele ser juiz, ele devia respeitar as pessoas (Grupo focal com jovens).

Algumas instituições oferecem assistência quando percebem maus-tratos ou quando os funcionários são procurados pelos jovens. Existem resistências das vítimas com relação a denunciar, principalmente quando há autoridades e familiares implicados. Colabora para tais resistências a falta de preparo dos policiais em lidar com situações de violências que envolvem jovens, desconsiderando o trauma sofrido e muitas vezes expondo-os no momento do depoimento:

Quando acontece algo com eles, eles nos procuram. Ou às vezes a gente descobre pelo comportamento ou pelas marcas no corpo. Quando é um caso de espancamento, é claro, a gente chama para conversar, de maneira profissional e íntima, sem divulgar nada com toda ética, todo carinho se necessita, e normalmente o que a gente ouve delas é: “Não, não fala para o papai, não fala para a mamãe, por que vai piorar a situação, se falar.” Então, poucas querem enfrentar, denunciar, quem fez o mau-trato e tudo o mais. E outra grande barreira que a gente tem, é quando leva isso para o Fórum da Justiça. Apesar de ter esse Fórum em [...], é muito desconsiderada a questão. O jovem é muito exposto (Grupo focal com jovens).

3.6. Drogas

No Brasil, como em diversos outros países, o consumo de drogas lícitas e ilícitas pelos jovens vem exibindo uma tendência ascendente, como pode ser constatado na Tabela 11.

Tabela 11 – Estudantes do ensino fundamental e médio, consumidores de drogas lícitas e ilícitas, por ano do levantamento, segundo cidades selecionadas (%) 1987/1997

Cidade	1987	1997	Razão do crescimento (1997 -1987)
Belém	13,5	24,5	1,81
Fortaleza	17,6	28,1	1,59
Salvador	22,5	20,9	0,92
Recife	23,5	25,9	1,1
Rio de Janeiro	25,6	22	0,86
São Paulo	23,5	18,5	0,79
Curitiba	15,6	26,3	1,68

Fonte: www.cebrid.drogas.nom.br/LevantamentosentreEstudantes/LevantamentoI.../síntese.15/05/200

Nota: Número Absoluto (N): 1987=16.149 e 1997= 15.503

Ao contrário do que usualmente se supõe, em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, a tendência ao consumo de drogas se reduziu entre os estudantes pesquisados. Em contrapartida, aumentou 10% em Recife; 59% em Fortaleza; 68% em Curitiba; e 81% em Belém.

Dados do CEBRID mostram que, entre 1987 e 1997, o uso freqüente de solventes por estudantes do ensino fundamental e médio em capitais brasileiras aumentou de 1,7% para 2%; o de maconha cresceu de 0,4% para 1,7%; o de ansiolíticos subiu de 0,7% para 1,4%; o de

anfetamínicos aumentou de 0,4% para 1%, enquanto o de cocaína apresentou o mais espetacular crescimento, passando de 0,1% para 0,8%.

Apesar das limitações desses dados, que se restringem à população escolarizada e ao consumo, eles cumprem a importante função de dimensionar aproximadamente o problema do consumo de drogas entre os jovens escolares. Entretanto, ao abordar a temática das drogas é preciso distinguir claramente o consumo e o tráfico, pois embora possam estar entrelaçadas, cada uma dessas atividades leva a consequências diferentes. De fato, é necessário ter em mente que: (a) O consumo inclui drogas lícitas e ilícitas e ambas as modalidades acarretam alterações dos estados de consciência, possibilitando resultados direta ou indiretamente prejudiciais aos indivíduos. (b) Porém, não necessariamente o consumo de drogas está diretamente associado à violência, enquanto o tráfico necessariamente está. (c) Por outro lado, embora os usuários de drogas possam ser mais vulneráveis à violência, esta pode atingir – e freqüentemente atinge – inclusive os que não usam drogas e que são adversários do seu consumo.

A partir dessas considerações torna-se possível iniciar a reflexão sobre os significados da droga e do tráfico na vida dos jovens de baixa renda e das suas famílias, à luz da análise das experiências com jovens em situações de pobreza, nas áreas de arte, cultura, esporte e educação para a cidadania.

Do ponto de vista do consumo, o problema das drogas permeia o discurso tanto dos adolescentes envolvidos nos projetos quanto dos pais e responsáveis. Os depoimentos que se seguem ilustram a ênfase atribuída à temática das drogas:

Se juntou com pessoas que não era para se juntar, quando eu vi chegar em mim, que a mãe é a última a saber, já estava muito... viciado em droga. Quando foi para eu tirar, não tinha mais jeito. Porque acho que todas as mãe, aqui, têm filho que usa droga, não é? Não faz vergonha dizer, não é? (Grupo focal com pais/mães/responsáveis)

Porque o meu estava tão viciado que ele não vinha mas nem dormir em casa, ele dormia na beira de praia, no terminal. Cansei de pegar o ônibus, quando chegava lá encontrava ele drogado, muitas vezes cismava com a minha cara, não queria vir. Os outros carregava eles muitas vezes escondido de mim, as turmas, e foi isso mais ou menos quase oito meses ou um ano (Grupo focal com pais/mães/responsáveis).

Alguns jovens dos projetos relatam conviver com o tráfico de drogas no seu dia a dia e se assumem como usuários: *Antes de chegar aqui... já cheirei cola, fumei de âmbar, cheirei dissolvente.*

Os jovens apontam as drogas como um dos principais e mais graves problemas enfrentados por eles. Na sua concepção, a morte aparece como evento próximo de jovens dependentes de drogas, como sugerem os depoimentos seguintes:

Quadro 12 - O futuro é morrer

Grupo focal com jovens

São viciados em maconha e o futuro desses é morrer, porque se não tirar agora, quando chegar o tempo não tem mais como tirar, porque é desde pequeno. Às vezes, a gente fala com amigos nossos, mais novos que eu que tenho 17 anos, para largarem isso e eles dizem que não tem problema, que já fumam desde os cinco anos.

Minha tia tinha cinco filhos, já mataram dois dela. Neto dela já mataram com esse negócio de droga, de violência. Metido com droga já morreram cinco primos meus, mataram.

Aquí no bairro mesmo, a maioria dos jovens são todos drogados... Sobre o futuro, eu vejo que a maioria dessas pessoas terão a morte; se não forem mortos por policiais quando forem roubar, seu organismo vai sendo destruído pelas drogas.

É interessante frisar que os jovens se referiram tanto às drogas ilícitas, em especial a maconha, quanto às lícitas, com destaque para as bebidas alcoólicas:

As drogas que inclusive eu já vi ali na madeireira. Eu estava em cima de uma laje e vi o cara vendendo droga na rua. As pessoas passam fumando maconha na rua, em um bocado de lugar. É também a bebida, existem muitos alcoólatras. Se você chegar aqui num final de semana, você vai ver jovens bebendo (Grupo focal com jovens).

3.6.1. Motivos do envolvimento com drogas

O consumo de drogas lícitas, especialmente o álcool, em alguns casos, inicia-se na própria família. Por ser socialmente aceito, o álcool é incorporado como elemento de sociabilidade em todas as camadas sociais. Encontram-se vários casos de alcoolismo de pais, irmãos ou parentes dos jovens, em geral.

Já a droga ilícita – os inalantes, a maconha, o *crack*, ou outros – começa a ser consumida geralmente fora do espaço da família, a partir de uma relação de amizade ou de pertencimento a um grupo. De fato, os relatos enfatizam que os jovens envolvem-se com drogas principalmente pelas amizades:

Tem vez que é a amizade. Porque a amizade dá a primeira vez e dá a segunda, na terceira ele já está viciado. Aí, na terceira, ele começa a roubar porque o pai ou a mãe não vai dá dinheiro para ele comprar maconha para fumar. Se ele não trabalha ele vai ter que roubar e quando ele começa a roubar acontece isso, porque não tem um que está aqui que vá dá dinheiro para o filho comprar maconha, porque existe cidadão que fuma maconha, todo mundo sabe que existe, mas pai e mãe não quer (Grupo focal com mães).

Também se envolvem com drogas porque a vida é difícil, querem sentir-se mais leves, mais contentes, porque carecem de referência familiar:

Aí você já deve ter ouvido dizer que o traficante adota. E adota mesmo. Se a gente não teve com os filhos os olhos bem aberto... e não quero saber se ele vai estar com 17, 18 ou 20 anos, eu vou andar atrás dele como eu ando hoje. Porque eu acho que ele precisa da minha orientação, porque se eu não ensinar, a vida vai ensinar para ele. E muitas mães às vezes por falta de instrução, ignorância mesmo, não faz isso. Não liga para conversar com o filho, para sentar, para falar o que você fez hoje? E o seu amigo? Saber quem são os seus amigos, saber qual lição ele teve na escola e por aí [...] (Entrevista com comunidade).

O problema que mais afeta o jovem é a droga e a incompreensão dos pais. A maioria dos pais trabalha e não tem tempo para dar uma oportunidade pra conversar com seus filhos, ir ao colégio e acompanhar o desenvolvimento do filho, até na parte de passeio.

Os pais hoje em dia não querem saber de conversar com os filhos, o problema deles hoje em dia é dinheiro (Entrevista com pais).

E no contexto onde ele vive, em termos de riscos e vulnerabilidade, a droga, a delinqüência e crime estão ali, do lado. Ele sai da casa dele na favela e, na esquina, ele tem um desmanche. As figuras com as quais ele se identifica são o chefe do tráfico, o chefe do crime. Até porque são poucos os homens nessas famílias. A maioria das famílias são famílias monoparentais ou que tem um homem mas é um homem que, na maioria das vezes, é distante e, como referencial, quase nulo para eles. Então a referência que eles têm, em termos de modelo, são os líderes em áreas de ilegalidade (Entrevista com animadores).

O envolvimento com o tráfico de drogas pode estar relacionado com o financiamento do próprio vício. Porém, mais frequentemente, no ambiente de exclusão social a que estão submetidas as comunidades onde vivem os jovens, a atividade no tráfico é uma via para a satisfação de aspirações de consumo para a qual a sociedade não oferece meios legítimos:

Chega um cara e chama para ganhar um dinheiro maior do que você ganha trabalhando. Você está com a mente vazia, você não tem nem culpa porque quando nós nascemos já encontramos essas coisas todas erradas. Mas às vezes você está apertada, precisando, você não vai nem se lembrar do que você vai passar depois... Está arriscado naquela hora você ir. É o que está acontecendo aqui, muito garoto aí com mente vazia, criança, adolescente, quando vê, está mais nas mãos da polícia (Entrevista com pais).

Eu acho que violência vem através, principalmente, da oportunidade de trabalho, a pessoa não tendo oportunidade de trabalho, não conseguindo um emprego, no desespero, ela vai entrar no tráfico. E o tráfico, pelo que dizem, eu não sei e não quero nem saber, está dando mais oportunidade para as pessoas, né, o salário parece que está melhor, apesar do risco de vida (Grupo focal com alunos).

Para esses jovens, o tráfico representa a possibilidade de atingir um *status* social e obter respeito da sociedade. O traficante é visto como um indivíduo respeitado, que possui poder e dinheiro,

algo quase inatingível em uma comunidade de baixa renda. No imaginário dos jovens, é o traficante quem zela pelo bem-estar da comunidade, na medida em que faz benfeitorias (muitas vezes substituindo o papel do Estado). Acima de tudo, é quem os respeita enquanto cidadãos.

O jovem, eu acho que é vítima e agente dessa violência. Pela própria infra-estrutura que você tem dentro das comunidades – onde hoje em dia, muitas vezes o Estado é ausente – infelizmente existem grupos de marginais dentro das próprias comunidades que assumem esse papel do Estado. E isso é muito ruim, pois muitas vezes esses jovens sentem simpatia e empatia pela ação desse grupo, você vê hoje nas comunidades, jovens de 12, 13 anos já envolvidos com o tráfico, envolvido com a violência (Entrevista com coordenador).

Aqui não é uma casa de caridade. É pra tirar o cara do tráfico. E pra você tirar o cara do tráfico é muito difícil, não é fácil. Você tem o fator que é o tênis Nike, que é o status de estar com uma arma. Tem menina aqui, que fica com o cara pela arma que ele tem. Se o cara não tem nada em casa, como convencê-lo que aqui é melhor do que o tráfico? – Pô ...eu tô aqui, eu lancho, faço uma capoeira, mas e aí? Como convencer esse cara que aqui é melhor? Por enquanto ele tá vendo que eu tenho um carro legal, que me visto legal, que não sei o quê. Mas ele mesmo não tem porra nenhuma (Entrevista com coordenador).

3.7 Um fecho não muito feliz – mas, oxalá, não ainda o final

Quadro 13 – Com a brutalidade de um carrasco

Entrevista com coordenador
de uma experiência no Rio de Janeiro

E ele tinha esse conflito, em casa. Ele em casa tinha uma identidade, no teatro uma outra identidade e, quando saía do teatro, uma outra identidade, que era quando ele encontrava com esses caras, sentava, fumava maconha, e fazia parte ali. Chegou um momento que percebemos que ele estava muito diferente, agressivo. Vínhamos acompanhando essa mudança dele, e algumas pessoas já estavam dizendo que tinham visto ele armado.

Chegou um ponto que não tivemos como, tivemos que sentar e perguntar para ele. Desmentiu tudo.

Mas aí, ele chegou um dia e falou: “Eu não posso ficar, porque eu quero assumir o lado de lá.” Porque é assim: “o lado de lá”. E aí foi um arraso. Eu fiquei com esse menino até quatro horas da manhã, entendeu? Argumentando de todas as formas para que ele desistisse dessa idéia, que nós tínhamos um futuro bacana, que isso e que aquilo, e que a gente estava fazendo uma peça e que essa peça ia ser muito legal, e que a gente ia crescer... E não conseguimos, enfim, que esse menino não fosse para lá.

E foi. Um mês depois, ele foi assassinado pelo Comando.

Morreu feio, feio, feio, feio.

Por quê? Porque disseram simplesmente que ele era X-9, ele andou conversando com alguns policiais, ele era um menino muito sociável, e disseram que ele cagüetou não sei quem. Assassinararam o menino num muro, assim, com a brutalidade de um carrasco.

O Quadro 13 é um depoimento triste e emblemático do cotidiano de muitos projetos das experiências analisadas, o processo de buscar seduzir os jovens para as artes, para o lúdico, para não irem para o “lado de lá”, para não perder os jovens para o tráfico, para as drogas, para as violências. Mas o depoimento, se é emblemático de embates por cultivar a vida e desarmar violências, não é representativo de resultados de tais embates. Ao contrário, em outros capítulos, como no perfil das experiências, a seguir, registram-se muitos casos bem-sucedidos, de possíveis impactos de experiências em artes, cultura, educação para cidadania e esporte em mudanças nas vidas, nos comportamentos e modos de pensar dos jovens.

Tal processo, tais embates movem-se em ambiências, como as registradas nesse capítulo, em que exclusões, violências várias corroem a auto-estima, minam vontades e reproduzem violências, sendo que, em muitos casos, enredam os jovens como vítimas e como agressores. É uma guerra surda, ainda que com momentos ruidosos, estrondos de armas e, nem sempre, pode se contar com um final feliz, impedir que o menino ou a menina vá para o “lado de lá”. Mas, mérito das experiências, como melhor se relata em capítulos seguintes, tenta-se.

Ao dedicar um capítulo deste trabalho ao estudo das populações em situações de pobreza, a intenção é evitar o risco de substituir a necessária ênfase na economia política e em limites estruturais – que afetam a sobrevivência física e a qualidade de vida de tais populações, e nessas, a singular vulnerabilidade social dos jovens – por um enfoque culturalista, como suficiente para lidar com exclusões e pobreza.

Ao contrário, como será visto a seguir, as próprias organizações, objeto deste estudo, têm consciência dos limites para o alcance de seus esforços e do risco de que sofram solução de continuidade ou não tenham repercussão mais permanente na vida dos jovens. Todas se preocupam com a escola, a família, a comunidade; consideram importante políticas públicas para jovens, e para o combate a pobreza; investem para que seus trabalhos com jovens em situações de pobreza não sejam apenas espaços restritos, protegidos, mas que os jovens contem com a possibilidade de circulação por múltiplos espaços, públicos e domésticos, sem medo de violências ou sem ser partícipes dessas. Portanto, ainda que venham fazendo um trabalho inovador por recorrer à arte, cultura e esporte, para que os jovens se armem com valores contrários a culturas de violência, as organizações reconhecem limitações nessa abordagem.

Evidencia-se, portanto, a necessidade fundamental de que o Estado e outras agências na sociedade assumam a importância dos jovens como sujeitos de direitos e que se abram espaços para culturas que cultivem a vida e oportunidades materiais em distintos campos para mobilidade social e qualidade de vida digna.

4

*Estudo de casos
perfil de experiências*

4.1 O campo da pesquisa

Uma das características do campo de organizações não-governamentais, e mesmo das governamentais que lidam com jovens e desenvolvem atividades artísticas, culturais, esportistas e de lazer é a sua heterogeneidade quanto a formatos, tamanho e recursos. É um campo fragmentado e, em que pese alguns contatos entre experiências, o comum é aprender fazendo, o que lhes dá maior riqueza, pelos laços comunitários e com seu público – os jovens.

No campo da pesquisa, tal diversidade está bem representada, como se nota a partir de dados organizados no Quadro 14.

No Quadro 14, relacionam-se as experiências pesquisadas, identificando-se: ano de fundação, público-alvo, áreas de atuação e distribuição pelos dez estados em que se situam.

Quadro 14 – Experiências, por ano de fundação, público-alvo, áreas de atuação e UF onde se situam.

Bahia

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Grupo Cultural Olodum (Escola Criativa)	1979	Crianças e adolescentes - 7 a 21 anos (em situação de risco social)	Educação, arte, cultura afro-brasileira e profissionalização.
Liceu de Artes e Ofícios da Bahia	1872	Adolescentes de 14 a 17 anos	Educação, arte, cultura; profissionalização, por exemplo, em restauração
Fundação Cidade Mãe	1993	Crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos	Profissionalização, artístico-cultural e esportiva.
CRIA - Centro de Referência Integral de Adolescentes	1993	Jovens de escolas públicas e de baixa renda, em geral. Nas oficinas de teatro:50 jovens.	Arte e cultura - teatro e educação em cidadania. Multiplicadores em comunidades rede de organizações
Associação Picolino de Artes e Circo	1985	Jovens entre 15 e 24 anos (a maioria vivia em situação de rua).	Arte-cultura - Formação de artistas e instrutores de circo.

Ceará

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
EDISCA - Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente	1993	Cerca de 350 crianças e adolescentes.	Aulas de arte e dança (balé), teatro, artes plásticas e coral, e reforço escolar: incentivo à leitura; uso de biblioteca; e capacitação. Informática.
Comunicação e Cultura	1988	Adolescentes, entre 12 e 18 anos. Diretamente: 1.300 jovens que atuam como multiplicadores e, indiretamente, cerca de 160.000 jovens.	Educação e cultura - comunicação
Associação Curumins	1986	Crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos (em situação de rua)	Educação e arte - e atendimento

Maranhão

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Circo Escola	1998	Jovens nas ruas - Cerca de 119.	Arte circense - cursos e espetáculos. Atividades artísticas, culturais e educativas - integração jovem, escola, família e comunidade. Oficinas sobre temas de cidadania.
Descobrimo o Saber	1989	Crianças, adolescente e jovens até 25 anos	Arte, educação e cultura.

Mato Grosso

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Orquestra de Flautas Doce	1998	Cerca de 80 jovens/turma, estudantes e trabalhadores - com nexos com escola.	Arte-educação em flauta. Educação em valores éticos e de cidadania. Apresentações públicas pelos jovens.
CIARTE	2000	Entre 11 e 25 anos.	"Cultura de rua"- rap, break, grafite, arte e educação.

Pará

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Rádio Margarida	1992	30 vagas por curso para jovens de comunidades pobres	Educação popular em arte, saúde, meio ambiente, direitos humanos, capacitação profissional em rádio, teatro de bonecos, teatro e circo -temas de cidadania.
Cores de Belém	1999	Adolescentes e jovens entre 13 e 22 anos.	Arte e cultura.

Paraná

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Artivistas M.D.E	1998	Crianças, adolescentes e jovens das comunidades de baixa renda	Palestras e trabalhos comunitários com hip hop; formação de opinião na comunidade.
Escola de Rodeio, Baliza, Tambor e Adestramento ER	1991	Adolescentes entre 12 e 18 anos	Educação profissionalizante na área de equitação

Pernambuco

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Centro das Mulheres do Cabo	1984	Cerca de 200 jovens (meninas)	Psicoterapia, grupos de auto-ajuda para jovens - meninas vítimas de violências. Atividades lúdico-culturais e cursos profissionalizantes. Defensoria de direitos; oficinas de arte, cultura e cidadania.
Canal Auçuba	1989	Jovens alunos de escolas públicas das comunidades de baixa renda.	Produção cultural: vídeo, fanzine.
Centro de Cidadania Umbu Ganzá	1998	População entre 15 e 24 anos.	Educação social de rua, arte- educação (música, dança e teatro) e cultura.
PACA - Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente	1997	Adolescentes entre 14 e 17 anos. (cerca de 2000)	Arte, cultura, educação e meio ambiente.
Coletivo Mulher Vida	1990	Adolescentes mulheres entre 12 e 18 anos	Arte-educação

Rio de Janeiro

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Afro Reggae	1993	Cerca de 300 crianças e adolescentes (envolvimento direto), mais 300 indireto	Capacitação na área musical e artística; oficinas: técnicas circenses; dança, percussão, capoeira e teatro; futebol. Educação.
Nós do Morro	1986	Cerca de 350 (crianças, jovens e adultos da Comunidade do Vidigal). Assistem aos espetáculos 700 pessoas nos finais de semana. (estimativa)	Oficinas: teatro, cinema, cenografia, iluminação, figurinos, capoeira, inglês, literatura e culinária
Viva Rio	1995	Jovens, "mais vulneráveis a riscos sociais".	Educação, desenvolvimento comunitário, direitos humanos e segurança pública
Comitê para a Democratização da Informática (CDI)	1995	Adolescentes e jovens entre 12 e 30 anos. Cerca de 66 por atividade	Educação para cidadania e informática
Vila Olímpica da Mangueira	1986	Crianças e adolescentes (entre 7 e 15 anos) da Mangueira e bairros adjacentes	Educação e esporte.

São Paulo

Experiência	Ano de fundação	Público-alvo	Áreas de atuação
Associação Projeto Aprendiz	1997	Em 2000, cerca de 2.400 crianças e jovens de escolas da rede pública e particular, residentes na Vila Madalena. Também contempla população jovem da Febem do Tatuapé.	Educação, arte, cidadania e trabalho
Associação Meninos do Morumbi	1996	Cerca de 750 crianças e adolescentes, em comunidades carentes da Zona Oeste e Sul da cidade	Arte-cultura (música) e promoção de direitos
Fundação Gol de Letra	1998	Cerca de 250 crianças entre 7 e 18 anos, de comunidades de baixa renda residentes na Vila Albertina - distrito de Tremembé/São Paulo e em Niterói/RJ.	Complementação escolar através de arte, cultura e esporte.
Fundação Travessia	1995	Crianças e adolescentes em situação de rua e risco social entre 9 e 17 anos, no Centro histórico de São Paulo, Vale do Anhangabaú e Praça da Sé, entre outros.	Defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente.

Fonte: Entrevistas com responsáveis ou membros das experiências e consulta a material.

Nota: A maioria das experiências se localiza nas cidades capitais, com exceção do Paca Camaragibe, em Camaragibe/PE; Centro das Mulheres do Cabo, em Cabo de Santo Agostinho/PE e da Escola de Rodeio, Baliza, Tambor e Adestramento Erê, em Campo Mourão/PR.

Note-se que a maioria das experiências foi fundada na década de 90, o que sugere a sua relativa juventude, em particular no campo da sociedade civil. Apenas uma delas, o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, tem um curso de vida mais longo, data de 1872, mas mesmo esse sofreu reveses econômicos, tendo passado um certo período fechado.

O pouco tempo de existência dos projetos pode sugerir um campo em crescimento, o que já alerta outros trabalhos (Castro e Abramovay, 1998; Novaes, Catela e Nascimento, 1996 e Abramo, 1994, entre outros). Também advertem vários autores que não é recente a ação de entidades públicas e outras com jovens, sendo que aquelas relacionadas a pastorais e à ação social religiosa datam da virada do século XX.

Há, porém, dificuldades de sustentabilidade de muitos projetos no campo de trabalhos com os jovens. De fato, se a sustentabilidade de organizações não-governamentais que trabalham com jovens, em especial as de pequeno e médio portes, assim como as públicas, é relativamente frágil, por depender de financiamentos externos aos projetos, contudo ressalta-se que essas tendem a demonstrar capacidade de encontrar parceiros doadores, de somar colaboradores, ainda que geralmente para projetos específicos.

Considerando-se o público-alvo atendido, tem-se, segundo o Quadro 14, uma grande variação na faixa etária. A moda estaria entre 15 e 21 anos, envolvendo, portanto, a adolescência, mas há projetos que alongariam tal recorrido até 30 anos e outros admitiriam como jovens aqueles com 12 anos. Tal variação remete para tema de ampla literatura sobre juventude, aliás, um dos debates mais antigos no campo, que tende a relativizar a relação entre idade cronológica e construções sociais sobre juventude, e permite advogar o termo *juventudes*.¹⁴

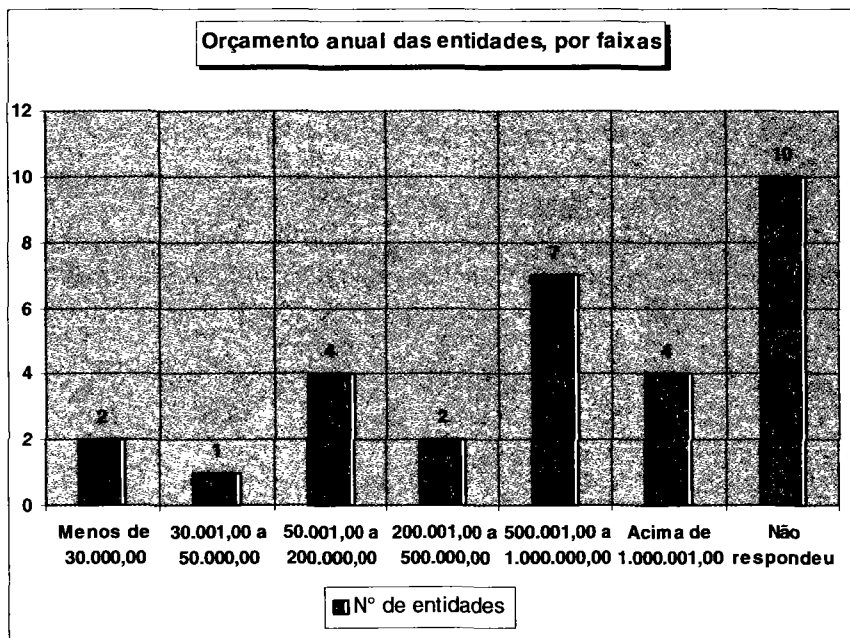
É difícil quantificar o número de jovens atendidos, considerando o raio de abrangência de muitas delas, como as que preparam espetáculos públicos. Os números se referem, em muitos casos, a um projeto desenvolvido, em experiências que contam com vários. É

14 É lugar comum o debate sobre o conceito de juventude. Tende-se a enfatizar a diversidade e a maior propriedade social do termo *juventudes*. Alguns autores preferem à operacionalização cronológica, o enfoque sobre culturas, para alguns, e subculturas, para outros, *culturas juvenis*. Também se enfatiza o princípio de "criação social das *juventudes*". (GROPPO, 2000). Sobre tal debate, entre outros ver: HALL e JEFFERSON, 1975; HEBDIGE, 1974; GOFFMAN, 1959. Na literatura brasileira, já citada, se reitera a discussão sobre o conceito.

bastante variável o tamanho das experiências pelo indicador jovens atendidos, algumas não atendem mais que 100 e outras se referem a quase 3.000. Todas destacam que não conseguem atender a demanda o que sugere a necessidade de multiplicar tais espaços de arte, cultura, lazer e esporte para os jovens e, fazendo eco, há a reivindicação comum dos entrevistados, de que se desenhem políticas públicas nas áreas da cultura e do esporte para os jovens, propiciando ampliar a abrangência de atendimento de experiências afins.

Além da faixa etária, os projetos tendem, na seleção, a dar prioridade aos jovens em famílias de mais baixa renda e ter como requisito, a matrícula em escola pública.

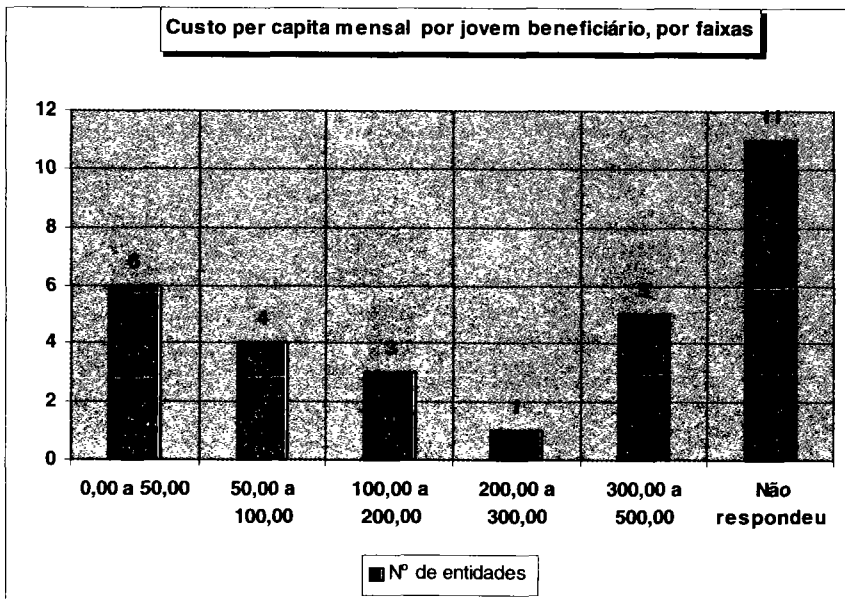
Gráfico 1 - Orçamento anual das entidades, por faixa (2000)



Segundo o Gráfico 1, 23,3% das instituições pesquisadas possuem um orçamento anual entre R\$ 500.001,00 e R\$ 1.000.000,00 e podem ser consideradas organizações entre “médias” e “grandes”. Já 13,3% possuem um orçamento entre R\$ 50.001,00 e R\$ 200.000,00, enquanto 10% das entidades possuem um orçamento até R\$ 50.000,00.

Já considerando o custo *per capita* mensal – o preço jovem –, também causa admiração o baixo preço de se investir em empreendimentos educacionais-artístico-culturais ou em esportes e lazer, o que sugere que políticas públicas no campo da juventude em diversão, lazer e educação para cidadania dependem de alocação de recursos financeiros, mas dependem mais de vontade política de assumir tal campo.

Gráfico 2 - Custo *per capita* mensal por jovem, nas experiências (em reais).



Segundo o Gráfico 2, cerca de 20% das entidades pesquisadas gastam até R\$ 50,00 por jovem mensalmente. O custo *per capita* é de R\$ 159,26 considerando todos os projetos, e, de acordo com entrevistas com coordenadores e animadores de projeto, o ideal seria um custo *per capita* mensal de cerca de R\$ 500,00 e cursos ou oficinas por um período não inferior a um ano – o que logicamente variaria por tipo de atividade.

A seguir, perfil de experiências, por estado.

4.2 Bahia

4.2.1 Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA

- 1) Nome da Organização
Centro de Referência Integral de Adolescentes – CRIA
- 2) Data de fundação
1994
- 3) Cidade/Estado
Salvador/BA
- 4) Tipo de Organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Responsável: Maria Eugênia Milet
 - b) Cargo: coordenadora
 - c) Telefone: (71) 322-1334
 - d) E-mail: cria@allways.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Na sede do CRIA, no Pelourinho, centro histórico de Salvador.
- 7) Origem dos recursos
Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Comunidade Solidária, Fundação Odebrecht, Fundação Ford, UNICEF, Instituto Ayrton Senna e USAID/POMMAR.
- 8) Áreas de atuação
Arte e cultura – teatro e educação em cidadania
- 9) Objetivos
 - Contribuir para a melhoria da qualidade dos serviços públicos de atenção à saúde e educação dos adolescentes.
 - Utilizar as artes, particularmente o teatro, para estimular a participação criativa dos adolescentes e tratar de temas de cidadania e autocrescimento.
 - Abrir espaços de escuta para as questões emergentes dos jovens, estimulando sua participação ativa, via programas artístico-pedagógicos, em que adolescentes e educadores nas redes públicas de educação e de saúde tornam-se multiplicadores de suas experiências educativas.
- 10) Público-alvo
Estudante de 12 a 22 anos, vindos, a maioria, de escolas públicas e de bairros populares.

11) Caracterização e histórico:

O CRIA foi formalmente criado em 1993, investindo na inauguração de uma proposta voltada para a formação de jovens, educadores e profissionais de saúde, multiplicadores de experiências educativas, em práticas participativas que transitam por debates coletivos sobre as experiências de vida dos jovens, problemas sociais e temas de cidadania. Orientando-se pela criação coletiva que se consubstancia em peças de teatro encenadas em comunidades e escolas, a entidade privilegia criatividade e criação, sendo as oficinas de leituras, debates, formação e dinâmicas de grupo, o núcleo de seus trabalhos.

O CRIA envolve jovens de ambos os sexos majoritariamente matriculados na rede pública e afro-descendentes, sendo que os temas da identidade étnico/racial, o resgate da dignidade do povo negro e a herança histórico-cultural africana, assim como da identidade de gênero e direitos humanos das mulheres, são tratados no programa de formação, que em sua metodologia realça as situações existenciais, a subjetividade do jovem o que alia com análises sociocríticas da realidade. Outros temas como prevenção e saúde, e meio ambiente também se transformam em peças, debates, em atividades apoiadas por instituições nacionais e internacionais.

A sede do CRIA é na zona histórico-cultural da cidade de Salvador, o Pelourinho, e tal ambiência é também enfocada nas oficinas de criação. Por outro lado, mantém o CRIA relações de pertencimento, desenvolvendo atividades conjuntas com outros grupos artístico-culturais de base popular, também sediados no Pelourinho e em bairros onde estão localizadas as escolas onde estudam os jovens do CRIA.

As propostas iniciais, como o trabalho com textos, estimulando a escrita, foram se ampliando ao longo do tempo. Atualmente também se investe na formação de jovens multiplicadores de ações educativas e artísticas nas comunidades. Acompanha ainda o trabalho nas comunidades e nas escolas (grêmios) em que se envolvem os jovens.

12) Recursos humanos

A coordenação do CRIA é composta de quatro mulheres, com formação universitária em áreas de ciências humanas e experiência em arte e trabalhos com jovens. Recorre-se a educadores em áreas

especializadas relacionadas a teatro, dinâmica de grupo, psicologia social e temas específicos, segundo os projetos. Vários monitores (cerca de 12) são jovens entre 16 e 22 anos, ex-integrantes dos grupos de teatro, que fizeram parte do Programa de Formação de Monitores, a partir de um processo de seleção para a função. A proposta de formação interna do CRIA baseia-se na formação para a cidadania e tem como objetivo a formação de jovens e adultos multiplicadores de ações educativas (jovens-atores, monitores, assistentes, orientadores e familiares). Esta proposta inclui um processo constante e coletivo de planejamento, acompanhamento e avaliação de todas as ações internas e externas e o incremento do Programa de Desenvolvimento Escolar e do Programa de Saúde. A participação dos monitores se dá nas ações internas (apoando os orientadores dos programas) e nas ações externas.

A equipe de orientadores passa por uma formação especializada na ONG, em pedagogias próprias do CRIA e metodologias em arte-educação e também em cursos e/ou oficinas oferecidas na cidade ou fora dela. A ONG tem um Programa de Formação e Acompanhamento mas os orientadores enfatizam que o eixo em criação e criatividade se baseia no princípio de formação continuada, extrapolando, portanto, momentos de cursos de formação específicos.

As quatro coordenadoras, os coordenadores de núcleos, os orientadores e os assistentes de programas (incluindo aqueles da área administrativa) compõem o quadro permanente da organização. Os monitores do tipo 2 (aqueles no segundo ano de formação) estão em processo de vinculação mais definitiva aos núcleos. Os monitores do tipo 1 e os jovens-atores têm o compromisso de permanecer, no mínimo, um ano desenvolvendo suas atividades. Conta-se também com voluntários e estudantes universitários que fazem estágio na ONG.

13) Programas e projetos em curso

Núcleo de Comunicação Social e Núcleo de Produção Cultural: Esses núcleos servem para divulgar as ações artístico-culturais da entidade, e ainda como ponte para a multiplicação da experiência para outras organizações.

Programa de Desenvolvimento Escolar: Através deste programa, a entidade promove a discussão sobre o papel social das escolas; o pa-

pel do jovem na família e na escola; e sobre a função social da língua, com os jovens que participam dos núcleos de teatro e saúde.

Núcleo de Teatro: Há dois grupos de teatro: “Tribo do Teatro” e “Mais de 1000” – a separação se orienta pela idade dos participantes. É através do núcleo que os jovens (atores e atrizes) são instrumentalizados para a educação pela arte.

Títulos de algumas das peças encenadas pelos jovens do CRIA indicam seu conteúdo social e político-pedagógico, calcado na valorização étnica, o afro e exclusões vividas pelos jovens e comunidades pobres: “Liberdade da Bahia” – sobre a história da Bahia a partir do bairro da Liberdade, por onde passava a estrada dos Boiadeiros, porta de entrada e saída de mercadoria no Brasil Colonial, tendo contado na sua elaboração com o historiador Ubiratan de Castro; “Quem descobriu o amor?” – sobre relações afetivas na adolescência; “O rei do trono de barro” – sobre situações vividas pela população residente no bairro histórico de Salvador, o Pelourinho (discriminações, perseguições policiais, negociações e marcas identitárias criadas na sobrevivência de uma população ligada à dança, música, ao comércio ambulante e do sexo, por exemplo).

A peça “O rei do trono de barro” – criada a partir da leitura de *Hamlet* de Shakespeare e de textos de autores baianos sobre a situação de meninos e meninas nas ruas do Pelourinho, pelos jovens e educadores do CRIA, em 1998, foi encenada em festival de jovens na Alemanha, ganhando prêmio.

MIAC – Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania: O MIAC é uma rede de organizações que trabalham com jovens no campo da educação e da cultura. Os jovens no MIAC (35/ano) vêm de diferentes instituições e participam de intercâmbio de experiências e habilidades. Esses jovens possuem as mesmas características daqueles que o CRIA atende diretamente. O MIAC foi fundado em 1997 e congrega cerca de 118 instituições.

Programa de Formação e Acompanhamento Familiar: Através deste programa, o CRIA busca integrar os adolescentes e suas famílias, restabelecendo os vínculos afetivos e as referências familiares para contribuir no processo educativo.

Projeto Educação – Um exercício de cidadania (1994/1997): Este projeto contribuiu para a consolidação de uma proposta de educação para a cidadania na rede municipal de educação e para a implantação de ações preventivas para a saúde do adolescente, através de ações educativas nos centros de saúde da rede municipal de Salvador.

14) Metodologia

Investe-se na escuta aos jovens e no intercâmbio entre eles. A metodologia adotada propõe o “Quem sou eu” nas diversas fases do processo, o que também é revelado nas peças teatrais.

Os jovens afirmam que a metodologia do CRIA enfatiza o coletivo e a criatividade:

O mais importante aqui no CRIA é o espaço de escuta. Eu nunca tive tanta vontade de falar, porque aqui tem pessoas que querem me ouvir. Estar ouvindo, fazendo você participar seja no projeto artístico, seja numa palestra ou na representatividade do CRIA. Eu me sinto fundamental aqui no CRIA. Quem não gosta de se sentir responsável por alguma coisa? Quando o trabalho está pronto, você sabe que contribuiu (Grupo focal com jovens, Salvador/ BA).

Trabalha-se com a improvisação e com textos escritos, com música, dança e jogos. Após algum tempo de formação no núcleo de teatro e de desenvolvimento escolar, alguns jovens passam a ser monitores em núcleos de sua escolha, como no de Comunicação e de Produção Cultural, onde vivenciam experiências profissionais, aprendendo o funcionamento institucional de ONGs. Além das ambiências de formação, os jovens participam da produção de eventos, seminários, encenações e festivais.

Alem de formação e escuta dos jovens na sede do CRIA, no Pelourinho, outra vertente que empresta uma singularidade a essa experiência é o trabalho junto às escolas públicas e centros de saúde, por convênios com entidades governamentais. Nessa linha, o objetivo é formação de profissionais em artes e cidadania, de professores e agentes de saúde – por exemplo, no plano da prevenção da AIDS e doenças infecto-contagiosas e da educação sexual, também, – mas em ambos os espaços (escola e postos de saúde) a metodologia do CRIA prioriza os professores e agentes de saúde como seres humanos, preocupando-se com a reflexão crítica sobre situações de vida e auto-estima, papel profissional e social, para a atuação como agentes de mobilização social. Esta vertente de trabalho, que também enfatiza o diálogo e a construção de conhecimentos conjuntos entre profissionais de saúde e de educação, para viabilizar um trabalho articulado dos serviços públicos de educação e de saúde, tem sido desenvolvida desde a criação do CRIA (atra-

vés do desenvolvimento do Projeto *educação - um exercício de cidadania*, 1994-1997), integrando a lógica regional definida no campo do MIAC, que se intensifica em 2001 com o planejamento estratégico do CRIA até 2003, que envolve o desenvolvimento de ações conjuntas e troca de experiências semelhantes com a ECOS e GTPOS, organizações não-governamentais de São Paulo.

Faz-se o acompanhamento dos jovens na ONG, através de seus depoimentos, que inclusive são base para a construção de trabalhos de formação e modelagem das atividades artístico-culturais da instituição. Por tal via, acompanha-se a vida escolar, atividades na comunidade e vida familiar dos jovens, seus relacionamentos e planos.

15) Redes, multiplicação e parcerias

O CRIA propôs a criação do MIAC (Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania) que engloba várias instituições que trabalham no campo da arte, da educação, da saúde, da cultura e da profissionalização com jovens. O MIAC viria disseminando a metodologia do CRIA e tem agregado novos saberes e potencializado as suas ações socioculturais, redimensionando seu papel político como ONG.

Existe também amplo e profissional investimento em publicações, postais e material sobre os projetos desenvolvidos pela organização, suas atividades e também sobre a metodologia usada na instituição. O CRIA, apesar de seu pequeno porte, é bastante conhecido em Salvador na área de projetos sociais e de trabalhos com jovens, sendo referência para outras instituições, que comumente a ele recorrem, além de participar na organização de eventos comuns (através do MIAC). Tanto o CRIA como o MIAC têm estreito relacionamento com a imprensa local e nacional, sendo comum as notícias sobre os eventos que promovem e reportagens sobre suas atividades. O CRIA/MIAC produz, com a participação dos jovens, um boletim informativo que circula nas comunidades e nas organizações que trabalham com jovens, em projetos sociais e no meio universitário e ligado às artes.

Quanto à relação do CRIA com outras organizações similares, é comum que outras entidades de Salvador e também de outros estados e países encaminhem jovens que participam de seus projetos para estadas no CRIA. Nota-se muito interesse pela pedagogia do teatro e da poesia que a partir do ano 2000 ampliou para as ruas as manifestações cênicas do CRIA.

Um ponto de destaque na metodologia do CRIA é sua preocupação com a multiplicação das práticas da entidade e auto-enriquecimento por contatos e trocas de experiências, é a ênfase na relação com outras instituições, tanto no âmbito governamental quanto não-governamental. O MIAC é prova e resultado desta perspectiva de trabalho. Na área de capacitação para a cidadania através da arte, desenvolve atividades com diversas instituições, como por exemplo com o Projeto *Cidade Mãe*, em 1999, (da Prefeitura Municipal de Salvador, que trabalha com jovens, a maioria mulheres, de famílias pobres), com o Projeto *CEAO/UFBA-CEFET-BA*, com o Projeto *Axé*, com o *ILÊ AYÊ*, com a Escola Criativa *OLODUM*. Desde 1991, desenvolve atividades com o Projeto *Axé*. Atualmente, através do projeto de *Intercâmbio Artístico Cultural, saindo dos guetos para um influenciar mútuo*, reúne-se periodicamente com cerca de 121 entidades que na cidade de Salvador trabalham com crianças e adolescentes, e singularizam a música, a dança ou o teatro em suas atividades. *Mais que articulação para atividades conjuntas, ou trocas de experiências, a idéia é a mútua fertilização* (Entrevista com coordenador, Salvador/BA).

A respeito das famílias dos jovens, estas são público priorizado quando se encenam peças e se promovem os debates, além de participarem de reuniões para discussão sobre o desempenho escolar dos jovens e reflexão sobre problemas sociais que afligem os adolescentes. Em 2000, o CRIA radicalizou o trabalho com as famílias a partir do desenvolvimento do Projeto *Diálogo na Família: Uma Arte* (parceria com UNICEF, Ministério da Saúde/UNESCO e Secretaria Municipal de Saúde). Com este projeto, o CRIA levou para a cena duplas parentais, através da montagem e apresentações da peça “Diálogos”.

Em relação ao contato com a comunidade, estimula-se que os jovens pratiquem os ensinamentos e práticas artísticas aprendidas em suas comunidades, formando-se, segundo terminologia do CRIA, “multiplicadores” que desenvolvem trabalhos educativos, alguns, junto a associações de bairro, pastorais e outras organizações.

Além disto, muitos dos jovens atores formam novos grupos de teatro em suas comunidades que passam a ser referências para jovens e instituições. Um jovem ator do CRIA ganhou, em 2000, uma Menção Honrosa do Programa Capacitação Solidária, pelo projeto que apresentava a sua experiência comunitária, através da coordenação de um grupo de teatro.

A exibição de teatro com os jovens atores do CRIA nas escolas e nas comunidades dá oportunidade a muitas pessoas, tem muita

gente que não sabe nem o que é um teatro, nunca viu uma peça de teatro, tem muitas crianças e adolescentes que não sabem nem o que é (Grupo focal com pais/mães/responsáveis, Salvador/BA).

O Projeto *Educação – um exercício de cidadania* inaugurou a parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde e Fundação Odebrecht, tendo contado, em alguns momentos, também com a cooperação da Fundação MacArthur e apoio da Universidade Federal da Bahia e Fundação Cultural do Estado. Esse projeto, desenvolvido de 1994 a 1997, objetivou implantar programas de educação para a cidadania nas escolas e centros de saúde do município. Neste período, o projeto capacitou, em atividades desenvolvidas diretamente em escolas e centros de saúde: cerca de 170 adolescentes/ano; 20 diretores; 15 gerentes de centros de saúde; 40 pedagogos; 500 professores de quinta a oitava séries da rede municipal; 40 profissionais de saúde; 20 profissionais das equipes centrais das Secretarias de Educação e de Saúde do município e 10 coordenadores regionais da Secretaria de Educação. O projeto também mobilizou, através de apresentações da peça “Quem descobriu o amor” (pelo grupo Tribo do Teatro), cerca de 2.700 pessoas em Salvador, a maioria adolescentes, familiares, educadores e membros de comunidades em que as peças são exibidas, isto só no período 1994-1997.

Em 1997, a coordenadora do CRIA assim destaca a ênfase dada à escola pública, e a proposta de que essa venha assumir o projeto educação – um exercício de cidadania:

O objetivo é a gradual institucionalização do projeto, i.e., implantar o curso de educação para cidadania em escolas públicas, articulando os temas sexualidade, etnia, educação e cidadania, no currículo das turmas de 5ª e 8ª séries das escolas municipais e nos centros de saúde do município (saúde preventiva) através de programas educativos-preventivos para adolescentes (Castro e Abramovay, 1998).

O objetivo era recorrer à inclusão de temas transversais nas salas de aula; “Parâmetros Curriculares” do Ministério de Educação e Cultura nos conteúdos das disciplinas, atendendo: a) educadores que já passaram pelo projeto, de quinta a oitava séries, em reuniões mensais de capacitação, ações de atualização de educadoras e adolescentes já capacitados nos anos anteriores do projeto e b) novos educadores, por reuniões específicas.

Com o setor público, além dos projetos mencionados, vem-se elaborando material sobre a experiência artística e pedagógica da entidade, com distribuição prioritária na rede de escolas (quinta a oitava séries) e unidades de saúde do município. Pode-se citar os vídeos do MIAC, caderno “Com arte sem AIDS”, “Diário diálogo”, o vídeo “Diálogos” e livros que estarão sendo lançados em 2001, contendo os textos das peças de teatro.

Por outro lado, nos eventos e apresentações de peças pelo CRIA, as escolas costumam enviar os alunos para assistir.

Visto que os jovens participantes do CRIA têm a obrigatoriedade de estar freqüentando a escola, existe uma comunicação constante com elas para o acompanhamento escolar dos jovens atores, o que se dá através de ações planejadas conjuntamente entre os jovens-atores, seus familiares e representantes de suas escolas no início de cada ano letivo. Estas ações, a partir de 2001, assentam-se no campo regional do MIAC, o que favorece a consolidação da rede, como também as ações para a melhoria do ensino e a articulação da escola com outras organizações, dentre estas, os centros de saúde. A escola dos jovens atores do CRIA, através desta estratégia desenvolvida desde 1997, que destaca a participação articulada do jovem (ator-aluno), de seus pais e educadores, como agentes culturais, torna-se um centro irradiador de ações de cidadania que vincula-se outras instituições integrantes dos Núcleos Regionais MIAC.

Entre as principais parcerias do CRIA para o desenvolvimento de suas atividades podemos citar: apoios institucionais ou a projetos de agências nacionais e/ou internacionais de fomento de experiências sociais como a Fundação MacArthur; o UNICEF; projeto POMMAR/USAID; Fundação Ford; Fundação Odebrecht; Instituto Ayrton Senna; Instituto WCF-Brasil; Secretaria Municipal de Educação; Secretaria Municipal de Saúde e Ministério da Saúde, IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico Cultural, Teatro Gregório de Mattos, Teatro Miguem Santana, Biblioteca Pública dos Barris e outros espaços ligados à Fundação Cultural do estado da Bahia.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

As avaliações das atividades são feitas de forma coletiva e periodicamente pelas equipes de todos os núcleos e programas. Toda semana são realizadas reuniões de planejamento e avaliação com representantes de todos os grupos. Estas reuniões são consideradas

de formação pois nelas são aprofundados aspectos político-pedagógicos relativos às atividades desenvolvidas. Bimestralmente são realizados encontros com os familiares dos jovens atendidos para planejamento, acompanhamento e avaliação das ações e também aprofundamento de alguns assuntos de interesse. Periodicamente são realizados seminários de avaliação geral onde são definidas novas ações. Recorre-se a pesquisas sobre egressos e para acompanhamento das atividades dos jovens participantes da ONG em suas comunidades.

Para cada ação externa, através do teatro, são distribuídos questionários para os representantes de escolas sobre os resultados da ação. Estes resultados são sistematizados em relatórios elaborados por cada Núcleo e Programa

17) Problemas específicos da experiência

- Poucos recursos e o constante risco de solução de continuidade dos projetos, segundo a Coordenação da ONG:

O desafio é persistir formando massa crítica, preparada para atuar na sociedade como agentes proponentes de ações educativas. Persistir, convivendo com situações econômicas, políticas, sociais e educacionais adversas (Milet, apud Castro e Abramovay, 1998).

- O espaço físico para as atividades é outro item que requer atenção. O CRIA funciona em sede administrada pela Prefeitura Municipal (como todos os imóveis do Pelourinho) mas a manutenção é problemática e o espaço já é considerado pequeno pela demanda. Por outro lado, o mais problemático, o contrato de comodato da sede tem que ser renovado periodicamente.

18) Por que uma experiência inovadora?

O CRIA é um espaço de sociabilidade singular, em que a união que se desenvolve entre os jovens se cimenta em valores estimulados na ONG. É considerado “*um espaço de discussão*” e um “*espaço de proposições*” em que os jovens são protagonistas.

- O sucesso da experiência pode ser dimensionado também pela alta afluência de famílias das comunidades onde as peças dos

grupos teatrais do CRIA se apresentam. Assim, o efeito de multiplicação da experiência é ressaltado, e atinge outros espaços, como a família, o que os jovens aprendem no CRIA.

O adulto é muito importante para os jovens. Refletir sobre os jovens é refletir sobre o adulto, sobre o pai que está em casa. O pai, muitas vezes, não teve a oportunidade de crescimento que o filho teve e chega uma hora que entra em conflito. Por exemplo, em termos acadêmicos, ele tem um saber maior do que o pai, então ele traz para a família questões que muitas vezes o pai nunca refletiu, como a prevenção de algumas doenças. O jovem tem um conteúdo que faz com que o pai comece a pensar em temas que nunca pensou antes. Isso algumas vezes é muito rico porque existe uma troca do pai aprender com o filho e do filho aprender com o pai, mas também pode ser um momento de conflito, de reflexão. (Grupo Focal com técnicos/animadores, Salvador/BA)

- Forma-se uma massa crítica de jovens em relação a diversos temas, o que inclusive cria conflitos nas relações entre jovens que passam pelo CRIA e professores nas escolas, os mais tradicionais. Mas tal massa crítica é por outro lado bem considerada por professores mais preocupados com o estímulo, nos jovens, da capacidade de argumentação e crítica. Em particular os professores que também passam por atividades do CRIA especificamente desenhadas para o trabalho com eles, são mais sensíveis a tal aspecto pedagógico.
- Singulariza-se o CRIA pela atenção aos professores e agentes de saúde, também no plano de tê-los como parte da solução, por uma cultura de diálogo com os jovens e mobilização por políticas públicas sociais, respeitando sua subjetividade e considerando suas condições de trabalho e de vida. Professores e agentes de saúde entrevistados, relatam ganhos em auto-estima e ressaltam que suas relações com os jovens melhorou após a participação em projetos do CRIA: *comecei a entender mais a situação das meninas em casos de gravidez de adolescentes; “antes eu cortava, hoje estímulo as críticas que os jovens fazem ‘a escola, aprendi que eles se preocupam e também passo para eles as limitações que nós professores enfrentamos, sem condições de trabalho, com baixos salários, preocupações e falta de material didático. Passamos a nos compreender e nos unir sobre estes problemas de políticas públicas, não é?”* Entrevistas

com agentes de saúde e professores da rede municipal de Salvador, em 1998 – (Castro e Abramovay, 1998) – pesquisa desenvolvida com a cooperação da UNESCO.

- Entre os fatores que contribuiriam para que os projetos do CRIA sejam bem-sucedidos citam-se: envolvimento, participação dos jovens e o apelo das artes. Tal avaliação é legitimada por igual parecer de diversos profissionais de distintas instituições na cidade de Salvador.
- O CRIA também é uma experiência inovadora para outras instituições e por outras dimensões.

A orientação por políticas públicas nos campos de educação e saúde faz parte dos projetos desenvolvidos nas redes de saúde e de educação com professores e técnicos, buscando a replicabilidade da metodologia do CRIA, e sua absorção em currículos escolares e práticas institucionais.

O CRIA ganhou, em 1997, o prêmio de menção honrosa ITAÚ/UNICEF e apresenta um amplo leque de parcerias com agências internacionais, nacionais e governamentais. Em 2000, o CRIA foi agraciado com o Prêmio Criança 2000 da Fundação Abrinq.

- O sucesso da experiência se traduz em intento de replicabilidade que extrapola o Brasil. No início do ano (janeiro/fevereiro de 2001), a convite, a coordenação do CRIA viajou para Maputo/Moçambique, a fim de capacitar educadores e jovens multiplicadores que atuam em escolas públicas através do projeto *ESH – Escola sem HIV* e montar uma peça educativa com jovens deste projeto a convite da FDC – Fundação para o Desenvolvimento Comunitário.
- A exposição dos jovens a professores e profissionais de curso superior, em áreas especializadas, remete ao papel de disseminador de conhecimento de experiências como o CRIA, combatendo, assim, exclusões socioculturais, como sugere o depoimento do coordenador do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia:

Projetos como o do CRIA oferecem uma alternativa de formação de uma nova elite popular. O que eu chamo de elite popular são meninos, jovens, meninas e meninos pobres, que têm o pior ensino, que têm a banda mais fraca do investimento da sociedade e

que nesse projeto têm alguma chance de provar de algo especial, diferente. Enfim, fazer uma festa, ter uma atividade esportiva, experimentar coisas diferentes. Isso os distingue dos outros meninos, que não têm acesso a isso. Os jovens que passam por esses projetos se diferenciam, encobrem um outro universo de pessoas condescendentes e isso é fundamental. Por exemplo, ter técnicos, educadores, artistas, como você colocou no CRIA, no Liceu, são pessoas que para eles não fazem parte do convívio, do cotidiano deles. Esse contato é muito transformador, os meninos têm contato exclusivo com sociólogo, com artista, com educador etc., e todos eles têm uma metodologia muito participativa, às vezes, até demais; às vezes, até um pouco piegas, mas que expõe esses meninos ao contágio de outros modos de pensar, de outras alternativas. Oferece a eles outros modelos de desenvolvimento da pessoa, de realização profissional e isso é bom, às vezes, isso marca demais. (Entrevista com coordenador do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia)

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Impacto em projetos e no bem-estar na vida, estimulando o pensar criativamente e orientar-se por responsabilidade social, questionando adscrições e discriminações sociais, contribuindo para novos tipos de sociabilidade, formas de trabalhar em conjunto e estimulando a criação de lideranças nas escolas e comunidades. Conforme podemos observar no relato a seguir:

Minha maior motivação para estar o CRIA é a questão da humanização. Aqui, o primeiro é o desnudar-se, o exercício da responsabilização pelo trabalho, abrindo portas dentro de você, desenvolvendo forma mais afetiva de estar no mundo. Aprende-se a olhar o mundo de outra forma, olhar as pessoas não por seus papéis sociais, mas pela humanidade que elas têm. Outro ponto de motivação é a equipe de trabalho e a forma como estamos desenvolvendo nossa relação, nosso contato, nossa afetividade. Tudo é muito compartilhado, é diferente de qualquer ambiente de trabalho, numa época em que se fala muito de qualidade total, reengenharia. Vivemos um processo muito mecanizado, industrial de trabalho, mas aqui no CRIA se procede desconstruções. Consegue-se ter uma visão mais macro, mais geral do trabalho. Isso é muito legal, inclusive para a sua vida (Grupo focal com jovens, Salvador/BA)

- Orientação para trabalhos comunitários — jovens passam a ser agentes “multiplicadores”.

Quando eu não fazia parte do CRIA, eu estava em casa ou na escola. Agora faço atividades de multiplicação no meu bairro ou no bairro de outras pessoas (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

Estudo no turno da noite e venho para o CRIA quatro vezes por semana. À tarde, eu fico livre para desenvolver as atividades na comunidade onde o CRIA desenvolve essa questão de ser multiplicador, não só na comunidade, mas na escola, com os amigos do lado. Então, eu passo às tardes na comunidade (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

Minha filha mudou depois que começou a participar do CRIA. Ela está mais voltada para os problemas que passa em volta do mundo, da escola, os problemas da sociedade, relacionamento com a família, entre os colegas. Ela se preocupa, tem senso crítico. Eu acho que o que falta nos jovens em geral é senso crítico. Não é só chegar lá e criticar que está ruim, mas tem que ver o que pode fazer para ajudar, para melhorar o problema que estiver existindo. Então eu acho que para muita gente está faltando essa oportunidade de ter uma entidade, um órgão, uma escola, uma família que oriente e os encaminhe para observar esses problemas que existem, e orientando para terem uma qualidade de vida melhor. Qualidade de vida, quer dizer, ter boa saúde, boa alimentação, bom convívio social, viver em comunidade um ajudando o outro (Grupo focal com pais/responsáveis, Salvador/BA).

- Mudanças no quadro de referências quanto a valores e auto-estima, aumentando o poder de participação dos jovens.

Entrar no CRIA foi ter outras oportunidades, mudar perspectiva de vida, melhorar, e me sentir capaz. Hoje eu sei que isso é muito importante, isso de acreditar na gente, de conhecer nossos erros, nossas qualidades, se perceber como uma pessoa importante para transformar alguma coisa, perceber que você também contribui para melhorar alguma coisa. Na escola e em casa a gente não tem isso, de estar valorizando a pessoa como pessoa e isso, a partir do CRIA, ficou mais forte em mim, a conquista da auto-estima (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

Antes de entrar no CRIA, eu era muito tímida e agora estou conseguindo falar na frente de outras pessoas. Meus pais não esti-

mulavam muito isso, não só a família, mas a escola também, não estimulava ser crítica, a questionar. Antes eu não questionava nada e depois que entrei no CRIA, mudei. Eu tive uma infância muito rígida, muito restrita, então o CRIA teve uma participação muito especial na minha vida, eu me vejo como pessoa, como cidadã, porque eu me tornei uma pessoa crítica, participativa. Hoje minha auto-estima está lá em cima e isso aprendi no CRIA, a me valorizar, valorizar outras culturas, respeitar as diferenças e aceitar as diferenças dos outros e de nós mesmos. Cresci muito aqui no CRIA (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

- Aumento da sociabilidade, da amizade e do relacionamento pessoal.

Trabalhar junto por objetivos comuns, a produção de uma peça de teatro, por exemplo, e nesse trabalho participar de técnicas de interação, de dialógica com alteridades, vai desenvolvendo práticas de solidariedade grupal. Muitos dos jovens que se conhecem em atividades no CRIA passam a se relacionar entre eles e elas em outros espaços e tempos, como nos fins de semana e se engajando em projetos sociais comuns, em atividades nas comunidades, na escola e participando em grêmios nas escolas.

- Descobrem-se talentos, explorando potencialidades para o desenvolvimento artístico-cultural e cidadão.

A equipe de orientadores forma-se em grande medida no CRIA, sendo que muitos foram participantes de núcleos de teatro e de atividades pedagógicas desenvolvidas na instituição. Além disto, os jovens do CRIA idealizaram e elaboraram um fanzine,¹⁵ apresentando-o, em festa de encerramento das atividades no ano 2000, indicando apropriação dos conhecimentos e iniciativa.

- A vivência no programa desperta vocações em comunicação.

Alguns jovens têm intenção de seguir carreira em rádio e vídeo. Como exemplos, um jovem ingressou na universidade, em Comuni-

15 Publicação de imprensa alternativa, geralmente dedicada a assuntos musicais e outras manifestações culturais.

cação, e outro se estabeleceu na área de fotografia. Já outro jovem criou uma rádio comunitária, usando ensinamentos aprendidos no CRIA.

- Vários jovens que passaram pelo CRIA são hoje arte-educadores em outras instituições. Há casos de ex-alunos que abriram ONGs congêneres em outro estado.
- Há “empoderamento” das mulheres e dos negros na comunidade e nos grupos de jovens na experiência.

Na metodologia do CRIA, conjuga-se a preocupação com a alteridade, a diversidade e a identidade, discutindo-se relações de gênero, de raça e de classe. Nas turmas e espetáculos diversidade e as dinâmicas de grupo enfatizam o “colocar-se no lugar do outro”, discutindo-se divisões sexuais e adscrições raciais, bem como exclusões.

É comum mulheres e homens e mulheres negras enfatizarem como ganho por participar de atividades no CRIA, *descobrir que é bonito ser como sou, negro, o valor das mulheres, a importância de estar junto, se respeitando* (Entrevistas e grupos focais com jovens monitores e alunos).

4.2.2 Liceu de Artes e Ofício da Bahia

- 1) Nome da Organização
Liceu de Artes e Ofícios da Bahia.
- 2) Data de fundação
1872.
- 3) Cidade/Estado
Salvador/BA.
- 4) Tipo de Organização
Organização Não-Governamental.
- 5) Contato
 - a) Responsável: Néelson Issa Lino
 - b) Cargo: Superintendente
 - c) Telefone: (71) 321-9159
 - d) E-mail: liceu@itp.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Na sede da entidade, em Salvador/BA.
- 7) Origem dos recursos
EMBAGE; CADCT; UNICEF; ONU (UNDCP) e Ministério da Saúde; Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Bahiatursa; Programa de Capacitação Solidária/Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária.
- 8) Áreas de atuação
Educação, arte, cultura - patrimônio histórico
- 9) Objetivos
Criar oportunidades artístico-educacionais de promoção da cidadania, proporcionando vivências artístico-culturais aos jovens.
- 10) Público-alvo
Adolescentes de 14 a 17 anos com baixo poder aquisitivo, caracterizando uma situação social periférica. Além disto, são estudantes da rede pública de ensino, cursando entre a terceira série do fundamental até a primeira série do ensino médio.

11) Caracterização e histórico:

O Liceu de Artes e Ofícios da Bahia é uma empresa social de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública nos âmbitos federal, estadual e municipal, registrada no Conselho de Assistência Social e com a missão de “educar jovens para a vida, pelo trabalho e pela arte”. Suas atividades educativas são destinadas à educação, através do trabalho e das linguagens de teatro, fotografia, audiovisual, música, dança e artes plásticas, integrando a qualificação de jovens do ponto de vista profissional e do desenvolvimento humano e social.

Em 1988, um grupo de instituições públicas e privadas, liderado pela Fundação Odebrecht, iniciou investimentos na restauração física do Paço do Saldanha, em Salvador, recuperando o patrimônio arquitetônico de cantaria e azulejaria, promovendo, respectivamente, a reconfiguração e o fortalecimento gerencial-operativo e a consolidação do programa educacional do Liceu.

A partir de 1993, o Liceu adota um modelo de gestão flexível com bases empresariais, o que proporcionou a conquista da auto-sustentação. Em 1995, com a inauguração das obras de restauração do seu prédio histórico, o Liceu iniciou uma nova fase, com a missão de “educar jovens para a vida, pelo trabalho e pela arte” em seu compromisso com a cultura e a cidadania.

Assim, o Liceu de Artes e Ofícios da Bahia se destaca pela singularidade de se autofinanciar, através da venda de bens e serviços, e conta também com apoio externo para projetos específicos. Vendem-se móveis, serviços gráficos e serviços de recuperação e manutenção de antiguidades, sendo o Estado um dos principais clientes.

Através da prestação de serviços e produção de bens nas suas oficinas de Móveis e Madeira (OMM), Artes Gráficas (OAG) e Manutenção e Recuperação Predial (OMRP), o Liceu garante parte dos recursos para a viabilização de ações educacionais destinadas a adolescentes de 14 a 17 anos.

12) Recursos humanos

Os educadores, colaboradores contratados do quadro de pessoal do Liceu, compõem uma equipe interdisciplinar e possuem curso universitário nas áreas de Pedagogia, Serviço Social, Psicologia, Artes Cênicas, Artes Plásticas, Administração de Empresas, História,

Educação Artística, Arquitetura. Todos contam com experiência em educação de adolescentes.

Para a execução de projetos específicos, são disponibilizados profissionais do quadro permanente (interno) do Liceu e outros são contratados, como serviços prestados, por período específico, conforme a necessidade, a exemplo de profissionais das áreas de dança, fotografia, música e artes plásticas.

São utilizados diferentes recursos para seleção de educadores como entrevistas e exame de currículos. Os critérios básicos da seleção dispõem de alguns requisitos como disponibilidade integral, experiência com jovens, talento e experiência em educação de jovens.

O Liceu apóia programas de capacitação, enviando educadores para cursos, seminários, encontros, relacionados às temáticas educacionais voltadas para a adolescência, além de promover a participação de educadores em diversos círculos.

Parte da equipe de educadores é contratada pelo Liceu e trabalha uma jornada de oito horas diárias. Esta equipe compõe o quadro de colaboradores internos que integram o Programa Educacional nos diversos projetos. A depender das necessidades de outros profissionais para a execução de determinado projeto, o Liceu os contrata como prestadores de serviços temporários.

13) Programas e projetos em curso

Projeto Quem Ama Preserva: Através de diversas oficinas dramático-pedagógicas, tem como público-alvo alunos e professores de escolas públicas, incluindo capital e interior da Bahia. O objetivo inicial era atender uma demanda da Secretaria de Educação do Estado da Bahia voltada para resolver o problema da depredação escolar. O projeto aborda temáticas atuais que envolvem questão das drogas, sexualidade na adolescência, violência, afetividade, preservação da vida e da sociedade etc. Dentro deste projeto, a peça “Cuida bem de mim” é um dos principais produtos. Neste texto, o teatro extrapola o seu poder enquanto produto artístico, sensibiliza e mobiliza o seu público para a discussão e construção de novos conhecimentos, com possibilidade de desdobramentos de outras ações educativas na escola, além de contribuir para a assimilação de valores indispensáveis à formação do jovem.

Núcleo de Vídeo: Com o objetivo de produzir vídeos educativos, conta com a participação ativa de jovens em todo o processo de pro-

dução. Os vídeos abordam temas sobre sexualidade na adolescência, prevenção e segurança no trânsito, ecologia, doenças sexualmente transmissíveis (DST), história, cultura, etnia, cotidiano etc. conteúdos estes trabalhados em ações educativas que integram o repertório do processo de ensino-aprendizagem. Este programa teve o seu desdobramento no *Projeto escola na TV, o aluno em primeiro plano*, que tem como objetivo capacitar professores para a utilização da linguagem audiovisual, contribuindo na construção, no fortalecimento do projeto pedagógico da escola e ampliando a reflexão dos protagonistas da comunidade escolar sobre temas socioculturais, através da apropriação crítica dos meios de comunicação (TV, vídeo e cinema).

Projeto Conhecendo a Cidade, Descobrendo o Olhar. Tem como objetivo promover oportunidades educativas para os adolescentes se perceberem em seu contexto histórico-cultural, aproximando-os da sua realidade urbana, estabelecendo um diálogo com a história, a cidade, o ambiente natural, o patrimônio cultural, ou seja, com a sua identidade. O foco é a valorização da cidadania e preservação e conservação do patrimônio histórico, artístico-cultural e ambiental de Salvador, promovendo nos jovens a consciência do seu papel enquanto cidadãos reflexivos, críticos e comprometidos com a preservação da vida e de todo o patrimônio que a cerca, estimulando-os a observar e perceber que o resgate da sua memória é intrínseco ao cidadão. Trata-se de uma metodologia que reúne teoria e prática, com visitas orientadas e utilização da linguagem visual, através da fotografia. São ações que integram conhecimentos da história e da fotografia articuladamente, cuja metodologia segue os princípios da educação participativa, em que se reúnem teoria e prática através de atividades em sala de aula e visitas orientadas a pontos históricos da cidade.

Projeto de Experimentação Estética: São realizadas oficinas de arte que incluem as linguagens de teatro, dança, música e audiovisual, como ponto de partida do fazer artístico, no qual jovens são estimulados pelas vias corporal, emocional e racional a exercitarem sua criatividade e sensibilidade, abrindo-se mais um espaço para a construção da cidadania, ou seja, para a formação de valores, consciência crítica e compromisso social. Tem como produto a mostra de resultados artísticos no teatro, na música, na dança e no vídeo. Trata-se de uma experiência que vem se desdobrando em ações inseridas no corpo do Programa Educacional do Liceu como um todo e em outros externos, a exemplo do *Projeto VIVER: prevenindo pais e fi-*

lhos, realizado em parceria com a ONU, CETAD e Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, cujo resultado foi a produção da peça “Tô de cara pra vida”, com mais de dez apresentações, atingindo um público estimado em 800 pessoas, com ações educativas realizadas, como a promoção de debates após a apresentação da peça.

Projeto Restaurar e Resgatar: São desenvolvidas ações educativas para formação de auxiliares em conservação e restauração de azulejos, contribuindo na formação integral de adolescentes. São realizadas atividades teóricas e práticas, em oficinas de restauração de azulejos, instaladas no Liceu de Artes e Ofícios, e outras em locais onde são realizadas restaurações, a exemplo dos azulejos do Porto da Barra e da Igreja de Santa Tereza. Esta atividade integra o Programa de Capacitação Solidária e vem sendo desenvolvida desde 1999.

14) Metodologia

O Programa Educacional do Liceu privilegia as dimensões do trabalho relacionadas ao fazer produtivo e criativo, e das artes, relacionadas ao refletir, sentir e criar. Assim, o Liceu vem aprimorando o seu projeto pedagógico que contempla a formação integral no exercício da criatividade e desenvolvimento de talentos. Trata-se de um conjunto de ações educativas de mobilização por meio da arte e da cultura, enquanto caminhos que favorecem à qualificação educacional e profissional e à construção de valores que promovem o trabalhador e o cidadão. São trabalhados conteúdos relativos às habilidades básicas, relacionadas à leitura, escrita e matemática; de gestão, relacionadas ao saber planejar, empreender, relacionar-se etc. e específicas, direcionadas à competência produtiva do trabalho.

Para o desenvolvimento do Programa Educacional do Liceu, em particular do *Programa arte, cultura e cidadania*, é utilizada a metodologia participativa, a partir da qual são criadas oportunidades artístico-educacionais de promoção da cidadania. São realizadas vivências artístico-culturais com teatro, vídeo, artes plásticas, fotografia, dança e música, com foco no desenvolvimento perceptivo em torno do individual e do coletivo, em suas implicações sociopolíticas, culturais e outras relacionadas ao meio ambiente. São ações que consideram o viver de um cidadão engajado, consciente de si no mundo e consciente do mundo em si.

Pela metodologia participativa, na qual o protagonismo juvenil se constitui eixo do processo de ensino-aprendizagem, os adolescentes participam na condição de educandos e, ao mesmo tempo, de sujeitos construtores dos caminhos possíveis para a viabilização do projeto pedagógico, artístico-cultural, considerando a importância de sugestões e encaminhamentos para o desenvolvimento de ações coerentes com as demandas do grupo envolvido, do ponto de vista do conteúdo ou da forma de se trabalhar questões relevantes e significativas. Durante o processo, os adolescentes são constantemente estimulados a fornecerem *feedback* das suas experiências e percepções sobre o projeto.

Pelo Programa Educacional, os jovens experimentam um modelo de formação complementar à escola formal. São, obrigatoriamente, estudantes da rede de ensino, cumprem, no Liceu, uma jornada de quatro horas diárias, tendo direito a uma bolsa-escola de R\$50,00 (cinquenta reais), alimentação, transporte e assistência à saúde, durante os dois anos de permanência no Programa. A instituição atende, atualmente, 250 adolescentes no seu Programa Educacional interno e uma outra parcela da sociedade, considerada público externo, em programas desenvolvidos em parcerias, num total aproximado de mais de 5 mil pessoas entre adolescentes, familiares e comunidades de bairro.

Tratando-se, em especial, das ações educacionais artístico-culturais, o Liceu vem desenvolvendo o Programa *Arte, cultura e cidadania*, na perspectiva de fazer frente a uma demanda pedagógica do atual cenário social, no qual o Liceu de Artes e Ofícios se inclui potencializando a sua centenária vocação artístico-cultural e fortalecendo a sua missão de “educar jovens para vida, pelo trabalho e pela arte”. Neste programa, são aplicados projetos que privilegiam o exercício da criatividade, desenvolvimento de talentos e atitudes empreendedoras como o *Quem ama preserva, Conhecendo a cidade, Descobrimo o olhar, Restaurar e resgatar, Memória e vida, Experimentação estética e projeto Viver*.

Durante a permanência dos jovens no Programa, há o acompanhamento processual com o objetivo de observar-se mudanças de atitudes, o crescimento pessoal e a inserção ativa no mundo social pelas iniciativas de integrarem-se em grupos comunitários em seus bairros, em lideranças estudantis, por exemplo. Ao mesmo tempo, são criadas condições para que, ao saírem do Programa, possam ser inseridos no mercado de trabalho. Alguns dos egressos são absorvi-

dos no quadro de colaboradores do próprio Liceu, outros são encaminhados para outras instituições ou empresas, conforme solicitações. A preocupação por parte do Liceu de qualificá-los para o mercado de trabalho é constante.

O Liceu vem desenvolvendo de forma ainda inicial o Programa de Acompanhamento dos Egressos, a fim de colher dados necessários para avaliar o seu Programa Educacional, identificando pontos críticos e favoráveis, a partir do número de jovens que ingressaram no mercado de trabalho ou que deram continuidade a seus estudos.

15) Redes, multiplicação e parcerias

Para a realização de algumas atividades, em especial cursos, também recorre a profissionais de outras ONGs, como a Fundação Mestre Bimba para a área de capoeira. O Liceu participa de fóruns de debates sobre violência, arte e educação, muitos organizados em conjunto com outras entidades congêneres. Realizam-se reuniões periódicas com as famílias para acompanhar a vida dos jovens. Em parceria com a FUNDAC, investe-se na retirada de jovens que vivem na rua, buscando reintegração familiar.

Desenvolvem-se também parcerias com a comunidade e associações de bairro para ações específicas, como a de proteção e conservação das escolas (Projeto *Quem ama preserva*). Nesse projeto, foram feitos mutirões de limpeza para conservação e preservação do patrimônio escolar; programas de educação ambiental envolvendo plantio e jardinagem, campanhas educativas nas comunidades e projetos artísticos de grafite que envolvem pessoas das comunidades.

O Liceu conta ainda com assessoria de comunicação para construção da imagem da instituição e sua divulgação. Produz várias publicações sobre o que é o Liceu:

Em termo de imagem você só constrói se tiver um marketing eficaz e multifacetado, e é essa a função da assessoria de comunicação social, construir a idéia do Liceu que, apesar de ser uma empresa auto-sustentável, precisa de parceiros para viabilizar sua grande tarefa que é o trabalho social (Entrevista com coordenador, Salvador-BA)

A instituição mantém parceria com a FUNDAC (no caso de jovens com histórico de delinquência) para cursos de marcenaria e artes gráficas e para construção civil.

Entre os principais parceiros do Liceu de Artes e Ofícios, citam-se: Empresa Baiana de Armazéns Gerais; Superintendência de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico; UNICEF; Movimento de Organização Comunitária; ONU (UNDCP) e Ministério da Saúde; CETAD; Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia; Fundação Abrinq; Secretaria Municipal de Educação de Salvador; Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Bahiatursa; Voluntárias Sociais; Programa de Capacitação Solidárias/Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária; Fórum de Combate Contra a Violência; Associação Comunitária do Nordeste de Amaralina.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

A avaliação permeia todo o processo de desenvolvimento das atividades artístico-culturais na perspectiva educacional. Trata-se de uma estratégia que permite revisões e reajustes, quando necessários, para as etapas subseqüentes. Conta com a participação de todos os envolvidos nas atividades, desde os adolescentes até as comunidades, respeitando as seguintes fases: a) *Inicial*: período de discussão do planejamento, envolvendo especificamente os profissionais responsáveis pelo projeto e de avaliação diagnóstica, mapeando o perfil dos adolescentes envolvidos; b) *Desenvolvimento*: durante e após realização das atividades, são reunidos, semanalmente, educadores e coordenação para discutir pontos críticos e favoráveis do processo; c) *Conclusão do Programa*: apanhado global do processo experimentado por cada programa, através de reflexões críticas partilhadas em reunião geral, onde são explicitadas diversas questões que envolvem metodologia, recursos materiais, qualidade das relações e do ambiente, tempo definido para o trabalho, objetivos e resultados propostos e alcançados.

Realizam-se reuniões quinzenais entre educadores e coordenadores; sondagens com os alunos sobre as atividades; avaliação contínua sobre cada jovem – objeto de reuniões entre educadores.

É um momento rico, se nós não tivéssemos aplicado todas essas técnicas sem fazer o processo de avaliação, o trabalho estaria pela metade, porque é justamente na avaliação que se sintetiza, planeja, e se percebe todo o trabalho que se tem que fazer com eles (Grupo focal com técnicos/educadores, Salvador, BA).

Elaboram-se pesquisas nas comunidades dos alunos sobre temas relacionados às peças que encenam, por exemplo, sobre drogas. Para a pesquisa sobre drogas, contou-se com a colaboração de outras instituições como o SESI.

Recorre-se sistematicamente a avaliações de suas atividades, identificando quantos jovens são absorvidos no mercado de trabalho, quantos deram prosseguimento a seus estudos.

17) Problemas específicos da experiência

- Dificuldades financeiras, para a direção, educadores e jovens alunos do Liceu, despontariam como principal ponto que comprometeria as atividades e as bolsas.

Deveria aumentar um pouquinho a bolsa, porque antes não era um salário, mas o valor era maior, agora é 50 reais, antes era carteira assinada, tinha férias, décimo terceiro. Eu acho que deveria continuar tendo, mas é porque o Liceu não está com recursos e por isso vem diminuindo a bolsa (Grupo focal com jovens, Salvador, BA).

Hoje, como coordenadora desse processo, considero que minha maior dificuldade é financeira. Se nós tivéssemos um conforto financeiro maior, boa vontade, competência, aluno, adolescente é o que não falta. Nós sabemos o que o adolescente gosta, eles querem estar aqui, sabemos que eles têm direitos, o que é que eles merecem, só não podemos oferecer, nem mais do que podemos ter (Entrevista com coordenador, Salvador/BA).

- Ampliar a integração com a família:

Esse ano teve poucos encontros com os pais, os pais devem estar mais presentes, que os pais venham conhecer o que a gente faz aqui, porque tem atividades externas que precisam da autorização dos pais, então eles têm que conhecer a proposta do Liceu para liberar o filho ou não. Então, eu sugiro que para o ano haja mais encontros com os pais, que é uma forma de incentivar o jovem a participar do Liceu (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

18) Por que uma experiência inovadora?

- Na percepção dos pais e responsáveis, o trabalho do Liceu é diferente do dos demais projetos, pois atua no sentido de formar cidadãos.

Todos os dias, quando a minha filha chega em casa é uma festa, todo dia tem uma coisa nova, mas o que chama mais atenção dela é a música, o coral e o desenho. Ela aprendeu a trabalhar com sombras e perspectivas. O curso de fotografia foi rápido e o de desenho está aprofundando muito. A coisa mais importante do Liceu é que eles não se preocupam em formar o profissional, e sim, o cidadão, o ser humano. Eles trabalham o ser humano para realmente ser um ser humano; daí para frente, ele vai ver as aptidões que foram descobertas aqui no Liceu, mas o Liceu trabalha muito mais o lado humano do que o profissionalizante, eu acho isso muito importante, porque o profissional você vai ganhando com o tempo (Grupo focal com pais/responsáveis, Salvador/BA).

Em relação ao projeto *Restaurar e resgatar ano 2000*, a direção do Liceu considera que o projeto foi ampliado (colaboração do capacitação Solidária), a partir da avaliação processual realizada e avaliação externa feita por órgãos financiadores de que, entre os indicadores positivos do projeto estariam a: absorção de alguns alunos adolescentes para trabalhar no Estado como auxiliares de restauração de azulejo e a multiplicação da experiência.

Já o *Projeto Quem ama preserva* mobilizou, em quatro anos, cerca de 130 mil agentes da comunidade escolar do primeiro e segundo graus do estado da Bahia, através do espetáculo pedagógico “Cuida bem de mim”. Promoveu-se, com esse projeto, a participação de 156 escolas e foram feitas 400 apresentações. Conseguiu-se extensa participação da comunidade em mutirões, caminhadas ecológicas, gincanas, passeatas, visitas a outras escolas e instituições culturais, campeonatos de esporte e encontros de caráter cultural. As peças de teatro funcionaram como *disparador de outras atividades, agregando conteúdos distintos, unindo as mais diversas disciplinas e atravessando a grade curricular*, segundo a direção do Liceu. Desdobrou-se o projeto em outros, como por exemplo *Os artistas da noite*, formado por “pichadores/grafiteiros”, de dentro e de fora da escola, que criaram painéis que hoje adornam as escolas.

Podemos afirmar que a transversalidade, parâmetro curricular abraçado pelo MEC, está presente em todo o processo de desenvolvimento das atividades pós-peça (Direção do Liceu em texto na home page¹⁶ sobre atividades do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia).

Já com o *Projeto Conhecendo a cidade, descobrindo o olhar* se conseguiu “a transformação na visão dos adolescentes sobre a história”, tendo sido feitos 300 cartazes com depoimentos registrados, que foram expostos em vários lugares públicos, assim como as fotografias feitas pelos jovens.

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Os jovens passam a ter uma auto-imagem diferente, devido à atuação do projeto.

[...] que ele/ela podem ser alguém! Eles são meninos que têm problemas gravíssimos de baixa estima, se acham feios, andam de cabeça baixa, não têm cuidado com a higiene. Quando eles chegam inicialmente estão assim, com a cabeça baixa, superagressivos, com a aparência ruim, com a boca suja e com o tempo, a gente trabalhando essas questões (Grupo focal com educadores/animadores, Salvador/BA).

- Aprendem novas competências e mostram um novo empenho em suas atividades.

Saber que ele/ela pode fazer alguma coisa. Aprendem a falar, a se dirigir diferentemente às pessoas em função do contexto, a andar nas escadas sem fazer barulho (no início, logo que chegam, descem as escadas de um jeito que não se pode trabalhar (Entrevista com coordenador, Salvador/BA).

- Aprender a se valorizar, sentido de dignidade social e resgate de identidade étnico-racial.

Com um tempo no Liceu, os jovens vão mudando. O olhar do menino é diferente, não é mais agressivo, ele não está mais te olhando para te intimidar, hoje ele te olha te dando bom-dia, hoje ele chegou no horário, ele deixou que você tocasse nele, mesmo estando tenso. São essas coisas que me fazem acreditar que ele vai sair uma pessoa melhor e essa mudança serve de referência para a vida dele. Os educadores passam a representar um referencial para eles, ou seja, eles vão escolhendo; ele não tem mais dó de si e só modelos negativos para se guiar (Grupo focal com técnicos/animadores, Salvador/BA).

Quando as pessoas lhes falam assim: “Você é moreninha”. Eles falam: “Não, eu sou negra, posso ser negona, ‘rasta’, bonita.” Por que a idéia que se tem é de que quem tem trança, fuma maconha e por isso é discriminado. Eles começam a cobrar respeito (Grupo focal com técnicos/animadores, Salvador/BA).

- Ampliação da rede de sociabilidade.

A minha filha me conta a relação que tem com os educadores, que é muito boa, e não é nem de aluno-professor, é de uma família, a família Liceu. Ela tem aula de canto, de coral, outras atividades artísticas, o teatro. Tem o desenvolvimento pessoal, social também, e ela se mostra aquela pessoa rica de idéias, com aquela vontade de viver intensamente o dia de hoje, esse minuto, essa alegria nata, essa pureza de estar sempre com os amigos, porque ao final de contas ela conseguiu cento e tantos amigos aqui, que são os colegas, pais e mães, é muita gente. E se desse corda, acho que cada dia dormiria na casa de um, e outro dia a turma iria para a casa dela, isso é muito gratificante, porque hoje eu vejo minha filha bem mais feliz, apesar daquele sacrifício de acordar muito cedo, sair às seis da manhã e chegar às oito e meia ou nove horas da noite em casa, mas ela chega cansada e feliz, desde que não mande ela fazer nada em casa. E eu me vejo muito satisfeita com essas atividades do Liceu. Agradeço a Deus por ela ter dado sorte de passar num grupo de dez a 15 pessoas (Grupo focal com pais e mães, Salvador/BA).

- Mudanças no quadro de referências quanto a valores, limites e responsabilidades sociais.

Quando eu entrei aqui no Liceu, eu passei a viver a vida melhor, porque não passava pela minha cabeça ter que dar direito ao próximo de falar. Aqui no Liceu ensina que devemos respeitar os direitos do próximo, e nós respeitamos. E eu acho que os adolescentes daqui são diferentes dos outros jovens porque aqui somos bem tratados, temos espaço para falar, eles não; recebemos carinho dos educadores, deixamos que eles compreendam a gente, nos dê conselhos, eles não (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

Aprendi a lidar com as diferenças, a compreender, a esperar sua hora de falar, de ouvir, aqui a gente tem uma liberdade de expressão muito grande (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

- Descobrir talentos, explorando potencialidades para o desenvolvimento artístico-cultural e cidadão.

O Projeto *Quem ama preserva*, realizado pelo Liceu, visava evitar os atos de depredação da escola, por espetáculos de teatro e vídeo, elaborados e encenados com a participação dos jovens. Por distintos informantes, o projeto foi considerado bem-sucedido, conscientizando o público juvenil sobre o tema e mobilizando a comunidade. Identificou-se sensível diminuição dos casos de depredação das escolas.

Por outros projetos, estimula-se o conhecimento da história da cidade e sua documentação por fotografia (Projeto *Memória e vida – preservando e transformando*).

Os trabalhos, fotografias e cartazes são apresentados profissionalmente para público mais amplo, em exposições.

4.2.3 Fundação Cidade Mãe

- 1) Nome da organização
Fundação Cidade Mãe
- 2) Data de fundação
1993
- 3) Cidade/Estado
Salvador /Bahia
- 4) Tipo de organização
Fundação – Entidade Pública
- 5) Contato
 - a) Responsável: Neuza de Castro
 - b) Cargo: presidente
 - c) Telefone (71) 382 0003
 - d). E-mail cidade_mae@pms.ba.gov.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Bairros de Saramandaia, Pau da Lima, Caltos, Roma e Paz.
- 7) Orçamento
O orçamento do Projeto Cidade Mãe é oriundo da Prefeitura Municipal de Salvador, contando com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT e do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PET. Além dos recursos oriundos de organismos internacionais UNICEF e UNESCO.
- 8) Áreas de atuação
Profissionalização, artístico-cultural e esportiva
- 9) Objetivos
 - Auxiliar a recuperação de jovens envolvidos com drogas e violência.
 - Devolver aos jovens envolvidos com drogas e violência a auto-estima.
 - Formar jovens para o pleno exercício de sua cidadania.
 - Trabalhar a profissionalização dos jovens para a sua inclusão no mercado de trabalho.
- 10) Público-alvo
O público-alvo da Fundação Cidade Mãe de Salvador é formado por crianças a partir de sete anos e adolescentes até 17 anos e meio.

11) Caracterização e histórico

A Fundação Cidade Mãe é uma entidade governamental vinculada à Prefeitura Municipal de Salvador, através da Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social —SETRADS. Fundada em 1993, desenvolve projetos com crianças e adolescentes (sete aos 17 anos) marginalizados pelo abandono, pela pobreza e a exclusão, em consonância com os princípios estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Caracteriza-se como um programa socioeducativo, complementar à educação básica formal, tendo como estratégia o envolvimento desses educandos em atividades de qualificação profissional, artístico-cultural e esportiva, aos quais se alia um extenso programa de formação para a cidadania. Essas ações acontecem nas empresas educativas, e nas unidades espalhadas em diversos bairros. Além desse programa, a fundação dirige as Casas de Acolhimento, localizadas no Centro da cidade.

12) Recursos humanos

Muitos dos educadores do projeto têm formação universitária e trabalham em várias áreas (artes plásticas, capoeira dentre outras).

A seleção é feita via currículo, exigindo-se um mínimo de dois anos de experiência comprovada. Os candidatos podem estar cursando a universidade ou ter concluído um curso de formação, como: canto, coral e regência. Dá-se preferência aos profissionais com experiência no campo de trabalhos voltados à população jovem. Os profissionais são contratados para prestação de serviços, por licitação pública.

Os instrutores por núcleos temáticos são divididos segundo sua especialidade, como por exemplo, horto, jardinagem, teatro, capoeira, além das áreas de informática, assistência social e psicologia.

O processo de capacitação está incluído na proposta pedagógica da fundação, que tem o propósito de integrar conhecimentos específicos (dança e outros) com noções de cidadania e compreensão de práticas com jovens e crianças.

13) Programas e projetos em curso

O projeto desenvolve seu trabalho em duas áreas de atuação: profissionalizante e cultura. Esse trabalho está dividido entre as

empresas educativas localizadas em diversos bairros de Salvador e as unidades trabalhadas em parceria com outras instituições: Unidade Associação Atlética Banco do Brasil, Unidade Cristo é Vida, Unidade Bairro da Paz e Unidade Mansão do Caminho.

A área de qualificação profissional, foco principal de atuação do projeto, compreende uma faixa etária acima de 16 anos. Nessa área, são desenvolvidas atividades circenses, de fotografia, artesanato, eletricidade básica, informática e outras financiadas com recursos do FAT. Nesse estágio, é desenvolvida uma parceria na qual os adolescentes são incorporados pelo SESC. Para os jovens de 14 a 16 anos, que queiram participar de oficinas de iniciação profissional, são oferecidos cursos nas empresas educativas do projeto.

As atividades artístico-culturais – capoeira, teatro, dança, música, coral e artes plásticas – são desenvolvidas por grupos pedagógicos destinados a um público mais jovem, abaixo de 14 anos. No entanto, essa faixa etária não é fixa, abrindo possibilidade de matricular adolescentes entre 14 e 16 anos, que queiram participar do projeto sem ter o compromisso com o processo de profissionalização.

Busca-se relacionar os cursos de arte com temas voltados à cidadania, ênfase em sexualidade, violência, drogas, maternidade responsável e planejamento familiar. Por exemplo, com a cooperação da UNESCO e o apoio do Ministério da Saúde, está sendo desenvolvida uma peça de teatro apresentada em várias comunidades como parte do projeto cidadania e saúde.

Além dessas atividades as crianças e adolescentes contam com atividades de reforço escolar oferecidas pelo projeto

14) Metodologia

Ao fazer a inscrição, os candidatos passam por duas entrevistas. Os critérios para a seleção levam em conta os rendimentos da família (renda *per capita* inferior a R\$30,00). A prioridade é dada às crianças e aos adolescentes expostos a situações de violência, tais como: exploração sexual, violência familiar, trabalho infantil e situação de rua. Ao entrarem para o projeto devem estar matriculados em escolas da rede pública.

Em 1999, atenderam, com a colaboração de parcerias, cerca de 13.600 crianças e jovens nas empresas educativas, casas de acolhimento e projetos especiais.

Ainda que em áreas específicas, os cursos são idealizados a partir das características próprias do conhecimento, nota-se em comum ter como ponto de partida o conhecido, a materialidade da vida dos jovens, buscando-se demonstrações por ressocialização como um ideário.

Insiste-se no desenvolvimento de atividades lúdicas, que tragam o conhecimento através da brincadeira, não de uma coisa mais séria, porque senão a criança ou o jovem perde o interesse e até porque a escola já cumpre esse papel. O projeto tem que ser diferente da escola na sua forma de propagação e conhecimento do ensino (Grupo focal com educadores, Salvador/BA).

O núcleo de formação de cidadania do projeto pedagógico conta com assessorias de assistentes sociais e com palestras de convidados que entre outros temas enfocam: drogas, violência, relações interpessoais, valorização do ser humano, etnicidade, diferenças.

Assistentes sociais fazem o acompanhamento dos jovens, através de entrevistas e visitas às famílias, além de acompanharem o desempenho escolar das meninas e dos meninos.

15) Redes, multiplicação e parcerias

A Fundação Cidade Mãe entra, nas parcerias, com a proposta pedagógica e com a alimentação, uma refeição diária para o público cliente que corresponde a 40% das necessidades calóricas. Alguns parceiros cedem espaço para realização de suas atividades.

As unidades são desenvolvidas em parceria com diversas instituições. Com a Fundação Don Avelar, por exemplo, desenvolve-se parceria no Bairro da Paz e no Vale das Pedrinhas, bairros de Salvador de concentração de famílias de baixa renda. Há uma parceria com a Maçonaria e com a Fundação Banco do Brasil, que empresta as instalações da Associação Atlética Banco do Brasil, onde estão cerca de 300 meninos e jovens (trabalhos de iniciação profissional). Há ainda as unidades desenvolvidas com a entidade espírita Cristo é Vida e com a organização Mansão do Caminho.

A Prefeitura de Canabrava desenvolve uma parceria com a fundação, no sentido de retirar os meninos do lixão. Esses viviam de catar lixo e atualmente estão matriculados nas escolas e participam de uma empresa educativa.

Cada empresa educativa tem um subgerente que junto com uma assistente social fazem contatos com a comunidade. Cede-se espaço da empresa para eventos da comunidade, os jovens apresentam peças de teatro, e mesmo em áreas de reconhecida violência, não se registram casos de depredação das instalações das empresas, o que se considera indicador de legitimidade do Programa.

Os jovens são multiplicadores de saúde e prevenção contra a AIDS no âmbito das comunidades. Esse projeto é desenvolvido em parceria com a UNESCO.

Além dos parceiros citados, a Fundação Cidade Mãe mantém relações com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, o Ministério da Previdência e com o UNICEF.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Mensalmente são feitas avaliações internas sobre as práticas do projeto. Além disso, anualmente são apresentados relatórios às entidades financiadoras.

17) Problemas específicos da experiência

- A duração dos programas, cerca de dez meses (ano letivo), é apontada por muitos pais como tempo insuficiente quer para profissionalização quer para internalizar outros valores.

O programa tem um período de duração que funciona de acordo com o ano letivo escolar, como se trata de um programa complementar a escola. Durante o período letivo, o aluno está na escola e no programa e quando o aluno sai de férias, ele não faz nada, porque acabaram as aulas na escola e a empresa fecha, quer dizer, durante três meses essas crianças vão estar ociosas em contato com esses jovens, o que nas férias se torna mais perigoso do que no ano letivo, porque é um período que os pais aproveitam o verão para ir trabalhar, e os meninos? Eu acho que a empresa deveria se estruturar melhor para que não houvesse férias (Grupo focal com pais, Salvador/ BA).

- A bolsa oferecida aos jovens pode ter o efeito negativo de que os jovens se interessem pelas atividades apenas por causa desse benefício.

- Acesso ao bairro de Saramandaia, local de uma das empresas educativas, segundo educadores dessa unidade: transporte não entra no bairro e o bairro tem alto índice de violência
- Os educadores indicam que os jovens tendem a reproduzir gostos artísticos da moda, entre os de sua faixa etária – como pagode, *rap* –, tendo resistência aos ensinamentos de corte teórico e música escrita.

Em artes plásticas, eles gostam de uma técnica de pintura chamada grafite, que consiste na utilização de tinta pressurizada, seja ela spray, ou através de compressor. É uma coisa que eles se amarram, é uma coisa do momento, em função da cultura de rua, do hip hop, com o surgimento dos Racionais e conseqüentemente de vários outros grupos em São Paulo e que têm proliferado por todo o Brasil. É uma linguagem que fala da realidade da favela, da pobreza, uma coisa que está no contexto de Saramandaia, mas é um movimento que atualmente até os jovens de classe média alta estão aderindo, porque está ganhando uma grande consistência. O grafite está aliado à musicalidade do hip hop e é algo que eles curtem bastante. O que eles não gostam é justamente a teoria, geometria. Eu estava passando as figuras geométricas, eles não gostaram desse trabalho. Atividade prática é com eles, mas teórica tem-se que ir fazendo aos poucos e ir tentando equilibrar. São necessárias, porque uma complementa a outra (Grupo focal com educadores/ Salvador, BA).

18) Por que uma experiência inovadora?

São indicativos do sucesso dos projetos da Fundação: testemunho de mães sobre melhorias no comportamento dos filhos ao passarem a frequentar os projetos; o fato de que vários conseguem um emprego em áreas para os quais foram capacitados – comumente como autônomos, por exemplo em informática e eletricidade (casos dos que têm mais de 16 anos).

Trabalha-se a relação entre etnicidade, raça e auto-estima, mostrando aos jovens, a maioria negra, que o fato de ser negro não é nenhum demérito. Temos até oficinas de manicura, cabeleireiro com o [...], que trabalha com a valorização da raça negra, dá aulas a eles durante 15 dias sobre estética negra, faz concurso, faz desfile de modas, ensina como se vestir e mostra a eles que não devem fugir da sua origem africana, o que se avalia como positivo, para combater preconceitos e elevar auto-estima. Meninos e

jovens que atendem atividades desenvolvidas com a colaboração do [...], mudam e temos testemunhos da família de que mudam na forma de se ver e também é comum os pais dizerem que “meu filho mudou”, “ele está mais caseiro”, “ele já não briga muito”, “ele não responde”, “ele está valorizando a gente”(Entrevista com diretora , Salvador/ BA).

- A permanência e continuidade de projetos, como a Empresa Educativa, em bairros pobres e tidos como “violentos”, é bem apreciada por líderes comunitários

Desde que eu moro em Saramandaia, as associações, os projetos se acabam no meio. Não conheço nada de bom. A única coisa que eu conheço de bom até agora é a Cidade Mãe, que desenvolve um trabalho. Só tem um trabalho que ela está desenvolvendo e que eu não gostei, que foi tirar as crianças de vender para ganhar 40 reais, que as crianças não ganham e voltam para rua de novo para vender. Ao todo, o trabalho da Cidade Mãe é bom (Grupo focal com líderes comunitários, Salvador/BA)

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Mudanças em termos de comportamento quanto a valores, limites e responsabilidades sociais.

A mudança de comportamento, já começa pelo carinho. Antes eles tinham receio até de você tocar no braço, sentir, apertar a mão; hoje em dia não, ele se dão ao luxo de dar um beijo no rosto, um abraço. Antes eles achavam que, quando se fazia isso, era porque se queria algo em troca, o comportamento deles sempre foi de distância, mesmo por conta da realidade da rua. Os pais devem dizer em casa para não confiarem em quem não conheçam, por conta das coisas ruins que acontecem na rua, e eles têm que aprender a se defender. Eles vêm de uma realidade diferente e quando chegam no PET, por exemplo, que tem aulas de música, de artes, apoio pedagógico, de português e matemática, eles se perguntam o que esse pessoal está querendo com eles, o que é que querem lhe dando isso. Além disso, ainda tem uma bolsa, e ele volta a se perguntar: “o que esse pessoal está querendo de mim?” Quando eles vêem que a gente tem informações de outros campos, inclusive de sexualidade, eles percebem que o nosso interesse é de

formação mesmo e que esses projetos culturais são o processo para que eles tenham acesso à informação (Grupo focal com educadores, Salvador/ BA).

Através do esporte e arte, os jovens passam a ver o mundo de outra forma, com menos violência (Entrevista com diretora, Salvador/BA).

- Os adolescentes são estimulados a romper preconceitos quanto a temas, como AIDS, o que se multiplica em outros espaços, envolvendo a família. Atividades da Empresa Educativa da Fundação Cidade Mãe colaboram para que os jovens desenvolvam mais o raciocínio. Eles estudam sobre a comunidade e começam a analisar a realidade em que vivem.

Muitas vezes, eu não tenho tempo de discutir com meus filhos certos tempos, por estar ocupado, trabalhando, mas incentivados por programas da empresa, como o que discute AIDS, eles provocam em casa debates sobre tais temas, sobre discriminação e sobre cuidado com a saúde. Eles são diferentes de outros jovens que não participam do programa, eles têm conhecimentos mais amplos sobre direitos e deveres e vontade de mais aprender, ainda que, como também são jovens, também fazem suas traquinagens por aí. Mas os meninos do projeto saem ganhando, eles sabem se proteger. Na empresa sempre tem campanha, seminário, palestra e se convida os pais. Eles passam a questionar e facilita porque posso ir direto ao tema (Grupo focal com mães, Salvador/BA).

- O jovem, ao participar do projeto, desenvolve o protagonismo e passa a ser multiplicador na sua comunidade. Isso ocorre devido ao estímulo da descoberta de talentos. Nesse sentido, destaca-se o sucesso da peça de teatro encenada por uma equipe de jovens associados à Fundação Cidade Mãe, sobre cidadania, saúde e a questão da AIDS, que conta com a cooperação da UNESCO:

Os jovens estão sendo trabalhados para serem multiplicadores de ações preventivas e eles próprios participaram de um cântico e da formação de uma peça de teatro que está fazendo o maior sucesso e está sendo levada a todas as unidades da Fundação. A peça começa a ser difundida agora pela Secretaria de Educação que pretende, para o ano, que esses meninos se apresentem nas

unidades escolares do município e também nos centros sociais urbanos do governo do estado. Enfim, hoje está havendo um movimento muito grande a partir dessa cooperação – UNESCO e Ministério da Saúde – para que essas crianças e jovens se apresentem e passem conhecimento sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Aí temos a descoberta de talentos. Quem sabe no futuro nós teremos, partindo daí, atores que farão sucesso, como temos hoje uma menina do coral que já está fazendo a Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (Entrevista com diretora da Fundação Cidade Mãe, Salvador, BA).

- Reinserção dos jovens que viviam em situação de risco, nas ruas, ao convívio da família

No ano passado, muitos desses meninos voltaram para casa e nós trabalhamos pelo retorno para casa, o retorno para escola, e alguns garantiram a vaga deles, esse ano, nas empresas educativas. Quer dizer, eles estavam perdidos na rua e retornaram para casa, retornaram para a escola e já puderam retornar para a Fundação Cidade Mãe, para as empresas educativas. Esse trabalho era feito em Roma, numa empresa em Roma, um espaço à parte num espaço aberto apropriado, nós conseguimos trabalhar com eles (Entrevista com diretora, Salvador-BA).

- Ao entrarem no projeto, os jovens passam a ter maior responsabilidade e desenvolvem um sentimento de maior cooperação.

Eles aprendem a dividir, por exemplo, se eles estão trabalhando, pintando móveis e nós não temos material para todos, uma ferramenta mais cara do que pincel e tinta, eles aprendem a dividir. E isso também é ensinado em todas as outras oficinas, eles aprendem a dividir, a ter responsabilidade pelo material e eles aprendem também a não desperdiçar. Isso faz parte da formação da cidadania e toda vez que termina uma aula eles deixam a sala limpa, acabam e deixam tudo organizado. Na realidade, tudo é em função da cidadania (Entrevista com diretora, Salvador, BA).

4.2.4 Grupo Cultural Olodum

- 1) Nome da organização
Grupo Cultural Olodum
- 2) Data de fundação
1991
- 3) Cidade/ Estado
Salvador/ Bahia
- 4) Tipo de organização:
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Responsável: João Jorge dos Santos Rodrigues
 - b) Cargo: diretor-executivo
 - c) Telefone: (71) 322 8069
 - d) E-Mail: eco@e-net.com.br
- 6) Experiência analisada
Escola Criativa Olodum (ECO)
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
A Escola Criativa Olodum funciona no centro histórico do Pelourinho.
- 8) Origem dos recursos
Os projetos de resgate da cidadania e da cultura negra e o projeto de Capacitação Solidária são apoiados pela Prefeitura de Salvador. Os alunos da ECO – Escola Criativa Olodum são financiados pelo Grupo Cultural Olodum.
- 9) Áreas de atuação
Educação, arte, cultura afro-brasileira e profissionalização.
- 10) Objetivos
 - Preservar a cultura negra através da arte.
 - Reforçar a identidade negra nos meninos e nas meninas.
 - Complementar o ensino formal com informações que exercitem a prática da cidadania.
 - Promover a capacitação técnica profissional dos meninos e meninas pertencentes ao projeto.
- 11) Público-alvo
O público da Escola Criativa Olodum é composto por crianças e adolescentes em situação de risco social e jovens com pouca qualificação para o mercado de trabalho. A faixa etária varia entre sete e 21 anos.

12) Caracterização e histórico

O Olodum busca desenvolver, assim como outros blocos tradicionais de carnaval da Bahia (Ilê Aiyê e Filhos de Gandhi), diversificadas atividades que fortaleçam os vínculos da comunidade e de perspectiva social, investindo com particular ênfase na auto-estima e no resgate da história do povo negro. Outra modelagem comum seria a inserção dos jovens no mercado, vendendo produtos e imagens, como CDs, vídeos, camisetas e espetáculos. Tal característica extrapola o campo de arte-educação e cidadania, para o da profissionalização sem, necessariamente, limitar-se a uma cultura instrumental com vistas ao mercado.

A proposta de construção da identidade negra e a luta contra o racismo se fazem presente nas composições musicais, peças de teatro e na participação ativa do Olodum no cotidiano da comunidade, junto às entidades do movimento negro. Há algum tempo, essas propostas têm-se consubstanciado em experiências pedagógicas, no sentido de uma educação que, por meios distintos, preencha campos em aberto pela educação formal, tais como: o resgate da história dos afro-descendentes, da cultura africana e da cosmovisão do chamado “*povo de santo*”, o candomblé. São às crianças e jovens, resistências culturais e bases para a auto-estima. Nessa linha são articuladas outras entidades, como o Ilê Aiyê. O Ilê foi o primeiro grupo cultural a investir em uma educação ligada às raízes do povo negro, a partir da Escola Mãe Hilda, grande figura do candomblé na Bahia. Essa característica de uma maior investida em valores de resistência se conjuga à preocupação com a exclusão social da população negra, em particular dos jovens. O vetor profissionalizante no campo das artes e da cultura é também destacado na proposta metodológica da Escola Criativa Olodum.

O Grupo Cultural Olodum, apesar de ter sido fundado em 1979, conseguiu o seu título de reconhecimento público, somente em 1984. A idéia da Escola Criativa de fazer um trabalho voltado para o jovem, utilizando a linguagem artística, partiu do núcleo de percussão do Grupo Cultural Olodum. A ECO (Escola Criativa Olodum) foi concebida a partir do Projeto “*Rufar dos tambores*”, atendendo a uma solicitação da comunidade do Maciel/Pelourinho para formar uma banda de percussão integrada por crianças e adolescentes do bairro, visando aperfeiçoá-los na arte musical. Foi fundada em 1991 e vem funcionando com interrupções, em virtude da falta de fonte estável de financiamento. Hoje a

ECO dispõe de seis salas de aulas, oito turmas nos dois turnos, totalizando 236 alunos. A forte referência comunitária é um elemento a se destacar do depoimento seguinte:

Um grupo de homens e mulheres negras se uniram porque queriam sair no carnaval da Bahia. Começou pelo Bloco Olodum. Aí, os filhos desses homens e mulheres queriam ser percussionistas também, então monta-se o projeto chamado “Rufar dos tambores”, que foi uma solicitação da comunidade. A comunidade solicitou que fosse formada uma banda por crianças e adolescentes do bairro para que eles aprimorassem sua arte musical e conhecessem a origem do capissura. Eis que os educadores disseram que conhecer a origem do instrumento não é suficiente, propondo mesclar os conteúdos da escola formal, das disciplinas comuns, português, matemática, história, geografia e introduzir valores que norteiem esse projeto. Mas tudo começou a partir das aulas de percussão ministradas no meio da rua, lá no Pelourinho (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

13) Recursos humanos

O Grupo Cultural Olodum conta com 14 pessoas trabalhando em projetos diversos, em que cada um trabalha com a média de cinco a oito professores. A formação dos professores é bastante heterogênea, sendo que a maioria concluiu o ensino médio, e os demais profissionais possuem formação superior. Entretanto, todos têm experiência no trabalho com crianças e adolescentes na área de arte e cultura.

Alguns dos professores contratados iniciaram os trabalhos no Olodum como estagiários, e outros são ex-participantes do projeto. Todos os facilitadores são contratados, vinculados às fontes que sustentam a experiência, ou à Prefeitura que também colabora com a entidade.

Todos os contratados participam ativamente em regime de co-gestão do projeto, ou seja, todos atuam na área de captação de recursos e elaboração de projetos, no sentido de dar continuidade ao trabalho.

14) Programas e projetos em curso

Na área pedagógica e relacionado ao Projeto Escola Criativa Olodum (ECO), O Grupo Cultural Olodum desenvolve três outros

projetos: Projeto *Social do Olodum*, Projeto de *Capacitação Profissional*, Projeto de *Desenvolvimento Educacional*.

Além destes, também trabalha com o projeto de resgate da cidadania e da cultura negra apoiado pela Prefeitura, com o projeto de *Capacitação Solidária* e com o projeto da Banda Mirim direcionados a crianças.

Na Escola Criativa Olodum, são desenvolvidos cursos de fabricação de adereços, informática, dança, canto, teatro e percussão, além de se promoverem seminários e palestras educativas sobre sexualidade responsável, drogas, adolescência, meio ambiente e cultura negra.

Sempre com a preocupação de salientar a construção da identidade, ou seja, trazer à tona toda a historicidade do negro para que ele valorize a auto-estima, porque o sistema se incumbiu de não mostrar a relevância do negro, a contribuição do negro para a construção do Brasil (Entrevista com a direção, Salvador/ BA).

A área de arte-educação e cidadania, que contempla os projetos supracitados, se relaciona indiretamente com outras áreas do Olodum (banda, teatro e coral). Muitos jovens que entram para os projetos de cunho pedagógico passam a integrar a área de arte-educação como artistas. Essa possibilidade é um estímulo para os jovens, considerando o reconhecimento social do Olodum e a fama de seus espetáculos e performances. A atividade de que os jovens mais gostam é percussão, mas são oferecidas outras áreas no campo da arte, como o teatro, em que os professores em sua ação pedagógica investem em diversificar os interesses desses jovens.

No plano de espetáculos, exibição pública e atividades externas, a Escola Criativa Olodum é também bastante ativa. São comuns os desfiles, em que a Banda Mirim toca percussão. Crianças e jovens da Escola participam de palestras em outros espaços, passeios, assistem a peças de teatro, atuam e tocam em festas e manifestações de movimentos sociais. Os alunos da ECO estiveram no Encontro Latino-Americano de Estudantes de Arquitetura, Letras, Direito e participaram em palestras no SEBRAE. Esses jovens estão inseridos em programas de intercâmbio cultural, como o organizado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais/CEAO da Universidade Federal da Bahia, por exemplo. Escolas internacionais visitam a ECO, passando algum tempo na instituição, o que permite que os jovens do projeto conheçam outras culturas. A Escola Cultural Olodum organiza semi-

nários, campanhas, campeonatos de futebol e festivais de música. As atividades da Escola Criativa são desenvolvidas em dois turnos, sendo oito turmas por turno. Cada turma tem em média 40 alunos, com a duração aproximada de cinco meses.

15) Metodologia

A proposta metodológica consiste primeiramente na sedução e conquista dos jovens. O projeto não exige de seus alunos que estejam matriculados na escola formal, pois muitos meninos e meninas moradores dos bairros de baixa renda de Salvador não freqüentam a escola. No entanto, e na medida em que estão inseridos no projeto, a proposta pedagógica é utilizada no sentido de ressaltar a importância do ensino formal, no qual automaticamente muitos jovens buscam se matricular.

As atividades desenvolvidas pela Escola Criativa Olodum são baseadas na teoria construtivista, com ênfase na participação e mesclagem de conteúdo relacionado ao cotidiano e ao conhecido, com entrada subjacente da disciplina em foco:

A postura do professor não pode ser a do cara que está passando o conhecimento. Deve ser o cara que está dividindo e que, de forma estratégica e inteligente, estimula o aluno a pensar que o que ele está propondo é mais interessante. Isso é uma estratégia legal e difícil, porque você tem que ficar o tempo todo na frente deles sem que eles percebam que você está ali. Mas, como a gente quer construir cidadãos autônomos e empreendedores, a gente tem que ter uma postura que não seja autoritária, uma autoridade no mesmo nível da deles, de uma pessoa que está ali e que tem que ser respeitada. A questão pedagógica tem que ser feita de forma muito subjetiva... Eles têm que ser direcionados para o fazer artístico de forma que sintam prazer em fazer música e, ao mesmo tempo, estejam aprendendo teoria musical[...] (Grupo focal com professores, Salvador/ BA).

As inovações metodológicas estão orientadas para oferecer respostas às demandas de jovens de baixa renda e com o objetivo de fazer frente às discriminações históricas contra o povo negro, inclusive quanto ao mercado do trabalho. As aulas práticas são baseadas na troca de experiências entre os meninos e as meninas. Para subsidiar as discussões, os professores trazem para os alunos informa-

ções e leituras sobre determinados temas. Esses conteúdos são trabalhados a partir da realidade dos próprios alunos, através da improvisação de temas do cotidiano, envolvendo situações e ambientes em que vivem. Muitas vezes os alunos registram o que foi trabalhado e através de técnicas teatrais fazem apresentações para a turma. Segundo os depoimentos, mistura-se história com situações contemporâneas, dramatizando-se relações e discriminações.

O combate a violências e discriminações é pauta priorizada na ECO. Através de uma estratégia indireta, a questão da violência é abordada, insistindo no caráter positivo da “não-violência” e na solidariedade. Investe também no desejo e no prazer como forma de se atrair jovens e mesmo facilitadores e professores:

Nós problematizamos sem falar na violência. Falamos de amor, de paz, de união, de solidariedade, de como é bom estar contribuindo com o conhecimento do outro (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

16) Redes, multiplicação e parcerias

O Projeto *Capacitação Solidária* tem uma etapa, chamada “Ciência Prática”, que compreende 180 horas. Nessa etapa, ainda não realizada, a idéia será levar o trabalho do Olodum para outras entidades, levar para a rua, fazer apresentações em praça pública, em teatros e também para outros projetos, entidades escolas municipais, etc.

Está prevista a realização de atividades de iniciação em instrumentos musicais com outras entidades como o Ilê Ayê, Araketu e a Ilha. O projeto do Olodum deverá fazer intercâmbio com um projeto de confecção de adereços, o “Fantasilhas”, para que os jovens aprendam esta atividade.

A Escola Criativa do Olodum nasceu como demanda da própria comunidade onde participa ativamente, e em suas peças e músicas, é comum veicular reivindicações, denúncias e modos de vida das populações menos favorecidas financeiramente, das comunidades do Centro de Salvador, bairros periféricos e do povo negro.

O Grupo Cultural Olodum bem ilustra a plasticidade do conceito de comunidade e suas múltiplas referências. Tem-se espalhado por um amplo espaço social em Salvador, como sugere a sua participação nas atividades do dia 20 de novembro. A Escola Criativa par-

ticipa na organização da Grande Marcha Zumbi dos Palmares, nos espetáculos no Dia da Consciência Negra, com Malê de Balê, Ilê Aiyê, Olodum, Didá, e de projeto da Prefeitura na educação, Mestre Pastinha.

Com as escolas localizadas na área do Pelourinho, o projeto da Escola Criativa do Olodum tem estreito contato. Acompanha-se o desempenho escolar dos jovens, sendo requisito para estar no projeto e participar dos cursos de percussão, dança, música e computação, a apresentação de bom desempenho escolar. Por outro lado, desenvolvem-se atividades de reforço escolar, como em caligrafia e matemática. Várias mães destacam que uma das mudanças na vida dos jovens, parte do projeto, quando fazem parte do projeto, é o estímulo para melhorar seus desempenhos na escola. O projeto mantém contato com os pais dos alunos, no sentido de repassar a situação escolar dos jovens matriculados e todo seu desenvolvimento.

No momento, a ECO possui como principais parceiros: a Prefeitura Municipal e a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária – AAPCS. Tal parceria se faz por financiamento de atividades da ECO, cursos e espetáculos, como também através de licenças para apresentações em espaços públicos, como o pátio do Pelourinho. Essas atividades têm-se revertido em grande atração turística e forma de lazer e diversão para toda a população de Salvador.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

São realizadas regularmente avaliações individuais dos alunos e das atividades.

18) Problemas específicos da experiência

- Um dos problemas apontados é a relação entre o projeto e alguns financiadores que muitas vezes, ao aprovarem um financiamento, impõem certas exigências quanto ao projeto, tentando interferir, inclusive, em sua metodologia pedagógica.

A parceria é a elaboração do projeto que mandamos para os financiadores e, quando é aprovado, eles mandam a verba, e a gente pega os próprios alunos que freqüentam a escola e tentamos adequar a todas as necessidades dos financiadores, porque eles dão dinheiro, mas traçam todo um perfil do que eles que-

rem, e aí a gente tenta adequar o perfil da escola com o que o patrocinador quer, que ainda é de alguma forma europeu. Desde o conteúdo programático que ele quer que seja desenvolvido, vai ter que ser uma luta muito grande das organizações capacitadas para que os parceiros, organizações financiadoras, entendam que não é bem isso que a clientela quer (Entrevista com a direção, Salvador/BA)

- A duração dos cursos (cinco meses) é considerada curta pela família, e o fato de que o projeto feche durante o período de férias é também apontado como um problema, particularmente pelas mães que, trabalhando, preocupam-se com o fato de os filhos não terem um espaço seguro e atividades atrativas de entretenimento.

Seria bom que o governo desse verbas para esticar mais um pouquinho, porque se o nosso projeto parar agora nas férias, eu fico doída só de imaginar! Eu não quero nem imaginar como é que eu vou sair para trabalhar e deixar aquelas duas dentro de casa. Por que lá, quando uma tá na escola, a outra está aqui, uma estuda de manhã, a outra de tarde, aí elas revezam o trabalho da casa (Grupo focal com mães, Salvador/ BA).

- A falta de recursos se reflete em carências de pessoal.

Precisamos de um pedagogo, de um psicólogo e, para que se fique com um projeto mais completo, nós precisaremos de um psicopedagogo, de um odontólogo, de um médico (Entrevista com a direção, Salvador/ BA).

19) Por que é uma experiência inovadora

- A inovação do projeto está no fato de que, ao trabalhar com arte e educação, proporciona aos jovens uma nova maneira de sentir e perceber o mundo no qual estão inseridos. A arte, como a dança e música, é vista como um instrumental à cidadania e um dos elementos mais importantes no combate à violência, na medida em que permite ao jovem uma outra forma de expressão, contribuindo não só para a formação de profissionais, mas também de esportadores e cidadãos.

Temos como finalidade, complementar os conhecimentos adquiridos no sistema formal de ensino, com informações que exercitem a prática da democracia, direitos do cidadão, tomando como referência suas experiências de vida, ritmo e interesses próprios, contribuindo para a formação de valores sociais e morais que permitam uma convivência, sem discriminações, com todos os segmentos a que tenha acesso. A gente quer que o jovem negro venha a viver dignamente exercendo com competência suas habilidades. Pegamos a experiência que ele traz e tentamos dar uma forma profissional para que ele se insira no mercado de trabalho de forma competente (Entrevista com a direção, Salvador/ BA).

- A importância do projeto consiste em sua metodologia.

A empolgação vai do início ao fim de cada curso, porque eles estão fazendo o que eles gostam. Não tiramos deles o prazer de tocar, cantar e dançar. Agora, aliado a isso, damos lições de cidadania, a matemática cidadã, o português prático, a leitura necessária do dia-a-dia deles. A música do Olodum aborda temas que refletem a violência e refletem também saídas (Entrevista com a diretora, Salvador / BA).

20) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Várias foram as mudanças em termos de comportamento, surgindo novas perspectivas sobre responsabilidade e solidariedade, um melhor relacionamento com os pais, e uma melhora também nos hábitos de disciplina e horários. Além disso, foi observado um afastamento de situações de violência e drogas, diante da chamada incompatibilidade entre o desejo de ser artista e o envolvimento em tais situações. Esses jovens passam a desenvolver outra relação quanto ao corpo até então voltado para o prazer das drogas, sendo direcionado para outro pólo, como por exemplo, para o corpo-produção, o corpo-artista.

Nós temos depoimentos aqui de mães, cujos filhos corriam risco social e que, na Escola Criativa do Olodum, começaram a se ocupar de forma produtiva, mudando de comportamento. Nós temos depoimentos de uma mãe que quando chegou em casa encontrou o filho dormindo. Aí ela o acordou assustada: “o que é que você tem?”, e ele respondeu: “não, é que hoje eu fiz dança e

percussão na escola Criativa e estou cansado!”. Essa mãe chegava em casa e encontrava o filho, 11 horas, meia-noite, duas horas da manhã na rua. Aí ela chegou do trabalho e se surpreendeu de encontrar o filho dormindo. Quer dizer, é gratificante saber que um dia ele não foi para a rua graças ao trabalho que é feito aqui (Entrevista com a diretora, Salvador/ BA)

Os jovens chegam de um jeito e saem de outro. Porque a intenção não é formar somente artista, nos projetos do Olodum queremos também formar apreciadores de artes, formadores de opinião. Queremos também que essa arte venha a ajudá-los na vida, a torná-los cidadãos. Eles estão complementando o tempo que eles deveriam estar na rua aprendendo o que não deve, para vir aqui ter uma visão de cidadania através da arte. Em dois anos, tem-se a transformação de um adolescente. Com esse trabalho, eles querem desenvolver a sua bandeira. Eles saem daqui e chegam em suas casas com a preocupação de saber como estão as coisas. Então esse trabalho incentiva muito para que, mais tarde, eles possam ter visão de mundo, saber falar, conversar (Grupo focal com professores, Salvador, BA).

- Através de suas atividades, o projeto permite descobrir talentos, explorando potencialidades para o desenvolvimento artístico-cultural e cidadão. Isto, por sua vez, vem possibilitando um estímulo maior para seu desempenho escolar, qualificando-o para o mercado de trabalho.

Tenho uma filha que está aqui nesse projeto. Antes de vir aqui para o projeto, ela já estudava e eu sentia que ela tinha vontade de fazer alguma atividade. Ela gostava de cantar, dançar e foi quando eu recebi a proposta do colégio. Ela veio e eu percebi que se desenvolveu bastante com a aula de dança, de teatro, que ela gosta muito mais, de percussão e das outras coisas que têm aqui no projeto. Quando ela está em casa, ela fica imitando os cantores e atores, isso é uma coisa que é dela mesmo. Eu percebo que o que ela gosta de fazer é mesmo isso, apesar de ela estar se desenvolvendo também nos estudos. O que ela mais gosta de fazer é representar, e esse projeto possibilitou, desenvolveu isso nela e eu estou muito satisfeita (Grupo focal com mães, Salvador/ BA).

A vida das minhas filhas antes de vir para o projeto da Escola Criativa era ficar em casa assistindo televisão. Agora, tem uma que se eu chegar em casa agora eu tenho certeza que ela vai estar

sentada no chão com um pedaço de papel, que o professor daqui deu para ela consertar a caligrafia que está horrível. Quando ela não está fazendo nada, está sentada no chão treinando, porque ela disse que quando ela chegar aqui vai mostrar ao professor que está escrevendo bonito (Grupo focal com mães, Salvador/BA).

- Recentemente um jovem que esteve em um projeto do Olodum entrou para a Faculdade de Música. Vários professores e facilitadores são ex-alunos da Escola Criativa Olodum, fato considerado importante em virtude do efeito de exemplo para os novos alunos.

Minha formação começou a partir de uma oficina profissionalizante feita pelo Olodum, em 1990, daí eu comecei a desenvolver as técnicas que eu aprendi nessa oficina profissionalizante, juntando com o trabalho prático do dia-a-dia (Grupo focal com professores, Salvador/BA).

Muitos jovens que passaram pelos cursos da Escola Criativa no ano passado são chamados para participar de bandas, para fazer desfiles, para trabalhar e fazer produção de eventos, que nós fizemos ano passado. Hoje eu estou vivendo o sabor, porque eles estão ganhando 50 reais por aniversários, festas infantis que eles fazem nos bairros deles. Quer dizer, de alguma forma, contribuímos para gerar renda para esses meninos. De alguma forma estamos conseguindo que ele se insira no mercado de trabalho, autônomo, combativo, alegre e solidário (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

4.2.5 Circo Picolino

- 1) Nome da organização
Associação Picolino de Artes do Circo
- 2) Data de fundação
1985
- 3) Cidade/Estado
Salvador/BA
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Responsável: Anselmo Serrat
 - b) Cargo: Diretor
 - c) Telefone: (71) 285 0340
 - d) E-mail: circopicolino@zaz.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Bairro Pituassu
- 7) Origem dos recursos
A Escola Picolino de Artes do Circo busca o autofinanciamento através dos espetáculos nas escolas, e conta com cooperação financeira de entidades ligadas ao Governo do Estado e à prefeitura Municipal de Salvador de forma pontual (esta foi mais utilizada no início dos trabalhos, período em que se destacou a colaboração financeira do UNICEF). Do Governo do Estado, a Escola recebeu em 2000, R\$60.000,00. Atualmente uma turma está sendo formada com recursos externos.
- 8) Áreas de atuação
Arte-cultura – formação de artistas e instrutores de circo.
- 9) Objetivos
 - Formar instrutores na arte circense, jovens monitores, procedendo também o acompanhamento e o reforço escolar.
 - Relacionar o conhecimento oferecido pela escola formal com as atividades do circo e a sensação de liberdade que oferecem.
 - Oferecer possíveis perspectivas de futuro, elemento este que muitas vezes falta na família.
- 10) Público-alvo
O público-alvo é formado por adolescentes e jovens com idade entre 15 e 24 anos, em que cerca de 90% corresponde à população que vivia em situação de rua.

11) Caracterização e histórico

A Escola Picolino de Artes do Circo deu início às suas atividades em 1985, quando o curso profissionalizante surgiu como resposta a uma demanda de jovens entre 15 e 24 anos, investindo em formação circense. O projeto pedagógico foi construído em parceria com o Projeto *Axé* no que se refere a pessoal para aulas teóricas, palestras, e contou com cooperação financeira do UNICEF, constituindo esta a primeira fase do curso dividida em três etapas. O trabalho possui legitimidade social, sendo bastante conhecido na cidade de Salvador e outras comunidades periféricas.

O investimento neste momento foi desenhar estágios para a formação de artistas, mas que compreendessem também o reforço para a educação formal, como por exemplo na alfabetização. A Escola Picolino de Artes do Circo surgiu como segunda fase, baseada em recursos próprios durante o período de seis meses, junto com a colaboração da Prefeitura Municipal de Salvador.

Os cursos foram pensados, a princípio, de forma acadêmica, através de currículos distribuídos por horas/aulas com o circuito de 20 palestras. A avaliação desse procedimento levou a direção a abandonar este formato, considerando que a clientela juvenil não estava acostumada com tal regime.

A coordenação passou a denominar a escola de Cidade Picolino, a partir de uma tendência entre os jovens de passar grande parte do seu tempo, por vontade própria, na experiência. Está em fase de implantação um curso supletivo de segundo grau, adaptado às condições dos jovens que tendem a viajar quando se tornam artistas. O circo é considerado o embrião do projeto Cidade Picolino.

12) Recursos humanos

Alguns funcionários possuem formação artística, outros em psicologia e pedagogia. A Escola conta hoje com um grupo permanente que coordena as atividades de circo. Para a área de educação e circo, dispõe de com funcionários em tempo integral. Conta também com uma psicopedagoga em tempo parcial, professores com experiência em artes, primeiros socorros e educação física, e trabalhos com prestação de serviços, recorrendo também a palestrantes. No que se refere às artes circenses, o projeto conta com um mestre de circo, com 25 anos de experiência na área. A coordenação peda-

gógica da escola é feita por uma psicóloga que também tem formação em dança e que deu início ao trabalho de profissionalização dos jovens. Os instrutores são ex-integrantes da Companhia do Circo Picolino, trabalham como artistas e possuem carteira assinada. Não há recorrência a trabalho voluntário por parte da companhia.

Não existe uma seleção formal para a equipe básica através dos núcleos temáticos. Há os que chegam para estágio e que se envolvem intensamente com o projeto, vinculando-se de forma mais permanente. A Escola Picolino de Artes do Circo é uma experiência que forma seu próprio quadro de jovens instrutores durante todo o processo.

13) Programas e projetos em curso

A Escola Picolino de Artes do Circo desenvolve cursos com aulas práticas e teóricas, em arte circense; cursos de profissionalização em outras áreas, como para o exercício de atividades de comércio ligadas ao atendimento ao público e para lidar com o almoxarifado. Também oferece cursos em formações específicas relacionadas ao mundo de espetáculos, como por exemplo, figurinista. As atividades são estruturadas por módulos específicos como dança, música e arte circense, somando quatro módulos num total de dois anos, sendo que cada um tem duração de seis meses aproximadamente.

14) Metodologia

A metodologia implementada pela Escola Picolino de Artes do Circo propõe combinar a aprendizagem de conteúdos artísticos com alfabetização, assim como a aprendizagem da escola formal a partir do universo cognitivo de jovens em situações de exclusão social. Utiliza-se de uma formação básica que se refere à tentativa de diminuir a defasagem que os jovens têm na formação básica, aliada à questão de cidadania. Outra linha adotada é aliar técnica, à teoria e informações específicas sobre arte, cultura, história do circo, fisiologia etc. Quando existe a necessidade de temas específicos, recorre-se a especialistas. Também faz parte da proposta metodológica um trabalho psicopedagógico que abrange as dificuldades de aprendizagem, visando ao estímulo individual e à produção coletiva. Durante todo o tempo são trabalhadas formas variadas de linguagem, como por exemplo a combinação de uma peça teatral, um mural plástico, e um texto onde os jovens organizaram um dicionário de circo.

Vem-se investindo em “empregabilidade”, através da concessão de estágio aos jovens no Circo, no almoxarifado, como auxiliar da coordenação, secretaria e marcenaria. A Escola Picolino de Artes do Circo investe na formação de instrutores de arte circense e na produção de espetáculos.

São desenvolvidos cursos em áreas específicas de integração do ensino formal e especializado, e temas de cidadania com a preparação de espetáculos. Também há o investimento em jovens que serão os instrutores das turmas seguintes. As bolsas são concedidas aos alunos como ajuda para transporte e alimentação no Programa.

Utilizando o método Paulo Freire, iniciou-se um trabalho próprio, recorrendo ao universo cotidiano desse público, através da assessoria de especialistas em psicopedagogia voltada para um público especial em situação de exclusão social, sem socialização e com ambiente e histórico escolar precários.

É realizado o acompanhamento do desempenho escolar. De uma maneira geral, o Circo é considerado como uma família, onde existe o compartilhamento do que se passa em outros espaços.

15) Redes, multiplicação parcerias

São estabelecidas parcerias pontuais com a Prefeitura, atendendo também crianças e jovens. O trabalho tem muita visibilidade na cidade e na mídia. As apresentações dos espetáculos acontecem regularmente e dependem essencialmente das parcerias. A Companhia do Circo Picolino faz parte da vida da cidade, e está presente em comemorações e atividades públicas.

O trabalho de parceria feito junto às famílias é de extrema importância para todo o processo. Quando determinada criança está com problemas, os pais são convocados para participarem do trabalho que é feito junto à família.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Não existe um sistema de avaliação formal. Segundo animadores, a avaliação é feita no processo de desenvolvimento das atividades. A Escola Picolino de Artes do Circo recebe crianças e jovens de outros projetos congêneres e recorre a eles para realização de palestras. Nesse sentido, se relaciona com organizações como o Projeto *Axé* e o *Ágata Esmeralda*.

Pontualmente são estabelecidas parcerias para a apresentação de espetáculos em outras entidades, e também para atender áreas específicas, para a formação orientada pelo Circo, como por exemplo, a parceria com o grupo ambientalista Gambá sobre educação ambiental.

17) Problemas específicos da experiência

- A falta de recursos para garantir condições (como equipamentos e tempo adequados) é um dos principais problemas enfrentados pela instituição. A escola paga pelo espaço onde está montado o Circo e local dos cursos.
- O afastamento repentino dos profissionais atrapalha a qualidade dos trabalhos. Houve, por exemplo, o caso de um profissional que se afastou por três meses, mas voltou posteriormente, especialmente por seu trabalho ser considerado por seus pares de extrema importância para a instituição.
- A instituição sente falta também de apoio institucional da área governamental e do setor privado.

18) Por que uma experiência inovadora?

- A experiência desenvolvida pela Escola Picolino de Artes do Circo conseguiu despertar o interesse de outras prefeituras em replicar a experiência, a partir do reconhecimento do sucesso do trabalho. O Circo vem recebendo visitantes de vários estados, interessados em desenvolver a experiência.

Não existe outra experiência como o Circo Picolino voltada para a formação integral de jovens em situação de risco. Essa coragem de arriscar e divertir exige uma determinação, não é algo oficial, então exige coragem. Outros centros estão vindo para ver como estamos fazendo, a partir de experiências que fizemos de uma formação profissional para jovens que vivessem em situação de risco. Já é a segunda geração, e os meninos que estão aprendendo passam por instrutores formados no Circo. O projeto se multiplica (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

- Os trabalhos realizados pela Escola Picolino de Artes do Circo têm o poder de mexer com todo o processo de formação cultural dos jovens. Têm também conseguido proporcionar espaços

alternativos de lazer para os jovens. A escola é considerada legítima na sociedade de Salvador que reconhece o desenho de seus espetáculos na divulgação de mensagens de cultura de paz.

- É construída uma identidade bastante forte, um sentimento de pertencimento para com a Companhia Circo Picolino, que é vista como um espaço alternativo aos ambientes de violência, inclusive pelo ritmo de atividade e demandas.

A gente mora aqui dentro, quando chega em casa só dá tempo para tomar banho e ir para a escola (Grupo focal com jovens, Salvador/ BA).

Eu consigo me ver diferente de vários colegas meus que estão na rua, sujos, fumando maconha e, se eu não achasse o projeto, eu estava na rua até hoje. Eu aprendi a viver, a ter amor (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

- O projeto tem propiciado oportunidades para se descobrir talentos, explorando potencialidades para o desenvolvimento artístico-cultural e cidadão.

O projeto dá às crianças e aos jovens outro espaço de vida e por isso é diferente (Grupo focal com técnicos, Salvador/BA).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- De uma maneira geral, os efeitos da experiência nos jovens têm-se evidenciado em vários aspectos, especialmente na construção de uma nova percepção sobre seu lugar no mundo, como por exemplo, uma visível mudança em termos de comportamento, sendo que muitos deles vêm-se afastando de comportamentos violentos.

Os jovens no Circo já trabalharam em sinaleira, todos eles venderam algum jornal, alguns roubaram, alguns foram presos. Hoje, algum deles já têm família constituída, têm casa própria (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

- Para a família o projeto é reconhecido pela sua importância na vida dos jovens, os resultados são visíveis.

O trabalho é excelente, pois a gente vê o resultado, é excelente! O dia-a-dia é puxado. A dedicação dos jovens é exclusiva e eles estão aí, continuam. O resultado final é maravilhoso! (Entrevista com familiares, Salvador/BA).

- Também tornou-se evidente a transformação na auto-estima e na convivência social desses meninos. Hoje, muitos sentem que conseguem se comunicar melhor, e a partir disso construir melhores relações.

Cada um deles mora em um bairro pobre, tem convivência com outros jovens, tem convivência com a comunidade, e eles transmitem esse conhecimento deles dentro dessa comunidade que eles vivem, então eles acabam interferindo na comunidade, não transformando, mas discutindo a seriedade da vida, discutindo a importância da organização da sua rua por exemplo: eles têm orgulho, muitos deles, da rua ser a melhor do bairro, e eles moram em bairros pobres, proletário e a casa deles é a mais organizada, e isso influencia a comunidade, então eles têm consciência disso, eles têm essa consciência da melhoria de suas vidas, e de que eles podem estar melhorando a situação de outros que são instrutores, e eles influenciam a sua comunidade com suas ações, ainda que eles não tenham ações diretas. Essa é a principal fossa deles (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

A comunicação. Chegar para a pessoa e falar o que eu sinto, com meus irmãos, com minha mãe, meu pai. Eu mudei e mudei muito nesse sentido. Eu tive uma mudança fantástica, na forma de me expressar no meio das pessoas, a forma de relacionar com as pessoas, a agressividade... eu com certeza mudei (Grupo focal com jovens, Salvador/BA).

O Circo acompanhou ela a vida toda. O que mais acrescentou nela foi a socialização, de se sentir mais à vontade com as outras crianças, de fazer novas amizades. Acho que no circo ela se sentiu mais segura (Entrevista com familiares, Salvador/BA)

- Os jovens construíram uma nova percepção de sua realidade social, passando a atuar de forma incisiva, com responsabilidade, para obter mais possibilidades de inserção.

É perceptível a mudança da relação deles com outros jovens no dia-a-dia e o poder de organização que eles têm hoje. Eles organizam projetos envolvendo 40, 50 crianças, eles dirigem esses trabalhos; e o principal, hoje eles têm uma consciência muito grande da importância deles para o desenvolvimento do próprio país, quer dizer que a partir da formação, eles sabem que eles estão trabalhando na transformação do país, eles se sentem verdadeiros dirigentes, em defesa dos seus irmãos, em defesa do seu povo, em defesa da sua cultura (Entrevista com a direção, Salvador/BA).

- Para a família, muitos efeitos tornam-se visíveis, especialmente quanto à relação de responsabilidade. Frisam pais e educadores que os jovens e as crianças vinculados ao Circo passam a dar mais importância aos estudos e procuram orientação para as dificuldades escolares e de relacionamento na escola. O Circo tem como requisito de permanência que tanto o público-aluno como o público-instrutor esteja vinculado à escola.

Na escola, ela melhorou 100%, porque o Circo acompanha a escola. Ela mudou 100% porque ela disse que sem o circo, ela não é nada e ela não quer sair do Circo (Entrevista com familiares, Salvador/BA).

4.3 Ceará

4.3.1 Associação Curumins

- 1) Nome da organização
Associação Curumins
- 2) Data de fundação
1986
- 3) Cidade/Estado
Fortaleza/CE
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental (ONG)
- 5) Contato
 - a) Nome: Raimundo Coelho de Almeida Filho
 - b) Cargo: coordenador
 - c) E-mail: curumins@fortalnet.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Centro de Educação e Profissionalização, localizado no Bairro do Mucuripe, em Fortaleza e na Unidade de Moradia Intermitente: Sítio Nova Vida, localizado em Lagoa de Souza, a 74km de Fortaleza.
- 7) Origem dos recursos
A maior parte do recursos financeiros recebidos são da Terre des Hommes – Lausanne.
- 8) Áreas de atuação
Educação e arte – atendimento a crianças e jovens em situação de rua.
- 9) Objetivos
 - Possibilitar a saída da rua de crianças/adolescentes em situações de risco (social, pessoal, rua)
 - Prevenir a passagem para a rua de irmãos e irmãs de jovens em situação de risco
 - Permitir a reinserção positiva na sociedade (na escola, na família, no mercado de trabalho).
- 10) Público-alvo
O público-alvo do projeto é formado de crianças e adolescentes, de seis a 18 anos, em situação de risco (drogas, gangues, exploração sexual), a maioria frequentadores de regiões populosas de Fortaleza como os bairros do Serviluz, Beira-Mar, Mucuripe, Praia do Futuro I e II, Vicente Pizon, Castelo Encantado e Centro.

11) Caracterização e histórico

A Associação Curumins é uma entidade não-governamental, sem fins lucrativos, que foi criada com o objetivo de atender e possibilitar a saída de crianças e adolescentes das ruas de Fortaleza. Seu público-alvo é formado por crianças e adolescentes que freqüentam a orla marítima e que estão sujeitos à exploração sexual, ao trabalho infantil e serem envolvidos com drogas e gangues.

O trabalho teve início em 1986 com a Terre des Hommes, uma instituição internacional que tem como principal objetivo apoiar projetos em países em desenvolvimento. Em 1996, o projeto deixou de ser vinculado a Terre des Hommes e constituiu-se como organização local (de acordo com os princípios estabelecidos pela instituição financiadora). A nova organização adota o nome de Associação Curumins e passa a estabelecer parcerias locais, mas ainda conta com o apoio da Terre des Hommes.

12) Recursos humanos

A formação da equipe é variada e multidisciplinar. Conta com pedagogos, psicólogos, enfermeira, administrador de empresas, engenheiro e economista. Além destes profissionais, uma das educadoras de rua é uma jovem que já foi uma criança em situação de rua e que freqüentava a Associação Curumins. Trabalham no projeto alguns estagiários do curso de pedagogia da Universidade de Fortaleza.

Todos que trabalham na entidade já possuíam experiência prévia no trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua.

Os educadores recebem uma capacitação específica para atuarem no projeto. Segundo os coordenadores da entidade: *O educador deve sentir o menino, ver se ele está receptivo*. Esta preocupação, comum em muitas entidades que trabalham com jovens em situação de rua, é parte da metodologia de “namoro pedagógico” entre a instituição e o jovem (pedagogia usada pelo Projeto Axé, em Salvador).

Durante o processo de seleção, é feito um acompanhamento dos coordenadores da entidade com o candidato à vaga de educador. Além disto, os funcionários são capacitados para lidarem com problemas como drogas, DST/AIDS e sexualidade.

13) Programas e projetos em curso.

Alicerces do Futuro: Este projeto oferece aos jovens em situação de rua e risco uma oportunidade de futuro através da profissionalização e qualificação profissional na área da Construção Civil. O curso é oferecido em oficinas educativas que ensinam a técnica de trabalho (prática e teórica) aliada à formação de uma consciência cidadã. O projeto é desenvolvido com apoio de parceiros.

Sítio Nova Vida: O Sítio Nova Vida é um centro de reabilitação para abrigar meninos de seis a 14 anos, vítimas de violência (drogas, gangues, exploração sexual), por um período de seis a nove meses com a finalidade de contribuir no processo de socialização destes jovens e reconstrução de vínculos familiares. No sítio, os jovens revivem a experiência de uma convivência familiar sob orientação de educadores e psicólogos.

Banda de Lata de Todas as Cores: Este projeto desenvolve a música percussiva com crianças e jovens de sete a 14 anos de ambos os sexos. Segundo os coordenadores, a banda “*desperta no jovem a capacidade de criar e valorizar-se através da arte e reconhecer nela um instrumento de transformação humana*”.

Coral para vida: O Coral é formado por crianças e adolescentes de sete a 11 anos, para os meninos, e de sete a 14, para as meninas. Além de utilizar o canto, o coral promove o convívio grupal e dá oportunidade para que os jovens desenvolvam sua sensibilidade.

14) Metodologia

Para retirar as crianças e adolescentes da rua, o instrumento pedagógico utilizado pela equipe de educadores da entidade é o “namoro pedagógico”. Esse processo é ilustrado na fala do diretor da Associação Curumins:

Um chavão colocado é o namoro pedagógico, que a gente procura fazer com os meninos, de chegar até que eles se sintam à vontade para conversar com os educadores, que isso é uma evolução, até que eles se sintam interessados em vir conhecer aqui o nosso trabalho. Então, é um processo de chegar, conversar, se aproximar, sem nenhuma maior formalidade, para que o menino não sinta essa formalidade (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

Essa abordagem é baseada na confiança. Esta deve ser desenvolvida entre educador e jovem em situação de rua.

A partir do momento que é estabelecido esse contato, essa confiança, esse vínculo com eles, aí então os educadores apresentam, convidam para conhecer o projeto. No primeiro momento, eles vêm mesmo, é uma visita, um convite mesmo como a gente faz. Então eles vêm aqui, a gente apresenta e aí a partir dessas oficinas é que mantêm... (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

Os meninos que estão há menos tempo em situação de rua e os que habitam a periferia das cidades estão mais abertos à atuação do educador de rua do que os que moram no Centro:

Quando a gente vai num bairro desses mais afastados do Centro, o menino que está numa situação de rua tem uma maior permeabilidade, se eu posso dizer assim, para o educador. Ele tem uma maior aceitação para o trabalho do educador. Ele se aproxima mais, ele escuta mais, ele é mais aberto do que aquele que está numa situação já de maior tempo na rua. Então é uma coisa, no caso de analisarmos um gráfico sobre esse tema, podemos observar que quanto mais tempo na rua, mais resistente ele é a nossa abordagem. Quanto maior a resistência, maior vai ser o nosso trabalho de desenvolver estratégias (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

Na Associação Curumins, a aproximação entre a criança em situação de rua e a família é feita de forma gradual. Segundo os coordenadores, é necessário conhecer primeiro a história da criança e concomitantemente a de sua família, para depois iniciar o processo de reaproximação entre as partes.

No relato a seguir, um educador da Curumins descreve o chamado “Sistema criança/rua”, que é o instrumento pedagógico utilizado para promover o retorno do jovem ao seu lar:

O maior trampolim de ação da Curumins hoje, que é o chamado “sistema criança/rua”. Nós temos uma equipe de educadores que, dentro de uma metodologia de trabalho com essas crianças, chega junto a essa criança na rua, compreende e entende todo o processo daquela criança lá na rua e procura a partir desse trabalho inicial instigá-la a perguntar, a se questionar, ela própria, crian-

ça, porque que está na rua e por que não está com a família e por que ela não começa a fazer um trabalho de reaproximação. [...] E a partir desse conhecimento da criança, nos seus diversos aspectos, ela compreende aquela criança e procura resgatá-la. Ela é trazida para cá e aqui começa todo um processo de socialização e reaproximação familiar (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

Um outro instrumento utilizado no trabalho com os jovens é a socialização. Esta consiste em oferecer atividades aos jovens para que, aos poucos, eles sejam reintegrados em suas famílias, na escola e na comunidade. Na socialização, são oferecidas atividades lúdicas, como por exemplo: “*uma oficina de confecção e manipulação de bonecos. Os bonecos são instrumentos pedagógicos utilizados nesse processo de rua e processo de socialização*”. (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

A arte, a educação, o esporte e a cultura funcionam como contraponto a uma situação existencial de violência para os jovens. Esses elementos aparecem no trabalho da entidade durante a realização de oficinas pedagógicas, como podemos notar no relato seguinte:

É berimbau, atabaque, pandeiro e quando está ali a roda pronta é que o educador começa a chegar e puxa um dado e um outro fica ouvindo, registrando na ficha, a ficha sistêmica, e o oficinheiro, que é o responsável pelo trabalho, fica lá mobilizando, animando e a gente consegue fazer o trabalho por aí. Então essas estratégias têm que haver (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

Para acompanhamento dos jovens é utilizada uma “ficha sistêmica” onde é registrada toda sua história dentro da instituição: a primeira abordagem do educador, as primeiras conversas, os cursos de que ele participou, as visitas à família etc. Este é o principal instrumento utilizado pela Associação Curumins para acompanhar o desenvolvimento do jovem e, por conseguinte, seu retorno ao lar.

No depoimento a seguir, o diretor da Curumins fala sobre a ficha sistêmica e sua utilidade para o trabalho com os jovens.

Temos um instrumento que é chamado “ficha sistêmica”, onde nós procuramos desenvolver uma leitura da situação de vida que aquele menino está apresentando, então há uma observação por parte do educador na rua. Ele observa, ele ouve e ele conversa

com esse menino. O resultado desse trabalho de observação, de escuta e conversa, é registrado nessa ficha, que é o que a gente chama de ficha sistêmica, onde a gente busca fazer uma interligação do que foi apresentado pelo garoto e aqui é feito, com esta ficha, um contínuo acompanhamento dela, uma contínua reformulação. À medida que os meninos apresentam novos dados, a gente observa novas situações. Quando o garoto entra no processo da Associação Curumins, essa ficha é complementada, atualizada e a gente passa para um trabalho para procurar engajá-lo em atividade de uma maior rotina, que ainda é um processo que a gente divide hoje com um grupo de trabalho. A história dele é sempre colocada nessa ficha (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

Já segundo os funcionários, a ficha permite fazer um “mapeamento” a respeito da criança ou jovem que é trabalhado, constando da ficha elementos como dinâmica, desenvolvimento, vivência em grupo, permitindo conhecer melhor a criança e tentando construir com ela um projeto de vida. Ou seja, é através da história da criança ou adolescente que os educadores da instituição conseguem uma intervenção positiva, garantindo a reinserção deles na sociedade.

As atividades são iniciadas com o contato direto com a criança e adolescentes nas áreas de permanência desses. Como forma de aproximação do público, levam-se brinquedos, jogos pedagógicos e outros materiais que atraíam os jovens. A alimentação em locais estratégicos na rua é também utilizada como outra forma de aproximação. Após adquirir a confiança da criança e adolescentes, estes são convidados para participarem de atividades na sede da Associação e depois eram mantidos contatos com os familiares destes meninos e meninas.

Segundo o relato de um dos educadores, as atividades são desenvolvidas de forma participativa, ou seja, ouvindo os jovens e incrementando o projeto conforme as demandas por eles apresentadas, surgindo a questão da profissionalização como uma necessidade:

Isso é o processo todo de construção do projeto, então todo o projeto foi construído a partir das necessidades dos meninos. Então nós iniciamos com a abordagem de rua, alimentação, recreação, daí foi visto que precisariam abrigos, foi surgindo o abrigo, do abrigo foi visto que depois de uma certa idade para onde esses meninos iriam. O que eles fariam, teriam que ter uma profissão,

então daí surgiu a profissionalização. Sempre vendo a necessidade deles. Para responder a uma demanda que eles apresentavam (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

Apesar de a entidade oferecer cursos de iniciação profissional aos adolescentes, não é possível garantir uma inserção segura no mercado de trabalho, mas considera-se a possibilidade de os jovens estabelecerem-se como autônomos.

Tem a socialização, com o adolescente principalmente do período da tarde, é a preparação para a profissionalização e tem a profissionalização específica para adolescentes, que hoje é 16 anos [...] e dentro dessa profissionalização, então, também promovemos, uma vez ao mês, um dia de integração, que aí participam todos, crianças, adolescentes, funcionários, todos juntos, justamente buscando dar esse sentido do conhecimento do todo e de lazer, porque é um dia mais de lazer (Grupo focal com funcionários/animadores, misto, Fortaleza/CE).

As atividades estão delimitadas conforme objetivos específicos de cada etapa do trabalho. A primeira etapa é desenvolvida com os educadores sociais nas ruas com atividades lúdicas, desportivas e culturais. Com o tempo, este grupo é convidado para as atividades de socialização, em que as regras serão determinadas. A socialização, como é chamada pela Associação Curumins, é realizada em um prédio situado perto da orla marítima. Nesta etapa, as crianças contatadas nas ruas compartilham atividades com as do bairro, sem diferenciação. O início das atividades é pontualmente às 7h 30 da manhã, com 15 minutos de tolerância. Esta já exige uma atitude disciplinada do jovem quanto à pontualidade. Prática dos adolescentes.

A instituição ensina aos jovens noções de higiene, enquanto as crianças da comunidade já chegam de banho tomado, as que chegam da rua tomam banho na sede, antes de iniciar suas atividades. Lá elas ficam por meio período recebendo duas refeições diárias (café da manhã e almoço ou lanche e jantar). Na socialização elas permanecem por sete meses.

Para cada turno de trabalho da Associação Curumins, existe um grupo diferente de crianças e jovens que frequentam as atividades. Na parte da manhã, é comum a presença dos que ainda estão em situação de rua. Já na parte da tarde, é o grupo que já iniciou o processo de retorno ao lar, mas que ainda mantém momentos esporádicos na rua.

Para cada um dos grupos, são desenvolvidas atividades específicas.

Por falta de recursos financeiros não é feito um acompanhamento sistematizado dos jovens depois que eles abandonam o projeto. Mas a organização oferece algumas atividades para ex-integrantes e também observa diariamente as crianças e adolescentes que estão na rua.

15) Redes, multiplicação e parcerias

A Associação Curumins reconhece a importância da troca de experiências entre as organizações que trabalham com crianças e jovens em situação de rua. E até mais além, a Curumins apóia a criação de uma rede de atendimento entre instituições congêneres para que estas possam prestar um atendimento integrado aos jovens que se encontram em situação de rua. Por exemplo, se não é possível promover o retorno do jovem para a sua família, ele é encaminhado para um abrigo ou outra instituição que possa dar a ele um lugar onde passar a noite.

A gente também tem essa preocupação, a gente não pode trabalhar sozinho. Não tem como a gente dar conta. A gente precisa ajudar, a gente precisa se juntar. Tem tantas instituições em Fortaleza, que trabalham com crianças nessa situação. Então vamos nos juntar, sentar aqui na mesa, vamos ver o que a gente está fazendo realmente. Para a gente poder dar mais passos. Então essa também é uma preocupação nossa, não só fazer o nosso trabalho bom, aqui internamente, com as crianças e tudo, ótimo, mas ter essa atuação também na assistência lá fora. Porque senão o trabalho fica isolado, fica uma coisa assim meio que “tenho que resolver o problema” dos meus meninos, dos meninos da Curumins, você resolve o problema dos meninos não sei de onde. Só isso (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

Algumas parcerias são feitas para a realização de determinadas atividades ou cursos de capacitação. Os coordenadores da entidade relataram que já ofereceram cursos de costura, panificação, moda, turismo e inglês e existem projetos elaborados para os cursos de garçom e turismo.

A Curumins estabelece esses contatos com o objetivo de garantir um processo de qualificação profissional e até de formação mesmo, porque a gente sabe que esses adolescentes desenvolvem um

trabalho nas ruas, mas sem uma qualificação (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

Junto a outras sete instituições, governamentais e não-governamentais, a Associação Curumins compõe a Equipe Interinstitucional (conjunto de organizações governamentais e não-governamentais que atuam na área da criança e do adolescente em situação de rua na cidade de Fortaleza) / Núcleo de Articulação (ramificação da equipe interinstitucional que trabalha principalmente sobre a forma de abordagem de rua, sendo composto por educadores sociais). Este tem como objetivo estabelecer a articulação necessária para a elaboração e execução de ações pela garantia do cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes. A coordenação desta articulação obedece a um sistema de rodízio anual. Neste núcleo é feita a troca de informações, o desenvolvimento de um trabalho conjunto de colônia de férias, a criação de uma associação e de um curso para educadores sociais. Das conquistas alcançadas a partir do Núcleo, a força de organização dos grupos talvez tenha sido mais relevante.

É importantíssimo para a instituição o trabalho com a família dos jovens pois, se busca a reintegração deste com a família.

A forma mesmo [de trabalho com os pais], a metodologia é bem mais intensa, porque antes era em forma de visita, fazer o contato e encaminhar. Hoje tem o contato, tem o encaminhamento e tem o trabalho interior com a roda de conversa, uma estrutura que não é terapêutica, porque é formada por educadores, mas é de escuta. Então nisso já está se identificando (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

Já existe uma tentativa de replicar a experiência da Associação Curumins. Através da parceria com a Terre des Hommes, busca-se implantar o “Sistema criança/rua” na cidade de São Luís no Maranhão, junto a 30 organização não-governamentais e duas governamentais.

Entre os principais parceiros da Associação Curumins, citam-se: Senac, Senai, UNICEF, Terre Des Hommes (Suíça), Secretaria do Trabalho e Ação Social, Fortalnet, Pastoral do Menor, Fundação da Criança e da Família e Cidadã, BID, Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Fortaleza, Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Ceará e Congregação das Irmãs Servas da Caridade.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

A Associação Curumins participa de um projeto de fortalecimento institucional das atividades através de uma parceria com o governo suíço, onde são feitas auditorias trimestrais (contábil e processo). Além disso, é feito um acompanhamento do processo pedagógico que é realizado pela Fondation Terre des Hommes.

Em muitos momentos, os técnicos e o diretor da Associação Curumins relatam a importância de incrementar as atividades e os projetos para aperfeiçoar a execução destes. Segundo eles, é a partir da avaliação que se constroem elementos que subsidiam o juízo acerca da atuação e dos processos envolvidos no trabalho. Nos relatos a seguir, os informantes falam a respeito da avaliação dentro da entidade.

Tem avaliação contínua, porque vem dentro do pedido, do relatório, da ficha dos meninos, teria avaliação mensal, que é feita trimestral e anual, sempre senta a equipe toda, é um momento que avalia e redireciona a ação (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

E dentro do processo qualitativo, se vê o seguinte: que essas metas, essas avaliações que se dão a partir de um planejamento que é feito por núcleo, em cima de um tema, que esse tema é trabalhado, é dentro dos núcleos, ou seja, família, criança, é dada oficina para todos trabalhar ao mesmo tempo, aí sim parte-se para uma avaliação, também é interessante por isso, o que a família viu a criança vê em relação ao tema, não fica um negócio solto (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

17) Problemas específicos da experiência

As crianças e jovens atendidos pela Associação Curumins vivem em seu cotidiano os efeitos da pobreza e da exclusão social. Além disto, muitas vezes são vítimas de violência e maus-tratos e quase todos fugiram de suas famílias. Este quadro revela o quão difícil é a intervenção da instituição sobre um jovem nesta situação. Sendo assim, a própria situação dos jovens é um dos maiores problemas para o trabalho da entidade.

- Os educadores relatam que precisam estabelecer alianças estratégicas com as figuras da rua para conseguir chegar aos jovens. Eles citam as figuras do pai e da mãe de rua, como exemplos:

O pai de rua, que é aquele adulto que explora financeiramente, às vezes sexualmente, o próprio adolescente, a própria criança. Então é um complicador a mais. Você já tem que construir um processo de uma aliança a nível tático, para que ele lhe deixe trabalhar, lhe deixe chegar e não haja um conflito direto. Então essas diversas circunstâncias que possam acontecer nos fazem cada vez mais ter uma adequação (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

- As crianças e jovens que são os potenciais beneficiários do projeto habitam áreas onde o tráfico de drogas e a violência são questões comuns em seus cotidianos.

Meus vizinhos estão ricos com esse negócio de drogas, eles têm dinheiro no banco, celular, têm um monte de irmãos que nem sequer tinham dez centavos no bolso, agora têm dinheiro no banco, têm celular, têm é tudo (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Mesmo dentro da própria família, as crianças e os jovens sofrem com violência e abusos: *Quer dizer, é a própria família, às vezes, que manda pedir esmola, então esse projeto ajuda muito, orienta, recupera essas crianças. E criança na esquina aprende tudo o que não presta.*

- A violência doméstica é uma das maiores causas para que o jovem abandone seu lar:

O meu filho vendia bombom para ajudar. Eu não tenho marido, meu marido morreu. Ele me ajudava vendendo bombom e quando eu pensei que não, ele estava cheirando cola. Depois eu bati nele, bati muito e ele afastou-se, saiu de dentro de casa por uma semana, depois ficou triste o dia todinho, só triste. Tomou banho, porque ele é muito limpo. Só triste vendo TV. Botei o almoço e ele não quis. “O que está acontecendo?” Ele calado. Então quando foi umas horas, saiu e passou oito dias. Só faltei ficar doída, perdi até meu emprego. Sai procurando, então ele foi almoçar lá [Associação Curumins], parece que ele se envolveu ali, não é? Foi almoçar, gostou e ficou dormindo. Quando eu fui buscar, ele se escondia de mim, corria com medo de eu levar ele para casa” (Grupo focal com mães/responsáveis, Fortaleza/CE).

- Quando efetivamente vão para a rua, as crianças e os jovens vivenciam uma situação muito cruel de abandono e exclusão social.

A rua, segundo a percepção das mães, é o lugar onde o jovem passa a ter contato com a droga e com a prostituição.

O meu muito novinho ficou sem pai, porque eu fiquei viúva, não é? Então, eu passei muita coisa por cima da outra, porque eu tinha muitos meninos pequenininhos, na época eu comecei a deixar minha casa para trabalhar. Então ele e o maior que era o [...] começaram a sair para rua. Ia para rua, pedía, limpava carros, sabe aqueles meninos na rua no sinal, para ganhar trocado. Ele se juntou com pessoas que não era para se juntar, quando eu vi chegar em mim, que a mãe é a última a saber, ele já estava muito viciado em droga. Quando foi para eu tirar, não tinha mais jeito (Grupo focal com mães/responsáveis, Fortaleza/CE).

- Além dos problemas com os jovens, a instituição enfrenta dificuldades com a falta de recursos e alguns problemas quanto à gestão dos projetos.

Os educadores reconhecem que as atividades devem ser programadas de forma a despertar o interesse do jovem. Muitas vezes, quando o jovem encontra-se em um processo de rua muito longo, é difícil para ele se adaptar dentro de alguma rotina ou estrutura rígida.

Às vezes, chega aqui um jovem que já fez sete cursos e ainda não se encontrou. Falha onde, na formação humana. Na formação humana, na questão chamada profissional, nós temos que saber se aquele jovem está fazendo isso porque quer ou não. Eu estou gastando cartucho à toa, estou enganando aquele jovem também. Então, primeira coisa, a gente escuta, quero saber o que que ele quer (Grupo Focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

- A disciplina exigida pelo projeto para certas atividades é relatada pelos educadores como um obstáculo para a integração de alguns jovens.

O que eles têm mais dificuldade é a questão das normas. O horário, o banho, sentar, estar na roda, respeitar o colega que está falando. Então, regras do dia-a-dia, que para a gente é a coisa mais natural do mundo, eu estou falando, você está me ouvindo, para eles isso não é natural (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

18) Por que uma experiência inovadora?

Todos os informantes pesquisados fazem uma avaliação positiva do projeto. Segundo eles, o projeto possui uma série de facilidades estratégicas que contribuem para o desenvolvimento das atividades.

- No relato a seguir, o diretor mostra uma visão pragmática a respeito do trabalho da entidade. Apesar de reconhecer alguns casos de insucesso, ele diz que o trabalho é bem-sucedido, dentro de suas metas de atuação.

A gente sabe realmente que temos casos de insucesso, mas o sucesso que hoje a gente já conseguiu, as vitórias estão aí, nos meninos que conseguiram vencer esse processo de rua e estão aí hoje retornando às famílias, estão hoje, com profissão e estão bem ou mesmo se não conseguiram chegar nesse nível e tal, não estão trabalhando, mas o fato de estar retornando à escola, de estar retornando às famílias, já nos dá essa garantia (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

- Os próprios jovens, que já passaram por outros projetos, fazem uma avaliação muito positiva do Curumins. Segundo eles, por ser um projeto não-governamental, até a comida é melhor, as atividades são melhores etc.

Porque lá [no outro projeto] os educadores lá eles eram ruins, qualquer coisinha eles expulsavam, a merenda era ruim, não tinha muita brincadeira, a gente morava mas era trancado lá e tinha esse negócio de reforço escolar que eu odeio, dever, e aqui não, aqui [no Curumins] já tem assim, tem coisas que agradem a gente como capoeira e teatro (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Em nenhum desses projetos que eu fiquei eu gostei, porque lá tudo era do governo e aqui nem do governo não é, lá era pra ter uma coisa melhor que aqui, lá era pior, as merendas de lá a gente comia, a gente passava era mal de tão ruim que era e lá não tinha brincadeira do teatro que nem aqui só de madeira (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- As mães também fazem avaliações positivas acerca da Associação Curumins, principalmente em relação ao Sítio Nova Vida, onde é feito um trabalho de desintoxicação das drogas e de imersão pedagógica para a ressocialização do jovem.

Eu acho que esse projeto Curumins é muito bom e acho também que aquele sítio ali foi um quebra-galho muito bom das mães, tanto para as mães como pra elas, porque ali é que eles estão longe das drogas, e aqui eles vivem soltos, porque eles têm que passar dois ou três meses para poder esquecer, porque estando aqui, junta tudo (Grupo focal com mães/responsáveis, Fortaleza/CE)

- Um das mães faz considerações bastante positivas sobre o trabalho dos educadores. Chega a dizer que os educadores foram “verdadeiros pais” para seu filho.

O meu filho mudou total. Graças a Deus! Graças a Deus e eles aqui, não é, que ajudou muito meu filho, eles ajudaram muito, bastante. Depois de Deus, esses educadores. Eu que estava sofrendo muito, e eles me ajudaram demais, eu agradeço muito a Deus e a eles, eles fizeram mais do que um pai, porque eu sou separada e o pai dele nunca fez nada por ele, então eu considero os educadores mais do que o pai dele (Grupo focal com mães/responsáveis, Fortaleza/CE).

No trabalho da Associação Curumins, arte, esporte, cultura e lazer são trabalhados como instrumentos estratégicos para a inclusão social e a ressocialização do jovem que se encontra em situação de rua.

- Os educadores relatam que as oficinas artísticas são as que mais atraem o público-alvo do projeto.

O que eu vejo que mais gostam, mais atrai, mais chama, para esse público, inicialmente, é aquilo que trabalha mais com a atividade, com a dinâmica, com o movimento. Então você trabalha esporte, a arte, você trabalha com eles o jogo lúdico, o lazer livre atrai muito. Quando você entra numa atividade que puxa um pouco mais para o aspecto de concentração, de ter que sentar e ver uma atividade, participar de uma palestra, de um seminário, aí já se encontra maior resistência. Isso é até bastante natural pela própria rotina deles (Entrevista com dirigente, Fortaleza/CE).

- A falta de espaços é um problema para os jovens. Segundo os educadores, em alguns bairros de Fortaleza, nem o tradicional campo de futebol sobreviveu à desorganização da ocupação de áreas urbanas.

Eles reclamam de não ter uma praça, não tem nada. Não tem uma praçinha, não tem um campo de futebol, é coisa que tem que ter em todo canto. Então o menino chegar a dizer que no seu bairro não tem um campo de futebol, é um absurdo. Na favela do Sossego, ali pelo Antônio Bezerra, não existe (Grupo focal com funcionários/animadores, Fortaleza/CE).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

Segundo a organização, a cada ano são traçadas metas para o atendimento das crianças e dos jovens em situação de rua. Para o ano de 1999:

- Atendeu-se diretamente a 779 crianças e adolescentes que vivem em situação de rua na cidade de Fortaleza, sendo 643 contatadas na rua, 79 encaminhadas pelo setor social do projeto e 75 através de entidades parceiras.
- Das 643 crianças e adolescentes contatados na rua, 414 optaram por sair da rua, 239 engajaram-se em atividades socioeducativas e profissionalizantes, 158 foram encaminhados para entidades parceiras e 17 retornaram para a família.
- Foram contatadas 151 famílias pelo projeto. Esses contatos e encaminhamentos favorecem um melhor desenvolvimento da família, proporcionando um retorno ou permanência das crianças em suas famílias.

As mudanças acontecem em vários níveis. Desde a simples higienização diária até mesmo o retorno de um jovem em situação de rua para a sua família.

Entre alguns impactos relevantes na vida dos jovens, podemos citar:

- No projeto, o adolescente que chega à maioridade com habilidades de engajamento no mercado pode ser inserido como funcionário na equipe Curumins, quando existe demanda.
- Alfabetização e orientação quanto à questão das drogas.

Ajuda a gente a aprender a ler, ajuda, sabe, porque ajuda, assim porque vários meninos da rua não tinham um projeto que incentivasse ele a não usar drogas, porque as maiorias dos meninos usam drogas

e aí eles ajudam mais esses meninos que usam drogas, depois que eles começaram a ajudar esses meninos tem alguns que até pararam de usar drogas (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- Sentimento de pertencimento: os jovens da Curumins acham-se diferentes dos demais, eles sentem que fazem parte de um grupo que aprende “coisas boas”.

Tem diferença [entre um jovem da Curumins e outro], em vez de estarmos na rua junto com eles nós estamos aqui dentro, e eles aprendem lá fora o que é ruim e o que não presta e nós aqui dentro aprendemos o que é bom (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- Aumento da auto-estima e mudança no comportamento.

Tinha menino, quando chegou aqui, que morava embaixo do boné. Aí eu fiquei pensando o que era uma criança morar embaixo de um boné, assim, um menino todo fechado, escondido no boné, quando se falava com ele, levantava o boné aqui, ele nem olhava, o boné aqui, para você estava escondido, morando dentro do boné, hoje esse mesmo menino não está com o boné na cabeça, se usa o boné, já usa de forma diferente, então mudou muita coisa na vida desse menino (Grupo focal com funcionários/animadores, misto, Fortaleza/CE).

Porque eu nunca tinha participado de capoeira, de teatro, da banda de lata de nada, quando a professora me chamava pra mostrar os cartazes, eu tinha vergonha, como eu entrei no teatro agora já eu me sinto bem legal, eu não tenho mas vergonha de apresentar cartazes, eu morria de vergonha e ficava rindo (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

4.3.2 Comunicação e Cultura

- 1) Nome da organização
Comunicação e Cultura
- 2) Data de fundação
1987
- 3) Cidade/Estado
Fortaleza/CE
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Nome da experiência analisada
Projeto Clube do Jornal
- 6) Contato
 - a) Responsável: Daniel Gerardo Raviolo
 - b) Cargo: presidente-executivo
 - c) Telefone: (85) 231-6092
 - d) E-mail: comcultura@comcultura.org.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Escolas públicas municipais e estaduais de 24 municípios no Estado do Ceará.
- 8) Origem dos recursos
De acordo com o orçamento de 2000, 41,3% dos recursos recebidos pelo Comunicação e Cultura são de agências internacionais de cooperação, 38,8% de instituições nacionais, e 14,7% de órgãos do governo brasileiro. Os 5,3% restantes são frutos de doações individuais para a entidade.
- 9) Áreas de atuação
Educação e cultura - comunicação

10) Objetivos

O projeto destina-se a produzir informação (criar e executar jornais escolares), com quatro finalidades bem marcantes:

- Analisar criticamente os meios de comunicação e agir na transformação da sua realidade social.
- Complementar as atividades da escola.
- Preparar para o trabalho.
- Ampliar as oportunidades de crescimento pessoal a partir de vivências com base na educação para valores e exercício da cidadania.

11) Público-alvo

O público-alvo do projeto são adolescentes, a maioria na faixa etária de 12 a 18 anos. Diretamente o projeto beneficia 1.300 jovens que atuam como multiplicadores e indiretamente atende a 160 mil jovens. Os alunos-editores pertencentes aos clubes nas escolas permanecem no projeto por algum tempo. Geralmente começam a participar quando estão na sexta ou a sétima séries e passam entre três a cinco anos no projeto.

12) Caracterização e histórico

O Projeto *Clube do Jornal* capacita jovens e adolescentes para a publicação de jornais nas escolas ou outros espaços de aprendizagem que freqüentam. Os jovens interessados formam clubes. Os jornais juvenis são impressos pela Comunicação e Cultura, com qualidade *off-set*. A entidade também coordena atividades de captação de recursos para o *pool* de jornais escolares.

No final do ano 2000, havia 111 clubes funcionando no Estado do Ceará, com mais de 1.300 jovens participando. Eles publicaram, naquele ano, 311 edições de jornais com uma tiragem superior a 350 mil exemplares.

A Comunicação e Cultura é uma ONG fundada em 1987, com a missão de viabilizar a publicação de jornais populares em Fortaleza e Região Metropolitana (Estado do Ceará). Após uma pesquisa participativa, a entidade criou o Projeto *Jornais Comunitários Associados*, onde foram ensaiadas metodologias que são aplicadas ain-

da hoje. Boa parte, senão a maioria dessas publicações, era editada por jovens.

A ONG recebia muitas demandas de apoio das escolas públicas, ora formuladas pelos professores, ora pelos próprios alunos. Em 1994, foi possível realizar as parcerias que permitiram criar o projeto Clube do Jornal, que nasceu com a ambição de beneficiar toda a rede escolar pública.

O projeto tem como principal objetivo formar jovens críticos e conscientes de sua cidadania, a fim de que eles fomentem ações que contribuam para o desenvolvimento social e político, partindo de suas escolas e comunidades e atingindo sociedade como um todo.

A idéia principal é criar na escola e noutros espaços de aprendizagem uma atividade em que os jovens possam perceber que sua participação social significa uma mudança em seu conjunto de referências culturais e em sua visão de mundo. Isto é, participando como protagonista o jovem tem a chance de exercer sua cidadania através da utilização da comunicação, que é também uma forma de elevar sua auto-estima e seu rendimento escolar.

Além disto, o projeto permite que os jovens adotem uma atitude crítica em relação à mídia, principal responsável pela formação das mentalidades e dos consensos nas sociedades contemporâneas.

13) Quadro de funcionários

A equipe da Comunicação e Cultura é multidisciplinar (sociólogos, psicólogos, assistentes sociais, sexólogos, jornalistas e administradores). Preferencialmente, trabalham no projeto pessoas com formação dentro da área de ciências humanas. O quadro de funcionários é responsável pela gestão dos diversos projetos realizados pela entidade, além do treinamento da equipe de estagiários que atua diretamente junto às escolas.

Nas escolas existe a figura do “professor-facilitador”. Este profissional tem o papel de fazer a ponte entre a escola e a Comunicação e Cultura. Além disto, é o professor-facilitador que lida diariamente com os problemas enfrentados pelos jornais em cada escola. Geralmente o professor-facilitador é o professor de português de cada escola. Ele não recebe nenhum pagamento extra por seu trabalho e também não possui nenhum vínculo empregatício com a Comunicação e Cultura.

A entidade trabalha com alguns estagiários que, são preferencialmente do curso de psicologia. No projeto eles também recebem

o nome de “assessores pedagógicos”. Estes estagiários são responsáveis por frequentar os clubes regularmente, a fim de diagnosticar como o projeto vem-se desenvolvendo em cada escola. Além destes, um grupo de jovens que participam do projeto atua na instituição como bolsistas ou aprendizes, desenvolvendo atividades tais como secretariado, editoração e digitação.

A seleção de novos profissionais para trabalhar na Comunicação e Cultura é feita através da publicação de anúncios em jornais e divulgação nas ONGs de Fortaleza. O perfil do candidato é analisado com base no currículo profissional e em uma entrevista pessoal.

Para os estagiários, é feita uma convocação nas universidades, e os candidatos são entrevistados na sede da Comunicação e Cultura. São abertas novas turmas de estagiários a cada ano. Os bolsistas ou aprendizes são selecionados pelo coletivo de técnicos, com base no grande conhecimento que a instituição tem do perfil desses jovens.

Quanto ao treinamento, os estagiários que acompanham os jornais nas escolas recebem capacitação específica para realizar o trabalho. Segundo os coordenadores, a capacitação dos estagiários é feita de forma intensiva e conta com o acompanhamento da coordenadora dessa equipe, que é psicóloga.

Já quanto aos vínculos dos profissionais com a instituição, os técnicos, quadros médios, estagiários e bolsistas da Comunicação e Cultura são remunerados. Técnicos e quadros médios trabalham 40 horas por semana. Estagiários trabalham 20 horas, e bolsistas ou aprendizes, 30 horas. Estes últimos dedicam parte de seu tempo a capacitações específicas.

14) Programas e projetos em curso.

Projeto Clube do Jornal: O projeto promove a organização juvenil, através do *Clube do jornal* criado em cada escola. Os clubes estão abertos à participação de todos os adolescentes interessados. Cada clube publica seu próprio jornal, com qualidade *off-set* e circulação mensal. Os jovens têm autonomia, tanto no que diz respeito à escolha e redação de matérias, como à programação visual dos jornais, formas de distribuição, número de páginas etc. Os jornais estudantis são impressos na gráfica da Comunicação e Cultura. Para reforçar a autonomia dos jovens e melhorar a qualidade dos jornais, a entidade promove cursos em diversas áreas (comunicação, liderança, gênero e saúde reprodutiva, direitos humanos, editoração ele-

trônica) e Encontros De Intercâmbio de Experiências entre os redatores das publicações.

Projeto Primeiras Letras: Em 1995, professoras de uma escola comunitária de Fortaleza solicitaram o apoio da entidade para editar um jornal, a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula com os alunos de primeira a quarta séries. Foi o início da experiência que se transformou no Projeto *Primeiras letras*. O projeto viabiliza a publicação de jornais editados pelos professores do primeiro, segundo e terceiro ciclos (de primeira a sexta séries) e turmas de aceleração, com textos e desenhos de seus alunos. Os jornais, que circulam dentro e fora da escola, servem como instrumento de dinamização das aulas e de valorização social da escrita. As publicações são preparadas na escola e enviadas para a sede da Comunicação e Cultura onde é feita a impressão. Cada escola paga uma contribuição simbólica para as despesas de impressão (R\$ 10 para 500 exemplares de quatro páginas).

Projeto De Igual para Igual: O Projeto *De igual para igual* tem como objetivo a promoção de uma nova visão de gênero e a adoção de comportamentos seguros nas práticas sexuais, para evitar a gravidez na adolescência e prevenir as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS. Os jovens que fazem parte do projeto participam da elaboração dos jornais estudantis e comunitários, escrevendo sobre esses temas que tanto interessam aos adolescentes. Os integrantes do projeto também participam de eventos, realizam oficinas para seus colegas, campanhas com cartazes, projeções de vídeo etc. É a “mobilização social para a educação entre pares”, cujo princípio básico é o protagonismo e a autonomia dos jovens.

Devido à grande abrangência do trabalho desenvolvido pela Comunicação e Cultura e para garantir uma maior profundidade na caracterização de uma dentre as várias atividades realizadas, a pesquisa utilizou, como principal instrumento de trabalho, a experiência do *Clube do jornal*.

15) Metodologia

Inicialmente 20 escolas entraram no projeto, hoje, são 111. Segundo os coordenadores, não se faz uma divulgação extensiva do projeto, a maior publicidade acontece de uma escola para outra.

O projeto é implantado apenas em escolas de ensino médio ou de ensino fundamental, dependentes da Secretaria de Educação Bá-

sica do Ceará, através da parceria firmada com o CREDES (Centros Regionais de Desenvolvimento do Ensino). O segundo critério diz que a escola deve ter alunos em número suficiente para o desenvolvimento do clube (pelo menos 300 alunos acima de 12 anos de idade). Excepcionalmente o projeto é também implantado em outros espaços de aprendizagem (ONGs, Centro Comunitários etc.). A cada ano, novos pedidos de adesão são recebidos pelos coordenadores da Comunicação e Cultura, porém, apenas as escolas que estiverem dentro dos critérios de seleção podem vir a ser incorporadas).

Desde seu início, o projeto *Clube do jornal* passou por modificações. Segundo os coordenadores, estas mudanças tinham o objetivo de melhorar o projeto e aprimorar a execução das atividades. No princípio do projeto, o contato da entidade com a escola era através de visitas sistemáticas. Porém, a partir de 1999, Comunicação e Cultura capacitou os alunos-editores dos jornais, através da implantação do curso de Comunicação e Mobilização Social.

Outra mudança diz respeito ao professor que acompanha os alunos do jornal dentro das escolas. Em um primeiro momento, esse professor, ou facilitador, na linguagem do projeto, atuava sozinho. Hoje em dia, são vários professores que assumem o papel de facilitadores dentro da escola. Geralmente, os professores-facilitadores são os professores de português das escolas, embora existam exceções.

Especificamente em relação ao *Clube do jornal*, o projeto funciona da seguinte forma: em cada escola é organizado um clube de alunos que tenham interesse em produzir um jornal escolar. Todos os alunos são convidados a colaborar com o jornal, seja escrevendo matérias, mandando desenhos ou recadinhos. A participação é livre, mas antes de ingressar como sócios efetivos, os jovens devem fazer uma habilitação, que consiste em quatro oficinas de introdução ao jornalismo juvenil. Os sócios do Clube são inteiramente responsáveis pela publicação do jornal.

Os clubes possuem dois cargos que devem ser preenchidos obrigatoriamente: o tesoureiro(a) e o moderador(a) ético. A pessoa responsável por esta última função é quem supervisiona para que todas as matérias do jornal respeitem o Código de Ética do projeto.

Os alunos realizam uma reunião de pauta onde são estabelecidos quais os conteúdos que deverão constar da próxima edição do jornal. Após esta reunião, os jovens começam a produção das matérias. Depois de produzido um número suficiente de matérias, é feita uma nova reunião onde são escolhidas quais são as que irão entrar

no jornal. Nesse momento, são consideradas também as “colaborações” feitas pelos alunos não-sócios, pelos professores etc. Esta escolha é baseada nos critérios de conteúdo estabelecidos na reunião de pauta e deve ser consensual entre os participantes do clube. Este é o momento também de escolher desenhos e ilustrações.

Em algumas escolas, professores-facilitadores ajudam a organizar as matérias, além de corrigir os erros ortográficos antes da digitação definitiva. Assim, o jornal é digitado (computador ou máquina), diagramado (em folhas especiais fornecidas pela Comunicação e Cultura; alguns clubes fornecem o jornal já editado eletronicamente) e enviado para a gráfica da ONG.

Segundo os coordenadores, o curso de Comunicação e Mobilização Social ofereceu capacitação multidisciplinar a 801 editores de jornais juvenis em 2000. O curso, que ofertou um total de 736 oficinas, tem formato flexível com atividades “livres” que os jovens frequentam no ritmo que eles mesmos fixam. Os jovens podem receber até um total de 150 horas/aula por ano. O curso mudou a forma de acompanhamento do projeto que anteriormente estava focalizado no atendimento direto aos clubes nas escolas. Ele foi desenvolvido na sede da Comunicação e Cultura onde foram montadas cinco salas de aula.

Além desse curso, a Comunicação e Cultura promoveu capacitações nas áreas de programação visual, editoração eletrônica e ilustração, para 51 jovens. Também promoveu um curso de Liderança, para 149 jovens.

Durante o ano 2000, foram organizados nove encontros de Intercâmbio de Experiência entre editores, com participação de mais de 400 alunos em cada um deles.

Em relação ao acompanhamento dos jovens que passam pelo projeto, os adolescentes que concluem o estudo, ou seja, que terminam a escola são convidados a participar do Programa de Egressos. Este programa permite que o jovem continue envolvido com o projeto mesmo não fazendo mais parte de nenhum clube. Atualmente, o programa conta com seis jovens. Para o ano de 2001, a expectativa é que o programa atenda 18 jovens.

16) Redes, multiplicação e parcerias.

Comunicação e Cultura foi vencedora do prêmio Itaú-UNICEF de 1999, na categoria Educação e Participação. Este prêmio é conce-

didado para organizações não-governamentais que atingiram uma alta distinção em sua área de atuação.

Além disto, Comunicação e Cultura possui várias articulações regionais e nacionais, através da participação em fóruns e associações de organizações do Terceiro Setor.

Ainda não foi feito o compartilhamento da metodologia da entidade com outras instituições pois, segundo os coordenadores, a metodologia e os conteúdos ainda estão em processo de sistematização.

A Comunicação e Cultura estabelece parcerias e troca experiências com outras organizações congêneres. É membro efetivo da ABONG e participa das seguintes articulações: Fórum Cearense pelos Direitos da Criança e do Adolescente (Fórum DCA), Fórum Cearense de ONGs que trabalham na prevenção à AIDS (Fórum AIDS), Rede de Educação pela Comunicação e Rede de Ensino Profissionalizante.

Já com a comunidade, o contato se dá através da circulação dos jornais escolares. Além disto, os jovens são estimulados a buscar parcerias junto a comerciantes e empresários no entorno das escolas a fim de aumentar a tiragem do jornal. Segundo os coordenadores, os jornais são lidos pelos pais e também são distribuídos para os apoiadores que fazem a divulgação de suas empresas. Essa publicidade tem um custo muito baixo, pois a contribuição que tem de ser dada pelos jovens como participação nas despesas de impressão é simbólica.

O projeto mantém uma parceria duradoura com os CREDES. Através desta parceria são selecionadas as escolas onde o *Clube do jornal* será implementado. Os coordenadores relatam que esta parceria é muito importante para o sucesso do projeto, pois viabiliza os clubes e conta com o apoio dos diretores e professores.

Além disto, a Comunicação e Cultura trabalha com a Secretaria de Saúde do Ceará em um programa específico sobre DST e AIDS.

Entre as principais parcerias da Comunicação e Cultura, citam-se: UNICEF; Secretaria da Educação Básica do Ceará; Secretaria da Saúde do Ceará (Coordenação DST/AIDS); Secretaria de Cultura e Desportos do Ceará; Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (Coordenação DST/AIDS); Instituto Ayrton Senna; Instituto C&A de Desenvolvimento Social; Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança; Pommar /Partners of America (USAID); Fundação MacArthur; COMDICA; AVINA; Natura Cosméticos; BNDES; Banco do Nordeste; Tintas Hidracor; Lojas Americanas; Coelce; Ashoka; PVA - Pré-Ves-

tibular Alternativo e Lei Estadual de Incentivo à Cultura Lei de Incentivo à Cultura – PRONAC.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

A ONG Comunicação e Cultura possui sua sede no Centro da cidade de Fortaleza. A entidade ocupa dois andares do prédio e neste espaço são desenvolvidas as oficinas e atividades do projeto. Num anexo, está instalada a gráfica.

Segundo os coordenadores, a ONG avalia suas atividades e projetos de forma participativa. Para isto foi desenvolvida uma pesquisa em 1999 onde foram aplicados 1.170 questionários entre jovens e educadores. Esta pesquisa buscou avaliar os impactos dos projetos nos jovens, dentro das escolas e na comunidade.

Para os alunos que participam das capacitações ministradas pela entidade é feita uma pesquisa anual qualitativa que acompanha os seguintes indicadores: sociabilidade, participação em grupo, oralidade, expressão escrita e capacidade de formulação de projeto social.

18) Problemas específicos da experiência

- Apesar de estar dentro da escola, geralmente o trabalho do jornal não é aproveitado pelos professores. O projeto conta com os professores facilitadores, mas ainda não conseguiu desenvolver um instrumento pedagógico capaz de trabalhar o jornal pronto com os outros alunos. Como podemos observar no depoimento que se segue:

É sempre que chega o jornal lá da sala, eu sou professora de português, eles lêem mas realmente eu vou ser sincera porque eu nunca explorei nem uma matéria mas eu sei que todos lêem, que tem muito recadinho e eles ficam se depenando nos recadinhos pra saber quem mandou pra quem, mas eu nunca explorei nenhuma matéria do jornal. Mas da próxima vez eu trabalharei melhor o jornal porque às vezes não passa nem na cabeça, aí pronto acabou (Grupo focal com comunidade, Fortaleza/CE).

- O conteúdo de algumas matérias pode causar certos constrangimentos com a direção ou professores da escola. Buscando con-

tornar essa situação, a entidade criou um código de ética que é distribuído aos editores dos jornais escolares. Porém, muitas vezes, o código de ética não é respeitado pelos alunos ou a direção é intransigente com críticas que recebe dos alunos:

No meu jornal também tem esse problema, nosso jornal passou uma semana e meia na secretaria por causa de uma matéria, não estava criticando totalmente a secretaria, era por causa que os professores pegam muito no nosso pé, por exemplo, o camarada tem uma crítica, então eles falam assim: “Você é um menino do jornal, você tirou um MM, desse jeito, um menino do jornal, você tem que dar um exemplo para os outros da classe.” Eu acho que a gente que é do jornal tem que fazer o nosso trabalho. A gente só porque é do jornal não deve ser CDF, e tirar nota boa, em tudo, e eu acho também que os professores estão errados, não sendo contra, apesar de o jornal não ensinar matérias escolares, eu acho que antes deveriam deixar um pouco de pegar no nosso pé, e conversar com a gente de outro jeito, e a direção tem uma grande marcação com a gente. Nosso jornal ficou preso por causa dessa matéria, acontecendo esse tipo de assunto (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- Alguns jornais apresentam um conteúdo pobre, ou seja, em vez de privilegiarem matérias informativas e editoriais, são privilegiados os recados pessoais e as fofocas. Isso causa um problema entre clube, alunos e professores:

A maioria dos jovens que estudam na escola manda mais é recadinhos. A página de recadinhos fica lotada. De matéria, uma ou duas. A gente não sabe qual é o recadinho que coloca. Bota no jornal mural, bota no jornal gráfico e ainda sobra recadinhos e nós somos muito criticados por isso, que não colocamos os recadinhos, mas o que é que a gente pode fazer? Colocar o jornal todo só de recadinhos? Então a gente é que tem que fazer as matérias para poder colocar. Então eles reclamam que só sai matéria da gente do jornal. Então eu não sei o que eles querem! Eles já rasgaram o jornal na minha frente, por causa disso e eu não entendo o que é que eles querem (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- Alguns professores assumem uma postura contrária ao jornal. Geralmente quando os alunos fazem alguma crítica ou reclamam da atuação dele em sala de aula ou do repasse dos conteú-

dos das matérias. Isso cria uma situação de constrangimento em que os jovens são humilhados e intimidados. Como podemos observar nos relatos a seguir:

Essa questão da cobrança por sermos do jornal é muito grande, tanto que uma vez eu tirei uma nota baixa e minha professora me ameaçou, se eu não tirasse uma nota boa, ela iria mostrar para a diretora pedagógica e ela iria me tirar do jornal. Duas vezes ela me ameaçou. Porque nós somos do jornal, dentro do colégio nós somos uma pessoa pública, não é? Quem é do jornal todo mundo conhece, pelo menos lá no meu colégio é assim. Então ela quer passar na cara, sabe? Quando você tira uma nota baixa. Eu acho isso horrível, então eu procurei estudar. Acho que isso é papel dela, mas ela não podia ter falado desse jeito, não é? Que iria me tirar do jornal? Tirar de um sonho meu? Mesmo que ela tivesse me tirado, eu não iria desistir, eu iria continuar, eu iria até o fim (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Muitos professores acham que com porque a gente está participando de uma atividade extra, a gente tem obrigação de saber simplesmente tudo! Uma vez um professor de matemática pegou o jornal lá da escola e ele disse que tinha um erro de português, um erro! Então ele rasgou o jornal, logo na minha sala, na frente de todos os alunos, nós estávamos fazendo um trabalho, ele rasgou o jornal e disse que era uma porcaria! Quando foi no outro jornal, eu fiz uma matéria. Ele chegou a dizer que iria me processar. Eu disse: “Então tá bom, processa!”. Mas ele não tinha direito algum. Porque é assim: como todos os outros professores fazem, quando tem algo de errado, quando tem algo que eles não gostaram, eles chegam para a gente e diz: “Olha, vocês poderiam melhorar nisso.” E ele não, ele teve uma atitude totalmente ruim, falta de ética mesmo. Por que ele não chega para os alunos para explicar como é? Não! Acho que a maneira mais fácil que ele encontrou foi mesmo de criticar de uma maneira destrutiva. Não foi nem para melhorar o desenvolvimento dos alunos (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

19) Por que uma experiência inovadora?

De modo geral, as avaliações sobre o projeto são positivas entre todos os informantes pesquisados, como podemos perceber nos relatos a seguir:

Eu acho [o Clube do Jornal] excelente, dou a maior força pro meu menino, porque ele aprende muito, as pessoas lá do Comunicação e Cultura são pessoas muito legais, são pessoas muito delicadas, que sabem lidar com os adolescentes, e ele [meu filho] aprendeu muito lá com eles, ele chega em casa falando muito bem do Comunicação e Cultura, nunca ele chegou reclamando de nada, sempre trataram ele bem. E eu sei que alguma coisa vai ficar pro futuro dele, esses cursos de liderança, esses cursos que eles fez lá (Grupo focal com mães, Fortaleza/CE).

- As professoras que são parceiras do projeto acham o *Clube do jornal* positivo para o aprendizado de alguns conteúdos extraclasse e também crêm que ele contribua para a melhoria da linguagem e expressão dos jovens.

Quando a gente faz um trabalho em sala, ele é muito bem recebido. Os meninos gostam sempre tiram uns artigos pra trabalhar e eles gostam mesmo de entregar na hora da aula e eu sempre pegava um trabalho com eles, primeiros, alguns folhetos, e são tantos trabalhos, tanta produtividade, que tem que ter um tempo pra eles olharem realmente o jornal. Agora eu, por exemplo, quando eu reclamo deles que eles escrevem de qualquer jeito, isso não é só para um jornal, é a falta de valorização de que eles têm. Porque esse trabalho eles poderiam ter mas eu sempre digo pra eles levarem para casa mostrarem para os pais que a escola tem um jornal de qualidade feito por vocês, é um jornal semelhante a um jornal que você compra em uma banca, é um jornal legal eles gostam de ver os recadinhos deles, as mensagens, os artigos que eles escrevem, é interessante, a gente comenta até a parte da prestação de contas, que eles estão com responsabilidade, que eles arrecadam dinheiro e depois eles prestam conta (Grupo focal com comunidade, Fortaleza/CE).

- A Comunicação e Cultura utiliza o poder da comunicação como forma de aumentar a auto-estima do jovem e possibilitar um sentimento de inclusão social. No relato a seguir, alguns informantes mostram sua opinião quanto ao uso da arte, cultura e comunicação como ferramentas de inserção dos jovens.

A arte, o esporte, porque às vezes, numa comunidade carente, a criança tem aquele dom, mas nem sabe que tem aquele dom, às vezes até de pintar, de teatro, e com o incentivo assim eles vão

botando os dons pra fora. Pelo menos os meus [filhos] eles tocam flauta, a gente até chora quando eles tão tocando (Grupo focal com mães, Fortaleza/CE).

20) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

O projeto trabalha com a linguagem (oral e escrita), com a expressão pessoal e com conceitos básicos (educação, cidadania, sexualidade) presentes na vida dos jovens. Aliado ao fato de funcionar dentro da escola, o projeto possibilita aos jovens se posicionarem criticamente quanto à escola, à sociedade e à família (campo de referências de valores dos jovens).

- Segundo o relato da diretora pedagógica, o projeto apresenta-se como uma oportunidade para o jovem fazer algo diferente dentro da escola.

Eu acho que a Comunicação e Cultura chega para eles com uma oportunidade, nós não somos a solução, nós não fazemos nada milagroso, mas a gente entra com uma oportunidade e o adolescente que percebe isso pega essa oportunidade. Eu acho bacana ser uma janela de acesso para o futuro, a gente trabalha a informação, a cidadania, trabalha tantos pontos-chave para eles se auto-afirmarem depois eles conseguem coisas na vida (Entrevista com diretor de acompanhamento, Fortaleza/CE).

- As principais mudanças observadas nos jovens por todos os informantes dizem respeito a sua postura e comportamento. Os jovens assumem uma atitude diferente, passam a valorizar a escola e o ensino, tornam-se mais conscientes dos temas de debate da sociedade. Enfim, possuem mais instrumentos para a sua atuação enquanto cidadãos.

Eu notei, eles ficaram mais conscientes, porque as matérias que eles arranjam são matérias muito boas, que falam de tudo, de religião, de política, de sexo, de saúde, recadinhas e tudo. E eles mesmos na hora de digitar eles tomam consciência daquilo; é, mudou sim, eles são ótimos meninos, excelentes, educados, eu me orgulho muito deles! (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, Fortaleza/CE).

- No relato a seguir, uma mãe compara os jovens de dentro e de fora do *Clube do jornal*. Segundo ela, existe uma diferença clara entre eles.

Por exemplo, a maioria dos meninos que eram do grupo do jornal e que abandonaram, abandonaram também os cursos, hoje, eles ficam ociosos, ficam ali no calçadão, ficam fazendo zoeira, não fazendo nada de bom para o bem deles. E os meus meninos não gostam, já não se enturmam com eles pra essas coisas, fazer baderna, essas coisas, só para jogar bola. Depois que eles [os filhos] entraram no jornal, eles melhoraram muito, muito mesmo (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, Fortaleza/CE).

- Muitos professores reconhecem o trabalho do clube, nota-se nos jovens que participam uma mudança de disciplina e postura em sala de aula.

Você vê a diferença, eles participam dos jornais e eu percebi a diferença dos alunos, eu dava aula para a sétima série e os alunos da oitava série faziam parte do jornal, se vê a diferença entre aqueles que fazem parte do projeto, que são mais responsáveis, são melhores na sala, eles participam mais, eles falam melhor, eles são mais criativos. Então, são mais responsáveis, vê a diferença só de olhar, imagine quem convive, as professoras que dão aula, dá para perceber (Grupo focal com comunidade, feminino, Fortaleza/CE).

- Os próprio jovens do *Clube do jornal* diferenciam-se de seus colegas. Eles se tornam “celebridades” dentro de sua escola. Enxergam-se como uma liderança e são responsáveis por dar um exemplo aos outros. Como podemos verificar no relato abaixo:

Por que a gente é visto como um exemplo? Porque nós não somos desconhecidos, nós somos os diferentes dentro da escola, porque nem todos os alunos fazem o jornal, e isso é uma novidade ainda. Então assim, se você está ali batalhando, se você é uma liderança, você está fazendo jornal, a tendência é você ser cobrado em dobro. Então, quem lida com o jornal tem que saber lidar também com essas responsabilidades. Quando a gente percebe que o pessoal diz: “Ah, você é do jornal? Você tem que ser o melhor aluno, você tem que ser o mais inteligente, o mais interessado.” Não é porque a gente faz uma atividade extra ou diferente ou mais interessante,

que a gente seja diferente dos outros alunos, ninguém é perfeito, todo mundo tem direito de errar, de tirar nota baixa, mas se bem que isso não é muito bom, mas que isso acontece, é uma coisa que acontece de qualquer forma. Não é dizer que você vai ser um bom aluno, exemplar, para sempre! Um dia você vai cair, mas também vai levantar e então você mais mostrar que tem competência. O jornal serve muito bem para isso, para te caracterizar, não só para trabalhar com perguntas, mas também responsabilidade (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- O projeto contribuiu para expandir a percepção dos jovens sobre a própria vida, lhes deu uma nova visão e mundo.

Mudou tudo! Eu acho que a única coisa que eu tinha interesse eram os meus estudos da escola. O resto para mim não importava. Eu acho que a única coisa que era importante para mim era a escola e pronto. Depois quando eu comecei a me atualizar no jornal, comecei a ver que a vida não era assim, que a gente pode aprender muito mais coisas em outros cursos, em outros cantos, não só na escola. Eu acabei me comovendo com isso e agora estou no jornal vai fazer um ano e três meses (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

4.3.3 Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente – EDISCA

1) Nome da organização

Escola de Dança e Integração Social para a Criança e Adolescente – EDISCA

2) Data de fundação

1993

3) Cidade/Estado

Fortaleza/CE

4) Tipo de organização

Organização Não-Governamental

5) Contato

a) Responsável: Dora Andrade

b) Cargo: direção geral

c) Telefone: (85) 278-1515

d) E-mail: edisca@edisca.org.br

6) Locais onde são realizadas as atividades

Todas as atividades são realizadas na sede da EDISCA no bairro de Água Fria, em Fortaleza.

7) Origem dos recursos

Instituto Ayrton Senna, UNESCO, POMMAR/PARTNERS/USAID, BNDES, Instituto C&A de Desenvolvimento Social, COMDICA e Governo do Estado do Ceará.

8) Áreas de atuação

Arte e cultura – balé e dança

9) Objetivos

- Colocar a arte no centro de uma ação de educação para a vida, visando criar novas oportunidades para crianças e adolescentes das camadas populares.
- Possibilitar ao seu público-alvo o acesso a diversas linguagens artísticas dentro de um processo educativo, na busca da transformação de suas perspectivas de vida, das respectivas famílias e comunidades.

- Preparar jovens de baixa renda para o mundo do trabalho, gerando oportunidades para que estes venham a dominar os códigos da modernidade e desenvolver harmoniosamente as suas diversas inteligências.
- Desenvolver programas de nutrição e saúde, integrados numa ampla ação de fortalecimento da escola formal, com o intuito de gerar as condições necessárias para o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes atendidos.
- Utilizar a dança e outras linguagens artísticas como instrumento difusor e solidificador da consciência de cidadania, sobretudo junto ao público destinatário de seu trabalho

10) Público-alvo

Crianças e adolescentes de ambos os sexos, da faixa etária de sete a 18 anos das periferias mais problemáticas de Fortaleza (áreas com a presença de violência, drogas e prostituição).

11) Caracterização e histórico

A EDISCA é uma ONG que trabalha com crianças e jovens de camadas populares e onde a arte, particularmente a dança, é utilizada como via pedagógica privilegiada de educação para a vida, buscando o resgate da dignidade e construção da cidadania.

Em termos de sua organização interna, a EDISCA está dividida em quatro diretorias (administração, artística, patrimônio, atividades), subordinadas a uma diretoria-geral. Além disto, existe também um conselho consultivo composto de cinco membros que se reúnem em intervalos irregulares.

Antes de a EDISCA constituir-se em uma ONG, a idealizadora do projeto trabalhava com um grupo de dança semiprofissional que teve a oportunidade de concorrer a um projeto de âmbito nacional intitulado “Consolidação de Grupos Permanentes”. Após a aprovação deste projeto, o órgão financiador foi extinto. Então, fez-se a mesma proposta ao Governo do Estado do Ceará, que a aceitou. Como contrapartida, além de manter o grupo de dança produzindo, também iniciou-se um trabalho com 50 crianças do Morro Sta. Terezinha, uma área que, segundo pesquisa governamental, foi apontada como uma das principais áreas de risco de Fortaleza.

Com o passar do tempo, o trabalho ficou totalmente direcionado a crianças e jovens. Em fevereiro de 1993, a EDISCA constituiu-se como organização não-governamental.

A proposta inicial da entidade era resolver problemas de baixa-estima nas crianças de baixa renda, além de defasagem escolar de idade/série e conteúdo. Como objetivos secundários, a EDISCA buscava atuar na prevenção à desnutrição e às doenças provenientes da falta de saneamento básico e higiene, e ainda, no combate à baixa estatura dos jovens da região.

Durante os dez anos de funcionamento, a EDISCA já prestou atendimento a 900 crianças e adolescentes, incluindo neste número o total atual (aproximadamente 344). Segundo os coordenadores, esse público é pouco rotativo e a média de permanência na entidade é de três a quatro anos. Hoje, a entidade atende 344 crianças e adolescentes com trabalho nos seguintes eixos: nutrição e saúde, arte-educação e fortalecimento à escola formal/mundo do trabalho.

12) Recursos humanos

Trabalham na EDISCA funcionários das mais diversas formações. Em comum, todos compartilham o compromisso de trabalhar com crianças e jovens. Na parte artística, os animadores são pessoas com experiência em dança, teatro e canto dentre outras atividades artísticas similares. Atualmente, existem alunas e ex-alunas da EDISCA que são monitoras e dão aulas de dança.

Existe processo de seleção para a contratação de novos funcionários. Após um período de estágio, o funcionário passa a fazer parte do quadro fixo da organização. Exige-se de todos os profissionais um grande compromisso social e ainda o desejo de trabalhar com crianças e jovens. Uma outra característica dos funcionários da EDISCA é possuir múltiplas aptidões, e voluntariamente atuar em várias frentes de trabalho na entidade.

Para o trabalho com jovens, não é feita nenhuma capacitação específica. Os educadores relatam que aprendem a partir da experiência cotidiana de trabalho. Porém, como o processo de seleção privilegia pessoas com experiência na área, isto traz como consequência que todos os educadores contribuem em alguma medida para o treinamento dos demais.

Existe na EDISCA a preocupação com a capacitação da equipe técnica. Para isso, são realizadas freqüentemente palestras com es-

pecialistas ou cursos de capacitação. Podemos observar que a EDISCA estrutura-se a partir de uma metodologia construída na experiência cotidiana. As lições aprendidas são incorporadas ao estilo de trabalho e, assim, a instituição está em constante processo de aperfeiçoamento.

A equipe profissional da EDISCA é toda contratada, mas existe também o trabalho voluntário. Os voluntários são de diversas formações, desde bibliotecários até psicólogos. Além disto, o Instituto C&A (parceiro da EDISCA) envia funcionários das lojas C&A para atuarem como voluntários na entidade. Esses voluntários recebem incentivo em seu local de trabalho (a loja) para engajarem-se no trabalho social. Esses incentivos vão desde uma jornada de trabalho mais flexível até mesmo a contagem das horas gastas na EDISCA como horas trabalhadas.

13) Programas e projetos em curso

A EDISCA oferece aos jovens um grande número de atividades ligadas à arte e à cultura. O balé é a atividade mais procurada pelas jovens, seguido do coral, das artes plásticas e do teatro.

Além da dança, a EDISCA tem um trabalho de complementação à escola formal. Segundo os coordenadores, é importante que os alunos e suas famílias entendam a importância da instrução como base para qualquer manifestação artística.

As atividades são desenvolvidas em um horário complementar ao da escola. Além das atividades propriamente artísticas (dança, teatro, artes plásticas, coral), são oferecidas também atividades com caráter de educação complementar (reforço escolar, incentivo à leitura, biblioteca) e de capacitação (laboratório de informática, aulas de inglês e espanhol).

Não existe um limite de tempo para que o jovem permaneça na EDISCA. Geralmente, as crianças entram com sete ou oito anos e existem jovens com mais de 18 anos que ainda participam. Dentro do balé, existe o Corpo de Baile, onde os jovens são treinados para as apresentações. Estes jovens são os que recebem a maior carga de atividades, com treinamentos inclusive nos sábados. Eles também recebem uma bolsa por participarem do grupo.

As demais atividades acompanham o calendário da escolar formal. E a duração média de cada curso varia entre seis meses e um ano.

14) Metodologia

A EDISCA só aceita alunos que estejam matriculados na escola formal e, periodicamente, os boletins são conferidos para verificar se os alunos estão freqüentando as aulas regularmente.

À medida que o trabalho com a dança foi-se desenvolvendo, os fundadores da EDISCA sentiram a necessidade de criação de outros programas para continuar o trabalho de desenvolvimento dos beneficiados. O primeiro programa complementar ao de dança foi o de nutrição. Esse programa demorou para ser implementado, pois houve dificuldades para encontrar um parceiro-financiador enquanto o projeto estava apenas no papel.

Com a evolução dos produtos artísticos (espetáculos de dança), a entidade passou a ter uma forma de captação de recursos, e isso, além dos outros resultados positivos, facilitou as negociações com possíveis apoiadores.

A EDISCA trabalha dentro de três grande eixos: saúde, educação e arte.

No eixo da saúde, faz-se o atendimento às crianças e jovens nas seguintes áreas: pediatria, psicopedagogia, ginecologia, traumatologia, ortopedia, oftalmologia e odontologia. Trabalham na entidade uma médica pediatra, uma psicóloga e uma auxiliar de enfermagem. Fortalece este programa a parceria com a Secretaria de Saúde do Estado, Hospital Albert Sabin, universidades e algumas clínicas particulares em Fortaleza. O atendimento médico também incluiu alguns exames, cirurgias e medicamentos quando necessário. Além do atendimento, os profissionais também desenvolvem um trabalho de educação sexual envolvendo adolescentes e familiares.

No eixo da educação, a entidade executa o programa de fortalecimento da escola formal que engloba da alfabetização ao curso pré-vestibular. Essas ações são fortalecidas pelo laboratório de computação, informática educativa e uma biblioteca com mais de quatro mil títulos.

O principal eixo do trabalho desenvolvido pela EDISCA é a arte. O trabalho é centrado na crença de que a educação para a vida através da arte é a forma mais inovadora e eficiente de despertar o potencial de crianças e jovens. Os espetáculos (balés) realizados pela EDISCA foram apresentados nas principais capitais brasileiras e no exterior (Itália e França).

No ensino da dança, os profissionais da EDISCA se utilizam de metodologias diversas. A mescla de técnicas do balé clássico à dan-

ça contemporânea gera a perspectiva de uma formação mais ampla dos bailarinos.

Também são utilizados jogos e brincadeiras, sobretudo nas turmas das crianças menores (de sete a nove anos) com o intuito de, através do lúdico, ampliar a assimilação das técnicas necessárias. A EDISCA sempre busca uma forma mais informal de passar os ensinamentos, pois acredita que desta maneira o aluno é capaz de captar a técnica dentro de seu próprio universo de referências.

A EDISCA trabalha com vagas limitadas e a seleção de novas crianças é um processo muito competitivo. São abertas a cada ano 50 vagas e mais de 700 crianças participam da seleção. Os critérios de escolha são baseados no talento artístico, ou seja, as crianças que possuam uma predisposição para a arte, particularmente, a dança, são preferencialmente aceitas na EDISCA. Um outro critério de escolha é a situação socioeconômica das famílias, quanto piores situadas na escala de distribuição de riquezas, mais chances elas têm de entrar na EDISCA.

Para a seleção de novos alunos, a EDISCA traçou um perfil social, isto é, um perfil dos alunos mais adequados para participarem do projeto levando em consideração suas perspectivas socioeconômicas.

São quatro requisitos: a) comprovada carência de recursos materiais; b) pertencer a uma das quatro comunidades atendidas; c) ter entre seis e 12 anos de idade, para ingressar no projeto e d) comprovar matrícula na escola formal.

Cumpridos estes requisitos é feita uma audição com as crianças em que são testados: musicalidade, flexibilidade, coordenação motora e disciplina. Para as crianças aprovadas na audição, existe um período de experiência dentro do projeto. Neste momento, os animadores fazem uma visita domiciliar e uma entrevista com a família onde é aplicado um *survey* sobre as condições de vida da família.

A seguir, uma série de relatos sobre a emoção de entrar para a EDISCA e a descrição do processo de seleção:

Eu tive que fazer três testes para passar, porque era muito difícil. Eu não chorava, apenas ficava nervosa. De uma vez eu até me desintressei, eu não vou fazer o teste, eu não vou passar. Aí quando foi uma vez, veio minhas colegas, aí eu peguei e vim também. Aí eu fiquei, mas só que as outras não ficaram (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

[...] o sonho dela, era entrar aqui na EDISCA, era só o que ela falava, nós vínhamos no ônibus, ela ficava toda abestalhada, olhando as meninas todas ajeitadinhas, aí ela ficava perguntando quando ia ter teste, como era, ficava abordando as meninas para ficar perguntando, fazendo pergunta, aí ela foi fazer o teste, ficou na fila, no dia choveu muito e eu coloquei ela debaixo de um guarda-chuva, botei um guarda-chuva nela lá, aí eu no braço com a pequenininha foi o mesmo dia que a dela entrou, e nós lá na fila. [...]. Quando ela passou assim pela escada, ela fez assim e sorriu, aí eu tenho certeza que ela passou, aí quando ela desceu, aí me agarrou: mãe, eu passei. Eu disse: Graças a Deus! Aí todo mundo, umas chorando, outras alegres, aí foi assim que ela entrou na EDISCA até hoje (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, Fortaleza/CE).

[...] Hoje a EDISCA é tão conhecida, está todo mundo atento, na hora que a notícia é lançada, todo mundo espalha, e todo bairro sabe, então é comum a gente fazer admissão aqui para 50 vagas e vir 700 crianças. E é uma loucura pra gente ter que escolher, selecionar, se a gente pudesse pegava todos, mas a gente não pode pegar todo mundo porque não tem condição física, econômica e tem que absorver toda essa demanda, então a gente faz uma seleção a partir dos talentos artísticos que são apresentados em pequenas oficinas porque o eixo central é a arte, então a seleção é em cima da arte, dos talentos artísticos e o outro parâmetro é a situação socioeconômica das famílias dessas pessoas que estamos atendendo (Entrevista com diretor artístico, Fortaleza/CE).

Não existe hoje na EDISCA nenhum programa que acompanhe os jovens que se desligaram do projeto. Existe, sim, um processo de desligamento temporário, que habilita o jovem a reingressar na instituição.

15) Redes, multiplicação e parcerias.

A EDISCA possui articulações em diversos níveis, com outras ONGs, com a comunidade, com o governo, com organizações internacionais e ainda faz parte de redes de organizações do terceiro setor como a Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais – ABONG e Rede de Arte-Educadores do Ceará.

De acordo com seus diretores, a EDISCA não propõe a replicação de seu modelo, mas a troca de experiências, métodos pedagógicos e materiais produzidos. Eles argumentam que cada instituição deve

trabalhar em cima da realidade em que está inserida e de acordo com as necessidades de sua clientela. Não precisa estar amarrada a um modelo preestabelecido.

Com apoio de um de seus parceiros, o POMMAR, a EDISCA lançou em 1999 um *kit* de repasse de metodologia com uma cartilha e um vídeo, oficinas e foram ministradas por seus membros. O material escrito de forma didática e ricamente ilustrado é uma ferramenta eficiente para organizações que estejam começando o trabalho com jovens.

No programa *Educação para a vida familiar*, promove-se a interação com as comunidades atendidas através de reuniões periódicas na EDISCA com os familiares dos alunos. Estas reuniões podem ser de dois tipos: uma macrorreunião mensal para a qual todos os pais são convocados e reuniões menores de onde surgiram alguns grupos como, por exemplo, os *Sábios da vida*. A característica deste grupo está no alto nível de resiliência dos integrantes, que são exemplos para toda a comunidade. Existem também grupos de troca de conhecimento, que acabam estendendo novas competências às famílias. Não é incomum, além das reuniões, encontrarmos reunidas em círculo mulheres das mais variadas idades, discutindo a presença da EDISCA na comunidade, as possibilidades de ampliação do atendimento, questões relacionadas com a educação para a vida familiar, problemas do bairro e a importância da consciência política.

A organização procura também estabelecer vínculos com as comunidades onde atua. Isso é feito através das escolas e das associações de moradores. Segundo relato dos animadores, é comum a EDISCA emprestar figurinos de seus espetáculos para que as jovens possam se apresentar em eventos comunitários e escolares normalmente organizados e coreografados pelos próprios alunos da EDISCA.

As escolas também procuram ser flexíveis quando alguma das meninas tem de viajar para se apresentar. Segundo o relato de um diretor de escola, as meninas da EDISCA são boas alunas e possuem uma postura diferente das demais. O diretor também reconhece o trabalho que a EDISCA faz na complementação da educação formal e diz que apóia iniciativas neste sentido.

Entre os principais parceiros da instituição, citam-se: Instituto Ayrton Senna, Embratel, POMMAR/PARTENERS/USAID, BNDES, UNESCO, Instituto C&A de Desenvolvimento Social, COMDICA, ASHOKA, Trevisan The Global Solution, Fonteles & Associados S/C e o Governo do Estado do Ceará.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Além de reuniões semanais, a equipe da EDISCA realizar uma grande avaliação no final do ano. É uma avaliação interna na qual os técnicos e animadores discutem os resultados e propõem ações para o próximo ano. Estas ações podem sofrer modificações durante o decorrer do trabalho.

Ocasionalmente, são contratados consultores para fazer avaliações externas.

17) Problemas específicos da experiência

A seguir, um sumário dos principais problemas levantados pelos informantes e que se referem à experiência.

- Falta de recursos para ampliar os atuais projetos e iniciar novos programas. Segundo os coordenadores, existe a necessidade de ampliar o atendimento de alguns programas da EDISCA devido à grande procura por vagas. Isso só será possível mediante investimentos diretos de um apoiador. Atualmente, a organização não pode arcar com as despesas geradas pela abertura de novas turmas.
- Número de funcionários insuficiente. Segundo os coordenadores, a EDISCA sofre com a falta de funcionários. A equipe sofre um desgaste muito grande, pois geralmente tem de se desdobrar em múltiplas funções e trabalhar nos finais de semana. A EDISCA fez contato com a organização Ceará Voluntário, porém relata que é difícil encontrar mão-de-obra qualificada para trabalhar dentro das características do projeto.
- Trabalho com os pais. Segundo a coordenação da EDISCA, é muito difícil mobilizar a família dos jovens. Apesar de algumas iniciativas já terem sido realizadas, elas ainda não tiveram o resultado esperado.

Na avaliação de um dos parceiros da EDISCA, a experiência apresenta resultados positivos que podem ser quantificados a partir de indicadores externos. Porém, como todo grande projeto social, enfrenta obstáculos. Nas palavras de um parceiro:

São obstáculos comuns inclusive na grande maioria e quase totalidade dos projetos sociais. O maior deles talvez seja a própria questão da sustentabilidade dos projetos, e as organizações hoje, por falta de recursos externos, pela necessidade talvez que tenham de trabalhar mais. Essa relação Estado e organização da sociedade civil, muitas vezes assume o poder muito cedo, por parte, por falta de capacidade financeira, ou sem dúvida é o que eu considero hoje mais nessa área, porque do ponto de vista técnico a gente percebe que há uma total disponibilidade da instituição, uma troca de experiência, uma crescente de contribuições técnicas que estão voltadas para a instituição. Em todos os momentos deste grupo perceptivo, nós temos uma relação extremamente respeitosa e em nenhum momento subserviente, é de muito respeito. A instituição para que esse patamar tende, a parceria que a gente desenvolve de alto nível que possa ser cada vez mais melhorados para que a gente possa desenvolver um trabalho realmente de muita ética nas nossas relações e felizmente com a EDISCA e a grande maioria das instituições com as quais a gente trabalha, isso tem se mantido dentro desse nível. Agora, os obstáculos existem e a gente procura junto com as instituições responder dentro da medida do possível, ou viabilizando outras articulações e parcerias, ou contribuindo tecnicamente com o trabalho para que possa minimizar essas dificuldades, esses obstáculos (Entrevista com instituição parceira, Fortaleza/CE).

- Preconceito com os meninos. Por trabalhar com a dança, particularmente o balé, a EDISCA é mais freqüentada por meninas do que meninos. Porém, os jovens que freqüentam relatam muitos preconceitos por fazerem parte de um projeto de balé. Os animadores, por sua vez, buscam trabalhar especialmente os meninos, reforçando ainda mais a sua auto-estima. A seguir, alguns relatos dos jovens sobre o preconceito com o balé.

Quando os meninos ficam arengando comigo ou eu fico com eles, eles ficam me chamando assim: olha o bailarino, bailarino da EDISCA (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Eu pergunto [aos meninos], vocês não querem entrar não, eles dizem: 'mas eu não sou nem veado' (Grupo focal jovens, Fortaleza/CE).

Meu irmão quando fazia parte da EDISCA, ele sofria muitos preconceitos, quando ele passava na rua eles diziam: olha o bailarino, olha o bailarino (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

18) Por que uma experiência inovadora?

De modo geral, as atividades artísticas desenvolvidas na EDISCA são muito atrativas para o público-alvo e mostraram-se eficientes como instrumento de educação usando o lúdico. Assim, as avaliações sobre o trabalho da EDISCA são bastante positivas em todos os relatos analisados.

O projeto oferece um leque amplo de atividades como as culturais, as ligadas à escola formal e assistência médica. Isso é considerado extremamente positivo por todos os informantes pesquisados.

- A gestão e a metodologia do projeto agradam muito aos financiadores. A forma transparente de trabalho e o cuidado em documentar tudo que se passa na organização fazem da EDISCA uma experiência exemplar.

O trabalho da EDISCA, para nós hoje, é um trabalho de referência enquanto um projeto que dentro das nossas linhas de ação, ele se encaixa perfeitamente, não só pela questão organizacional, talvez uma das poucas organizações não-governamentais que tenha conseguido desenvolver um modelo de administração e de gestão, são exemplares do ponto de vista de competência técnica e profissional das pessoas que hoje integram a instituição, como modelo pedagógico que é (Entrevista com instituição parceira, Fortaleza/CE).

- A agenda positiva da EDISCA é bastante eficiente para trabalhar com a auto-estima e desenvolver o protagonismo nos jovens.

Para os animadores e para o diretor, a arte é o eixo focal do trabalho da EDISCA. A arte no projeto é vista como o eixo de transformação da vida dos jovens e uma forma de encaminhá-los para uma mudança de qualidade de vida.

Este discurso também é absorvido pelas mães e pelos jovens, todos incorporam a idéia de que a “arte transforma” e isso é uma característica muito interessante do projeto.

Os relatos a seguir expressam de forma bastante clara este discurso.

Eu acho assim que se eles entrarem num projeto como a EDISCA, eles não vão ter tempo para fazer essas coisas, aí eles não vão

mais ligar para aquilo [drogas e prostituição] (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Acho que [A EDISCA] combate a ociosidade (Grupo focal com técnicos/animadores do EDISCA, Fortaleza/CE).

Nós acreditamos que a violência só se combate se mostrar o outro lado, é bom ser bom (Grupo Focal com técnicos/animadores, Fortaleza/CE).

Não tem coisa melhor do que você ensinar uma criança através de uma dança. [...]Então você começa a vislumbrar numa criança dessa um potencial enorme e você está abrindo a visão dessa criança para um mundo lá fora que ela tem enorme, você está dando a oportunidade, além do que ela já vem, por exemplo, de estar estudando e ingressar numa faculdade, você está dando a oportunidade para ela amanhã ser uma bailarina. Você está dando uma oportunidade dela amanhã ser uma professora de balé (Entrevista com instituição parceira, Fortaleza/CE).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

Em todos os relatos analisados, percebemos que os jovens que passam pela EDISCA modificam seu comportamento, sua postura e atitude. Além destes, outros impactos e percepções fazem da EDISCA uma experiência fascinante.

- Reconhecimento da comunidade em relação ao trabalho desenvolvido pela EDISCA.

[...] a gente observa nos alunos que são lá do projeto, a gente vê que eles têm um comportamento diferente, eles têm uma maneira de ser diferente, uma maneira mais educada, então eu acho que o projeto lá é um projeto que é muito positivo, porque eles além de trabalhar essa parte artística, essa parte da dança, o desenvolvimento da habilidade, eles também trabalham a parte de formação, os alunos as vezes que a gente tem algumas apresentações aqui, eles sozinhos tomam a iniciativa, a gente só dá uma idéia, eles mesmos ensaiam sozinho sem ter nenhum professor por perto, eles mesmos fazem o ensaio, fazem a montagem, a coreografia então vejam que eles lá na EDISCA, eles têm essa formação muito boa no

sentido de preparar um espírito de liderança, assim um instinto de dedicação àquilo que estão fazendo, eu vejo isso, a gente nota o comportamento deles e eles são alunos assim mais educados, alunos mais dedicados àquilo que fazem e mais atenciosos (Entrevista com membro da comunidade, Fortaleza/CE).

- Baixo índice de gravidez precoce, segundo o relato dos coordenadores: em um universo de 800 atendimentos foram verificados somente sete casos (0,88%). Esta proporção é inferior à verificada nas jovens que não participam do projeto (13,63%). Note-se que segundo os dados da PNAD de 1999, de uma população de 165.871 mulheres jovens entre 15 e 19 anos, 22.612 tiveram filhos, na cidade de Fortaleza.
- Redução de cáries e anemia, através da aplicação semanal de sulfato ferroso e vitaminas nas crianças e jovens.
- Formação de professores de dança, a partir do qual pelo menos dez adolescentes ensinam dança em academias ou escolas.
- Espetáculos de dança de qualidade reconhecida e premiada nacionalmente, que trazem para a entidade recursos provenientes da venda dos mesmos, com uma média de público de 827 pessoas por apresentação e aproximadamente duas apresentações por mês.
- Segundo os coordenadores, houve uma redução do índice de reprovação escolar de 12,2% para 1,7%, entre os jovens envolvidos com a EDISCA, e isso teve como consequência a diminuição da defasagem escolar.

O índice de reprovação aqui na EDISCA é mínimo. A gente já zerou vários anos, isso em lugar nenhum acontece, não é? Nem nas escolas particulares. A gente já consegue aqui zero de reprovação. Quando acontece a reprovação, a gente dá uma chance para essa criança se reabilitar. E a gente vai se reabilitar bem! Se ela não se reabilitar, então ela perde mesmo essa vaga (Entrevista com diretor artístico Fortaleza/CE).

- Aumento da auto-estima. Como consequência, uma mudança em relação à postura e ao comportamento do jovem. Principalmente quando ele contrapõe a EDISCA à própria casa.

Porque aqui dentro da EDISCA a gente tem uma educação que a gente não tem em casa. Muitos aqui não têm em casa. Então tem

muitos meninos da rua, nossos amigos mesmo, são pessoas tão mal-educadas. É tão diferente. A gente aprende uma coisa tão legal, a gente é tão bem educada, mesmo tendo lá em casa, na EDISCA a gente sempre aprende a ser educada e os colegas são tão mal educados, é muito diferente (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

Quando a gente entra na EDISCA, a gente tem uma aula básica que a gente não tem em casa. Pelo menos eu nunca tive. Na minha primeira aula, eu não tive aula de dança. Ela foi ensinar disciplina, como que eu deveria me comportar quando estivesse visita, como deveria ser quando eu tivesse comendo, como que eu deveria pegar no garfo, na faca. Eu aprendi tudo isso aqui na EDISCA, coisa que a minha mãe nunca tinha me ensinado em casa (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

[...] as pequenas coisas que elas passam a exigir da família, uma outra exigia que o sabonete fosse só dela, a gente dá, mas elas passam a exigir um comportamento da família (Grupo focal com técnicos/animadores, Fortaleza/CE).

- Melhoria do rendimento escolar e maior interesse pela escola.

[...] uma vez fizemos uma festa aqui, uma festa de talentos, e ficávamos perguntando em sala de aula quem queria mostrar seu talento. O menino: tia, vou mostrar meu talento, vou dizer no palco lá, que quando eu cheguei – ele esteve aqui na alfabetização, no meio do ano quando retornou às aulas – aí, ele disse professora deixa eu ler, a professora, pode ler, pensando, estava nem aí, ela estava tão acostumada que ele não sabia, aí ele começou a ler, a professora chorando, a professora chorando, eu pensei que ela estava com problema; professora o que que a senhora tem? Não a meu filho, você está lendo, vou levar você para, diretora. Ela se emocionou, para ele era um orgulho falar isso para todo mundo (Grupo focal com técnicos/animadores, Fortaleza/CE).

Quando eu ia para a escola, eu bagunçava muito, aí eu só vivia recebendo advertência, aí eu levei uma suspensão porque quebrei um ventilador, aí eu me aquieteí mais. Aí eu fiquei aqui e me eduquei (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE)

Eu tinha dificuldade na escola, assim quando foi para eu passar da quinta para a sexta, eu passava o dia inteiro no colégio. A tia era

todo tempo em cima de mim, porque se eu não tivesse alguém em cima de mim, eu não me interessava pelo colégio, fazer dever, nem nada, Era superdesinteressada. Até agora um pouquinho em matemática, que eu não estou muito bem, agora nas outras matérias eu estou indo (Grupo focal com jovens, Fortaleza/CE).

- Segundo a percepção dos informantes, os alunos da EDISCA são diferentes das outras crianças e jovens da comunidade. Esta percepção é baseada na responsabilidade (enquanto um valor) dos jovens.

Se você fizer o parâmetro com a realidade das outras crianças que estão mesmo na escola formal que ela, no mesmo bairro e tudo o mais e você conversa com os professores delas, por exemplo, você vai ver que eles vão dizer que o pessoal da EDISCA é mais aplicado, tem mais consciência, tem um índice de aproveitamento maior, são educados, são carinhosos, não me causam problemas e por aí vai. (Entrevista com diretor artístico, Fortaleza/CE).

- Melhoria da renda familiar de cerca de 70 crianças e adolescentes, através de bolsa de estudos oferecida aos integrantes do Corpo de Baile. Segundo os coordenadores, esta bolsa ampliou o poder aquisitivo das famílias.

4.4 Maranhão

4.4.1 Circo Escola

- 1) Nome da organização
Fundação Municipal de Crianças e Assistência Social – FUMCAS
- 2) Data de fundação
1998
- 3) Cidade/Estado
São Luis, MA
- 4) Tipo de organização
Pública municipal
- 5) Nome da experiência analisada
Circo Escola – Recriando a Vida
- 6) Contato
 - a) Responsável: Margarete Cutrim Vieira
 - b) Cargo: secretária municipal
 - c) Telefone: (98) 231-5662
 - d) E-mail: fumcas@elo.com.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Em São Luís no Maranhão.
- 8) Origem dos recursos:

O projeto Circo-escola é quase totalmente financiado com recursos públicos. A Fundação responsável obtém os recursos do Governo Federal, pelo Fundo Nacional de Assistência Social; do Estado do Maranhão, por meio do Fundo Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente; e do Município de São Luís, pelo Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Além disso, parte dos recursos para implantação do Projeto Circo escola teve como origem o UNICEF, através do Projeto Criança Esperança.

9) Áreas de atuação

Arte circense, bordado, indumentária, dança, educação esportiva, percussão e capoeira.

10) Objetivos

- Reforço da auto-estima, como condição básica ao acesso e à permanência com êxito no ensino fundamental.
- Organização dos meninos e meninas que fazem da rua seu espaço de vivência e sobrevivência, com vistas à construção da cidadania.
- Formação de uma consciência crítica de respeito do homem ao meio ambiente, como fator essencial à melhoria da qualidade de vida.

11) Público-alvo

O Projeto *Circo-Escola* é uma iniciativa voltada para crianças e adolescentes em situação consolidada de rua, ou seja, aquela criança ou jovem que já tem os laços com a família rompidos. A faixa etária dos meninos e meninas atendidos varia de sete a 16 anos, sendo na maioria meninos.

12) Caracterização e histórico :

O Projeto *Circo-Escola* é coordenado pela Fundação Municipal de Crianças e Assistência Social – FUMCAS, a qual tem como missão desenvolver políticas de assistência social, priorizando a criança e o adolescente em situação de risco e possibilitando que essas crianças tenham a oportunidade de um desenvolvimento social e pessoal saudável. A idéia do Projeto *Circo-Escola* surge da necessidade de atender crianças e adolescentes que apresentam uma série de dificuldades no desenvolvimento de suas potencialidades, devido, sobretudo, às condições de sobrevivência nas ruas. Esses jovens são, por vezes, mais exigentes, arredios, perspicazes e até sentem necessidade de desafios.

Por essas razões, a escola convencional não oferece os atrativos necessários para tirar um garoto da rua para passar a desenvolver atividades rotineiras, nas quais, na maioria das vezes, o professor só

dispõe da voz e do giz. O *Circo*, portanto, oferece um lugar onde as crianças são acolhidas e têm a oportunidade de desenvolver, criar, aprender, sonhar, com outras pessoas, sentindo elas próprias a necessidade de sair da rua.

O *Circo-Escola* não tem como objeto específico desenvolver atividades profissionalizantes; visa, exclusivamente, à retirada dos jovens da rua e sua conseqüente reinserção na família e na escola. Para tanto, busca possibilitar-lhes uma nova relação com a vida mediante atividades artísticas, culturais e educativas.

São requisitos usados para ingresso no Projeto *Circo-Escola*: situação de rua consolidada, dificuldades de reinserção e de permanência na escola e na família e pertencer a família de baixa renda. Esses jovens convivem de perto com a violência, tanto como vítimas quanto como praticantes.

Atualmente, são atendidas 119 crianças, a grande maioria delas já está na escola e já retornou ao convívio familiar.

O projeto do *Circo-Escola* é bastante antigo, tendo sido, inclusive, montada uma proposta para que a FUMCAS o desenvolvesse. No entanto, só a partir de 1998, com o investimento do UNICEF por meio da campanha Criança Esperança é que se conseguiu inaugurar o *Circo-Escola*.

[...]Em 1999, com os recursos arrecadados no Criança Esperança de 98, abriu-se a oportunidade de apoiar projetos que tivessem as atividades complementares à escola como foco principal. E a Prefeitura já tinha esse desejo de ter o Circo-Escola como uma atividade que viesse a complementar as atividades das crianças e pudesse também servir no espaço transitório entre a rua, em que esses meninos se encontravam, e o retorno tanto para a escola como para o convívio familiar. Então a idéia da FUMCAS se encaixava perfeitamente na idéia do recurso, como é um recurso arrecadado por um doador, no caso a Rede Globo, eles praticamente definem qual vai ser o tipo de projeto que eles gostariam de apoiar naquele ano (Entrevista com parceiros, São Luís/MA).

13) Recursos humanos

A equipe tem como base os profissionais da FUMCAS. Grande parte dos educadores possui nível superior, principalmente nas áreas de pedagogia, psicologia e assistência social. Uma outra parte é artista ou oficineiro, mas todos possuem capacitações e cursos de

educadores de rua. Os educadores geralmente têm experiência prévia com educação de meninos e meninas de rua. O quadro é composto por seis oficinairos, a equipe técnica e a coordenação.

Na FUMCAS existe um plano de formação que é constituído de capacitações mensais que ocorrem com temas voltados para a realidade de crianças e adolescentes que estão na situação de rua. São capacitações que visam ao aperfeiçoamento do trabalho da equipe. Também são realizados encontros e reuniões de avaliação na tentativa de superar as dificuldades que porventura apareçam.

Os profissionais são concursados e não existe trabalho voluntário. Alguns trabalham em tempo integral e outros, em tempo parcial, dependendo da área da oficina em que trabalham e da necessidade. A coordenação atuam em tempo integral.

14) Programas e projetos em curso

A seguir, alguns dos principais programas da Fundação que trabalham com crianças e adolescentes:

Núcleos de Apoio do Mercado Central e João Paulo: Espaços de realização de atividades pedagógicas, recreativas, culturais, lúdicas e esportivas onde são atendidas crianças e adolescentes trabalhadores das feiras e mercados, além de moradores de bairros periféricos. As atividades dos Núcleos, contemplam 1.019 crianças e adolescentes, com aulas de reforço escolar, oficinas de arte, escolinha de caratê, de futebol e cursos de dança e teatro.

Construindo Cidadãos: Programa que atende crianças e adolescentes em situação de rua, buscando contribuir para sua saída das ruas. Atualmente uma média de 80 crianças e adolescentes vêm sendo acompanhados nas áreas de maior concentração. Os educadores identificam a situação pessoal e familiar, os interesses, carências e perspectivas de vida de cada menino e menina, a fim de inseri-los em programas, de acordo com a necessidade.

Projeto Esperança: Iniciativa do Exército e da Prefeitura, através da FUMCAS e SEMED, que atende adolescentes em situação de risco pessoal e social. No quartel do 24º Batalhão de Caçadores, 20 meninos de 14 e 15 anos participam de programa educativo. Pela manhã, assistem a aulas em escola da rede municipal, à tarde recebem alimentação, acompanhamento na preparação de tarefas esco-

lares, aulas de música, mecânica, carpintaria, atividades físicas e atendimento médico-odontológico.

Devido à grande abrangência do trabalho desenvolvido pela FUMCAS e para garantir maior profundidade na caracterização de uma dentre as várias atividades realizadas, a pesquisa utilizou, como principal instrumento de trabalho, a experiência do *Circo-Escola*.

15) Metodologia

Para que fosse feita uma intervenção consistente na problemática dos meninos e meninas de rua, foi necessário obter dados da realidade dessas crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Luís. Desta forma, os educadores do *Construindo cidadãos*, outro projeto da FUMCAS, realizaram uma contagem de crianças e adolescentes de rua. Assim, a equipe do *Circo-Escola* obteve o instrumental necessário para a montagem e implementação do projeto, já que os dados da realidade obtidos serviram como parâmetro para o desenvolvimento do trabalho.

A partir do momento em que o menino chega ao *Circo*, é encaminhado ao pessoal da parte técnica (assistente social, coordenadora) que lhe apresenta o *Circo*, passando por todas as oficinas. É a partir dessa visita, às vezes participando um pouco, que eles mesmos escolhem a oficina com que se identificam mais. A metodologia adotada é assim descrita:

A nossa metodologia é garantir a presença educativa dos meninos no cotidiano aqui do Circo, elaboramos junto com eles regras de convivência que têm que ser levadas em consideração. O objetivo é despertar a auto-estima, é a valorização da companhia familiar e da comunidade, é o companheirismo deles entre eles mesmos lá. Regresso à escola, regresso e permanência na escola (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

As oficinas são, na maioria, de arte circense, mas existem também oficinas de bordado, indumentária, dança, educação esportiva e algumas oficinas de higiene e saúde, de cidadania, psicopedagógica e drogas.

O tempo de permanência nas atividades está muito relacionado com o tempo que cada criança leva para “aprender a andar sozinha”. Então, esse aprender a andar requer tempo e é um processo que varia

em cada um. Logo, para que o menino seja desligado vai depender do seu processo de desenvolvimento.

Porque o desligamento é de uma forma mais lenta, para que não seja mais um corifeu na vida. Porque a gente vê que o menino atendido aqui, de uma certa forma, está sendo privilegiado, porque têm outros que estão fora de todo sistema de atendimento. E a gente vê como eles vêm tão necessitados desses atendimentos que a gente dá aqui. Então, ele requer um tempo para absorver, para ele romper com essa estrutura da rua. Então, a gente respeita esse processo no adolescente. Não é que hoje eu completei 16 anos, é que hoje eu me sinto desligado do programa. Claro que antes a gente sempre procura encaminhamentos tanto dentro da própria instituição como fora. Tanto ao nível de Estado, de Município, a nível de ONGs, a gente busca encaminhamento para que essa criança continue tendo apoio para que ela ande (Grupo Focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Quase não há desistência e a rotatividade depende da adaptação de cada criança à nova vida em família. Poucas são as crianças que voltam a viver nas ruas.

Alguns por retornarem para a família, por estarem freqüentando a escola, eles saem do Circo. Agora nós temos tido assim uma estratégia de, a medida do possível, estar incluindo em outros programas. Saem do Circo e possibilitam a entrada de novos. Mas procura outros programas, até que isso seja mais amadurecido, esteja mais consolidado na cabecinha e está se consolidando mais ainda para não haver mais uma volta para as ruas (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

A vida das crianças e dos adolescentes que ingressam no Projeto *Circo-Escola* é acompanhada passo a passo. Isso faz parte da concepção e da missão do projeto. No entanto, depois que esses jovens se desvinculam do programa, ainda não se tem condições de fazer esse acompanhamento. O que se tem feito é o encaminhamento de alguns jovens para outros projeto afins, mas aqueles que não são encaminhados, não recebem nenhum tipo de acompanhamento egresso.

O Circo-Escola é dos sete aos 16 anos. Quando atingem essa faixa etária, eles podem ser encaminhados para o programa de educação profissional ou qualquer programa da FUMCAS, eles são assim interligados (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Alguns que já conseguiram se desenvolver bem e estão chegando aos 16 anos, nós possibilitamos a inclusão deles em um outro programa da Fundação que é o Programa de Habilitação ao Trabalho, onde o adolescente, vamos dizer assim, teria o seu primeiro emprego, não é bem emprego, é um estágio de um ano numa organização governamental ou não-governamental, e a predominância é em órgãos públicos mesmo da própria administração municipal em que ele vai aprender a se relacionar com as pessoas no mundo do trabalho (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

16) Redes, multiplicação e parcerias

O projeto *Circo-Escola* é extremamente articulado, tanto com outras ações da Fundação, quanto com ações de organizações parceiras. Geralmente, os meninos são encaminhados a outros projetos, como por exemplo o *Programa de habilitação ao trabalho* da própria FUMCAS, quando atingem a idade de desligamento do *Circo-Escola*. Além disso, os garotos que chegam ao programa são encaminhados, na maioria das vezes, por organizações parceiras como a Rede Amiga da Criança, os conselhos tutelares, o juizado de menores, a promotoria que movimenta os meninos de rua, as ONGs. Essas entidades, que já vêm trabalhando com os garotos, articulam-se e os encaminham ao projeto que lhes seja mais benéfico.

Inicialmente, o Projeto *Circo-Escola* não foi muito bem aceito pela comunidade. As pessoas achavam que o projeto iria trazer meninos de rua, marginais para seu convívio. No entanto, após o início do funcionamento, o *Circo* mostrou-se inofensivo e a comunidade passou a aceitá-lo, mas não há uma participação efetiva no projeto.

A comunidade não aceitou. Já fizeram abaixo-assinado para que tirassem o Circo daqui porque ia trazer prejuízo, mas eu acho que não trouxe prejuízo nem para os moradores daqui. Achavam que os meninos vinham para cá, iam fazer e acontecer, mas pelo menos eu nunca fui ofendida por nenhum desses meninos (Entrevista com membros da comunidade, São Luís/MA)

É feito um trabalho muito próximo à família, com acompanhamento e realização de reuniões sistemáticas, pois é preciso que a família reconquiste o filho para o convívio no dia-a-dia. Para tanto, as famílias recebem orientação e apoio psicossocial e jurídico. Além

disso, acompanha-se a forma como a família se faz presente na vida escolar das crianças e dos adolescentes.

Para garantir maior participação da família e assegurar que a criança não vai ser induzida ao trabalho ou ao retorno para a rua, o projeto *Circo-Escola* estimula a inclusão da família no programa *Bolsa-escola*. Desta forma, ela passa a receber um salário mínimo mensal para que, na hora em que o jovem volte para a escola, a família possa dar o apoio necessário.

Apesar de o *Circo-Escola* ser desenvolvido pela Fundação da Criança e Assistência Social, ele foi pensado e tem sido executado em uma rede de parcerias. O trabalho é desenvolvido de forma mais intensa com algumas ONGs que auxiliam, inclusive, na formação dos educadores e que acabam assumindo o acompanhamento e a avaliação de vários projetos. São elas: o Centro de Cultura Negra, o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua e o Centro de Defesa Padre Marcos Passerini. Merece destaque a parceria desenvolvida com o Centro de Defesa Padre Marcos Passerini, em articulação com o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, que contribuem no sentido da formação dos educadores do *Circo-Escola*.

A gente tem um relacionamento assim muito saudável com as outras entidades que trabalham com jovens. Nós temos os parceiros que são muitos, a gente tem o CCN, o Movimento, temos parceiros muito maiores que os outros, o Centro de Defesa, os conselhos tutelares, que estão sempre conosco e outras entidades. Tem a Rede Amiga da Criança também, que é toda uma articulação (Grupo focal com técnicos/animadores São Luís/MA).

Além dessas ONGs, conta-se com o apoio técnico-financeiro decisivo do UNICEF, que está auxiliando na compra de mais três “loninhas” menores, onde serão desenvolvidas outras oficinas.

É através da assistência técnica, desde a discussão do projeto, do acompanhamento da elaboração do projeto, ao acompanhamento da execução financeira do projeto que é acompanhado financeiramente pelo UNICEF (Entrevista com parceiros, São Luís/MA).

O poder público municipal é o responsável pela manutenção e execução do projeto *Circo-Escola* e mantém parcerias com outras unidades administrativas municipais e estaduais.

[...] nós temos a Secretaria de Educação, porque eles dão a bolsa-escola para as famílias e a bolsa-escola é da Secretaria, então tem toda essa articulação. Nós temos a Secretaria de Saúde, que faz todo o acompanhamento da saúde deles, a aplicação de flúor, enfim toda a questão da saúde é trabalhada no Circo-Escola (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

A avaliação formal do projeto *Circo-Escola* é anual, mas são realizadas avaliações “informais” com bastante frequência. O educadores são estimulados a discutir semanalmente e o que aconteceu nas oficinas, para desta forma coordená-las. Existem também avaliações bimestrais, quando são planejadas as próximas atividades.

Além das avaliações internas, são realizadas avaliações com as crianças e com os adolescentes atendidos pelo projeto *Circo-Escola*, bem como com a família. A participação dos parceiros nessas avaliações é bastante intensa, já que, além de participarem de todas as reuniões citadas, também são feitas reuniões exclusivas.

Nós temos as avaliações, momentos de avaliação. E a avaliação é feita com eles [os jovens]. Todos vão dizer as coisas boas e ruins. Então é assim, eles se avaliam, eles avaliam a equipe e avaliam as condições que estão sendo dadas para o projeto (Entrevista com coordenador, São Luís/MA)

Aí o nível de avaliação é com eles, é com os familiares, com a família e com os técnicos. E depois com os parceiros, em vários níveis de avaliação. Os parceiros participam lá de todas essas outras, da criança, do adolescente, da família, dos técnicos, e depois fazem uma especial. É importante essa avaliação porque tudo é construído coletivamente (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

18) Problemas específicos da experiência

- A maioria dos problemas decorre de dificuldades financeiras, no entanto, merece destaque a falta de verba para ampliação do projeto *Circo-Escola* como um todo.

Bom, os obstáculos, as dificuldades são sempre muito restritas, muito direcionadas para a questão financeira. Se tivéssemos recursos suficientes, já teríamos implantado na sua totalidade. Nós estaríamos atendendo muito mais crianças e adolescentes (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

- A pouca infra-estrutura do projeto *Circo-Escola* é apresentada por todos os envolvidos como um problema a ser superado. O *Circo-Escola* atualmente conta apenas com uma lona, ou seja, muito pouco espaço para desenvolver as atividades; e também falta material para as oficinas como, por exemplo, um aparelho de som. Os alunos queixaram-se muito da falta de um banheiro com mais espaço e mais limpeza. Além disso, o pessoal disponível parece insuficiente para a grande quantidade de alunos.

O ponto negativo que eu acho é que deviam ter mais educadores. E devia ter outro local, porque são muitos meninos que têm aqui no circo, porque eu acho pequeno. E aí, por exemplo, cada professor leva para lá, e uns começam a falar e já vêm atrapalhar. Se aqui tivesse salas divididas, seria melhor. O ponto negativo que eu acho daqui: o banheiro também (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

E a gente já tem providenciado loninhas... Mas aí o maior obstáculo agora, atual, é a questão do espaço físico. Já estão sendo providenciados mais terrenos. Que a gente ia colocar as loninhas só neste espaço aqui, mas na verdade a gente já está ganhando um pouquinho de lá, aquela parte de lá (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Não existe encaminhamento dos jovens que demonstram potencialidades acima do comum e que se destacam nas atividades circenses.

A gente não tem como encaminhar esses meninos. Então, a Função está aí, não vou dizer com um abacaxi, porque é uma coisa muito legal, mas está com desafio estupendo na mão (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Uma dificuldade enfrentada pelos educadores diz respeito à própria especificidade da situação vivida pelas crianças e os adolescentes de rua. A forma de trabalhar essas questões sensibiliza muito os profissionais, chegando, às vezes, a desestimulá-los.

A gente passa umas barras pesadíssimas aqui também, entendeu? A gente pega um menino que está vindo da rua drogado, a gente pega o menino com armas, a gente pega o menino com toda a frustração do mundo. A gente pega uma coisa que incomoda mesmo que é aquela coisa da impotência, entendeu? Porque a gente está falando do menino, mas quando esse menino vem aqui, ele vem aqui com uma carga tão grande, sabe? Porque esse fator é comum, esse fator da família é uma coisa horrorosa. Então, às vezes, a gente fica tão detonado! (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

[...] De repente a manifestação de revolta de um adolescente no Circo, com 60, 70 outras crianças adolescentes, se revolta com algum educador. Então isso mexe com a equipe, mexe com os meninos todos. São os problemas do dia-a-dia (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

19) Por que uma experiência inovadora?

Como, geralmente, a criança e o adolescente em situação de rua cristalizada não conseguem por si só adaptar-se ao sistema escolar por estarem em um nível altíssimo de liberdade, o projeto apresenta-se como um espaço intermediário entre a rua, a família e a escola.

Através da arte circense e da magia que o circo representa na vida de uma criança, busca-se conquistá-la, trazendo-a para o espaço do Circo. O Circo oferece uma variedade imensa de oficinas, mas têm peso maior as artes circenses sob a lona do circo.

A equipe tem uma percepção muito positiva de que o trabalho voltado para a cultura local e para a arte é o melhor meio de resgate de valores. Para eles, essas atividades são fundamentais para o crescimento dos jovens. Então, é através desse rol de atividades que eles têm conseguido resultados, comprovando que a arte, que a cultura estão “*no interior de cada um de nós a serem estimuladas, a serem potencializadas, e são capazes de transformar realidades*”. A equipe do projeto *Circo-Escola* também acredita e investe na questão do esporte, como meio de trabalhar a saúde e a mente. Essas atividades são desenvolvidas sobre a orientação de um educador, possibilitando que o jovem retorne à escola.

Aqui, a gente desenvolve atividades de arte circense, pela manhã. Arte circense e bordado, indumentária, dança, educação esporti-

va. E algumas oficinas de higiene e saúde, de cidadania, psicopedagógica, drogas. À tarde, a gente tem atividades, repete a arte circense, educação esportiva, percussão e capoeira. A educação esportiva, nesse momento, nós estamos divididos assim: três vezes na semana, pela manhã, em função do número de crianças e adolescente ser maior de manhã, e duas vezes à tarde. Então, a gente está contratando mais um profissional para educação esportiva (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Os jovens mostraram-se bastante satisfeitos com o Projeto *Círculo-Escola*. Seus resultados concretos comprovam essa avaliação positiva: são 119 atendidos, 96% voltaram a frequentar a escola, 44 famílias foram incluídas no programa bolsa-escola, 85% dos jovens permanecem no convívio familiar, 100% dos meninos e meninas são atendidos em programas de saúde com tratamento preventivo e curativo.

O que eles gostam é das atividades, pelo menos o que eles colocam para gente. E eles não gostam do final de semana porque eles não estão no circo. É isso que eles sempre estão colocando para gente (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Eu percebo da mesma forma. Eu acho assim, houve uma avaliação dos meninos que eles fizeram sobre o circo. E aí eles disseram que o circo é 100%, que é ótimo, que é maravilhoso. Então, até pela escuta deles mesmos, eles nunca disseram que não gostam de tal coisa, de algo aqui dentro do circo (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Eu considero um projeto inovador para São Luís, Maranhão. Maranhão é um estado com uma riqueza cultural fantástica e que é muito pouco explorada, inclusive para este tipo de atividade que possa estar conciliando essas atividades culturais com a construção da cidadania e o trabalho pelos direitos. Então, além dele ter essa característica de resgatar o vínculo familiar da maioria dos jovens, de assegurar um direito à escola, ou educação, ele também tem essa visibilidade, esse componente inovador (Entrevista com parceiros, São Luís/MA).

20) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

Os impactos do projeto *Circo-Escola* na vida das crianças e dos adolescentes atendidos são extremamente significativos, pois representam mudanças na vida de cada um deles, bem como mudanças que propiciam a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

- Os jovens são retirados da rua e retornam ao convívio familiar e escolar de maneira sustentável, deixando inclusive de consumir drogas. O afeto e o carinho dos educadores e da família, que é orientada de perto, são decisivos nesse processo. Hoje, 96% dos jovens do projeto *Circo-Escola* já estão estudando e têm um excelente aproveitamento escolar. No que diz respeito ao convívio familiar, o comportamento desses jovens também sofre modificações, eles passam a ser mais dóceis e amáveis, tratando a família com muito mais respeito. Mais do que tudo isso, esses jovens adquiriram o sentido de estarem vivendo uma vida digna e segura.

Acho muito bom, porque tirou os meninos da rua, os meninos da feira, os meninos que vivem no sinal. Para não ficar por aí, porque às vezes a pessoa está trabalhando, dá, mata, rouba, faz o que quiser. E aqui não. O que é melhor para não haver violência aqui, é melhor dentro do circo. E quem está na rua, arriscando tudo, não sabe se vai para rua hoje, e chega a notícia que está morto. E aqui não (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

Nós temos assim os resultados concretos da vida de muitos. Só o fato dos meninos não voltarem mais para as ruas, de estarem convivendo com suas famílias. Estarem freqüentando a escola com todas as dificuldades que nossas escolas tradicionais desse país hoje impõem às nossas crianças e adolescentes. Mas eles têm do outro lado perspectivas concretas, a possibilidade da criatividade, do vôo como a gente fala, que para nós aqui da escola é um vôo. A criança sai daquele estado de estagnação, se é assim que a gente pode considerar, e ele começa a criar, a partir desse sentido, ele começa a criar, a se desenvolver. Aí é possível até se adaptar às disciplinas da escola formal (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

Antes eu ia para rua. Dormia até mesmo na rua direto. Ficava na rua usando drogas, cheirando cola, cheirando solvente. Ia preso, às vezes ia para o abrigo. Aí depois do Circo-Escola, nem na rua vou mais (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

Eu acho que mudou tanto para mim como para a minha mãe. A minha casa era quase toda de barro, hoje ela é quase toda de tijolo. E daqui para frente vai estar muito mais. Ah, porque mamãe recebe o salário da bolsa-escola, e é muito bom para gente. Porque antes meu pai estava desempregado, e ele começou a fazer a casa, e aí ele desempregou e aí o dinheiro da bolsa ajuda muito (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

Eu considero porque existe muitos que andam pela rua, se drogando, roubando. E se ele estivesse aqui não estaria fazendo isso, porque todos que estão aqui não estão mais fazendo isso. Porque os meninos vêm para cá, eles mudam totalmente, porque eles não vão mais roubar, não vão mais para rua. É daqui para casa, de casa para cá. E os que estão fora do projeto que andam pela rua ainda fazem isso, essas coisas (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

- O projeto *Circo-Escola* investe no processo de despertar potencialidades e aumentar a autoconfiança e auto-estima dos jovens, dando oportunidade para que eles desenvolvam um projeto de vida e aumentem suas perspectivas de futuro, voltando a sonhar. Os meninos passam a desenvolver sua criatividade e passam a demonstrar que podem desenvolver, como qualquer outro garoto de sua idade, atividades produtivas e inovadoras. Além disso, o projeto tem um grande efeito multiplicador entre os próprios jovens.

A gente costuma achar que na rua eles não têm expectativas, não têm desejos, não têm sonhos. E é uma bobagem da parte da gente, da sociedade de uma maneira geral. Existe uma visão muito distorcida da situação das crianças e adolescentes de risco em situação de rua. Não que sejam anjos, não são anjos caídos do céu. Têm suas facetas também, até porque todo convívio ali é muito próximo da violência. Mas eles também têm desejos, sonhos, e eles têm muito potencial. Eu acredito se o projeto vem ao encontro de uma expectativa, você vai ver uma mudança radical, inclusive no aspecto, no cuidado com sua aparência física. Vai

começar a se ver com outros olhos, a auto-estima aumenta, e ele de repente se descobre uma pessoa importante, bonita, isso aí é radical até porque passa a resgatar, construir vínculos que estavam esgarçados ou que nunca haviam sido construídos (Entrevista com parceiros, São Luís/MA).

O que ganham? Meu Deus, acho que é a própria vida. Seus projetos de vida todos são repensados, ainda que não seja nessa coisa formal e estrutural como a gente coloca um projeto de vida. Mas ele passa a pensar que ele vivia assim, mas ele quer chegar a isso, ele quer fazer isso, então ele tem de percorrer um caminho que é diferente daquilo que ele fazia antes. Então é uma alteração muito significativa na vida deles (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

- Interessante notar o depoimento de uma mãe que afirma uma mudança comportamental global na vida de sua filha.

Eu quero dizer que antes da minha filha entrar neste Circo-Escola, eu sofria muito também, porque ela era uma menina rebelde, que aos 12 anos ela puxou uma faca para me furar. Eu sempre trabalhei em casa de família, eu entrava segunda-feira e saía sábado, para dormir. Então ela ficava todo tempo com minhas irmãs, só que não é a mesma coisa que mãe, a gente não tem condição de acompanhar os nossos filhos, então ela ficou praticamente uma menina na rua, ela passava o dia na rua, ela se tornou uma menina rebelde, revoltada. [...]. Mas desde que minha filha colocou os pés dentro daquele portão ali, mudou tanto que a vida dela é totalmente restaurada. De pior aluna da classe, hoje é a melhor aluna da classe. De quatro anos que ela não passava, ela passou a ser líder da classe. Inclusive eu trouxe umas fotos para mostrar dela. Uma menina crescida, hoje ela me dá ouvidos, me dá atenção. Hoje, ela pede para ir a algum lugar, ela pergunta para mim, antes não falava. Olhava-me com ira, com raiva assim. Era uma menina que só Deus, só Deus mesmo para saber. Esse trabalho tem de ser reconhecido porque não há dinheiro na vida que pague o trabalho que essas pessoas fazem por nossos filhos [...]. (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, São Luís/MA).

4.4.2 Descobrindo o Saber

1) Nome da organização

Projeto de Educação Alternativa Descobrindo o Saber

2) Data de fundação

1989

3) Cidade/Estado

São Luís, MA

4) Tipo de organização

Filantrópica

5) Contato

a) Responsável: Maria Gregório

b) Cargo: coordenadora geral

c) Telefone: (98) 223-2113

6) Locais onde são realizadas as atividades

Na sede da entidade, em São Luiz, Maranhão.

7) Origem dos recursos

Atualmente o Projeto Descobrindo o Saber é mantido, exclusivamente, por um único parceiro. Especificamente o curso de operador de áudio foi financiado pelo Programa de Capacitação Solidária.

8) Áreas de atuação

Arte, educação e cultura.

9) Objetivos

O Projeto Descobrindo o Saber oferece um espaço alternativo para que crianças e os jovens possam ocupar seu tempo, perceber seu potencial artístico-cultural e desenvolvê-lo, possibilitando-lhes uma alternativa para o futuro. Além disso, discutem-se as questões da cidadania e aprofundam-se temas étnico-culturais, visando a um melhor entendimento quanto à origem de nosso povo. Têm-se como principais objetivos o fortalecimento da identidade cultural e da auto-estima e a integração/reintegração das crianças e jovens na escola pública.

10) Público-alvo

Atendem-se diariamente, aproximadamente, 100 crianças e adolescentes, filhos de trabalhadores, bem como desempregados ou subempregados. A faixa etária varia dos cinco aos 20 anos, sendo distribuídos nas várias oficinas pedagógicas mistas (meninos e meninas, com predomínio dessas últimas). A maioria está na escola formal e aqueles que ainda não estão, o projeto está se encarregando de providenciar sua matrícula. São pouquíssimos os participantes que trabalham, e esses geralmente são trabalhadores informais.

11) Caracterização e histórico

O Projeto de *Educação alternativa descobrindo o saber* é uma entidade filantrópica fundada em 19 de setembro de 1989, por um grupo de pessoas que militava na Igreja Nossa Senhora da Penha, tendo como fundador e principal colaborador um ex-dirigente do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.

O processo de criação do Projeto *Descobrimdo o saber* ocorreu a partir da observação da presença de muitos jovens sem opção de lazer. Assim, decidiu-se criar uma alternativa de ocupação para estimulá-los a aproveitar seu potencial artístico e cultural.

O Projeto *Descobrimdo o saber* passou por graves dificuldades, tendo, inclusive, chegado ao ponto de ser fechado por quatro anos por falta de condições de funcionamento. Por isso, a experiência sofreu uma espécie de retrocesso.

Ele surgiu em 1989 e em 1992 nós já tínhamos essa sede aqui em construção e já tínhamos outro patrimônio ali próximo da casa, onde o nosso ideal era colocar a biblioteca comunitária. O trabalho, fonte de pesquisa e tal se tornou uma referência porque nós já participávamos com muita freqüência das atividades externas e movimentos. O UNICEF foi o patrono no começo desse trabalho aqui. E ocorreu que também como em toda relação humana tem suas limitações, nós tivemos. No final de 1991, nós tínhamos aqui, além da sede a todo vapor, a construção dela, um outro prédio e uma estrutura de equipamentos invejável, como recursos até a metade do outro ano. Com recursos previstos para vir e tal e aí

criou-se uma ambição interna, criou toda uma história comprometedora que envolveu justiça, tivemos que vender o outro patrimônio. A experiência teve que ser fechada por quase quatro anos por falta de condições de tocar. O prédio alagou embaixo, perdemos todos os equipamentos, máquinas, violão, cadeiras etc. Então a entidade acabou se fragilizando em função daquela situação (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

12) Recursos humanos

Não é exigido que todos os profissionais possuam curso superior, existem os que possuem apenas o ensino médio. São profissionais do magistério, que ajudam na animação do projeto, ou grupos de apoio, sendo que muitos possuem habilidades específicas como dança, teatro, música etc.

A equipe que coordena o projeto não é a mesma que o executa, logo o nível dos dirigentes também varia muito. Apesar de não ser um requisito necessário para trabalhar no projeto, atualmente, segundo a coordenação, é desejável uma maior participação de profissionais de nível superior, especialmente psicólogos, pedagogos e assistentes sociais.

A maioria dos profissionais iniciou suas atividades no Projeto *Descobrendo o saber* à época de sua fundação. Eles participaram da idealização e fundação do projeto e foram incorporados como funcionários. Atualmente, não existe um processo de seleção sistematizado, o que ocorre são adesões voluntárias de profissionais ao projeto.

São realizadas capacitações em parceria com outras entidades, principalmente com a FUMCAS, além de algumas poucas capacitações com os próprios funcionários. No entanto, essas capacitações não ocorrem de forma sistemática e específica.

Boa parte do trabalho é realizada por funcionários remunerados, que recebem um salário mínimo. Além disso, há também voluntários, pois existem pessoas que oferecem um pouco do seu trabalho: assistentes sociais, psicólogos, médicos e dentistas, desenvolvendo, principalmente, atividades educativas como palestras, e trabalhos de atendimento direto como, por exemplo, aplicações de flúor e tratamento dentário nas crianças e nos adolescentes.

13) Programas e projetos em curso

O projeto oferece as seguintes oficinas: canto-coral, dança, arte culinária, balé clássico, leitura, bumba-meu-boi, teatro, comunicação e percussão. Especificamente para os jovens na faixa etária de 15 a 20 anos, oferecem-se oficinas de percussão e teatro. Existe ainda um curso de operador de áudio.

Além das atividades formais de teatro, música e dança, são trabalhadas, dentro das oficinas, grandes questões como drogas, sexualidade, cidadania, relações humanas, bem como são oferecidas atividades que lidam com a carência de afetividade e de companheirismo que os jovens apresentam. Uma parte do trabalho é estimular as crianças e jovens a voltar para a escola formal.

14) Metodologia

No Projeto *Descobrimdo o saber* são desenvolvidas oficinas alternativas em que crianças e jovens descubrem seus próprios talentos. A proposta baseia-se no método Paulo Freire, no qual as crianças e os jovens aprendem a fazer. A partir da prática do dia-a-dia e no processo de erros e acertos, vão construindo o seu próprio saber, aprendendo a dialogar e conhecer o verdadeiro significado da vida. A idéia principal é estimular as crianças e os jovens a descobrirem e desenvolverem seus talentos natos.

Além disso, o projeto desenvolve atividades de acolhimento e recepção que a coordenação denomina "trabalho do bom-dia". Essas atividades têm o propósito de "que eles se sintam bem acolhidos e que dentro de cada oficina, cada educador faça um trabalho, no qual o jovem não vai chegar na oficina de coral e vai só cantar. Ele chega na oficina de coral e, se é o dia do Índio, aí ele vai saber que é o dia do Índio, é comemorado o dia do Índio; o dia do Soldado; o dia das Mães" (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

A divulgação do Projeto *Descobrimdo o saber* é realizada por meio de cartazes; apresentações em praças, igrejas; por indicação de conhecidos ou por meio de edital. As oficinas são oferecidas e os jovens interessados se inscrevem, não existe uma seleção sistematizada, nem um critério específico.

[...] a gente realmente não tem um critério, até porque a preocupação nossa é oferecer um espaço para que eles possam, a partir dessa presença, realmente descobrir o interesse, não só pelas atividades de artes e educação que são desenvolvidas, mas o próprio interesse pela formação, pela educação formal. Então a gente não tem assim um critério, quem está cursando tal série, só entra se estiver estudando. Então não tem imposição para participar do projeto (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Após o ingresso no Projeto *Descobrimdo o saber*, o jovem é apresentado às diversas oficinas e, espontaneamente, passa a integrar aquela que preferir. A equipe do projeto demonstra uma preocupação em fazer com que o jovem se sinta bem recebido e tenha, juntamente com as atividades, orientações sobre temas como família, sexualidade, drogas, violência etc.

Enquanto estão participando das oficinas, os jovens são acompanhados de perto pelos técnicos do projeto *Descobrimdo o saber*. No entanto, devido à carência de recursos humanos, esse acompanhamento deixa de ocorrer assim que o jovem deixa o projeto.

Os jovens do Projeto Descobrimdo o saber são acompanhados pela coordenação pedagógica e essa coordenação pedagógica, ela prima muito por esse acompanhamento sistematizado (Entrevista com parceiro, São Luís/MA).

É justamente essa carência de profissional, de pessoas para ajudar, porque a equipe ainda é muito pequena para fazer esse trabalho. A gente tem assim, notícias. Sabe, a gente encontra com eles ou eles vêm nos visitar, mas não é assim um acompanhamento (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

15) Redes, multiplicação e parcerias

O Projeto *Descobrimdo o saber* não é isolado, ele está inserido em uma rede de entidades do município que se apóiam mutuamente, buscando novos caminhos.

Porque não se pode de forma nenhuma trabalhar isolado, então o projeto ele não vive isolado e a FUMCAS, ela também está fortalecendo essa política de assistência dentro desse contexto maior, que está fortalecendo o cidadão (Entrevista com parceiro, São Luís/MA).

[...] o Descobrindo o saber se relaciona bem com as entidades; ele está sempre presente na igreja, na associação dos moradores, estão juntos nas apresentações, em alguns seminários, debates, [...] (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

O que mais confere visibilidade e sustentabilidade ao Projeto *Descobrindo o saber* é a parceria com um vereador da Assembléia Legislativa de São Luís, principal colaborador financeiro e um dos fundadores do projeto.

A Fundação Municipal de Crianças e Assistência Social (FUMCAS) tem sido parceira nas capacitações oferecidas. Não há informações sobre outras parcerias governamentais.

Há também menção à igreja, associações de moradores e uma entidade chamada DUCAR:

Nós temos a parceria com a DUCAR e de vez em quando a gente consegue uma ou outra parceria, mas geralmente é com muita dificuldade (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

O Projeto *Descobrindo o saber* é geralmente avaliado no final de cada ano “*para que a gente tire os pontos negativos e pontos positivos e tente melhorar no outro ano os negativos e continuar lutando pelos positivos*” (Entrevista com coordenador, São Luís/ MA).

Os jovens participam da avaliação, dando sugestões de melhoria, apontando os pontos que eles consideram positivos e/ou negativos no projeto.

17) Problemas específicos da experiência

- Há rotatividade e desistência: alguns jovens deixam de frequentar o projeto, porque começam a trabalhar.

Existe rotatividade, digamos, quanto ao coral, quando eles vão atingindo 16, 17 anos, às vezes já não permanecem mais conosco, arranjam algum emprego, vão trabalhar de alguma maneira e aí acabam se afastando da oficina (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

- O principal obstáculo apresentado é a falta de recursos financeiros:

[...]Obstáculos financeiros porque os recursos são muitos reduzidos e para que a gente possa desenvolver um trabalho melhor precisamos de mais recursos (Entrevista com coordenador, São Luís/MA)

- Falta uma maior capacitação dos profissionais.

Eu vejo assim, que seria a questão da capacitação mesmo, porque ainda é o nosso grande limite. Eu vejo no projeto que tem aqueles mais limitados nos conhecimentos, embora tenha vontade de fazer, há um limite de conhecimento, existe vontade, mas com limites. Então esse limite de conhecimento, de capacitação, de como trabalhar mais com esses meninos, como formar esses meninos para interagir na sociedade, é muito grande (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Para viabilizar os cursos, muitas vezes falta ajustes do tempo de nossos educadores, porque às vezes a gente quer fazer, mas não pode porque só tem horário X. O pessoal está aqui no tempo que tem disponível. O que existe de capacitação é uma parceria que na medida do possível a gente vai estabelecer. Precisaria uma específica para a gente poder aprofundar a filosofia da proposta (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Carência de recursos humanos especializados para melhor desenvolver as atividades e, principalmente, fazer o acompanhamento dos jovens.

A gente de fato precisa de outros profissionais. Por exemplo, a gente precisa de um assistente social, de psicólogos, por causa dos valores dos jovens, é muito difícil para a gente enquanto pedagogos simplesmente, trabalhar isso. Então, às vezes, esgotamos todos os nossos instrumentos para trabalhar com esse tipo de jovem e também trabalhar com a família, então a gente necessita de outros profissionais para poder dar continuidade ao trabalho (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

São necessidades que vão além das oficinas. Às vezes não basta a transferência de informações técnicas da arte lá na oficina. Há

questões que extrapolam, aí você tem o acompanhamento afetivo, psicológico e precisa realmente de um profissional com essa habilidade. Aí, esse é o limite (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Quem sabe acessar a Internet? Ninguém sabe acessar a Internet. E nós, por mais que nós tenhamos conhecimentos em outras áreas, nessa informática nós ainda somos analfabetos. E esses meninos, eles precisam estar também atualizados nisso, porque é uma discrepância muito grande. A gente querendo formar cidadania, formar valores e esses valores estão impostos e esses meninos não acompanham (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Falta participação e acompanhamento mais efetivo por parte dos pais.

Trabalhar estas crianças que hoje nós sentimos cada vez mais distantes das famílias e as famílias mais distantes delas. Estamos tentando, inclusive, fazer um trabalho, família/filho para que a gente possa ter certeza que essa criança não será desviada no futuro (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

Pode até ser questionado assim: não é dever de vocês levar os meninos ao médico, mas era uma forma da gente estimular e da gente cobrar também da família que ela tem que ter esses cuidados com o filho, entendeu? Quer dizer, a gente dá o primeiro passo e a família continua acompanhando *(Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA)*.

- A coordenação do projeto é responsável por promover uma maior integração dos pais e mães com o projeto, segundo a opinião dos próprios pais.

Primeiro precisa a melhoria da coordenação, a direção do projeto junto à comunidade e os pais, levar os projetos aos órgãos que podem ajudar. E ir em audiências, que é necessário os pais acompanharem, porque os pais também dão força em alguns momentos. Segundo, que os órgãos ajudem, porque sabemos que ao desenvolver um projeto aqui nesta terra precisamos também de fé. Não tenha a menor dúvida, precisa de fé para desenvolver um projeto (Grupo focal com pais/mães/responsáveis, São Luís/MA).

18) Por que uma experiência inovadora?

Porque a equipe do Projeto *Descobrimdo o Saber* parte da concepção de que a cultura, o esporte e o lazer são importantes como meios para que a auto-estima dos jovens seja fortalecida. Outro conceito importante que se trabalha utilizando a cultura e o lúdico é o de identidade pessoal, tenta-se passar para os jovens a importância dos valores tanto culturais como sociais.

A avaliação, no geral, é positiva, merecendo destaque a participação dos jovens no projeto: *“Até porque aqui eles procuram saber a nossa opinião, o que nós achamos; ter voz, ter vez.”* (Grupo Focal com jovens, São Luís/MA).

- A comunidade, os pais e os parceiros colocam o projeto como essencial para o bom desenvolvimento dos jovens, pois são respeitados e tratados com carinho. Principalmente porque os resultados, segundo os envolvidos, são bastante satisfatórios.

E aproveitando a oportunidade, eu quero deixar bem claro, que aqui o nosso Projeto Descobrimdo saber é uma força muito grande para a nossa comunidade. É preciso que ele continue com mais trabalho e com mais cursos, para ver se a gente trabalha mesmo com essas famílias que estão precisando bastante... não só os filhos, mais as famílias(Grupo focal com pais/mães/responsáveis, São Luís/MA).

- O projeto promove a discussão e internalização de valores sociais

Sim, eu acho que a gente conseguiu usar a melhoria da própria formação do menino na questão da preparação para o trabalho mesmo, a questão de ampliar os espaços de discussão dos temas que eles queriam discutir, porque eles chamam de discussão para cidadania, o sonho de estar trabalhando o específico, ajudar a oficina para você poder trazer outros assuntos para os meninos, que é importante para formação deles como cidadãos (Entrevista com parceiro, São Luís/MA).

Aqui eu comecei a fazer teatro, eles ensinavam, fora o específico do teatro, esse lado social para a gente. Valores, cidadania, tudo isso a gente aprende aqui; conviver em grupo. Aqui no projeto até hoje nós ainda estamos aprendendo. Eles ajudam a gente a se

envolver, tornando-nos cidadãos, de operar as coisas para o convívio social e espiritual também (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Retorno ao convívio escolar e aumento do rendimento escolar

A gente já conseguiu integrar vários meninos na escola pública quando a escola pública não queria aceitar mais, porque os meninos eram malandros, eram pivetes, eram trombadinhas” (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

- Melhoria do rendimento escolar

A gente tem mudanças na própria escolarização dos meninos, tem melhorado a participação deles na escola, a participação em grupos organizativos, por exemplo. Meninos que não se via muito nesses eventos, a escola era uma obrigação, hoje por exemplo eles levam as oficinas que eles fazem, isso eles vêm para dentro da escola, eles levam as palestras que a gente faz na semana do negro (Entrevista com parceiro, São Luís/MA).

- Aumento da auto-estima dos jovens

Eles ganham o quê? Fortalecimento do seu interior, porque desperta a auto-estima dele para a vida. Eu acredito muito nessa linha (Entrevista com parceiro, São Luís/MA).

- Mudança comportamental dos jovens: eles recuperam alegria e a esperança e se tornam mais respeitosos

Muitos jovens chegam aqui rebeldes, sem sorriso, sem alegria nenhuma e ao final de algum trabalho nós vemos esse jovem sorrir, conversar e conseguimos fazer com que ele seja um jovem, até entrosado ao outros que eles não conseguiam nem sequer falar (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

Então eles mudam sim. Tem vários meninos aqui que a gente pensava que não tinha mais jeito. Tipo aquele que está marcado para

morrer, que quando ele aparece todo mundo dá as costas. Olhe, melhorou consideravelmente! É mais humano, é mais disponível, é mais desprendido e assim são outros que estão aí. Então a gente observa. Ele respeita a gente na hora que a gente chega aqui e se ele estiver brigando, com certeza, se a gente chegar e falar sério com ele, ele sai da briga e não tem história (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

Para quem me conheceu naquele tempo, já estou uma pessoa mais comportada, mais diferente de como que eu era antes. Já me sinto mais tranqüilo, já sei escutar as outras pessoas, a opinião delas. Porque eu não sabia escutar a opinião delas; eu não queria saber da opinião dos outros, só das minhas (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

- Favorece o desenvolvimento e o surgimento de liderança entre os jovens e aumenta a capacidade crítica

Eles se tornam mais críticos. Uma vez a menina falou assim para mim: Dona [...], lá na escola, quando a professora colocou a palavra não, ela colocou o til no “a” e no “o”. Aí eu disse para ela: Olha, professora, esse til não está correto, ele é só em cima do “a”, por aí que vai dar o som nasal. Aí ela virou e falou assim para mim: Menina, quem foi que te ensinou isso? Foi a Dona [...] lá do projeto Descobrimo o saber. Então eu fiquei muito feliz, porque eu vi que já há uma diferença muito grande. Eu acredito que nós formamos pessoa críticas (Grupo focal com técnicos/animadores, São Luís/MA).

A gente aqui está aprendendo algo de bom, e eles na rua aprendendo algo de ruim. Como aprender a roubar, a furtar. A diferença vem a nível de conhecimento, porque aqui parece que abre a nossa visão crítica das coisas do mundo (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

- Favorece e aumenta a possibilidade de o jovem conseguir um emprego, porque o capacita.

E temos jovens hoje já empregados; jovens que se identificaram com as oficinas como corte e costura e que se tornaram costureiras, pessoas que hoje trabalham nas funções que descobriram aqui dentro do projeto. E temos crianças cantando em outras entidades, se apresentando em outros locais fora do projeto. E quan-

do eles se apresentam lá fora, eles se sentem valorizados e quando eles se sentem valorizados, eles não querem perder esse estímulo. Então eles ficam sempre (Entrevista com coordenador, São Luís/MA).

Tenho vontade de estudar e progredir; de certa forma ser independente, parar de ficar dependendo dos pais para tudo. Acho que está mais do que na hora da gente trabalhar (Grupo focal com jovens, São Luís/MA).

- Educação é tratada em sentido amplo

Eu vejo na questão, primeiro educacional. Eu não estou falando educacional, grau de instrução, mas eu estou falando a educação familiar. A educação pelos próprios professores, eles mudam o seu ser, a sua maneira de agir. Quer dizer que isso não significa que tem que ficar para sempre, mas pelo menos naquele período há diferença e por sinal, eu já vim aqui em encontros e em reuniões que mães expressavam isso. “Meu filho mudou, depois que chegou aqui, já trata-se diferente”. Eu vejo isso, é expressão aqui que eu já escutei, tenho certeza nisso. E a gente nota, por exemplo, se nós tivéssemos um projeto como este que pudesse se estender a todo o setor, a toda comunidade e a todo São Luís ou a nível Brasil; a nível nacional, porque eu tenho certeza que contribui com a educação de nossos filhos, da nossa sociedade, da nossa comunidade, não tenha a menor dúvida (Grupo focal com pais/mães/responsáveis, São Luís/MA).

4.5. Mato Grosso

4.5.1 CIARTE

- 1) Nome da organização
Secretaria de Educação do Município de Cuiabá, MT - Projeto Cidadania, Arte e Educação (CIARTE)
- 2) Data de fundação
2000
- 3) Cidade/Estado
Cuiabá, MT
- 4) Tipo de organização
Pública estadual
- 5) Contato
 - a) Responsável: Pedro de Oliveira
 - b) Cargo: coordenador do projeto
 - c) Telefone: (65) 6234447
 - d) e-mail: gab-sme@cuiaba.mt.gov.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Escolas municipais de Cuiabá, principalmente nas unidades escolares de bairros de baixa renda.
- 7) Origem dos recursos
Os recursos são próprios da Prefeitura Municipal.
- 8) Áreas de atuação
Arte, educação e cultura de rua (*rap*, *break* e grafite).
- 9) Objetivos
 - Divulgar, envolver e sensibilizar adolescentes, jovens, famílias e a sociedade, no sentido de que é possível viver uma cultura de paz, de valorização da vida e de respeito pelo ser humano.
 - Integrar e unificar as comunidades envolvidas; superar a violência.
 - Desenvolver o protagonismo juvenil e social.
- 10) Público-alvo
O projeto beneficia principalmente crianças e jovens do sexo masculino, de 11 a 25 anos.

11) Caracterização e histórico

O *CIARTE* é um projeto guarda-chuva da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá, caracterizado por amparar e sistematizar atividades pontuais e descentralizar as que já existiam anteriormente, restritas a determinada comunidade e sem amparo institucional algum.

O *CIARTE* surgiu a partir dos problemas que a comunidade enfrentava com a violência e as gangues:

Nasceu exatamente para ser um espaço de atuação para jovens organizados nos bairros periféricos da cidade e que em geral são tidos como gangues, mas que no nosso modo de ver são organizações que se distinguem por um processo que espelha um apoio solidário entre eles. É um espaço onde os jovens ganham identidade, passam a ser respeitados e a exercerem o respeito em relação ao outro, e também uma maneira de se defenderem em relação às agressões permanentes do ambiente externo, muitas vezes do próprio ambiente familiar. Enfim, o trabalho do CIARTE era voltado para a compreensão da existência dessas organizações e a possibilidade da aproximação e da busca de um sentido positivo para as próprias organizações existentes (Entrevista com secretário municipal de Educação, Cuiabá/MT).

Ao conversar com a juventude, viu-se a necessidade de se criar um projeto, porque existia a iniciativa da comunidade que precisava ser canalizada. O *CIARTE* surgiu para unificar as iniciativas artísticas de um ponto de vista coletivo, num processo de organização, para manter a dinâmica artística na própria comunidade, e também se organizar a nível institucional, para buscar recursos, para estar mantendo a sistemática alternativa de opção dentro do bairro e, a partir daí, trabalhar outras questões sociais.

12) Recursos humanos

O projeto conta com uma equipe permanente, que é remunerada, vários animadores e alguns coordenadores. Vale destacar o papel que os coordenadores assumem, principalmente no sentido de sistematizar as atividades que muitas vezes se mostravam dispersas e sem conteúdo metodológico. Geralmente os coordenadores já desenvolvem trabalhos semelhantes em outras instituições, como a Igreja, e têm uma formação pedagógica específica.

A maioria dos animadores que trabalham no projeto é de voluntários que não possuem uma formação específica e aprendem no dia-a-dia das atividades. Alguns são artistas. Muitos já fizeram parte do projeto e se tornaram animadores depois.

A maioria dos animadores foi selecionada em virtude *“da sua experiência, um trabalho já reconhecido; outros através do processo interno de seleção da Secretaria”* (Entrevista com secretário municipal de Educação, Cuiabá/MT).

13) Programas e projetos em curso

No projeto *Cidadania arte e educação* são desenvolvidas atividades de dança, música e teatro.

14) Metodologia

O *CIARTE* desenvolve suas atividades em duas modalidades: primeiro, usando os espaços públicos existentes nos bairros – escolas, centros comunitários e igrejas. Segundo, na realização de grandes eventos, oriundos do projeto. buscam-se espaços físicos maiores.

O trabalho inicia-se com a coleta das organizações grupais e manifestações artísticas já existentes, por meio de contato direto com os jovens:

Foi através de incursões pontuais nos bairros periféricos da cidade, com a detecção, a partir da escola, da existência das organizações. A partir daí ocorreu um processo de aproximação, de envolvimento e em alguns casos inclusive de integração de uma ou outra organização ao projeto como é o caso do rap. Enfim, foi o contato pessoal, através de informações coletadas (Entrevista com secretário municipal de Educação, Cuiabá/MT).

Dentro das atividades do projeto, os alunos gostam mais do *hip hop* e do *rap*, mas também apreciam outras formas de expressão artística quase que no mesmo nível, que são a composição e a música, MPB de uma forma geral, teatro, outras expressões de dança.

O *CIARTE* tem basicamente três passos para a consecução dessas atividades, nas palavras de seu coordenador:

Primeiro, a mobilização e divulgação do projeto, a partir dos grupos que já dançam na comunidade, que já se apresentam, você vai divulgando, vai criando condições, fornecendo uniformes, viabilizando gravadores para eles ensaiarem. Com o apoio de en-

tidades influentes na comunidade, como a UNESCO e a própria Secretaria Municipal de Educação, passa a viabilizar um intercâmbio entre as instituições locais – que são igrejas, escolas, associações de bairros – para estarem apoiando essas iniciativas dos adolescentes, pois normalmente elas não conseguem assimilar, nem apoiar, e muito menos coordenar essas iniciativas [...] o segundo é a própria questão técnica deles mesmos, criar a partir deles momentos de confraternização e que eles troquem experiência, ensaiem as novidades, novos ritmos de música[...] o terceiro é o momento formativo deles, de busca de experiência com pedagogo, psicólogos, assistente social na área comprometida nessa questão social lá no bairro, onde o jovem começa a ampliar a sua visão de sociedade (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Apesar destes passos mais ou menos definidos, o coordenador do projeto afirmou não existir uma metodologia padronizada, embora seja possível destacar alguns aspectos como a não-distinção de tratamento entre meninos e meninas; formação e consolidação de uma cultura de paz, solidariedade e cidadania; formação integral dos jovens; assessoria ao protagonismo juvenil, dentre outros.

Até o momento não houve desistências, fato que ocorria antigamente em outros projetos. Isto se dá pela própria tônica do projeto que é não-vinculante, no sentido de deixar à livre escolha do aluno continuar suas atividades da forma que lhe convier, mas a maioria continua por gostar das atividades. Perceberam-se, sim, mudanças na auto-estima dos jovens o que os levou a trocar ou deixar certas atividades:

O projeto tem uma perspectiva emancipatória, não pretende criar grupos vinculados a ele, mas ter uma intervenção que qualifique as atividades desses grupos, que reforce a identidade positiva que esse grupo tem, pra que a partir daí os grupos continuem por si (Entrevista com secretário municipal de Educação, Cuiabá/MT).

15) Redes, multiplicação e parcerias.

A formação de redes é uma característica central. Para o *CIARTE* é importante que a comunidade se envolva no projeto. Assim se estabelecem relações com o clube de mães, com associação de moradores de bairros, com as escolas na área de atuação do projeto, com as organizações juvenis, com as igrejas, com as pastorais.

A multiplicação do projeto está ocorrendo em três bairros da cidade com o Projeto *Hip Hop Pela vida*, onde estão sendo atendidos 60 adolescentes pelos artistas, oriundos do *CIARTE*.

Nós estamos criando uma espécie de unidade orgânica dessa juventude, ou seja, a gente sabe que se o projeto passar na comunidade e não garantir um acompanhamento ou uma forma de organização com que os próprios jovens do bairro possam reivindicar recursos para manutenção das suas atividades artísticas, o projeto vai acabar pela falta de apoio econômico, o projeto acaba esfriando lá na comunidade. Então, o que a gente está fazendo é incentivar o jovem a criar associações, como se ele participasse da escola, eles inserirem o grêmio estudantil, criando ONGs que dêem sustentações de recursos financeiros para eles manterem as suas atividades artística durante todo o ano, para que os jovens possam organizar as suas ONGs na sua comunidade, com o apoio da própria comunidade (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT)

O projeto mobiliza uma série de parceiros, o principal deles a UNESCO, e também a própria corporação da polícia, setores de várias igrejas – católicas e de outras denominações cristãs – associações de moradores. Com a Secretaria Municipal de Cultura foi estabelecida uma parceria pela qual se colocaria, à disposição do projeto, um artista plástico, um profissional do teatro, vários educadores e artistas, que poderiam estar compondo quadros para o patrocínio das oficinas.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Após o término das atividades artísticas, reuniam-se pequenos grupos de avaliação, onde o jovem avaliava o que precisava mudar, o que precisava melhorar no projeto e quais as dificuldades que eles estavam enfrentando.

17) Problemas específicos da experiência

- Um dos grandes obstáculos ao desenvolvimento do projeto é a necessidade de espaço físico, condições físicas adequadas ao desenvolvimento das atividades:

E, como esse Centro Comunitário estava parado, o pessoal da UNESCO ajuda a gente aqui a pagar o Centro Comunitário, porque não quiseram ceder de graça, o projeto não tem fins financeiro. Nin-

guém cobra nada, a gente tem é que pagar para ensinar, a gente não tem incentivo nenhum, agora que a gente está tendo incentivo, a gente podia ter um incentivo do presidente do bairro, o Centro Comunitário, só que não tem (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

Algumas comunidades, por exemplo, por não ter quadras cobertas nas escolas, ou por não ter nenhum centro comunitário, a gente não consegue realizar nenhum tipo de evento, no período das águas, é onde o projeto tem maior dificuldade aqui no Estado de Mato Grosso (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

- Outro problema do projeto é a falta de recursos materiais:

A gente quer material, roupa pros meninos dançar, folha, lápis de cor, porque eles não têm roupa pra ensaio, essa camisa é do projeto e tal, precisa de uma roupa para dança e tal e não tem (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

A nossa exigência maior é o material. Hoje em dia, eu, instrutor de break, não tenho um aparelho de som para ensaiar, tenho um pedaço de gravador, que os meninos arrumam uma caixa, e fazem gambiarra para ter som, para dançar, porque sem música não tem como a gente ensaiar, passar o que a gente aprendeu há muito tempo, não tem como (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- Falta colaboração das pessoas.

Foi assim, a gente sempre teve aquela vontade de trabalhar com pessoal mais carente, só que a gente nunca teve recurso, num teve nada, sinceramente a gente nunca teve nada, apoio, a gente pedia na Secretaria de Educação tal coisa, não! Para o hip hop não (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- A falta de participação dos pais é um problema para o projeto:

Esse curso aqui é muito bom, é ótimo, porque ele tira muita criança da rua, os menores de rua. Só que as mães, pelo jeito que eu vejo, não acompanham nada disso, vocês mesmo estão vendo aí, hoje tem reunião, não veio nenhuma mãe aqui, para falar. Quer dizer, elas estão por fora de tudo, mandam o filho pra cá, não estão nem aí, está tudo bem, não vieram ver o que está acontecendo, não participam de nada, não estão nem aí para os filhos... (Entrevista com pais, Cuiabá/MT).

Muitos jovens têm dificuldades em participar devido à incompatibilidade de seus horários. Especificamente o *Hip Hop pela vida* tem um cronograma de atividades agendadas, principalmente grafite

e *break*, com a preocupação de flexibilizar horários para atender o maior número de jovens.

- Há dificuldades para os jovens serem voluntários no projeto.

Isso acaba limitando a capacidade de ação dos jovens, porque eles precisam sobreviver, às vezes têm até que sair da cidade para procurar emprego em alguma fazenda. Então, se houvesse uma forma de garantir a liberação desses jovens, para eles atuarem diretamente ou especificamente para o projeto, a quantidade de voluntários com certeza seria muito maior (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

18) Por que uma experiência inovadora?

- Um dos atributos inovadores do projeto é a combinação do desenvolvimento da criatividade artística dos jovens com os estudos

É uma criação que abre a mente deles, porque às vezes as crianças são muito espertas, inteligentes, então tem que ter alguma coisa para fazer como um desenho, acho também muito bonito a dança, uma coisa diferente para eles fazerem. Mas eu acho muito importante isso aí, os estudos, porque têm que estudar, então através dos estudos ele tem aquela criatividade para fazer alguma coisa (Entrevista com pais, Cuiabá/MT).

- Outra dimensão que é vista como inovadora repousa na capacidade do projeto de admitir e valorizar as formas de expressão artísticas provenientes dos próprios jovens e das suas comunidades, criando uma nova relação coletiva a partir da arte:

Fazendo teatro com a comunidade nós vimos o potencial artístico que tínhamos de estar influenciando na comunidade, principalmente esses jovens, e a comunidade sai de dentro das casas. Então o potencial da arte e a quebra de paradigma que a arte proporciona, isso é a forma que nós descobrimos fácil de chegar até a juventude, isso é fantástico (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Os jovens estão se ligando, estão sendo protagonistas da continuidade artística, da inserção social (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

- Observa-se que o envolvimento com o projeto faz com que as crianças e jovens fiquem menos nas ruas:

Bom, eu percebo que as crianças que freqüentam na grande maioria, são as crianças que viviam pela rua, desocupadas, eu vejo que eles ficam mais ocupados aqui; e outros dias eu já percebi que eles já não estão mais tanto na rua como ficavam antes. (Entrevista com membros da comunidade, Cuiabá/MT)

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- O tempo do jovem que participa das atividades do projeto é totalmente preenchido, o que influencia positivamente para que ele não se envolva com más companhias ou que procure as drogas:

Bom, antes só vivia na rua; agora, eu chego do colégio, estudo um pouco, aí que eu moro só com minha mãe e meu irmão, lavo vasilha, limpo casa, aí eu venho pro grafite, aí chego do grafite, estudo mais um pouco, volto para o break, aí durmo, outro dia de novo a mesma coisa (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

Eu, antes de tudo, eu tenho 17 anos de dança e isso aí começou desde 83. Eu já aprontei muito, fiz muita bagunça, briga de gangue, envolvimento com drogas, quer dizer, eu era um marginal mesmo formado na rua. Aí veio o hip hop e fez aquela mudança radical mesmo, tipo me tirou do fundo do poço, e eu fui mudando com o passar do tempo, eu fui me reabilitando (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- A participação como voluntário no projeto ensina aos jovens novos papéis e relações sociais:

Eu não sou um profissional, uma experiência muito boa, como se diz, é o impacto que você tem de passar e aprender com os alunos, você se torna com eles tipo um filho, irmão, passa a ser uma família, a gente briga, conversa, ri, aqui passa tudo a ser um impacto de coisa positiva, um passando para o outro, eu brigo com a gurizada, quando estão no fliperama, tão andando para rua; por que que você chegou atrasado? Por que que você não veio? Então, é mais ou menos assim, aquela convivência positiva (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- Existe uma clara diferença entre os jovens que participam do projeto e aqueles que não:

O jovem que passa pelo projeto e consegue ter um entendimento melhor do mundo, ele não fica melhor do que o outro do ponto de vista de aparecer. Mas ele acaba sendo um sujeito crítico da

sociedade, isso facilita porque ele quebra vários paradigmas que são colocados na cabeça dele, então a diferença, de um jovem que participa do projeto, pra um que não participa é que ele tem possibilidade, por exemplo, de ampliar sua visão e ser um sujeito capaz de dizer não às drogas, de dizer sim à vida. O projeto vai criando condições de ser ele o sujeito ativo e participativo da sociedade e da sua própria família, escola e comunidade (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Para quem está dentro do projeto, já tem uma ideologia, a gente já está se formando, como é que eu falo para ele: tem que se formar como cidadão, não apenas como homem, procuro ensinar a eles que a arma mais poderosa que o ser humano tem até hoje é o argumento, o diálogo... então eu acho que a ideologia, a idéia, é firmeza, se for uma idéia certa, positiva todo mundo vai caminhar junto com a gente (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- Os pais reconhecem que o envolvimento no projeto trouxe oportunidades de ocupação prazerosa do tempo, para seus filhos que careciam de acesso ao lazer, contribuindo para acalmá-los:

Ele ficava preso em casa, era só de casa para escola, quando eu chegava do serviço à tarde, que eu deixava brincar um pouquinho na rua, nove horas eu já punha para dentro, e com esse projeto aqui até acalmou mais, não está mais nervoso do jeito que era, porque se você ficar dentro de casa, vai indo a sua mente vai fechando, você vai ficando nervoso, vai ficando estressado. Hoje está totalmente diferente, ele brinca, é alegre, põe som, ele mesmo dança lá, bonito mesmo (Entrevista com pais, Cuiabá/MT).

Tem, porque esses daqui já vão pegando mais responsabilidade, já sabe que tem que vir no horário, quando termina sabe que tem que ir embora (Entrevista com a comunidade, Cuiabá/MT).

Ficaram mais caseiros, pararam de andar mais na rua, eu percebi que não estão mais passando igual passava antes, eles vêm de lá só aqui, se fala que não esta eles voltam, não ficam mais igual eu vi na rua (Entrevista com membros da comunidade, Cuiabá/MT).

Você sabe que houve melhora, porque eu moro aqui perto e eu vejo esses meninos, pelo menos as andação, as brigas, acabaram. Quer dizer, nesse horário você sabe que eles estão aqui, saem daqui, cada um vai para sua casa, pelo menos é o que a gente pensa, mas esse horário que eles estão aqui, eles estão ocupados, não tão brigando (Entrevista com membros da comunidade, Cuiabá/MT).

4.5.2 Orquestra de Flautas Doce

- 1) Nome da organização
Secretaria Municipal de Educação
- 2) Data de fundação
1998
- 3) Cidade/Estado
Cuiabá, Mato Grosso
- 4) Tipo de organização
Pública, municipal
- 5) Programa/projeto analisado
Orquestra de Flautas Doce
- 6) Contato
 - a) Responsável: Escola Municipal de Educação Básica DeJane Ribeiro Campos
 - b) Telefone: (065) 641-5889
 - c) URL: www.orquestradeflautas.com.br
- 7) Local onde são realizadas as atividades
Escola Municipal DeJane Ribeiro
- 8) Origem dos recursos
A Secretaria Municipal de Educação arca com a compra dos equipamentos e com a remuneração da professora. A estrutura da escola, pintura e arrumação da sala de música, veio do PDDE (Plano de Dinheiro Direto da Escola).
- 9) Áreas de atuação
Música e cidadania
- 10) Objetivos
 - Desenvolver atividades musicais como elemento cultural, reorganizando valores, princípios éticos e de cidadania e redefinindo o conceito de música, enquanto arte.
 - Além de uma expressão artística para a população jovem, oferecer alternativa cultural a jovens carentes, que não tinham acesso à música.
- 11) Público-alvo
Alunos da Escola Municipal DeJane Ribeiro, com predomínio do sexo feminino.

12) Caracterização e histórico

A iniciativa do projeto *Orquestra de Flautas Doce* partiu do maestro Gilberto Mendes da Silva, que já desenvolvia um projeto de coral na Escola Técnica Federal, que fora desativado. O maestro procurou contatos para promover um trabalho que envolvesse a música e pudesse beneficiar jovens. Elaborou um projeto que foi endossado pelo Secretário Municipal de Educação de Cuiabá e repassado à diretora da Escola DeJane Ribeiro. O maestro ministrou diversas palestras sobre o projeto e reuniu 80 candidatos inscritos. O passo seguinte coube à Secretaria Municipal de Educação, que adquiriu 40 flautas doce soprano, 15 estantes para partitura e 15 pastas com encadernação plástica, material que foi utilizado para iniciar as aulas. Posteriormente foram adquiridas duas flautas baixo, quatro flautas tenores e seis flautas contralto, completando o quarteto de naipes.

13) Recursos humanos

Não houve uma seleção de funcionários, pois o maestro-coordenador trouxe o projeto para a escola e depois, em acordo com a diretora da escola, indicou uma maestrina. Também não há uma capacitação, o que vale é a própria formação dos professores, que são profissionais da música.

A minha formação não é acadêmica no sentido de universidade, mas desde a adolescência trabalhei com grandes maestros em Minas Gerais,[...] músicos que têm trabalhos na Europa, onde o nível técnico e a exigência técnica é muito alta. Então eu estudei com essas pessoas, e através desse conhecimento eu comecei a desenvolver meu próprio trabalho[...] Iniciei com música popular, formação de grupos vocais e instrumentais com música popular brasileira. E já aqui em Cuiabá, eu continuei meus estudos com o maestro P..., maestro V.. e sempre com cursos livres, mas aí já dentro da música erudita (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Sou formada em educação musical, pela UFCuiabá/MT. O que me dá mais embasamento para se trabalhar esse tipo de projeto, é a habilitação em música (Entrevista com professor, Cuiabá/MT)

Sob a perspectiva do vínculo institucional dos profissionais com o projeto, no início o coordenador tinha um salário pago pela Secretaria Municipal de Educação. Depois, por motivos particulares, ele

cortou o vínculo salarial mas se manteve à frente do projeto, como voluntário. Já a maestrina, continua sendo paga pela Secretaria Municipal de Educação. Quando os alunos fazem apresentações, não recebem remuneração.

14) Programas e projetos em curso

Orquestra de Flautas Doce (apresentação do projeto).

15) Metodologia

Utiliza-se uma metodologia de trabalho que o próprio maestro criou. Há todo um trabalho de base para se ensinar sobre o instrumento e sobre partitura, é aliado à discussão de questões sociais:

Então eles chegam e vão passando por uma espécie de fundamentos da música, já vamos trabalhando simultaneamente noções de humanidades, noções de cidadania, essa coisa de agressividade. A gente faz muito trabalho desse tipo, de estar orientando, mas a gente não tem dinâmicas nem técnicas para isso. (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT)

Nós temos o sistema seguinte: ele é o maestro e eu sou a professora maestrina e responsável pelos primeiros contatos com o instrumento. Então eu musicalizo a criança, a postura do dedo, a classificação das vozes, dos naipes, tudo sou eu que faço. E o trabalho final mesmo, aquele trabalho de polir, de deixar brilhando é o trabalho do professor maestro G.... (Entrevista com professor, Cuiabá/MT)

Há uma divisão básica entre alunos novatos e os mais experientes: *“hoje tem uma sala de iniciantes e tem a dos veteranos, então eles vão sendo inseridos à medida que eles forem se aperfeiçoando”* (Entrevista com parceiro, Cuiabá/MT). Um fator interessante da metodologia de trabalho seria o do apadrinhamento em que um aluno mais velho estuda junto com um mais novo: *“E quando chega a primeira vez você percebe aquele nervosismo, então a gente cria na hora, você é o padrinho, a madrinha desse aqui, então você vai sentar com ele, vai estudar o repertório.”*

Apesar de não ter ficado claro, parece que após o término de um curso teórico, os jovens passam a integrar a orquestra e cria-se todo um ambiente favorável para que se sinta bem integrado.

Quando essa turminha se forma, é recebida com uma apresentação toda para eles, a orquestra toca para eles, eles recebem um instrumento e passam a ser os guardiões desses instrumentos... são motivações, simples mas eficientes, que a gente vai criando expectativas: nós esperamos que no próximo concerto você esteja aqui. (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT)

Existe todo um processo de graduação dentro do projeto, conforme o desenvolvimento do jovem:

Nós temos a classificação por naipes na orquestra, sopranos, contraltos, tenores e baixo, a mesma classificação do coral adulto. A criança primeiro passa pelo soprano apesar de ser a voz, entre aspas, mais difícil, passando pelo soprano, ela tem a agilidade, ela aprende as notas musicais e a ler também a partitura mais livremente. Partindo daí, nós temos os contraltos, os contraltos são a segunda voz mais difícil junto com o baixo, mas só pode tocar no contraltos quem tem os dedinhos mais abertos, porque os buracos, os orifícios da flauta, são um pouco mais abertos. Então só vão para o contralto os alunos maiores que têm a abertura maior dos dedos. Nos tenores são flautas razoavelmente fáceis de se ler e de tocar, mas também só passa para o tenor os alunos que têm essa abertura e que têm a leitura musical já avançada; nos baixos a mesma coisa, o aluno que tem maior agilidade, maior destreza é considerado um dos melhores. Um dia vou passar para o contralto, um dia vou passar para o tenor e um dia vou passar para o baixo. Então a criança não está ali só tocando a vida inteira o soprano, ela tem o anseio de crescer ali dentro, então é essa a progressão (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

A seleção dos beneficiários depende do número de flautas e da vontade do aluno:

Nós abrimos vagas de acordo com a quantidade de flautas que existem, se tem 20 flautas, abrem-se 20 vagas, a seleção é natural. O aluno que não consegue se adaptar, que não consegue acompanhar a turma, ele mesmo fala: olha professora, eu vou parar porque eu não estou conseguindo, eu vou voltar no ano que vem. Então, o aluno é quem toma a decisão de parar ou não parar, e a questão não é de saber tocar, de ter aquele talento incrível, é de querer e de gostar de fazer a música (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

Vale destacar os depoimentos dos jovens sobre como tiveram contato com o projeto e o papel dos professores nesta função. Alguns jovens foram movidos pelo aprendizado de outros instrumentos que não a flauta doce, e, apesar de se adaptarem à orquestra, continuam alimentando o desejo de que outros instrumentos sejam incorporados a ela:

No começo, eu entrei por interesse de aprender a tocar teclado. Aí ele pegava, deixava os instrumentos com a gente, aí eu pegava os instrumentos e levava para casa e ficava treinando (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

Eu me interessei também, muita gente começou mas desistiu, falou que é muito cansativo, mas é uma coisa que eu acho que vale a pena se esforçar e conseguir porque, através disso, você consegue uma coisa melhor, depende do seu desempenho (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

Quanto à escolha do repertório, nós levamos o repertório típico do instrumento que é a flauta doce. Então, a flauta doce é do período da Idade Média, período Barroco, renascentista. E eles gostaram do repertório, só que quando nós colocamos outro tipo de repertório, que eles ouviam no rádio, aí se tornou para eles mais agradável, então eles optaram por tocar a música popular e deixaram a renascentista de lado porque a música popular se adequou mais a nossa cidade, eles sentiram mais prazer nem tanto pela dificuldade, mas principalmente por fazer parte do dia-a-dia (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

As atividades compreendem ensaios diários, de segunda a sexta-feira, com cerca de uma hora de duração. Quando os alunos já são capazes de tocar o instrumento, iniciam-se as apresentações, que assumem um papel fundamental na medida em que introduzem os alunos numa realidade que até então desconheciam, por viverem na periferia:

Nessas oportunidades de sair da periferia e ir para o seio da elite, onde eles têm a oportunidade de ver e comer num bom restaurante, de sentar numa boa mesa, se hospedar num bom hotel, e isso para eles é um paraíso, é um sonho; levantar de manhã depois de ter dormido numa cama com colchão de primeira, de

fazer um café da manhã com frutas, estar num hotel para descanso com piscina, sentar numa cadeira e tomar sol, e você vê no rosto deles uma expressão absolutamente diferente, que muda a fisionomia deles. Tem aquele ritual de ensaiar, de sair do hotel, ir para o lugar do concerto, tem todo aquele clima, o som, as bailarinas, os outros artistas... Então eles se sentem no epicentro de um evento. E, na véspera, no momento, que antecede o concerto, a expectativa, o público chegando, a sensação, a adrenalina, a expectativa, até que o apresentador vai lá, anuncia, aquele nervosismo de subir no palco, a tensão... E depois vem aquele momento de confraternização: são coisas inesquecíveis que acontecem na vida de qualquer pessoa que tem acesso a isso. Para eles é o máximo, e isso serve como principal elemento motivador (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

As apresentações conquistam um espaço de reconhecimento para os jovens e conferem visibilidade ao projeto:

Antes, quando nós não saíamos da escola, não tínhamos preparação técnica, nós ficávamos na escola mesmo, então tocávamos para os pais, festa de dias das mães, Natal. Só que com o passar do tempo, fomos nos aprimorando, eles cresceram, melhoraram bastante e começamos a receber convites de empresas da cidade para tocarmos. Então nós já tocamos no Hotel Fazenda Mato Grosso, nós já tocamos na FIEMT, nós já tocamos na TV Centro América, atingindo um público bem grande através da mídia (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

O acompanhamento dos jovens se restringe ao contato com os professores:

Os professores observam, então eles estão sempre dando retorno para gente, e a preocupação, a reivindicação dos professores é que o projeto se amplie, porque o resultado é muito bom dentro da sala de aula (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

Nós não temos a pessoa para fazer esse trabalho de acompanhamento psicológico, mas o papel do professor ali é o de psicólogo, é o papel de mãe, é o papel de tia, é o papel de muita gente além do de professor, mas esse tipo de acompanhamento profissional mesmo, nós não temos (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

16) Redes, multiplicação, parcerias

A principal parceria se dá entre a Secretaria Municipal de Educação e a Escola Municipal Dejjane Ribeiro, Escola Técnica Federal.

As atividades do projeto acabam por se ramificar junto a outras instituições e a envolver a comunidade.

Olha, as relações da orquestra de flautas são mais ligadas aos grupos de coral, eles dividem o espaço com o coral da Universidade, com o coral da Escola Técnica, para apresentações. Algumas vezes eles são convidados também junto com grupos de balé, como foi em Sinop, foi um grupo de balé, foram outros grupos. Em Sinop foram várias apresentações não só de balé, mas grupos de dança, de música entendeu? Nesse sentido, então eles dividem esses espaços, e eles têm servido de modelo, estímulo para outros projetos (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT)

O projeto também se destaca no sentido de servir de modelo para experiências em outras escolas:

Nós fomos convidados para tocar numa escola municipal, para estimular os alunos a participarem também de uma orquestra de flautas, e eles viram que é possível ser feito. Não vai ser uma coisa a nível interno da escola, mas uma coisa de qualidade que vai ser admirada pela comunidade, numa escola de periferia (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

O próprio impacto que a Orquestra de Flautas tem causado requer a implementação de outras atividades complementares:

Têm, eles sentem uma necessidade muito grande disso, os alunos da orquestra de flautas, eles são de certa forma invejados na escola. Daí a necessidade de criarmos outros projetos dentro das escolas, porque nós temos alguns que já não têm aptidão para música, uns que têm para o esporte. Então, nós temos que criar outros projetos dentro da escola, nós temos o projeto de teatro, nós temos a capoeira, mas é algo mais interno (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

Normalmente a comunidade do bairro participa das atividades, comparecendo às apresentações.

Nós apresentamos nos mais diversos lugares possíveis, desde a elite até as comunidades de periferia mesmo, já tocamos em palácios mas também já tocamos em palafitas. É todos os segmentos e a reação foi democrática, independente da classe social (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Nunca fizeram avaliação sistemática do projeto:

Não, nenhum a não ser as autocríticas que a gente faz e eu conversei muito com a minha assistente e a gente se norteia através dessas auto-avaliações (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Eu acho que fica por conta da observação dos professores (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

Não existiu uma avaliação, ainda não foi feita essa avaliação, não sei ainda por quê, mas realmente seria muito importante. Agora eu e o professor [...], temos avaliado diariamente o projeto, a criança tal, vai passar para tenor? Esse tipo de avaliação técnica, mas não abrangente do projeto (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

18) Problemas específicos da experiência

- As maiores dificuldades são a falta de recursos para comprar instrumentos e um transporte próprio. No início, foi convencer a comunidade da viabilidade e importância do projeto:

Nós estamos com dificuldades de conseguir mais flautas, e para a segunda fase do projeto, precisamos aumentar o número de flautas, porque os novatos já estão se aperfeiçoando (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

A dificuldade do transporte, a dificuldade dos próprios instrumentos, nós precisamos de novos instrumentos, e está um pouco difícil de adquiri-los. Nós não temos roupas adequadas, nós fizemos um uniforme que era possível a escola adquirir e quem adquiriu os uniformes foi a escola, não a Secretaria. Então se é uma coisa para uma apresentação mais sofisticada, uma coisa que requer uma apresentação melhor, eles não têm, eles não têm um uniforme decente para a orquestra. É muito difícil quando mexe com essa parte financeira (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

- Os envolvidos no projeto tentam de várias formas contornar os problemas que aparecem:

Nós começamos a mostrar na mídia e falar das nossas realidades, falar sobre o Jardim Vitória, falar sobre a escola DeJane Ribeiro, falar do trabalho que a direção tem feito na escola e os professores começaram a ver o nosso trabalho com outros olhos. Realmente não é aquele grupinho que ensaia uma hora por dia, é um grupo que tem levado o nome da escola, que tem levado o nome do bairro para frente, por ser considerado um dos bairros mais perigosos de Cuiabá. Existe um grupo de música ali, que tá levando uma coisa diferente que não é a violência, que está enobrecendo o bairro, então eles têm visto com outros olhos o nosso trabalho (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

- Muitas vezes, porém, a própria família se torna uma barreira, forçando os jovens a deixarem o projeto:

Geralmente o aluno sai, mas sai chorando, porque o pai mandou, ou mudou de cidade (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Existe rotatividade e dói muito quando a gente ouve uma criança falar que a mãe não quer mais porque ela tem que ir lá para o centro trabalhar, então ela não pode mais participar dos ensaios. Então alguns pais tiram, mas não é por maldade, é por questão cultural e por questão financeira (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

- Dificuldades de compreensão da importância da música, entre pais dos alunos: enquanto a maioria incentiva a assiduidade dos filhos, algumas mães fazem pouco da importância que o projeto tem para seus filhos:

Minha mãe, ela quer que eu falte, mas eu não gosto de faltar. Tem vezes que eu choro de raiva por causa que eu faltei, e a primeira vez que eu faltei eu chorei de raiva, porque eu fiquei cuidando da menina da vizinha enquanto minha mãe ia para o serviço e a mãe da menina não apareceu, aí foi aparecer sete horas da noite, aí eu fiquei com raiva demais. Não é justo faltar por causa dela (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- O maestro e a professora afirmam que o índice de desistência é muito baixo e que o número de alunos tem permanecido constante. Porém, é importante notar que a rotatividade dentro da orquestra serve para abrir novas vagas.

Desistência zero. Rotatividade sempre tem, por exemplo, se nós precisamos de mais baixo porque nós estamos precisando de mais flautas baixos, e se nós conseguirmos essas duas flautas baixo, nós vamos tirar duas crianças do soprano que vão para o baixo. Então abre-se mais duas vagas para soprano e aí pegamos outras duas crianças de fora, da escola mesmo (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

19) Por que uma experiência inovadora?

- A diretora considera esta uma experiência inovadora, e, para justificar sua opinião, enfoca o impacto da experiência no próprio projeto de vida dos jovens:

Eu acho que a mudança de postura dos alunos já indica o sucesso. A postura deles em relação ao projeto de vida: eles não pensam mais pequeno, eles querem ser alguma coisa, têm uma visão muito mais abrangente da vida (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

Por ser um bairro de periferia, a riqueza não é por ser uma orquestra de flautas, mas por ser uma orquestra de flautas onde está localizada. É um contraste muito grande a gente ver aquelas crianças tocando flauta do jeito que eles tocam: são perfeitos, e com o chinelinho de borracha nos pés. Por isso toda vez que eu ouço, eu choro, porque é um contraste muito grande (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

20) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Os envolvidos sustentam que o projeto tem provocado significativas mudanças na vida dos jovens:

Eu percebi uma mudança radical de comportamento. Uma das característica que me preocupou um pouco quando eu cheguei lá, era o índice de agressividade, não de violência. E, por menor que fosse a razão, você sempre percebia um atrito, aquela intolerância (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

Houve bastante mudança e com o decorrer do tempo o trabalho da orquestra foi resultando nesse comportamento pacífico do aluno. Então o aluno que entrou na orquestra melhorou suas notas na escola, ele foi criando realmente outro tipo de comportamento (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

- Há uma mudança da visão de mundo do jovem, que passa a estar mais centrado nas suas responsabilidades. Afeta o próprio comportamento do jovem que se torna mais calmo e dedicado às outras tarefas do dia-a-dia, mas sem afetar seu relacionamento com os demais colegas:

A única coisa que extrapola a comunidade escolar é a Orquestra de Flauta. Porque é visível, você vê quem é aluno da Orquestra de Flauta. Exatamente essa visão de mundo se amplia, então eles se tornam mais críticos, eles dialogam mais. Eles não modificam o comportamento com os outros alunos, pelo contrário, eles têm medo de perder aulas, de perder prova, porque as apresentações são no meio da semana, eles são iguais aos outros (Entrevista com parceiros, Cuiabá/MT).

- As mães assinalam mudanças no comportamento dos filhos, especialmente a redução da agressividade:

Percebi sim. As minhas filhas são mais carinhosas, mais atenciosas, mais obedientes, têm mudado muito para elas, cada vez melhor (Grupo focal com mães, Cuiabá/MT).

Meus filhos brigavam muito mas não brigam mais, dificilmente. Agora eles ficaram mais companheiros e o tempo deles fica mais ocupado e o comportamento está mais colaborativo, estão mais amigos entre os irmãos. Estão mais responsáveis, né (Grupo focal com mães, Cuiabá/MT).

- Os professores aparecem como os principais vetores desta mudança de comportamento dos alunos, juntamente com a própria música:

Você sente a diferença na criança, que antes era uma criança levada, que dava trabalho no colégio. Hoje eles estão totalmente mudados, porque sabem que se não tiver disciplina, não tiver nota boa, não vão freqüentar a aula de flauta (Grupo focal com membros da comunidade, Cuiabá/MT).

- Também é importante notar o aprendizado que o trabalho com jovens carentes proporciona ao próprio professor:

Já dei aula em várias escolas como educadora musical e regente de coro infantil, eu só tinha dado aula em colégio particular e as crianças da minha Igreja têm nível social elevado. Eu nunca tinha trabalhado crianças de nível social mais baixo, então para mim foi até um aprendizado, porque eu aprendi a enxergar o mundo com os olhos deles... (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

- O impacto notado pelos próprios jovens é interessante, pois remonta a uma verdadeira autocritica de comportamentos anteriores. Os jovens afirmam que aprendem a estar sempre unidos e ter maior responsabilidade.

Antigamente eu era mais bagunceiro não prestava muita atenção nas aulas, principalmente nas aulas de matemática que precisa de muita atenção, hoje eu tenho amigos nossos que até ficam admirados... (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

Eu mudei muito, porque antes eu gostava de ficar só brincando em casa e agora eu tenho esse compromisso, eu tenho que vir direto e eu não posso faltar, porque criança que faz isso, ela já tem interesse em querer ser alguma coisa na vida (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

O impacto se dá no nível do aprendizado técnico também e o maestro aponta três aspectos principais de evolução: conhecimento da música, mudança pela preferência e interatividade com a arte:

sobre os nomes, todas as notas, as musicas a gente aprende a conhecer o som assim, ouvindo o som e saber qual nota que é (Grupo focal com jovens, Cuiabá/MT).

- Há uma clara diferença de atitudes e valores entre os alunos do projeto e os que não participam dele:

Muita diferença mesmo, infelizmente. Eu deixei numa noite des-sas o meu carro lá enquanto eu acompanhava as crianças numa apresentação e riscaram o meu carro com pedra, vandalismo mesmo. E eu fiquei analisando depois, qual é a diferença dessas crianças que estão na orquestra para as crianças que riscaram o meu carro? A priori nenhuma porque as nossas crianças estudam num mesmo período, estudam de noite, têm a mesma idade, moram num mesmo bairro, só que as nossas crianças da orquestra nunca teriam coragem de fazer isso, primeiro, porque eles têm respeito com o patrimônio das outras pessoas, com o que é dos outros e segundo, porque eles sabem que não faz parte da vida dele, a violência. (Entrevista com professor, Cuiabá/MT).

Você percebe uma tolerância entre eles muito maior e dentro de casa os testemunhos que as mães dão é que eles também ficaram mais tolerantes, menos agressivos, e ali no pátio da escola você percebe, você olha assim... você distingue quem é do projeto, quem não está no projeto (Entrevista com coordenador, Cuiabá/MT).

4.6 Pará

4.6.1 Cores de Belém

- 1) Nome da organização
Prefeitura Municipal de Belém – Secretaria Municipal de Educação – Coordenadoria de Esportes, Arte e Lazer
- 2) Data de fundação
1999
- 3) Cidade/Estado
Belém/PA
- 4) Tipo de organização
Pública estadual
- 5) Nome da experiência analisada
Projeto Cultura, Escola e Alegria/Projeto Cores de Belém
- 6) Contato
 - a) Nome: Fátima Monteiro
 - b) Cargo: Diretora da Coordenadoria de Esportes, Arte e Lazer
 - c) Telefone: (91) 2763493
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Escolas da rede municipal. Também são aproveitados os espaços de lazer, praças, campos de futebol, e todo equipamento de lazer, público ou não-público disponíveis.
- 8) Origem dos recursos
Os recursos do programa são próprios e exclusivos da Prefeitura, especificamente da Secretaria Municipal de Educação. Os recursos do projeto estão incluídos no orçamento do Ministério da Educação.
- 9) Área de atuação
Promoção, articulação e mobilização de grupos que trabalham com grafite, teatro, música, artes visuais e plásticas.

10) Objetivos

- Estimular o desenvolvimento da auto-estima através da valorização da produção artística dos grafiteiros.
- Favorecer o fortalecimento do movimento da juventude, garantindo o respeito e o exercício da cidadania. Revitalizar a memória cultural dos bairros através das manifestações artísticas da grafiteagem, fortalecendo o amor pelo patrimônio cultural da cidade.
- Estabelecer espaços interativos, onde o jovem possa participar e se integrar de forma efetiva.
- Propiciar que os espaços utilizados na realização das atividades venham colaborar para o desenvolvimento integral dos jovens, para que seja possível estabelecer relações harmoniosas “consigo e com o outro”.
- Expor a produção dos jovens atendidos pelo projeto Cores de Belém.
- Debater propostas de organização e atuação do movimento grafiteiro.
- Congregar os diversos movimentos que trabalham com juventude e instituições de assistência a jovens em situação de risco.
- Socializar o projeto Cores de Belém com escolas e sociedade civil em geral.
- Fortalecer a política cultural desenvolvida pela Prefeitura.
- Garantir o aperfeiçoamento de técnicas artísticas a partir de oficinas plásticas, possibilitando ao jovem condições de ingressar no mercado de trabalho.

11) Público-alvo

O projeto Cores de Belém atende jovens de baixa renda e, geralmente, pouca escolaridade, com idade entre 13 e 22 anos. São moradores de periferia e são, em alto grau, vítimas de violência. Em geral, são ex-pichadores e ex-integrantes de gangues, parte deles já praticou algum ato infracional. A maioria dos participantes é do sexo masculino.

12) Caracterização e histórico

A Prefeitura de Belém desenvolve o Projeto, *Cores de Belém*, no qual são realizadas ações junto aos jovens pichadores e grafiteiros da periferia, buscando dar novo significado à sua forma de expressão e organização para que seja transformada a paisagem da cidade.

São promovidas oficinas, debates e atividades de lazer para os jovens. Segundo a coordenação, esta é uma ação de mobilização social articulada para fortalecer a relação afetiva dos moradores de Belém com a cidade, e propõe junto aos pichadores e/ou grafiteiros das comunidades dos bairros a revitalização da memória visual da cidade.

O Projeto *Cores de Belém* parte do princípio de que as manifestações dos pichadores, segundo a percepção da coordenação, buscariam um valor estético-cultural na ação de grafiteagem. Buscariam resgatar a auto-estima dos jovens, superando a dimensão de transgressão dos atos de pichações e grafiteagem, alcançando um novo patamar de relações entre grafiteiros, pichadores e a população da cidade.

O processo de formação do Projeto *Cores de Belém* teve por base pesquisas, como a realizada pelo Instituto de Estudos Econômicos e Sociais de São Paulo – IDESP, constatando que a participação de jovens e crianças em atividades culturais é bastante reduzida, não ocorrendo, na maioria das vezes, por falta de informação, conhecimento, divulgação, em decorrência das dificuldades financeiras e de transporte, assim como pela falta de interesse e de apoio à família.

Estando distanciados de práticas culturais, crianças e jovens tendem a diversas formas de atividades não-saudáveis, como a formação de gangues, que proliferaram no cenário de Belém com atuação marcante nas pichações.

O projeto iniciou-se em 1999, de idéia surgida em 1998, expressa tanto como demanda do Fórum de Educação Municipal como em discussões no Congresso da Cidade, e na própria Prefeitura. O projeto atendeu a reivindicação de movimentos populares, preocupados com o alto índice do envolvimento dos jovens com a questão da violência.

13) Recursos humanos

O projeto ocupa técnicos, oficinairos, professores e coordenadores da Prefeitura. Sua equipe é formada por articuladores culturais, monitores em arte que fazem oficinas com os jovens, técnicos arte-educadores, professores de educação física, educadores infantis. Estes

profissionais, junto às oficinas, promovem acompanhamento das mesmas, assim como dos envolvidos nessas atividades.

Para atuar não são exigidos títulos acadêmicos, apenas habilidade para trabalhar com jovens, usando uma linguagem artística que transforme o pichador em artista grafiteiro. O critério de seleção de colaboradores passa, pois, pela habilidade de trabalhar na área de teatro, de música, e de artes visuais e plásticas. Alguns têm formação, mas não é exigido tal critério como elemento essencial, sendo priorizada a experiência na área de arte-educação e de desenvolvimento de projetos com articulação da comunidade e trabalhos no sentido da educação não-formal. Parte dos arte-educadores é formada por universidades locais, mas a maioria tem nível médio e técnico.

[...]há desde aqueles que têm não sei quantos mestrados, até aqueles que nunca fizeram universidade, mas têm uma habilidade específica, um domínio específico em determinada área. Então é esse o perfil dos oficinairos, você tem o pessoal que é do folclore, o pessoal das artes plásticas, do teatro que tem não sei quantos anos de escola de teatro, ou então simplesmente faz teatro já desde sua adolescência e hoje já tem um acúmulo de conhecimento que se sente habilitado para trabalhar, muita gente tem esse perfil (Entrevista com técnicos/animadores, Belém/PA).

A seleção dos membros da equipe do projeto é feita principalmente por convênio: muitos são professores da rede pública, que têm habilidades para artes. Os que não são professores da rede são selecionados através dos convênios existentes com a Associação de Arte-Educadores, com a FESAT e com a CLAUTE. Esses são necessariamente técnicos.

A Secretaria Municipal de Educação oferece dinâmicas quinzenais que visam à formação e à capacitação dos professores e arte-educadores. Essas dinâmicas concentram-se em atividades artísticas. A capacitação se dá de forma específica, de acordo com a demanda fornecida pela própria oficina. Quando a equipe trabalha a dança, tem uma capacitação para dança e assim sucessivamente. Os técnicos são, em sua maioria, professores efetivos do quadro, concursados, que são disponibilizados por serem artistas plásticos ou por terem qualquer outra habilidade específica na área das artes. Nesse caso, eles são absorvidos pelo Projeto *Cores de Belém*.

Existem também aqueles que são contratados, pelo regime de convênio com a FESAT e com a Associação de Arte-Educadores – AEPA. Não existe trabalho voluntário, só parcerias com articuladores da comunidade e de outros projetos.

14) Metodologia

Inicialmente, é feito um levantamento da área de atuação mediante uma visita ao local, considerando a violência, depredação de espaços públicos e privados. A partir da escolha do local de realização do projeto, parte-se para a mobilização tanto indireta, feita pelas instituições do governo municipal, utilizando panfletos, mala-direta, faixas, carro de som, direta, por meio de visita às casas dos jovens, locais de concentração e conversa com os pais e grupos organizados. A divulgação também é feita nas escolas. Além disso, inicia-se a articulação com parceiros da sociedade civil, lideranças comunitárias, grupo Pichando Arte, professores e demais movimentos culturais.

A maioria dos jovens toma conhecimento do Projeto *Cores de Belém* por meio de amigos ou pessoas da comunidade, principalmente aqueles que são grafiteiros e já participaram do projeto. Interessante notar que muitos jovens das escolas procuram o projeto *Cores de Belém* para desenvolver suas habilidades de desenho, não necessariamente porque fazem parte de grupos de pichação, o que sugere que o projeto tem uma ação preventiva.

O projeto conta hoje com a média de 12 grupos, cada grupo tem característica específica. Existe, por exemplo, um grupo formado em sua maioria skatistas, que nunca foram diretamente ligados à gangues.

Um seminário sobre o Projeto *Cores de Belém* é apresentado aos jovens e logo em seguida, parte-se para a montagem e efetivação da *Oficina de Grafitegem*. Como principal atividade de uma oficina dessa natureza tem-se a execução de painéis e pintura de murais. Há um acompanhamento direto na execução dos painéis, nas aulas da oficina de grafitegem e nas reuniões com jovens do Projeto *Cores de Belém*.

As atividades das oficinas são realizadas paralelamente a reuniões nas quais é desenvolvido um trabalho de educação e conscientização dos jovens, buscando dar a eles uma formação sociocultural. Só participa das atividades externas da oficina de grafite (confeção de murais) quem vai às reuniões.

A coordenação desenvolve as oficinas e faz reuniões quinzenais com movimentos organizados, onde nem sempre é trabalhada

uma inter-relação direta dos dois momentos: dos meninos que estão no movimento organizado e dos que são atendidos nas oficinas mais constantemente. Há também o momento de formação, no qual os dois segmentos se encontram quinzenalmente à noite, e discutem os problemas vivenciados, da organização à própria oficina de aprimoramento do grafite. As atividades têm tempo indeterminado, durando o tempo que o grupo precisar; muitos são reorientados mas permanecem no Projeto *Cores de Belém*. A maioria das oficinas dura, em média, um ano.

Os encontros para avaliação e encaminhamentos complementam o processo de avaliação. Esses encontros são mensais com a coordenação do projeto *Cores de Belém* e quinzenais com os grupos organizados de grafiteiros. Também são realizadas reuniões com pais, centros comunitários, movimentos culturais, direção de escolas e professores.

Além de ter informações sobre a vida dos jovens anterior ao projeto, são estimuladas atitudes de liderança para que alguns que se destacuem tornem-se pontos de referência na comunidade. No entanto, não há um acompanhamento sistemático dos que abandonam o Projeto *Cores de Belém* e nem daqueles que já concluíram as atividades.

15) Redes, multiplicação e parcerias

O Projeto *Cores de Belém* tem o suporte de outros dois programas da Prefeitura: *Arte e Cidadania*, da FUNPAPA, órgão da administração indireta do município de Belém, responsável pela coordenação da política municipal de assistência social) e o *Cultura, escola e alegria*, da Secretaria Municipal de Educação; Movimento Organizado de Grafiteiros de Belém; Associação Metropolitana de Grafiteiros; Associação de Arte-educadores; Federação Estadual de Atores de Teatro e Cessão de Artistas de Teatro.

No início existiam algumas parcerias com instituições como o UNICEF e o Complexo EMAÚS, no entanto, no momento, o Projeto *Cores de Belém* está com trabalho intersecretarias. O EMAÚS ainda tem uma relação de troca de informações com o projeto. Uma parceria com a Universidade Federal do Pará – UFPA merece destaque: os jovens foram convidados a pintar o muro da universidade seguindo o tema proposto – flores da Amazônia. Não existem parcerias com intuito de viabilizar com recursos financeiros o Projeto *Cores de Belém*.

A interação com os diversos grupos organizados de grafiteiros das comunidades facilita e fortalece o vínculo do Projeto Cores de Belém com a comunidade.

Eles [projeto Cores de Belém] apóiam muito a gente na questão financeira, que as vezes um dinheiro para pagar passagem a gente tem só de ida, eles arranjam para nós voltarmos, a nossa merenda, e os materiais, às vezes, eles dão para gente. Eles ajudam a gente de várias maneiras, fazendo a gente ficar feliz na hora que a gente está fazendo o nosso grafite, na hora quando a gente vai participar de uma coisa. (Grupo focal com a comunidade, Belém/PA)

Existem vários convênios firmados com instituições artísticas como a FESAT, a AEPA e a CLAUTE. Além disso, vários grupos culturais organizados, como o Refavela, têm participação ativa no Projeto *Cores de Belém*. Existe também uma participação da Igreja Católica nos trabalhos, principalmente com a comunidade.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

No Projeto *Cores de Belém* são feitas avaliações formais semestrais pela própria Secretaria Municipal responsável pelo projeto. Realiza-se um balanço das atividades no qual são apontados os principais pontos que deverão ser revistos. Um produto bastante positivo dessas avaliações foi a mudança na metodologia do projeto com a inclusão de reuniões com os jovens para discutir suas realidades.

Todo semestre, os técnicos do projeto também realizam um “balanço” dos trabalhos, com o qual tem-se o registro quantitativo da inclusão de novos profissionais. Foram desenvolvidas categorias da pesquisa na educação, no movimento, a partir de uma sistematização. Também existem outros registros como as fotografias etc. Além disso, estão em andamento pesquisas em universidades do Estado sobre suas atividades e seus impactos.

Nós temos, por exemplo, que é um retorno muito importante para gente, são as instituições formadoras fazendo pesquisa, alunos da UEPA, da UFPA, da UNAMA, que hoje estão fazendo pesquisas dentro dos nossos projetos (Entrevista com coordenação, Belém/PA).

17) Problemas específicos da experiência

- A falta de recursos financeiros e infra-estrutura foi considerada pelos atores envolvidos como um problema, pois a verba li-

berada pelo MEC não é bastante para o desenvolvimento pleno do projeto *Cores de Belém*.

- Também a falta de participação de outras Secretarias Municipais e maior comunicação entre elas, para possibilitar que os trabalhos sejam aprofundados e se tornem multidisciplinares foi ressaltada como sério problema à experiência.
- Ausência de uma participação mais efetiva de órgãos do governo responsáveis pela área de violência entre jovens também é obstáculo ao crescimento do projeto.
- O projeto precisa de uma maior visibilidade, assim como de estratégias de divulgação mais eficientes.

Nosso maior problema, e da Prefeitura como um todo, é dar visibilidade aos nossos projetos. Nós não temos investido muito nos canais de divulgação, a nossa forma é muito básica, a gente faz muito dentro da própria rede, indo nas rádios comunitárias, indo nas comunidades, junto aos projetos e, às vezes, frente a algum órgão de comunicação que a gente tem acesso. Mas eu visualizo assim como uns dos pontos que a gente tem que pensar, de que forma que a gente tem que superar, porque os projetos são interessantes e às vezes a gente tem o projeto e a comunidade não sabe na sua totalidade, que ele existe, que eles podem participar (Entrevista com a coordenação, Belém/PA).

- O caráter eventual dos grupos ligados à escola ou à entidade, que iniciam o processo e reivindicam maior continuidade e acompanhamento, como, por exemplo, no caso dos familiares que questionam a falta de acompanhamento tanto dos jovens nas oficinas quanto dos egressos.

Tudo bem que eles ajudam às vezes com material, se não tivesse material a gente não faria grafite nenhum, mas eu acho que não é só material não, cara. Outra coisa que eu acho errado é que eles deviam ter gente por tempo integral, porque as pessoas que procuram o projeto tão precisando de algo, não é, não é material não, não pode ser comprado, como tinta, não pode ser comprado... (Grupo focal com a comunidade, Belém/PA)

- O distanciamento social dos professores e a dificuldade em lidar com essas diferenças também surgiu como obstáculo à experiência.

Elas são pessoas de outro nível e um nível nunca é igual ao outro, entendeu? A relação sempre vai ser amigável, mas nunca vai ser

igual, isso pode botar na cabeça. Já parei para conversar com elas, falei isso para elas, que se elas querem ajudar de verdade, que não dêem material nenhum para gente, mas que pelo menos cheguem para gente, conversem com a gente. E digam assim: já que vamos fazer um projeto, vou lá na área de vocês, vamos reunir, levantar, mostrar que eles podem ter esse convívio com a gente, esse contato. Elas já provaram que podem fazer isso, porque elas já fizeram isso, só que falta aquele desempenho maior, entendeu? Talvez seja falta de tempo, mas por que não contratar alguém que tenha esse tempo para ter contato com as pessoas de verdade (Grupo focal com a comunidade, Belém /PA).

- Quase não existe rotatividade, mas a quantidade de desistências parece bastante grande, tendo sido citada em vários depoimentos. Muitos jovens desistem pelas razões mais diversas, as principais são a falta de apoio da família e o chamamento das drogas e gangues, muitos deles voltando a fazer parte do ciclo de violência.

Eles que quiseram sair. Eles que quiseram, eles mesmos. Aí eles vão lá começam a cheirar, aí, não vêm mais (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

- Apesar de serem realizadas reuniões com os pais, devido às características dos jovens participantes, na maioria ex-integrantes de gangues e pichadores, o Projeto *Cores de Belém* não tem muito vínculo com os pais. Muitos dos jovens não têm mais como referência a família e, além disso, existe um grande preconceito dos próprios pais no que diz respeito às atividades.

18) Por que uma experiência inovadora?

- A importância de possibilitar aos jovens que trabalhem a cultura, o esporte e o lúdico para canalizar suas energias é um consenso entre os participantes. Muitos acreditam que essas atividades são fundamentais para o amadurecimento juvenil, bem como para reduzir a violência entre eles. Além disso, diversos outros fatores apontam para o caráter inovador dessa experiência.
- A experiência vem estimulando um novo papel das escolas como espaço aberto de discussão, formação de caráter e valorização da cultura popular.

A escola passa a perceber que ela assim responde mais por um espaço pro ensino. Então eu vejo hoje que a escola já vem dando espaço para essa discussão, entendeu? Já vem incluindo a dimensão que é o aspecto da cultura numa perspectiva mais ampla (Entrevista com técnicos, Belém /PA).

- O projeto tem contribuído para o fortalecimento organizacional da sociedade, mediante a construção de um movimento artístico para congregar jovens pichadores. Desperta um novo olhar para o patrimônio público, para a juventude e o seu valor para a sociedade.

Faz a pessoa entender que é melhor riscar, desenhar, assim, livremente, do que desenhar escondido, riscar as coisas por aí (Grupo focal com Jovens, Belém/PA).

Um projeto antes de mais nada comprometido com o social, um projeto que antes de mais nada busca o desenvolvimento de um ser integral, e que busca um jovem sonhador, um jovem que se preocupa com seu contexto, um jovem que se preocupa consigo mesmo, que se preocupa com visões de mundo (Entrevista com técnicos, Belém /PA).

- Tem o poder de fomentar o desenvolvimento de novas habilidades, abrindo perspectivas para o mercado de trabalho com pinturas, assim como vem em busca de fortalecer a auto-estima e a consciência de cidadania entre os jovens.

Esse trabalho que o Cores de Belém faz é muito legal, nas escolas de pessoas de baixa renda, onde os pais não têm um diálogo com os filhos, e os educadores, os oficinairos, eles têm uma coisa mais aberta, são pessoas que falam a mesma linguagem dos jovens, está entendendo? Partilham e ele se abre, se sente à vontade e começa a fazer desenho, fazer grafite, dá certo (Entrevista com parceiro, Belém /PA).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Dentre os efeitos ocorridos na vida dos jovens, uma característica essencial tem sido a forte mudança em sua percepção de mundo:

Eles mudam a relação que eles têm no coletivo, entre eles, eles mudam o modo de fazer sua leitura de mundo sabe? Eles têm uma relação muito maior com a escola sabe? (Entrevista com a coordenação, Belém/PA).

- Os jovens recebem educação e passam por um processo de humanização e de formação de consciência de seus direitos:

Mas eu acredito nisso como uma forma de valorização do humano, é um canal de humanização do homem, das relações sociais e de dizer não para algumas práticas sociais que, além de excluir, as pessoas se sentem tão excluídas que não se sentem capazes de lutar, nem de achar que têm direito a seus direitos (Entrevista com a coordenação, Belém/PA).

Eles nunca imaginavam entrar num órgão público, sabe? Discutir o que vai ser feito com a verba pública, para eles era uma coisa assim, era um outro mundo. Hoje eles podem chegar aqui a qualquer hora do dia ou da noite e discutir com a gente, a questão da auto-estima, a de fortalecer a auto-organização, principalmente porque o governo passa pelo pressuposto de ser democrático, popular, a questão da autogestão (Entrevista com técnicos, Belém/PA).

- Os jovens têm conseguido se libertar de uma situação de risco e, principalmente, de violência. Observa-se também a diminuição das rivalidades entre os bairros e das brigas de gangues.

Eles não estão como eles faziam, viviam brigando, toda noite brigavam, eles começam a mudar, aprender outras coisas, metade deles não está, assim, vadiando direto, sabe? Então, quer dizer, uma parte deles mais coesa, agora já consegue ocupar mais esse tempo (Entrevista com técnicos, Belém/PA).

Rivalidades se eles tiverem é lá fora. Quando eles entram na sala, eles param, eles mudam completamente (Entrevista com técnicos, Belém /PA).

A questão dos territórios muda, tanto é que fizemos ações com vários grupos de diferentes distritos e estamos rompendo o sistema de bairrismo (Entrevista com técnicos, Belém/PA).

- Participar das atividades tem desenvolvido capacidades, como também garantido novas perspectivas, inclusive, de trabalho.

Tem outro significado, eu sou um ex-pichador... eu queria experimentar comigo mesmo assim para ver se era legal; aí, eu pichava, arriscava a minha vida de noite, pegar um tiro, qualquer coisa assim. Mas foi só uma fase, e eu saí porque aquilo não era para mim, vai fazer três anos agora que eu estou trabalhando (Grupo focal com a comunidade, Belém/PA).

Os que estão realmente em gangues, é a questão da falta de perspectiva mesmo, de não garantir o primeiro emprego, de você dizer: “Eu vou poder garantir o mínimo de você estudar, de garantir o mínimo de você expressar sobre cultura, de você ter acesso a condições, aos bens materiais”. Acho que primeiro é essa questão deles estarem pelos cantos sem ter muito o que fazer. A partir do que você garante uma atividade, garante uma perspectiva, um norte, com certeza você desenvolve a sua capacidade (Entrevista com técnicos, Belém/PA).

São eles que tão voltando lá para rua e estão dialogando entre si e buscando uma outra perspectiva para eles. Muitos deles agora estão fazendo trabalhos como comerciais, então eles conseguem pintar uma fachada no shopping, boate, conseguem fazer material gráfico; grupos que estão comprando seu próprio material e mostram que a lata é mais, é como se fosse um pincel, elas conseguem se expressar melhor hoje (Entrevista com técnicos, Belém/PA).

- O projeto tem ocasionado nos jovens uma grande mudança comportamental.

Agora não, a gente não pensa mais em pegar o bagulho e ir pichar. A gente pensa mais que para o ano eu já vou trabalhar, com o dinheiro que eu pegar, eu já não vou sair por aí usando a casa dos outros. A gente não vai mais riscar, a gente vai desenhar, tentar assim melhorar, se aprimorar nisso, aí dar melhoria. Antigamente, eu pensava assim: o dia que eu conseguir uma arma para eu não correr de ninguém, eu vou começar a riscar em todo o canto. Era isso que eu pensava, agora não, agora a hora que eu conseguir o meu dinheiro, eu vou comprar material para eu desenhar a minha casa todinha, que é meio grande lá. Eu vou pintar por dentro, papai já deixou, mamãe também, dar melhorias sim. Pelo menos eu, para mim melhorou, meu pensamento já é totalmente diferente (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

4.6.2 Rádio Margarida

- 1) Nome da organização
Centro Artístico Cultural Belém Amazônia
- 2) Data de fundação
1992
- 3) Cidade/Estado
Belém, PA
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Programa/projeto analisado
Programa Rádio Margarida
- 6) Contato
 - a) Responsável: Osmar Pancerra
 - b) Telefone: (91) 222 5849
 - c) e-mail: radiomar@expert.com.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Campus da Universidade Federal do Pará; escolas, centros comunitários e comunidade em geral nos bairros beneficiados.
- 8) Origem dos recursos
O orçamento depende das parcerias que são estabelecidas ao longo do ano. Alguns projetos recebem colaboração financeira de organizações como a UNICEF e a ABRINQ, bem como de órgãos públicos como a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária, a Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social e do BNDES.
- 9) Áreas de atuação
Arte (saúde, educação), meio ambiente, intercâmbio cultural (pesquisa, direitos humanos), cidadania e capacitação profissional.
- 10) Objetivos
 - Contribuir para o desenvolvimento das potencialidades humanas juvenis por meio do método de educação popular.

- Proporcionar capacitação profissional e condições de competitividade no mercado de trabalho.
- Incentivar a luta pela conquista de direitos e o exercício da cidadania.
- Solucionar problemas como a falta de oportunidade dos jovens em participar de cursos profissionalizantes, bem como o pouco acesso a atividades de esporte, cultura e lazer.
- Resgatar a dimensão lúdico-cultural de cada comunidade mediante atividades artísticas e culturais com gincanas, música, teatro de fantoches.

11) Público-alvo

Jovens e adolescentes na faixa etária de 14 a 21 anos, de baixa renda e carentes de informação, lazer, cultura, esporte e formação profissional.

12) Caracterização e histórico

O Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, mais conhecido como programa *Rádio Margarida* trabalha com crianças e jovens de camadas populares e com a comunidade em geral, desenvolvendo atividades voltadas para a educação popular. Seu público-alvo são jovens na faixa etária de 14 a 21 anos oriundos de famílias de baixa renda, com pouco ou nenhum acesso a atividades de lazer, cultura e formação profissional, possibilitando o acesso a todos, independente de raça, sexo ou religião.

A entidade utiliza as mais diversas linguagens artísticas e meios de comunicação. Seus principais eixos de atuação são arte, educação, saúde, meio ambiente, intercâmbio cultural, pesquisa, direitos humanos, cidadania e capacitação profissional. Nos cursos oferecidos, busca-se resgatar a auto-estima dos jovens, estimulando as relações interpessoais e utilizando dinâmicas de grupo que os ajudam a enfrentar os obstáculos vivenciados em seu cotidiano.

Os projetos desenvolvidos pela *Rádio Margarida* têm grande alcance e importância na Grande Belém e algumas cidades do interior do Estado. Eles já receberam alguns prêmios que lhes conferiram reconhecimento no trabalho com adolescentes, como o “The

Netherlands National Lottery – Arte e educação com crianças e adolescentes”, em novembro de 1996, por indicação do Escritório UNICEF/Amazônia ao UNICEF/Holanda; citação no CD *A Tempestade ou o Livro dos Dias*, do Grupo Legião Urbana, em destaque como entidade de defesa dos direitos de crianças, jovens e mulheres, em setembro de 1996; e foram finalistas no prêmio “Itaú/UNICEF – Educação e Participação”, em 1997.

A idéia surgiu e desenvolveu-se em 1991, tornando-se a ONG Centro Artístico Cultural Belém Amazônia, que foi legalizada em 1992. Inicialmente restringiam-se trabalhos esporádicos: a entidade era chamada para fazer um teatro de bonecos, para divulgar o Estatuto da Criança e do Adolescente. A partir de 1994, as atividades da *Rádio Margarida* passaram a ser desenvolvidas de forma contínua. Os grandes marcos dessa mudança foram o início dos trabalhos junto à Universidade Federal do Pará e a formalização do método de educação popular chamado *Rádio Ação*, com a assinatura do convênio de parceria com o UNICEF.

A idéia principal do programa nasceu da decisão de usar a arte, o teatro, o circo, o palhaço para falar do social, usar o cultural... no caso tentou-se fazer um programa social de outra forma, começou-se pensando pelo cultural, pela arte: arte-educação (Entrevista com coordenador, Belém/PA).

13) Recursos humanos

Em geral, os animadores/educadores possuem nível superior ou são artistas. O programa *Rádio Margarida* conta com arte-educadores que aliam formação acadêmica e experiência em cultura e educação popular, além de experiência no campo da arte-educação para jovens carentes.

Entre outros, integram o programa *Rádio Margarida* como arte-educadores: duas assistentes sociais que vêm desenvolvendo um trabalho com teatro de bonecos e com apresentação de palhaços, enfatizando arte para repassar informações; um assistente social que faz o acompanhamento direto dos adolescentes atendidos no projeto; um artista plástico, autodidata, que vem desenvolvendo projeto de arte-educação nas áreas de saúde, meio ambiente, intercâmbio cultural; e alguns artistas que atuam como manipuladores de bonecos, palhaços e atores.

São assistentes sociais, são arte – educadores, são pedagogos, são na sua maioria, a gente pode dizer, que são arte – educadores, não importa tanto qual a profissão, mas que através da arte fazem educação (Entrevista com coordenador, Belém/PA).

No início das atividades do programa *Rádio Margarida*, os animadores eram voluntários, foram convidados a participar das reuniões iniciais e o critério de seleção era a própria ação e a identificação com o programa.

Atualmente, são selecionadas preferencialmente, mas não necessariamente, pessoas com nível superior (psicólogos, assistentes sociais), que conheçam a linguagem artística e que sejam afeitos a essa linguagem, e que tenham alguma experiência como artistas educadores. De maneira geral, são profissionais autônomos que recebem por serviços prestados.

Os treinamentos são internos e constantes e visam capacitar os educadores em práticas teatrais voltadas para populações da periferia. Essas capacitações (oficinas) ocorrem desde 1994 com a parceria do UNICEF.

14) Programas e projetos em curso

As atividades da *Rádio Margarida* concentram-se em trabalhos com os jovens e a comunidade em geral nas seguintes frentes:

Projeto JUVENTUDO: projeto de combate à violência voltado para a juventude de Belém, com atividades de esporte, cultura e lazer, como gincanas, dinâmicas de grupo, teatro e música.

Projeto de Educação Ambiental: são discutidas com a comunidade questões ambientais, relacionadas à preservação, limpeza, higiene, arborização, formas de reciclagem de lixo urbano e outros temas. O contato com essas comunidades é feito com articulação anterior nas entidades locais do bairro com mais ou menos um mês de antecedência, para depois ter-se a realização das programações.

Projeto de Extensão Rádio-Ação: esse projeto acontece em parceria com a Rádio Liberal AM e o projeto de integração da UFPA-PROINT. Sua principal atividade centra-se em visitas a escolas para levantar, junto aos jovens, temas a serem discutidos por eles no es-

paço da rádio, com duração de uma hora e a presença de uma autoridade no assunto. Os principais temas são: segurança no trabalho, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, sexualidade, drogas, enfim, temas ligados aos jovens. Finaliza-se a programação com a transmissão de uma rádio-novela produzida e encenada pelos próprios jovens.

Capacitação Profissional: este projeto é realizado em parceria com a Associação de Apoio ao Programa de Capacitação Solidária – AAPCS e pretende formar jovens agentes ambientais. Nesse curso é resgatada a auto-estima desses jovens, trabalham-se as relações interpessoais e fazem-se dinâmicas de grupo que os ajudam a enfrentar os obstáculos vivenciados em seu cotidiano.

Projeto Olho Vivo e Cinemanga: em parceria com a SETEPS e o Comunidade Solidária, este projeto visa à capacitação de jovens para a área técnica de vídeo e TV, com ênfase no ECA, educação, qualificação profissional, cidadania, trabalho, geração de renda e associativismo.

O Ministério Público e a Comunidade: com este projeto os serviços do Ministério Público foram levados diretamente para dentro da comunidade, facilitando e agilizando o pedido de ações na justiça e o acompanhamento dos processos já existentes.

Projeto Saúde e Alegria e projeto SORRISO: em ação conjunta com o UNICEF, estes projetos visam levar informação a respeito de saúde e higiene por meio de ações educativas que veiculam medidas vitais à saúde.

Dentre essas atividades, merece destaque o Projeto JUVENTUDO, no qual são desenvolvidas atividades voltadas para o combate à violência por meio de dinâmicas de esporte, lazer e cultura, cujo lema é “juventude tudo: esporte, cultura e lazer e para a violência nada”.

15) Metodologia

As experiências resultam do compromisso da instituição em desenvolver trabalhos voltados prioritariamente para a infância e juventude socialmente excluídas. As proposições dos trabalhos a

serem efetivados e dos projetos são elaboradas coletivamente por todos que fazem parte da instituição. A partir daí, são formalizadas as parcerias e os projetos são inscritos nos concursos do Programa Capacitação Solidária.

O método que se utiliza é o da linguagem como instrumento de comunicação. Costuma-se privilegiar o teatro, vídeo educativo, gincanas, carro de som, ou seja, uma maneira artística e lúdica que vá ao encontro da população. Para isso, são examinados os aspectos urbanos e culturais do bairro e da comunidade para serem explorados no período em que as atividades irão ocorrer. Isso é feito sempre a partir de um ponto de referência, um centro comunitário, uma associação ou uma escola. Após esse momento, técnicos e educadores instalam-se no bairro e desenvolvem diversas atividades em parceria com escolas, centro comunitários e comunidade em geral. Os jovens interessados passam por um processo de seleção para ingressar nas atividades.

Dependendo da natureza do projeto, são apresentados espetáculos de teatro e bonecos, atrações artísticas, gincanas, *shows*, programas educativos ao ar livre com telões em escolas e centros comunitários, enfim, são usados os meios de arte para levar mensagem dentro das necessidades de informação. A duração das atividades e dos cursos depende do estabelecimento de parcerias e do orçamento disponível. Em média, as entidades costumam financiar projetos com duração de seis meses.

Nós vamos com o nosso equipamento de serviço até lá, nós vamos visitando as escolas e centros comunitários com espetáculo de teatro e bonecos apresentando atrações artísticas, nós vamos fazendo gincanas, atos – shows, convites educativos, fazendo ao ar livre com telões e também shows ao ar livre com a população (Entrevista com coordenador, Belém/PA)

É mais fácil a assimilação, eu me lembro quando eu era pequena e tinha que estudar história do Brasil e eu dizia por que não fazem um filme para eu poder ver que fica muito mais fácil, porque às vezes eu ia ao cinema e chegava em casa e contava toda a história, todo o filme (Grupo focal com técnicos/animadores, Belém/PA).

A procura pelos cursos é maior por parte dos rapazes, mas o programa *Rádio Margarida* reserva vagas para mulheres, além de

destinar vagas especiais para portadores de necessidades especiais. A demanda costuma ser bem maior do que a oferta de vagas. Para o curso de capacitação de agentes ambientais, por exemplo, eram apenas 30 vagas para mais ou menos 200 interessados.

A duração das atividades depende das parcerias que são estabelecidas e do desenho de cada projeto. Os cursos duram em média de cinco a seis meses. Os projetos, nos anos de 1998 e 1999, tiveram duração de seis meses e o do ano 2000, cinco meses, pois trabalha-se de acordo com o parceiro financeiro, que é quem determina a duração dos projetos.

Não há continuidade maior no trabalho com os grupos de jovens e nem acompanhamento após o término dos cursos, o que é um problema apontado por todos, inclusive pelos próprios adolescentes que se envolvem no trabalho. A não-continuidade do trabalho ocorre por diversas razões, entre elas, o espaço que é reduzido (não possui sede própria, ocupa espaço cedido pela Universidade), o corpo técnico pequeno para tantas ações (20 pessoas) e a falta de recursos.

Hoje a Rádio Margarida pode ter um convênio para ir àquela área, formar os agentes multiplicadores, mas a partir do momento que a Rádio Margarida se retira, fica aquele vácuo, por quê? O jovem ele não tem um certo investimento para ele, para ele avançar mais ou repassar aquele aprendizado dele (Grupo focal com membros da comunidade, Belém/PA).

Ela dá capacitação para o jovem, mas a gente está observando que não está tendo prosseguimento, no caso se a pessoa é capacitada por esses cursos pela Rádio Margarida, que ela tivesse uma chance de arrumar um emprego, de botar em prática aquilo que ela aprendeu. Então a Rádio Margarida, está formando profissional e está deixando ele parado. Então eu acho que aí ela podia procurar envolver essa pessoa, botar o que ela aprendeu em mão-de-obra (Grupo focal com pais/mães/responsáveis, Belém/PA).

[...] para dar continuidade ao projeto realmente, a longo prazo, ter realmente esse acompanhamento com os próprios jovens, fica difícil, porque o curso de capacitação termina, aí entra a questão da verba, porque a gente enquanto entidade não tem para que possa fazer esse acompanhamento (Grupo focal com técnicos/animadores, Belém/PA).

16) Redes, multiplicação, parcerias

O programa *Rádio Margarida* tem articulações e parcerias institucionais com órgãos públicos, desenvolvendo serviços de utilidade pública em políticas voltadas para a juventude. Os principais parceiros públicos são a Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária, a Secretaria Executiva de Trabalho e Promoção Social e o BNDES.

Merece destaque especial a parceria com a Universidade Federal do Pará, que cede o espaço no qual está localizada a sede da entidade e desenvolve, em conjunto com a *Rádio Margarida*, projetos de extensão de linguagens artísticas e meios de comunicação.

Outros parceiros são o UNICEF e a Fundação ABRINQ. Algumas parcerias com movimentos de mulheres e entidades ambientalistas merecem destaque, como a parceria com a Associação Novo Encanto e o movimento Ecológico. Destaca-se também a atuação junto ao Centro de Defesa, entidade que se dedica à denúncia de violências contra crianças.

Várias parcerias e articulações são feitas com outras entidades da sociedade civil, bem como com órgãos públicos sem, no entanto, se dar muita ênfase a essas articulações. A atuação conjunta ocorre em áreas comuns às entidades e gira em torno basicamente de movimentos culturais e artísticos, junto à classe dos artistas, como a parceria com o Sindicato dos Radialista e com a TV Cultura do Pará.

A família dos jovens é envolvida desde o processo de seleção, quando são feitas visitas domiciliares, bem como nas reuniões que são realizadas periodicamente. No entanto, deve-se notar que alguns pais não demonstram conhecer as atividades de que seu filho participa, portanto, o efeito multiplicador das atividades, no que diz respeito à família, deixa a desejar.

Por outro lado, os projetos obtêm excelente repercussão nas comunidades, já que os jovens capacitados tornam-se agentes multiplicadores de informações, sobretudo no que diz respeito à educação ambiental, fazendo visitas a escolas, centros comunitários, praças, com a apresentação de espetáculos de teatro e teatro de bonecos com textos com uma linguagem bastante fácil, voltada para a realidade da comunidade.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

São feitas visitas periódicas da monitoria do Programa Capacitação Solidária, bem como de técnicos da Secretaria Executiva e Promoção Social com vistas a avaliar cotidianamente os projetos, assim como são feitas avaliações contínuas pelos parceiros de cada projeto.

As nossas avaliações são periódicas, sempre com os parceiros com quem desenvolvemos projetos. Então, por exemplo, em outubro, novembro do ano passado foi feita uma avaliação do BID sobre nosso trabalho no projeto UNA, agora nós tivemos uma avaliação da SETEPS e da Comunidade Solidária sobre o curso dos agentes ambientais, temos avaliações periódicas e constantes do projeto (Entrevista com coordenador, Belém/PA).

Internamente, são feitas avaliações pela equipe técnica, pelos participantes dos projetos e pelos alunos. Essa avaliação é feita por meio de observação, exame dos resultados dos trabalhos apresentados pelos jovens, diálogos com os participantes do projeto e reunião da equipe técnica com os familiares.

18) Problemas específicos da experiência

- Recursos e infra-estrutura

Há uma clara preocupação com a falta de recursos para desenvolver e aperfeiçoar os projetos da *Rádio Margarida*. Os recursos são escassos e instáveis, pois dependem das parcerias estabelecidas. Outros problemas que afetam a qualidade dos trabalhos, segundo eles, são a falta de uma infra-estrutura adequada, como uma sede (galpão) e a pouca quantidade de materiais e de recursos humanos.

Ausência de recursos, de parceiros, ausência de instituições que se disponham a trabalhar com a sociedade civil de uma maneira séria, não cobrando politicamente as coisas ... (Entrevista com coordenador, Belém/PA).

[...] e infelizmente ainda não conseguimos recursos com parceiros que pudessem nos bancar uma sede, um espaço que a gente pudesse desenvolver, montar um galpão fixo e desenvolver um trabalho com a comunidade (Grupo focal com técnicos/animadores, Belém/PA).

- Sustentabilidade

Essas dificuldades com recursos ameaçam a sustentabilidade do programa *Rádio Margarida*. Outro ponto que se refere à sustentabilidade do programa é a rotatividade das parcerias. Segundo o coordenador, alguns projetos deixaram de ser executados por que o UNICEF considerou que a entidade estava apta a buscar recursos em diversos lugares e, portanto, ele passou a investir em outros programas.

[...] e também até o orçamento, cronograma financeiro, não te dá brecha para isso, eles pagam isso, outras coisas têm que tirar de algum lugar. Então a própria entidade que te financia não te dá suporte, e está aí uma das dificuldades da gente, reforçando a sustentabilidade que a gente tem sempre que correr atrás dos projetos, que dá para desenvolver durante três meses, seis meses acaba, sempre temos que estar correndo atrás, e isso é uma das dificuldades (Grupo focal com técnicos/animadores, Belém/PA).

- Quantidade e duração dos cursos

Os alunos consideram que as vagas nos cursos são em número muito restrito (a demanda é muito maior do que a oferta), bem como a duração de cada curso é muito pequena (de cinco a seis meses), o que impossibilita desenvolver as atividades de forma mais profunda.

Olha, eu acho que deveria ser mais ampliado, a estrutura de participação da Rádio Margarida até porque a gente vê que não conseguiu levar mais a fundo o que deveria ser feito pela própria Rádio Margarida, eu acho que é mais investimento que tem que ser feito (Grupo focal com membros da comunidade, Belém/PA).

Bom, o único ponto negativo que eu achei foi o tempo, também, pouco tempo sabe, está terminando já e eu fico assim, um pouco triste (Grupo focal com Jovens, Belém/PA).

19) Por que uma experiência inovadora?

- Insiste-se na importância de projetos que trabalhem cultura, esporte e o lúdico para canalizar energias, para mobilizar para o bem o potencial afetivo e emocional dos jovens. Faz parte da

linha de ação do programa *Rádio Margarida* estimular a auto-estima mediante atividades que vinculam teatro, dança e música, por exemplo, a uma pedagogia pela cidadania.

Um dos pontos positivos do projeto é que eles trataram todo mundo igual e procuraram pôr isso em nossas cabeças, de que todos são iguais, não existe gente melhor e nem pior. Você é o que você quer ser (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

E eles realmente fizeram com que nós aprendêssemos muito a lutar pelos nossos direitos, a lutar por aquilo que é de direito nosso. Então eles sempre enfatizam a nós, que deveríamos lutar pelos nossos direitos, que ninguém é inferior a alguém, todos somos iguais e também que podemos assim, não só crescer na vida, mas também ajudar outras pessoas a crescerem também (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

Além disso, destaca-se o fato de o programa criar espaços para que os jovens ocupem seu tempo ocioso com atividades que despertam seu interesse.

- Efeitos positivos nas relações com a comunidade são associados à participação em projetos, indicando que a estratégia de combinar arte, temas de ensino e princípios de cidadania é eficaz:

A comunidade procura, sempre pergunta: “Por que nunca mais vieram os palhaços da Rádio Margarida?”. Então que a Rádio Margarida não nos abandone, leve o incentivo para a comunidade, porque ainda é uma esperança, e eu acredito que uma divulgação da Rádio Margarida, eu acho que é uma esperança porque o jovem de hoje é adulto de amanhã (Grupo focal com membros da comunidade, Belém/PA).

- Os parceiros também mostraram-se bastante satisfeitos com os resultados dos projetos da entidade.

Nesse um ano de parceria, a gente vê muitos resultados, quando tu vê que as crianças ficam felizes na expressão, no entusiasmo delas durante uma apresentação de teatro, durante uma gincana, durante uma oficina, a criança se sente feliz, o jovem, de saber que foi ele que teve a capacidade de transformar, de fazer aquele brinquedo, de transformar alguma coisa que poderia ser um lixo e transformar em algo (Entrevista com parceiro, Belém/PA).

- Normalmente não ocorre desistência por parte dos jovens, exceto quando encontram um trabalho que seja incompatível com a participação no projeto.

Com certeza, é bem-sucedido à medida que você vê que não existe desistência dos jovens, tu vê que até o final tu consegues, o jovem tá ali engajado, sabe das ações, está bem motivado. Porque eu acho que tudo é a motivação que eles recebem, porque todo dia é uma coisa nova, a questão do teatro, da pintura, das descobertas. Então todo dia é uma coisa nova, até porque a educação ambiental é isso, não existe uma fórmula para educação ambiental (Entrevista com parceiro, Belém/PA).

20) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

Os jovens apresentam grandes mudanças comportamentais com a participação nos projetos. Eles se tornam mais confiantes e seguros de si e sentem-se mais capazes de lutar por seus sonhos. Muitos também passam a se comportar de forma mais responsável, mudando, inclusive, seu comportamento com a família.

- Os jovens também passaram a se sentir mais motivados a investir em seu futuro, muitos deles passaram a lutar para entrar para a Universidade, sonho que antes dos projetos parecia muito distante para eles. Além disso, tomaram conhecimento de seus direitos e passaram a participar de forma mais ativa por sua conquista.

Para mim o ponto positivo desse curso é que melhorou muito, eu acho, fiquei assim mais responsável, porque eu antes não me preocupava assim, em acordar cedo para fazer alguma coisa. Agora não, eu tenho essa preocupação, eu acho que o meu relacionamento na minha casa mudou muito (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

- Por meio da capacitação profissional, o projeto proporciona aos jovens condições de competitividade no mercado de trabalho. Essa capacitação tem sido feita de forma integral, desenvolvendo o senso de responsabilidade dos jovens e incentivando-os a continuar os estudos, inclusive em nível superior, bem como habilitando-os a lutar por seus direitos e exercer a cidadania de

forma plena. Esse conjunto de fatores tem dado maior perspectiva de vida aos jovens beneficiados pelo programa.

[...] eu tenho observado assim o lance do comportamento, é porque o fato de o jovem entrar na universidade tem um sentido muito grande, ele se sente responsável, até depois do curso ele se sente responsável em retornar um dia para o curso superior. E a gente observa assim no jovem aquela arrancada, aquele desejo de mudar, de ser alguém (Grupo focal com pais/mães/responsáveis, Belém/PA).

- Procura-se desenvolver a socialização dos jovens, com ênfase no respeito às diferenças e à solidariedade

[...] então é socializar o jovem, é permitir que eles se grupalizem, se vejam como classe subalterna e oprimida, se vejam buscando soluções para os próprios problemas, se vejam oprimidos, mas com capacidade de transformar seu meio (Entrevista com coordenador, Belém/PA).

O curso nos ensinou a lidar com a diferença dos outros. Coisas que a gente, todos nós, éramos muito unitários, era só nós e nós mesmo. Aí o curso nos ensinou a nos relacionar uns com os outros, a saber lidar com as diferenças e aceitar essas diferenças. E nós tivemos várias aulas com a assistente social que dava esse intercâmbio para gente aprender a viver em sociedade, em comunidade e vivermos em grupo e termos uma boa convivência. Tanto é que hoje em dia, nós não temos uma excelente convivência, mas temos já uma boa convivência (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

- Por receberem informações úteis a sua vida futura, os jovens sentem-se valorizados, são estimulados a superar os seus próprios limites

Eu acho que a maior diferença, a principal diferença é que temos informações que eles não tiveram a oportunidade de ter. Então a importância disso é que com essas informações temos mais capacidade de entender, de conseguir e achar saídas para algumas situações que acontecem na nossa vida. Então essa é que é a diferença, que muitos lá fora quando acontece algum problema ou querem se matar ou querem fazer alguma coisa rápido. Nós aprendemos aqui, que nem sempre a gente tem que procurar a maneira fácil de conseguir as coisas, porque lá na frente a gente vai se arrepender de tudo que tá fazendo agora que é errado (Grupo focal com jovens, Belém/PA).

4.7 Pernambuco

4.7.1 Coletivo Mulher Vida

- 1) Nome da organização
Coletivo Mulher Vida
- 2) Data de fundação
1990
- 3) Cidade/Estado
Recife/PE
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Programa/projeto analisado
Viva a Menina Adolescente
- 6) Contato:
 - a) Responsável: Ceci Helenize Prestelo Bezerra
 - b) Cargo: Presidente
 - c) Telefone: (81) 3431-1196
 - d) E-mail: cmvida@cashnet.com.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Comunidades de baixa renda de Olinda, Recife, Paulista e Boa Viagem.
- 8) Origem dos recursos
UNICEF, Cáritas/Alemanha, Mission da Áustria, Ansertai de Berlim, POMMAR, CISS, WCF Brasil, KVE e Ação Mundo Solidário.
- 9) Áreas de atuação
Ações de prevenção e combate à violência doméstica, abuso e exploração sexual.
- 10) Objetivos
 - Prevenir e combater a violência doméstica, abuso e exploração sexual de crianças, adolescentes, jovens e adultos, a maior parte do sexo feminino, vítimas desse tipo de violência.
 - Trabalhar a auto-estima das jovens adolescentes vítimas de violência doméstica e sexual.

- Preparar as jovens para o enfrentamento do processo de violência dentro da família, segundo os parâmetros do Estatuto da Criança e do Adolescente.
- Criar alternativas de ultrapassagem da violência, tendo as jovens como sujeitos desse processo.
- Propiciar o crescimento pessoal e humano de crianças, adolescentes, jovens e adultos, a maior parte do sexo feminino, vítimas de violência doméstica, abuso e exploração sexual.
- Fazer um trabalho de prevenção de DST/AIDS e gravidez na adolescência.

11) Público-alvo

Crianças, adolescentes e jovens mulheres oriundas de comunidades de baixa renda, prioritariamente aquelas com vivências de violência doméstica, abuso e exploração sexual. A faixa etária varia em sua maior parte entre cinco e 22 anos, existindo a exceção de um programa direcionado a mulheres da comunidade com mais de 23 anos.

12) Caracterização e histórico

O Coletivo Mulher Vida iniciou suas atividades em 1990. Com recursos próprios, alugou um espaço para começar o trabalho com mulheres vítimas de violência doméstica, abuso e exploração sexual. Em 1991, realizou oficinas nas periferias, onde foram escolhidas lideranças que passaram por capacitação para organizar grupos de ajuda mútua em cada bairro. No começo, atuava em quatro comunidades: Nova Olinda, Rio Doce, Bultrins e Ilha do Rato. Já em 1992, a instituição coordenou o encontro Latino-americano e Caribenho, contra a violência doméstica e sexual, dando origem a uma importante rede de mulheres de todo o continente latino-americano.

O Projeto Viva a Menina Adolescente iniciou-se em 1992, em quatro comunidades. Por meio de questionários distribuídos para preenchimento nas escolas públicas, adolescentes que viviam situações de violência foram selecionadas para participarem dos trabalhos. Reuniram-se grupos de 20 a 25 adolescentes em uma escola do bairro, em um clube de mães, em uma associação dos moradores, em uma igreja católica ou protestante cedida para os encontros se-

manais. Esse projeto, depois de alguns anos, recebeu, juntamente com o Coletivo Mulher Vida, o prêmio máximo da UNICEF que foi o “Criança e Paz 1998”.

Em 1994, as atividades da instituição foram ampliadas significativamente, tornando-se possível alugar um espaço, uma casa de apoio para essas meninas adolescentes. Também passou a haver reforços com atividades artístico-culturais e esportes, além de atendimento psicológico.

13) Recursos humanos

O quadro de recursos humanos conta com uma educadora de nível universitário. Espera-se que futuramente essa educadora venha a ser uma pessoa do próprio grupo de adolescente e já está em andamento a capacitação necessária para se atingir este propósito. Também existe um núcleo na área de psicologia com duas psicólogas e quatro voluntárias, trabalhando na instituição.

Para ser educadora é exigida formação universitária ou que se esteja cursando a universidade, na área de psicologia, serviço social, pedagogia ou sociologia. A divulgação é feita nas universidades e após análise de currículos, entrevistas e indicações especializadas, inicia-se o processo de seleção dos candidatos. Um dos principais elementos para a seleção do candidato é seu “carisma”. Valoriza-se sua vontade de trabalhar com adolescentes, sua capacidade de desenvolver oficinas e ter qualidades como paciência, facilidade para dialogar, lidar com os preconceitos dos jovens e transmitir informações, considerando as características do público.

Ao serem admitidas, as educadoras passam por um curso de capacitação com tempo aproximado de dois meses, abordando os temas que serão trabalhados nos bairros. Os projetos do Coletivo são desenvolvidos por profissionais remunerados e voluntários, estes em um número menor. A utilização de trabalho voluntário constitui uma prática recente, iniciada em 2000, sendo desenvolvida com maior especificidade na área de apoio psicológico. Atualmente a instituição conta com quatro voluntárias nessa área.

As jovens que se destacam acabam se envolvendo com o projeto, trabalhando como monitoras. Contam com estágio remunerado no período de seis meses a um ano, e recebem capacitação orientada para a função a ser exercida. Os monitores desenvolvem atividades com educadores(as) em diferentes comunidades, tais como Água

Comprida, Campo Grande, Janga e Tururu. Também recebem ajuda de custo e vale-transporte para locomoção, de acordo com a carga horária e distância dos bairros.

14) Programas e projetos em curso.

Seu principal projeto é o Viva a Menina Adolescente que envolve vários programas diferenciados, cujo enfoque é a prevenção e o combate da violência doméstica, abuso e exploração sexual junto aos que vivem em situação de risco pessoal e social. São eles:

Criança Feliz – Desenvolvido com crianças (meninos e meninas) acima de cinco anos que vivem em situação de rua e risco social, no município de Boa Viagem/PE.

CMV Informática – Realiza oficinas de informática com adolescentes e jovens do sexo feminino, vítimas de violência doméstica, abuso e exploração sexual nas comunidades trabalhadas.

Prevenção nas Escolas partindo para a Municipalização – Desenvolve um trabalho de prevenção nas escolas das comunidades inseridas no projeto.

DST/AIDS – Propõe um trabalho de formação de multiplicadores nas escolas, partindo das próprias meninas do projeto, focalizando o protagonismo juvenil.

Direcionado ao público de mulheres adultas, o Coletivo Mulher Vida desenvolve dois projetos:

Mulher Cidadã – que trabalha na formação de agentes comunitários, e o *Grupo de Transição* direcionado para jovens mulheres com idade entre 18 e 22 anos que não mais se adequam à faixa etária correspondente a crianças e adolescentes.

Com exceção do Projeto *Criança Feliz*, os demais são direcionados exclusivamente para o trabalho com mulheres, jovens, adolescentes e crianças do sexo feminino. Dentre as principais atividades estão: atendimento psicológico e jurídico; organização de grupo de teatro; organização de turmas de dança do ventre; elaboração de trabalhos enfocando a sexualidade de forma positiva, incentivando o amor ao

corpo; aulas de espanhol e inglês; reforço em matemática, biologia, física e português (para que as adolescentes possam se preparar para o vestibular) e aulas de informática.

Temos algumas adolescentes que passaram no vestibular, hoje já são educadoras, e paulatinamente a gente foi organizando o trabalho de esportes, a área da frente de onde o Coletivo existia tinha campo de voleibol de praia, então começamos a organizar torneios entre as adolescentes na praia, e sempre com aquela concepção da arte-educação que é fundamental para o desenvolvimento do ser humano (Entrevista com coordenação; Recife/PE).

15) Metodologia

As escolas são consideradas como um dos principais instrumentos para que as jovens possam ter acesso ao projeto. Muitas jovens que participam do Coletivo souberam de sua existência em suas escolas, lugar este priorizado pela instituição para divulgação de suas atividades. Em assembleias periódicas, realizadas a cada dois meses, com a participação de educadores, público-alvo, lideranças comunitárias, são discutidas “*as linhas da instituição*”, sendo que cada projeto conta com uma diretoria e coordenação em forma de colegiado.

A instituição atua diretamente segundo as características socioeconômicas da região, priorizando as áreas de baixa renda. Estabelece contatos com escolas e/ou associações de moradores e grupo de mães, com o intuito de obter informações específicas sobre a comunidade para conseguir atingir o público-alvo. Organizam então reuniões para apresentar o trabalho do Coletivo Mulher Vida e aplicar questionários. Após estes serem respondidos e entregues, é anexada, na escola, a lista de dez meninas e jovens selecionadas.

Selecionadas não quer dizer que outras interessadas a gente não queira, que não sejam desejadas, mas assim que tenham um perfil, que o questionário levante que pelo menos está alguma coisa incomodando ela, que está acontecendo alguma coisa. No caso de serem as adolescentes que a gente não identifique a priori, mesmo assim, são bem-vindas nos grupos (Entrevista com coordenação, Recife/PE).

Em média, atende-se por projeto a 25 adolescentes, caso do Projeto Viva a Menina Adolescente, que abrange a maior parte das ati-

vidades desenvolvidas pelo Coletivo. Entretanto, há uma demanda bem superior não atendida de adolescentes e jovens com faixa etária entre 12 e 18 anos. A maioria das jovens de 15 a 17 anos ingressa no Coletivo por histórias de abuso sexual e violência doméstica. Segundo os educadores, tais casos de violência manifestam-se em forma de maus-tratos e abuso sexual e, na maioria das vezes, só são identificados por dinâmicas de grupo no decorrer das atividades. Muitas jovens também relatam casos de envolvimento pessoal com agentes de violência e envolvimento com drogas. Tal perfil justifica a ênfase no apoio psicológico e nas oficinas.

Existem critérios para que as meninas permaneçam no grupo, regras que devem ser cumpridas como estar na escola, não chegar atrasada, não fumar etc. Na sede da casa, o Coletivo Mulher Vida desenvolve vários projetos com adolescentes e jovens sob a forma de cursos profissionalizantes e de informática. Também são desenvolvidas oficinas para estimular as jovens a falar e trabalhar situações de violência doméstica e sexual, com orientação tanto terapêutica como preventiva.

Há atividades em que equipes de jovens vão para as comunidades apresentar peças de teatro ensaiadas no projeto, ou trabalham com fotografia, aprendendo, inclusive, técnicas de fotografar e revelar as fotos que posteriormente são vendidas. Destaca-se, ainda, a produção de um boletim informativo das mulheres. Segundo as jovens, no Coletivo *“cobra-se muito a questão do estudo”*, já que faz parte da proposta metodológica das educadoras um acompanhamento sistemático do desempenho dessas jovens na escola.

O Coletivo Mulher Vida está estruturando uma importante ação no sentido de tornar política pública algumas de suas práticas e orientações no campo da prevenção contra a violência doméstica e sexual entre jovens. No projeto de municipalização, que possui finalidades preventivas contra a violência doméstica e sexual, o Coletivo capacitou professores da rede pública municipal por três meses. O objetivo deste trabalho é implementar um projeto-piloto de prevenção que vá além do município de Olinda, expandindo-se para outros bairros. O atual trabalho de prevenção é limitado a 25 adolescentes em 12 bairros, sendo sete em Olinda, dois em Paulista e dois em Recife. O Coletivo também já desenvolveu atividades com a Prefeitura de Camaragibe e com a Prefeitura de Cabo.

Para realizar o acompanhamento dos participantes durante as atividades, são feitos cadastros anuais dos jovens inseridos nos pro-

jetos do Coletivo, sendo utilizadas pesquisas sobre as condições de vida dessas meninas. Não existe, entretanto, o acompanhamento de participantes egressas.

16) Redes, multiplicação e parcerias

O Coletivo é parte de uma rede de ONGs de cunho social, em Pernambuco, com grupos que atuam em ruas e praças, com movimento de meninos e meninas de rua. A Casa de Passagem, ONG de corte feminista, é uma parceira com a qual o Coletivo Mulher Vida organizou uma rede de combate à violência contra a mulher, como também contra o abuso e a exploração sexual.

Também são realizadas atividades conjuntas com o Centro Luiz Freire, CENDHEC, Organização Pe. Ramiro, Centro das Mulheres de Cabo, Federação de Escolas Comunitárias e outras redes como Rias e Praças, Sobe e Desce, Fórum de Mulheres. Em algumas comunidades, o Coletivo utiliza o espaço de outras ONGs, como a Desperta Criança, no bairro Cidade Tabajara.

Uma vez por mês, o Coletivo realiza reuniões com as mães das jovens no projeto. Para os trabalhos nos bairros, são estabelecidos contatos com associações de moradores, clubes de mães, grupos culturais com o intuito de realizar um trabalho articulado. Participantes de outras ONGs, lideranças comunitárias chegam ao projeto Mulher Vida por múltiplos caminhos, sendo que os Conselhos Tutelares são pontos de encontro que possibilitam tal aproximação para a posterior criação de canais de comunicação de ajuda mútua.

Além das organizações citadas, o Coletivo já realizou trabalhos com a colaboração de delegações do Parlamento Europeu, do Partido Verde e da Justiça e Paz da Alemanha e de instituições da Polônia, Áustria, entre outras. Está em negociação a publicação sobre a experiência do Coletivo Mulher na Europa, por iniciativa de organizações internacionais.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Em termos de avaliação, o Coletivo Mulher Vida utiliza uma metodologia de trabalho em que após cada oficina, em cada bairro, produz-se um relatório de cada atividade executada. Semanalmente a equipe de educadores e monitores se encontra para a discussão de questões pendentes, encaminhando-as, em seguida, para o setor jurí-

dico ou de psicologia. Existe também um sistema de relatório trimestral. No final da semana são avaliados tanto o desempenho escolar das jovens, quanto a forma de lazer por elas utilizada. Ainda faz parte da proposta metodológica a participação de familiares das jovens, que freqüentam encontros realizados pela instituição, havendo a intenção de se trabalhar com as mães, na perspectiva de valorização da auto-estima e atendimento contra a violência doméstica.

Há ainda avaliações realizadas por facilitadores externos à experiência. São dinâmicas que objetivam não só avaliar o trabalho desenvolvido, como também trabalhar a própria relação da equipe, verificar como estão atuando. Este aspecto é considerado importante porque experiências como as desenvolvidas pelo Coletivo Mulher Vida exigem não só profissionalização, mas também suporte psicológico e emocional. Esse ano foram realizadas dinâmicas com técnicas de psicodrama.

18) Problemas específicos da experiência

- Dentre os problemas enfrentados pela instituição, destaca-se a dificuldade em administrar situações profissionais e emocionais tão complexas que compreendem desde os recursos financeiros e humanos até suas relações com temas constitutivos das histórias de vida das jovens mulheres que fazem parte do projeto, como a dor, por exemplo.

O grande obstáculo do Coletivo e que tem sido o mesmo das ONGs é a questão das exigências profundas da ONG, que é quase como se fosse uma empresa privada, e não é, não dá para trabalhar lucro com público em situação de risco, sofrimento, dor. Quando se trabalha com um público que nós trabalhamos, que vive em situação de profunda dor, as pessoas que trabalham para esse público também têm que se trabalhar, todos têm que fazer terapia, porque trabalhar com tantas situações ou você fica congelada, ou você passa a ser um maluco, então você tem que ter uma situação de compaixão, de compreensão técnica e humana, e ao mesmo tempo um certo distanciamento (Entrevista com coordenação, Recife/ PE).

- Destacam-se, ainda, a exigüidade dos recursos financeiros disponíveis e a falta de contrapartida em termos de políticas públicas para os jovens. Os educadores também destacam a falta

de recursos para transporte como um obstáculo à intenção de realizar passeios com as jovens como, por exemplo, para praias mais distantes.

- A rotatividade de educadoras no Coletivo também é apontada como um problema do ponto de vista operacional das atividades, porque, em virtude de muitas educadoras ingressarem na faculdade ou partirem para outros trabalhos, acaba havendo certa descontinuidade no trabalho com as jovens.

19) Por que uma experiência inovadora?

São várias as características que corroboram o caráter inovador dessa experiência:

- A intensa participação de familiares das jovens que freqüentam encontros realizados pela instituição, colaborando para a valorização da auto-estima e atendimento contra violência doméstica dos atores envolvidos, é uma das avaliações positivas que a própria família faz da experiência realizada pelo Coletivo Mulher Vida. As mães em especial consideram que a estratégia de fazer o trabalho de prevenção nas escolas é de extrema importância, contribuindo, inclusive, para a ampliação da clientela do projeto, já que as jovens já integradas trazem suas colegas, irmãs e vizinhas.
- A possibilidade de combinar atividades de cunho cultural com cursos profissionalizantes, assim como o caráter multiplicador do Projeto Coletivo Mulher Vida, já que as jovens participantes costumam trazer outras, também caracterizam aspectos inovadores do projeto, considerado bastante singular por trabalhar de forma diferente e conseguir envolver as jovens, uma vez que é difícil manter adolescentes de uma maneira geral em projetos dessa natureza.
- Outra característica seria o fato de a experiência propiciar a aprendizagem a partir de um processo coletivo, o que oferece maiores possibilidades de inserção na comunidade da qual essas jovens fazem parte.

Através de experiências como essa, o jovem passa a lutar para que a escola da comunidade dele melhore, para que o clube de mães passe a atuar, as associações dos moradores passam a exi-

gir saneamento básico, exigir que se for demolir um barraco indenize. Então considero que os jovens, as mulheres e a própria criança passam a ter mais aquela consciência de comunidade e de direito (Entrevista com coordenação, Recife/PE).

- Experiências como essa também atuam na valorização da autoestima das jovens, através de uma crítica cidadã, uma vez que muitas trabalham como monitoras na própria instituição, recebendo por seu trabalho.
- As atividades lúdicas promovidas pelo projeto são apreciadas pelas mães, pois no Coletivo Mulher Vida elas também têm oportunidade de brincar, se distrair, aspectos considerados essenciais para o bom desenvolvimento biopsicossocial das meninas e jovens que estão no projeto.

20) Efeitos da experiência para mudanças na vida das jovens

- Para as jovens que passaram pelo projeto e que se transformaram em monitoras, os efeitos são diversos, mas todos convergem para o caráter essencialmente positivo de estar dentro do Coletivo Mulher Vida. Elas afirmam que há muita aprendizagem quando se age coletivamente e que é muito gratificante conseguir receber pagamento por seu próprio trabalho, o que, particularmente entre as mulheres jovens, fortalece a consciência de seus direitos e autonomia. Para essas jovens, esse trabalho é bastante importante, pois, além de reforçar laços de identidade, desenvolve e reforça uma visão voltada para o futuro, já que a partir dessa experiência muitas decidem cursar psicologia, seguir uma carreira profissional.

Para mim, a oportunidade de trabalhar como monitora está sendo muito importante pela capacitação e pela experiência que eu estou tendo como pessoa que trabalha nos bairros, conhecer as meninas, adolescentes, e compartilhar informações. É importante ter a oportunidade de trabalhar com adolescentes já que eu também sou adolescente e é uma coisa que dá muito conhecimento para minha aprendizagem como uma futura educadora ou psicóloga. É uma profissão que vai me ajudar muito na carreira que vou seguir no futuro, me dá a oportunidade de trabalhar coletivamente, de trabalhar em grupo, e essa coisa da uniãoaju-

da muito. Eu acho que isso está sendo muito importante para mim e para a vida das outras meninas que são monitoras (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- Entre as mudanças na vida das jovens envolvidas no Coletivo, destaca-se uma maior percepção social, evidenciando um maior grau de conscientização, participação e responsabilidade dentro da realidade na qual estão inseridas, o que, por sua vez, tem repercutido na própria relação com a escola, melhorando tanto o desempenho escolar quanto a assiduidade às aulas. É interessante notar que para algumas informantes tal mudança se relaciona a outra também desencadeada pela relação com o Coletivo, como por exemplo, os ganhos em auto-estima, pois elas passam a se sentir mais valorizadas e respeitadas. Segundo entrevistados da comunidade:

Muitas vezes, até mesmo o desempenho escolar melhora, porque elas são valorizadas e quando a gente se sente valorizada já produz de uma forma diferente (Entrevista com a comunidade, Recife/PE).

- Algumas jovens apontam a ajuda que recebem dessa espécie de “terapia em grupo”, já que falam de seus problemas em comum.

Isso acontece porque você fala e as meninas têm experiência, têm problemas parecidos com o seu, até você ver que você não é a única que está passando por aquilo, você pode ajudar e ser ajudada (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- Para as jovens, o trabalho em oficinas vem incidindo sobre valores e cultura, levando a mudanças mais profundas e perenes.

No início, no grupo, eu ficava muito calada, mas depois eu fui me soltando, fui gostando e estou no Coletivo faz cinco anos (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- As mães das jovens que integram as atividades do Coletivo ressaltam que o comportamento de suas filhas mudou nas relações afetivas e no plano da sexualidade, em especial, na prevenção de DST/AIDS e gravidez precoce, graças às informações que recebem e aos debates realizados no Coletivo.

Quando chegam a namorar e se envolver sexualmente, hoje, elas sabem se defender, isso eu tenho certeza. Porque aqui é o que mais ensina, é não pegar uma gravidez, não pegar uma doença, saber se defender das coisas da vida, então eu acho que o projeto ensina muito. As minhas filhas estão preparadas para isso (Grupo focal com mães, Recife/PE).

Faz muita diferença participar do Coletivo. Tenho uma adolescente de 15 anos na minha casa, há um mês, e ela já teve duas gravidezes. Ficou grávida aos 12 anos, e teve um filho aos 14 anos. Se ela estivesse participando no projeto, como estava a minha filha, creio que ela não teria passado por essa situação, ter perdido uma barriga de sete meses e ter um menino de 11 meses (Grupo focal com mães, Recife/PE).

- Segundo as mães, as jovens ficaram menos tímidas, tornando-se mais comunicativas. Antes de atuarem no Coletivo Mulher Vida, a maioria dessas jovens tinha poucas opções para o tempo extra-escolar, utilizando-o em algumas atividades de lazer, assim como em uns poucos cursos fora da escola, geralmente de computação ou idiomas.
- As jovens que assim se referem às suas agendas antes da participação no Coletivo destacam que o engajamento nessa experiência significou mudanças nas rotinas de suas vidas e na modelagem de seus valores éticos. Ambas adquiriram uma maior orientação social e preocupação em compartilhar conhecimentos, como, por exemplo, no que se refere à ampliação do quadro de informações sobre sexualidade e mudanças de perspectiva em relação aos estudos.

Eu mesma não fazia nada, ficava na rua, aperreava, assistia televisão, eu não fazia nada assim, só ficava em casa, dormia até tarde, não estudava, dizia a minha mãe que estava na escola, mas eu ia para casa de amigos. Depois que eu entrei no Coletivo, eu comecei a dar valor aos estudos, a ter uma noção do que eu quero para minha vida. Hoje eu tenho certeza de que eu quero ter informações. Eu perguntava a minha mãe, por exemplo, sobre como nasci e ela dizia que foi um avião, a cegonha e que a sua cicatriz [cesariana] era somente um corte. Hoje eu sei e tenho oportunidade de passar esse conhecimento para outras pessoas (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- Para as jovens, as mudanças relacionadas à auto-estima e à participação em atividades do Coletivo é muitas vezes um processo lento, em que não ocorre uma percepção imediata. Segundo os educadores, algumas vezes estas mudanças podem levar anos para acontecer:

Quando elas começam a falar da convivência, percebe-se que ela quer se modificar, porque ela tem outra perspectiva, ela vai em busca e coloca-se no grupo. Se é tímida, começa a falar, se expor, se valorizar, a se valorizar enquanto pessoa, valorizar-se enquanto corpo. É quando ela passa um batonzinho. São vários fatores que nos levam a dizer que há uma mudança, dependendo da pessoa, uma mudança mais ligeira, mais lenta, às vezes passam anos com a gente, para depois estarem dando esse passo. O que se deve ao fato de que esse projeto colabora com a auto-estima, porque a menina chega fragilizada nos grupos, e aí, com o fortalecimento da auto-estima, há uma mudança, sim, uma mudança inclusive significativa mesmo, e não é só isso, mas em termos de ponderação e de limites (Grupo focal com educadores, Recife/PE).

- Outra mudança está relacionada às jovens que sofreram abuso sexual e que conseguem vencer o chamado *ciclo da dor*, voltando a ter vida afetiva e sexual, após o período de participação em oficinas organizadas pelo Coletivo Mulher Vida:

A idéia é não ficar o pessoal do Coletivo a defender a adolescente, mas que ela conquiste condição de dizer ao irmão, ao pai, ao padrasto, ao avô, ao sobrinho dela, “você não vai mais me esturpar”, “você não vai mais me abusar sexualmente”, dela dizer “eu tenho direito de ir para a escola”, “eu tenho o direito de estudar”, “eu tenho o direito de ir para uma festa”, “eu tenho o direito de sair”, “eu tenho direito a pensar”, “eu tenho o direito de ir e vir, falar o que eu penso, decidir, e conhecer os direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente, e os deveres também” (Entrevista com a coordenação, Recife/PE).

4.7.2 Auçuba

- 1) Nome da organização
Auçuba
- 2) Data de fundação
1989
- 3) Cidade/Estado
Recife-PE
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Nome do projeto/programa
Projeto Escola de Vídeo
- 6) Contato
 - a) Nome: Paulo Ricardo Paiva de Souza
 - b) Cargo: coordenador
 - c) Telefone: (81) 3441 2722 / 3268 74 22
 - d) E-mail: acuba@acuba.org.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
As atividades do Auçuba são desenvolvidas nos seguintes bairros da cidade do Recife: Morro da Conceição e Bomba do Cemitério.
- 8) Origem dos recursos
Fundações, empresas e programas governamentais. Os principais parceiros do Auçuba são a Fundação Odebrecht e o Instituto Ayrton Senna. Em segundo plano, estão parcerias financeiras com o Instituto C&A, a Fundação Kellogs – que dão suporte às atividades da rede ANDI (Agência de Notícias do Direito da Infância), além de parceiros locais como a Rede OK, o SENAFE e a Martpet, empresa de comunicação.
- 9) Áreas de atuação
Comunicação e educação

10) Objetivos

- Desenvolver a capacidade dos jovens em interpretar a informação, fazendo com que compreendam a linguagem específica dos meios de comunicação.
- Construir uma visão crítica do que lhes é transmitido e criar comprometimento com a democratização do acesso aos meios de comunicação.
- Trabalhar a formação dos jovens, utilizando a comunicação como proposta pedagógica

11) Público-alvo

Jovens alunos de escolas públicas das comunidade de baixa renda, inseridos em contextos de pobreza e violência. Destacam-se os jovens com características de liderança, tanto os que sobressaem em sala de aula como aluno interessado e que produz, quanto os que geram algum tipo de mobilização negativa.

12) Caracterização e histórico

Antes de constituir-se em uma ONG, o Auçuba existia como um grupo de amigos atuantes na área de produção cultural. A organização foi fundada em 1989 e só veio a estabelecer uma parceria financeira impulsionadora seis anos depois:

A equipe que montou o Auçuba gostava de trabalhar com jovens, nada mais do que isso, não tem questão técnica alguma por trás disso. [...] Trabalhar com o jovem é interessante, porque ele não tem ranços sociais, profissionais, intelectuais. Então fica mais fácil, é uma cabeça mais aberta inclusive para criar, se você der condições para ele ser criativo, ele vai criar muito mais do que a gente, que tem certos entraves (Entrevista com coordenador Recife/PE).

13) Recursos humanos

A maioria dos profissionais envolvidos na implementação dos projetos do Auçuba são formados em comunicação social – jornalismo e radialismo – ou cientistas sociais, com especialização na área de educação, além de estagiários nessas áreas.

Todos que participam são remunerados, inclusive os estagiários. A ONG não trabalha com voluntários, porque ainda não foi elaborado um programa específico para absorver esse tipo de colaboração.

Os dois fundadores do Auçuba são os principais coordenadores do projeto, e muitos dos educadores participaram do processo de elaboração da metodologia da Organização como sócios da idéia.

A capacitação dos animadores do projeto é feita com o trabalho desenvolvido diariamente nos projetos, como uma espécie de especialização prática. A jornada de trabalho varia de 25 a 40 horas semanais.

Segundo o depoimento de uma educadora:

A minha formação é em jornalismo, comunicação social. Depois eu fiz uma especialização na área de capacitação pedagógica e, desde o momento em que saí da universidade, vim trabalhar no Auçuba (Grupo focal com educadores, Recife/PE).

14) Programas e projetos em curso

A ONG Auçuba trabalha com atividades de profissionalização na área de comunicação social.

Escolas de Vídeo: Os alunos aprendem a produzir, filmar e técnicas de jornalismo. Os jovens são estimulados a falar e escrever sobre as polêmicas e notícias da sociedade, principalmente as de suas comunidades, produzindo como resultado um jornal, denominado *Fanzine*, distribuído na comunidade:

Eu fui [para o Rio de Janeiro] como representante, era um grupo de Brasília, um grupo do Rio de Janeiro e eu, representando o Recife, para ver a favela da Rocinha.[...] Eu mesmo que produzi [o vídeo], tanto que ia mostrar ao pessoal do grupo e eles ficavam com medo, porque achavam que dava superstição, eu queria ir para o cemitério fazer uma filmagem e ninguém quis ir (Grupo focal com jovens, Recife /PE).

Canal Auçuba: é um canal de atendimento direto ao jovem.

Esse programa tem quatro projetos bem definidos que são: a ESCOLA DE VÍDEO, onde o jovem aprende a produzir vídeo; a ESCOLA DE FANZINE, com o mesmo perfil da escola de vídeo, só

que a gente trabalha com comunicações eletrônicas alternativas, principalmente vídeo e internet (os tradicionais impressos e a transmissão de rádio são feitos através da internet); um terceiro projeto, chamado COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, que é voltado para professores de escola pública e educadores de ONGs também na área de educação, buscando uma interseção entre a ONG e a escola; e um quarto projeto chamado INCUBADORA, que é uma incubadora de jovens empreendedores, onde esses meninos que saem da adolescência e entram na fase adulta, dos 18 aos 24, [...] são preparados para abrir o seu próprio negócio, de preferência no modelo cooperativista (Entrevista com coordenador, Recife/ PE).

Assessoria Júnior de Comunicação: É um projeto de atendimento intermediário, com instituições que trabalham com os jovens, desenvolvendo veículos de comunicação interna, sendo também um programa de estágio. Esse programa faz parte de uma rede nacional de agências de notícias, que é voltada para a questão da infância, a ANDI (Agência de Notícias do Direito da Infância).

Setor 3: Até o momento da coleta dos dados, o programa ainda estava em fase de planejamento. Mas busca-se, através deste programa, uma estratégia de articulação do Auçuba com outras organizações atuantes na mesma área.

15) Metodologia

A ONG Auçuba é considerada uma das pioneiras no trabalho de educação de jovens tendo a comunicação como metodologia no Brasil:

Talvez o Auçuba seja a única organização que trabalhe esse aspecto do protagonismo juvenil de criação, fazendo o jovem editar um vídeo como profissional. Você tem outros que trabalham com internet, mas ensinando o menino a manusear a internet. No caso do Auçuba, a internet é uma metodologia para que esse menino venha a ser cidadão, venha a ser um profissional de qualquer área, não obrigatoriamente de comunicação, esse é um diferencial (Entrevista com coordenador, Recife /PE).

Os jovens participam em oficinas onde são desenvolvidas *atividades de interação*, de relacionamento. São oficinas de desenho para trabalhar a questão da estética, o trabalho com o corpo, o tra-

balho com a fotografia, a formação básica de como montar um jornalzinho no papel e depois a internet.

Em um segundo momento, freqüentam oficinas mais técnicas, que podem ser tanto a de vídeo quanto a de fanzine. No fanzine, eles têm primeiro uma etapa de formação básica de informática para ter contato com a tecnologia. Depois começam a trabalhar com *home page*, construção de *sites*. Após esta etapa, participam da oficina do vídeo, e mais tarde são capacitados para integrar os núcleos de produção.

O processo de seleção dos jovens, segundo um dos coordenadores, está sendo objeto de avaliação e aprimoramento, uma vez que a instituição vem delegando às escolas a responsabilidade da escolha, sem que haja uma metodologia clara estabelecida propriamente para esse fim. Os meninos e meninas são selecionados pelas escolas e enviados para participar do programa:

Isso é motivo de avaliação da instituição hoje, a gente está buscando um novo desenho para isso. Como nos interessa muito essa ponte com a escola, porque esses jovens vêm todos de escola pública, a gente sentava com a direção da escola, alguns professores, coordenadores e traçava com eles um perfil básico desse jovem, que deveria ser preferencialmente aquele que gera algum tipo de mobilização. Mas a gente não entrava em muitos detalhes, então a escola tinha liberdade para escolher quem ela quisesse. O que a gente quer agora é participar um pouco mais desse processo seletivo, então a gente está traçando esse perfil de forma mais detalhada (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

A participação das comunidades é importante na exposição da diversidade cultural e no confronto de opiniões.

16) Redes, multiplicação e parcerias

O Auçuba vem desenvolvendo atividades em cooperação com outras instituições atuantes na área de educação de jovens, através da ANDI com sede em Brasília. Estas organizações são CIPÓ, na Bahia, Ciranda, no Paraná, UGA UGA, em Manaus, e Oficina de Imagem, em Belo Horizonte. A ONG faz parte, ainda, da Rede de Educação pela Comunicação – REDUCOM – composta por 15 instituições brasileiras que trabalham com a educação através da comunicação e apoiada pelo Instituto Ayrton Senna.

No início de suas atividades, o Auçuba havia estabelecido relações mais estreitas com as Associações de Moradores das regiões em que trabalhava. Através dessas Associações foram atados os laços com as escolas comunitárias e, atualmente, as atividades da ONG estão mais ligadas às escolas públicas de cada região em que atua. Já foram desenvolvidos trabalhos com várias comunidades:

Tem um menino aqui da escola que, através do conselho de moradores, começou a fazer um curso no Auçuba. Ele disse para mim: vai ter um concurso lá no Auçuba, eles vão escolher uma comunidade para trabalhar, eu teria que apresentar minha comunidade na escola, você me ajuda? Aí eu ajudei, a gente sentou três finais de semana, juntou livros, a história da escola. Isso foi a parte formal, para o Auçuba poder vir até a escola. Ele levou o livro da história do morro, levou o material, eu digitei a história do morro, o diagnóstico da comunidade, dei esse material todo para ele. Os outros alunos que estudavam lá no Auçuba levavam material e viam qual o melhor, e parece que ganhou o morro e o pessoal veio aqui na escola. Eu coloquei isso para os professores e a gente decidiu fazer um filme contando a história da escola, um pouco para contar os tipos de trabalho que a gente faz. Eu fiquei de ir até o Auçuba para essa reunião, de solicitar que eles viessem trabalhar aqui na escola. Eu fui, mas antes disso esse rapaz apresentou aqui na escola o filme que ele fez lá no Auçuba, que era a história de um fantasma. No dia do lançamento, ele veio aqui para a escola e vieram rapazes de outras comunidades que trabalham com o Auçuba. Então, a gente fez um dia de aula da cidadania, que é uma aula onde a gente faz debates explorando a questão política, social, histórica da vida da sociedade... os meninos faziam entrevistas... bom, foi mais ou menos assim (Entrevista com diretora, Recife /PE).

Segundo seus representantes, o principal mecanismo utilizado pelo Auçuba para a busca de parcerias foi o desenvolvimento de uma metodologia sólida, clara, causadora de impacto. Isso, associado ao apoio de um bom financiador, foi o que fez com que a ONG deslanchasse em suas atividades e alcançasse reconhecimento nacional. A entidade mantém parceria com o Instituto Ayrton Senna, Fundação Odebrecht, Instituto C&A, Fundação W.K. Kellogg, Rede OK, SENAPE, Martpet, universidades e alguns órgãos governamentais, como a Prefeitura de Recife.

A Fundação Odebrecht foi a primeira a acreditar que daqui poderia sair uma metodologia interessante, e financiou a idéia, não a metodologia já pronta, financiou a idéia para a construção de uma metodologia. E por conta desse parceiro a gente conseguiu abrir portas por aí fora (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

A relação da Prefeitura da Cidade do Recife com o projeto Escola de Vídeo se deu principalmente através da Secretaria de Planejamento Urbano e Meio Ambiente e da Secretaria de Educação. Na Secretaria de Planejamento, o projeto foi inserido nos trabalhos da Equipe de Educação Ambiental, com especial atenção ao Pólo do Jardim Botânico do Curado, um documento vivo da biodiversidade da Mata Atlântica e do ecossistema do sítio urbano de Recife. Na Secretaria de Educação, as ações se concentram no projeto Juventude em Movimento, coordenado pelo Departamento de Atividades Culturais e Desportivas (Depoimento no CD-ROM – projeto Escola de Vídeo – Educação para a Mídia).

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

É feita uma avaliação mensal ao longo de todo o ano e uma avaliação anual, onde se fazem planejamentos para a melhoria dos projetos. Ainda não foi feita uma avaliação com um avaliador externo por falta de recurso.

18) Problemas específicos da experiência

- Como muitas organizações do gênero, o Auçuba enfrenta problemas de recursos. Além de outros, como destaca um de seus coordenadores:

O obstáculo principal é a falta de recurso, está cada vez mais complicado conseguir recurso. O segundo obstáculo que a gente tem visto é a questão do tempo, ou seja, lidar com essa compressão de espaço-tempo em relação ao planejamento [das atividades]. Outro obstáculo é essa nova visão que se está querendo ter dos projetos sociais, essa coisa inventada, agora, do terceiro setor, [...] a gente tem que tomar cuidado para não cair nessa armadilha, não ser seduzido pelo funcionalismo e positivismo disso, sabendo tirar os pontos interessantes que essa coisa pode trazer. [...] A ONG não é uma empresa, ela tem que se comportar de uma maneira diferente de uma empresa. Isso é um desafio, a gente está

tentando construir um modelo de autogestão a duras penas (Entrevista com coordenador, Recife/ PE).

- A atual impossibilidade de fazer um acompanhamento dos jovens que terminam os programas também preocupa os coordenadores e educadores do Auçuba.

A gente está sem fôlego para esse acompanhamento mais próximo, a gente tenta acompanhar através daqueles que vêm sempre e que têm contato com os outros. Agora é que a gente está montando um desenho do projeto, que é o de voltar para a comunidade, que vai permitir esse acompanhamento in loco, dentro da comunidade, mas é um desenho novo que a gente ainda está montando (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

O meu sonho é que a gente pudesse ter embriões de tevês comunitárias em cada comunidade que tivesse um aluno da gente e pudesse ter editoriais de fanzines também. É que a gente trabalha com um material muito caro, a gente trabalha com vídeo, com internet, e é caro. Então, não é tão simples eles ficarem independentes como a gente gostaria que eles fossem, porque eles podem ser independentes na idéia, mas em termos de estrutura eles vão estar sempre ligados ao Auçuba e a gente não tem como disponibilizar equipamentos de vídeo para todo mundo. Esse é um obstáculo que a gente não conseguiu ainda transpor (Entrevista com educadora, Recife/ PE).

- Além desses obstáculos enfrentados, existe um desdobramento negativo do crescimento acelerado da organização. O aumento do número de atividades e de alunos nos programas está comprometendo um dos principais objetivos da ONG, a participação efetiva dos jovens em todas as etapas desenvolvidas.

[...]Às vezes, você escorrega por conta dessa velocidade. Você tem que repassar os conteúdos de forma muito rápida e aí você passa a ser tecnicista, e a técnica não proporciona muita participação.[...] E às vezes a gente não tem tempo, pelo volume de coisas que tem que se fazer aqui, de se sentar e fazer um planejamento que faça com que a gente encare essa velocidade de uma maneira que ela não seja um problema, que ela seja uma aliada. Então, no Auçuba está faltando o planejamento, sobretudo o planejamento pedagógico para poder proporcionar essa participação (Entrevista com coordenador, Recife/ PE).

- A questão da participação também é considerada quando se trata dos financiadores dos projetos. A Organização está sentindo falta de um planejamento estruturado para possibilitar uma maior interação com seus parceiros.

[...]a ingerência externa, por exemplo, o financiador que bota dinheiro aqui e que começa a cobrar coisas, se você não tiver um planejamento muito bem-feito, isso pode funcionar como uma ingerência negativa. Você atropela o processo participativo, isso aconteceu com o Capacitação Solidária, e tem algumas coisa do Ayrton Senna que a gente está vendo que, se a gente não tomar cuidado, pode cair nisso também. Essa é muito mais uma questão de políticas de divulgação e de trabalho em rede do que de projeto propriamente dito, eles não mexem quase nada no projeto, e a gente gosta que o financiador participe do desenho do projeto, a gente gosta da ingerência, se ela for positiva (Entrevista com coordenador, Recife/ PE).

19) Por que uma experiência inovadora?

Os programas do Auçuba são, em geral, bem avaliados. O fato de possuir uma metodologia reconhecida nacional e internacionalmente são referenciais importantes de legitimidade na avaliação.

Bem-sucedido sim, mas tem muito o que ajustar, corrigir, aperfeiçoar ainda.[...] Um dos porquês [desse sucesso] é que, quando a gente teve recurso consistente, o que a gente fez foi sistematizar uma metodologia de ação, bem ou mal, boa ou ruim. Mas eu acredito que é uma metodologia boa, isso também é um sinal de uma instituição bem-sucedida, porque uma instituição que sai do zero, literalmente zero, e consegue hoje ser uma referência de certa maneira nacional, na área de educação pela comunicação, é uma ONG bem-sucedida. [...]Na avaliação que foi feita, a gente detectou que o Auçuba em si tem um potencial participativo enorme [...] Você tem a questão da participação controlada que você vai dizer a eles o que eles têm que fazer e eles fazem, mas sob um controle. Essa participação controlada pode ser manipulada, mas no caso do Auçuba não foi detectado isso, foram detectadas sim limitações, mas em outros momentos do Auçuba a gente trabalha com outro tipo de participação que é a participação poder, os meninos têm uma co-gestão do processo com os técnicos do Auçuba. Nós ainda não conseguimos chegar a uma participação

poder de autogestão, a gente acredita que com os núcleos de comunicação isso comece a acontecer (Entrevista com coordenador, Recife/ PE).

- A comunidade também apóia com entusiasmo as iniciativas do Auçuba.

O projeto Escola de Vídeo, eu achei espetacular. Já participei de duas reuniões no Auçuba e acho que tem que dar continuidade não só dentro da escola como, também, expandir para a comunidade (Entrevista com parceiros, Recife/ PE).

É o que eu digo aos meninos daqui da escola e aos meninos que participam desse tipo de atividade, a grande diferença está nessa experiência diferenciada de participar dos movimentos culturais, participar de debates políticos, participar de um tipo de atividade promovida pelo Auçuba que reflete não só a parte prática, mas também leva conteúdo onde os meninos trabalham cidadania, etc. Isso é que vai dar o suporte para os meninos vencerem os obstáculos, como competir com outros que têm outros tipos de oportunidades da vida que eles não têm lá fora (Entrevista com parceria, Recife/ PE).

- A arte e a cultura são as bases da metodologia utilizada na ONG e são fortes motivos do grande interesse dos alunos nas atividades profissionalizantes.

Uma das nossas bases de trabalho é a formação artística, então você tem arte-educação como base nesse trabalho muito forte, a gente trabalha aqui com fotografia, com desenho, dança, teatro, isso é uma base (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

Esses projetos nascem tanto de uma necessidade de um processo cultural quanto da necessidade de um processo social, eu não dissociaria isso de jeito nenhum, eu acho que se a gente dissociar isso vai estar cometendo um pecado enorme (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

- Ao ser perguntado sobre a importância de atividades culturais, artísticas e de lazer no combate à violência, um dos moradores de uma comunidade ligada ao Auçuba responde:

Ajudam. Porque você vai trabalhar com a sensibilidade da criatura, do ser humano. Você vai trabalhar através da pintura, através da dança, através do teatro, você vai expressar uma série de sentimentos, mesmo de frustrações também. Isso [o projeto] é trabalhado, não é uma psicanálise, claro, mas é uma forma da juventude expressar os seus ideais, a sua situação de vida e a situação de vida onde eles estão inseridos. Esse casamento da minha situação de vida e da situação de vida de onde eu estou inserido, seja no município, seja no estado, quer dizer, cria essa consciência. Acho que a dança, o teatro, todo o trabalho cultural, o trabalho ligado à arte contribui para uma visão, você começar a abrir os olhos para uma visão mais ampla da sociedade, da vida, e você vai se sentir estimulado, valorizado. Mesmo que você não venha a fazer teatro, ou ser ator, ou pintor, aquilo ali vai mexer com você para que você descubra também outras possibilidades suas, sei lá, despertar para a leitura, despertar para outras atividades profissionais, resgatar o seu valor enquanto pessoa e o valor do outro também enquanto companheiro, com quem você vai ter que compartilhar uma série de coisas (Entrevista com membro da comunidade, Recife/PE).

- Os debates que ocorrem dentro de algumas atividades nos projetos parecem ter um forte impacto na forma de os alunos avaliarem suas vidas e prioridades. Os alunos adquirem, ainda, a capacidade de fazer uma análise crítica da sociedade e a consciência de que exercem um papel importante dentro dela.

Eu acho que o valor da educação é você ter um conhecimento global e ter uma linguagem para saber se comunicar com essa revolução que está acontecendo (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

Quando eu falo de cultura, falo de cultura do país, é preciso ter mais respeito pelo país, pelo cidadão e é necessário que você tenha uma escola para te orientar. A educação para a gente tem muito valor, tem muito sentido (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

[...]Por isso que eu digo que nós temos que mostrar tudo que aprendemos, temos que mostrar a realidade, temos que mostrar a verdade, temos que debater assuntos, temos que juntar, recolher informações para a gente poder jogar tudo numa bandeja e fazer um só produto[...] (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

20) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Entre as principais mudanças na vida dos jovens, um dos coordenadores do Auçuba relata:

Primeiro a auto-estima. Isso é coisa rápida, com dois, três meses esse jovem já está começando a ter uma reação de auto-estima interessante. Em segundo lugar, começa a surgir na vida desses jovens uma perspectiva de futuro, coisa que geralmente eles não têm. Eles começam a achar que podem ser mais do que aquilo que está sendo apresentado para eles naturalmente. Essas duas mudanças são coisas muito fortes que a gente tem, e alguns têm mudança material, mesmo. Por exemplo, a gente tem caso aqui de meninos que estão fazendo vídeo e estão conseguindo tirar quatro, cinco salários mínimos por mês (Entrevista com coordenador, Recife /PE)

- Outro impacto importante é a volta à escola, ou ainda, a melhora no desempenho escolar.

Houve, também, caso de jovem que estava para ser colocado para fora da escola por causa de mau comportamento e, depois que entrou no projeto, houve a negociação entre a gente e a escola para dar a ele mais uma chance. Ele ficou e terminou o curso sem ter mais nenhum problema com a escola (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

Eu era repetente na escola, aí o coordenador chegou para mim e disse que eu não podia repetir na escola. Aí eu me dediquei mais na escola e não repeti mais nenhum ano. Nesse ano estou concluindo e se não fosse por esse motivo eu acho que teria desistido ou repetido vários anos, não teria a ambição que eu tenho hoje de pensar no futuro, no dia de amanhã (Grupo focal com Jovens, Recife/PE).

- Os educadores e até mesmo pessoas da comunidade ressaltam as mudanças de comportamento dos jovens.

A gente percebe nos jovens daqui da comunidade e também nos que vieram de fora para fazer o vídeo, a responsabilidade, o senso

de organização. Na própria discussão de como preparar esse vídeo sobre a comunidade, as perguntas que eles faziam para a gente, quer dizer, a gente percebeu durante esse período em que eles estavam fazendo esse vídeo com a gente o nível de amadurecimento muito interessante e, principalmente, o entusiasmo deles, o interesse por alguma coisa boa, produtiva. Acho que isso é muito bom para os jovens, isso é um sinal muito positivo de que a coisa está fazendo efeito (Entrevista com a comunidade, Recife/PE).

- Os alunos aprendem a valorizar sua cultura e criam consciência de suas identidades próprias. Além disso, passam a compreender o quanto as atividades culturais e de lazer são importantes para a comunidade.

Eu acho que tem uma questão de identidade também. Além de ser uma coisa extremamente lúdica, porque é gostoso, é prazeroso, tem um resgate da identidade. Eles têm a oportunidade de trabalhar, por exemplo, essa coisa da negritude, às vezes trabalhar isso dentro da comunidade deles e abrir isso como um projeto final de vídeo, fazer isso e levar para discutir na comunidade. Para eles, isso é uma coisa extremamente importante, até por conta dessa coisa, você se reafirmar como negro (Entrevista com coordenador, Recife/PE).

- A profissionalização dos alunos também lhes garante uma melhora em qualidade de vida e expectativas futuras.

Tento passar a maior parte do tempo fazendo aula aqui, estudo faço o terceiro ano, quando terminar, eu vou fazer vestibular se Deus quiser e trabalho de vez em quando, como câmara. De vez em quando, aparece alguma coisinha para mim, no momento estou parado e estou à procura de emprego.[...] Eu gravo casamentos, aniversários, tudo o que aparecer praticamente (Grupo focal com Jovens, Recife/PE).

4.7.3 Centro das Mulheres do Cabo

- 1) Nome da organização
Centro das Mulheres do Cabo
- 2) Data de fundação
1984
- 3) Cidade/Estado
Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Nome: Silvia Maria Cordeiro
 - b) Cargo: coordenadora
 - c) Telefone: (81) 3521-0040
 - d) E- mail: mulheres@elogica.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades:
Em Cabo de Santo Agostinho, Palmares, Água Preta e Catende.
- 7) Origem dos recursos:
UNICEF, CB Children, Terre des Hommes-Suíça e Visão Mundial, Prefeitura Municipal do Cabo, Ministério da Previdência Social e do programa federal Comunidade Solidária (recursos destinados à bolsa-escola).
- 8) Áreas de atuação
Defensoria de direitos, oficinas de arte, cultura e cidadania.
- 9) Objetivos
 - Contribuir na construção da equidade de gênero e afirmação dos direitos de cidadania das mulheres, através das seguintes linhas de ação: saúde reprodutiva, desenvolvimento sustentável e gênero, promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes (creche, prevenção e combate ao abuso e à exploração sexual, profissionalização de jovens e adolescente e combate “à violência sexista”).
- 10) Público-alvo
Mulheres, adolescentes, jovens e crianças. Na maioria, meninas que são encaminhadas pela Justiça, pelo Conselho Tutelar.

11) Caracterização e histórico

O Centro das Mulheres do Cabo foi fundado em 1984. A princípio, trabalhava só com mulheres vítimas de violências. Em 1998 implantou projetos para jovens, investindo, no início, em psicoterapia e grupos de auto-ajuda, com ênfase na fala das meninas. Hoje, além do atendimento psicológico, recorre a atividades lúdico-culturais e interativas, além de cursos profissionalizantes.

O Centro das Mulheres de Cabo é uma entidade já com 16 anos de experiência no campo da defensoria de direitos e espaço de arte, cultura e socialização cidadã. Desenvolve parcerias com um amplo espectro de organizações públicas e privadas em Cabo de Santo Agostinho e Recife, sendo sua seriedade ressaltada por essas instituições.

A entidade trabalha com jovens de bairros pobres, da periferia da Cidade de Cabo. Muitas delas, cujas mães estão integradas em atividades do Centro. No recrutamento busca-se um equilíbrio entre os sexos, sendo que a maioria é filha de mulheres que chefiam suas famílias.

O Centro tem como critério que as jovens frequentem a escola. Muitas delas têm passagem pela Justiça, pelo Conselho Tutelar, por exemplo, com problemas de conduta delinqüente, havendo jovens que pediam esmola, e outras que estavam na prostituição. Muitas dessas jovens foram vitimadas por casos de violência sexual na família.

No contexto da violência doméstica, alguns associados, jovens, já passaram por algumas situações delicadas do ponto de vista da agressão física, da pressão psicológica, e do próprio abuso sexual, e assim o Centro tem sido uma referência para esse tipo de problemática da questão da violência principalmente. Tem circulado muitos jovens principalmente adolescentes mulheres, porque nesse projeto a gente dá mais força, mais atenção à mulher violentada do que à violência, e, quando acontece de ser um menino, um jovem adolescente, fazemos o acolhimento e direcionamos para quem está fazendo isso com mais propriedade, a questão do enfoque. Os atos violentos que temos abordado, ou seja, em que os jovens são os agentes, estariam no plano de infrações, tipo pequenos roubos, envolvimento com drogas e pequenos assaltos. O Cabo tem uma situação um pouco privilegiada na área de apoio à juventude, tem o Conselho Tutelar funcionando, tem uma certa organização do Poder Judiciário local que faz algum suporte a esse tipo de problema (Entrevista com coordenador, Cabo de Santo Agostinho/PE).

É alta a demanda, mesmo para os projetos que não dispõem de bolsa-escola. As mães geralmente são associadas ao Centro, e muitas estão em trabalhos relacionados à geração de renda, e outras, a cursos de promotoras legais populares. Especificamente para a população entre 15 a 24 anos, desenvolvem-se atividades na área de profissionalização e ações socioeducativas relacionadas com os direitos garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente

12) Recursos humanos

No início, os projetos utilizavam um número considerável de voluntários, sendo que hoje insiste-se na importância da profissionalização dos educadores, estando a maioria integrada à instituição em tempo integral. O perfil da equipe é de profissionais: psicólogos, advogados, assistentes sociais, educadores com experiência em educação popular e no trabalho em gênero. É mínimo o trabalho voluntário e este é, em sua maioria, originário da própria clientela, formada no Centro.

Tais profissionais chegam à ONG por meio de convite, priorizando-se profissionais do município de Cabo. Para os cursos de promotores legais populares, foram selecionadas lideranças mulheres de comunidades em bairros periféricos. A maioria dos profissionais é contratada por tempo integral.

13) Programas e projetos em curso.

Projeto Jovens Comunicadores: O projeto capacita jovens para trabalharem como radialistas e comunicadores. Conta com um estúdio de rádio completo onde os jovens são capacitados nas técnicas e procedimentos envolvidos na gravação de um programa de rádio. Recebe o apoio da UNICEF e da MacArthur Foundation.

Projeto de Desenvolvimento Sustentável: Atua na zona rural através de oficinas de gênero, sexualidade, saúde reprodutiva etc. Atende a mulheres e jovens (homens e mulheres) em idade reprodutiva.

Projeto Violência contra a Mulher e os Adolescentes: Através do apoio da Terre des Hommes – Suíça, oferece atendimento jurídico para os jovens, em grupo ou de forma individualizada. Desenvol-

ve também um curso de promotoras legais populares, isto é, mulheres (lideranças) que na comunidade lidariam com os problemas de violência (física, doméstica), fazendo o encaminhamento das questões para a Justiça.

14) Metodologia

Os tempo de duração dos cursos varia dependendo das atividades, os mais pontuais duram em média três meses, e alguns chegam a um ano. Cada curso conta, em média, com a participação de 30 mulheres.

No recrutamento das jovens, enfatiza-se, nas comunidades, o contato com as mulheres. Priorizam-se os bairros periféricos da cidade de Cabo. As jovens recrutadas relacionam-se com as famílias das mulheres que já estão em outros projetos do Centro (as associadas). Tal critério não é, porém, o único. Divulga-se o Centro nas comunidades e entre lideranças locais que têm contato com a entidade.

As jovens associadas partilham suas histórias de vida, no início das aulas, em rodas (“*conversas*”) com exercícios de relaxamento e meditação, momentos muito apreciados, segundo declarações recolhidas em grupos focais.

Experimentam-se distintas metodologias, mas sempre a partir do próprio jovem. Recorre-se à teoria participativa, estimular a fala do jovem, ele se reconhecer como um sujeito social. E um dos caminhos interessantes é tirar desse jovem o que ele é, os seus desejos, como ele quer ser olhado (Entrevista com coordenador, Cabo de Santo Agostinho/PE).

As oficinas dão orientação sobre: sexualidade, métodos anticoncepcionais, saúde e prevenção. Existem também grupos de jovens enfocando sexo seguro. Além disto, alguns grupos são sistemáticos, e apresentam cursos de dança e teatro, por exemplo. A cultura seria um elemento transversal às distintas atividades de cunho social por cidadania.

Também trabalhamos a questão da escrita. Um pouco de tudo, da escrita e da leitura, no momento da brincadeira fazemos dinâmicas de concentração, de integração de grupo. E também discutimos como se comportar em certos lugares, papéis sociais de homens e mulheres, limites sociais e costumes. Tem o lado

educativo. Introduzimos noções de higiene. Pela dança, temos a oportunidade de introduzir duas dimensões: a psicológica, o lado emocional; e a questão da educação, porque para você dançar você tem que ter disciplina, você tem que participar, você tem que ter responsabilidade. Isto é difícil, principalmente preparar para apresentações, pois envolve compromisso, o horário e a disciplina para participar. É um processo e também há que evitar a concorrência, a disputa entre elas. A idéia é constituir um grupo, uma equipe, e que elas venham a se sentir parte de uma mesma família, o que exige muita conversa (Grupo focal com técnicos/animadores, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Instituiu-se uma bolsa de ajuda de^ocusto (com a colaboração da Comunidade Solidária) para estimular a participação e aumentar a renda mínima da família, através do jovem, o que além de incentivá-los contribui para a melhoria de sua auto-estima, na medida em que passam a ser mais considerados na família. A bolsa-escola, entretanto, seria apenas para projetos relacionados à Comunidade Solidária.

15) Redes, multiplicação e parcerias

O Centro das Mulheres é uma entidade que faz parte do Conselho Tutelar, tem parceria com entidades como a Comunidade Solidária, o SEBRAE, a Prefeitura, a Caixa Econômica e outras, desenvolvendo atividades com crianças e jovens.

Parceiros relacionados ao Conselho Tutelar ressaltam que tal articulação com o Centro das Mulheres possibilita estruturar um campo de defensoria pública em termos de rede, compartilhando-se responsabilidades.

Quando encaminhamos um adolescente que está com problema, é importante contar com um projeto como o Centro das Mulheres. O Conselho Tutelar hoje precisa do Centro das Mulheres. Todos os dias temos casos e não é só com adolescentes, não é só com crianças, mas também envolvendo mulheres adultas que chegam lá intimidadas. Então, temos com o Centro uma parceria abrangente que nos dá segurança, pois temos para onde correr, onde buscar ajuda. Então essa parceria com o Centro das Mulheres de Cabo tem sido marcante para todos os segmentos da sociedade cabense, tem sido muito boa (Entrevista com parceiro, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Para a Prefeitura municipal, a parceria com o Centro das Mulheres de Cabo se constitui em recurso social, ressaltando-se os trabalhos do Centro no âmbito da assessoria jurídica e da saúde preventiva, além de colaborar para que o poder público chegue “às comunidades mais carentes”, fortalecendo entidades que atuam nesse nível.

Temos parceria com o Centro das Mulheres que é uma entidade já bastante firmada, uma entidade que tem vários tipos de recursos, principalmente na nossa área, prestando Assessoria Jurídica, e tem a questão da saúde também. Tal parceria é muito interessante por conta das precariedades que se têm no município e até no Estado. Para nós, na Prefeitura, é interessante porque conta-se com apoio; sabe-se para onde encaminhar e fica mais fácil trabalhar, trocam-se idéias e experiências (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Trabalha-se com outras organizações, inclusive ONGs, na área de relações de gênero e se estabelece intercâmbio com outras que também priorizam a abordagem lúdica e interativa, sendo que muitas estão em campos de identidades específicas, como da cultura afro. O Centro também constrói uma rede com a família das jovens, já que o trabalho necessariamente abrange as famílias das jovens participantes em seus projetos.

A comunidade também é alvo, através de parcerias com sindicatos e associações de moradores, em especial aquelas que têm trabalho com mulheres, como as que são vítimas de violência, de um trabalho de orientação e acompanhamento. Outra articulação com as associações de moradores estaria ocorrendo através da assessoria jurídica do Centro das Mulheres de Cabo.

Temos buscado, estimulado, fóruns de entidades, de trocas de experiência e trabalhos conjuntos. Temos como meta a universalização de serviços. Procurar a sociedade é uma estratégia e procurar o poder público local não só para ter recursos mas para estimular políticas mais definitivas para atender essas populações (Entrevista com coordenador, Cabo de Santo Agostinho/PE).

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

As pesquisas, segundo os instrutores, serviram, em determinados momentos da vida do Centro, para mudar práticas. A partir de pesquisas junto aos jovens foi possível identificar atividades mais

gratificantes que trouxessem uma compensação, na medida em que “*tocava-se na dor*” com as sessões de psicoterapia, uma vez que as jovens que passam pelo Centro trazem histórias de violências. Assim, identificou-se a importância de implantar oficinas de teatro, dança e capoeira.

Pesquisas sobre gêneros culturais são desenvolvidas em conjunto entre jovens e instrutores, o que, segundo a reflexão que se segue, viria contribuindo tanto para ampliar os horizontes culturais, e investigar culturas de raiz, quanto para quebrar preconceitos sobre alguns desses gêneros, como os de origem africana:

Tem jovens que estão viajando, por exemplo, o grupo maracatu e da Nação Êre. Eram grupos convidados para se exhibir em comunidades da periferia e hoje já vêm mostrando o seu trabalho profissionalmente. É ao mesmo tempo resgate da cultura e da autoestima. Ter um conhecimento dos seus antepassados, das suas raízes e ir dando valor a isso. Tal experiência não é comum em Cabo, vem lá de Olinda. A princípio, quando mostramos as danças, as meninas eram críticas. Não tinham conhecimento, por exemplo, do afoxé. Diziam que era macumba. Fizemos então um trabalho de pesquisa sobre a dança popular e cultura. E as jovens, para nossa surpresa, escolheram justamente trabalhar com a dança afro a que, no princípio, era a mais discriminada. Elas já se haviam apresentado, dançando frevo e maracatu. Mas a dança de batucada e percussão é diferente, mexe muito, daí possivelmente o preconceito, inicialmente (Grupo focal com técnicos/animadores, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Os jovens participam em várias etapas de realização dos cursos e atividades, de diagnósticos e avaliações, discutidas em conjunto, enfatizando-se práticas interativas entre as equipes de educadores e os jovens associados.

Há uma avaliação em processo sobre a eficiência das atividades. Por exemplo, a proposta de oficinas com as mães surgiu como resposta de uma dessas avaliações, sendo trazida por instrutores e discutida em equipe.

Os projetos são pontuais, recorrendo-se a avaliações mais formais em dois momentos: uma interna, da equipe, em termos de autoavaliação e aquela que se procede com os parceiros, divulgando-se seus resultados para o público mais amplo, inclusive discutindo-a com os associados (jovens e seus pais) em relação às metas estabelecidas pelo Conselho do Centro. Tal avaliação é semestral a

partir do que de fato se viria fazendo. Uma outra avaliação, com maior participação dos alunos, seria anual.

As jovens têm seu desempenho avaliado nas atividades do Centro e em sua vida escolar e familiar. Também dispõe-se de um cadastro dos jovens que passaram ou que estão na ONG e há a preocupação de montar um sistema de acompanhamento desses, mas se reconhece que o tempo é mais dedicado à rotina e dinâmica dos projetos.

Vêm-se fazendo reuniões e encontros de ex-associados, sendo que estes costumam passar pelo Centro com regularidade, espontaneamente. Alguns chegaram ao mercado de trabalho, por intermédio do Centro, realizando estágios na Caixa Econômica e em empresas locais, o que facilita o contato, que se dá também a partir das escolas onde eles se relacionam e também das comunidades.

Temos feito encontros pós-curso, para saber um pouco o que estão fazendo, se voltaram a estudar, se continuam a estudar, se tem algum problema aparecendo. É um tipo de acompanhamento informal, mas que funciona (Entrevista com coordenador, Cabo de Santo Agostinho/PE).

17) Problemas específicos da experiência

Os jovens valorizam positivamente a convivência com outros jovens e com educadores, mas reclamam da disciplina e das responsabilidades. Para os educadores, essa reação faz parte do processo de socialização com deveres sociais, e crêem que tal problema é superado no decorrer da participação nos projetos.

Os parceiros da entidade consideram que se deveria investir mais em cursos profissionalizantes, com especial atenção para o primeiro emprego e as expectativas dos jovens em relação ao mercado. Reconhece-se, por outro lado, que haveria por parte desses jovens, clientela do Centro, desinteresse e pouco estímulo para participar de tais cursos.

Há problemas para cumprir itens do projeto original, como, por exemplo, para o acompanhamento da vida familiar, por meio de visitas domiciliares, pelas dificuldades em se fazer tais visitas. Conta-se com uma equipe de apenas cinco pessoas na coordenação do Centro. Optou-se, diante de tal dificuldade, por trabalhos com grupos de mães. Contudo, em vários casos, as mães não comparecem e, por outro lado, algumas meninas foram abandonadas por seus pais, ainda que com eles convivam, ou as mães e os pais são alcoólatras.

Para as avaliações por visitas às escolas e às famílias estaria faltando, segundo instrutores, contar com a colaboração de uma assistente social. O objetivo dessas visitas seria tanto analisar mudanças de comportamento por parte das jovens, quanto avaliar como os pais e escolas estão valorizando as mudanças nas jovens.

Os técnicos/animadores destacam que um dos obstáculos para se atingir às metas dos projetos seria a ausência de participação dos pais, em particular a resistência à participação por parte das mães, comumente as únicas responsáveis pelas famílias das jovens. Em alguns casos, essa resistência se deve às dificuldades que encontram para se deslocar até às oficinas em grupo. Entretanto, pouco a pouco, tal resistência vem sendo superada.

- Problemas com as jovens que completam a idade limite para serem associadas a um projeto do Centro para adolescentes.

Não se pode excluir uma jovem porque fez 19 anos, considerando que muitas viriam de famílias desestruturadas e vivendo situação de abuso na família. Em alguns casos, integram-se essas meninas ao Centro, para participarem em oficinas temáticas e serem também auxiliares das instrutoras (Grupo focal com técnicos/animadores, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Há problemas em trabalhar em rede com outras instituições similares em Pernambuco. Em Cabo de Santo Agostinho, o Centro tem-se articulado com outra organização congênere, o PROCUCA, projeto com a Secretaria de Educação, que organiza colônias de férias e tem atividades de teatro. Jovens do Centro entrariam em contato também com grupos de balé, como o Majê Mole e o Daruê Malungo. Com este último, articularam-se visitas a museus — mas no caso de organizações como essas duas, e outras, como o Coletivo Mulher Vida, que estariam em outras cidades, ainda que haja intenção e tenha havido contatos, há problemas de articulação pela distância e falta de condições financeiras, para o transporte.

18) Por que uma experiência inovadora?

Entre os indicadores formais visíveis do sucesso do programa para jovens do Centro das Mulheres do Cabo, têm-se: a alta procura; a persistência das jovens associadas, sendo baixa a evasão; o fato de

que muitas jovens conseguiram melhor rendimento e superação de problemas de comportamento que apresentavam nas escolas; colocação de jovens no mercado de trabalho, como na área de comunicação e em rádio comunitária.

- O valor do projeto é melhor compreendido, considerando-se o contexto de vulnerabilidades sociais, as carências quanto a espaços de cultura, esporte e lazer, em especial nas escolas, e o perfil do público-alvo, jovens com envolvimento em casos de violências.

Em Pernambuco, apenas 7% das escolas públicas têm quadra de esporte, no campo da cultura, das artes há menos oportunidades. As adolescentes chegam [ao projeto] vitimadas, cheias de amargura. No projeto, elas não só buscam resgatar a sua própria identidade, mas toda uma formação cultural, se encontram e expõem isso lá fora. O projeto é importante por conta disso e porque não se conta com muitas alternativas, uma retaguarda. Além das atividades do projeto, se ocupar em quê? Fazer o quê? Buscar o quê? Então esse projeto tem dado respostas a essas perguntas (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Eu trabalho em educação, sou professora primária e funcionária pública do Estado. A escola não supre as necessidades da criança e do adolescente, e a gente vê tantas evasões, tantas desistências porque não tem estímulo para estar na escola. O menino passa quatro horas dentro de uma escola e é esse menino que está na rua, porque ele vai para escola por causa da merenda e depois volta para a rua, e muitas vezes ele começa a faltar na escola porque na rua tem coisas mais interessantes para ele fazer. Preocupa principalmente no fim do ano. Na escola falta funcionário, falta professor, falta tudo, e a gente fica doido na escola e é obrigado a assumir várias funções, aí os meninos pedem “tia, deixa a gente jogar bola” e eu fico doida atrás de uma bola, de repente o menino jogou bola, suou, cansou, bebeu água e foi para a sala sossegado. Nota-se que é importante estar ocupado em esporte, e que o jovem quer ter acesso à cultura. Tem casos de professor sendo agredido; mas o aluno não respeita ninguém porque ele também não é respeitado enquanto pessoa e enquanto cidadão (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- A receptividade por parte dos jovens estaria também relacionada à dedicação das/dos animadores das atividades do Centro:

Não é só a história de cultura por cultura, é algo intenso, trabalhado. Muitos adolescentes gostam mais de estar no projeto do que em casa, preferem estar com as pessoas que estão inseridas no projeto do que estar com a mãe, com o pai, com qualquer outra pessoa da família, então é amor mesmo, é pegar a carga e dizer eu vou levar porque eu amo, então, eu acredito que a partir desse ponto você tem justamente esse produto positivo (Grupo focal com técnicos/animadores, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- O projeto é considerado positivamente em relação a outros por seu formato, com ênfase no acompanhamento e cursos de média e longa duração, investindo em: formação cidadã; formação artística; preservação de expressões culturais nacionais, de raiz.

Há um acompanhamento, não é um projeto como outros na área cultural com atividades de curta duração, rápidos, o que não permite que os que estão participando do projeto assimilem seu conteúdo. Tem um começo, um meio e tem um produto. Não tem fim, porque investe em formação, tanto em ser cidadão, como ser artista. Existe a possibilidade da arte aprendida vir a servir de proficiência para essa garotada que está aprendendo a arte da dança. Vale salientar que não é só a dança, é a dança popular pernambucana, portanto, além de estar resgatando socialmente a criança e o jovem, está resgatando também uma cultura que está se perdendo ao longo do tempo (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- O projeto também é considerado inovador por sua colaboração para o resgate da cultura nacional, de raiz, passando para os jovens o valor de apreciar e contribuir para tal resgate:

Ontem Pernambuco estava sendo levado a nível nacional pela televisão com um grupo de maracatu, outro grupo ao vivo. Com projetos deste tipo, resgata-se o adolescente, o seu interior, ocupando, tirando de uma situação de risco, e mostrando outra realidade, dando outras oportunidades. Projetos como esse são importantes sim, mas esse de uma forma especial, porque está descobrindo talentos também, você pode ir para a área da cultura, de dança, do teatro. Projetos como esse descobrem talentos, e disponibilizam para uma sociedade sofrida que é a nossa, principalmente na área dos adolescentes, jovens, que não têm muita coisa o que fazer, muitas oportunidades, as escolas não têm muita atratividade, são projetos como esse que tiram, que resgatam, que dão uma nova visão (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- A auto-estima é também, como em outros projetos congêneres, ressaltada como um benefício que os jovens adquirem a partir da experiência, e é valor associado à sociabilidade e ao pertencimento à comunidade: “[A participação em atividades do Centro] levanta a auto-estima, o jovem se sente muito mais gente e, à medida que se prepara, passa a ser mais amado e respeitado” (Entrevista com parceiros, Cabo de Santo Agostinho/PE).

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Ocorrem mudanças em termos de comportamento, e os jovens se afastam de comportamentos violentos (como vítimas ou agentes). Tanto eles como seus familiares consideram que a participação nos projetos lúdico-culturais e de socialização cidadã do Centro contribuiu para um melhor aproveitamento escolar. Também há referência a outras mudanças, como um maior cuidado com a aparência e mais interesse em obter informações. Contudo, vários informantes relacionados ao Centro advertem que a miséria dos grupos familiares dos jovens limita esses efeitos positivos sobre os jovens a longo prazo. Insiste-se, entretanto, que realmente ocorre uma mudança de perspectiva em relação ao valor da educação e da escola, contribuindo, para isso, as atividades de reforço escolar realizadas pelo Centro.

São muitos os casos de jovens que após um período em atividades no Centro começam a melhorar na escola, a passar. Porque nos nossos trabalhos a gente faz reforço escolar, a questão da matemática, trabalhamos para superar as dificuldades que eles encontram na escola pública. Então eles começam a passar de ano, a melhorar sua escolaridade. É bem concreto, entendeu? A satisfação deles é visível; ficam mais atentos, melhoram o rendimento escolar, é formidável sim, porque são jovens sem condições de ter uma banca de estudo que o valha ou mesmo a relação familiar que nem sempre é uma relação estruturada. Então essa participação em projetos no Centro dá um certo suporte e ele consegue na escola melhorar o seu rendimento (Entrevista com coordenador, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- Jovens e suas mães testemunham casos em que a participação em projetos do Centro contribuíram tanto para afastar as jo-

vens de situações e práticas de violência, quanto para melhorar as condições de vida das mães, minimizando as angústias pelos riscos que as filhas corriam:

A minha filha mudou muito depois que ela veio para cá falar com a psicóloga. Ela pedia esmola, vivia na rua toda suja, hoje não vive mais, graças a Deus, ela mudou para melhor (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, Cabo de Santo Agostinho/PE).

A minha filha também mudou, ela vivia envolvida com prostituição, drogas, más companhias, hoje em dia ela já é mais compreensiva, mais caseira, mudou bastante (Grupo focal com mães/pais/responsáveis, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Eu acho que eu era muito cabeça dura, ia pela cabeça dos colegas, fugia de casa, passava dias fora, deixava minha mãe louca, não queria saber da vida, não queria parar para estudar e depois que eu vim para cá não, botei a minha cabeça no lugar, aprendi a ser uma pessoa responsável, aprendi a conviver com as pessoas (Grupo focal com jovens, Cabo de Santo Agostinho/PE).

Eu fiquei muitas vezes fora de casa sem dizer a minha mãe onde eu estava, minha mãe se preocupava, só viva orando por mim, e cheguei até a usar droga, fui pela cabeça dos outros, usava drogas, cheirava cola e muitas coisas que eu não devia fazer eu fiz, depois que eu entrei no projeto do Centro, eu deixei tudo isso para lá e não quis usar mais, e até hoje, graças a Deus, eu estou fora disso (Grupo focal com jovens, Cabo de Santo Agostinho/PE).

- A fala de uma jovem sinaliza para os efeitos positivos de tal estratégia, em relação a conseguir mudanças no modo de vida das jovens:

Eu aprendi a respeitar minha mãe, meus tios, coisa que eu não sabia, eu era muito desbocada, não respeitava ninguém, quando uma pessoa falava alguma coisa comigo, eu respondia na bucha; aprendi a não fugir de casa para sair com ninguém, nem usar droga, por conta do Centro e pela força de vontade da minha mãe, foi que eu passei um tempo sem usar drogas e estou assim até hoje, e faço de tudo para tirar essas pessoas que estão, mas só que dá pena porque a gente não consegue (Grupo focal com jovens, Cabo de Santo Agostinho/PE).

4.7.4 Centro de Cidadania Umbu Ganzá

- 1) Nome da organização
Centro de Cidadania Umbu Ganzá
- 2) Data de fundação
1998
- 3) Cidade/Estado
Recife - PE
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Nome: Marcos Vicente da Silva
 - b) Cargo: presidente
 - c) Telefone: (81) 3428-3311
 - d) E-mail: umbuganz@hotmail.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
O projeto é desenvolvido nos bairros de São José, conhecido como Coque, e Santo Antônio de Recife. Algumas atividades são realizadas em outras localidades, como por exemplo o teatro, para que os jovens tenham contato com outras realidades.
- 7) Origem dos recursos
Os recursos do projeto são oriundos do Governo Federal, BCC (Brasil Criança Cidadã) e FAT; do Governo Estadual, fundos do programa Ciranda da Criança, ligado a SEPLANDES (Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Social); do Governo Municipal, Fundo da Criança e do Adolescente, ligado ao Conselho Municipal da Criança e do Adolescente na cidade do Recife; de agências internacionais, como a UNICEF, e da empresa TELEMAR. Recebe também doações esporádicas de pessoas físicas e de empresas.
- 8) Áreas de atuação
Educação social de rua, arte-educação (música, dança e teatro) e cultura.

9) Objetivos

- Promover a inclusão social da criança, do adolescente e do jovem, através de uma ação articulada que potencialize uma melhoria de sua família (grupo doméstico).
- Proporcionar aos jovens produtores culturais e artísticos da comunidade o acesso às informações e técnicas de expressão corporal, de dança, canto e “musicalização”, produção de espetáculos, *marketing* e captação de recursos que possam ser úteis ao desenvolvimento futuro do seu potencial criativo e de geração de renda.
- Estimular a produção cultural local e proporcionar novas opções de lazer à comunidade.
- Contribuir para o crescimento pessoal e coletivo dos jovens através do respeito mútuo e da responsabilidade profissional.
- Estimular a organização comunitária dos jovens, a vida associativa, recorrendo à interação entre jovens com potencialidades de liderança, inclusive com potencial artístico e cultural, e outros, relacionados a casos de violência.

10) Público-alvo

Os programas e projetos são desenvolvidos para a população entre 15 e 24 anos.

11) Caracterização e histórico

A Umbu Ganzá é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, fundada em 1998, com uma preocupação social que incorpora a cultura como elemento de resgate pessoal e coletivo de crianças e jovens em bairros de baixa renda de Recife. Suas ações principais são desenvolvidas nos bairros de São José e Santo Antônio, mencionados em jornais, como detentores de altos índices de violência. Além disso, desenvolve algumas atividades na Casa da Cultura, em espaço cedido pela Secretaria da Cultura e FUNDERPE (Fundação de Cultura de Pernambuco), que se localiza perto de uma área conhecida de prostituição e, inclusive, de exploração sexual infanto-juvenil.

Uma das singularidades do Umbu Ganzá é que os educadores são da comunidade e a médio e longo prazo virão a fomentar grupos ou associações. No primeiro momento, adolescentes e jovens em situações de risco pessoal e social, na rua ou ligados às gangues da comunidade, sob medida socioeducativa de liberdade assistida, esse foi o nosso primeiro foco. No segundo momento, recrutamos adolescentes e jovens que já têm alguma iniciação com a cultura do bairro, grupos de dança e de música com o objetivo destes jovens se organizarem (protagonismo juvenil) e serem um referencial positivo para o grupo do primeiro momento. O grupo que fundou a entidade participou anteriormente de um projeto governamental em que trabalhou com jovens e percebemos o potencial criativo, construtivo e principalmente de mudança da história de vida desses jovens. Quando se fundou a ONG, inicialmente se concorreu com um projeto na APPCS (Associação de Apoio e Programa da Comunidade Solidária), que executou o curso de pedreiro (a opção pelo primeiro curso foi a possibilidade de empregabilidade no entorno da comunidade). O futebol, a produção cultural – alguns jovens gostavam de rap, outros de percussão e outros de dançar – surgiram a partir de um processo de escuta aos jovens, pais e responsáveis e lideranças locais (Entrevista com responsável, Recife/PE)

O primeiro curso de produção cultural e artística (1998) foi financiado pela Comunidade Solidária. Jovens que desenvolviam alguma atividade artística na comunidade, inclusive nas ruas, foram trabalhar como instrutores. Atualmente, os projetos da instituição atendem a cerca de 40 jovens, sendo que 20 são associados desde o início da experiência, tendo papel de monitores em atividades comunitárias.

12) Recursos humanos

Os funcionários do projeto são divididos por categorias entre os que ficam durante todo o dia no projeto – dois técnicos sociais, uma socióloga e uma assistente social, um educador de apoio e uma cozinheira – e os que atuam em tempo parcial – uma psicóloga e os instrutores por área específica, por horas/atividade, o instrutor de música, teatro e dança. Não existe trabalho voluntário. Alguns monitores são jovens egressos de atividades da própria organização, e a maioria está cursando o ensino médio. Existe também um trabalho de grupo junto às famílias dos jovens que é desenvolvido

por uma psicóloga. Os instrutores são selecionados a partir de avaliação de currículos e experiência anterior. Para a capacitação, é realizado um trabalho específico em relação à área de conhecimento, e são feitas reuniões com a perspectiva de discutir e partilhar os objetivos da instituição. Os vínculos são estabelecidos mediante contratos para os instrutores e pessoal de apoio permanente, e bolsas, para os animadores e jovens.

13) Programas e projetos em curso

A instituição desenvolve programas com atividades voltadas para a educação de rua, arte-educação (percussão, dança, teatro e malabares), recreação, oficinas de leitura e inclusão escolar. A alimentação é assegurada aos jovens, como também o apoio psicoterápico direcionado a vítimas de violência doméstica e abuso sexual. Atualmente vem sendo desenvolvido, junto aos jovens, um trabalho de produção cultural, artística e atividades esportivas. Com as famílias, em especial as mães, são realizadas reuniões quinzenais para a realização de trabalhos manuais e bate-papos, fato este que tem estimulado significativamente a auto-estima das participantes.

O Projeto *Costa*, que faz parte das atividades da Umbu Ganzá, recuperou espaços da comunidade com a colaboração de jovens que em 1998/1999 faziam um curso para pedreiro na instituição. Foi estruturada uma equipe de futebol, mas se firmaram as atividades de dança e música. Também faz parte das atividades desenvolvidas pela instituição, a tentativa de sensibilização da comunidade em geral e da comunidade escolar, em relação a questões ligadas à infância e à juventude.

Periodicamente são desenvolvidos cursos de dança, teatro e música na Casa de Cultura (área cedida pela Secretaria de Cultura e FUNDERPE) e atividades de artes visuais na Escola Monsenhor Barreto, no bairro de Coque.

14) Metodologia

A proposta metodológica prevê encontros diários de sei horas de segunda a sexta-feira, totalizando 30h semanais. Dentre as atividades, realizam-se exercícios físicos, dinâmicas de jogos e ações coletivas visando à auto-estima, à reflexão sobre questões de gênero, valores éticos, questão racial, exclusão e alteridade, a vivência com

o que é diferente. São trabalhados conteúdos específicos, estabelecendo ligação com questões levantadas no módulo de cidadania.

[...] Nas nossas vivências práticas fazemos teatro, apresentações, ensaios com os jovens que ajudam e atendem as crianças e adolescentes menores, com o objetivo de identificar educadores (Entrevista com responsável, Recife/PE).

Antes de dar início às atividades, a instituição realiza um amplo trabalho de divulgação dos projetos na comunidade por meio de rádios comunitárias e envio de ofícios para as escolas. O objetivo é mobilizar a comunidade escolar a partir de lideranças locais e grupos de jovens da comunidade.

A seleção dos participantes é feita por um processo de inscrições. A instituição convoca os jovens para uma maior explicação sobre o curso, em seguida são realizadas reuniões com os pais dos jovens, no sentido de esclarecê-los sobre as atividades dos filhos. O próximo passo é a participação em dinâmicas de grupo que têm o intuito motivar os jovens para os cursos. Esses jovens recebem uma bolsa de R\$50,00, refeição, material didático e dinheiro para o transporte.

A instituição tem o propósito de transformar em cartilha todo o material produzido pelos meninos, como forma de se ter um registro dessas produções.

Outra proposta desenvolvida pela Umbu Ganzá é a realização de um festival cultural feito pelos jovens junto às comunidades e em articulação com vários outros grupos.

De uma maneira geral, as atividades são organizadas em módulos, sendo que cada um dura de 30 a 60 horas. Há os módulos de cidadania e os específicos, que englobam atividades de música, percussão, dicção, postura corporal, dança, teatro, palco, iluminação, som, *marketing*, elaboração de projetos e captação de recursos. Este método baseia-se na teoria construtivista, em que a construção do conhecimento parte do respeito à realidade dos jovens.

15) Redes, multiplicação e parceria

Parceria é um ponto forte da Umbu Ganzá, uma preocupação essencial tanto para a sustentabilidade financeira do projeto como para sua visibilidade social, já que um dos elementos principais do programa é a apresentação dos jovens em espetáculos que, por sua

vez, contribuem para sua auto-estima e inserção no mercado cultural. A rede de parcerias e apoios mantida pela Umbu Ganzá é bastante diversificada quanto ao tipo de articulação, colaboração e intercâmbio estabelecido.

Com a Casa da Cultura, ligada à FUNDARPE (Secretaria da Cultura) e outros organismos governamentais, a Umbu Ganzá estabelece relações para uso do espaço físico, apresentações e intercâmbios de experiências entre os jovens.

Como várias de suas atividades são voltadas para a área de arte-educação, através do teatro, música, dança e malabares, muitos de seus espetáculos são apresentados em diversos pontos conhecidos da cidade como a Casa da Cultura, o Geraldão e o Teatro Apolo, além das escolas. Com relação a estas, o projeto desenvolve atividades com estudantes da rede pública de ensino, tanto nas próprias escolas como em outros espaços, compondo turmas com jovens das escolas e das comunidades, no sentido de reintegrar os jovens à comunidade escolar.

A entidade faz um esforço para se relacionar com todas as entidades do bairro, associações de moradores, clubes de mães, grupo de terceira idade, grupo jovem, Igrejas e grupos religiosos, além das escolas municipais, estaduais e comunitárias, por acreditar no princípio da mobilização social da comunidade. Todavia, com cada entidade, a forma de relacionamento se dá em vários níveis. Em relação aos movimentos sociais, participamos da rede de articulação e atendimento a crianças e adolescentes da RPA 01, do Centro de Articulação Retome Sua Vida e da frente de Entidades Sociais não-governamentais e do grupo de entidades vinculadas à TV Futura. Em relação a entidades afins para trabalhar com jovens, como o Centro Cultural Luís Freire, Gestos, Observatório Galeria Fotográfica, Legião Assistencial do Recife – Agente jovens, e outros movimento tipo Boca do Lixo em Peixinhos, estimulamos o intercâmbio entre os jovens. Também nos articulamos com o Daruê Malungo. Como exemplo de atividade cultural partilhada, cito o movimento Boca do Lixo em Peixinhos, os jovens multiplicadores da Gestos, o trabalho do Instituto Vida, e os grupos musicais e de dança da comunidade (Samba Dolente, Suingueira, Art Samba, Rosa dos ventos, Grupo Jovem Tito etc.) (Entrevista com responsável, Recife/PE).

O projeto tem a preocupação de estabelecer laços de parceria com as famílias e a comunidade na qual está inserida. Considera que a família é um vínculo importante para os meninos e meninas e,

por essa razão, desenvolve reuniões com os responsáveis no sentido de incluí-los nas atividades da organização. Para o uso de espaço físico e inserção da comunidade no projeto, desenvolve parcerias com várias associações de moradores.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Os projetos da organização não-governamental Umbu Ganzá são avaliados regularmente por monitores do Comunidade Solidária, organização parceira no financiamento. São realizadas reuniões de avaliação por módulo com os jovens, famílias e equipe técnica. A última realizada pela instituição ocorreu em dezembro de 2000.

Os jovens participam dessa etapa de trabalho avaliando o desempenho dos instrutores de cada módulo, assim como as discussões, o planejamento e as decisões.

Outra forma de avaliação acionada pela instituição são as visitas domiciliares e encaminhamento psicológico, a pedido dos jovens.

Produzem-se relatórios periódicos com informações organizadas de forma quantitativa e por levantamentos qualitativos. Recorre-se, também, a registros de frequência dos jovens.

17) Problemas específicos da experiência

- Um dos principais problemas apontados pela instituição é a questão do pouco tempo utilizado para trabalhar as atividades. A instituição considera este aspecto como sendo prejudicial à qualidade dos trabalhos.

Um obstáculo é o pouco tempo de duração do curso, porque um trabalho social educativo não se faz com cinco ou seis meses, ele requer um tempo de maturação. Uma das estratégias para superação foi encaminhar um projeto sobre agentes, arte educadores, sobre DST, HIV/AIDS, onde priorizamos, junto com os jovens, o que eles consideram como essencial no curso e estamos refletindo sobre as possibilidades de eles continuarem estudando (Entrevista com responsável, Recife/PE).

- Os jovens declaram gostar bastante de fazer parte do projeto, mas ressaltam, como obstáculo, a descontinuidade do mesmo,

assim como a estrutura por módulo semanal, que consideram ser difícil e exaustiva.

Eu acho tão bom que eu queria que renovasse por mais um ano, mas outro ponto negativo também é que não tem cursos suficientes para as pessoas que estão querendo participar (Grupo focal com jovens, Recife/PE)

Eu queria que o curso não durasse uma semana em cada módulo, porque para aprender em uma semana é muito difícil, se fosse um mês para cada curso, mesmo sendo sem bolsa, mas uma semana para o cara aprender é muito difícil (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- A questão da escassez dos recursos também foi colocada pela instituição como um problema. Sem financiamento, torna-se difícil dar continuidade aos trabalhos.

O recurso é pouco e a estratégia é priorizar o que é essencial para o curso; trabalhar com instrutores que tenham um maior compromisso social, porque o que pagamos é muito pouco (Entrevista com responsável, Recife/PE).

- Existe certa resistência da comunidade e dos próprios jovens do projeto em relação a outros jovens da comunidade. O argumento é que parte considerável desse grupo tem-se orientado no sentido de procurar o projeto por causa da bolsa, característica considerada pela instituição como causadora de competição entre os jovens.

A estratégia é fazer intercâmbio com experiências de jovens em comunidades semelhantes e com poucos recursos, de preferência que não tenham bolsas, até para que o jovem perceba que está tendo um prêmio (Entrevista com responsável, Recife/PE).

- Segundo educadores, as relações com o poder público podem criar obstáculos. Em alguns governos, estabelecem-se parcerias bastante positivas, mas sua continuidade fica fragilizada e, em muitos casos, comprometida, pois passa a depender, essencialmente, da substituição dessas pessoas.
- As bolsas oferecidas aos jovens podem ter um efeito negativo se forem usadas por políticos, como instrumento de articulação e

favoritismos em fase de eleições, sendo que, muitas vezes, as lideranças locais e comunitárias tendem a manipular o benefício com os jovens. Por outro lado, para alguns jovens, o curso passa a ter valor instrumental, uma vez que se vai ganhar uma bolsa-auxílio.

- A tentativa de reverter a imagem negativa de violência, associada aos jovens da comunidade, tem criado um efeito questionável em alguns momentos, pois ao se destacar individualmente alguns desses jovens, através do reconhecimento artístico, eles passam a ser sentir superiores aos demais, criando uma diferenciação entre eles dentro do projeto.
- A falta de acompanhamento dos jovens, após a conclusão do tempo nos projetos, também foi considerada como um grande obstáculo para o sucesso dos trabalhos. Responsáveis pela instituição reconhecem que essa é uma dificuldade do programa, devido ao fato de que os projetos ocorrem de forma pontual.
- Há uma predominância de jovens do sexo masculino na composição dos participantes. Segundo a instituição, esta característica deve-se ao caráter machista e competitivo dos homens da comunidade, que dificultam a entrada de mulheres nas lideranças comunitárias

18) Por que uma experiência inovadora?

A experiência tem sido considerada bem-sucedida, em decorrência de vários aspectos, dentre eles, a própria receptividade dos jovens e a possibilidade que os projetos da Umbu Ganzá oferecem no sentido de se conhecer outros grupos locais. Os próprios animadores/educadores são jovens da comunidade que passaram por cursos e atividades promovidos pela instituição e que hoje fazem parte do quadro.

- A instituição conseguiu obter grande legitimidade junto à comunidade, que até então vivenciara somente experiências preconceituosas de curta duração, que fortaleciam estigmas sociais, como a violência generalizada.
- O projeto tem sido bastante valorizado, por oferecer alternativas àqueles jovens em situação de maior risco e vulnerabilidade social, visando a seu afastamento.

- Para os atores envolvidos, o projeto tem conseguido contribuir para a institucionalização de suas propostas no âmbito do poder público, insistindo em uma relação de parceria com órgãos do governo. Afirmam também que sua contribuição foi incisiva para a desconstrução da predominância da participação masculina nos programas, ampliando, assim, a participação das jovens em atividades artísticas, antes dominadas pelos meninos.

A gente menina veio mais com intenção no curso de dança, então, como a gente gosta muito de dançar, a gente veio mais por isso, mas só que teve outras coisas, teve colocação de voz, percussão e a gente se interessou em aprender (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- Outro aspecto positivo do projeto foi o investimento na sustentabilidade e na possibilidade de multiplicação dos projetos desenvolvidos com os jovens:

A possibilidade que nós temos é de conseguirmos voluntários e nós estamos tentando uma parceria com quem possa vir que pudesse dar continuidade a esse grupo na questão da musicalização. Outra possibilidade é que o próprio grupo, pela necessidade que tem de continuar a estudar, de estar junto e de se ajudar mutuamente, dê continuidade, até porque já exprimiram o desejo de montar uma biblioteca com o pessoal do Movimento Boca do Lixo. Outra possibilidade, indicando condições de multiplicação da experiência, é explorar o fato de que estamos desenvolvendo um projeto barato – um custo per capita de cerca de 200 reais. Pretendemos encaminhar projetos que tenham também essa tônica da cultura no processo educativo das pessoas, na mobilização comunitária das pessoas, encaminhar projetos a partir dessa experiência e fazer propostas para o Governo, fazer propostas para os conselhos de culturas e insistir em políticas de juventude.(Entrevista com educadores, Recife/PE)

- Além disso, o projeto permite uma educação quanto ao saber popular. Existem contatos entre educadores e a família dos jovens, estabelecendo uma corrente educacional de duas vias (os educadores aprendem mais sobre o contexto familiar e pais e mães sobre cultura juvenil, através de saberes especializados).

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Vários informantes se referem à melhoria na auto-estima, na sociabilidade, no protagonismo dos jovens como efeito do projeto, o que, por sua vez, está relacionado com o fato de os jovens se sentirem capazes de realizações consideradas socialmente importantes, além de terem uma visibilidade social positiva e de ampliar o seu círculo de relações. Mostram-se conscientes de que são sujeitos de direitos e que enquanto tais devem exercê-los, tornando-se, dessa forma, referência para a comunidade na qual estão inseridos.

Do ponto de vista material, os jovens atualmente ganham uma bolsa, refeição, material didático e transporte, além do intercâmbio com outras entidades. Do ponto de vista espiritual: o conhecimento, a troca de conhecimentos, o agregar novas formas, visões e valores, a convivência grupal e com pessoas diferentes, o exercício da responsabilidade, o exercitar o relacionamento, a capacidade de realizar coisas e sonhos e desejos, de mudar sua história e de construção de um projeto de vida, de ser uma referência positiva para outros jovens no bairro, da diminuição de sua manipulação pelos grupos políticos partidários, cabos eleitorais, pelos eternos presidentes de associações, por se relacionar com o poder de forma mais humana e solidária (Entrevista com responsável, Recife/PE).

Os jovens gostam do projeto pelo fato de que se reúnem, estão juntos, entre si. Contribui para elevar a auto-estima, estar junto, conhecer outros grupos culturais de outras comunidades, assim como o incentivo financeiro da bolsa, ter uma “graninha” para ir no cinema, tomar um sorvete, ir à praia. Chegar em casa e ajudar na feira, fazer uma parede em casa, que está caindo, poder ajudar sua mãe, colabora para que os jovens se sintam muito valorizados a partir desse dinheiro. Eles adoram a dinâmica de grupo. Usamos vídeo feito com a colaboração da UNICEF e filmado pela TV Viva, chama-se “TerVida, Ser Grupo” — os jovens gostam, é reconhecimento do trabalho deles (Entrevista com responsável, Recife/PE)

Há evidências de resultados positivos quanto à sociabilidade. A partir de grupo formado no programa pelos jovens, eles organi-

zaram um coral juntamente com um outro grupo que já tocava. Estão fazendo um grupo de chorinho acompanhado de coral, produziram também já um espetáculo de dança que apresentaram com os outros jovens do Umbu Ganzá que já se apresentaram em um festival de cultura no Pátio de São Pedro e também estão organizando um espetáculo de Teatro Fórum a partir das aulas desse projeto (Entrevista com educadores, Recife/PE)

- O projeto possibilitou a descoberta de talentos dentro das comunidades, explorando as potencialidades para o desenvolvimento artístico-cultural do cidadão. Segundo a instituição, houve um aumento significativo da participação das mulheres da comunidade nas ações do projeto. Essa característica foi considerada inusitada devido à predominância de relações sexistas que, até então, privilegiavam somente a participação masculina.

O Umbu Ganzá está abrindo espaço para o pessoal que participa na área de cultura (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

Mudou assim porque a gente nunca ia imaginar que ia tocar na Casa da Cultura Geraldão e hoje em dia a galera tem a maior facilidade através do curso, senão como é que a gente ia chegar lá? (Grupo focal com jovens, Recife/PE).

- As relações dos jovens com a escola melhoraram bastante com a atuação do projeto, permitindo que alguns voltassem a frequentar as aulas. Foi possível identificar mudanças quanto à relação dos jovens com o espaço da escola. Há também a diminuição do envolvimento dos jovens em brigas e maior utilização do espaço físico da escola, como área de lazer e de atividades culturais, tornando-se “*espaço protegido*”, pelos jovens.

Outro ponto que mudou foi o rendimento escolar. Tinha um alto índice de reprovação. O Umbu Ganzá começou com a gente o ano passado, em 1999, quando realizaram vários cursos. E do ano passado para cá houve uma mudança em relação à reprovação, porque, quando o aluno desistia, ficava evadido, no outro ano ele repetia novamente. Agora ele assiste mais as aulas e ele apresenta mais conteúdo, aí realmente para nós está sendo muito positivo. O problema, segundo a coordenação do projeto, é que eles não sabem se continuam aqui, na escola, pois depende muito da manutenção. Mas o que depender de nós, da escola, para que os

projetos dessa ONG aqui continuem, faremos, porque nossa avaliação é que são muito positivos: temos uma melhora no comportamento e no aprendizado da escola. (Entrevista com parceiro, Recife/Pernambuco).

Esses foram pontos mais positivos na nossa escola. Uma escola que se situa em uma comunidade carente, uma comunidade em que o índice de violência é muito alto. Então temos um elevado índice de evasão, de repetência, e também de alunos com distorção idade/série. Esses projetos que estão acontecendo aqui na escola fizeram com que diminuísse mais o número de evasão; que o aluno participasse mais porque sabia que participando da escola seria um meio mais fácil de participar do projeto. Esse aluno ficou até mais consciente do seu dever, mais cidadão, e ele ficou até mais exigente, brigando pelos seus direitos. Quando eu, como diretor, digo “é por aqui”, ele ou ela dizem “não, não é por aqui não, por isso, por isso e aquilo” (Entrevista com parceiro, Recife/Pernambuco).

4.7.5 Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente - PACA

- 1) Nome da organização
Secretaria de Ação Social (SEAS) da Prefeitura da Cidade de Camaragibe - Pernambuco
- 2) Data de fundação
1997
- 3) Cidade/Estado
Camaragibe/PE
- 4) Tipo de organização
Prefeitura Municipal - órgão governamental
- 5) Nome do projeto/programa
PACA - Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente.
- 6) Contato
 - a) Nome: Adelaide Suely de Oliveira
 - b) Cargo: Secretária de Ação Social da Prefeitura de Camaragibe, Pernambuco.
 - c) Telefone: (81)3458-2974
 - d) E-mail: seas@camaragibe.pe.gov.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
Prioritariamente nas comunidades, através de parcerias com as entidades sociais, as Igrejas e Escolas, mas também na sede da Secretaria de Ação Social.
- 8) Origem dos Recursos
Prefeitura Municipal de Camaragibe, UNICEF e Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança e do Adolescente
- 9) Áreas de atuação
Arte, cultura, educação e meio ambiente
- 10) Objetivos
Cumprir o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei Orgânica de Assistência Social, no que diz respeito à atenção às crianças e aos adolescentes.
- 11) Público-alvo
Crianças e adolescentes das cinco regiões político-administrativas do município, de sete a 17 anos, meninos e meninas, de todas as raças e credos, que estão em situação de risco pessoal e social e/ou em conflito legal - encaminhados/as pela Vara da Infância e da Juventude ou Conselho Tutelar

12) Caracterização e histórico

Em 1997, foi feito um levantamento da situação dos jovens no município de Camaragibe. Os resultados mostraram um alto grau de vulnerabilidade social ao qual os jovens do município estavam submetidos. Constatou-se um alto nível de violência cometida contra os/as jovens na comunidade, inclusive mortes; um alto índice de gravidez na adolescência, cerca de 40%, incluindo crianças de dez e 11 anos etc. Os jovens não tinham nenhuma perspectiva para as suas vidas e ainda não contavam com um espaço para o lazer. Muitos estavam fora da escola e os que freqüentavam o colégio num turno, no outro período estavam soltos, sem atividade.

Diante dessa realidade, foi implantado o Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente, devido à necessidade de trazer outras atividades que ocupassem esses jovens com outras questões e de se discutir a problemática junto com eles. Assim, partiu-se de um diagnóstico que foi feito pela Secretaria, com a ajuda de um grupo grande de educadores/as, a partir de um levantamento da situação do município. Hoje o PACA é considerado o programa com crianças e adolescentes mais importante da Prefeitura. É importante ressaltar que no ano 2000 o município de Camaragibe recebeu o Prêmio Prefeito Criança, promovido pela Fundação Abrinq pelos Direitos das Crianças.

13) Recursos humanos

O programa conta com animadores que aliam formação acadêmica e experiência em cultura e educação popular, além de história de participação em movimentos sociais, em ONGs e na área governamental, no campo da arte-educação, em atividades voltadas para jovens em populações carentes.

Entre outros, integram o programa como animadores: uma psicóloga social com experiência em comunidades carentes, trabalho no governo (prefeitura) e em ONG; dois animadores com formação em história e experiência em trabalhos com adolescentes em situação de rua, tendo se especializado em cidadania através de expressões culturais, além atividades de dança e cultura com mulheres adolescentes com história de consumo de drogas.

Os animadores passaram por processo de seleção curricular, que também compreendeu a elaboração de propostas de trabalho discus-

tidas em grupo, um elemento de capacitação para trabalho em equipe, formalizando-se, a partir daí, atividades semestrais de capacitação. Enfatizam os animadores a importância de uma relação e de um compromisso profissional. A capacitação seria constante, segundo a coordenação, considerando-se que, para que o adolescente confie, é preciso que o animador tenha capacidade técnica, além de sensibilidade para lidar com jovens. A maioria trabalha em tempo integral e todos são remunerados, inclusive os estagiários.

14) Programas e projetos em curso

O PACA é um programa que se ramifica em distintos projetos e cursos, tais como: informática, inglês, serigrafia, percussão, capoeira, dança e teatro. Entre os projetos, citam-se o Criarte e a Brigada Ecológica. As atividades que mais atraem os jovens são informática, percussão e capoeira, em particular os que estão com 16 e 17 anos, possivelmente porque estes querem aproveitar ao máximo os recursos oferecidos pelo programa no pouco tempo que ainda dispõem, já que, em média, se retiram do programa com 18 anos. Tal procura também pode tanto indicar a excelência e legitimidade social do programa entre a população-alvo, como apontar a inexistência de outros programas similares. Os cursos oferecidos pelo programa duram em média seis meses, mas há os que se estendem por um ano.

O PACA é um programa que tem hoje oito projetos voltados para a criança e o adolescente, e cada projeto tem um objetivo específico. O Criarte trabalha com crianças e jovens na faixa de sete até 17 anos e meio, com a parte cultural, da criatividade, tem oficinas de percussão, serigrafia, enfim, oficinas que estão ligadas às questões culturais e, por dentro dessas oficinas, nós discutimos temáticas que dizem respeito ao adolescente: violência urbana, gravidez, AIDS (nos cursos). Os cursos são um pretexto, o texto mesmo é discutir temáticas do jovem. Tem as Meninas e Meninos de Camaragibe que trabalha com adolescentes na faixa de dez a 17 anos, apesar de que, como está muito direcionado às escolas municipais, acaba atendendo jovens de dez a 14 e 15 anos e aí nós discutimos temáticas que dizem respeito à sexualidade, relações de gênero, violência doméstico-sexista, DSTs e AIDS. É um momento de encontro, de informação e de preparação para essas adolescentes. Tem o Criança Camará que é um projeto de erradicação do trabalho infantil, com o trabalho de retirada das

crianças da área do lixão, 110 crianças. Tem um outro projeto que se chama Agentes Jovens Cultura e Meio Ambiente que está ligado a menores infratores e trabalha mais a questão da violência urbana – é para atender a esse grupo que está mais vulnerável à questão da violência urbana. Nós trabalhamos com esses jovens dando curso de capacitação dentro da cultura e meio ambiente para que eles sejam agentes multiplicadores. Esse projeto tem três anos e geralmente o público é enviado pelo Conselho Tutelar e pela Vara da Criança e da Juventude. Outro projeto é o Brigada Ecológica em que estão jovens de dez a 17 anos e meio que discutem a questão do desenvolvimento sustentável e meio ambiente e eles com ação junto às comunidades. O outro projeto se chama Cidadania Legal que trabalha só com adolescentes infratores encaminhados pela Vara da Criança e da Juventude, é um acompanhamento mais particularizado e tem um projeto que está iniciando agora, com a campanha Basta de Abuso, maus-tratos e exploração contra crianças e adolescentes, que é um projeto contra o abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Nós trabalhamos a questão da violência contra a criança e o adolescente e em relação a essa problemática específica, temos um público de 150 jovens atendidos(as). Fizemos um levantamento, um diagnóstico de crianças que sofreram abuso sexual ou estupro, nós utilizamos mecanismos da Vara, do Conselho Tutelar, Delegacia e nós chegamos a um número próximo a esse num período de um ano, um índice altíssimo de violência cometida contra a criança e o adolescente. Vamos criar um núcleo aqui de atendimento, além de uma ação preventiva nas comunidades (Entrevista com a coordenação, Camaragibe/PE).

Antes havia mais rapazes nos projetos do PACA, hoje a frequência está bem dividida entre os sexos. Os projetos atendem tanto a uma demanda espontânea, considerada “social”, como a outra induzida, “legal”, enviada pelo Conselho Tutelar e Conselho de Direitos.

15) Metodologia

Animadores elaboraram uma proposta de trabalho que compreende, inclusive, um diagnóstico da cidade e de todas as comunidades específicas. Em tal diagnóstico, enfatizam-se as escolas, sua situação e necessidades. Toda a equipe se reúne periodicamente para preparar um planejamento integrado, as abordagens são transdisci-

plinares e têm, como base, a prevenção contra violências. Assim, por exemplo, se for selecionado como tema de debate a violência doméstica ou as drogas, todos irão trabalhar nas suas oficinas com este tema. Em todo trabalho, são desenvolvidas atividades baseadas em três eixos temáticos: gênero, sexualidade e raça, considerados estratégicos para mudanças de comportamento.

O projeto busca desenvolver uma combinação entre uma atividade com finalidades artísticas e a profissionalização. No curso de informática, que exerce forte atração sobre os jovens, a orientação é passar valores de cidadania. Por exemplo, no ensino de programas como o Microsoft Excel e Word, são construídas planilhas, gráficos e tabelas sobre violência, recorre-se a estatísticas sobre violência contra a mulher.

16) Redes, multiplicação e parcerias

O projeto desenvolve articulações com outras secretarias, com a Igreja, com a Universidade Federal de Pernambuco e outras instituições. Alguns projetos recebem também colaboração financeira de organizações como a UNICEF e a ABRINQ. Vários projetos têm recursos do Governo Estadual e do Ministério da Previdência e Assistência Social.

O programa se enreda em um processo de contatos com outras organizações no campo de programas sociais, mais por conta das relações dos animadores, indicando-se falhas de contatos com outros projetos de governo (por exemplo, com a Fundação de Cultura, que, entre outras atividades, desenvolve teatro com jovens). Alguns animadores vieram de organizações tais como a Casa de Passagem (para mulheres relacionadas ao trabalho de prostituição), o Teatro Camará, e de outros projetos da Prefeitura, tais como o Programa Jovem Aprendiz do SINE (com recursos do FAT e em parceria com o SEBRAE), que orienta para estágios, mas, destacam os animadores, faltam alternativas governamentais, para encaminhamento dos jovens em termos de continuidade do processo de profissionalização

Na formação das turmas, entrevistam-se os familiares dos candidatos, o que colabora nas estratégias de lidar com os jovens, detectando-se dificuldades de relacionamento entre os jovens e seus familiares. Mantêm-se contatos periódicos, no sentido de intervir também no nível familiar.

Tem adolescente com desejo muito grande de aprender, de querer mudar, de estar inserido no outro contexto. Mas se percebe também que é um adolescente muito abandonado. Há um índice de abandono, na família, muito grande. Eu percebo nos atendimentos que faço. São adolescentes que a família delega para quem está interagindo com aquela criança ou com aquele adolescente a responsabilidade de mudar o comportamento dele. Quando não é, de fato, a nossa responsabilidade. O nosso papel é também trabalhar com a família; interagimos com a família, orientamos, em determinados casos, para que possa, a família, contribuir com a mudança de comportamento desse adolescente, o que de fato, às vezes, ocorre. (Grupo focal com técnicos/animadores, Camaragibe/ PE)

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Os diagnósticos de comunidades, com ênfase nas escolas, colaborariam para reformatar projetos de acordo com as realidades vividas pelos jovens:

O diagnóstico é uma avaliação qualitativa, uma leitura da realidade feita por uma equipe de cinco pessoas da própria Secretaria (usado para criação do Criarte). Nós íamos todos os dias para alguns pontos da cidade, observar. Observar a realidade, observar o comportamento, a quantidade de adolescentes que viviam pelas ruas do Centro. Observando e anotando o que via e depois fazendo algumas entrevistas, não estruturadas. Algumas entrevistas com comerciantes, com lideranças comunitárias, com agentes de saúde. Com isso a gente fez uma leitura da realidade das crianças e adolescentes da cidade (Grupo focal com técnicos do Programa, Camaragibe/PE).

O programa passa também por avaliações externas, na medida em que recebe colaboração de fontes não-governamentais. Por exemplo, no momento estava sendo avaliado pela UNICEF (com término previsto para dezembro). Também são contratadas avaliações externas.

18) Problemas específicos da experiência

- Como principal problema, os responsáveis pelo projeto apontam os cortes no orçamento da Prefeitura e da SEAS que incidem, muitas vezes, nos projetos:

O maior obstáculo é o dinheiro, porque apesar de se ter o financiamento de várias entidades, o que com certeza segura muito,

ainda é pouco para o tamanho do programa. Não conseguimos atender ainda os grupos que se queria atingir dentro das comunidades, a demanda é muito maior, e nem divulgamos muito o programa, porque temos medo de criar uma expectativa e não dar conta, não estar respondendo. (Entrevista com a coordenação, Camaragibe-PE)

- Outras dificuldades enfrentadas para a realização do projeto: recursos humanos, considerados bastante insuficientes frente às demandas; poucos recursos materiais para o exercício do trabalho; espaço físico restritivo para os tipos de atividades, muitas delas se desenvolvem nas escolas e nas comunidades; problemas de gestão de projetos, faltando uma supervisão e assessoria técnica mais presente que possibilite um planejamento a longo prazo; autonomia técnica limitada dos monitores, o que, acredita-se, se deve ao fato de se estar em uma instituição pública, reclamando-se mais legitimidade das atividades realizadas por parte da Prefeitura (conhecimento da dinâmica, não somente dos resultados). Tal problema, segundo os animadores, deriva também da “falta de compreensão da importância social” do trabalho, dificultando a agilidade na tomada de decisões o que afeta a realização de atividades.

A instituição não consegue dar conta do avanço do adolescente, do avanço da proposta. Tivemos uma proposta de fazer maracatu, juntando grupos de dança em uma comunidade e surgiu a idéia de se montar o maracatu no Dia das Crianças. No mês do trabalho, a instituição teve problemas financeiros e não deu conta daquilo que os jovens construíram. (Grupo focal com técnicos, Camaragibe/PE)

19) Por que é uma experiência inovadora?

- Segundo a coordenação, o programa pode ser considerado bem-sucedido, devido à sua expansão. No início, havia uma média de 200 adolescentes no Criarte, e chegou-se a quase 3.200 atendidos em quatro anos. No segundo semestre de 2000, o PACA atendeu a cerca de 1.200 jovens.
- Faz parte da história de sucessos do projeto, casos específicos de recuperação de alguns jovens. É o caso de um jovem encaminhado ao PACA pela Vara da Infância e Adolescência, por envolvimento em violências, assalto e tráfico de drogas. Hoje

com 18 anos, ele participa de um grupo de teatro da comunidade, faz artesanato, e ainda mantém laços de afetividade com a equipe do programa, sendo por ela acompanhado. Contam o caso de outro jovem, cúmplice de um assassinato, que confessou para os monitores tal envolvimento, sendo encaminhado para atendimento psicológico e pelo Conselho Tutelar e a Vara, criando-se, assim, uma rede de proteção e recuperação em torno dele. Narra-se, ainda, o caso de um jovem que passou pelo programa e fez o vestibular.

- O projeto possibilita uma mudança na percepção do jovem quanto à realidade em que vive.

É tocar na sensibilização mesmo, na emoção do que é belo, naquilo que é não só especificamente belo, mas que revela para eles o comportamento deles. Com certeza, contribui para essa mudança de atitude com a questão da violência, ameniza essa dor de estar indo tudo de uma maneira tão cruel, dá uma outra esperança para esse grupo que está na vida deles, o único medo que a gente poderia ter aponta para ele, como que eles poderiam estar indo à luta pelos direitos deles (Entrevista com a coordenação, Camaragibe/PE).

Projetos como o do PACA investem em uma preparação, mas sabemos que os jovens vão enfrentar uma realidade muito dura, no momento que eles estiverem no mercado de trabalho o confronto é muito maior em relação a essas desigualdades sociais (Entrevista com a coordenação, Camaragibe, PE).

- Destacam-se ainda: motivação e compromisso com a perspectiva de alternativas contra violências, por parte dos educadores-animadores; motivação da comunidade, criada com o êxito das atividades.

Sempre no final do curso, a comunidade volta a procurar a gente. Tem uma motivação. (Grupo focal com técnicos do programa). autoconfiança entre os jovens mudaria. Passam também a acreditar, *“ganham confiança de que é possível mudar, transformar, se humanizar mais, a relação familiar passa a ser mais afetiva.”* (Entrevista com a coordenação do PACA/SEAS, feminino, Camaragibe, PE).

A capacidade crítica se desenvolve entre os jovens, apontam falhas dos próprios educadores, *adquirem* conhecimentos em rela-

ção a direitos, melhoram no desempenho escolar: *“Hoje eles participam muito mais das aulas, eles são líderes, melhora o rendimento (Entrevista com a coordenação, Camaragibe/PE).*

- Também os jovens destacam o que consideram aspectos positivos dos projetos, a saber: o fato de que o projeto possibilita um espaço alternativo de ocupação do tempo, e de forma criativa, afastando-os de um ócio sem sentido e de situações de violência. Relatam mudanças em sua vida a partir da participação nos projetos e diferenciam suas vidas da dos jovens que não participam deles.

Os jovens que não fazem o projeto vão para escola e à tarde ficam batendo bola, conversando, se juntando aí nos grupinhos, tem uns que fazem alguma coisa boa e tem outros que não ligam para nada. Os projetos são muito interessantes, tirou muito adolescente de ficar em casa sem fazer nada, de se juntar com pessoas que não deve para vir fazer os cursos daqui, é muito importante (Entrevista com jovens, Camaragibe/PE).

20) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Mudanças comportamentais dos jovens: passam a se apresentar melhor após ingresso nos projetos e modificam seus gostos culturais, valorizando mais expressões da cultura nacional e regional, como o maracatu.
- Quando comparados a jovens que não passaram por projetos do programa, os que deles participaram destacam-se por apresentar maior nível de integração ao grupo, exercendo liderança. Por exemplo, eles organizam atividades culturais nas suas comunidades e convidam os animadores para participar (alguns exemplos: um jovem do Alto da Pedrinha organizou atividade em sua escola, pedindo a participação dos animadores do programa; outro fez uma fita de vídeo, sobre grupos culturais da comunidade).
- São apontadas ainda mudanças no imaginário sobre as instituições, havendo uma certa recusa de desencantamento em relação a elas, como freqüentemente ocorre entre os jovens. Verificam-se ganhos em relação a uma postura cidadã, de responsabilidade social, e outros ainda destacam a ampliação de tal postura, pelo reconhecimento de seus direitos:

Antigamente eu acho que passava pela cabeça deles que a Prefeitura, ou seja, a sociedade, não tinha objetivo para com esses jovens, e hoje, graças a Deus, tem essa preocupação com os jovens, essa preocupação com o jovem cidadão, e eu creio que o trabalho que a Prefeitura está desenvolvendo, não só aqui, com a gente, mas com os meninos de rua, é um trabalho legal, um trabalho muito massa, porque ele não visa o hoje, ele visa o amanhã, o que é que você vai ser amanhã, quais serão suas atitudes amanhã, quais são os seus hábitos (Entrevista com jovens, Camaragibe/PE).

Então, no meu bairro, esse projeto é de extrema importância, porque antigamente lá o pessoal não queria saber de se preocupar com nada, eu mesmo tiro por mim, eu já fumei, já fiz muita coisa, mas depois desse projeto eu vi que essa coisa de fumar, de prejudicar os outros, não tá com nada, depois desse projeto mudou muita coisa na minha vida, eu me estruturei (Entrevista com jovens, Camaragibe/PE).

Para mim, serve muito, porque depois que eu entrei na Brigada Ecológica, eu comecei a pensar diferente, porque antes eu jogava lixo no chão, quando eu passava na rua, é normal, todo mundo joga, mas depois que eu entrei na Brigada Ecológica é que eu vi que isso era errado, que eu estava fazendo uma agressão ao meio ambiente e outras coisas como cortar árvores, que eu não cheguei a fazer isso, mas a gente vê o que acontece por aí, então eu passei a ser defensora do meio ambiente e eu não faço mais isso, se eu ver uma pessoa fazendo isso, eu falo com ela e tento explicar que ela está errada, tem muitos que não aceitam, mas tem outros que têm até uma visão do meio ambiente (Entrevista com jovens, Camaragibe/PE).

- Através das atividades do projeto, os jovens mudam sua percepção sobre os seus direitos:

Na minha vida, teve uma mudança positiva, porque aqui na Brigada, dia de quarta-feira, trabalha com a gente a psicóloga, ela trabalhou sobre gênero e sobre violência, aí isso me mostrou que eu tenho que lutar em casa para minha mãe me tratar igual aos meus irmãos, não dizer que o meu irmão pode sair e eu tenho que ficar em casa, minha mãe pode até dizer isso, mas eu tenho que lutar pelos meus direitos, eu acho que ensina a gente lutar pelos nossos direitos e cumprir os nossos deveres (Entrevista com jovem Camaragibe/PE).

4.8 Paraná

4.8.1 Escola de Rodeio Erê

1) Nome da organização

Escola de Escola de Rodeio, Baliza, Tambor e Adestramento Erê.

2) Data de fundação

1990.

3) Cidade/Estado

Campo Mourão/PR

4) Tipo de organização

Empresa privada

5) Contato

a) Nome: Isaías Gênero.

b) Cargo: Coordenador do projeto

c) Telefone: (44) 523-3821

6) Locais onde são realizadas as atividades

Sede da fazenda em Campo Mourão/PR

7) Origem dos recursos

Recursos próprios

8) Áreas de atuação

Esporte

9) Objetivos

- Contribuir para a formação de jovens “cowboys”.
- Capacitar jovens para atividades ligadas à pecuária.
- Ocupar os jovens com uma atividade que combate a ociosidade.

10) Público-alvo

Crianças e jovens de camadas populares, moradores de Campo Mourão, Janiópolis, Turneiras do Oeste, Araruna, Tabiru, Apucarana e Maringá. Todos matriculados em escolas de ensino formal

11) Caracterização e histórico

A Escola de Rodeio Erê é uma entidade privada, criada com o objetivo de ensinar aos jovens as técnicas de rodeio competitivo e também capacitá-los para o trabalho com a pecuária e criação de animais.

Segundo o coordenador, o projeto surgiu de forma casual, a partir de um pedido feito ao coordenador por um amigo.

Tudo começou quando um ex-peão, amigo meu, sofreu um acidente que o deixou paralisado. Antes de morrer, ele me pediu para realizar um sonho que ele não pôde realizar, que era montar uma escola de peões. (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

A experiência já vem sendo desenvolvida há mais de dez anos, formando peões profissionais e trabalhadores rurais.

12) Recursos humanos

A escola tem funcionários, apenas alguns voluntários ocasionais. O coordenador é o responsável pela execução de todas as atividades da escola. É ele que gerencia e faz a gestão das atividades administrativas.

13) Programas e projetos em curso

A atividade principal para os meninos e onde se concentra o treinamento é o rodeio. No entanto, os jovens não são obrigados a participar desse treinamento. Existem várias outras opções de entretenimento na fazenda, além das tarefas que todos devem aprender e cumprir.

Durante o dia, os meninos podem fazer tambor, baliza, cadeira mecânica, natação, futebol, andar a cavalo. Também aprendem a mochar (cortar os chifres do gado), ordenhar, casquear (cortar o casco do animal), tosar, domar, constroem cercas e se envolvem com a rotina de manutenção da fazenda.

14) Metodologia

Para que o jovem possa ingressar na escola, é preciso que seja feito um cadastro e que o pai ou responsável assine um “termo de

responsabilidade”, devido aos riscos que corre a criança na prática do esporte.

É imprescindível também que o jovem esteja matriculado em uma escola de ensino formal para poder participar das atividades da Escola de Rodeios. Além disso, a escola possui um “regulamento interno” que deve ser obedecido pelos alunos e que parece ser rigorosamente seguido pelo professor. Este regulamento contém normas de conduta que servem como diretrizes para os jovens que participam da escola.

Todos os alunos são do sexo masculino. O coordenador acredita ser difícil, com os atuais recursos do projeto, administrar a participação de garotas. Segundo ele, as meninas requerem mais atenção e provocam distrações dos rapazes. Porém, algumas meninas frequentam a escola, eventualmente, participando de cavalgadas, provas de tambor, baliza, mas não participam dos treinos.

As atividades de treino, divertimento e de cuidados com a fazenda são feitas aos sábados e domingos durante o dia. De noite, acontecem os rodeios da Escola. O grupo ainda participa de alguns rodeios tradicionais da região. Além disto, são feitos dois concursos por ano nas áreas de literatura, música, poesia, desenho. O tema do concurso e a respectiva data são combinados entre os alunos e o professor.

Para exercer a profissão de peão de rodeio, os jovens precisam ter no mínimo 18 anos de idade e uma “carteira” que os habilita para a prática do esporte. Sob a responsabilidade da Escola Erê, para conseguir atingir esse objetivo, os meninos devem demonstrar conhecimento e habilidade, somente a idade e a frequência à Escola não são suficientes. O professor parece ser mais rigoroso em relação à técnica do aluno do que quanto à idade do mesmo.

A partir do momento em que eles completarem 18 anos, ou se eles acharem que têm capacidade, e eu também achar que eles podem ir, a gente dando a carteirinha e a carta, eles poderão seguir os rodeios (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

Toda a frequência dos alunos é anotada e para todas as atividades por eles exercidas se atribui uma nota. Além disso, o coordenador do projeto procura acompanhar o desempenho do aluno na escola da comunidade.

Mesmo os jovens que já obtiveram suas licenças são obrigados a manter uma frequência mínima de 30% durante o ano à Escola

para que elas sejam renovadas. Quando eles visitam a escola, participam, junto ao professor, da avaliação dos alunos.

As atividades de pesquisa, escrita e desenho também são avaliadas. Os trabalhos também são levados pelo educador à unidade de ensino em que estuda o jovem, para que sejam avaliados por outros professores de português e educação artística.

O acompanhamento dos jovens que já passaram pelo projeto é informal, ou seja, não é sistematizado e não acontece de forma regular.

15) Redes, multiplicação e parcerias

Não há parceria com qualquer organização congênera. A principal razão para que isso ocorra é a falta de divulgação do projeto. Em algumas ocasiões, a escola foi tema de reportagens em jornais, revistas e telejornais. Porém, as pessoas da comunidade costumam tomar conhecimento do projeto através dos próprios meninos que dele participam ou do professor.

Mesmo com a família dos jovens, o projeto não mantém uma relação de parceria visto que a maior parte dos jovens provém de famílias extremamente carentes socioeconomicamente, e poucos são os pais que possuem condições de auxiliar o projeto, principalmente provendo-lhe recursos. A distância, por sua vez, da fazenda em relação aos bairros onde moram é outro fator para que os pais não participem das atividades do projeto junto aos filhos.

Alguns dos garotos formados pelo projeto Erê conseguem destaque como peões de rodeio nacional e internacionalmente. Esses jovens sempre retornam a Campo Mourão e, quando o fazem, costumam trazer consigo outras pessoas para visitar a Escola de Rodeios.

A divulgação muitas vezes atrai mais meninos para a escola, entretanto, excetuadas as contribuições momentâneas dos visitantes, nunca trouxe parcerias para o projeto.

Não há colaboração por parte da Prefeitura, do Estado ou do Governo, em qualquer instância, ainda que muitos alunos e algumas pessoas da comunidade tenham depositado esperanças de apoio governamental em um vereador que ajudaram a eleger.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Devido à pouca institucionalização de suas atividades, o projeto não conta com uma avaliação sistematizada do seu trabalho.

17) Problemas específicos da experiência

- Falta de recursos para atender às necessidades dos jovens e para a manutenção da Escola-fazenda.

A inexistência de parcerias, não apenas com o Governo, mas com outras entidades, é um grande impedimento para o desenvolvimento do projeto.

O problema é que a Prefeitura não ajuda a escolinha. Precisa trocar uma ferragem, eles não mandam dinheiro para trocar a ferragem. A comida é o Isaías que compra e dá para a piaçada. A Prefeitura não ajuda. A gente se sente abandonado. Um projeto que tira muito moleque da rua e eles não ligam para ele (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- Distância entre seus bairros e a fazenda.

Não existe transporte coletivo que leve os jovens até a Escola Erê. Muitos deles percorrem os cerca de 25km de estrada de chão, de bicicleta ou a pé, levando uma hora ou uma hora e meia para chegar ao local.

- Falta de apoio para socorro médico em caso de acidentes, principalmente durante os treinos e rodeios.

O professor não faz treinos ou rodeios se não houver no local ao menos um carro para transportar algum aluno com ferimentos. No entanto, os relatos evidenciaram a ocorrência de acidentes graves que não puderam ter socorro imediato.

18) Por que uma experiência inovadora?

- O projeto é considerado bem-sucedido, apesar da precariedade das condições em que é sustentado. A melhor expressão disso é o empenho dos jovens, que enfrentam grandes dificuldades para poder freqüentar a Escola, além do número extremamente pequeno de desistências no programa.

Ele [o projeto] tem tudo para dar certo, a partir do momento que tenhamos ajuda de alguém, político, religioso, social mesmo. [...]

Hoje em dia estão em prática a cavalgada, o turismo rural, as hospedarias rurais, incentiva-se muito para este lado, referente à escola que mexe com a zona rural. (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

- Quanto ao fato de os meninos sonharem em se tornarem peões de rodeio famosos, um dos membros da comunidade comenta:

Tem que alimentar esse sonho, porque é o estímulo deles. A inspiração vem dali. Mas, paralelo a esse sonho, é criada uma coisa mais sólida, que é a profissionalização, a educação, a escolaridade (Entrevista com membro da comunidade, Campo Mourão/PR).

- Toda as pessoas entrevistadas reconhecem o carisma do coordenador do projeto e crêem que o projeto consegue transformar, em vários aspectos e para melhor, a vida dos jovens que vão até a Escola.

Desde que meu filho veio [para a Escola Erê], eu agradeço ao professor, que deu um incentivo para ele, achou que ele ia bem e continuou dando. É uma pessoa de quem eu queria que o prefeito daqui e mais alguns governantes tomassem um maior conhecimento (Entrevista com pai/mãe/responsável, Campo Mourão/PR).

- No projeto, entretanto, não se entende por educação apenas o que os alunos aprendem em sala de aula, apesar de ser exigido que os meninos a frequentem. Tampouco o professor se concentra nas atividades de leitura e pesquisa que eventualmente promove. Todas as atividades desenvolvidas na fazenda são tidas como educativas. A prática do esporte, por exemplo, ensina aos jovens a importância em se ter cuidado com a saúde, com o preparo físico, faz com que aprendam a cuidar bem dos animais e cria um ambiente de cooperação e compreensão entre os garotos. As atividades recreativas também são vistas como educativas, uma vez que promovem o contato do jovem com a natureza, levando-o a entender a importância de preservá-la. Essas são algumas das qualidades da escola rural.

Acho que no esporte, na arte, na cultura, o jovem passa a ter contato com ele mesmo. Então, não é uma coisa imposta. Ele vai fazer o que ele gosta. E nada é melhor do que você se dedicar àquilo

que gosta de fazer. É uma coisa de muita boa vontade que o jovem está fazendo. Ele se sente muito mais valorizado. É a autovalorização do jovem. Cada passo que ele dá em direção ao sucesso é uma conquista que ele faz. Com essa conquista que fez, ele passa a ter parâmetros que antes não tinha (Entrevista com membro da comunidade, Campo Mourão/PR).

Ajuda bastante. A partir do momento em que ele pegar alguma coisa para fazer, uma pesquisa, ele vai ficar com o pensamento na pesquisa. Ele não vai começar a pensar no que ele tinha que fazer lá com o companheiro, se ele deixou de roubar, se deixou de brigar, se deixou de bater na rua.[...] Aqui nós temos dois concursos por ano. Esse concurso pode ser de música, literatura, poesia, desenho. Esse do desenho era um concurso de desenho country: touro e cavalo. Saímos bem-sucedidos. Foi a nível estadual e os meninos se classificaram bem. (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

- Ao ser perguntado se os meninos da Escola de Equitação estavam longe do risco de se envolver com drogas e violência, um dos pais respondeu:

Com certeza. A piaçada gosta muito do professor da Escola. Eles me respeita, sabe. Acho bonito isso. Faz parte. A gente percebe que alguma coisa está tocando neles (Entrevista com pai/mãe responsável, Campo Mourão/PR).

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

Segundo os relatos obtidos nessa pesquisa, são vários os impactos positivos da Escola Erê na vida dos jovens que dela participam.

- A persistência dos garotos em permanecer no programa e mudanças radicais nas suas vidas e na mentalidade do grupo.

Acho o seguinte, a partir do momento em que a pessoa começar a gostar de animais, e você tentar ajudar, ela pára de mexer com a droga, pára com a violência.[...] Aqui mesmo, na montaria é 50 por 50. É a força do animal contra a cabeça da pessoa, tem que usar a inteligência. Se ele fizer maldade, estará recebendo maldade. Quanto mais bater, mais ele vai ser responsável pelo que ele fez. O boi

bravo bate com mais violência ainda, o que prejudica o aluno. A partir desse momento, ele vai ver que não adianta ser rebelde, não adianta marginalismo, não adianta briga ou qualquer coisa assim (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

- Segundo a percepção dos informantes pesquisados, os jovens passam a apresentar uma melhora em seu comportamento e postura.

Ah! Muda bastante. No primeiro ano, eles têm que cumprir o regulamento interno e externo. A gente nota que na escola houve menos gente matando aula, aluno participando mais da escola, melhora no ensino. O aproveitamento na escola é bem melhor do que antes. A partir do momento em que eles começam a viver em sociedade, viver em grupo, eles vêem que a parte deles será melhor, eles capricham mais nas escolas. Eles evoluíram bastante.[...] Os professores comentam bastante, perguntam como é que é a escola, querem participar (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

- Jovens iniciam os estudos, e outros, que haviam parado de estudar, voltam às salas de aula. Além disso, o incentivo à leitura também parece surtir efeito.

Nunca estudei, não. Não tive oportunidade. Agora, uma professora perto de casa está dando aula para mim, particular (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

O [coordenador] fala que quando a gente não tiver nada para fazer é para a gente ler. [...] Eu gosto de ler sobre animais, cabrito, raça de cavalo, raça de cabrito. Eu gosto de ler sobre essas coisas. Gosto de ler sobre quantidade de leite, sobre qual o melhor tipo de leite, o melhor para fazer queijo, para doce (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

Uma palavra que a gente não sabe, que a gente não conhece e a gente vê os outros falando, ele dá o dicionário para a gente procurar. Dicionário é o que mais tem para a gente procurar palavras (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- Largar os vícios, como bebidas e outras drogas, também é algo que provoca profundas transformações na vida dos jovens. Há melhora na qualidade de vida e a própria mentalidade dos jovens sofre mudanças.

Estudo à noite e nos finais de semana venho praticar esse esporte, chamado rodeio, que me ajudou a aprender a respeitar as pessoas, largar o vício do cigarro e da bebida. Isso me ajudou muito e me colocou dentro da igreja (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

Dia de sábado, não tem o que fazer, todos os rapazes vão para a danceteria. Lá acontece briga, drogas, acontece tudo isso. Os piás que vêm aqui têm a cabeça diferente da dos outros. Aqui, tem mais animal, mais nataçãõ, essas coisas (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- Os jovens são afastados da violência e lhes são oferecidas opções e recursos para que tenham um futuro melhor.

A tomada de consciência com relação aos problemas da sociedade e até mesmo o interesse pela participação política ficou evidente nas respostas do Grupo focal. Faz parte dessa tomada de consciência um dos principais impactos do projeto: o aparecimento de perspectivas e expectativas de vida, uma “visão de futuro” dos jovens.

Acontece que o jovem é muito relaxado. Ele quer saber só de bagunçar. Não aprende, não pensa no futuro dele. Ele não pensa em estudar (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

Os culpados somos nós mesmos. O problema é que o brasileiro tem memória fraca. Fernando Collor, por exemplo. Se ele se candidatar a presidente, ele é bem capaz de se eleger de novo (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- Há um impacto positivo nas escolas, até mesmo com aqueles que não fazem parte do projeto Erê. Isso ocorre pelo fato de os alunos do colégio, vendo seus professores corrigindo os trabalhos dos alunos do projeto, ficam curiosos e querem saber o que os colegas estão fazendo.
- O impacto sobre o modo de o jovem avaliar a importância dos estudos é visível:

[...]Por isso é que o estudo é importante, hoje em dia. Você consegue um serviço bom, aprende a falar melhor com as pessoas, aprende a respeitar. Porque o estudo não é só ensinar você a ler e

escrever, ou fazer contas. Atende a ensinar você a pensar (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- Os jovens desenvolvem entre si o sentimento de companheirismo, sentem-se parte de um grupo com identidade própria e aprendem a respeitar uns aos outros.

Todos aqui são amigos uns dos outros. Não tem isso de um querer atrapalhar a vida do outro. Aqui todo mundo ajuda. Ajuda o Isaías. Se alguém não sabe amarrar uma corda, a gente vai lá e amarra. Quando chega aluno novo, a gente orienta. É assim. Sempre foi assim, desde a primeira vez, e gostaria que continuasse (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- O convívio com os animais e os cuidados com os recursos da fazenda criam, ainda, na mente dos meninos, uma consciência ambiental.

Até o clima de hoje é pior que o de antigamente. O homem desmatou muito a natureza. O sol ficou muito quente. Por causa da poluição, abriu aquela camada de ozônio. Até a água está acabando. Se não rastearem a água vai acabar tudo. Antigamente era tudo mais gostoso, o ar era mais puro (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

O homem devia ter a consciência de preservar a natureza. Porque hoje em dia as pessoas só pensam em desmatar, para enricar, contaminar os rios caçando ouro... você não pode fazer isso. Não ligam, por exemplo, se aquela represa tem pouco peixe, vão pescar de tarrafa e tudo.[...] Ele não pensa que amanhã pode vir o filho dele e aproveitar essas coisas (Grupo focal com jovens, Campo Mourão/PR).

- O sucesso de alguns jovens que se tornam peões de rodeio reconhecidos até internacionalmente traz pessoas de outras regiões e de outros países para visitar o projeto.

Meu maior orgulho é ver um cowboy, o nome de uma pessoa saindo no jornal, na televisão. E não é só isso, o bem social dele. Esse menino passou por aqui, foi da escola. Isso é importante. Vejo esses dois, três que estão nos Estados Unidos, divulgam o nome da escola. É muito importante (Entrevista com coordenador, Campo Mourão/PR).

4.8.2 Artvistas M.D.E (Movimento de Expressão) Hip Hop

- 1) Nome da organização
Artvistas M.D.E (Movimento de Expressão) *Hip Hop*
- 2) Data de fundação
1998.
- 3) Cidade/Estado
Curitiba/PR
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato:
 - a) Nome: Joel Mariano
 - b) Cargo: coordenador
 - c) Telefone: (44) 9185 3428
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Comunidades de baixa renda de Curitiba.
- 7) Origem dos recursos
Os recursos utilizados pela instituição são oriundos dos próprios jovens idealizadores e responsáveis pelo projeto. Estes recursos são bastante escassos, pois os jovens em sua maioria têm subempregos, são mal remunerados e vivem em comunidades de baixa renda na cidade de Curitiba/PR.
- 8) Áreas de atuação
Arte-cultura (Movimento *Hip Hop*) e educação para cidadania.
- 9) Objetivos
 - Fazer um contraponto à exclusão social de crianças e adolescentes através de “movimentos de expressão” artística e de contestação da realidade social considerada preconceituosa e discriminatória, vivenciada por essa população específica nas comunidades de baixa renda da cidade de Curitiba/PR.
 - Combater a desinformação da população quanto aos proble-

mas sociais e raciais, transmitir a consciência ecológica e política, alertar sobre o perigo das drogas, AIDS, gravidez precoce e violência; enfim, recuperar a auto-estima e, assim, tentar minimizar problemas como a fome e o frio.

- Realizar ao máximo trabalhos culturais comunitários envolvendo o *Hip Hop* (junção do *break*, *rap* e grafite)
- Propiciar a valorização de elementos considerados fundamentais para o bom funcionamento da sociedade, como a escola, e até de questões ligadas à espiritualidade.
- Potencializar ações para o afastamento dos jovens de problemas diversos, como por exemplo a questão das drogas.

10) Público-alvo

O projeto tem como alvo crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade e risco social nas comunidades de baixa renda da cidade de Curitiba/PR.

11) Caracterização e histórico

O Movimento *Hip Hop-Artvistas MDE* é uma organização não-governamental, resultante do trabalho articulado de adolescentes e jovens residentes nas comunidades de baixa renda da cidade de Curitiba/PR. As atividades são desenvolvidas em prol da conscientização de crianças e adolescentes na capital paranaense, acerca dos problemas que atingem a sociedade que está exposta a um maior processo de exclusão social. Para tal, se utilizam da chamada “cultura de rua”, constituída pelo *rap*, *break*, grafite e o DJ, considerados instrumentos de contestação e transformação social.

No Brasil, o movimento *Hip Hop* surgiu na década de 80, caracterizado pela junção de quatro elementos: o *rap*/a música; o *break*/a dança, o *grafite*/a arte e o *DJ*, cuja tradução literal refere-se ao antigo disc-jóquei, que é o responsável por “fazer o som”, elemento sem o qual o *rap* e o *break* ficam comprometidos em sua qualidade. Tem, como função principal, a contestação dos problemas sociais, partindo do pressuposto de que, para que de fato ocorra algum tipo de mudança na sociedade, é imprescindível trabalhar de maneira coletiva.

Em Curitiba, o movimento *Hip Hop* denominado *Artvistas MDE*, que significa Movimento de Expressão de ativistas sociais que se utilizam da arte, aproveitando, inclusive, o trocadilho entre *ativistas* e *artistas*, começou a se organizar enquanto instituição no ano de 1998, especificamente na data de 27 de março do referido ano.

12) Recursos humanos

Os animadores não completaram o ensino fundamental. Eles possuem experiência em áreas diversas e de maneira pontual, alguns em dança, outros em instrumentos musicais, outros em trabalhos com jovens, palestras etc.

O projeto não tem infra-estrutura de funcionários contratados. O vínculo dos animadores é estritamente voluntário.

13) Programas e projetos em curso

O grupo *MDE-Artvistas* atua incisivamente na prática social aliada à arte, através da realização de palestras e trabalhos comunitários com *hip hop* com crianças e adolescentes. É feito um grande trabalho de mobilização e conscientização social através do que o próprio grupo denomina ser “atitude”. Enquanto poderoso formador de opinião da comunidade, organiza em seus eventos ações de enfrentamento de questões como a fome, violência, drogas, gravidez precoce, DST e AIDS, ecologia dentre outras.

O grupo, que se considera uma família, se reúne praticamente todas as semanas, e muitos trabalham juntos diariamente. Não existe grande rotatividade no projeto, para os responsáveis, pois o trabalho exige comprometimento e dedicação. Não existe uma formatação regular das atividades.

14) Metodologia

O projeto não possui uma metodologia sistematizada, mas, segundo os dirigentes, para a implantação dos trabalhos existe um critério para a entrada dos meninos.

Tem um critério que é que nem as leis da favela, digamos assim: a linguagem da irmandade, não pode ser pilantra. É questão que

você tem que ter atitude para entrar no movimento. O que é uma atitude? Pelo menos, você tem que ter uma opinião formada, não adianta você entrar no movimento e cantar, poxa, vou entrar aí porque está legal, porque tem também as menininhas. Lá, cada um de nós tem uma cabeça, tem uma opinião formada (Entrevista com coordenadores, Curitiba/PR).

As atividades são organizadas em forma de oficinas de *rap*, *break* e grafite, de maneira sistemática nas ruas de Curitiba. Os jovens que são os responsáveis pelo projeto fazem um trabalho incisivo de orientação e conscientização das crianças e adolescentes das comunidades curitibanas de baixa renda. Para que os eventos possam acontecer, esses jovens fazem um trabalho de divulgação através de panfletagem, espalham cartazes pelos comércios locais e também divulgam através do “boca a boca” até o dia das apresentações.

Segundo a instituição, o movimento *Hip Hop* é constituído por quatro elementos básicos para se expressar. O *rap* é a parte verbal do *Hip Hop*, através de músicas de protesto que ilustram o cotidiano excluyente dos jovens.

O *break* é a forma utilizada para os jovens se expressarem através da dança com movimentos que exigem flexibilidade do corpo inteiro. É encarado como arma direta de combate à violência, especialmente a física, pois, em vez de brigar, os jovens podem “rachar” suas diferenças na dança. É defendido como elemento fortalecedor da movimento *Hip Hop*. O *grafite* é o instrumento de expressão pela paz ou protestos através dos muros da cidade, como também de divulgação da chamada “cultura *Hip Hop*”. E, por fim, o *DJ* é o principal responsável pelo *rap* e pelo *break*, porque estes dependem de quem “faz o som” nas *pick-ups* (toca-discos).

Faz parte da proposta metodológica a realização de palestras nos colégios das comunidades, onde são tratados temas como AIDS, gravidez precoce, violência, entre outros.

As campanhas que a gente desenvolve em todas as áreas, do alimento, a gente mesmo faz as cestas básicas. E no intervalo, o projeto nossos nos bairros, e tudo. Fazer a molecada ler, incentivar a molecada ler um livro, incentivar a ter uma biblioteca na periferia, incentivar a ter o teatro (Grupo focal com jovens, Curitiba/PR).

15) Redes, multiplicação e parcerias

Não existe nenhum trabalho de parceria com o projeto, a não ser com as próprias comunidades envolvidas. Nada está formalizado. O único acordo firmado refere-se aos jovens que hoje desenvolvem os trabalhos. Também não existem parcerias de natureza financeira no projeto do *Artvistas MDE Hip Hop*. Todo o recurso utilizado é proveniente da renda pessoal dos jovens dirigentes.

O trabalho de multiplicação é desenvolvido de forma primária. Uma das estratégias se dá através da panfletagem do material informativo, reproduzido em xerox simples. Tanto a família, quanto a comunidades têm estabelecido uma parceria sistemática para que possa haver bons resultados. Para a coordenação, é imprescindível que todos participem do processo.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Ainda não existe nenhum tipo de avaliação das atividades desenvolvidas.

17) Problemas específicos da experiência

- Dentre os principais problemas apontados no âmbito dessa experiência, estão a violência e o uso de drogas, colocados como dificuldades para desenvolver os trabalhos, pois consideram difícil envolver definitivamente os meninos(as) diante dos problemas sociais que enfrentam.

As drogas, falta de serviço, falta de ter o que fazer. Aqui onde nós moramos não tem nada para fazer, as crianças ficam pela rua, com má companhia, usando drogas, aprendendo o que não presta. Se tivesse alguma coisa como tem no Boqueirão – na Rua da Cidadania, tem parque, tem trabalho, cursos, para as crianças se interessarem, saírem da rua. Aqui não tem nada disso, é um lugar totalmente abandonado, não tem nada mesmo (Entrevista com a comunidade, Curitiba/PR).

Olha, opção de lazer, na verdade, é pouca, acho que nem tem opção, não tem área de lazer, não tem nada. O que falta na nossa região é isso. Você não tem um campo de futebol, você não tem um parque, não tem nada disso. Isso que está faltando na região nossa (Entrevista com familiares, Curitiba/PR).

- Outro problema ressaltado pela organização é a escassez de recursos e infra-estrutura adequada para os trabalhos. Não há espaços físicos próprios e a ausência de opções para o lazer agrava ainda mais a situação. A comunidade se vê impossibilitada no que se refere a estratégias de combate à violência vivenciada nas comunidades.

Não, nós tínhamos do grupo ali, eu tinha um “radinho” bem velhinho, mesmo assim, como diz o outro, eu tinha um “radinho” que eu comprei quando o meu moleque era pequeno, porque daí não podia comprar um rádio muito grande, também nem tinha condições, este “radinho” dava para ligar o microfone que seria duas caixinhas, então saía o som das batidas no três em um nas caixas e nas caixinhas a gente ligava o microfone e começava a cantar, daí, quando chegava a parte do outro, passava o microfone para o outro, coisa que até hoje acontece ainda. Não temos nada, ninguém apóia. Suponhamos: se a gente vai num evento, a gente paga passagem do bolso da gente. Todo mundo paga do bolso. Você quer comer, aí não dá para você comer um “rango” legal, assim você vai lá e faz uma vaquinha, faz aquela “intera” que a gente fala, aí vai lá e compra tantos pães, mortadela – quando mortadela não dá, está caro, a gente compra banana; aí senta todo mundo num canto, e come. Se dá, compra refrigerante (Entrevista com a coordenação, Curitiba/PR).

Você paga passagem do seu bolso, daí, quer ter um vinil lá para tocar, quer ter uma coisa, porque CD agora não dá para comprar, agora que a gente está pegando uns CD’s ainda meio baratão que vêm numa revista, às vezes até do Paraguai, a gente acha e compra para ter a música para gente tocar, então a gente vai nestes acervos, nestes sebos que têm aí e vê lá os vinis antigos, para se ampliarem, uns vinis que dá para dançar e quando sobra dois, três, dez reais, a gente vai comprando conforme dá; a gente vai comprando e vai juntando para ter e é difícil não é, você não ter nada nem para locomoção? (Entrevista com a coordenação, Curitiba/PR).

- O próprio preconceito e resistência para com o Movimento *hip hop* retarda e dificulta os resultados dos trabalhos, já que, na maioria das vezes, provoca impressões equivocadas num primeiro momento, como por exemplo, a idéia de que o Movimento incita a violência. A cidade de Curitiba foi considerada preconceituosa e excludente pelos atores envolvidos.

O obstáculo que eu sinto também é a sociedade, ela vê o hip hop com o olhar diferente que acha que o pessoal que curte o hip hop são violentos, são drogados, são marginais, e a gente tem visto que certas danceterias, certos clubes não abrem espaço porque eles acham que é tudo isto, sabe? É que eles nunca viram a fundo mesmo, que se for fazer um levantamento das noites, não é o pessoal do rap, do hip hop que dá mais audiência de BO na cidade, então, aí é uma das causas que eu tenho sentido, é uma dificuldade, preconceito. É, o preconceito aqui é bem cordial. (Entrevista com a coordenação, Curitiba/PR)

18) Por que uma experiência inovadora?

- O projeto tem sido avaliado pela comunidade como essencial e transformador da realidade social vivenciada pelos jovens. Houve inicialmente uma resistência por parte das famílias, mas, em pouco tempo, tornou-se visível o reconhecimento no que se refere à qualidade do trabalho desenvolvido.

O projeto tem ajudado muita gente. Até porque o trabalho deles é um trabalho interessante. Você veja bem, eu não pude participar, mas colaborei de certa forma. Eles fizeram um evento aqui, eles cantando para poder ter agasalho. Fizeram campanha de agasalho, alimento, para as entidades aí, na época de inverno. Você ajuda e pode salvar um monte de gente, senão eles morrem de frio, ou às vezes morrem de fome (Entrevista com pais/mães/responsáveis, Curitiba/PR).

- Para os jovens que coordenam os trabalhos, o projeto continua em franco processo de expansão, pois continuam realizando os eventos, e cada vez mais vêm conseguindo maior adesão de outras comunidades na cidade de Curitiba.

Nossa, se expandiu muito. Acho que aqui em Curitiba, e a gente até foi para alguma cidade do Paraná, aí também, aceitaram bem, mesmo quem não conhecia, aceitaram bem o trabalho. Eu acho que o esperado que nós tínhamos para alcançar, está sendo alcançado sim. Falta mais, lógico, que a gente sempre quer mais, mas eu acho que se expandiu bastante mesmo, poxa! Em todos os lugares, que nós fizemos os quatro cantos da cidade, indo, como te falei, sem você ter nada! Todo mundo já sabe, através de um

xerox de informativo, que a gente fez sobre o que é o movimento, essa coisa de ir lá e cantar e mostrar o break, mostrar a dança, a capoeira... tudo assim que globalizou dentro disto assim, está bem divulgado, e eu acho que está sendo alcançado o objetivo, sim (Entrevista com a coordenação, Curitiba/PR).

- O projeto tem sido avaliado por todos os atores envolvidos, como uma possível alternativa para o enfrentamento da violência.

É uma alternativa para sair dessa situação, esses meninos eu conheço desde criança, já faz sete anos que eu moro aqui na vila, e eles estão iniciando um jeito de ganhar dinheiro, de trabalhar para ajudar a comunidade, para ajudar os amigos deles daqui da vila que eles estão vendo que os amigos também estão nessa situação, então alguém tem que ter uma alternativa, alguém tem que baixar a cabeça, e se concentrar com Deus e tomar um rumo na vida. Eu avalio o projeto como um projeto bom, na verdade. Foi muita correria, esse projeto, para ele ser melhor, ele tem que atingir e abranger um maior número de pessoas. Para isso, nós precisamos de infra-estrutura. Divulgação. Então, a gente precisa de uma infra-estrutura de som, aparelhagem de som boa, de alguém, de um patrocínio, que espalhe bastante panfleto mesmo. E a gente precisa mais é disso: transporte, para a gente se locomover, porque tudo isso sai do nosso bolso (Grupo focal com jovens, Curitiba/PR).

- A comunidade envolvida no projeto é bastante enfática quanto à necessidade de trabalhos como o desenvolvido pelo Movimento *Hip Hop*, enquanto instrumento de transformação social.

Eu acho que qualquer atividade é importante. Qualquer uma. Seja qual for. Porque a criança está ali, se intetendo [sic], não está pensando em violência, em drogas, mas estão unidos. Uma campanha para acabar com a violência é unir as crianças, não interessa se é futebol ou artesanato, não interessa qual o tipo de atividade, a importância é ensinar um a respeitar o outro, desde pequeno, respeitar seu semelhante desde pequeno, amar o próximo. É assim que a gente vai criar um jovem bom, respeitando e amando seu próximo. A arte é um meio especial para prevenir a violência, na minha opinião. A arte, ela tira a cabeça das coisas ruins. Quanta gente que saiu do meio do crime devido à arte (Entrevista com a comunidade, Curitiba/PR).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Para os jovens aconteceram mudanças extremas, e muitos que já estiveram envolvidos com algum tipo de criminalidade conseguiram sair de forma definitiva. Outros que não faziam parte deste contexto de forma direta também acabavam por estar dentro de redes perversas, uma vez que a maioria desses jovens era usuária de drogas. Com o resgate da auto-estima, esses jovens adquirem valores como caráter, entre outros. Há consenso e veemência em suas falas, quanto à saída do que denominam “mundo das drogas” e marginalidade, como resultado direto do processo de inserção do Movimento *Hip Hop* na comunidade.

Quando eu comecei era viciado, mau-caráter, não respeitava ninguém. Não era uma boa pessoa. Na rua, não me cumprimentavam como cumprimentam hoje, mesmo, uma conversa sincera. Tinha gente que me deixava de lado, meio quieto. “Deixa ele lá, que lá é confusão.” Então, antes de eu entrar no projeto, eu era assim. Mas a partir de que eu comecei a conhecer a lei de Deus, a bíblia, e dentro do Movimento Hip Hop, do que é o projeto, o Artvista também, e fomos dançar para o grupo – nós não fomos cantar, fomos dançar – daí aprendi que isso daí, graças a Deus, a minha vida foi mudando. Mudando, graças a Deus, mesmo, para melhor. Não está o que eu espero ainda, mas eu estou lutando, batalhando ainda, porque, que nem diz também, tem jovem aí que quer mudar, aqueles que pensa no futuro, mas não age, entendeu? A maioria dos jovens, hoje em dia, é assim, para falar bem a verdade. A maioria. Um pouco antes do projeto, eu era assim, mas hoje em dia, eu peço para ter um serviço digno, uma família, e viver em paz para o resto da minha vida, um lar (Grupo focal com jovens, Curitiba/PR).

- Para os jovens, as mudanças não foram somente individuais, mas essencialmente coletivas, pois passaram a se valorizar enquanto seres sociais. O argumento é que a mudança só possui relevância se for para trabalhar pela comunidade, mais ainda pela sociedade como um todo. A predisposição para transformar de forma positiva a comunidade é o que faz valer a pena todo o trabalho, apesar das dificuldades.

Acho que mudaram várias cabeças dentro da nossa própria comunidade, mudou como funcionava nossa cabeça mesmo. E devido ao trabalho que a gente desenvolveu, que foi um trabalho comunitário, buscando recursos da gente mesmo junto com a comunidade, a gente arrecadou agasalhos, alimentos; fizemos uma campanha também para consciência ecológica, que é importante; tivemos um projeto de reciclar sementes, e plantar em saquinhos; fazemos todo aquele negócio da reciclagem de lixo descartável, gerando também alimento, porque a árvore frutífera, além dela ser oxigênio, ela é um alimento; e também combate à violência, porque a primeira coisa que uma criança rouba na vida – isto, quem nunca fez? Roubou uma fruta. Então, o pagamento de tudo, e a mudança, foi a mudança mental e sentimental também (Grupo focal com jovens, Curitiba/SP).

- Os familiares também demonstram entusiasmo quando se referem às mudanças ocorridas na vida de seus filhos. Até mesmo no que diz respeito ao resgate da religião, aspecto efetivamente presente. Consideram que seus filhos têm conseguido de fato ajudar a família e a comunidade.

Mudou bastante a nossa vida, no sentido das amizades dele. Ele mudou bastante, ele tinha aquelas amizades que... está entendendo? Que às vezes tinha que olhar assim, eu não gostava. E agora, deles, é só falar em música, e marcar que vai em tal lugar, então, tudo corridinho, e se apronta, e sai, isso aí ele mudou bastante. Até fumar, que ele fumava o cigarrinho dele, ele deixou! Deixou. E faz as musiquinhas dele, e dá conselho, na música que eles cantam, ele dá conselho para os outros, sabe? (Entrevista com familiares, Curitiba/PR).

- A comunidade também reconhece a mudança ocorrida nos jovens, mais ainda a mudança em relação à questão da violência, já que afirma que os jovens são o principal alvo dessa violência generalizada. Também reconhece o intenso trabalho desenvolvido por esses jovens, junto e pela comunidade. Para a comunidade, é o Movimento que tem propiciado alternativas frente à falta de meios sociais básicos como espaços de lazer e, até mesmo, campanhas de distribuição de cestas básicas, que são resultado do envolvimento e do trabalho de toda a comunidade.

Antes aqui tinha gangues que brigavam entre si, pancadaria, e tal. Aí, foi uma forma assim que arranjamos: “não, já não vamos

brigar, vamos numa roda. Se você é melhor que eu, então é o seguinte, eu vou dar um giro de cabeça. Se você acha que é melhor do que eu, vai dar um giro de costas. Aí, eu vou virar um mortal com os dois pés. Aí, se você acha que é melhor do que eu, você vira um mortal com um pé. Então, vamos fazer uma coreografia agora. Aí, um faz um passinho de dança de um jeito, e o outro vai lá e faz de outro. Então, quer dizer, você está gerando cultura ali dentro, sem violência, uma coisa sadia (Entrevista com a coordenação, Curitiba/PR).

- Para a comunidade, a mudança no comportamento é resultado de uma mudança na percepção desses jovens perante suas realidades, desenvolvendo qualidades até então escondidas, como responsabilidade, respeito, criatividade, entre outras.

O Grupo Artvistas, eu acho bom, como já falei, eu tinha que falar até deles, o bairro está tendo uma melhoria, pouco, mas está tendo uma melhoria. Então, legal, tomara que tenha mais ainda (Entrevista com a comunidade, Curitiba/PR).

No meu conhecimento, hoje eu vejo eles diferentes, eu acho que isso que aconteceu com eles, do próprio grupo, eles tentam passar isso para as demais pessoas, para sair desse mundo de drogas, de violência. Acho assim que houve uma mudança. A gente vê muitas vezes um menininho pequenininho, chega, cumprimenta eles, conversa, pergunta, eu acho legal, quer dizer, já tem ali uma consciência desde pequeno, do que pode ser certo ou errado. Os jovens, as crianças, gostam (Entrevista com a comunidade, Curitiba/PR).

Hoje ele mudou, hoje mesmo ele tem idéias que são totalmente idéias avançadas. Isso para mim é muito bom, mudou bastante. Para ele, para mim, para a família toda. Por que mudou? Mudou porque eu, como pai, só posso achar bom, porque eu sei que ele está no caminho certo. Está procurando um meio de colaborar com todos. E para ele também, mudou bastante. Eu não esquento a cabeça com ele, nesse sentido, não. Se ele sai, fazer alguma coisa aí, ele, o grupo, individualmente, ele sozinho, tenho confiança total. Ele pode sair. Tem o pessoal dele aí, pode sair, às vezes para fazer show; voltam... claro, fazem show, voltam de madrugada mesmo. Eles têm uma função aí, no grupo deles que está trabalhando com eles. Gente que tem responsabilidade. Não é uma coisa assim, na louca (Entrevista com a comunidade, Curitiba/PR).

4.9 São Paulo

4.9.1 Cidade Escola Aprendiz – Projeto “100 muros”

- 1) Nome da organização
Cidade Escola Aprendiz
- 2) Data de fundação
1997
- 3) Cidade/Estado
São Paulo/SP
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental/ Associação Civil Privada sem fins lucrativos
- 5) Nome da experiência
“Projeto 100 muros”
- 6) Contato
 - a) Nome: Fernando Rossetti
 - b) Cargo: Coordenador geral
 - c) Telefone: (11) 3819-9225/9226
 - d) E-mail: aprendiz@uol.com.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
São Paulo: Bairro da Vila Madalena e Brás.
- 8) Origem dos recursos:
Fundação Bank Boston, UNICEF, UNESCO, SENAC, Instituto Ayrton Senna, Banco Bradesco, Fiat Automóveis, Nortel, Comgás, Microsoft, Colégio Bandeirantes e construtora Cyrela. É importante destacar que aproximadamente 21% do orçamento decorre de doações de parceiros que doam menos de R\$ 2.100,00 por mês.
- 9) Áreas de atuação
Educação, arte, cidadania e trabalho

10) Objetivos

- Estabelecer e disseminar uma nova concepção de educação a partir do uso de tecnologias para a comunicação.
- Desenvolver uma “Pedagogia Aprendiz”, que parte do princípio de que o saber e a produção educativa não se restringem aos parâmetros curriculares da escola formal, em que muitas vezes a educação é encarada como mera transmissão de informações.
- Melhorar a qualidade de ensino de crianças, adolescentes e jovens, tendo como principal foco “ensinar a conhecer (transformar informações em conhecimento), a fazer (aplicar o conhecimento), a ser (ter um projeto de vida) e a conviver (o que introduz a dimensão de cidadania)”. (In *Site aprendiz*.)

11) Público-alvo

Crianças, adolescentes e jovens com faixa etária entre cinco e 18 anos, estudantes da rede pública e particular, residentes na cidade de São Paulo. Uma das quatro turmas fixas tem um trabalho com meninos autores de ato infracional da FEBEM do Tatuapé/SP. As turmas são compostas por jovens de ambos os sexos.

12) Caracterização e histórico

A Cidade Escola Aprendiz é uma organização não-governamental que trabalha desde 1997 na perspectiva de qualificar a educação de crianças, adolescentes e jovens, através da elaboração e disseminação de novas metodologias de ensino e aprendizagem. O trabalho desenvolvido pela instituição, possui como referência inicial o livro *O aprendiz do futuro* (Ática, 1997) do jornalista Gilberto Dimenstein, e parte da discussão de que “a educação não pode restringir-se a uma mera transmissão de informações”. A própria etimologia da palavra “aprendiz” vem do latim *apprehendere*, que significa “segurar com as mãos”, e para a instituição, esta seria a essência de todo o trabalho: “para compreender algo é preciso tê-los nas mãos”. Em outras palavras, é fundamental que os jovens aprendam a transformar as informações que os bombardeiam de uma maneira geral em conhecimento, assim como utilizar esse conhecimento para suas perspectivas futuras. Tais elementos devem estar aliados a uma dimensão de cida-

nia, para que reconheçam a importância do significado do “conviver”, valorizando a ética numa sociedade.

Todos os projetos desenvolvidos pela Cidade Escola Aprendiz têm como princípio fundante a educação para a cidadania, em que as novas tecnologias como o computador, a internet, a televisão e os meios de comunicação tornaram-se fortes aliados no processo de aprendizagem. Os jovens inseridos no projeto, estudantes de escolas públicas e particulares, trabalham na construção de novos produtos de comunicação que, associados aos conteúdos transmitidos pela escola formal, lhes trazem maiores oportunidades de se tornarem futuros profissionais, dotados de conhecimentos multifacetados, o que por sua vez ampliará a possibilidade de inserção no mercado de trabalho.

A instituição trabalha com o conceito de diversidade, elemento que configura a variedade dos atores envolvidos no projeto como um todo. Além de ter como referencial o público-alvo de crianças, adolescentes e jovens, a Cidade Escola Aprendiz trabalha incisivamente junto à comunidade, envolvendo também idosos, educadores, escolas, profissionais, famílias, empresas etc. Essa característica é considerada essencial para que possa realmente existir a reflexão sobre cidadania junto à prática social.

Os trabalhos são desenvolvidos em vários núcleos de atividades que desenvolvem projetos afins. Cada núcleo possui uma especificidade, e todos estão inseridos na Usina do Conhecimento, considerada como a gerência pedagógica da Cidade Escola Aprendiz.

13) Recursos humanos

A Cidade Escola Aprendiz conta hoje com aproximadamente 100 profissionais de diversas áreas compondo sua equipe de trabalho. Deste total, aproximadamente 1/3 é contratado, 1/3 é estagiário e 1/3 atua de forma voluntária. Para a seleção dos profissionais, a coordenação geral do projeto trabalha com o método de entrevistas e o maior critério quanto à formação dos profissionais é a experiência específica de cada um.

14) Programas e projetos em curso

A Cidade Escola Aprendiz mantém hoje cinco núcleos (casas onde se desenvolvem os programas, as atividades educativas), sendo que o quinto tem abertura prevista para junho de 2001. São eles:

- 1 – *Núcleo de Comunicação*
- 2 – *Design Social*
- 3 – *Escola da Rua*
- 4 – *Aprendiz Comgás*
- 5 – *Café Aprendiz*

Quase todos os programas desenvolvem mais de um projeto, salvo o *Aprendiz Comgás*, iniciado em novembro de 2000 e o *Café Aprendiz*. Este último possui alguns diferenciais quanto à estrutura de funcionamento, e ainda não foi implementado.

- 1 O *Núcleo de Comunicação* trabalha com quatro projetos:
 - 1.1 *Site Aprendiz* – Oferece serviço, informação, análise e capacitação para cerca de 5.000 visitantes por dia. É produzido por profissionais e aprendizes de comunicação, pedagogia, webdesign, entre outras áreas.
 - 1.2 *Site GD* – Site de Gilberto Dimenstein, com enfoque no mercado de trabalho e em questões urbanas. Acompanha seus comentários na rádio CBN.
 - 1.3 *Revista Educação* – É desenvolvido um trabalho jornalístico por jovens universitários, através da elaboração de textos sobre trabalho, educação e cidadania para a revista *Educação*. Tudo sob a coordenação de jornalistas especializados.
 - 1.4 *TV Aprendiz* – projeto que trabalha a produção de vídeos, matérias e documentários na área de educação e cidadania, pesquisando maneiras de integrar a linguagem do vídeo à internet. As atividades encontram-se temporariamente desativadas por falta de financiamento.
- 2 O *Design Social* conta hoje com quatro projetos:
 - 2.1 *Oficina de Sites* – Sob a coordenação de profissionais e educadores, jovens trabalham com a criação de *sites* para ONGS, a partir do que a instituição intitula como um “mergulho em um caldo de cultura”.
 - 2.2 *Old Net* – Jovens ensinam idosos a navegar na internet. Ela propicia aos idosos o acesso a “viagens virtuais” a museus, jornais, entre outros, sendo inúmeras as possibilida-

des. A idéia é que ambos percebam a possibilidade efetiva de uma maior convivência.

- 2.3 *Expressões Digitais* (antigo *Português Cidadania*) – Desenvolve oficinas para a leitura crítica de revistas e jornais com jovens que trabalham na produção de textos direcionados a outros jovens, no intuito de orientação da leitura dos mesmos.
 - 2.4 *Alves Cruz* – É um projeto-piloto desenvolvido na Escola Estadual Professor Antonio Alves Cruz que, em parceria com a Cidade Escola Aprendiz, está experimentando novas metodologias educacionais. A idéia é aplicar o que a instituição denomina como “mergulho no caldo de cultura”, em que escola, comunidade e seus diversos atores trabalham juntos.
- 3 O núcleo *Escola da Rua* atualmente desenvolve três projetos:
- 3.1 *100 Muros* – Arte-educadores desenvolvem oficinas temáticas de arte com jovens estudantes de escolas particulares e públicas, trabalham com esses jovens na detecção de temas ligados à questão da cidadania e recriam espaços públicos através de murais construídos com técnicas de mosaico.
 - 3.2 *Beco Escola* – é um projeto desenvolvido em um “beco” da Vila Madalena, em que o instrumento trabalhado é o grafite. Este espaço é considerado pela instituição e atores envolvidos como um espaço de intervenção onde mensalmente profissionais, aprendizes, grafiteiros se reúnem com o intuito de debater e melhorar a ressignificação dos espaços públicos da comunidade.
 - 3.3 *Escolinha da Rua* – Desenvolve oficinas de recreação (capoeira, dança, música, coral, entre outras) com aproximadamente 40 crianças, na maioria oriundas de famílias de baixa renda, e que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Praticamente todo o trabalho é realizado por voluntários.
- 4 *Aprendiz Comgás* – Este programa está sendo desenvolvido junto a escolas parceiras e propõe um trabalho de capacitação de lide-

ranças jovens, visando ao protagonismo juvenil dos estudantes do ensino médio em suas comunidades.

- 5 *Café Aprendiz* – Sua implantação e implementação estão previstas para junho de 2001, e tem como objetivo transformar-se num ponto de encontro e de informação, além de futura fonte de renda para a instituição. Este espaço será um misto de *cyber-café* e escola, destinado a ensinar pessoas da comunidade tanto a navegar na internet, como a fazer o pão que será consumido pelo próprio café. A idéia é que os garçons estejam na universidade e que trabalhem na orientação dos aprendizes.

Devido à grande abrangência do trabalho desenvolvido pela Cidade Escola Aprendiz e para garantir uma maior profundidade na caracterização de uma dentre as várias atividades realizadas, a pesquisa utilizou, como principal elemento deste trabalho, a experiência do Projeto *100 Muros*, que faz parte das atividades do núcleo *Escola da Rua*.

O Projeto *100 Muros* trabalha na recriação de espaços públicos da cidade de São Paulo, através de atividades artísticas essencialmente desenvolvidas por jovens estudantes de escolas públicas e particulares da Vila Madalena. Acreditando ser possível realizar ações que valorizem o sentimento de auto-estima e de pertencimento social nos jovens oriundos dos mais diversos segmentos sociais, o projeto é desenvolvido especificamente na área de artes plásticas com o uso da técnica de mosaico com a participação de diversos segmentos da sociedade: escolas, profissionais e comunidade em geral. Os temas são essencialmente direcionados a questões de cidadania, aliados a um trabalho educacional, cultural e coletivo. Este projeto revestirá com painéis de mosaicos temáticos, no prazo de 30 meses, o total de 100 muros em São Paulo. Em oito meses de trabalho, foram desenvolvidas oficinas de arte e cidadania em parceria com 25 instituições, entre escolas públicas e privadas, ONGs, abrigos e FEBEM. Deste processo, participaram aproximadamente duas mil pessoas. O produto final dessas oficinas resultou em 18 muros da cidade revestidos com painéis de mosaicos temáticos, voltados para a educação e cidadania.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo *100 Muros*, destaca-se realização periódica de oficinas temáticas continuadas de arte no próprio núcleo *Escola da Rua*, como também oficinas-eventos realizadas

junto a instituições parceiras, como por exemplo o Colégio Equipe, que, após a realização das oficinas no primeiro semestre, incluiu as atividades do Projeto *100 Muros*, no currículo da cadeira de Artes do ensino fundamental no segundo semestre de 1999. O foco das atividades do projeto está na confecção de painéis a partir da proposição temática dos próprios jovens, pois são eles os responsáveis pelas discussões abordadas, bem como pela retro-alimentação das idéias. A principal técnica utilizada é o mosaico, sendo destacada a estreita relação entre a ética e a estética. Para os aprendizes, um dos maiores estímulos e talvez o grande diferencial em relação a outros projetos de educação voltados para artes plásticas seja a possibilidade de trabalhar a arte aliada à cidadania e, a partir disso, obter um produto concreto, reconhecido e admirado por toda a cidade.

As atividades estão divididas entre turmas fixas e turmas eventuais, e também em *Usinas Comunitárias*. Há quatro turmas fixas que freqüentam as oficinas no núcleo *Escola da Rua*, duas vezes durante a semana. Os encontros duram cerca de duas horas, por um período de oito meses (março a novembro, com férias em julho). Cada turma tem 20 participantes, divididos por faixa etária de 7 a 11 anos, 12 a 14 e 15 a 18. A meta é que cada turma produza dois muros por semestre, com exceção da FEBEM/Tatuapé, que produzirá somente um muro durante todo o semestre.

As turmas eventuais ou *workshops* que freqüentam as oficinas eventualmente na *Escola da Rua*, ou na sede da instituição parceira, trabalharão no período total de oito encontros de aproximadamente duas horas cada. As turmas contam com no máximo 20 participantes, e terão, como produto final, a confecção de um muro para a cidade. O número de turmas semestrais é de dez para o primeiro semestre e dez para o segundo. Devido à grande demanda referente às atividades do Projeto *100 muros*, devem ser realizadas não mais que duas oficinas por ano para o Projeto *Usina Comunitária*.

15) Metodologia

A proposta metodológica deste projeto defende a idéia de que, para que seja possível alcançar o objetivo proposto, é necessário promover a interação das diversas comunidades, para a partir disso ter como produto final os painéis que revestirão os muros da cidade de São Paulo. É utilizada uma metodologia de projetos, que trabalha num processo de decisões compartilhadas entre os grupos. Estes,

por sua vez, desenvolvem o trabalho de forma gradual, levando sempre em conta o tema inicial proposto, o conhecimento dos participantes e as atividades coordenadas.

As atividades são formatadas da seguinte maneira: Há turmas fixas e turmas eventuais com atividades comuns que incorporam o processo de definição de quais serão os critérios de seleção para os participantes, o contato com as escolas, a definição dos arte-educadores responsáveis, o planejamento das atividades de lançamento, elaboração do registro das atividades do plano de trabalho para o primeiro bimestre, listagem e compra de material e definição e autorização dos muros.

Também são desenvolvidas *Usinas Comunitárias*, que tentam trabalhar, junto às comunidades, os objetivos de mobilização social em torno da conscientização, respeito, interesse e cuidado pela cidade, visando, assim, à melhoria da qualidade de vida do cidadão residente na cidade de São Paulo.

16) Redes, multiplicação e parcerias

O Cidade Escola Aprendiz conta com um grande número de parceiros entre financiadores e outros de naturezas diversas. Além dos 35 financiadores, a organização conta com aproximadamente 100 empresas parceiras e profissionais liberais, como arquitetos e *designers*, que trabalham gratuitamente, oferecendo bens e serviço ao projeto. Existem também parcerias com outras organizações não-governamentais, escolas da comunidade, administrações regionais e meios de comunicação, como por exemplo o canal GNT, TV Futura, Programa Turma da Cultura, Centro Cultural São Paulo.

O Projeto *100 Muros*, em oito meses de trabalho realizado, conseguiu estabelecer um grande número de parceiros que incluem hoje a média de 25 instituições entre escolas públicas e privadas, ONGS, abrigos e FEBEM/Tatuapé. Para que possa ser criado um vínculo real junto às famílias, a Cidade Escola Aprendiz estabeleceu, como um dos critérios para a participação dos estudantes no projeto, a necessidade da autorização e do acompanhamento dos pais em todo o desenvolvimento dos trabalhos. Essa parceria ainda se dá de maneira assistemática, havendo uma certa oscilação quanto à proximidade e participação efetiva da família. Já a comunidade de uma maneira geral – moradores e comerciantes da Vila Madalena - tem sido considerada forte parceira para o desenvolvimento do projeto.

Um exemplo desse tipo de trabalho articulado é o da escola Logos que faz hoje uma parceria com o *100 Muros*, com o intuito de integrar cada vez mais o objetivo do projeto à proposta da escola, visando, assim, a uma maior qualificação do programa escolar aplicado no campo de Artes. O colégio Equipe, após a realização das oficinas no primeiro semestre, incluiu as atividades do projeto *100 Muros* no currículo da cadeira de Artes do ensino fundamental no segundo semestre de 1999. A comunidade local está sempre procurando informações sobre o projeto. Artistas plásticos, profissionais liberais entre vários outros em geral têm-se oferecido para trabalhar no *100 Muros* voluntariamente, com ofertas de bens e serviços para a instituição.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Devido à produção do trabalho ser muito rápida, com resultados muito rápidos, a avaliação interna ainda é feita de maneira experimental. Toda semana são realizadas reuniões com o grupo, para registrar o que está sendo feito, qual é o grau de envolvimento das turmas com os arte-educadores e quais as necessidades mais urgentes. Não há um processo metodológico instaurado, como também não há informações referentes às avaliações externas.

18) Problemas específicos da experiência

- Dentre alguns problemas identificados pelos atores envolvidos no projeto, destacaríamos as dificuldades a que estão submetidos os alunos da escola pública em geral, uma vez que este grupo logo cedo depara-se com a necessidade de inserção urgente no mercado de trabalho, enquanto os alunos da escola particular possuem outras possibilidades de atividades extra-escolares, tais como: cursos de idiomas, esportes etc. Os alunos da escola pública que freqüentam o projeto geralmente direcionam seus trabalhos como forma de investimento para o futuro. O maior obstáculo está no fato de ocorrerem muitas desistências por parte de alunos que começam a trabalhar e não podem dar continuidade aos trabalhos no *100 Muros*, ocasionando maior rotatividade entre os participantes.

O futuro está sendo um problema para ele, acho que porque estão setorizando agora, eu penso que é uma preocupação mais da escola pública, eu acho que eles sentem o ensino... não sentem

uma pedra fundamental na qual eles podem se basear e se sentir seguros para alguma coisa que eles vão fazer. Eles não têm muitos recursos para procurar coisas fora, cursos de inglês, não têm muito isso, então eles se sentem ameaçados até pela perspectiva do país, da dificuldade do emprego (Entrevista com coordenação geral do núcleo Escola da Rua, São Paulo/SP).

- Para alguns arte-educadores, tem sido difícil trabalhar em um espaço considerado pequeno para a quantidade de alunos. Devido a uma demanda reprimida de jovens que procuram pelo projeto, as instalações do núcleo *Escola da Rua* tornaram-se insuficientes para a realização dos trabalhos.
- Outro obstáculo apontado foi a questão da sustentabilidade do projeto. Como *100 Muros* é um projeto recente que acabou de completar seu primeiro ano, seu financiamento está atrelado ao prazo final de entrega dos muros que é de dois anos e meio, o que, na prática, tem acarretado certo desestímulo na própria instituição, na família e principalmente nos jovens, que têm sofrido certa quebra no ritmo de seu processo criativo, pois o trabalho é bastante específico em cada grupo, sendo que uns conseguem ser mais rápidos que outros. Outro aspecto é que, quanto mais se aproxima o prazo final, torna-se mais visível que mesmo que muito trabalho já tenha sido feito, muito há por se fazer, por aprofundar, e não existe qualquer segurança quanto ao refinanciamento do projeto.

19) Por que uma experiência inovadora?

- Existe uma grande discussão acerca da violência instituída na realidade brasileira, sendo o jovem seus principais focos, tanto como vítima quanto como agente. Para os atores envolvidos, o Projeto *100 Muros* é considerado, dentre outros aspectos, como um trabalho estratégico no combate à violência. No discurso desses especialistas, a cultura, o esporte e as atividades artísticas possuem o poder de perscrutar o imaginário dos jovens, oferecendo subsídios para a transformação social. Dentre alguns dos elementos que permeiam esse imaginário, está a questão da identidade de grupo e da linguagem, ambos fortemente arraigados ao processo de construção da auto-estima dos jovens. Tais elementos tanto podem ser potencializados para o aumento da vio-

lência de um determinado grupo, quanto para um processo saudável de inserção social. Diante de tantos questionamentos e inquietações provenientes do desenvolvimento biopsicossocial de cada jovem, torna-se imprescindível para os educadores a canalização desse potencial para atividades ligadas ao lúdico, ao artístico, que, se cuidadosamente embasadas de conceitos como ética e cidadania, conseguem efetivamente transformar a percepção e até mesmo a vivência desses jovens.

Estes projetos têm como foco a questão de arte porque modifica as pessoas, a arte transforma, eu acho que é mais ou menos o que a gente se baseou para fazer o projeto 100 Muros, que, quando você trabalha com a auto-estima das pessoas, é uma maneira de você trazer um pouco o que a pessoa tem para fora para ser apreciado, ser colocado dentro de um lugar que não é uma exposição, não é uma pasta, uma gaveta, mas é uma coisa que está recuperando um espaço que está sendo visto, sendo olhado, você se identifica com o que produziu, então isso dá um sentimento de pertencimento, você se legitimou, você existe, você trabalha com a identidade, olha lá! Eu existo, estou aqui (Entrevista com a coordenação artística do projeto 100 muros, São Paulo/SP).

- Os educadores defendem que, de maneira pontual, está sendo possível visualizar a mudança significativa na qualidade de vida dos jovens, considerando toda a complexidade da cidade de São Paulo.

Eu acho que o projeto ajuda o jovem a sair da violência na medida em que ajuda o próprio autoconhecimento e a própria auto-aceitação do adolescente que é um processo de se conhecer, de saber do que gosta, de não ter vergonha de mostrar o que gosta, de começar a sair daquele casulo, e por isso acho que esse processo de aprender o que está dentro e expor, é violento também, para a própria pessoa. Então eu acho que se o menino faz isso, e esse é o espaço dele fazer isso e no final das contas, aquele que passou ileso por tudo aquilo, já tem uma grande ajuda para não estar criando, incitando qualquer outro tipo de violência para ele ou para o outro (Entrevista com coordenação artística, São Paulo/SP).

- Para os jovens, o projeto é visto como um incentivo a uma melhor qualidade de vida da própria comunidade, calcada em preceitos de cidadania. Os pais acreditam que o projeto também tem ajudado bastante os jovens sob vários aspectos, e tem sido eficiente quanto à capacidade de estabelecer e fortalecer novas relações sociais.

Eu acho que esse tipo de projeto serve para incentivar as pessoas a cuidar da cidade. Na minha opinião, é um pouco de tudo, não é só para enfeitar São Paulo, mas incluir um pouco de arte, de cultura, aprender a ser cidadão (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

Eu acho que essa coisa como aluno da escola, do inglês, do esporte, já é uma relação muito conhecida, professor e aluno, pai e filho, no projeto de repente é uma relação social diferente, de amigo, uma relação que tem um ingrediente novo, que é alguém que sai do âmbito da escola e tem um objetivo social, de participação e isso faz a diferença, essa vivência (Entrevista com familiares, São Paulo/SP).

- A Cidade Escola Aprendiz em todas suas atividades, como o projeto *100 Muros*, está em franco processo de expansão, e tem sido procurada como um referencial em novas formas de se pensar a educação por todo o país.

Na verdade, é assim: o projeto conseguiu se expandir, eu acho que ele vai ter uma tendência de se expandir mais ainda e a gente já tem pedidos de outros estados do Brasil, então tem possibilidade de uma multiplicação em Brasília, possibilidade de multiplicação em Salvador e isso tudo em um ano só. Eu acho que vai crescer mais, tem até municípios de São Paulo, Prefeituras querendo fazer (Entrevista com a coordenação geral, São Paulo/SP).

20) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Os jovens do Projeto *100 Muros* demonstraram que, a partir de sua participação nos trabalhos, houve uma mudança na percepção sobre o contexto sociocultural no qual estão inseridos, pois começaram a enxergar suas realidades de uma outra maneira. Desde então, passaram a discutir de forma mais comprometida algumas questões como a violência, esta reconhecida como elemento preocupante e presente em seu cotidiano:

Eu acho que aprende muita coisa nesse projeto. A ser cidadão, eu acho. Coisas diferentes que a gente vê para fazer um trabalho, para fazer um muro, esse trabalho aqui tem muita pesquisa, pesquisamos sobre pintura. Você aprende também pintura, veio uma pessoa dar palestra sobre cidadania, falou várias coisas, foi

legal. Acho que esse tipo de projeto serve para incentivar as pessoas a cuidar da cidade. Na minha opinião, é um pouco de tudo, não é só para enfeitar a cidade de São Paulo, mas incluir um pouco de cultura, de arte (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Tornou-se visível um maior senso de responsabilidade, de valorização da auto-estima e fortalecimento da identidade de grupo. Também tornou-se evidente uma maior preocupação por parte dos jovens quanto à questão da profissionalização sempre associada a uma visão de futuro, de mercado de trabalho, de se capacitar ao máximo através das oportunidades oferecidas pelo projeto, característica esta peculiar aos jovens estudantes de escolas públicas.

Eu acho que quando a gente entra no projeto, a gente tem oportunidade de conviver com outras pessoas, você acaba entendendo da coisa. Eu nunca imaginei que eu poderia mudar, achei muito legal. Acho que no projeto não é importante o que a gente faz, é o que a gente aprende aqui. Aqui tem muito mais diálogo, você é um artista aqui, porque na escola você aprende a fazer letra, pelo menos na minha escola, você aprende algumas coisas, alguns contornos, mas logo já é esquecido, você faz algumas coisas muito ridículas, eu odiava Educação Artística, então eu resolvi entrar aqui. Dá mais responsabilidade. Você tem uma coisa sua. É importante para estar na sociedade também, você trabalhando produz alguma coisa, produz para a sociedade (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Entre os coordenadores e educadores do projeto *100 Muros*, é consensual a percepção de mudanças no olhar desses jovens em relação a suas respectivas comunidades. No início, demonstram certa ausência de estímulo para com a escola formal e a vida em geral, mas, a partir das atividades, essa característica foi sendo gradativamente substituída por outras, como força de vontade, responsabilidade social etc.

Eu acho que o mais forte que dá para falar é essa apatia com o mundo, com o outro e que passa o sentido de coletivo, de interesse pela vida do outro, de interesse pelas coisas da cidade, interesse cultural, querer participar das coisas, é isso. Eu acho que eles criaram um interesse maior pela cidade, pelo lugar onde eles

moram, nem é assim, eu não estou falando de grandes mudanças, eu acho que é um olhar, existe uma focada, olhar para o espaço onde eles vivem, de ajudar o outro, de conservar o espaço, sabe? Que às vezes não está muito a fim mas vamos ajudar, vamos arrumar o espaço, está feio, está detonado, eu acho que existe uma mudança, assim, um olhar para o outro. O impacto é até visual, de você ver eles no começo quietos, olhando para baixo, que a nossa população é entristecida, a gente fala que a gente é um país calmo, cordial. É um país triste na verdade se pega os jovens quando eles entram aqui e meio que vêm cada um sem conhecer o outro é uma coisa para baixo. Eles vão se vitalizando, esteticamente se produzindo (Entrevista com a coordenação geral, São Paulo/SP).

Alguns familiares que acompanharam o trabalho do projeto de forma mais aproximada associaram diretamente ao *100 Muros* o crescimento de seus filhos em vários aspectos como rendimento intelectual e responsabilidades. Consideraram visível a instauração de um processo de amadurecimento em seus filhos.

Para mim, foi surpreendente o resultado, sobre essa participação no 100 Muros, porque eu achei nesse sentido para mim foi muito nítido, eu não esperava tanto, eu fiquei entusiasmada, achei que era importante ele participar, mas não imaginava que ele ia aproveitar tanto no sentido de crescer, amadurecer, está com 13 anos, mas só de crescimento ele cresceu dez centímetros no ano, numa fase de altas mudanças, ele cresceu em autoconfiança, ele ficou mais confiante, eu achei que ele amadureceu emocionalmente e eu atribuo um bocado disso, o fato das mudanças todas, eu atribuo ao projeto sim, eu percebi isso, o crescimento, o amadurecimento (Entrevista com familiares, São Paulo/SP).

4.9.2 Fundação Gol de Letra

- 1) Nome da organização
Fundação Gol de Letra
- 2) Data de fundação
1998
- 3) Cidade/Estado
São Paulo/SP
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Nome: Nelson Vilaronga
 - b) Cargo: Coordenador Geral
 - c) Telefone: (11) 3679-2000/2001
 - d) E-mail: goldeletra@uol.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Bairro de Vila Abertina, distrito de Tremembé/SP
- 7) Origem dos recursos
Fundação Kellogg; Instituto World Childhood Foundation; Fundação ABRINQ pelos Direitos da Criança; BNDES, Fundação Vitae e Fundação Chase. Cerca de 4% do total orçamentário é oriundo de doações de pessoas físicas.
- 8) Áreas de atuação
Complementação escolar através de arte, cultura e esporte.
- 9) Objetivos
 - Criar instrumentos que minimizem as diferenças sociais para populações de crianças e adolescentes em situação de risco social através de projetos na área de complementação escolar, arte, cultura e esporte.
 - Investir na formação de jovens, para que possam tornar-se capazes de construir mecanismos que colaborem para a transformação de suas realidades sociais.
 - Garantir o direito a políticas sociais básicas como educação, saúde, cultura e educação.

- Contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes e ampliação das possibilidades de inserção educacional e social, através de programas de complementação da vida escolar dos jovens, oferecendo ações de apoio à escolarização, de desenvolvimento artístico, cultural e esportivo, e investindo na melhoria da escola pública, promoção da família e da comunidade”. (In *homepage* e material informativo da Fundação Gol de Letra.)

10) Público-alvo

Os programas desenvolvidos pela Fundação Gol de Letra são prioritariamente direcionados para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com idade entre sete e 18 anos oriundos de comunidades de baixa renda, residentes na Vila Albertina, distrito de Tremembé/São Paulo/SP.

A Fundação Gol de Letra desenvolve dois programas e um projeto direcionado a 250 crianças, adolescentes e jovens de sete a 18 anos, em período complementar à escola formal.

11) Caracterização e histórico

A Fundação Gol de Letra é uma organização não-governamental que trabalha com projetos na área de educação, cultura, promoção e mobilização social, voltados para crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda da cidade de São Paulo.

Surgiu há um ano e meio, como resultado da sensibilização de alguns segmentos do esporte no Brasil, especificamente o futebol, a partir da situação de miséria social de crianças e adolescentes no país. O passo seguinte foi situar algumas comunidades com as características necessárias, como falta das políticas sociais básicas – saúde, educação, assistência entre outras –, que se adequassem aos critérios para, em seguida, dar início aos trabalhos. A Fundação desenvolve hoje seus programas na comunidade de Vila Albertina, situada no distrito de Tremembé em São Paulo. Está em fase de implantação a segunda unidade da Fundação Gol de Letra, no bairro de Itaipu, em Niterói, Rio de Janeiro, onde os funcionários já foram

selecionados, contratados e agora passam por uma capacitação. Sua implementação está prevista para agosto de 2001.

12) Recursos humanos

A Fundação tem dado preferência a profissionais de áreas diversas que tenham experiência com o terceiro setor. Conta com uma equipe de profissionais com formação superior e atuação na área de educação, artes e esporte. A seleção é feita mediante entrevista com a coordenação. Para o trabalho com esporte, a Fundação tem dado preferência a profissionais do sexo masculino. Visando à capacitação, a Fundação realiza uma semana de planejamento com cada profissional envolvido após o processo de seleção, como uma espécie de treinamento, em que são discutidos os princípios que o projeto intenciona trabalhar junto a seu público-alvo. Durante todo o ano, também são realizados cursos, seminários e palestras, no sentido de estar sempre capacitando seus profissionais. A cada início de ano e meio do semestre é feita uma capacitação com todos os profissionais, quando são discutidas questões pedagógicas e metodológicas do projeto. Os profissionais envolvidos em geral são remunerados, mas o projeto conta com voluntários da comunidade e com profissionais de saúde cedidos pela Escola de Medicina de São Paulo.

13) Programas e projetos em curso

A Fundação Gol de Letra desenvolve hoje três programas:

1. Programa *Virando o Jogo*
2. Programa *A Cara da Vila*
3. projeto *Biblioteca Comunitária*

O trabalho é desenvolvido diariamente no período extra-escolar. São realizadas oficinas diárias e palestras pontuais. Cada turma conta com duas oficinas por dia, e as temáticas são alternadas de maneira que todos os alunos semanalmente passem por todas as oficinas. Aos sábados, são realizados encontros sob forma de palestras e oficinas direcionadas para os jovens que saem do projeto por motivo de idade. Esta é uma forma de os estar acompanhando junto à comunidade.

No que se refere à área de saúde, o trabalho tem um perfil um pouco diferenciado de outras oficinas. É desenvolvida uma ação bastante direcionada para a prevenção e promoção de saúde. Há um momento de checagem pela manhã e à tarde, quando os profissionais de saúde passam dez minutos com todos. No primeiro momento, orienta-se sobre higiene, saúde corporal, bucal, saneamento básico etc. A partir daí, vem a demanda da própria comunidade. Por exemplo, em certa ocasião, quando surgiram ratos na comunidade, a Fundação realizou palestras sobre lixo comunitário, esclarecendo sobre a importância da limpeza, como também ensinando medidas preventivas de doenças.

A Fundação Gol de Letra tenta também não desvincular esse tipo de atividade da necessidade de utilização dos serviços públicos de saúde, uma vez que o tempo de permanência no projeto é finito. Apesar de hoje eles terem plano de saúde, a Fundação está sempre tentando manter um elo com outras instituições, encaminhando as famílias a buscar medicamentos no serviço de saúde pública.

14) Metodologia

Desde sua instalação na Vila Albertina, a Fundação Gol de Letra procurou criar um vínculo de confiança com seus moradores, líderes, diretores de escolas, Conselho Tutelar e entidades sociais para estabelecer uma parceria na implementação de seus projetos e conhecer melhor as necessidades de atendimento da população infanto-juvenil. Assim sendo, organizou, na primeira fase da implantação do programa *Virando o Jogo*, uma reunião com as lideranças, organizações e instituições do bairro, para que indicassem e encaminhassem as crianças e adolescentes que necessitassem do atendimento oferecido pela Fundação. Em seguida, as famílias inscreveram seus filhos para a seleção de 100 crianças e adolescentes, realizada entre meninos e meninas, dentro dos seguintes critérios:

- Morar no entorno do projeto
- Estar na escola em horário compatível com o do programa
- Pertencer a famílias numerosas
- Situação social e familiar de necessidade
- Renda familiar até quatro salários mínimos.

Para o programa *Virando o Jogo*, o trabalho educativo foi estruturado nas seguintes áreas: educação física, artes plásticas e teatro, língua e literatura, inglês e informática.

Todas as atividades são realizadas em dois períodos de quatro horas diárias. Neste programa, todas as crianças e adolescentes frequentam todas as atividades, durante a semana. Os grupos são organizados por faixa etária, sendo a turma A de sete a nove anos, a turma B de dez a 12 anos e a turma C de 13 a 14 anos.

No programa *A Cara da Vila*, as turmas são organizadas aos sábados, segundo o interesse dos adolescentes entre 13 e 18 anos, com as seguintes atividades: Oficinas de teatro, Fotografia, Vídeo e Música.

Os programas trabalham com temas gerais, em que são inseridas discussões relacionadas ao cotidiano da própria comunidade.

No Projeto *Biblioteca Comunitária*, 12 jovens de 15 a 21 anos atuam como mediadores de biblioteca e recebem uma bolsa-auxílio no valor de R\$ 75,00. Cada criança, adolescente ou jovem do projeto recebe um plano de saúde e uma bolsa de R\$ 112,00 por mês.

15) Redes, multiplicação e parcerias

A Fundação Gol de Letra conta com vários parceiros que colaboram de forma diferenciada com financiamento, bens e serviços. Dentre os financiadores, destacam-se a Fundação Kellogg, o Instituto World Childhood Foundation, a Fundação Abrinq Pelos Direitos da Criança, o BNDES, a Fundação Vitae e Fundação Chase, além de pessoas físicas que apóiam o projeto. A instituição conta ainda com o apoio de empresas como: a Unimed Paulistana, que oferece plano de saúde para todas as crianças, adolescentes e jovens do projeto, e seus familiares durante o período de atividades; a RX Qualix que fornece os produtos para limpeza; a Pitti & Brant Comunicação e Litokromia que trabalham na criação da arte e impressão do material gráfico; a Cuca Toys que oferece brinquedos; a Intel/Microtec que doou computadores; a Kappa que contribuiu com uniformes; a Promofarma que contribui com remédios; a Viação Nações Unidas que doou dois ônibus para a Fundação; e o Supermercado Ourinhos, que oferece descontos para a Gol de Letra. Também tem como parceiros a Escola Paulista de Medicina, que cede profissionais de saúde para atuarem no projeto.

O projeto da Fundação Gol de Letra conta hoje com algumas parcerias de naturezas diversas e tem conseguido atrair cada vez

mais novos parceiros, e envolver mais intensamente os que dele já fazem parte. Neste aspecto, o projeto tem conseguido ser um multiplicador.

A família tem-se envolvido muito em todo o processo, sendo considerada uma das grandes voluntárias do projeto, desenvolvendo um trabalho junto às outras famílias da comunidade.

Essa nossa comunidade tem uma coisa muito boa que é o grupo familiar. Mesmo que a mãe não tem o pai dentro da casa, essa criança, ele vai sempre ter o tio, o avô próximo, sempre tem a referência familiar. Eu acho que isso também facilita na prevenção de doenças, porque sempre tem alguém ajudando de alguma forma (Entrevista com profissionais de saúde, São Paulo/SP).

A parceria feita com a comunidade local é imprescindível para que os projetos tenham êxito. Um deles, *A Cara da Vila*, também faz um trabalho direcionado a jovens e adultos da comunidade, e consiste na formação de agentes comunitários. Há um intenso trabalho por parte da comunidade no que se refere ao acompanhamento dos jovens e suas famílias. É ela que vem identificando problemas emergentes relacionados ao projeto.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

A Fundação Gol de Letra realiza um processo de auto-avaliação da proposta pedagógica com todos os profissionais envolvidos. Uma das principais questões tratadas é a relevância do trabalho realizado, sua validade, e se todo o investimento tem sido compensatório. Com relação ao trabalho com as crianças e adolescentes, o processo de avaliação é ainda incipiente.

17) Problemas específicos da experiência

- Um dos problemas apontados pelos educadores foi a questão da concorrência que o projeto desenvolve entre os próprios meninos da comunidade. Este fator tem criado certa rivalidade entre os jovens que estão e os que não estão no projeto. Outro aspecto ressaltado como obstáculo diz respeito à dificuldade de envolvimento quanto à valorização do espaço físico da Fundação. Para os educadores, em muitos momentos, este não tem

sido encarado pelos jovens como um espaço privilegiado para possíveis mudanças, havendo também, em alguns casos, descomprometimento dos jovens para com o conteúdo desenvolvido nas oficinas.

Eles têm uma certa resistência em compreender compromissos, eles têm direitos mas têm deveres, e assumir esses compromissos, eles sabem que é um processo. Eu acho que eles não têm esse hábito, aí muitas vezes eles não sabem fazer uso disso. Tem coisas que a gente precisa trabalhar o tempo inteiro, assim: isso é seu, a Fundação é para você ou então eles detonam, quer acabar, destruir tudo, parece que tem uma ansiedade interior, não consegue perceber que aquilo é seu. A maior dificuldade é com eles, para a gente saber onde caminhar, o que fazer para motivar esses meninos, criar um compromisso neles. Às vezes, você quer tanto isso que você tem que tomar cuidado, porque senão você acaba afastando eles em vez de aproximar, esses são os nossos desafios (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- Alguns aspectos foram suscitados como problema pelos profissionais de saúde, no sentido de que o projeto atinja suas metas. A questão da saúde é extremamente delicada e, para estes profissionais, torna-se difícil conseguir bons resultados sem que haja condições básicas de desenvolvimento físico e de higiene na comunidade. Também existe a necessidade de desenvolver com os jovens trabalhos que impliquem fundamentalmente a prevenção e orientação sobre sexualidade, desenvolvimento físico, DST/AIDS, considerando a própria curiosidade intrínseca aos jovens. Neste contexto, também seriam abordadas outras questões como: prevenção de gravidez precoce e de alto risco, violência, acidente, uso de drogas, problemas estes considerados sérios pela comunidade. A maior dificuldade reside no fato de que, quando se aborda a questão das drogas, todo o trabalho é monitorado cuidadosamente pelos traficantes, que intervem diretamente na operacionalização das atividades.

Temos que tomar muito cuidado com a abordagem da questão das drogas, até com a segurança da Fundação, com a nossa, temos que ter muita cautela. Esse assunto está sendo estudado, vai ser abordado, mas tem que ter muito cuidado, porque no primeiro momento houve uma autorização não-formal mas velada dos traficantes, para que nós começássemos a dar encerramento aqui.

Depois começaram a mandar recado, através das mães da comunidade: “ eles falaram que vocês podem trabalhar sossegado que ninguém vai mexer aí”, é muito complicado. As pessoas que fizeram matrícula a semana passada falaram: “olha, mandaram avisar que do jeito que vocês fizeram não é para ninguém mexer com vocês, porque o trabalho de vocês é honesto, que é diferente das escolas e da creche”. É uma comunidade que na figura de justiceiro, eles aceitam, se eles chegam aqui na área na figura de justiceiro, se eu peço uma segurança da comunidade. Então temos trabalho social, um número de violência muito grande aqui em volta, temos que ser impertinentes quando vamos trabalhar esse tipo de assunto numa comunidade como essa, e que muitas vezes as criança vêm nos sondar, é complicado (Entrevista com profissionais de saúde, São Paulo/SP).

18) Por que uma experiência inovadora?

- O projeto tem sido avaliado pela comunidade como um elemento transformador de suas realidades. O sentimento de pertencimento é visível na fala das pessoas. A Fundação tem conseguido realmente envolver a comunidade e fazer parte de sua vida.

O projeto, pelo menos a Fundação, foi uma coisa muito boa que chegou aqui. Hoje a gente tem 150 crianças aqui dentro, os pais foram beneficiados, uma coisa que ajudou muito a comunidade foi esse convênio médico que chegou até aqui, muito bom, o pessoal está sendo bem servido, está sendo bem atendido pelo convênio, então o pessoal está gostando muito, está sendo muito bem realizado. A comunidade reconhece o projeto, porque o pessoal que eu converso, as pessoas de quem os filhos já não estão mais aqui, estão sentindo por ter perdido essa oportunidade, de que hoje seja o filho dele desenvolvido e os benefícios que a Fundação fornece (Entrevista com a comunidade, São Paulo/SP).

- Tem ocorrido um processo de reconhecimento e sensibilização de outros setores da sociedade, como as universidades, para com a proposta pedagógica desenvolvida pela Fundação Gol de Letra.

O que eu acho importante aqui nesse projeto é que dentro dessa dependência mundial, dentro do terceiro setor, a universidade percebeu que era importante participar desse projeto e ele atende a necessidade entre toda a universidade, o movimento de saúde e a prevenção de doença. Um braço da universidade dentro da comuni-

dade, nada melhor do que isso é ter um projeto de fundo social, um serviço da universidade, um trabalho próximo à comunidade, isso que eu acho importante. A Fundação começou em agosto e nós estamos fazendo a ponta desde o início, estamos sempre atuando em parceria (Entrevista com profissionais de saúde, Paulo/SP).

- Os profissionais envolvidos defendem que o projeto tem sido vitorioso, especialmente pela visibilidade que tem conseguido alcançar, atraindo, conseqüentemente, cada vez mais parceiros entre atletas, profissionais liberais etc. Na medida do possível, a Fundação está sempre avaliando o projeto na sua continuidade, e os profissionais estão sempre avaliando, buscando novas diretrizes de acordo com o quadro metodológico proposto.

Eu acho que tem muita gente da comunidade que ainda não conhece a Fundação, porque o bairro é muito grande, mas tem muita gente que conhece e isso é muito legal. Tem o pessoal da saúde que vem atender o pessoal, dar palestra, a Gol da Arte que fez o muro, com a participação da família. Acho que isso fez as pessoas terem respeito, valorizarem. Pelo menos o que eu sei é que existe uma preocupação da comunidade de cuidar da Fundação, a participação das crianças é cada vez maior. Estão sempre procurando se envolver em novas atividades, ou trazendo um outro amigo. Isso mostra pra gente que é uma coisa boa (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- É consensual para todos os atores envolvidos que atividades como essas desenvolvidas pela Fundação Gol de Letra possuem forte potencial para o combate à violência, pois oferecem subsídios para a construção de uma nova percepção social.

Eu brigo muito com meus alunos, eu falo de esporte, eles falam que eu só falo de esporte. Eles podem se expressar através do futebol e da arte, não tem aquelas pessoas que fazem música, pode ser que essa música faça uma reflexão sobre a violência que tem. É só você encaminhar isso, de repente você pode expressar a violência do mundo através da arte. Agora você pega esporte e utiliza, é o que acontece com a garotada que vai para o estádio, na maioria das vezes que é gerador, que ele vem para a Fundação e pensa que vai virar atleta, mentira. Para ser atleta, demora muito, tem um monte de coisas por trás, agora ele vem para cá, aprende, aí ele vai para o mundo em busca do seus sonhos e não consegue, ele vai ser um torcedor fanático e revoltado, qualquer, ele vai bater, brigar, vai ficar com a violência e ele precisa canalizar essa violência (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

Esse tipo de projeto serve para combater a violência, porque as pessoas tendo um bom educador, pessoas que podem instruir esses adolescentes, fazendo com que ele ocupe o tempo dele ali, aquele tempo vago, ele pode ser ocupado. Quando ele sair dali, sai com alguma coisa na mente, ele não vai ficar pensando em coisas erradas, coisas que podem atrapalhar o movimento e a vida dele. Então de acordo, se qualquer movimento de esporte, a juventude hoje é ligada na área de esporte, então se tem alguém que possa nos ajudar dessa forma que se envolva a juventude e adolescente seria muito bom, pelo menos combatia uma parte de violência (Entrevista com a comunidade, São Paulo/SP).

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Quanto à questão dos efeitos dos projetos na vida dos jovens, um dos aspectos mais evidentes é sua relação com a visão sobre a escola. Há um processo de reconhecimento e valorização do papel da escola, dos instrumentos que ela pode oferecer e do processo de aprendizagem, inclusive, uma maior preocupação com relação ao futuro. Foi possível identificar na fala dos meninos (as) que a escola passou a ter um papel estratégico na oferta de caminhos para este possível futuro de inserção social, de oportunidades, especialmente no afastamento das drogas etc.

Para mim, a escola foi a coisa mais importante que aconteceu, eu tive que desistir da escola para trabalhar no supermercado, sendo assim, se ela não se esforça muito, ela não vai ter cobrança nenhuma, no meu ponto de vista, se for escolher entre estudante, trabalhar primeiro ou terminar de estudar para depois trabalhar, porque o colegial é o último para prestar faculdade, assim eu vou me preocupar mesmo. Junto com eles eu estou melhorando cada dia mais, estou aprendendo mais, estou podendo estudar mais. Jovens como a gente aprendem bastante coisa, o teatro é uma coisa que eu nunca pensei em fazer, é uma coisa que eu também gosto, que eu estou aprendendo assim e estou aperfeiçoando. Os outros jovens que não fazem parte do projeto ficam na rua, ficam na rua com drogas. É, não sabem que tem outros caminhos, não sabem que tem alguém olhando para eles. Para mim, melhorou bastante (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

Mudou a relação com a escola, eu acho que mudou sim, antes eu não gostava muito de ler, agora eu leio assim sem nenhuma obri-

gação, tinha uma prova de literatura para fazer, antigamente eu tinha medo de fazer a prova, no outro dia eu já esquecia, tanto é que agora eu estou melhor, se eu não pego um livro na biblioteca... Mudou assim, porque antes a maioria dos alunos iam para escola, iam só pela presença, porque até a oitava série repete o ano por falta. Para mim mudou assim, o que me ajudou bastante nessa obra da biblioteca, foi assim, antes eu não tinha aonde buscar um livro para estar estudando (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- A família tem podido acompanhar e perceber mudanças no comportamento e avanços referentes à educação de seus filhos, afirmando que há um resgate da auto-estima e maior responsabilidade.

Meu filho está se desenvolvendo muito no português mesmo, ele nem sabia dançar nem nada, ele tinha vergonha, a timidez dele está saindo, então ele está aprendendo de tudo, está evoluindo em tudo, sabe conversar, tinha vergonha de conversar com as pessoas, agora ele não tem. Tudo aqui, porque aqui tem muitas pessoas de fora, então ele fica tendo conhecimento de fora e não só do dia-a-dia com aquela pessoa que ele conhece, estão conhecendo pessoas diferentes (Entrevista com familiares, São Paulo/SP).

- A comunidade, mesmo reconhecendo as limitações dos programas desenvolvidos, considera que a chegada da Fundação Gol de Letra conseguiu várias vitórias, sendo os jovens seu principal alvo. Aos olhos da comunidade, o que aconteceu foi um resgate da “dignidade”.

Com a chegada da Fundação, o ano passado o número de mortalidade aqui no morro diminuiu 50%, porque antes da chegada da Fundação, antes dessas crianças entrarem aqui, não tinha, chegava da escola ia para esquina, lá de cima da minha laje eu subia e dava para ver. Eu tinha uma oficina em cima, então eu ficava olhando, eu marcava no relógio sete horas, o traficante chegava para a entrega e a criança tinha 12...13 anos. Quer dizer que agora que eles estão aí não ficam mais lá para receber, então a chegada da Fundação foi assim, tipo assim, a dignidade. Acho que a palavra principal para dizer disso tudo aí é dignidade, porque se você não tem dignidade você não tem nada, você não pode levantar a cabeça para olhar, você não pode nem pensar em procurar um emprego e ter como se manter, acho que dignidade é a palavra que a Fundação trouxe. O que a Fundação trouxe para

nós foi isso daí , para a comunidade, para a criança para os jovens e para os pais. Ele hoje tem um linguajar de quase um adolescente que é um cidadão (Entrevista com a comunidade, São Paulo/SP).

- Além da mudança dos comportamentos agressivos dos jovens, eles têm aprendido a cuidar melhor de suas condições básicas de existência, como a saúde, a educação, e, em especial, tem percebido seu *status* de cidadão, sentimento esse até então desconhecido.

Nos jovens, não tem mais pancadaria e eles estão sempre arrumados, limpos, penteados, sempre o topete, os topetinhos, sempre em punho. Eles não ficam mais nem sujos, nem descalços, estão sempre arrumados. Antes, eles não tinham respeito, agora eles aprenderam. O projeto ainda é novo, ainda tem um objetivo muito grande a ser concretizado, mas nossa, eu diria que de 100%, 50% já foi andado desse caminho, porque é um longo caminho a ser percorrido e vai chegar lá. Mudou a perspectiva dos jovens que moram aqui e que passam para os outros, por isso quando ouve falar que tem uma vaga, chove gente. Todo mundo quer uma vaga. A mãe que tem um filho na Gol de Letra, sente que não vai perder o filho (Entrevista com a comunidade, São Paulo/SP).

- O trabalho desenvolvido na área da saúde tem sido indispensável, para que as demais mudanças aconteçam. Este trabalho tem conseguido efetivamente transformar valores, o modo de vida e as perspectivas desse grupo quanto às possibilidades de uma vida com mais dignidade, e os jovens, enquanto maioria, têm propiciado a visibilidade de todo o processo.

Ele passa a ser um agente dentro da família. Tem mudança nas atitudes, no próprio comportamento. É nítida a forma de convívio dos jovens, a agressividade diminui, a atitude deles com relação a estudar, confiança, conversar com a gente, a forma como eles vêm nos procurar, a gente percebe a atitude desses jovens do começo e como eles estão agora. A forma deles se limpar, de se vestir, de higiene, eles se transformaram (Entrevista com profissionais de saúde, São Paulo/SP).

- Para os profissionais envolvidos no processo, a mudança é absolutamente visível, começando com o aspecto visual, havendo um despertar para a auto-estima, valorizando-se a higiene individual e coletiva e o cuidado com a saúde. Também do ponto

de vista emocional, ocorrem mudanças, pois os jovens começam a se sentir protagonistas das transformações de suas próprias realidades.

Evidente que ocorre uma mudança profunda mesmo. Não se vê mais nariz escorrendo, comiam sem lavar as mãos, hoje, se um não lava a mão, o outro já critica. Olha, você entrou na fila do lanche sem lavar as mãos. E a apresentação deles mesmo, higiênica, de limpeza, de cortar cabelo, eles já se habituaram, certas coisas mesmo, como piolho, desapareceram. Eles mesmos se apresentam com frieira, chegam aqui e falam: será que isso dá para fazer alguma coisa, olha, vai ficar mau se a gente tirar o sapato. Antes eles não tinham essa preocupação, chegavam, tiravam o tênis e ninguém agüentava ficar dentro da sala (Entrevista com profissionais de saúde, São Paulo/SP).

Tem uma frase muito importante de uma jovem muito legal que infelizmente esse ano ela não veio mais, já fez 14 anos e eles começam a voltar para outras atividades, mas ela está sempre ligada com a gente, ela fala assim, que por ela ser filha de drogado, ter tio drogado e ser a filha menor, ela era a pessoa que tinha condição para quebrar esse elo, era responsabilidade dela, por ter essa consciência, essa chance de quebrar esse elo e não desejar para ela e para os irmãos, a partir dessa indicação, que continuasse essa chaga, isso é frase dela. Porque ela achava que para quebrar ela tinha que sair da vila para ser alguém e depois tirar a família. Hoje ela pensa que tem condições de crescer, se juntar com o grupo e mudar a cara da vila para que os irmãos e os filhos tenham condições de sobreviver. Então eu acho que para eles mudarem a cara da vila, eles têm que unir as várias facções. Respeitar outro pensamento, respeitar outras gangues desde que seja do bem (Entrevista com profissionais de saúde, São Paulo/SP).

Eu acho que, quando a gente demonstra interesse por eles, como a gente demonstra seriedade no trabalho, eles também vêm assim com sede de interesse. Outra coisa é a própria postura, aprende a se organizar, aprende a reivindicar, é muito interessante e muito importante, isso também, ver a coisa crescer. O papel que eles têm dentro da Fundação e saber que têm um espaço garantido para eles. Independente de ser atendido no pedido ou não, mas eu estou aqui fazendo o meu pedido e participando dessa discussão e encaminhamento e dessa ampliação mesmo de conhecimento, de interesse. Esses jovens que vão estudar estão se interessando por outra profissão (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

4.9.3 Meninos do Morumbi

- 1) Nome da organização
Associação Meninos do Morumbi
- 2) Data de fundação
1996
- 3) Cidade/Estado
São Paulo/SP
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental sem Fins Lucrativos
- 5) Contato
 - a) Nome: Flávio Pimenta
 - b) Cargo: diretor presidente
 - c) Telefone/fax: (11) 3722-1664
 - d) E-mail: meninostaff@webrazil.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Bairro do Morumbi e comunidades do entorno.
- 7) Origem dos recursos
A maior parte dos recursos é oriunda do Grupo Pão de Açúcar, principal mantenedor das diferentes áreas do projeto. Há também outros parceiros que oferecem apoio em menor porte, como a Credicard, HP, Collens International, entre outros não-identificados.
- 8) Áreas de atuação
Arte-cultura (música) e promoção de direitos.
- 9) Objetivos
 - Oferecer instrumentos que colaborem para uma transformação estrutural na vida de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, a partir de atividades que envolvam música, dança, teatro e artes de uma maneira geral.

- Desenvolver o protagonismo juvenil, pois o projeto não espera que os jovens transformem-se em artistas, mas sim que, a partir desse tipo de trabalho, possam vislumbrar e construir possibilidades futuras de inserção social.
- Realizar oficinas de música, dança, canto, teatro, com os jovens que freqüentam o projeto, na perspectiva de uma mudança da percepção desse referido grupo.

10) Público-alvo

A Associação Meninos do Morumbi trabalha majoritariamente com crianças e adolescentes com faixa etária entre cinco e 18 anos, oriundos de comunidades de baixa renda, residentes na Zona Oeste e Sul da cidade de São Paulo, cerca de 90% do grupo; o restante corresponde a jovens de classe média e alta residentes no bairro do Morumbi/SP e algumas adjacências.

11) Caracterização e histórico

A Associação Meninos do Morumbi é uma organização não-governamental sem fins lucrativos de caráter permanente, que desenvolve um projeto sociocultural com crianças, adolescentes e jovens em situação de risco social, residentes em comunidades de baixa renda da Zona Oeste e Sul da cidade de São Paulo. Seu maior enfoque é a música, mais especificamente a percussão, seguida pela dança e pelo canto, ensinados não apenas como diversão, mas principalmente como perspectiva de transformação do contexto social excludente na qual essa população está inserida.

A Associação Meninos do Morumbi começou informalmente com pequenos grupos de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social que passaram a ter aulas de percussão com músicos de renome, residentes no bairro do Morumbi/SP.

A partir de então, o projeto ganhou cada vez mais uma maior aderência de jovens também de outras classes sociais, o que colaborou para que fosse desenvolvido um trabalho heterogêneo, articulado e comprometido entre diversas camadas da sociedade paulistana.

12) Recursos humanos

Os profissionais que trabalham na Associação Meninos do Morumbi têm formação bastante diversificada, alguns na área artística (música, canto e dança), outros com experiência em educação escolar, psicologia e pedagogia.

Com relação ao trabalho voluntário, este se aplica ao âmbito da saúde, e a formação dos profissionais abrange o grupo de médicos, psicólogos e dentistas, que fazem um trabalho mais externo, a partir da disponibilidade dos horários de cada um.

A equipe de coordenação do projeto é formada pelo diretor, coordenador da área artística, maestro e pelo instrutor de percussão do grupo; também trabalham uma psicóloga que é coordenadora geral e a diretora pedagógica com formação em pedagogia.

Outros profissionais que fazem parte do corpo de funcionários da instituição, professores das diferentes áreas (música, teatro, informática, jiu-jítsu, capoeira, inglês e educação física) e os bolsistas que são integrantes, possuem diferentes idades e capacitações. Não houve informação referente ao processo de seleção dos funcionários.

Há um processo de capacitação dos profissionais, mas que não acontece de forma sistemática. No projeto, estão sempre sendo realizados cursos com temáticas variadas dos quais participam não só professores, mas também alunos e familiares. O projeto conta com funcionários remunerados e voluntários. Como já se assinalou, os voluntários que hoje trabalham no projeto atuam na área da saúde.

13) Programas e projetos em curso

As atividades desenvolvidas pela Associação Meninos do Morumbi compreendem trabalhos artístico-culturais, incluindo a questão da família, saúde, comunidade, esporte e formação profissional. São realizadas sistematicamente apresentações públicas, consideradas instrumento maior de motivação para os jovens, não só pela questão da qualidade musical, reconhecida como uma das principais características do projeto no âmbito social, mas também como um dos elementos que, para os jovens, fazem valer a pena estar inserido no projeto.

Neste contexto, para as apresentações, existem alguns critérios de seleção dos participantes. Em decorrência de a banda trabalhar com instrumentos, ela precisa de um número mínimo de participantes para cada apresentação, que tem sido a média de 80 jovens. Além

disso, o projeto também necessita de transporte e alimentação. Para a escolha dos participantes, é feita uma listagem específica para cada evento. Segundo a instituição, os jovens têm participado de apresentações com artistas consagrados, participações em CDs de artistas nacionais e internacionais, *shows* em eventos institucionais de empresas, entre outras atividades.

Com referência à área artístico-cultural, as atividades são divididas entre oficinas de música com instrumentos musicais, canto, dança e teatro. No campo da família e comunidade, são realizadas visitas domiciliares, atendimento e encaminhamento para a utilização das redes de serviços disponíveis, reuniões com as famílias e uma tentativa de mediação dos conflitos intrafamiliares. Os serviços referentes à saúde, desenvolvidos pela instituição, englobam desde o atendimento psicológico e odontológico feito por voluntários que atuam em seus respectivos consultórios através de um “banco de horas”, até o encaminhamento para os serviços de saúde e avaliação audiológica para detecção de possíveis necessidades especiais auditivas e atendimento especializado quando necessário.

14) Metodologia

Para a estruturação do trabalho, a metodologia fundamenta-se nos princípios estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069/90, seguindo a linha da teoria construtivista, por acreditar que somente através do desenvolvimento desses jovens como protagonistas dentro de suas realidades e grupos sociais – família, escola, comunidade em geral –, é que se poderá de fato intervir no seu processo de transformação.

O principal veículo do projeto é a arte que, para seus idealizadores, consegue ser capaz de potencializar os talentos de um grupo, assim como lhes dar visibilidade social.

Para a implantação do programa, houve primeiramente uma abordagem dos jovens nas ruas e semáforos, como tentativa de aproximação, seguida da sedução, para posteriormente convencê-los a visitar a associação e participar das atividades.

As atividades do projeto têm como principal foco a banda de percussão. Todas as atividades realizadas convergem essencialmente para o trabalho da banda, considerada a espinha dorsal do projeto.

São desenvolvidas uma série de oficinas fixas, englobando atividades obrigatórias como a música (percussão, bateria, piano, te-

clado), dança, canto, inglês, computação, teatro e ensaios aos sábados. Os jovens que fazem parte do projeto têm uma carga intensa de atividades, especialmente porque um dos principais critérios de participação exige que os jovens freqüentem a escola formal, exce- tuando-se o momento da entrada, quando o projeto trabalha no au- xílio às famílias, para a inserção dos jovens nas escolas.

O trabalho desenvolvido com esportes é obrigatório e integra atividades como futebol, jiu-jítsu e capoeira, escolhidos de acordo com a maior identificação dos próprios jovens com as práticas desportivas. São ainda realizadas oficinas de informática, inglês e mecânica de automóveis, esta última em fase de implantação. Todas as oficinas estão direcionadas para a formação profissional.

O principal foco do projeto é a banda-*show*, considerada como porta de entrada para as outras atividades que convergem para al- gum tipo de participação na banda.

A instituição defende que seu trabalho não pretende ter um ca- ráter paternalista, pois desta forma estaria reproduzindo o discurso dos comumente chamados “pobres jovens carentes”. Ao contrário, os jovens que entram no projeto constroem uma visão diferenciada quanto a seu papel social, passando a ter clareza de que, mesmo ten- do vindo de uma classe de menor poder aquisitivo, agora fazem parte de uma banda com prestígio e que muitas serão as responsabilida- des neste processo.

As oficinas de caráter obrigatório são as de: dança, percussão, inglês, informática, canto, teatro e condicionamento físico. As ativi- dades fixas no projeto funcionam de segunda a sexta-feira. Nas ter- ças, sextas e sábados são realizados ensaios. O projeto inicia suas atividades às 7h30 da manhã e, nos dias de ensaio, se estende até 22h30 ou 23h. Nos outros dias, encerra suas atividades entre 20h e 20h30. Fora dessa estrutura, há as apresentações públicas que são estruturadas sob a forma de calendário mensal.

Faz parte da metodologia utilizada um trabalho de acompanha- mento dos jovens e de suas famílias, consideradas como elemento integrante de todo o processo. O projeto é defendido pela coordena- ção, com o sendo um “projeto-escola-família”.

15) Redes, multiplicação e parcerias

Além das parcerias financeiras com empresas privadas, o pro- jeto conta com um convênio com a Prefeitura Municipal de São Pau-

lo através da Secretaria Municipal de Assistência Social, que permite cobrir parcialmente a necessidade de recursos humanos, a manutenção dos instrumentos, limpeza e conservação da associação.

A Associação Meninos do Morumbi conta essencialmente com parcerias para existir. Segundo os responsáveis, o projeto tem conseguido ganhar cada vez mais visibilidade e, conseqüentemente, atrair um maior número de parceiros, apesar do pouco tempo de existência. O projeto conta com parceiros mais fixos, como o Grupo Pão de Açúcar, que oferece desde recursos financeiros até assessoria de imprensa para a divulgação das atividades, e outros com atuações específicas, como artistas de renome e profissionais liberais. Para os coordenadores, a parceria é um elemento muito importante, e pode ser construída de várias formas. Como o projeto é recente, foi apontada a necessidade de se trabalhar para a ampliação das redes de apoio.

Também existem parceiros pontuais, como a Cultura Inglesa, que não é um financiador, mas oferece aulas de inglês para os jovens do projeto, assim como a Pizza Domino's, que fornece *pizza* durante os ensaios da banda.

A Associação Meninos do Morumbi é membro fundador do Fórum de Multientidades da Favela de Paraisópolis, cujo objetivo é potencializar e ampliar o trabalho em rede e as ações desenvolvidas na comunidade através de um trabalho conjunto do qual participam instituições que atuam nessa comunidade: ONGs da área da saúde, escolas e união de moradores.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Não existe um método de avaliação sistematizada, todo o processo é desenvolvido através de reuniões, entrevistas e, no final do ano, há uma avaliação geral do trabalho. A coordenação está tentando regularizar a periodicidade dessas reuniões, mas tem encontrado dificuldade em decorrência dos horários diferenciados dos técnicos e professores, especialmente por causa do grande número de funcionários e trabalhos desenvolvidos.

17) Problemas específicos da experiência

- Um dos grandes problemas enfrentados pelo projeto do ponto de vista operacional é a questão do financiamento, assim como

a demanda reprimida ocasionada pela insuficiência de recursos financeiros e humanos para atender à procura.

- Outro aspecto identificado como um problema específico da experiência é a pressão e cansaço que os jovens vêm sentindo, decorrentes do volume de atividades desenvolvidas. Apesar de os jovens se identificarem profundamente com o projeto, reconhecendo que estar ali dentro é uma grande oportunidade de transformação em suas vidas, eles avaliaram que tal situação tem atrapalhado outros aspectos de suas vidas que consideram essenciais, como por exemplo a família, que tem se queixado por não ter mais tempo para ficar com os filhos, nem mesmo nos fins de semana, que são os dias de ensaio e apresentação.

Acho que seria necessário ouvir os jovens. Antes o projeto não era tão grande, e a gente tinha um amparo aqui dentro, porque eles ouviam muito a gente e tentavam fazer com que fosse assim, a gente reclamava e eles ouviam a gente. E hoje não sei se é porque está maior, e tem muita gente, muitas crianças, nós perdemos essa voz, acontece muitas coisas aqui que a gente não gosta, só que a gente não tem mais voz, a gente tem que aceitar o que está aqui. Como muitas aulas, é muita coisa, no sábado é muita coisa, é bom mas... É muita pressa. A gente já vem aqui de segunda a sexta, a gente fica aqui todo dia, e chega no sábado, você quer ficar com a sua família um pouco e não pode, tem muita mãe aqui que enche o saco, fala que seu filho não pára mais em casa, e assim dia de sábado, tem muita coisa, tem muita aula e a noite ainda tem ensaio, eles matam a gente. No outro dia, no domingo ainda tem balada, tem balé e na segunda tem que ir trabalhar, nossa! (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Aponta-se também como problema, o intenso fluxo de apresentações públicas, sobrecarregando os jovens, assim como os critérios de advertência e suspensão.

É todo dia, todo dia tem que acordar muito cedo e fazer apresentações, às vezes tinha duas, três apresentações por dia. Às vezes chegava tarde assim, ia jantar, ia direto para cama, não podia nem brincar um pouco que as pessoas já diziam: Ah! tem que dormir, amanhã tem que acordar cedo, faziam o maior escândalo (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Os próprios educadores assinalaram ainda a questão do despreparo de alguns profissionais para desenvolver discussões sobre cidadania, já que muitos não têm a qualificação necessária, restringindo sua atuação à atividade técnica – dança, música etc. –, o que, em alguns momentos, acaba por desqualificar relativamente os trabalhos.

Não se tem, hoje, educadores preocupados com a questão de sociabilizar esses jovens, de estar voltado para outras questões, de falar através da dança, por intermédio da dança, por intermédio da música, mas falar da violência, da cidadania, do comportamento, do que pode melhorar, do que não pode, com regras, até com a questão da violência, com uma melhor vida, o que pode se propor de melhoria mesmo e até de você explicar o outro. Eu acho que falta, hoje, um curso, uma entidade que se preocupe com a educação de educadores (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- Os critérios adotados para a seleção dos jovens que viajariam para o exterior também foram ressaltados por pais e jovens, como um processo doloroso e pouco justo.

Acho que não teve quem não saiu triste, chorando. Acho que todo mundo chorou, porque todos se estressavam e se esforçaram para ir. Todos tinham algum problema, todos tinham, eu tinha um problema, cada um era caso diferente, mas todos tinham problemas, para mim foi o pior dia do ano, foi terrível, eles estavam chamando por ordem alfabética e meu nome é com “E” e já estava no “F”, e as crianças gritavam, você não sabia o que fazer. Tiraram uma menina porque ela só tinha 12 anos. Nossa! Mas ela chorou tanto. Tinha outros que não podiam ir por causa da idade, porque ele ia ficar querendo a mãe, essas coisas, mas eu achei uma injustiça assim, então falasse que não podia mesmo. Melhor que não colocasse o nome, e não desse esperança para a criança e para os pais (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

18) Por que uma experiência inovadora?

- Entre os jovens, educadores, coordenadores, pais e comunidade, é consensual o entusiasmo e o grau de envolvimento afetivo pelo projeto. De uma maneira geral, apesar de existir a clareza

de que muito ainda precisa ser revisto e melhorado, o projeto tem sido avaliado pelos atores, como uma experiência inovadora, por conseguir, dentre outros aspectos, trabalhar com o conceito de diversidades, a partir do envolvimento construtivo de vários segmentos da sociedade, e por colaborar para o crescimento individual e coletivo dos mesmos.

Eu amo, eu adoro trabalhar. Com as crianças também, com os menores também, com os adolescentes. É uma coisa que eu faço com muito amor, eu gosto muito, me dedico, eu acho que eu sou muito mãe, muito amiga, eu acabo me envolvendo emocionalmente, gosto demais e eu acho que esse envolvimento emocional é um envolvimento maduro porque, na verdade, elas me procuram para muitas coisas. Conversam comigo sobre mil coisas que nem têm a ver com a dança, é na vida delas e eu acabo trazendo isso para o projeto para poder trabalhar, ajudá-las. Muitas coisas que elas talvez não contariam para outras elas acabam contando para mim e eu acabo fazendo com que isso ajude de uma certa forma (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- A comunidade tem considerado projetos como esse oportunidades que provavelmente não existiriam em outro contexto. Para os coordenadores, tem sido gratificante perceber os resultados referentes às mudanças no comportamento social dos meninos.

As mudanças que o projeto têm conseguido oportunizar na vida desses jovens e a forma que eles nos mostram isso. A própria fala: “O projeto mudou minha vida. Antes era assim e agora...” Nesses agora... sempre tem uma esperança, sempre tem uma nova postura, um novo olhar e isso ainda é mais forte, porque nós ouvimos isso também em relação às famílias, porque para nós, aqui, é uma visão sistêmica desse indivíduo conosco. Em termos de uma família a que ele pertence, de um lugar onde ele mora, de um grupo ao qual ele já pertence, as instituições por onde ele transita. Então, o tempo todo, nosso olhar é de uma forma integral em relação a esse jovem. Então, nessa análise, se é um êxito, tem essas diferentes vozes da própria família que, em reuniões aqui, chegam a citar, inclusive o projeto como família, fazendo parte da família. E isso é ouvido do jovem em relação à família. Geralmente a mãe, no momento em que ela é questionada – “quem é a família dela?” – ela coloca o projeto. Por quê? Porque a família é aquele lugar onde se cresce, onde se troca e onde se cultiva uma

esperança e o projeto surge como esse espaço de esperança, de oportunidade, de abrir portas, de olhar para um futuro (Entrevista com a coordenação geral, São Paulo/SP).

- Para os familiares, o projeto é importante porque oferece a seus filhos a oportunidade de participar de atividades com as quais eles não poderiam arcar financeiramente, além de incentivá-los e abrir novas perspectivas futuras. Destacam-se ainda as grandes oportunidades de lazer que são oferecidas aos jovens que antes não tinham qualquer opção.

Eles ensinam, lá tem vários cursos que os pais não podem pagar e eles estão dando de graça, acho que isso para criança é muito importante, tira muita criança da rua, nem todos ficam na rua, mas tem muitos que ficam e os pais trabalham, não ficam em casa para ver e esse projeto é muito importante pro jovem, eles aprendem muita coisa importante (Entrevista com familiares, São Paulo/SP).

- Projetos como este são defendidos com veemência por todos os atores envolvidos, como instrumento essencial de inserção social e combate à violência.

Ter essas atividades socioculturais é extremamente importante e que eles possam promover debates, que eles possam questionar o porquê da violência, de onde surgiu a violência, como surgiu, fazer palestras, informativas mesmo, atividades de reeducação, atividades que venham bater de frente com a questão da violência, atividades que venham mostrar um outro lado, que eles podem usar a energia que eles têm para outra questão que não a violência, porque eles têm muita energia vital, mas que eles não usem para a violência, que eles podem usar de uma outra forma, canalizar toda essa energia para uma outra questão que não só a violência (Entrevista com coordenação, São Paulo/SP).

Eu acho que atividades como essas não vão resolver, mas vão ajudar a combater não só a violência, mas as drogas também. Não é por você colocando policial direto e reto que vai combater. Não é por aí. Eu acho que você tem que voltar a mente do aluno para outras coisas. Você tem que conquistar o aluno de outras formas. Oferecendo outras atividades que eles gostem, que eles se encantem, que eles se empolguem. Aí, eles vendo que a escola é um lugar um pouco mais prazeroso, daí eu acho que até as aulas vão se

tornar mais prazerosas para eles, eu acredito (Entrevista com a comunidade escolar, E.E. Adolfo Gordo, São Paulo/SP).

- A possibilidade de se construir um sentimento de “pertencimento” dentro de uma comunidade é considerada como um elemento marcante e fundamental para a construção de um futuro melhor para esses jovens.

Eu acho que projetos como esse, inicialmente, são oferta para esses jovens, algo que ele possa fazer, que ele possa fazer com prazer. E essas atividades têm algo prazeroso, mas elas trabalham com regras, com limites e interferem muito na visão de sujeito que eles têm de si mesmos, porque todas elas têm em comum a visão de trabalhar com a auto-estima, a questão de identidade, de “pertencimento”, pertencer a um time, a um grupo e ficar com ele. Isso tem um efeito bastante positivo em relação à questão da violência, porque se ele tem uma noção de si mesmo, se ele se apropria de um conhecimento sobre si, ele terá um conhecimento e um olhar diferente para o outro. Acho que, a partir daí, abre uma possibilidade de novos espaços “conversacionais”, espaços de troca. Eu estou pensando em uma violência inicial que é a violência verbal, a violência do olhar, até chegar na violência física que exclui e aí surgem as gangues, surgem as mortes e se ele se identifica com um grupo onde ele compartilha de aspectos positivos que é a mudança para melhor, de um futuro melhor, de novas possibilidades, sem dúvida, isso vai ter um efeito e ele não precisa mais entrar naquele grupo onde ele tem que se utilizar da violência para poder existir, do conflito. Ele continua convivendo com os conflitos e suas diferenças, mas ele passa a aceitá-las de uma forma respeitosa onde ele pode trocar. A diferença não é o problema, com uma nova escuta, sem dúvida, esse caminho da resolução dos conflitos através da violência tende a diminuir (Entrevista com educadores e coordenadores, São Paulo/SP).

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- O projeto tem sido avaliado pelos atores envolvidos, como construtivo e transformador no que se refere à percepção social dos jovens inseridos nas atividades realizadas com a instituição. É possível identificar a própria mudança da imagem que o jovem constrói de si mesmo, de seu papel social, revelando uma reali-

dade até então muitas vezes desconhecida. A questão da valorização da auto-estima bem como da responsabilidade são traços bastante visíveis, ambos contrapostos a um perfil agressivo vivenciado por esses jovens anteriormente.

Ah! Eu fazia muita coisa, jogava bola, brigava muito com a minha mãe, mandava ela ir passear, porque eu achava que estava certa, andava com gente armada, com pessoas erradas, eu convivia com eles numa boa. Era assim: minha mãe saía às cinco horas para ir trabalhar, eu esperava ela subir e me mandava, deixava a porta aberta, deixava tudo aberto e sumia e estava cheio de ladrão lá, mas eu não estava nem aí, eu ficava marcando o horário que minha mãe ia chegar, quando eu pensava que não, ela tava atrás de mim com uma vara desse tamanho [...] Depois, eu mudei completamente a minha vida, porque que eu me lembre de antigamente, eu andava que nem um moleque de rua, você está vendo hoje, eu não era assim, era folgada que só ela, e ignorante. Folgada que nem um moleque, andava com roupa de moleque, que nem maloqueira, toda suja, na rua não falava nada com nada, não queria saber, queria bater em todo mundo, queria mexer com todo mundo, xingava o Flávio, não queria nem saber que tocava, jogava os moleques no chão. Aí, depois de “uma cara” aí, eu fui percebendo que não é bem assim, você tem que compreender as pessoas, que eu tinha que cuidar mais de mim, e não ficar brigando com as pessoas na rua, aí eu fui me cuidando, mexia ali, mexia aqui, hoje em dia eu estou como eu estou agora, uma mulher (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Para a coordenação, há uma mudança da própria postura do jovem enquanto potencial agente de violência, tornando-se necessário trabalhar incisivamente junto à família para que estes efeitos se consolidem. Logo, para que essa mudança possa realmente acontecer, é preciso agir de forma mais ampla.

Percebo a mudança até na questão da dança. Por exemplo: quando eles chegam aqui, eles chegam cabisbaixos, eles chegam com o externo, essa região que a gente chama de externo, que é onde a gente, na verdade, quando você é criança, bebê, você, na verdade, o tem muito aberto. Quando você começa a crescer, ele vai se fechando um pouco. Quando você briga com alguém ou quando você está muito triste, você tende a abaixar a cabeça, a se recuar mesmo e, quando eles chegam aqui, eles chegam assim. Quando a gente começa a trabalhar, fazer o trabalho de dança, trabalho

corporal, aí você já percebe que na segunda semana ele já está com o peito aberto e estar com o peito aberto é enfrentar o mundo de uma maneira diferente, porque mesmo quando você vai brigar fala: “O que foi?”. Quando você vai brigar, a primeira coisa que você faz é abrir o peito para a pessoa e enfrentar. Então com isso, na verdade, você acaba enfrentando o mundo, fazendo a vida de maneira diferente que é decorrente da auto-estima mesmo (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- As viagens para apresentações no exterior têm causado grande efeito no comportamento dos jovens.

Um dos impactos, falando em impactos, é a questão da viagem para Londres. Porque uma coisa é sonhar e falar sobre esse sonho e a outra coisa é poder dar cor, dar nome a esse sonho. Isso teve um impacto sobre eles assim: “Olha, eles já foram. Eu poderei ir.” É muito comum crianças pequenas que sempre estão perguntando: “Eu posso ir na próxima viagem? O que eu preciso fazer para que eu possa?” Isso tem sido a mola propulsora do projeto, porque é um sonho que está ali, que eles se sentem caminhando na direção desse sonho, para que ele se torne realidade. Eles vêm, eles participam (Entrevista com a direção, São Paulo/SP).

- Para a família, assim como para os educadores e coordenadores, o projeto tem colaborado para o processo de amadurecimento dos jovens que cada vez mais têm desenvolvido o senso de pertencimento e responsabilidade.

Agora reconhecem a identidade dos meninos no sentido de pertencerem a uma associação, já não era mais um menino de ninguém. Ele descobre que é possível, que existem outros contextos que valem a pena, que é importante construir outros contextos sociais que não aquele do gueto. Muitos mudam, muitos... na verdade, a escola aqui é uma obrigação, nós tornamos obrigatória a frequência na escola e encaminhamos aqueles que não estão matriculados (Entrevista com a direção, São Paulo/SP).

4.9.4 Fundação Travessia

- 1) Nome da organização
Fundação projeto Travessia
- 2) Data de fundação
1995
- 3) Cidade/Estado
São Paulo/SP
- 4) Tipo de organização
Fundação de Caráter Público com financiamento privado
- 5) Contato
 - a) Nome: João Vaccari Neto
 - b) Cargo: Diretor Presidente
 - c) Telefone: (11) 3105-1059/1050 Fax: 232-7437
 - d) E-mail: projtrav@dglnet.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Centro Histórico de São Paulo: Vale do Anhangabaú e Praça da Sé.
- 7) Origem dos recursos
A origem dos financiamentos dos projetos desenvolvidos pela Fundação projeto Travessia vem das seguintes instituições: Bank Boston; Banco Bradesco S/A e Banco Fibra S/A; Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região/CUT; UNESCO, APEOESP – Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP/CUT; Pires Serviços de Segurança
- 8) Áreas de atuação
Defesa e promoção dos direitos da criança e do adolescente.
- 9) Objetivos
 - Defender e promover os direitos das crianças e adolescentes que atualmente vivem em situação de rua no Centro de São Paulo, através da articulação de esforços dos próprios grupos de jovens, suas famílias, redes de atendimento públicas e privadas, e suas comunidades.

- Executar ações diretas e indiretas voltadas para a reintegração ao convívio familiar.
- Auxiliar na utilização dos serviços de atendimento em geral, sendo o enfoque principal o exercício de direitos sociais básicos por todo e qualquer cidadão.
- Convergir um conjunto de programas multidisciplinares de “travessia”, denominação do próprio projeto, que compreende o trabalho de educação de rua com crianças e adolescentes, na perspectiva de saída integral desse grupo, e na reinserção familiar dos mesmos.
- Realizar oficinas pedagógicas cujo intuito é a ampliação do universo de possibilidades desses jovens no convívio familiar, escola e comunidade.
- Catalisar as ações da instituição para o acesso às condições básicas de desenvolvimento dos jovens, preconizadas na forma da Lei nº 8.069/1990, Estatuto da Criança e do Adolescente.

10) Público-alvo

O projeto trabalha com crianças e adolescentes em situação de rua no Centro histórico de São Paulo, Vale do Anhagabaú e Praça da Sé, com idade entre nove e 17 anos e 11 meses, com algumas exceções de rapazes de 18 anos.

11) Caracterização e histórico

A Fundação Travessia é uma organização de caráter público financiada por capital privado, que trabalha para a defesa e promoção dos direitos de crianças e adolescentes em situação de rua e vulnerabilidade social no Centro da cidade de São Paulo. Tem como maior foco a defesa pela implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8069/90.

O projeto Travessia surgiu no ano de 1995, em pleno processo de consolidação da democracia no Brasil. Foi a partir da preocupação com a situação de miséria social das crianças e adolescentes brasileiros, em especial daqueles que vivem nos grandes centros urbanos, por parte de diversos setores da sociedade, como sindicatos, empresas, instituições afins e comunidade, localizados no Centro de

São Paulo, que vários desses segmentos sociais uniram-se para a formulação de um projeto que contemplasse a defesa e a promoção de direitos da criança e do adolescente, a partir dos princípios essenciais preconizados na Constituição Federal de 1988, com ênfase em seu artigo 227 (In relatório de atividades Travessia, 1996/1997).

[...] É dever da sociedade, do Estado e da família assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Este artigo dispõe sobre a criança e o adolescente, e a doutrina da proteção integral, tratando-os como prioridade absoluta do Estado e da sociedade. O Estatuto da Criança e do Adolescente passou a ser o maior instrumento de defesa dos direitos dessas crianças e adolescentes utilizado pelo projeto Travessia, reconhecendo-os a partir de sua condição especial, que reside no fato de ainda serem pessoas em processo de desenvolvimento.

O projeto Travessia tem clareza de que seu papel não prevê o assistencialismo para crianças e adolescentes, mas sim contribuir para o envolvimento da sociedade como um todo nesse processo.

12) Recursos humanos

O projeto conta com um quadro de funcionários remunerados e voluntários. Os educadores têm formação superior, alguns com habilitação em licenciatura nas mais variadas áreas. Como o trabalho desenvolvido pelo Travessia é multidisciplinar, a diversidade também é evidente no processo de formação dos educadores. Vários possuem cursos de formação para educadores sociais, curso de atenção às vítimas de abuso sexual, entre outros. Para o trabalho relacionado ao campo das artes, o projeto conta com arte-educadores licenciados em artes plásticas, com experiência em educação no ensino formal.

O processo de seleção de funcionários se dá através de prova teórica sobre temas diversificados, seguida de entrevista junto à coordenação, quando é feita a avaliação do perfil de cada candidato. Exige-se formação superior, e a experiência profissional é ponderada para a escolha.

Quanto à capacitação, a própria Fundação oferece cursos para a formação de educadores sociais e orientadores para cada área dos programas.

13) Programas e projetos em curso

A atuação do projeto Travessia pressupõe as seguintes etapas:

- Crianças que já vivem na rua;
- Crianças recém-chegadas às ruas;
- Prevenção.

A Fundação projeto Travessia organiza-se através de três áreas:

- Área de Defesa de Direitos
- Área de Promoção de Direitos
- Área de Administração e Finanças

As principais áreas de atuação correspondem à defesa e promoção de direitos, onde estão inseridos os programas (ações continuadas) e os projetos (tempo definido). São eles:

Defesa de Direitos: O Projeto Travessia pretende, com seus respectivos programas, atuar na defesa dos direitos de forma direta ou indireta, através do sistema de garantias de direitos, para a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, utilizando medidas jurídicas, administrativas e político-sociais.

Programas:

- *Programa de Educação na Rua (PER)*
- *Programa de Educação, Família, Escola, Comunidades e Moradia (PEFECM)*
- *Programa de Educação, Artes, Cultura, Esporte e Lazer (PEACEL – “Casa do Bixiga”)*
- *Programa de Educação para o Acesso ao Direito (PEAD)*

Promoção de Direitos: A promoção de direitos é essencial para o exercício pleno da cidadania e, para isso, é fundamental o estabe-

lecimento de parcerias no sentido de qualificar e mobilizar a sociedade para um trabalho mais comprometido com a melhoria das políticas sociais e com o exercício desses direitos.

Programas:

- *Programa de Comunicação Social (PCS)*
- *Programa de Mobilização Social (PMS)*
- *Programa de Voluntariado (PV)*

Dentre as atividades desenvolvidas pela Fundação Travessia, são consideradas essenciais: o programa de *Educação na Rua*, o programa de *Educação, Família, Escola, Comunidade e Moradia* e o programa de *Educação, Artes, Cultura, Esporte e Lazer*. Entretanto é importante ressaltar que somente pela convergência com outros projetos pontuais decorrentes de demandas específicas, torna-se possível conseguir o êxito esperado com essas ações.

As atividades realizadas nas ruas e na Casa do Bixiga são estruturadas em jornadas semanais, no período da manhã e da tarde, de segunda a sexta-feira. No período da noite e nos fins de semanas, os meninos (as) que já estão fora das ruas vão para suas casas ou para abrigos parceiros. De segunda a sexta-feira, participam de oficinas pedagógicas (artes visuais, música, letramento, esportes etc.), realizadas na Casa do Bixiga (PEACEL), com o objetivo de prepará-los para reinserção no processo de escolarização regular e no convívio familiar. A partir do retorno à escola formal, passam a frequentar as oficinas de apoio às atividades escolares em horário alternado com as aulas. De acordo com a idade, podem ser inscritos em cursos de educação para o trabalho, ministrados por instituições parceiras.

14) Metodologia

A intervenção educativa inicia-se a partir de um período de *Educação na Rua*, que promove o processo de “saída da rua”, culminando com a decisão dos meninos e meninas por deixar de utilizar o espaço público como local de moradia e/ou sobrevivência. Neste trabalho, há um grande investimento dos educadores na construção e fortalecimento de vínculos afetivos com os educandos, pois estes

são essenciais, uma vez que favorecem o acolhimento e a confiança necessários para desencadear qualquer processo de aprendizagem que envolva a relação educador/educando. Além disso, tais vínculos ampliam as referências do educando, servindo como ponto de partida para a construção de novas relações afetivas, criando condições para que se dê o rompimento com a situação de viver na rua, facilitando o processo de saída desta condição.

A presença constante dos educadores em espaços fixos é tão importante quanto a própria atividade que é realizada no trabalho cotidiano, pois assegura a construção e consolidação dos vínculos afetivos que são essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Com a intenção de criar uma referência para os meninos e meninas que costumam freqüentar cada área/região de atuação, delimita-se um local para a realização das atividades o que estabelece o “espaço pedagógico” do trabalho desenvolvido. No caso dos meninos e meninas que vivem em situação de rua, isto significa criar novas situações para que passem a ter outras referências sobre formas de convivência, valores e práticas sociais que assegurem melhor qualidade de vida. São, assim, apresentadas a eles alternativas para a situação de viver nas ruas, estimulando a vontade de conhecê-las, de ser e fazer parte de outros contextos, ou seja, lhes são reveladas as possibilidades de mudança.

A partir do trabalho de *Educação na Rua* começa o processo de acompanhamento e orientação visando à garantia de seus direitos fundamentais. Este trabalho procura promover o fortalecimento das relações familiares e comunitárias, assim como a inclusão dos educandos no sistema de ensino formal e na rede de atendimento (políticas sociais públicas). Entretanto, como na maioria das vezes o retorno à convivência familiar não é imediato, muitos educandos passam por um período de transição, no qual ocorre uma aproximação gradativa de seus familiares ou responsáveis, e também dos espaços delimitados para a educação. Nesses casos, o abrigo em entidades se faz necessário como medida de caráter provisório, dentro de um processo educacional mais amplo que visa à inclusão social de crianças e adolescentes. Neste período de transição, a Fundação projeto Travessia realiza atividades educacionais através de oficinas pedagógicas, em um espaço protegido, com o objetivo de favorecer a estabilização de vínculos afetivos, desenvolver a disponibilidade para a aprendizagem e propiciar adaptação a uma nova rotina de vida, que inclui ter horários e regras a cumprir. As crianças e

adolescentes freqüentam as atividades deste programa até que possam exercer seus direitos fundamentais na escola, na família e na comunidade. A educação em espaço fechado ocorre como uma etapa do trabalho que sucede à educação na rua, sendo uma ação importante do projeto educativo, pois consolida a passagem da rua para a vida na comunidade, como cidadão incluído.

O trabalho educacional procura garantir que o educando tenha a possibilidade de participar de atividades diversas que permitam seu desenvolvimento em diferentes âmbitos, conforme o artigo 71 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

A criança e o adolescente têm o direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição de pessoa em desenvolvimento.

Em virtude disso, o atendimento é realizado através de um trabalho educativo desenvolvido em oficinas num espaço fixo da fundação e em instituições parceiras, que proporcionam atividades educativas e/ou de lazer. Os educandos que participam do programa são orientados e acompanhados por educadores sociais no contato com a família, na vida escolar, nos cuidados médicos, na atualização de documentos.

Durante esse processo, é realizado um trabalho educativo também com as famílias, por meio de várias ações integradas e complementares, como visitas e encontros com grupos de famílias, com o objetivo de gerar transformações nas representações acerca dos papéis de cada um na rede familiar e nas formas de convivência.

Dois aspectos merecem destaque no trabalho desenvolvido pela Fundação Travessia junto às famílias de crianças e adolescentes em situação de rua. O primeiro diz respeito à forma como se estabelece a relação entre a família e a instituição. Existem muitos trabalhos que são desenvolvidos com grupos familiares por diferentes instituições, sendo que, na maioria das vezes, é a família que procura a instituição solicitando o atendimento. No caso da Fundação Travessia, não existe uma solicitação por parte de nenhum integrante da família das crianças e adolescentes. É a Fundação que entra em contato com a família, a partir de um trabalho desenvolvido com os meninos e meninas em situação de rua. Em função disso, é natural que inicialmente exista certa resistência ou pouca disponibilidade por parte dos integrantes da família, já que o trabalho não inicia a partir de uma demanda deles. O

segundo aspecto se relaciona ao tipo de problema que incide sobre a ação educativa. Em geral, os trabalhos com grupos familiares começam a partir de um problema emergencial de violência, conflito com a justiça etc. para depois incidir sobre as questões mais de fundo.

No caso da Fundação Travessia, a ação educativa incide, na maior parte dos casos em problemas crônicos das famílias, que têm a ver com a forma como se relacionam entre si, condições de moradia, valores, entre outro aspectos. Muitas vezes, o fato de um filho estar fazendo das ruas seu espaço de moradia e sobrevivência não se constitui como um problema muito grande para a família. As razões são as mais diversas. Há casos em que os vínculos afetivos são muito frágeis, e a exclusão não é sentida como uma perda. Há também situações em que o filho que vai morar nas ruas é considerado um problema na família, e sua exclusão, às vezes, é quase um alívio. Em outras situações, as condições de vida na família e comunidade representam um risco equivalente à situação de rua. Enfim, o fato é que promover a inclusão dessas crianças e adolescentes implica desenvolver uma ação educativa que fortaleça os vínculos afetivos entre os integrantes da família e gere mudanças positivas nas relações de convívio.

Esses dois aspectos são determinantes para compreender que o trabalho educativo desenvolvido pela Fundação Travessia é processual em sua essência, e que os resultados são fruto de um longo percurso trilhado pelas famílias e educadores.

Existe hoje no projeto a preocupação quanto ao processo de expansão das parcerias. Para isso, foi elaborado um programa específico de comunicação social que tem, entre outras finalidades, divulgar o trabalho realizado, mobilizar a sociedade em prol dos direitos da criança e buscar novos parceiros.

Os trabalhos são desenvolvidos pela instituição de forma contínua, ou seja, não existe limite para o acompanhamento dos jovens que fizeram parte dos trabalhos da Fundação Travessia. Ocorre, entretanto, a não-iniciação do atendimento para jovens acima de 18 anos, em virtude da complexidade do próprio caráter legal, estabelecido por lei, em relação a jovens acima dessa faixa etária. O projeto tem uma especificidade quanto à sua proposta metodológica, calcada nos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente. Há uma constante recorrência dos jovens egressos à instituição, buscando orientação, o que possibilita o contínuo desenvolvimento dos mesmos, visando, em suma, ao protagonismo.

15) Redes, multiplicação e parcerias

A partir da proposta metodológica do projeto, foram realizadas várias parcerias, desde 1996. A seguir, enumeram-se apenas algumas delas: Literis Instituto de Assessoria e Pesquisa em Linguagem; Walter Bender Massachusetts; Instituto de Terapia Familiar; UNESCO; Centro Brasileiro de Pesquisas (CEBRAP); Companhia Metropolitana de São Paulo (Metrô); Shopping Eldorado; Cultura Inglesa; Shopping Light; projeto Quixote; projeto Aprendiz; Amident; Mc Donald's - loja da Rua Direita; SESC; Associação Viva o Centro; Núcleo de Estudos Comunitários da PUC-NTC; Centro Esportivo Raul Tabajara; Museu de Arte de São Paulo (MASP); Museu de Arte Moderna (MAM); Museu de Arte Contemporânea (MAC); Museu do Transporte; Teatro Popular do SESI; Grupo de Teatro XPTO; Grupo de Teatro Pombas Urbanas; Teatro da Universidade Católica (TUCA); Grupo Teatral Castelo Rá-Tim-Bum; Terceiro Milênio; Associação Meninos do Morumbi; Coral da AABB; Grupo Bate-Lata; Espaço Unibanco de Cinema.

Associaram-se também ao Travessia entidades e profissionais especializados em educação de rua e na questão da infância como: projeto Axé (Bahia); IEE-PUC (Instituto dos Estudos Especiais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) – PUC-SP; CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa); Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE e Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo.

Com relação ao trabalho desenvolvido junto à família, existe um programa específico (PEFECM), cuja perspectiva é fortalecer os laços afetivos das famílias para com as crianças e adolescentes que saíram das ruas, como também estimular a autonomia dos grupos familiares para o exercício de uma efetiva participação cidadã.

Os projetos contam com visibilidade junto à comunidade e os trabalhos são feitos de forma indireta (parcerias com organizações comunitárias). Algumas escolas aderiram ao projeto, bem como alguns abrigos.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

No que se refere à avaliação, o projeto trabalha com o sistema de auto-avaliação dos profissionais, de avaliação dos casos em acompanhamento e avaliação da proposta metodológica utilizada. A periodicidade não ficou evidenciada.

17) Problemas específicos da experiência

- Alguns educadores apontaram como obstáculo a estruturação das atividades. Consideram-nas exaustivas, o que contribui para o baixo rendimento dos jovens.

É, são oito horas, 40 semanais, o que é superpesado. Eu acho superpesado porque você acaba não rendendo. Você fica só na função. Você não tem um espaço de tempo para estar vendo seu trabalho. Eu acho que faz uma falta muito grande. Eu acho que lidar com esse público também não é essa carga, o perfil não deveria ser esse de jeito nenhum, de forma alguma. O ideal seria que fosse no máximo meio período para você trabalhar com eles. Você ter duas equipes, uma que trabalhe de manhã e outra equipe à tarde ou então você ter horários mesmo. Não é isso, não estou comparando com uma escola, mas ter alguns períodos que você venha e trabalhe, outros você reflete mais sobre o trabalho, faz pesquisa. Não essa coisa de oito horas, só ficar uma coisa funcional. É muito pesado (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- Outro aspecto considerado pelos educadores como problema é o caráter oscilante do público o que vem dificultando o andamento e a qualidade dos trabalhos. Os jovens que participam dos trabalhos, ora estão bastante envolvidos, ora sofrem as chamadas “recaídas”.
- Também foi destacado como problema a questão das parcerias, no que se refere à dificuldade de ampliação, reforço ou continuidade das mesmas. Defendem que essa questão é imprescindível para o desenvolvimento de todo o processo.

É que eu acho que falta na instituição você ter um trabalho de parceria com empresas que facilitem a inserção no mercado de trabalho desse menino que a gente não tem. Porque você desenvolve um trabalho com esse menino, você acha que o menino está até pronto, é lógico que ele não vai estar pronto 100%, mas ele está pronto e a gente tem dificuldade de inserir esse menino no mercado de trabalho. Dificuldade que a gente tem, mercado de trabalho, dificuldade de conseguir bolsa, dificuldade de cursos profissionalizantes. A gente tem que preparar esse menino e infelizmente a gente ainda não tem essas portas abertas. É o que falta. Porque aí é o complemento do trabalho, a finalização. O menino faz 18 anos, você vai pôr o menino na rua? Não faz sentido (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

18) Por que uma experiência inovadora?

- A avaliação positiva é comum entre os educadores, coordenação e demais parceiros, quanto aos efeitos benéficos desses projetos na vida dos jovens, bem como da necessidade de continuidade e ampliação desse tipo de trabalho. Para eles, tornou-se visível a transformação na vida dos meninos(as), especialmente quanto à saída das ruas e resgate da cidadania, envolvimento com a família e comunidade.

O papel de atividades culturais no trabalho com os jovens, eu acho superimportante para estar exercendo a sua cidadania, sim, porque uma hora que ele está fazendo uma atividade minha, ele está deixando a sua marca, está deixando o seu desenho, está deixando o seu registro. Então eu acho isso superimportante. As atividades que se têm no programa. A hora que você vai passear tem lá o seu comportamento, tem um monitor que fala, tem a resposta. Isso é importante para uma formação de adulto. De adulto, de cidadão, de um ser que fica adulto, que tem todos os direitos como um ser qualquer (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- É também reconhecido pelos familiares e comunidades em geral o esforço contínuo da Fundação Travessia em oferecer melhores condições de vida a estes meninos(as) e suas famílias, não num sentido paternalista, mas sim como colaborador no processo do exercício dos direitos, a começar pelos básicos, como atendimento à saúde, emprego etc.

Eles fazem atividades com o projeto Travessia que arrumou atividades para eles na escola. Eles estavam na escola, na escola eles ficam das sete ao meio-dia, daí ele sai meio-dia e vai para a atividade, fica do meio-dia até às cinco na atividade, aí ele sai de lá e vai embora para casa. Mas de trabalho que ganhe dinheiro, se a criança, até um certo tempo no estudo, for indo bem, arruma também. Dois meninos já arrumaram serviço lá. Arruma, sim. (Entrevista com pais/mães/responsáveis, São Paulo/SP)

- Tanto educadores quanto a comunidade defendem que projetos como esse ajudam a distanciar os jovens de uma maior incidência de violência, tanto como vítimas quanto como agentes, uma vez que canalizam suas atividades para uma perspectiva mais positiva.

Eu acho que a saída é ampliar os conhecimentos. Porque na escola você vai na escola, você tem as matérias que são programadas, que são aquelas matérias padrões que sempre tiveram e sempre vão ter. Uma coisa ou outra que está se implantando, que está sendo agora, mas a questão cultural acho que é a forma dos meninos verem as coisas de um outro ângulo. É ele perceber que através da música ele pode conhecer outras coisas, apurar a sensibilidade dele, a audição dele, a voz dele e fazer com que as pessoas ouçam isso e agrade. Eu acho que a coisa da arte, da cultura, do esporte, mexe com o jovem, ele reflete sobre as coisas. Ele tem um direito a isso. Isso é um direito adquirido por todos nós. Então é você estar integrado no mundo mesmo, é você tentar ser um ser pensante para as suas perspectivas abrirem, para você ter perspectiva, para você saber o que quer (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

- Para os animadores, atividades como essas trabalham, de forma sutil e prazerosa, a integração, a socialização, o companheirismo, a iniciativa, a responsabilidade, agindo, inclusive, como um complemento à escola formal. Estes elementos são considerados essenciais para canalizar o olhar dos jovens para valores associados à cidadania.

Através da arte que ele está trabalhando, a coordenação dele pelo envolvimento com cores. Então eu acho que a área cultural... o próprio teatro, trabalhar a expressão desse menino, porque os meninos, todos eles têm talento. Acho que é uma questão de trabalhar. E a área cultural favorece muito isso. A área cultural resgata uma coisa desconhecida para o menino. Quando o menino pisar no palco e vê que ele tem aquele potencial para estar fazendo um determinado papel... isso já é um ganho. Então, através dessas coisas, ele descobre coisas que acho que ele nunca iria imaginar que existiria (Entrevista com educadores, São Paulo/SP).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

- Para os atores envolvidos no projeto, seus efeitos tornam-se visíveis sob vários aspectos na vida dos jovens e de suas famílias. Um desses aspectos refere-se à questão do distanciamento das drogas, tornando-se um dos pontos mais fortes em todo o processo de mudança.

*Um exemplo de vida
agora eu vou mostrá
a história do menino
que só pensava em cheirá, em robá, em matá
não queria fazer nada
só usava droga
Ouvir desse moleque
Era cheirá ou matá
ou de se acabá
olha só meu deus onde essa droga vai pará
vai pará, vai pará, vai pará
o Travessia, mano,
não é pra relaxá
é pra o jovem cidadão estudá e trabalhá
o Travessia, mano,
não é pra relaxá
é pro jovem cidadão estudá e trabalhá
ei muleque, pare com essas brita,
vá pro Travessia para fazer a sua vida
o Travessia é um bom lugar
um bom exemplo também
chega mais,
chega mais,
vem você também
é!Um lugar bom assim
Ninguém vai te dá
Os seus amigos da rua
Só querem te acabá
Com você
E com tudo que você tem
Tiago e Rafael estão chegando
No refrão também
No refrão também
No refrão também
O Travessia, mano, não é pra relaxá
É pro jovem cidadão estudá e trabalhá
O Travessia, mano, não é pra relaxá
É pro jovem cidadão estudá e trabalhá...*

(Grupo focal com jovens - Rap de um dos integrantes do projeto;
São Paulo/SP)

Quando eu morava na rua eu usei muito crack. É, muito crack, quando eu vi que não dava futuro, eu pensava comigo, poxa, eu que já fui acabado com isso, perdi minha família, fui morar na rua por causa de crack. Ah, muitas pessoas já me deram muitos conselhos, quando eu estava na rua, eu parava no carro para pedir, o pessoal: Pô, baixinho, você tem uma cara tão legal, um menino tão bonito, porque você não sai dessa vida, de ficar pedindo, usando droga, o pessoal falava isso para mim, eu falava: É, tio, fazer o quê? Tem que ser assim, sai dessa vida e vai viver que vida? No dia que eu estava assim, estava de cabelo todo grande, com a roupa toda suja, descalço, parei de frente de um espelho e me vi, eu falei assim: Nossa! Estou parecendo um animal, gente, isso não é vida pra gente, não. Graças a Deus estou aí no Travessia e nunca mais quero sair (Grupo focal com jovens, São Paulo/SP).

- Para os pais, o projeto desenvolveu um novo senso de responsabilidade em seus filhos, tanto com relação à escola, para aqueles que estudam, quanto sobre a questão do uso de drogas, da visão de futuro. Tudo isso é resultado do envolvimento afetivo dos próprios meninos(as) para com o processo pedagógico desenvolvido.

Eu sinto, sim, que teve mudança, por exemplo, o [...] é o mais fechadão, mas eu sinto que eles têm uma responsabilidade, porque deu aquela hora certa, todo dia eles estão levantando da cama, como se fosse trabalhar. Eles sabem que não pode faltar, eles sabem que não pode perder a hora, eles sabem que têm que chegar naquela hora certa. Então, eu acho que tem um pouquinho de responsabilidade, tem. Não tem essa de “hoje eu não vou, não”. É diferente do que era antes, muito diferente da escola. “Vai para a escola!” “Não, eu vou dormir um pouquinho.” “Vai para a escola!” “Não, depois eu vou. Vou pegar a segunda aula, vou pegar não sei o quê” Hoje não. Hoje em dia, eles levantam, às 5h30 ele está no banheiro para 6:30, 7 horas estar saindo. Então eu acho que deu muito mais responsabilidade. Agora eles não ficam sempre na rua, porque eles também eram de rua, usavam droga. Hoje em dia, eles não fazem mais isso. Então houve muita mudança aí (Entrevista com a família, São Paulo/SP).

Antes meus filhos usavam drogas... crack, maconha... tudo! Menos a cola. Mas, depois que surgiu o Travessia, parou, ninguém usa mais nada. Eu fui fazer aquele tratamento... aquele que faz alcoólicos anônimos, essas coisas que também têm drogas... freqüentei

vários tempos, aí depois eles mesmos decidiram: “Não vou mais, não vou usar”, pronto e acabou. E graças a Deus! Eu também arrumei um companheiro muito bom, uma pessoa boa (Entrevista com a família, São Paulo/SP).

- Também consideraram que o processo do ensino-aprendizado utilizado pelo Travessia ajudou bastante no desenvolvimento intelectual dos seus filhos, no temperamento, estimulando a criatividade dos mesmos e dimensionando-os para uma melhor perspectiva de futuro.

O projeto ajuda bastante. Ajudou bastante meus filhos, está ajudando. Eu acho que eles estão mais inteligentes. O Edson mesmo desenha cartão de Natal, ganhou primeiro lugar. O cartão dele foi feito um quadro e foi para a exposição. Acho que ganhou a exposição também. Quer dizer: agora ele fica pensando em fazer curso de massagista, de mecânico. Se eles não tivessem o projeto, não daria para descobrir essas coisas não. Era só rua, rua, rua (Entrevista com a família, São Paulo/SP).

Mudou, sim. Antes eles eram muito rebeldes. Agora eles melhoraram. Antes eles eram muito desobedientes, agora eles melhoraram bastante. Acho que ele mudou o jeito dele ser, o jeito dele, antes ele era mais nervoso, mais irritado. Agora é mais calmo. Eu achei bom porque já é alguma coisa que eles estão desenvolvendo. Já esquece de alguma coisa errada que quer fazer, já não vai fazer aquilo, já vai fazer uma coisa melhor para eles (Entrevista com a família, São Paulo/SP).

4.10 Rio de Janeiro

4.10.1 Vila Olímpica da Mangueira

- 1) Nome da organização
Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira
- 2) Data de fundação
1986 - do Programa Social da Mangueira
- 3) Cidade/Estado
Rio de Janeiro/RJ
- 4) Tipo de organização
Empresa privada
- 5) Contato
 - a) Responsável: Elmo José dos Santos
 - b) Cargo: Presidente do Grêmio Recreativo Escola de Samba da Mangueira.
 - c) Telefone: (21) 2567-4637
 - d) E-mail: vilaolimpica@mangueira.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Vila Olímpica da Mangueira.
- 7) Origem dos recursos
Os recursos financeiros são de empresas privadas que investem no *marketing* social. Os maiores apoiadores do projeto Olímpico são a Xerox e a BMF.
- 8) Áreas de atuação
Educação e esporte.
- 9) Objetivos
Educar e socializar crianças e adolescentes através da prática do esporte.
- 10) Público-alvo
O projeto atende a crianças e adolescentes de seis a 18 anos, moradoras da Mangueira e de bairros adjacentes.

11) Caracterização e histórico

O projeto Olímpico da Mangueira está vinculado ao Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, a tradicional escola de samba carioca. O projeto faz parte do Programa Social da Mangueira, que é um programa bastante amplo, comportando 11 projetos nas áreas de educação, saúde, esporte e lazer, capacitação profissional e integração social. Combinados, esses programas permitem um atendimento que vai da primeira infância até a terceira idade, oferecendo a quase 2.000 beneficiários – entre eles crianças e adolescentes – posto de saúde, escola, ginásio esportivo bem equipado, preparação profissional.

O projeto Olímpico trabalha o esporte como instrumento de integração social, de educação, de desenvolvimento físico e psíquico dos jovens. Como a educação é o principal objetivo do projeto, para se matricular em qualquer modalidade esportiva, é necessário estar freqüentando a escola.

O trabalho com esportes na Mangueira está dividido em duas partes. Em um primeiro momento, em 1973, a Mangueira promovia algumas atividades ligadas ao esporte com crianças e jovens. Essas atividades eram desestruturadas, o ambiente era precário (debaixo do viaduto) e não existia uma metodologia de trabalho. Em um segundo momento, em 1987, um novo grupo de pessoas reuniu-se para organizar um trabalho sistematizado com esportes dentro do espaço da quadra da Mangueira. Assim, foi criado o projeto Vila Olímpica da Mangueira da forma como ele funciona hoje. O primeiro patrocinador do projeto foi a Xerox do Brasil:

No começo, o campo era de terra batida, a pista de atletismo era improvisada também, então várias empresas e pessoas começaram a ver um futuro bom para esse projeto, para poder tirar essas crianças da rua, juntamos várias parcerias e aí conseguimos aumentar o projeto, criar essa vila do jeito que ela é hoje (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

12) Recursos humanos

Existem dois tipos de profissionais trabalhando no projeto Olímpico da Mangueira: os professores de educação física e os ex-atletas. O objetivo desta forma de trabalho é aliar a visão teórica de um à

prática do outro e assim potencializar a dinâmica para atingir bons resultados esportivos.

Devido ao sucesso alcançado pelos atletas da Mangueira em algumas modalidades, o trabalho dos técnicos e instrutores é bastante valorizado. Muitos relatam que trabalhar na Mangueira é uma credencial dentro de suas áreas de atuação.

Para a seleção de novos profissionais são levados em consideração os critérios técnicos e também exige-se que este tenha uma consciência social sobre o projeto, ou seja, que entenda que o projeto atende a crianças de baixa renda e que isso pode causar algumas limitações no atendimento, como por exemplo, não se pode exigir que o jovem esteja bem alimentado ou na plenitude de suas condições físicas.

13) Programas e projetos em curso

Atletismo: O atletismo da Mangueira é filiado à Federação de Atletismo do Estado do Rio de Janeiro. Nos últimos anos, atingiu resultados relevantes, e os atletas conquistaram vários títulos nacionais. O atletismo conta com uma equipe de sete professores para as diferentes provas. Entre elas, destacam-se: provas de velocidade, resistência, corrida com obstáculos, saltos (altura, distância, vara) e arremessos (pesos, disco, martelo e dardo).

Basquete feminino: A Mangueira é filiada à Federação de Basquete do Estado do Rio de Janeiro, tendo disputado campeonatos e torneios em várias categorias. Nesta modalidade, a Mangueira já conquistou diversos títulos, e algumas de suas atletas já foram convocadas para a seleção nacional.

Futebol: É o esporte mais popular entre os oferecidos na Vila Olímpica da Mangueira. O campo é sintético e os treinamentos são realizados para diversas categorias, de acordo com a faixa de idade. A Mangueira encaminha alguns de seus atletas juvenis para os grandes clubes de futebol do Rio de Janeiro e existem relatos de alguns garotos que prosperaram na carreira de futebolista.

Futebol de salão: A Mangueira participa de cinco categorias no campeonato estadual da modalidade. A categoria fraldinha é a mais exitosa, classificando-se todos os anos para as finais das competições.

Ginástica rítmica desportiva: O objetivo da ginástica rítmica desportiva, segundo um dos professores, “é proporcionar expressão corporal através da harmonia, elasticidade e graciosidade dos movimentos. Busca estilizar o corpo e aperfeiçoar a feminilidade. Para conseguir este objetivo, utiliza os movimentos da dança, unidos a exercícios com aparelhos: a bola, a corda, o arco, as maçãs e a fita.” A Mangueira já obteve resultados relevantes nesta modalidade olímpica dentro e fora do país.

Natação: Desde 1994, a Mangueira oferece aulas de natação na piscina localizada no CIEP Nação Mangueirense. As atividades são desenvolvidas em uma piscina semi-olímpica e atendem a mais de 300 adolescentes.

Vôlei de areia: É oferecido para as crianças e adolescentes do projeto Olímpico e possui atletas de bom nível técnico. Os atletas participam de competições, e alguns deles já obtiveram resultados expressivos em torneios nacionais.

14) Metodologia

O programa é bastante difundido na comunidade, devido a isto, existe uma limitação no número de vagas que são oferecidas. É dada preferência para crianças e adolescentes da comunidade, mas são aceitas inscrições de pessoas de outros lugares.

Através de uma parceria com a comunidade o programa é divulgado a cada ano, através da associação de moradores e de panfletos distribuídos por jovens que trabalham no morro, na Saúde Comunitária.

[O jovem] chega aqui das mais diversas maneiras. Vem sozinho, vem trazido pelos pais, vem de outros lugares, de longe, tem criança até de classe média que vem pra cá para fazer atividade física, a grande maioria é por interesse próprio mesmo, fazer atividade física, treinar alguma coisa, fazer um curso. A maioria acho que vem por iniciativa própria (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

No início de cada ano, é elaborado um instrumento chamado “guia pedagógico” no qual constam informações acerca das ativida-

des planejadas para o ano. É através deste guia que são estabelecidos os rumos e metas que o projeto deve atingir.

As turmas de alunos são diferenciadas por faixa de idade. A duração de cada aula difere para cada modalidade. É obrigatório que a criança e o adolescente estejam estudando para participarem das atividades do projeto Olímpico. O acompanhamento dos alunos é feito através do boletim escolar.

Porque aqui é grátis, a menina não paga, o pagamento dela é trazer o boletim escolar, a única obrigação, a única coisa que se cobra é o fato de estar estudando, e a estrutura aqui é muito boa, nós temos condições de trabalho que são excelentes, então as meninas só têm o trabalho de vir pra cá treinar, porque aqui elas têm tudo, a procura é muito grande, a escolinha está sempre cheia, sempre tem atleta procurando (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

O aluno do projeto Olímpico recebe um atendimento integrado, ou seja, não há uma preocupação apenas com o esporte, mas também com a educação, a saúde e a profissionalização.

Temos o acompanhamento psicológico, temos o acompanhamento médico, temos aulas de reforço para os atletas, para acompanhar, para ver como é que eles estão na escola, temos um professor aqui que ajuda nas dificuldades que eles estão tendo, então ele não faz só atividade esportiva, ele tem várias outras coisas pra ele se ocupar aqui (Entrevista técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

Estando o projeto localizado dentro da Mangueira e com alguns professores moradores da comunidade é mais fácil fazer o acompanhamento dos jovens que passam pela instituição. Este acompanhamento, porém, é feito de forma informal, pois trata-se das relações comunitárias estabelecidas entre os ex-alunos e seus professores.

Existe esse acompanhamento. Inclusive porque eu moro na comunidade, e o acompanhamento é assim, a gente tem nossa vida, mas a gente procura. A gente sabe que aquele rapaz trabalhou conosco, a gente procura ver o que está certo, se ele está estudando ou não, se está desempregado, porque tem vários atletas que já trabalharam com a gente que inclusive estão empregados aqui no projeto. Estão empregados, fizeram cursos, então a gente tem sempre esse acompanhamento (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

Segundo a opinião dos entrevistados, é difícil o acompanhamento dos jovens que são em um número muito grande. Neste caso, os animadores tentam acompanhar os casos mais complicados:

A gente faz o acompanhamento daqueles casos mais complicados. Tipo assim, casos complicados: como um adolescente que você sabe que ele vive na corda bamba, a qualquer momento ele pode cismar, “Eu não ganho o que acho que deveria ganhar”, esse vai ter acompanhamento, você continua ligando, perguntando, o [...] procura saber, ele é um agente comunitário, a [...], que é a psicóloga, acompanha muito isso também. Até um certo ponto, chega um certo ponto que não dá, porque é muita criança, é muita gente (Entrevista com coordenador de esportes, Rio de Janeiro/RJ).

15) Redes, multiplicação e parcerias

O projeto Olímpico da Mangueira serviu de modelo para a implantação do programa Vilas Olímpicas do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além disto, a Mangueira ainda não realizou nenhuma ação para a replicação da experiência. Não foi informada nenhuma parceria da Mangueira com outra Escola de Samba para o desenvolvimento de um projeto social.

Segundo os coordenadores da instituição, a família dos jovens participa de todas as atividades. Como já foi dito, o projeto presta um atendimento integrado à população residente na Mangueira, portanto, os jovens e suas famílias participam de atividades conjuntamente.

O CIEP Nação Mangueirense mantém a proposta original dos CIEPs de educação em horário integral: num turno, desenvolve-se o currículo equivalente às séries oferecidas (quinta a oitava séries do ensino fundamental e ensino médio); e no outro, há oficinas de dança, música, artes visuais entre outras oferecidas pelo Núcleo.

Os principais parceiros da instituição são: Xerox do Brasil, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Universidade Castelo Branco, Universidade Veiga de Almeida, Santa Mônica Centro Educacional, Governo Federal, Governo do Estado do Rio de Janeiro, SENAI, Fundação Roberto Marinhó, Juizado da 1ª Vara da Infância e Juventude, Bingo Arpoador, BR-Petrobrás, Abravest, BMF, IPHD, Instituto Embeleze, Leite de Rosas, Cisper, Pluna/Fidasa, Refeições de Milho Brasil, Sintraconst – Rio, Valmari Dermocosméticos, Raízes Cosméticos, Supermercado Cristal, Gortin, Consulado do Japão, Paraná Esporte.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

É avaliado em todas as suas etapas, através de reuniões das diversas equipes responsáveis pelas atividades, envolvendo funcionários de todos os níveis e a clientela. Além da auto-avaliação, é feita uma avaliação externa com o envolvimento dos parceiros (Entrevista com coordenador de esportes, Rio de Janeiro/RJ).

Assim, são feitas reuniões formais e informais como forma de avaliar as ações empreendidas dentro do projeto. Segundo um dos coordenadores, “é a utilização de instrumentos de avaliação e controle de resultados obtidos que nos permitem modificar estratégias, alterar percursos, redefinir metas e ações”.

17) Problemas específicos da experiência

Alguns jovens ficam com a expectativa de que irão ser contratados por grandes clubes para se tornarem atletas profissionais. Em alguns casos, a entidade não tem condições de fazer a ponte entre seus atletas e os clubes, e isso causa um grande descontentamento no jovem.

O que pode melhorar nesse projeto? É que eles tenham mais um pouco de comunicação com os atletas, assim, melhora, fazer contato com um clube qualquer: “Ó, você tem uns jogadores bom aí, que treina aí? Sim. Pode encaminhar ele lá pro meu clube?” Assim que surgem maneiras diferentes, projetos, pegar a gente, clubes que possam convocar a gente pra ir até eles (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

Nos esportes, onde a Mangueira é mais competitiva e a equipe é treinada para a profissionalização, alguns jovens reclamam da excessiva carga de treinamentos e da falta de tempo para o lazer .

Tipo assim: “Pô, eu não posso ir porque tenho treino.” Fica chato!

Os amigos saem: “Vamos?” “Ah, eu não posso, amanhã de manhã eu tenho jogo, não posso.” Fico em casa vendo televisão, descansando porque no dia seguinte tem jogo (Grupo focal com jovens, misto, projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

A manutenção do projeto está condicionada à permanência dos patrocinadores. O projeto não é auto-sustentável.

É porque aqui a gente vive de patrocínio, então acho que temos que manter sempre a boa imagem da Vila Olímpica, manter sempre os colaboradores junto, trabalhando, mostrar sempre bom trabalho, mostrar serviço, pra não afastar nunca os colaboradores, acho que é esse o grande trunfo (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

18) Por que uma experiência inovadora?

Todos os informantes pesquisados fazem uma avaliação positiva do projeto. Segundo eles, o projeto possui uma série de facilidades estratégicas que contribuem para o bom desenvolvimento das atividades.

- Segundo dados apresentados durante a realização das entrevistas, os coordenadores do projeto dizem que o índice de criminalidade infanto-juvenil da comunidade caiu vertiginosamente durante os 13 anos de existência do projeto.

Porque a gente tem como uma experiência vitoriosa pelos próprios dados estatísticos que você tem, através dos batalhões de polícia da área, o índice de crianças infratoras caindo, entendeu, através desses índices do Juizado de Menores, índice de crianças dentro da escola, da Secretaria Municipal e Estadual de Ensino. Todos esses dados dizem que a Mangueira tem um nível melhor do que outras comunidades carentes. Tem uma expectativa de vida maior, comparada com as outras comunidades, tem um nível de vida melhor. Tipo assim: quantidade de crianças, de adolescentes estudando, fazendo curso secundário, na Mangueira, é muito maior do que em outras comunidades, bem maior do que em outras comunidades. Todos esses dados levam você a atestar que o projeto é uma experiência vitoriosa. Agora você precisa ver os anseios da comunidade. Os anseios iniciais quais eram? Esporte. Criou-se o esporte. Depois do esporte, aí a coisa começou a ramificar. (Entrevista com coordenador de esportes, Rio de Janeiro/RJ).

- Existem inúmeros casos e relatos de jovens que passaram pelo programa e conseguiram sucesso profissional ou pessoal. Como as pessoas convivem na mesma comunidade, isto acaba por

transformar os casos bem-sucedidos em exemplos e, como consequência, aumenta o valor do projeto para as pessoas da área.

A avaliação é que nós conseguimos ajudar muitas crianças, temos muitos já encaminhados profissionalmente, temos muitos já encaminhados no futebol, temos muitos que estão trabalhando, quando o pai ou o garoto mesmo passa pela gente e agradece, essa é a avaliação que a gente tem, está dando resultado, a família mesmo mostra pra gente que deu resultado isso que a gente está fazendo, é melhor que sair uma coluna no jornal dizendo que o projeto Olímpico da Mangueira é nota mil (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

- Na avaliação dos professores, o projeto é muito bem-sucedido, pois conseguiu responder diretamente aos anseios da comunidade da Mangueira, ou seja, permitiu aos membros da comunidade e aos seus filhos ter acesso a um espaço que lhes estava negado – o do esporte e da educação:

Por exemplo, cada projeto tem que ver com os anseios de sua comunidade. No Tocantins, por exemplo. De repente, o que o pessoal do Tocantins já faz naquela comunidade, tocar flauta, mas faz muito precário. Mas vamos, vamos estruturar essa aula de flauta? Vamos pegar um professor de música, vamos ensinar a eles ler partitura? Vamos ensinar a tocar flauta direito? Vamos explicar que tem outros tipos de flauta? Quando você vê, você tem um projeto que você formou uma orquestra sinfônica, entendeu? Mas aí nem todos vão tocar na orquestra. Aí você vai ter criança naquela comunidade que não vai querer tocar, não vai querer fazer música, aí você monta um projeto de esportes, entendeu, aquela criança já faz...tem que ver os anseios dela. O anseio da comunidade da Mangueira foi um projeto de esportes (Entrevista com coordenador de esportes, Rio de Janeiro/RJ).

- Os moradores reconhecem que o projeto dá aos jovens uma chance que eles não tiveram na juventude. Assim, o trabalho da Mangueira é muito positivo para a comunidade.

Eu acho que isso é um projeto, foi uma das melhores coisas que aconteceu aqui pra nós que moramos na comunidade, e me sinto até lisonjeado, se no meu tempo, que eu praticava esportes aqui, nossa quadra era de areia, antigamente nós não tínhamos essa

obra, se na época nós tivéssemos uma obra dessa, no meu tempo de jovem, talvez hoje em dia eu poderia estar encerrando a minha carreira como profissional de futebol, que eu jogo futebol, adoro futebol, e é uma coisa que engrandece muito nós moradores, ter um projeto desse que nós temos aqui (Entrevista com membro da comunidade, Rio de Janeiro/RJ).

- Na percepção das mães, o projeto está ajudando a mostrar uma nova realidade para os seus filhos e, como consequência, retirá-los da criminalidade.

É verdade, tira ele da criminalidade, tira ele porque o jovem, ele não tem uma ocupação, e a gente que é pobre, a gente ou fica com o filho dentro de casa ou deixa ele ir pra rua, e a rua, o que está fazendo com as crianças, com os juvenzinhos? Estão matando tudo. Então aqui é muito importante. Igual ao meu sobrinho. Meu sobrinho, ele vem da escola, almoça, e daqui a um pouquinho, ele vem para cá, vem para natação, depois ele vai pra casa, é um lazer, uma atividade, que tem pessoas que não tem mesmo condições financeiras de pagar uma natação pro tilho e aqui é muito interessante por isso, eu achei muito bom isso aqui (Entrevista com pai/responsável, Rio de Janeiro/RJ).

- O poder agregador do esporte é muito eficaz para despertar no jovem a auto-estima e a disciplina. Os jovens passam a ter esperança no futuro, sonham com o dia de amanhã, quando estão envolvidos nas atividades do projeto.

Hoje em dia, eu treino aqui, eu sei como é que é, o treino, é bom, tem um lanche aqui que dão, assim, o quanto é bom, tudo aqui; a estrutura mesmo aqui é boa para treinar. Eu antes não estava praticando atividade esportiva, achei interessante, vim treinar, foi três anos atrás, eu acho, em 98, aí entrei, vim treinar, o primeiro dia gostei, estou até hoje, 2001, fiz várias amizades, assim, já faz parte da minha vida já o programa da Vila Olímpica, e cada dia que eu treino aqui, eu tenho mais esperança que um dia eu vou poder ser jogador de futebol (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

- Os próprios jovens reconhecem que o programa é um “espaço livre”, isto é, um lugar onde eles estão protegidos da influência do tráfico de drogas e da criminalidade.

Que a gente mora aqui assim na periferia, assim, na favela, tem muita criminalidade, o projeto serve aqui pra ocupar mais o tempo da gente, assim tirar a gente de algum..., por exemplo, a gente de boqueira assim, por aí, pelo morro, algo pode surgir, um convite de repente pra ir [para o tráfico] (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

- Os jovens sentem-se muito bem tratados e respeitados quando estão nas dependências da Vila Olímpica. Este é um componente importante para trabalhar sua auto-estima.

Como essa estrutura aqui, essas mordomias que nós temos aqui, não existe. A gente tem direito, quando acaba de treinar, vai, toma um banhozinho, vai lá atrás pegar o seu lanchinho, o seu pãozinho com guaraná natural, repõe suas energias perdidas (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

- Na avaliação dos professores, o projeto está dando um direcionamento para a vida do jovem, ao unir esporte e educação.

Eu acho que na vida do jogador esse projeto é muito importante, porque através do esporte, você adquire experiência, educação, e esse projeto pra eles, faz parte da vida pra eles, porque o aluno começa aqui praticamente com quatro anos, ele já está vendo a melhor maneira de vida, educação, pra poder, quando se formar, ir pra um mundo melhor (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

O trabalho da Mangueira com o esporte, aliado à grande tradição no carnaval do Rio de Janeiro, faz com que o projeto apresente-se como uma oportunidade única para os jovens da comunidade. Ele permite, dentre outros aspectos:

- Trabalhar o lúdico como forma de combater a violência.

Eu acho que a partir do momento que a gente ocupa os jovens, com desenhos, com música, e através da música é a melhor forma que a gente tem de fazer uma ação antiviolência (Entrevista com coordenador do projeto Social, Rio de Janeiro/RJ).

- Combater a ociosidade dos jovens, oferecendo atividades que estimulem seu protagonismo.

A primeira coisa, o primeiro pressuposto que tem é tirar a criança da rua. Esse fato já é alguma coisa. A primeira coisa que se busca é trazer a criança pra dentro do projeto. A outra é dar conteúdo a esse projeto, a esse trabalho, não adianta você trazer a criança da rua e deixar ela aqui ociosa, você tem que dar ocupação a ela e coisas que vão fazer ela ter um crescimento na personalidade dela, eu acredito nisso (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

- Garantir o direito ao esporte previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Esse projeto assim dá todos os direitos da criança, o direito do esporte, da saúde e da educação, então aqui, nesse projeto, aqui tem isso, se fizessem mais projetos iguais a esse e todos os projetos que já existem pensarem sempre nesses três direitos principais da criança que é o direito ao esporte, à saúde e à educação, seria um bom início para ajudar a combater a violência (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

19) Efeitos da experiência para as mudanças na vida dos jovens

Entre alguns impactos relevantes na vida dos jovens, podemos citar:

- Mudança no comportamento e na atitude

Mudança em tudo, na atitude. No modo de falar, porque aqui, também colaboramos um pouquinho para dar certo, ajudar os professores. A criança vem um pouco rebelde, então, como nos temos que orientar, pedimos não pode isso, não pode aquilo, não pode aquilo outro, então eles vêm com um tipo de atitude que, quando eles começam a freqüentar, a praticar o esporte, a atitude deles é totalmente diferente, eles vêm com atitude agressiva, essa coisa toda, a gente sabe que é de criança, e nós é que temos que ajudar a mudar essas atitudes deles (Entrevista com membro da comunidade, Rio de Janeiro/RJ).

Eles vêm observando o comportamento dos amigos, dos colegas, o professor vem passando também pra ele aquilo que nós professores, a maioria foi atleta, a gente tem experiência, então a gente tenta passar aquilo que nós fomos e somos para aqueles que es-

tão se aproximando. Eu acho que com o tempo, a cada mês, eles vão passando cada vez mais a melhorar, tanto o comportamento aqui, como dentro de casa. Eu acho muito bom esse projeto, eu acho que muda a cabeça do jovem que está aqui, que está participando disso aqui (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

- **Mudança na disciplina e no convívio social**

Eles ficam mais amigos, assim, é uma pessoa que chega, conversa, fala, cumprimenta todo mundo, que antes não chegava. Ainda mais eu que trabalho diretamente com eles, sempre eu estou chamando atenção de um aqui, e de outro aqui, aí já vão obedecendo mais, então, às vezes, eles tentam rebater, mas a gente mostra que não é por aí e eles aceitam e eles já vão entrando já na disciplina, que é o mais importante (Entrevista com membro da comunidade, Rio de Janeiro/RJ).

Muda a cabeça dele, a forma de pensar. A disciplina, ele é disciplinado, ele é um cara disciplinado, uma moça disciplinada, ele é um atleta, ele se vê como atleta, ele vai pensar: amanhã eu tenho que treinar, então hoje eu vou dormir cedo, eu não posso beber, porque o meu desenvolvimento vai ser zero no atletismo, zero no futebol, zero em qualquer outra modalidade, eu não posso fumar porque senão eu não vou agüentar correr, eu não posso me misturar com as drogas, porque isso só vai me levar à destruição, eu quero ser um atleta, eu quero ser alguém, eu acho que isso é passado pra ele e ele muda por si próprio. Nos nossos atletas, nós tivemos poucas experiências dos que largaram o atletismo e se voltaram para o mundo de violência e de drogas, poucos foram, muito poucos, casos raros (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

- **Mudança de atitude em relação às drogas**

A gente percebe que queremos o nosso próprio bem e a gente quer ajudar aquele amigo que está se afundando, está se deixando levar por esse caminho errado, inclusive eu tenho um colega que estava seguindo a carreira de atleta, estava jogando bem, tinha tudo pra vencer na vida, desperdiçou a oportunidade, entrou para o caminho das drogas, aí eu desço [o morro] e ele me zoa: "Aí, ó, lá vai ele, o jogador." "Não sou jogador não, cara, eu só faço o básico" (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

- Contribui para diminuir a agressividade dos jovens

Eu acho que a única mudança que eu tive, é que antes de vir pra cá eu era muito rebelde, batia muito nos irmãos, dava porrada. Minha mãe fala que não sou o mesmo, que eu sou uma outra pessoa. Acho que a única mudança que eu tive foi essa. Na escola também, eu brigava também, hoje sou mais calma (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

A diferença é muito grande, tem os garotos que participam, tem um monte que vem acompanhado dos pais. Os pais, mães chegam aqui e falam assim: "Trouxe meu filho para poder participar aqui do projeto, pra participar do futebol, para ter alguma atividade, porque em casa ele está sempre agressivo com a irmã, com o irmão, saem no tapa mesmo, brigam, ele bate na irmã, bate no irmão, responde, não quer fazer nada, qualquer coisinha é motivo pra ele sair pra rua, ficar brincando ou jogando bola na esquina, na rua." Ele fica aqui, às vezes a gente olha pra ele assim, ele está pouco à vontade, sabe, depois vai passando, ele vai juntando com os garotos que já estão aqui com a gente, aí vai passando semana, vai passando, a gente já nota que ele está mais calmo (Entrevista com técnico/animador, Rio de Janeiro/RJ).

4.10.2 Comitê para a Democratização da Informática

- 1) Nome da organização
Comitê para a Democratização da Informática - CDI
- 2) Data de fundação
1995
- 3) Cidade/Estado
Rio de Janeiro/ RJ.
- 4) Tipo de Organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Nome: Roberto Baggio
 - b) Cargo: diretor executivo
 - c) Telefone: (021) 5578440
 - d) E -mail: cdi@cdi.org.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
O CDI Nacional tem atividades em várias localidades do Rio de Janeiro.
- 7) Origem dos recursos
BNDES (Banco de Desenvolvimento Econômico e Social), Microsoft Brasil, AMCHAM São Paulo, Arte Viva Eventos Culturais, Avina Foundation, BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), Dell Computer Corporation Brasil, ESSO Brasileira de Petróleo LTDA, Globo.com, Jurzykowski Foundation, SSI Server Serviços de Informação, Starmedia foundation, Swiss Re Brasil Serviços, Telemar, The Ashoka Society, United Methodist Church, UNESCO, WK Kellogg Foundation, Xerox do Brasil LTDA
- 8) Áreas de atuação
Informática e educação para a cidadania.
- 9) Objetivos
 - Combater o *apartheid* digital, usando a tecnologia da informação como uma ferramenta cidadã em prol da transformação de vidas e de comunidades.
 - Ensinar a tecnologia através de discussões sobre a realidade de cada comunidade, como por exemplo: a cidadania, direitos

humanos, ecologia, saúde, sexualidade, não-violência e uma gama de assuntos que interessam às comunidades.

- Motivar a ampliação do número de Escolas de Informática e Cidadania (EICs)

10) Público-alvo

O projeto prioriza como público-alvo jovens em situação de risco social com faixa etária entre 12 e 30 anos. No entanto, as escolas também atendem a adultos e crianças, através de uma coordenação especial de educação.

11) Caracterização e histórico

A partir de 1993, as pesquisas apontavam que apenas jovens das classe média e de alta renda estavam se conectando à Internet, já que não existia a possibilidade de acesso a esta tecnologia para jovens da classe de baixa renda. Em 1993, foi criada a campanha chamada “Informática para Todos”, que tinha por objetivo receber doações de computadores e cedê-los para organizações comunitárias em favelas. Em julho de 1994, fazendo uma avaliação do impacto, percebeu-se que as comunidades estavam usando adequadamente os computadores, mas sem explorar todo o seu potencial, por falta de um processo educativo.

Por esse motivo, em março de 1995, surgiu a Escola de Informática e Cidadania, com um processo educativo específico, para a absorção desta nova cultura da tecnologia pela comunidade. A primeira escola se localizava numa favela do Rio de Janeiro, no morro Santa Marta, no bairro de Botafogo. Com o sucesso da inauguração dessa primeira escola, mais voluntários e mais doações apareceram e foi convocada uma reunião entre os voluntários, na qual apareceram cerca de 70 pessoas. Nesse momento, foi criado o Comitê para a Democratização da Informática (CDI), como a primeira ONG na área de tecnologia no Brasil.

Hoje o CDI assume a forma de um empreendimento com características de *franquia social*, no sentido de estabelecer uma rede com diversas “franquias” espalhadas pelo Brasil e em alguns países. Cada

CDI regional ou internacional tem sua própria autonomia logística e de financiamento. O CDI nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, auxilia os demais CDIs através do apoio institucional.

Hoje os CDIs contam com 217 escolas em 217 comunidades de baixa renda, de 32 cidades em 17 estados brasileiros, do Norte ao Sul, e em todas as regiões. Houve também uma expansão para fora do país e em 1999 passaram a atuar em Tóquio, no Japão. Em 2000, através do CDI Américas, associação criada em parceria com a Fundação StarMedia, Microsoft Corporation e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), implementou-se o CDI Colômbia, CDI Uruguai e CDI México, no final de 2000. O CDI Colômbia está com 14 escolas, o CDI Uruguai com cinco escolas e o CDI México começando o processo de criar as escolas. No primeiro semestre de 2001, estão se estabelecendo CDIs na África do Sul, baseados em Soweto, em Angola, na Guatemala, em Honduras e também se está criando o CDI Chile.

12) Recursos humanos

As funções do CDI do Rio de Janeiro, sede nacional, estão divididas entre os seguintes cargos: diretoria executiva; coordenadoria pedagógica que trata fundamentalmente da metodologia das atividades; coordenadoria de projetos, que detecta locais para instalação das Escolas de Informática e Cidadania (EICs) e fomenta parcerias com instituições e comunidade; técnico responsável pela manutenção dos equipamentos e recebimento das doações; instrutores de EICs em diferentes locais do Rio de Janeiro. Também faz parte o coordenador da rede de CDIs nacionais e internacionais, que tem o papel de congregar todos os escritórios dos CDIs no Brasil e no exterior, a partir de um contato com os coordenadores regionais.

Os CDIs regionais contam com coordenadores regionais e educadores. Os coordenadores regionais geralmente são pessoas que têm um maior comprometimento social, normalmente empresários de determinadas localidades ligados à área de informática, que trabalham voluntariamente para o projeto. Eles recebem capacitação e, à medida que as escolas são implementadas, o CDI estabelece reuniões no sentido de se fazer um acompanhamento sistemático dos CDIs regionais.

A seleção dos educadores se confunde muito com a dos alunos, visto que a metodologia de trabalho se baseia na formação de multiplicadores. Todos os educadores passam por um curso de formação e constantemente são feitas reciclagens do trabalho.

O CDI conta em sua estrutura com aproximadamente 300 voluntários que prestam ajuda no campo administrativo e pedagógico. Poucos são os CDIs que possuem uma estrutura profissional, e mesmo os que a têm necessitam de voluntários para um bom funcionamento.

13) Programas e projetos em curso

O CDI tem uma estrutura descentralizada, cada CDI regional é responsável pela implementação de EICs em torno da cidade em que está localizado. A sede é localizada no Rio de Janeiro.

O CDI Nacional possui vários projetos em parceria com outras instituições. São eles:

Projeto Complementar (Fundação Avina – CDI): Projeto de apoio financeiro complementar aos CDIs regionais da Bahia, Distrito Federal e Paraná. Objetiva implementar mecanismos de captação de recursos.

Esso / CDI: Visa à captação de computadores reciclados e doados pela Esso.

Siemens / CDI: Visa à captação de computadores reciclados e doados pelos escritórios da Siemens, além de identificar em conjunto com os CDI regionais a possibilidade de implementar novas EICs nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Campinas, Manaus, Recife, Porto Alegre, Curitiba, Salvador e Brasília.

Projeto Rio Informático: Parceria entre CDI, Viva Rio e BID, com o objetivo de desenvolver, implementar e avaliar centros de treinamento de serviços em informática, voltados ao empreendedorismo tecnológico de comunidades de baixa renda.

Projeto CDI/TVB: Projeto no qual a TVB Communications presta serviços de telefonia ao CDI, disponibilizando conexões com as cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Campinas, Curitiba, Porto Alegre, Recife e Brasília, ao custo de ligação local.

A2R Fundos Ambientais/CDI: Projeto para a implementação de novos CDIs no Norte e Centro-Oeste.

Projeto YMCA/CDI: Projeto CDI/YMCA com o objetivo de expandir a rede de CDIs internacionais.

INFODEV/CDI (Banco Mundial): Projeto destinado ao fortalecimento dos CDIs internacionais e elaboração do pacote de franquia social do CDI.

Projeto Empreendedorismo Tecnológico (Microcrédito): projeto em parceria com a ESSO, ANCAR, CADEPAR, que disponibiliza microcréditos de até R\$ 1.000,00, com juros mensais de 1,5%, para empreendimentos tecnológicos.

Projeto Visão Mundial/ CDI: Projeto que visa à criação de novas EICs em comunidades apoiadas pela Visão Mundial.

Fundação Together/ CDI: Projeto de implementação das EICS em São Paulo e Rio de Janeiro, conectando-as à Internet. Objetiva fornecer apoio jurídico e prover recursos para os custos operacionais do CDI.

BID/ CDI: Projeto de apoio financeiro para o fortalecimento de CDI Américas.

14) Metodologia

No sentido de descentralizar o trabalho do CDI-Rio de Janeiro (sede nacional), foi incentivada a criação dos CDIs regionais, no sentido de uma “*franquia social*”. Esta é responsável pela abertura de escolas e tem toda autonomia administrativa e financeira. Além dos CDIs regionais, o projeto se expandiu e, através de parcerias, pôde ser implementado em vários países. Os CDIs internacionais, assim como os regionais, seguem a mesma metodologia institucionalizada pelo CDI Nacional.

Para a criação dos CDIs regionais, é necessário ser pessoa física ou jurídica. Após o contato com o CDI, envia-se uma série de informações de como implementar o projeto, além de um questionário a ser respondido pela pessoa física ou jurídica. As primeiras informações referem-se a dados específicos: quem é essa pessoa, qual a ligação que mantém com a comunidade, que penetração tem no meio empresarial. Esse questionário é submetido à diretoria executiva que avalia a proposta. A par-

tir do momento em que é aprovada a criação de um determinado CDI, um documento que legaliza a união entre o CDI nacional e essa entidade é enviado para a respectiva instituição. Este documento é assinado e registrado em cartório e, após sua assinatura, a entidade está capacitada para atuar em nome do CDI, assim como buscar parcerias locais (financeira e de equipamento) para a criação das escolas.

O projeto do CDI regional prevê que EICs criem seu sistema de auto-sustentabilidade. O CDI entra como um parceiro que, ao longo do processo, vai estar orientando a metodologia, supervisionando o trabalho e possibilitando a questão da manutenção dos equipamentos.

Depois de montada a estrutura básica, a Escola envia dois instrutores para formação em *software*, e um para o curso técnico. Quando esses instrutores estão formados, eles voltam e recebem os equipamentos. Inaugura-se, então, a escola e eles já recebem a metodologia das oficinas. A metodologia passada pela instituição vem com exemplos de projetos, de temas e questões para desencadear as discussões, utilizando as características da comunidade.

As escolas são aceitas como parceiras a partir de seis critérios principais: idoneidade, compatibilidade, criatividade, espaço físico, demanda e trabalhos por elas desenvolvidos:

Primeiro tem que ser uma instituição idônea, eles vêm normalmente por indicação de alguém ou souberam do nosso trabalho e a gente procura informações sobre a idoneidade desse candidato a parceiro, tem que ter uma proposta que seja compatível com a proposta do CDI, que também esteja querendo desenvolver atividades voltadas para o exercício da cidadania, e a gente sempre procura uma proposta que seja uma proposta criativa, que seja interessante, tem que ter espaço físico pra também estar recebendo e tem que também ter já uma demanda, uma clientela pra esses cursos (Entrevista com coordenação de projetos, Rio de Janeiro/ RJ).

A proposta político-pedagógica é baseada no método de alfabetização de Paulo Freire, em discussões e reflexões sobre a realidade da comunidade. Na formação dos educadores e dos alunos, a parte técnica e a parte comunitária se entrelaçam, através de dinâmicas e de projetos, o que faz com que a comunidade estabeleça seus temas, elaborando projetos em conjunto com o CDI e aprendendo a usar o computador.

As turmas são divididas de acordo com a faixa etária dos alunos. Os cursos são modulares, em períodos de três a quatro meses, e o aluno pode ficar mais de um ano fazendo cursos. As escolas também fornecem aprendizado contínuo para os instrutores, no sentido de reciclar seus conhecimentos, gerando novos cursos na comunidade. Muito dos alunos acabam se transformando em instrutores

O projeto vem desenvolvendo uma parceria com o CIE (Centro de Integração Emprego Escola), para que, após o término do curso, os jovens possam ser encaminhados para o mercado de trabalho.

15) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Os coordenadores regionais das escolas têm encontros sistemáticos no sentido de avaliar como está sendo a aplicabilidade da metodologia em determinada comunidade e qual a demanda da comunidade pelo projeto.

O acompanhamento é feito pela coordenação de projetos e pela coordenação pedagógica. São realizadas visitas às escolas que estão sendo implementadas. Nas visitas às escolas, conversam geralmente com os coordenadores regionais e instrutores. O projeto tem uma ficha para registro de acompanhamento, dessa forma, os problemas e as dificuldades são orientadas *in loco*, sem muita burocracia.

16) Redes, multiplicação e parceria

Nos primeiros dois anos, o CDI se apoiou em parcerias que fornecessem principalmente espaço físico e computadores, tentando demonstrar que o projeto era auto-suficiente no sentido de não necessitar de custos iniciais do próprio empreendedor.

Por se tratar de um empreendimento com características de “*franquia social*”, mas claramente aberto às peculiaridades regionais, a matriz do Rio de Janeiro mantém uma rede com as demais “filiais” regionais e estrangeiras, como forma de auxiliar de otimizar os resultados locais.

Nas comunidades, as parcerias se dão com uma série de entidades, normalmente, com as escolas, ONGs, instituições dos bairros, casa paroquial, vários tipos de igrejas, empresas etc. Não é suficiente apenas boa estruturação e implementação do projeto em determinada localidade, faz-se necessário também mobilizar a comunidade na qual a EIC se insere para que o projeto seja bem-sucedido. É

importante ressaltar que o modelo aberto permite que haja uma adaptação do projeto à realidade de cada comunidade.

Além das parcerias financeiras já citadas, o CDI conta com diversas instituições que o apóiam em inúmeros projetos, como por exemplo: Agência Brasil Assespro (Associação das Empresas Brasileiras de Software e Serviços de informática); Banco Real/ABN AMRO Bank; Best Life; Cadê (apoio com programa de estágios); Cultura Inglesa Online; Compaq; Campo (Centro de Assessoria ao Movimento Popular); Elefante; FIA (Fundação para a Infância e Adolescência); IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas); IBM Brasil Ltda; Ipiranga McKinsey Ltda.S/A; Pareceres Jurídicos Online; SEPRORJ (Sindicato das Empresas de Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro – programa de estágio); Siemens; Symantec; SINTRACONST/Rio (Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil); SUCESU (Sociedade dos Usuários de Informática e Telecomunicações); Viva Rio e UNESCO.

O CDI participou de forma ativa das discussões dos fóruns econômicos e sociais ocorridos respectivamente em Davos, Suíça, e Porto Alegre, Brasil.

17) Problemas específicos da experiência

Segundo os depoimentos, o grande problema enfrentado pelo projeto está relacionado à captação de recursos, para ampliação do número de escolas.

- Apesar de o projeto ter várias parcerias, ainda persiste o problema de verbas, visto que se trata de uma estrutura essencialmente descentralizada, em que cada CDI regional e escolas de informática necessitam de fomentar suas próprias parcerias.

É claro, o nosso grande obstáculo é a captação de recursos que permitam você ampliar o número de escolas e também que gere recursos para a nossa auto-sustentação, que nós precisamos, aqui nós temos uma equipe de profissionais, pessoas especializadas nas áreas específicas que nós necessitamos e que estas pessoas, é claro, precisam receber seus recursos pra viver, então é uma busca constante de recursos pra cobrir nossos custos operacionais e administrativos, esse talvez seja o nosso maior desafio hoje, apesar do grande número de empresas de que nós recebemos apoio, nós temos essa dificuldade, é uma busca constante desses recursos (Entrevista com coordenador de comitês regionais, Rio de Janeiro/RJ).

Porque nós temos um grande número de empresas, de entidades que doam pra gente, mas infelizmente não é suficiente pra você atender a todas as escolas que estão esperando máquinas, por isso nós incentivamos e nós sempre buscamos parcerias locais no sentido de apoiar a criação das escolas localmente (Grupo focal com técnicos/animadores, Rio de Janeiro/RJ).

- Outro problema a ser resolvido pelo projeto é a evasão dos alunos, devido aos vários problemas socioeconômicos enfrentados pelo público atendido.

Evasão existe. Crianças, por exemplo: esquecem de vir porque estão sozinhas em casa, se desligam do horário. Algumas arrumam estratégias: sai fulana apitando, hora da aula! O jovem, porque às vezes a mente do jovem não é muito voltada pro futuro, o futuro deles é hoje, é o aqui e agora, então às vezes acontece a evasão. Também acontece que realmente chega uma hora que concretamente, precisam de comida na mesa, o hoje, às vezes eles precisam abandonar uma idéia que seria cuidar do futuro, para o que é imediato, que é ajudar no sustento mesmo dele e muitas vezes da família. Pelo que eu pude perceber, não é um dado estatístico, a evasão fica menor pelo lado do adulto, que já tem essa coisa de um planejamento, de uma realidade, e ele está mais voltado pra essa coisa da formação profissional (Entrevista com coordenadora pedagógica, Rio de Janeiro/RJ).

18) Por que é uma experiência inovadora?

As avaliações feitas sobre o programa são bastante positivas. O sucesso do projeto consiste no fato de se utilizar uma metodologia que valoriza a vivência e as culturas próprias das comunidades para o ensino da informática. Além disso, é importante ressaltar a rede estabelecida entre o CDI nacional, com os CDIs internacionais e com os CDIs regionais, além das parcerias que esses desenvolvem com as comunidades locais.

É um projeto que te motiva muito. Eu quando entrei já tinha experiência na área social, porque eu trabalhei 12 anos no UNICEF, eu peguei muita experiência nessa área social. Quando eu entrei, falei: “vai ser mais um projeto social.” E não é. É uma coisa que você se entusiasma muito, porque você vivencia, eu frequento muitas escolas, vou a muitas comunidades, você vê como é importante e o

valor que as pessoas dão porque talvez seja a única oportunidade que as pessoas têm. Hoje já existe muitos projetos bastante similares a esse projeto, mas o CDI talvez seja o único projeto que você alia o ensino da informática à discussão dos problemas da própria comunidade. Por isso é um projeto totalmente inovador, é um projeto muito motivador e é um projeto que você se entrega de corpo e alma. Eu acho que se você falar com todo mundo aqui, todo mundo tem essa mesma sensação (Entrevista com coordenação de comitês regionais, Rio de Janeiro/ RJ).

A forma que foi bolado o projeto foi muito interessante, primeiro que o CDI... ele como muitas instituições, principalmente instituições maiores, parceiros poderosos, o cara faz a parceria com você e depois ele quer ditar as regras, e na verdade você se torna um dependente deste parceiro, e o CDI trabalha diferente, ele começou diferente, como é que ele começou? Primeiro ele levantou critérios e dentro desses critérios ele fez uma coisa muito interessante, estudar primeiramente quem são seus parceiros, a quem se associar? De que forma você entra numa comunidade? Então ele foi feliz nessa forma de se associar a instituições que estão lá, instituições idôneas e que estão naquela comunidade há 20, 30, 40 anos (Grupo focal com monitores, Rio de Janeiro/RJ).

- Outra importante inovação do projeto está no fato de associar o processo de aprendizagem da informática a uma metodologia voltada para a educação para a cidadania.

Uma das coisas que é extremamente importante é você estar dando um curso de informática, não como um curso qualquer, que é dado numa escola, num curso técnico de informática que a gente vê espalhado pelo Rio e pelo Brasil. Mas é poder estar oportunizando a esses alunos essa reflexão, essa discussão sobre cidadania, sobre seus direitos, sobre seus deveres, estarem pensando o seu cotidiano como cidadão, estarem refletindo que mudanças podem ocorrer a partir dessa problematização (Entrevista com coordenação pedagógica, Rio de Janeiro/ RJ).

O trabalho que a gente desenvolve, nós temos aqui um trabalho de prevenção, nós temos aqui parcerias, e nós estamos além dos cursos de informática, nós passamos informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis, questões da violência, da mulher, os direitos da mulher trabalhadora, tudo isso nós temos aqui também, temos essa parceria e passamos pra comunidade isso (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

- Um outro indicador da inovação do projeto está no reconhecimento de muitas instituições do trabalho desenvolvido

Com toda a certeza, a nossa avaliação é que deu muito certo, que foi replicada com qualidade e que pode se expandir com qualidade. Ao mesmo tempo que nós não nos acomodamos com isso. Quer dizer, hoje, instituições internacionais, grandes bancos internacionais, órgãos da mídia, como Times, CNN, afirmam que o CDI tem um projeto modelar na área de tecnologia aplicada ao social em nível internacional, como um projeto líder nesse sentido. Agora, nós não nos acomodamos com isso, nós percebemos e queremos e trabalhamos constantemente para a superação dos nossos modelos, para implementar sempre novos métodos, novas formas de trabalho, sempre garantir a qualidade do nosso trabalho, então nós perseguimos sempre essa excelência e essa eficiência. As avaliações de impacto que nós fazemos, internas, são um quadro fantástico pra gente retratar a nossa situação, aprender com o nosso sucesso e aprender com os nossos erros, fazendo dos nossos erros excelentes motivos de superação em busca de melhor trabalho. Então nós temos essa postura (Entrevista com coordenação geral, masculino, CDI, Rio de Janeiro/RJ).

19) Efeitos da experiência

- Segundo depoimentos, ao trabalhar a qualificação e capacitação dos jovens, o projeto indiretamente fortalece a auto-estima dos alunos. A auto-estima acaba se refletindo no comportamento dos jovens na escola. Além desse fato, o projeto permite que os jovens desenvolvam uma maior consciência sobre o mundo em que vivem e os problemas existentes em suas comunidades.

A mudança principal básica é a valorização da sua auto-estima, ele se sente valorizado e ele se sente abrigado numa situação que ele não tinha antes, porque ele era um excluído digitalmente. Depois ele passa a ser uma pessoa que tem essa informação que hoje é básica, hoje sem o conhecimento tecnológico você está praticamente alijado de todo o processo de modernização e principalmente de capacitação profissional. Então é um valor, uma auto-estima muito grande ele saber que ele está no mesmo nível de qualquer pessoa aí fora, justamente pra buscar um emprego, se colocar profissionalmente com capacitação tecnológica que é muito importante. Acho que o elemento principal é a auto-esti-

ma que nós fornecemos a essas pessoas que muitas vezes se sentiam excluídas, se sentiam até inferiores aos demais colegas, justamente por não ter a oportunidade de se capacitar profissionalmente na área digital (Entrevista com coordenador dos comitês regionais, Rio de Janeiro/RJ).

Um outro dado que eu considero extremamente importante é que 86,5% das pessoas afirmaram que o curso mudou em algum aspecto a vida delas. Então isso é muito importante, 86,5% afirmaram que o curso mudou em algum aspecto a vida dos alunos, isso é uma coisa muito importante, isso mostra a questão da cidadania, e aí os motivos de mudança de vida são os mais variados, por exemplo, conseguiu emprego, conseguiu uma melhor colocação profissional, teve uma ocupação produtiva do seu tempo e não ficou nas ruas, enfim, em contato com a marginalidade, a criminalidade etc. Teve uma mudança de comportamento na sala de aula, teve uma mudança de comportamento em relação à família. Voltou pra escola pública após o curso. Então tem uma série de justificativas que afirmam essa mudança, isso pra gente é motivo de grande alegria e motivo também da gente estar sempre correndo atrás da nossa expansão com qualidade, de aperfeiçoar os nossos métodos pra poder garantir sempre essa qualidade de excelência em nossos cursos (Entrevista com coordenação geral, Rio de Janeiro/RJ).

- Muitos dos alunos que freqüentaram as Escolas de Informática e Cidadania passaram por uma capacitação e hoje são professores. Outros foram empregados em portais da Internet como Elefante, Cadê e Starmidia.

Eu acho que tem bastante, inclusive os próprios instrutores eram jovens que viviam ociosos dentro da comunidade, então foram, tiveram essa formação e agora estão trazendo e repassando o que eles aprenderam no CDI, eles estão repassando pra comunidade, eu acho que isso foi uma grande oportunidade (Grupo focal com alunos, Rio de Janeiro/RJ).

Eu acho que eles pelo menos vão pensar em ter uma perspectiva de emprego, de arrumar um emprego melhor, porque hoje em dia tudo é informática, só de você saber, sabe de informática? Sei. Nem que saiba só ligar, de repente eles não querem nem saber se tem diploma, se não tem, sabe informática? Sei. A porta está aberta (Grupo focal com alunos, Rio de Janeiro/RJ).

4.10.3 Grupo Cultural Afro Reggae

- 1) Nome da organização
Grupo Cultural Afro Reggae
- 2) Data de fundação
1993
- 3) Cidade/Estado
Rio de Janeiro/RJ
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Contato
 - a) Nome: José Pereira de Oliveira Júnior
 - b) Cargo: Coordenador Geral
 - c) Telefone: (21) 2220 7804/2517 3305
 - d) Email: afroreggae@ax.apc.org
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, dentre elas : Cantagalo, Cidade de Deus e Vigário Geral
- 7) Origem dos recursos
Os recursos são oriundos de instituições diversas, tais como: Fundação Ford; Instituto Brasileiro de Inovação em Saúde Social; M.W. Barroso; Setor de Análises, Assessoria a projetos da FASE; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Programa da Juventude da Cidade do Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Trabalho da Cidade do Rio de Janeiro; Comunidade Solidária e Disconildo. Outra fonte de financiamento vem dos *shows* apresentados pelas bandas AfroReggae I e II, cada apresentação reverte 30% do seu faturamento para o projeto.
- 8) Áreas de atuação
Arte-cultura – ritmos afro-brasileiros, atividades cênicas e circenses.
- 9) Objetivos:
 - Enfrentar a questão da violência da cidade do Rio de Janeiro, através de atividades culturais com jovens em situação de vulnerabilidade social.

- Proporcionar aos jovens uma alternativa frente ao crime organizado instituído no Rio de Janeiro.
- Trabalhar a auto-estima e o protagonismo dos jovens.
- Qualificar os jovens para o mercado de trabalho.
- Resgatar a cidadania dos jovens.
- Difundir, promover e fortalecer a cultura negra entre os jovens.

10) Público-alvo

O público-alvo do projeto é constituído, na sua maioria, por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, moradores das comunidades de Vigário Geral, Cantagalo e Cidade de Deus.

11) Caracterização e histórico

O Grupo Cultural Afro Reggae é uma organização não-governamental que surgiu em 1993, como consequência do trabalho desenvolvido por um grupo de amigos que organizavam festas nas comunidades do Rio de Janeiro com o intuito de difundir ritmos musicais como o *reggae*. Devido ao sucesso de suas festas, elaboraram um jornal informativo, o *Afro Reggae Notícias*, que tinha por objetivo divulgar o trabalho de artistas ligados à cultura negra. A partir da repercussão do jornal, seus idealizadores decidiram ampliar o trabalho, desenvolvendo ações junto às comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro.

Após a chacina de Vigário Geral, ocorrida em 1992 quando policiais do Rio de Janeiro assassinaram cerca de 21 pessoas moradoras da comunidade, o grupo começou a desenvolver ações junto à comunidade, com a proposta de resgatar a cidadania e a auto-estima da população jovem, através da promoção e fortalecimento da cultura negra.

Nesses oito anos de existência, o Afro Reggae tornou-se uma referência para trabalhos voltados à juventude, tendo sido premiado, inclusive, com o prêmio UNESCO 2000. Por seu trabalho, foram convidados a se apresentar em vários países e com diversos artistas brasileiros de renome. O sucesso do trabalho desenvolvido pelo grupo rendeu a uma de suas bandas um contrato com a maior gravadora de discos do mundo, a Universal Music.

12) Recursos humanos

Os funcionários do projeto têm formação e experiência diversificada. A maioria concluiu o ensino médio, alguns têm cursos técnicos, enquanto outros possuem formação superior ou estão cursando a universidade. Vários ainda não terminaram o ensino médio.

O projeto conta com cerca de 41 profissionais, todos recebendo ajuda de custos ou remuneração. O Grupo Cultural Afro Reggae também conta com um programa de bolsas para os jovens em formação. O número de bolsas atende a uma média de 70 jovens inscritos. Alguns profissionais envolvidos no reforço escolar são voluntários, mas esse número oscila muito.

No processo de seleção dos profissionais, prevalece a experiência com relação ao trabalho com jovens e, muitas vezes, a própria experiência de vida do candidato. A capacitação desses profissionais é uma iniciativa muito mais pessoal que institucional. Quanto aos jovens, o projeto desenvolve um trabalho de qualificação em parceria com outras entidades. Devido a esse investimento, hoje, a maioria dos coordenadores, assessores e professores dos projetos são jovens oriundos do próprio Afro Reggae.

13) Programas e projetos em curso

As atividades desenvolvidas pelo Grupo Cultural Afro Reggae estão centradas em quatro áreas de atuação: *Afro Reggae Produções Artísticas*, *Programa Sócial/Núcleos Comunitários de Cultura*, *Programa de Saúde* e *Programa de Comunicação*, que atendem em média a 300 crianças e adolescentes inseridos nas atividades periódicas, e mais 300 que participam esporadicamente de suas oficinas.

O *Afro Reggae Produções Artísticas* tem por objetivo angariar recursos para os programas sociais institucionais. Em 1998, desenvolveu ações de promoção do espetáculo *Nova Cara da Banda Afro Reggae*, além de ter sido responsável pelos interesses comerciais do espetáculo e por organizar *workshops* de concepção e formação musical com convidados especiais. Através do Afro Reggae Produções Artísticas, a banda teve a oportunidade de fazer vários espetáculos nacionais e internacionais, além de se apresentar em *shows* com diversos artistas nacionais de renome. Hoje a banda é constituída por 17 artistas, um diretor artístico/produtor, três técnicos e um roadie,

tendo sido a primeira banda e se profissionalizar, com um contrato com a gravadora Universal.

O *Programa Social* do grupo Afro Reggae é desenvolvido nas comunidades de Vigário Geral, Morro do Cantagalo e Cidade de Deus. Nesta última comunidade, desenvolve-se uma atividade específica voltada ao idoso, o Coral de Idosos. Esse projeto é desenvolvido em parceria com a Casa Santa Ana que atua no atendimento diário a pessoas da terceira idade.

Levantando a Lona é um dos projetos do Grupo Cultural Afro Reggae no Morro do Cantagalo, e tem por objetivo desenvolver oficinas de técnicas circenses. É desenvolvido em parceria com a SAAP/FASE (Serviço de Análise e Assessorias a Projetos da ONG Fase) e com a ONG Se Essa Rua Fosse Minha. Também recebe apoio técnico do Cirque du Soleil e da Oxfan/Quebec para o pagamento de alguns profissionais e para aquisição de material circense para as oficinas.

Em Vigário Geral, se concentra a maior parte das atividades desenvolvidas pelo Programa Social. O Centro Cultural Afro Reggae *Vigário legal* é composto por diversos projetos que congregam oficinas de dança, teoria musical, percussão, capoeira, expressão corporal, teatro e dança contemporânea. Dentre os projetos, estão: *Criança Legal*, *Batuque legal*, *Banda Afro Lata*, *Banda Afro Samba*, *Banda Afro Reggae II*, *Trupe da Saúde* e o novo projeto em formação, a *Banda Afro Reggae III*. O primeiro projeto consiste em desenvolver atividades pedagógicas e culturais com crianças de cinco a sete anos, através da alfabetização, atividades de artes e oficinas de percussão, dança, capoeira e música.

O Projeto *Batuque Legal* consiste em cursos que buscam ressocializar os jovens moradores de Vigário Geral a partir da música, com uma perspectiva de profissionalização, fazendo o resgate de ritmos e manifestações culturais de vários estados do país, como por exemplo: o samba do Rio de Janeiro, o maracatu do Recife e a congada de Minas Gerais. Conta também com o apoio do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente.

A banda *Afro Reggae II* surgiu da demanda provocada pelos próprios meninos, de se investir em novos talentos para divulgar o

trabalho musical do Afro Reggae. Além do grupo Afro Reggae II, o projeto conta também com os grupos *Afro Lata e Afro Samba*.

Na área de educação, o Afro Reggae tem parceria com a Fundação Ford, através da contratação de uma pedagoga e também do reforço escolar.

A problemática da saúde é tratada pelo grupo em seu terceiro trabalho, denominado *Programa de Saúde*, que foi criado em virtude das péssimas condições de saúde que predominam nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, em virtude da alimentação precária, saneamento básico deficiente, falta de higiene, consumo de drogas, alta incidência de AIDS e doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse programa, estão incluídos dois projetos: *Kizumba e Trupe de Saúde*. O primeiro consiste em um boletim do Programa de Saúde do Afro Reggae sobre doenças sexualmente transmissíveis voltado à cultura afro-brasileira. A Trupe da Saúde é formada por jovens da comunidade de Vigário Geral que, através de técnicas circenses e do teatro de rua, leva informações básicas sobre saúde, educação e direitos às comunidades. Por meio dessas atividades, são abordados temas como: violência, drogas, DSTs e AIDS, gravidez, aborto, Estatuto da Criança etc. Todo o trabalho é desenvolvido de uma forma lúdica, que tem por objetivo fortalecer a auto-estima e sensibilizar um grande número de jovens para uma reflexão sobre as situações do cotidiano que prejudicam a construção de um meio ambiente bom o bastante para o desenvolvimento de uma vida saudável.¹⁷

Por fim, o *Programa de Comunicação* é dividido em três projetos e tem por objetivo a divulgação da cultura afro-brasileira. O primeiro, o *Afro Reggae Notícias*, é o jornal informativo da instituição, tendo uma tiragem de 12.000 exemplares mensais, que são distribuídos gratuitamente em diversos espaços culturais e sociais. O *Rádio Baticum* é um projeto desenvolvido em parceria com o Centro de Tecnologia Educacional da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) que veicula uma programação cultural variada em diversas rádios comunitárias. O grupo de comunicação Afro Reggae também desenvolve o projeto *Afronet*, que corresponde ao *site* do Afro Reggae

17 Trecho extraído da *home page* do Grupo Afro Reggae na internet.

na Internet e e-mail dirigidos a artistas, ONGs, secretarias de governo, universidades etc.

14) Metodologia

O projeto não exige que os jovens estejam freqüentando a escola, ao ingressarem nas oficinas. Essa exigência é feita em um momento posterior, quando os jovens passam a ter assiduidade nas atividades. A proposta metodológica consiste, primeiramente, na sedução e conquista dos jovens, para depois dar início às exigências estabelecidas pelo projeto, como por exemplo, a freqüência à escola.

[...] eles vêm, um pede lanche, ficam aí brincando, outro resolve jogar bola, outro, quando bota uma fita ali, fica sentado, vendo televisão, estão sempre passando por aqui. Estamos sempre com as portas abertas (Entrevista com funcionários, Rio de Janeiro/RJ).

As oficinas de dança, teatro, música e esporte funcionam como um atrativo para o ingresso dos jovens no projeto. À medida que passam a freqüentar as atividades, os professores procuram envolver os jovens no trabalho, fazendo com que se sintam parte do projeto, desenvolvendo um sentimento de “pertencimento” dos meninos(as) ao grupo.

O número de participantes nas oficinas varia de acordo com a demanda. Cada adolescente escolhe a atividade de que quer participar e tem a possibilidade de trocar de oficina, caso não se adapte. As oficinas são realizadas em todos os turnos inclusive à noite e praticamente todos os dias, incluindo os sábados. Existe uma grande demanda reprimida pelo projeto e isso se deve ao seu trabalho de divulgação.

À medida que os jovens integram os grupos Afro Reggae II, Afro Samba, Afro Lata e Trupe da Saúde, exige-se deles um alto grau de disciplina e dedicação, tanto ao projeto quanto à escola. As regras e normas dos grupos são estabelecidas pelo coletivo, e a transgressão das mesmas acarreta punição.

As atividades são auxiliadas por um acompanhamento pedagógico e psicológico dos meninos e meninas do projeto.

Quanto ao conteúdo cultural das atividades, o Afro Reggae tem a preocupação de valorizar a cultura afro-brasileira e a cultura local produzida pelas comunidades envolvidas no projeto.

15) Redes, multiplicação e parceria

O Grupo Cultural Afro Reggae faz parte da ABONG (Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais). Esse contato foi feito através da Fase, entidade parceira do projeto desde seu início. O SAAP/FASE sempre teve um papel importante junto ao Grupo Cultural Afro Reggae, na formação dos seus quadros de lideranças, tanto na coordenação atual, como na nova geração de líderes formados.

A família tem-se envolvido como voluntária em trabalhos do Grupo Cultural Afro Reggae, mas, além disso, são desenvolvidas reuniões periódicas com os pais. A comunidade também vem participando de forma voluntária do programa.

A divulgação e a visibilidade do projeto são de extrema importância para a ampliação e o reconhecimento do trabalho nas comunidades.

Acho que a ONG tem que aparecer, tem que destacar, tem que mostrar o resultado do que está fazendo. E o nosso objetivo sempre foi esse: ter que fazer, mas colocar para fora. Por isso que a gente tem muito esse lado da mídia. A gente puxa a mídia para nós. A gente consegue e a mídia também quer. A mídia procura novidades, lançamentos, notícia nova e ainda mais boa, coisa boa. Isso é pela qualidade do trabalho (Entrevista com coordenação, Rio de Janeiro/RJ).

Por esse motivo, o projeto tem um programa específico de comunicação com diversos materiais de divulgação, dentre eles o *Afro Reggae Notícias*, o Afronet e o programa de rádio Baticum. Além do Programa de Comunicação, o projeto desenvolve atividades com diversos grupos musicais e artistas que proporcionam uma excelente visibilidade ao Afro Reggae. Segundo depoimento do coordenador do projeto, o trabalho desenvolvido pelo Afro Reggae tem uma grande aceitação pela mídia.

Muita gente hoje vem de fora da favela, porque vê na televisão. A gente tem uma média de três a quatro aparições por semana em nível nacional, é uma média alta; de mídia espontânea, a gente não paga e... vem porque tem problema (Entrevista com coordenação, Rio de Janeiro/RJ).

O grupo estabelece parcerias com diversas instituições, tais como: Fundação Ford; Instituto Brasileiro de Inovação em Saúde Social; M.W. Barroso; Setor de Análises e Assessoria a projetos da FASE; IBASE; ONG Se Essa Rua Fosse Minha; ABONG; Cirque du Soleil; Oxfan/Quebec; Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro); Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Programa da Juventude da Cidade do Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Trabalho da Cidade do Rio de Janeiro; Comunidade Solidária e Disconildo.

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Não foi feita nenhuma referência quanto à avaliação da experiência.

17) Problemas específicos da experiência

- O Afro Reggae apresenta algumas dificuldades que estão diretamente relacionadas à escola formal. No começo do projeto, muitos dos adolescentes substituíam a escola pelo projeto, pois, para participar das atividades, não era necessário frequentar o colégio. Hoje essa situação vem sendo revertida, na medida em que, para permanecer no projeto, é necessário estar na escola.

O Afro Reggae, durante cinco anos, trabalhou dentro de uma lógica, que significa que não era valorizado o fato do jovem estar ou não na escola. Isso foi uma marca muito positiva num primeiro momento, pois aqui você tem um processo de exclusão no seu pé. Muito pelo contrário, a gente quis incluir, mesmo sendo só neste projeto. Com isso a gente criou uma lacuna, a cada dia que passava, ele se afastava da escola – ele não só valorizava menos, como ele reproduzia essa menos-valia para os outros – já que ele é um multiplicador na íntegra, inclusive com relação à escola. Então, as pessoas falavam “ se fulano, que é do Afro Reggae, que está na Banda Um, que viaja, não está na escola, a escola realmente não é importante, porque ele sobrevive, ele come, ele anda de Nike”... Só que o que começou a chamar a minha atenção era que aquele jovem, realmente, estava se despontando num sentido, mas no outro, não. Então, você é um excelente profissional, incapaz de ler uma ficha de chamada, por exemplo. Então, em que processo de construção da cidadania a gente estava metido, assim, qual é a importância que a gente estava dando para o que é, quase um

determinante: a inserção desse jovem no mercado de trabalho. Em 97, a gente se dá conta numericamente da quantidade de jovens que estava fora da escola [...] E a gente começou a dizer que realmente a escola era importante. Tem que voltar para a escola, tem que saber ler, tem que saber escrever, tem que concluir o primeiro grau, o segundo grau[...] (Entrevista com coordenação pedagógica, Rio de Janeiro/RJ).

- Houve dificuldade no processo de readaptação dos adolescentes e jovens ao colégio, por estarem muito tempo fora da escola.

Em 99, todo mundo na escola. Outro problema: como está a escola? Começamos o movimento e em maio houve uma debandada. Em setembro, outra debandada. Vai na escola conversar: “eles cansam e não conseguem pensar lá na frente.” Como é que eu vou fazer? Esse cara está há 15, 16, 19 anos fora da escola, como eu vou dizer para ele que oito anos passam rápido? Vai achar que eu sou mentirosa e que não passa rápido coisa nenhuma e que é chato para caramba. Imagina um cara de 15 anos voltar a estudar com um garoto de 12, ele já está em outra esfera e tal. Está, mas vamos botar todo mundo na escola. Vamos trazer um módulo de escola para dentro do Afro Reggae, vamos resolver nosso problema. Pelo menos da galera, que é a galera de ponta – Banda Um, Banda Dois, que está miserável para caramba (Entrevista com coordenação pedagógica, Rio de Janeiro/ RJ).

- Outro problema identificado pela coordenação do projeto é que a boa relação entre a escola formal e o projeto depende muito da boa vontade dos diretores e professores que, muitas vezes, não aceitam o trabalho realizado pela instituição.

A tentativa de aproximação com a escola ainda é difícil, porque cada um, cada escola trabalha dentro de um projeto, que pode ser municipal, atendendo à mesma clientela, mas cada diretor imprime o seu modo de trabalho. Então, com o CIEP, a gente teve uma experiência muito legal, que foi levar para o Ciep as oficinas. Legal por vários aspectos, um deles era porque o pessoal do Ciep não conseguia fazer as oficinas e muitos fugiam para fazer, aí era um transtorno. A segunda era que o CIEP não tem atividade para tempo integral, então a gente juntou o útil ao agradável, mas isso não se sustentou durante muito tempo. Porque a gente não conseguia trabalhar com os professores, um maior interesse do aluno por aquelas atividades, aí criou um conflito muito grande, os professores disseram que os alunos não queriam mais es-

tar na sala de aula, preferiam estar no Afro Reggae. Na verdade, a gente poderia sentar todo mundo para conversar, mas o Afro Reggae não está todos os dias. Então, por que fugir das salas de aula todos os dias? Talvez eles já estivessem fugindo e vocês não estivessem percebendo, ou talvez, eles estivessem fora da sala de aula, apesar de fisicamente na sala de aula. E foi falar isso para quê? “Quer dizer que a gente trabalha errado? Se veio julgar – rua.” E a gente acabou saindo dessa parceria com o Ciep (Entrevista com coordenação pedagógica, Rio de Janeiro/RJ).

- Outro obstáculo a ser enfrentado pelo projeto é trabalhar a relação de gênero entre os jovens. Apesar de não ter sido a intenção do projeto, o seu público ainda é majoritariamente masculino, devido ao objetivo de oferecer aos jovens uma alternativa frente ao tráfico de drogas, que concentra uma maior parcela de jovens do sexo masculino. Além desse fato, existe uma especificidade referente à tentativa de acompanhamento das jovens mães que fazem ou fizeram parte do Afro Reggae. Isso se deve a uma preocupante evasão decorrente da dificuldade que as próprias meninas sentem em conciliar a maternidade com as atividades do projeto.

18) Por que uma experiência inovadora

- Os indicadores de sucesso do Grupo Cultural Afro Reggae podem ser percebidos pela forte demanda reprimida existente hoje no projeto, por sua visibilidade, pelo protagonismo dos jovens e pela mudança na vida dos meninos e meninas. É importante ressaltar que o Afro Reggae, dentro das comunidades em que trabalha, funciona como um contraponto ao narcotráfico.

O principal, para nós, que temos como prioridade a questão protagonismo juvenil, é que grande parte dos programas são e serão dirigidos e coordenados pelos próprios jovens que começaram a participar a seis, sete anos atrás. É uma preocupação permanente, em fazer com que os próprios jovens se responsabilizem pela instituição. Um dos meninos que é da banda hoje é uma das pessoas mais qualificadas em nível até de gestão administrativa. Isso seria um indicador de sucesso: ele ter 20, 30, 40 jovens hoje, que se responsabilizam por programas, ou se responsabilizam pelo Centro Comunitário, ou se responsabilizam por algum setor ou questão administrativa. Outra coisa é o tipo

de colaboração, de ajuda ou incentivo que eles conseguiram e acabaram se tornando uma referência para outros grupos, que trabalham com este tipo de público, que visitaram e procuram trocar experiências. O Afro Reggae não é uma coisa fechada, independente do trabalho direto deles. Eu acho que eles conseguiram ampliar o seu impacto. Outro indicador para mim é a qualidade do produto. Muitas vezes, pelo fato de ser projeto social, a qualidade passa um pouco à segunda mão. Eu acho que eles trabalham muito e não querem ser aplaudidos porque são de favela. Querem ser aplaudidos por uma manifestação de respeito porque estão fazendo uma coisa bem-feita. E isso me parece uma coisa meio revolucionária, não? E um grupo, claramente que demonstra esse indicador de sucesso, que eu estou apontando, que acreditam sem preconceito e se destacam sobretudo por isso – pela seriedade, disciplina e qualidade – simples qualidade do espetáculo que apresentaram (Entrevista com parceria, Rio de Janeiro/RJ).

Então o que o Afro Reggae faz muito hoje é tirar o jovem da vida do narcotráfico e mostrar que a vida tem outro caminho, o caminho da dignidade. A gente tenta mostrar sempre que esse não é o meio mais fácil... é o meio mais fácil para você morrer, para você ser preso – porque se tem vários exemplos. Eu tiro por mim mesmo, eu nunca me envolvi com o tráfico, nunca fui traficante, mas eu já apanhei da polícia, e só pelo que eu já apanhei da polícia eu já era para ser um traficante (Grupo focal com jovens, misto, Afro Reggae, Rio de Janeiro/RJ)

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- O Afro Reggae possibilitou uma grande mudança na vida desses jovens tanto na parte pessoal como social. Os jovens, ao participarem do projeto, ampliam a sua percepção quanto à realidade em que vivem, passando a se preocupar com as condições dos outros jovens em suas comunidades. Também passam a vislumbrar maiores oportunidades de inserção social.

A princípio, eu não penso. Meu objetivo agora é comprar um carro, lançar o CD, continuar ajudando a comunidade, e acho que tá acontecendo isso. Eu acho que é isso mesmo, essa coisa da gente se

multiplicar... da gente criar outros grupos dentro do Afro Reggae, a gente tá ajudando, tá influenciando cada vez mais. Hoje, a gente é sete grupos, no ano que vem tem que ter 15. Tem que dobrar mesmo, tá entendendo? É isso que eu quero, continuar multiplicando jovens (Grupo focal com jovens, misto, Rio de Janeiro).

É que nem eu falei para você, eles têm uma expectativa nova de vida. Eles querem crescer, querem viajar, conhecer lugares, então ficam participando. Muitos aqui haviam abandonado a escola na quinta, sexta série e hoje em dia estão na coordenação e tem que estudar, voltou tudo de novo. É uma grande melhoria, se eles não estivessem aqui, continuariam sem aquela vontade de estudar, de crescer, aprender a lidar com o computador, aprender a bater um memorando, a participar de uma reunião, a debater sobre o projeto. Nenhum deles tinha essa noção, e hoje em dia têm. Eles vão a qualquer tipo de reunião, dão entrevistas, bate qualquer coisa no computador (Entrevista com funcionários, Rio de Janeiro/RJ).

- Os jovens, ao freqüentarem o projeto, tornam-se mais responsáveis quanto às suas obrigações, como por exemplo: escola, horários etc.

O jovem hoje tem uma visão maior de responsabilidade. O trabalho, ele sabe a responsabilidade do que tem que fazer, ele sabe o que ele tem que cumprir, o horário dele, está entendendo? Tem um tempo determinado para tudo. Então, assim, do mesmo jeito que você vai aprender no trabalho, você resgata um pouco disso para a sua vida pessoal. Eu era um cara extremamente desorganizado, bagunçava mesmo, zoava, não ligava para nada. Hoje sou um cara mais pontual, tanto no meu trabalho como para a minha família. Por isso que eu falo que mexe um pouco com a auto-estima do jovem. Porque a gente passa a se policiar mais. Isso não fica só para a gente, como no nosso dia-a-dia. O nosso jeito está mudando, os jovens da comunidade, nós mesmos notamos a diferença um no outro – se espelham naquele bom exemplo, que é jovem (Grupo focal com jovens, misto, Afro Reggae, Rio de Janeiro/RJ).

- Através do trabalho de resgate da auto-estima e do protagonismo juvenil, o projeto foi capaz de mostrar aos jovens uma alternativa frente aos atrativos do narcotráfico.

Olha, dentro da própria banda tem vários jovens que já tiveram envolvimento. Eu não digo que tive, porque tive indireto. Eu não

cheguei a ficar na “boca,”¹⁸ plantado com arma e traficando. Eu ficava lá embaixo, vendo, preparando a droga e tal. Eu ficava na “boca” sentado com eles, mas eu não cheguei a ter um cargo, a ser rotulado como traficante, mas eu lhe digo, já aconteceu isso. E outro menino da banda também – já chego a assaltar uma vez. No dia do assalto, no dia que ele ia para um assalto, é, o [...] chamou ele para um ensaio com a gente. Ele ia para o assalto com um grande amigo meu, que é irmão dele e mais outro amigo meu. E se ele vai para esse assalto, morre. O irmão dele, meu amigo, morreu e esse outro amigo. E um menino, que é da banda, ele ia neste dia assaltar... (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

Depois que eu comecei a conhecer o Afro Reggae, através da capoeira. Quando jovem eu tinha muita atração pelas artes marciais, eu comecei a ir lá e assistir os grupos de capoeira. Soltava os fogos, a polícia entrava na favela, eu não corria, ficava vendo aquilo e com a arma na cintura, a polícia passava ali e nem chegava perto, eu vendo aquilo e nem ligando. Então aquilo foi me envolvendo e eu comecei a praticar. Depois que eu acabava a aula, voltava pra boca de fumo. Os caras ficavam me zoando: “Pô cara, qual é a tua?” Tá em cima do muro? Ou você pula para o lado de lá ou pro lado de cá.” E eu quieto. Aí, como o meu tio era o dono da parada assim, se eu fosse outra pessoa para sair, não seria assim, porque a pessoa sabe onde tá guardado tudo.. Mas como era o meu tio, o chefe da parada, eu saí... (Grupo focal com jovens, Rio de Janeiro/RJ).

O cantor principal da Banda veio do tráfico, hoje o cara virou artista. Evoluiu, saiu do tráfico tem quatro anos. Ele era um cara do real, ele não é ficção – o tio do cara era o chefe do Comando Vermelho, ele é um cara do real. Então, esse cara quando canta, ele tem uma moral tão grande, até para quem não sabe que ele foi traficante, porque ele passa uma realidade tão grande naquilo que ele canta. Ele não está cantando uma mentira. (Entrevista com coordenação, Rio de Janeiro/RJ).

- Através das atividades do Afro Reggae, muitos talentos artísticos foram descobertos. Hoje, a maioria desses jovens são professores do projeto.

18 Ponto de venda de drogas.

Hoje em dia tem aula de percussão com uma pessoa formada no próprio Afro Reggae, que é o [...], que é ex-aluno. Eu posso falar que das estrelas ele é uma, inclusive a Veja considerou ele como o músico mais promissor para o futuro. Saiu uma matéria, tipo assim, os “100 mais”, no ano passado. Aí ele foi escolhido. Ele era o cara mais problemático da história. Era um cara que foi expulso do orfanato, foi expulso da escola, não tinha onde estudar. Aí todo mundo dizia: “Já virou bandido e coisa e tal.” A mãe dele falava isso. Aí nós cuidamos dele direto. E hoje, coordena vários projetos no Afro Reggae, numa boa, mas é um puta cara (Entrevista com coordenador, Rio de Janeiro/RJ).

- A mudança no comportamento dos meninos e das meninas do Afro Reggae serve de exemplo para outros jovens.

O [...] deu uma palestra, no interior da Holanda. A maioria era marroquino, sabe que para o marroquino, na Europa, o bicho pega. Aí teve um garoto que falou com ele depois da palestra. No dia seguinte, ele entregou 12 pistolas. Foi capa de vários jornais, ele dizendo o seguinte: “vi uma palestra e fiquei muito comovido, porque jovens do Brasil, Terceiro Mundo, vivem numa situação miserável e conseguem largar o tráfico, por que eu não vou conseguir?” O que os garotos conseguem tirar gente do tráfico, não é brincadeira; de angariar pessoas, de comover (Entrevista com coordenação, Rio de Janeiro/RJ).

4.10.4 Grupo de Teatro Nós do Morro

- 1) Nome da organização
Grupo de Teatro Nós do Morro
- 2) Data de fundação
1986
- 3) Cidade/Estado
Rio de Janeiro
- 4) Tipo de Organização
Associação cultural sem fins lucrativos
- 5) Contato
 - a) Nome do responsável: Gotschalk da Silva Fraga e Maria José Santos da Silva
 - b) Cargo: coordenadores
 - c) Telefone: (061) 5124758/ 5124270/ 33220741
 - d) E-mail: grnmorro@mtec.com.br
- 6) Locais onde são realizadas as atividades
Comunidade Vidigal/Rio de Janeiro
- 7) Orçamento
Os recursos do projeto foram obtidos através da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, convênio firmado de 1997 até setembro de 2000. A Coca-Cola contribuiu com R\$ 20 mil em bens permanentes para o projeto em 2000.
- 8) Áreas de atuação
Arte, cultura e educação
- 9) Objetivos
 - Assegurar o acesso à educação, cultura e arte aos jovens moradores de comunidades do Rio de Janeiro.
 - Superar o isolamento cultural vivido pelos moradores de comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro.
 - Trabalhar o protagonismo e a auto-estima dos jovens.
 - Contribuir na formação profissional dos seus alunos para a sua inserção no mercado de trabalho.
- 10) Público-alvo
Como o projeto não estabelece limite de idade, abrange desde crianças até jovens e adultos.

11) Caracterização e histórico

O Grupo Nós do Morro é uma associação cultural sem fins lucrativos, que surgiu em 1986, com o objetivo de garantir à população de baixa renda do Rio de Janeiro a oportunidade e o acesso à educação e à cultura, através de cursos de artes cênicas.

^c *Eu percebia a qualidade de pessoas que realmente não tinham possibilidade de sonhar, porque o acesso era muito distante (Entrevista com coordenação, Rio de Janeiro/RJ).*

Hoje, o projeto atinge cerca de 350 pessoas, entre elas crianças, jovens e adultos residentes na comunidade do Vidigal. O núcleo cultural e artístico da comunidade abrange diversas atividades como: teatro, cinema, cenografia, iluminação, figurinos, capoeira dentre outras. Através dessas atividades, o projeto busca envolver os alunos, resgatando sua auto-estima e investindo em seu protagonismo. Nesses 15 anos de existência, o projeto tornou-se referência para atividades voltadas a “juventudes”, tendo sido premiado com uma menção honrosa pela ONU.

12) Recursos humanos

Participam do projeto de 12 a 15 educadores. Em geral, os professores têm formação superior, sendo alguns na área de artes cênicas. Como o grupo já tem 16 anos de existência, muitos jovens que freqüentaram os cursos, hoje, são professores e monitores e ajudam na produção dos espetáculos. Todos os monitores e educadores do projeto são voluntários. De acordo com os depoimentos, às vezes recebem uma ajuda de custo.

13) Programas e projetos

O projeto desenvolve oficinas/aulas de teatro, cinema, cenografia, iluminação, figurino, dança, música, capoeira, história do teatro, história do cinema, inglês, culinária e literatura.

14) Metodologia

A coordenação entrevista individualmente os que desejam integrar o projeto. Em seguida, é realizado um teste no qual o candi-

dato recebe um texto para apresentar aos professores, que, por sua vez, avaliam seu desenvolvimento, além de observar seu desempenho escolar.

A linha-mestre do Grupo Nós do Morro é o teatro e, no sentido de complementar a formação dos seus alunos, o projeto desenvolve oficinas/aulas de cinema, cenografia, iluminação, figurino, dança, música, capoeira, história do teatro, história do cinema, roteiro, inglês, literatura e expressão corporal etc.

Em um primeiro momento, os jovens passam por uma fase de adaptação ao projeto. Uma das exigências para poder frequentá-lo é estar matriculado na escola formal. O conjunto de regras deve ser obedecido por todos os integrantes do grupo. Como é formado praticamente por voluntários, todos devem ajudar na limpeza, manutenção e conservação do local e do material.

Para o desenvolvimento das atividades, o projeto conta com um casarão, onde são feitas as oficinas, e um teatro que comporta um público de 64 pessoas.

O projeto desenvolve suas oficinas/aulas no período de março a outubro. Os meses de outubro, novembro e dezembro são reservados para os ensaios com todo o elenco e técnicos do espetáculo (produção, iluminação, som, figurino etc.). Chegam a apresentar nove espetáculos ao final do ano.

No sentido de trabalhar a formação completa do aluno, todos os jovens que atuam no espetáculo participam também da sua parte técnica.

Todo ano, peça de final de ano, tem um aprendizado geral, assim eu exercitando a minha direção, exercitando escrever um texto, o aluno, junto com [...], a gente pega sempre alguém da turma para fazer luz, o outro que vai estar junto, envolvido no figurino, o outro que vai estar junto, envolvido no cenário, para as pessoas descobrirem que o teatro não é só você estar no palco e representar, você pode estar dentro dele fazendo uma outra coisa tão importante quanto (Grupo focal com educadores, Rio de Janeiro).

A cada renovação de matrícula, o projeto recebe mais alunos para as oficinas, cerca de 5% dos alunos a cada ano. Como não estabelece faixa etária limite para a inserção no projeto, no período de matrícula, os responsáveis reorganizam as turmas de acordo a idade.

Quanto ao conteúdo de suas atividades, o grupo caracteriza-se por intercalar encenações de textos clássicos da dramaturgia nacio-

nal e internacional, com trabalhos de pesquisa de linguagem local, representando questões cotidianas dos moradores do Vidigal, conseguindo, assim, a aceitação na comunidade.

15) Redes, multiplicação e parceria

Ao desenvolver o projeto, o Grupo Cultural Nós do Morro estabelece uma forte relação com as famílias dos alunos e, por consequência, com a comunidade na qual estão inseridos. A escola formal, desde o início do projeto, se apresenta como uma forte aliada, estabelecendo uma relação direta entre a educação formal e a educação através da arte e cultura, muitas vezes cedendo espaço físico para as atividades.

Através dos espetáculos desenvolvidos em Vidigal, a comunidade desenvolveu uma afetividade pelo projeto, ajudando, quando necessário, sua manutenção. Muitos dos voluntários pertencentes ao projeto são moradores da comunidade, principalmente os jovens que já participaram das atividades e agora trabalham como multiplicadores.

Devido à sua visibilidade e à boa qualidade do trabalho desenvolvido, muitos artistas e companhias teatrais, reconhecidas inclusive internacionalmente, procuram o projeto para desenvolver oficinas, como, por exemplo, a Royal Shakespeare Company.

Em 1995, o grupo recebeu equipamentos de luz e som do Conselho Britânico e em 2000, o projeto estabeleceu uma parceria com a Coca-Cola, que doou R\$ 20 mil, para a compra de bens materiais (fax, computador, cadeira, telefone, máquina de lavar etc.).

16) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

No início do ano, ao se realizarem as renovações das matrículas, é proposto ao aluno uma avaliação com relação a sua participação no projeto.

Nessa entrevista individual, a gente vai colocar o comportamento, a vida social que ele criou nesse grupo, o que ele está dando e o que ele vai dar pro teatro. Qual é a contribuição que ele tem pra dar, que tipo de sujeito que ele quer ser naquele momento, fazendo esse trabalho, aí a gente aproveita também para dizer, olha, você não foi bem aqui, você não foi bem ali, você precisa melhorar nesse campo, na socialização, por exemplo, a sua socialização

está muito pequena, você precisa usar uma linguagem que você possa ter mais amigos, mais pessoas, chega um visitante aqui, você está muito tímido... Então esse momento é um momento de pontuar o aluno, ampliar esse universo mas com realidade, pra ele poder continuar o ano inteiro sabendo como tem que se posicionar, uma combinação, na verdade é uma combinação (Entrevista com a coordenação, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

Quanto à avaliação do projeto, os diretores e os monitores realizam diversas reuniões ao longo do ano, para apontar os possíveis problemas e delinear estratégias.

17) Problemas específicos da experiência

- O maior problema enfrentado pelo projeto é a falta de financiadores. De acordo com os coordenadores, o projeto só teve financiamento até setembro de 2000. Todos os professores e multiplicadores são voluntários, recebendo apenas uma ajuda de custo, quando há financiamento. Além desse problema, o grupo não tem funcionários para cuidar da parte administrativa e falta espaço físico para comportar a demanda das atividades realizadas.

Muitas dificuldades, durante 15 anos, da falta de espaço para o desenvolvimento das atividades até à violência externa. A falta de recursos é bastante assustadora. Nossa estratégia tem sido o envio do projeto de manutenção para empresas particulares e públicas e a manutenção da qualidade do que estamos produzindo. Em 2001, a luta continua, para dar continuidade ao projeto e encontrar um patrocinador mais efetivo, que possibilite uma situação financeira estável ao grupo, podendo os jovens multiplicadores se dedicar mais integralmente ao grupo o que irá ampliar a qualidade do trabalho.¹⁹

- Outro problema enfrentado pelo projeto é a relação do jovem com a sua família e a escola. Há situações que deveriam ser acompanhadas por profissionais especializadas (psicólogos e pedagogos), mas acabam sendo amenizadas pela coordenação, por não terem recursos para contratar esses profissionais.

19 Questionário respondido pela instituição.

Bem, falta de grana, as bobagens que eles fazem, a rebeldia de alguns, de repente tem umas meninas que começam a querer namorar e a gente precisa de psicólogo, então a gente dá uma de psicólogo também, da vida, usa a nossa psicologia da vida, conforme a gente acredita, a gente começa a passar a nossa formação no sentido do que a gente acredita, o que é melhor naquele momento (Entrevista com coordenação, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

18) Por que é uma experiência inovadora?

O projeto Nós do Morro tem sido considerado referência na área de projetos com jovens, na medida em que busca, através da arte e da cultura, o resgate da cidadania, da autoconfiança e do protagonismo de indivíduos que historicamente foram discriminados pela sociedade, por serem negros, oriundos de baixa renda e pouco escolarizados, respeitando-os como sujeitos de direitos, sonhos e de conhecimento.

Ele vai ser um balconista, vai ser o que ele quiser, entendeu? Agora, eu acho que ele não vai ter coragem de ser bandido, isso eu acho que ele não vai ter, porque existe uma construção dele como cidadão, ele construiu, através dos ensinamentos, através da cultura, através do contato, através do intercâmbio, através da disciplina, através da liberdade... Então eu acho que a gente trabalha muito pensando na evolução humana, quando você trabalha com a evolução humana, saber que o cidadão está dentro de um meio e que esse meio pode propiciar coisas desagradáveis, e que você tem objetivos pra sociedade como um todo, porque um aluno do Nós do Morro, ele não vai ficar aqui pra sempre, ele pode mudar lá pro Ceará, ir para os Estados Unidos, pode ir pro Canadá, pode ir pra França, pode ir pra Cuba, e ele tem que ter esse objetivo para o mundo, para a sociedade, para o Brasil, ele tem que ter isso dentro dele, que ele é um sujeito que ele pode contribuir socialmente, pode contribuir culturalmente, então isso é um cidadão! (Entrevista com coordenação, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ)

Ele é um projeto que mexe com a vida da pessoa e que faz com que a pessoa reflita, por mais que ela não tenha acesso, ou que tenha acesso, que faça parte, ele nos dá as estruturas para que você se sinta capaz de fazer alguma coisa, que você se sinta com vontade de fazer alguma coisa, se sinta útil por alguma coisa e que você, com esse seu trabalho, você possa mudar a vida de várias outras pessoas e que possa estar liberto com suas expressões, com seu caminho, com os seus ideais, que você possa divi-

dir as coisas, que você possa colaborar, somar, trocar, que você chore, grite, esperneie... Por mais que toda essa estrutura que o Nós do Morro tem, isso, pessoal, é meu e eu acho que isso me passa, eu aqui eu tenho todas as formas de expressões que eu possa viver no mundo inteiro, possa pensar na minha vida.. E isso eu acho legal do projeto Nós do Morro, essa forma de expressão que lhe é singular, não é nada imitado, é da ralação e da vida da galera que faz esse projeto acontecer, é a força, o grito que a gente tem é o resultado do trabalho nosso e esse é o... eu acho que é o Nós do Morro pra mim (Grupo focal com jovens, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

O Nós do Morro é a nossa história, a gente construiu aqui o nosso teatro e hoje a gente vê quanto a coisa cresceu e quanto mais está valendo a pena... Cada criança que a gente vê no palco, num espetáculo, e que no final a platéia aplaude, ali é que é o grande reconhecimento e a gente vê que realmente está valendo a pena, está formando platéias, que pessoas estão passando o que aprenderam para a comunidade, e a coisa só está crescendo, é uma revolução (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ)

19) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Segundo os depoimentos, com a frequência às aulas/oficinas o comportamento e a atitude dos alunos têm-se modificado em casa e nas suas relações sociais. As mudanças, segundo os depoimentos, são bastante significativas, uma vez que abrangem desde pequenas atitudes, como o cumprimento de horários, até a percepção de si mesmo como sujeito de direitos.

Eu entrei pela minha mãe, eu ia fazer teatro só pela escola municipal, que eu gostava, aí minha mãe falou, aí eu vi escrito, porque eu sempre passo pelo Casarão, eu vi escrito inscrição, fui lá, tentei, tentei e o que mudou na minha vida?... Acho que mudou à vera, acho que, tipo, acho que era um pessoa que, tipo, não era nem por maldade, mas eu nem conseguia respeitar direito os outros, não era nem por maldade, mas eu acho que ainda estou no caminho, mas acho que eu mudei bastante... Porque aqui não é só aprender dança, não é só aprender literatura, interpretar, eu acho que aqui aprende a viver mesmo, aprende o que é a vida mesmo... Aprende... (Grupo focal com jovens, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

Nossa, é uma mudança radical que faz... O acesso... Tanto a identificação que eles conseguem ter para eles mesmos de... que estilo de cabelo eu vou usar, vou querer para mim, para minha pessoa, qual a personalidade que ele vai seguir... É mudança de atitudes na escola, de você entender o que um professor de Português ou de História, Geografia ou Matemática está falando, porque aqui a gente usa a comunicação, então você tem que ouvir o que a pessoa está falando, para você entender o que você vai fazer no palco ou alguma outra coisa, não adianta, tem que ouvir... (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ)

Eu, assim, você estava falando de sonho, do que me emociona hoje assim, acho que as coisas que me emocionam é quando eu vejo essa transformação, eu vejo muito a transformação das pessoas que entram aqui crianças, esses meninos que você viu nessa peça, por exemplo, todos começaram com oito anos de idade, hoje estão em plena adolescência, e você vê esse amadurecimento, são pessoas que a ideologia do coletivo já está impregnada dentro deles, da educação, do respeito... Claro que às vezes saem da linha e tal... mas, cara, isso me emociona sim (Entrevista com coordenação geral, Nós do Morro, Rio de Janeiro/ RJ)

Pra mim, assim, foi uma coisa que... Antigamente eu trabalhava pra madame, essas pessoas... e sempre... como todo mundo aqui, quer ver, quer dar uma coisa de melhor, dar um conforto pra família, tipo, como pra minha mãe, só mora eu, minha mãe e meu irmão em casa, e eu vi que aquilo ali eu não ia pra frente, que a única coisa que eu fazia era varrer chão e limpar o quintal da mulher e isso não trazia nenhuma informação pra mim. Mas vi que aqui a arte proporciona pra gente, que é tirar o pé do chão mas consciente do que você está fazendo, isso pra mim trouxe um objetivo na minha vida, tipo Nós do Morro, uma família, amigos, uma casa que eu cuido, que muitos cuidam, e pra mim é a minha meta, agora, o objetivo da minha vida é ficar aqui dentro e dar o melhor de mim...(Grupo focal com jovem, misto, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ)

- Essa mudança no comportamento também se reflete na autoconfiança e no protagonismo desses jovens. Ao participarem das atividades, eles desenvolvem um sentimento de pertencimento ao grupo e ressaltam a importância do projeto em suas vidas, no sentido de lhes garantir maiores oportunidades de inserção social.

Nós do Morro é revolução cultural na comunidade, no Rio de Janeiro e no país. É conhecido mundialmente, que é uma revolução cultural e que deu certo, e que mudou e muda a vida de muitas pessoas, que está influente nas transições do ser humano, entendeu? E é um dos projetos de maior conscientização estudantil, sabe, é um projeto cultural, então, para mim, o Nós do Morro é isso, é isso que o Nós do Morro fez na minha vida, entendeu, me deu acesso, não sou rico, mas também não passo fome, tenho uma estrutura de pensamento e isso é influência do Nós do Morro, é a influência da cultura, do acesso, da arte, da educação, que caminharam juntos, e Nós do Morro para mim é isso, é revolução cultural que deu certo. Dá certo e que vai dar certo, independente de ter patrocínio ou não, ela vai continuar acontecendo. A gente não está aqui para salvar a vida, a gente está aqui para dar acesso, passar cultura, informação e dividir os problemas. O Nós do Morro é minha estrutura psicológica, é a minha estrutura cultural, é a minha escola, além de tudo, é a minha escola, é aqui que eu quero aprender tudo o que eu tiver que aprender, para mim o Nós do Morro é isso (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

Eu acho que a coisa da auto-estima e da confiança de poder ser pessoa, eu acho que é muito importante fazer parte de um grupo, você não está sozinho. E então, para mim, é muito importante quando eu digo: eu sou L.B, integrante do Nós do Morro. (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ)

- O projeto possibilitou a qualificação profissional do seus alunos. Muitos dos jovens que pertenceram ao projeto hoje não só são professores do projeto, como também excelentes profissionais nas áreas em que desempenham atividades.

• Como existe uma enorme carência de profissionais neste mercado de trabalho, este projeto vem atender à demanda crescente por cenotécnicos, técnicos de luz, administradores, produtores, que formamos em nosso processo de trabalho. Temos alguns atores e atrizes na televisão e no cinema, como também roteiristas [que ganharam prêmios], diretores e principalmente multiplicadores para a continuidade do projeto (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

4.10.5 Viva Rio

- 1) Nome da organização
Viva Rio
- 2) Data de fundação
1995
- 3) Cidade/Estado
Rio de Janeiro/ RJ
- 4) Tipo de organização
Organização Não-Governamental
- 5) Nome da experiência avaliada
Educação Comunitária (Telecurso Comunidade e Telessalas 2000) e Rock in Rio por um mundo melhor
- 6) Contato
 - a) Nome do responsável: Rubem César Fernandes
 - b) Cargo: diretor executivo
 - c) Telefone: (21) 3826 1909
 - d) E-mail: vivario@vivario.org.br
- 7) Locais onde são realizadas as atividades
O Viva Rio trabalha com cerca de 400 comunidades de baixa renda em 34 municípios do estado do Rio de Janeiro.
- 8) Orçamento
Os recursos são oriundos de diversas fontes. No ano de 2000, 95% dos recursos eram provenientes de fontes nacionais e apenas 5% de fontes internacionais. Desses recursos, 40% tinham o financiamento de instituições públicas, e 60% da iniciativa privada.
- 9) Áreas de atuação
Educação, desenvolvimento comunitário, direitos humanos e segurança pública.

10) Objetivos

- Incentivar e mobilizar a população, as associações e empresas para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e democrática.

Específicos dos Programas:

- Combater a baixa escolaridade de jovens e adultos moradores de comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, através da promoção do ensino de primeiro e segundo graus.
- Fortalecer a auto-estima do jovem, resgatar a sua cidadania e corrigir disparidades sociais
- Preparar estes jovens para um melhor aproveitamento de suas possibilidades de geração de renda em face das exigências impostas pelo avanço tecnológico.

11) Público-alvo

As ações do Viva Rio estão voltadas principalmente para os jovens, vulneráveis aos riscos sociais.

12) Caracterização e histórico

O Viva Rio é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, apartidária, que incentiva a mobilização de indivíduos, associações e empresas, através do desenvolvimento de campanhas de paz e de projetos sociais. Hoje a organização trabalha com cerca de 400 comunidades de baixa renda, em 34 municípios do estado do Rio de Janeiro.

O Viva Rio surgiu em 1993, de uma demanda da população do Rio de Janeiro pela paz, devido ao clima de insegurança que dominava a cidade. Relações políticas insatisfatórias, crise social, violência, seqüestros, perdas econômicas e acontecimentos trágicos como as chacinas da Candelária e de Vigário Geral levaram a uma reação da população.

[...]Atendendo a um chamado do Viva Rio, a cidade vestiu-se de branco, parou dois minutos, fez silêncio e pediu paz (Questionário respondido pela instituição, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

No início de sua atuação, configurava-se como um movimento social, que reunia diversos setores da sociedade – lideranças comunitárias, sindicalistas, intelectuais, empresários, donas de casa, entre outros – com o intuito de desenvolver campanhas de forma a mobilizar a sociedade carioca para questões ligadas à paz, à educação, à cidadania etc. Após a realização de diversas campanhas, o Viva Rio percebeu a necessidade de desenvolver ações mais concretas nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro, transformando-se em uma organização não-governamental em 1995.

Atualmente os trabalhos da organização se concentram em campanhas e projetos desenvolvidos junto às comunidades do Rio de Janeiro. Os diversos projetos estão divididos em quatro áreas de atuação: Direitos Humanos; Segurança Pública; Educação e Desenvolvimento Comunitário.

13) Recursos humanos

O Viva Rio conta com um quadro de 64 funcionários. Como possui uma grande estrutura de funcionamento, muitos projetos são desenvolvidos em parceria com outras entidades, como, por exemplo, os Telessalas, que contam com 350 cooperativados, sendo que algumas instituições contratam um profissional para tomar conta da Telessala todos os dias

14) Programas e projetos em curso

Os projetos do Viva Rio estão divididos entre: campanhas e programas sociais.

As campanhas são destinadas a mobilizar a população do Rio de Janeiro para temas voltados para a educação, paz e cidadania. Os programas e projetos sociais são divididos em quatro áreas:

Direitos Humanos e Segurança Pública: Paz para a cidade; Balção dos Direitos; Jogos da Paz; Paz nas Escola; Jovens pela Paz; Qualificação de Policiais; Jogos da Esperança; e Zeladores Comunitários de Cidadania.

Educação: Educação Comunitária; Serviço Civil Voluntário; Academia do Esporte e da Cidadania; Esporte Comunitário; Villa Lobinhos; Luta pela Paz; e Rock in Rio por um Mundo Melhor.

Desenvolvimento Comunitário: Jardineiros do Bairro; Viva Rio Seguros; Vivacred; Clube da Informática; projeto Habitacional Rio das Flores e Rio Novo; Carioquinhas; Fair Trade.

Viva Voluntário: Voluntário Contribuinte; Voluntário Corporativo; Empresas Voluntárias; voluntários prontos para a ação, voluntários profissionais liberais e grupos organizados de voluntários.

Devido à grande abrangência do trabalho desenvolvido pelo Viva Rio e para garantir uma maior profundidade na caracterização de uma dentre as várias atividades realizadas, a pesquisa utilizou, como principal fonte deste trabalho, as experiências voltadas para educação de jovens e adultos, que fazem parte do programa de Educação Comunitária (Telecurso Comunidade, *o projeto* Telecurso 2000) e o Rock in Rio por um Mundo Melhor.

Em 1996, o Viva Rio desenvolveu um projeto na área de educação, voltado para adaptar o material do Telecurso 2000 para o uso em comunidades do Rio de Janeiro. As primeiras comunidades a desenvolver o projeto foram Borel, Santa Marta e Cantagalo. Tomando por base as experiências nessas comunidades, em 1997, juntamente com a Secretaria Municipal de Trabalho, resolveu ampliar o projeto para 144 comunidades do Rio de Janeiro. Após a parceria com a Secretaria de Trabalho, outras parcerias, tanto públicas como privadas, foram sendo desenvolvidas, permitindo que o projeto fosse expandido, inclusive para outros municípios. Nos dois anos consecutivos, com a implantação do *Programa de Aumento da Escolaridade*, a experiência foi ampliada, até atingir um total de 225 salas, distribuídas por comunidades carentes em todo o município do Rio de Janeiro, atendendo mais de 6.000 alunos. Em fevereiro de 2000, o *Programa de Aumento da Escolaridade* passou a ser financiado pela iniciativa privada, sendo chamado, desde então, *Telecurso Comunidade*.

15) Metodologia

Atualmente são desenvolvidos três grandes projetos na área de educação comunitária de jovens e adultos: *Telecurso Comunidade* (100 turmas – recursos privados), *Por um Mundo Melhor* (59 turmas, com recursos do *Rock in Rio por um Mundo Melhor*) e *Telessalas 2000* (179 turmas, com recursos FAT). O número de turmas varia conforme o montante de recursos captado. Na virada do ano 2000 para 2001, haviam sido implementados cerca de 350 turmas.

Ao implementar os projetos, o Viva Rio estabelece parcerias com organizações comunitárias. As entidades se cadastram, e a equipe técnica do Viva Rio verifica as condições físicas, a demanda local e a institucionalidade da organização. Se os requisitos forem preenchidos, estabelece uma parceria, disponibilizando professores, material didático, supervisão pedagógica do curso e auxílio na manutenção do espaço da sala de aula. A contrapartida da instituição consiste em um espaço físico e em equipamentos para a sala de aula (inclusive TV e vídeo), além da mobilização dos alunos.

A metodologia utilizada pelo Viva Rio é supervisionada pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Nilópolis, instituição responsável pela certificação dos alunos do ensino fundamental. No ensino médio, a certificação é realizada pela Secretaria Estadual de Educação – Coordenação de Jovens e adultos. Essas instituições, além de serem responsáveis pela certificação dos alunos, também fazem a avaliação do trabalho pedagógico e do rendimento dos alunos durante o curso

O curso completo do ensino fundamental tem duração de nove meses, e o curso de ensino médio, 11 meses. O programa inclui também turmas de ensino médio em comunidades, empresas e na Polícia Militar. O conteúdo abrange cinco matérias: português, matemática, geografia, história e ciências, trabalhadas em forma de módulos. Para concluir o curso e receber o certificado, é necessário que o aluno passe por uma série de avaliações das disciplinas. Essas provas, na maioria das vezes, são pagas pelos alunos.

O Telecurso tem uma metodologia própria, com material didático para as disciplinas. O professor tem a liberdade de trabalhar da forma que achar melhor e é incentivado a utilizar outros materiais como jornais, revistas, livros etc. Além da figura do professor, existe o assessor pedagógico que tem a responsabilidade de dar suporte pedagógico aos professores nas comunidades. Cada supervisor é responsável por 15 turmas.

Com o PAE,²⁰ a gente está tendo uma aula de liberdade e ação, então cada um, a partir do público, mudando e criando um meio, uma metodologia própria, a partir das orientações, é claro, dos supervisores e dos encontros, a gente vai construindo aos poucos. Mas por exemplo, a gente tem liberdade de passar o vídeo no início ou no final, dependendo do conteúdo (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

20 Antigo programa de aumento da escolaridade hoje denominado Telecurso Comunidade.

No início de sua implementação, os professores tinham de ter o ensino médio completo, de preferência serem formados em magistério. Hoje, praticamente todos os professores já têm ensino superior completo, devido a uma demanda do próprio programa. Os supervisores pedagógicos, por sua vez, possuem formação superior na área de educação, com conhecimento dos telecursos e experiência com a rede pública de ensino.

16) Redes, multiplicação e parceria

Considerando o questionário respondido pela instituição, a inovação do projeto está na sua rede de articulação, principalmente com relação à comunidade. No caso do projeto de educação de jovens e adultos através das telessalas, o Viva Rio conta com a parceria da fundação Roberto Marinho e com as associações ou organizações comunitárias.

A característica mais inovadora deste projeto foi o envolvimento – em regime de parceira – de entidades comunitárias, que assim somavam-se a este grande esforço da sociedade civil pela elevação do nível de escolaridade de nossos cidadãos (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

Através de sua rede de articulação e das campanhas realizadas nos últimos oito anos, o Viva Rio conseguiu atingir uma grande visibilidade perante a sociedade. Em janeiro de 2001, lançou a campanha *Rock in Rio por um Mundo Melhor*, juntamente com a produção do Rock in Rio, em que cerca de 70% dos 5% destinados a área de educação seriam doados aos projetos do Viva Rio. Segundo a instituição, o Rock in Rio tinha, no início do ano, 60 salas, das quais 50 terminariam em março, com previsão de renovação, mas, até então, não estava previsto nenhum orçamento para garantir a data específica.

Cada área desenvolve parcerias com diversos atores:

Direitos Humanos e Segurança Pública – Clínica da Violência; Coca-Cola; Conselho Mundial de Igrejas; Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro; FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro); Fundação Ford; Fundação Roberto Marinho; IANSA (International Action Network on Small Arms); Igreja da Noruega; INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social); Instituto Ayrton Senna; Instituto Noos; IPUR (Instituto de Psiquiatria da UFRJ); Mi-

nistério da Justiça; Ministério da Justiça/Secretaria de Estado de Direitos Humanos; Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro; OAB/ RJ (Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Rio de Janeiro); PNUD (Plano das Nações Unidas para o Desenvolvimento); Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro; Secretaria de Estado de Ação Social, Esporte e Lazer-RJ; Secretaria de Estado de Segurança Pública-RJ; Secretaria de Estado de Trabalho-RJ; Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social -RJ; Secretaria Municipal de Trabalho-RJ; SESI (Serviço Social da Indústria-RJ); SUDERJ (Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro); Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro/ Vara de Execução Penal; e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, Ciência e Cultura).

Educação – AMESIA (Associação Missionária de Educação Social para Infância e Adolescência); Banco do Brasil; Casas Sendas; Comissões Municipais de Emprego; Comunidade Solidária; DETRAN; Escola Técnica Federal de Química; FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo); FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro); Fundação Roberto Marinho; FUNENSEG (Fundação Escola Nacional de Seguros); Grupo Ipiranga; Hemorio; Mercadinho Bom Pastor; Ministério da Ciência e Tecnologia; Ministério de Educação e Cultura/ FNDE; Ministério da Justiça/Secretaria de Estado de Direitos Humanos-RJ; Ministério do Trabalho e Emprego/FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador); Ministério do Trabalho e Emprego/Secretaria de Políticas Públicas e Emprego; Museu de Astronomia/CNPq; Nova Riotel Empreendimentos Hoteleiros LTDA; Petrobras; SEBRAE; Secretaria de Estado de Educação-RJ; Secretaria de Estado de Trabalho-RJ; Secretaria Municipal de Habitação-RJ; Secretaria Municipal de Trabalho-RJ; SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial-RJ); SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-RJ); e SESI (Serviço Social da Indústria- RJ).

Desenvolvimento Comunitário – BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social); Banco Bozano Simonsen; British Petroleum; BID (Banco Inter-Americano de Desenvolvimento); C&A; CDI (Comitê pela Democratização da Informática); Comunidade Solidária; Consulado dos Estados Unidos da América; Consulado da França; FININVEST; FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro); Fundação Doen da Holanda; Fundação Roberto Marinho; Fundação Rui Barbosa; Furnas Centrais Elétricas; IBM;

International Newcomers Club; Knoll; Rabo de Saia; Riotur; Santista Alimentos S.A; Secretaria de Estado de Saúde, RJ; Secretaria Municipal de Habitação, RJ; Secretaria Municipal de Meio Ambiente/ Fundação Parques e Jardins-RJ; Secretaria Municipal de Saúde-RJ; Secretaria Municipal de Trabalho-RJ; SESC/Departamento Nacional (Serviço Social do Comércio-RJ); SESI (Serviço Social da Indústria-RJ); Shering; USAID (United States Agency for International Development); e Wella.

Campanhas – Academia Akxe; Adonis; Barcas S/A; Barrashopping; CET-RIO; COEP (Comitê das Empresas Públicas); Company; CONASEMS (Conselho Nacional dos Secretários Municipais de Saúde); Correios; Diário Lance; Fundação Petros; *Gazeta Mercantil*; Grupo Ipiranga; Hotel Copacabana Palace; Hotel Rio Atlântica; Instituto Ayrton Senna; *Jornal A Colina*; *Jornal A Raiz*; *Jornal A Semente*; *Jornal A Trombeta*; *Jornal Extra*; *Jornal do Brasil*; *Jornal do Comércio*; *Jornal dos Sports*; *Jornal Novas do Centro de Juventude Cristã*; *Jornal O Dia*; *Jornal O Fluminense*; *Jornal O Globo*; *Jornal O Povo do Rio*; *Jornal O Restaurador*; *Jornal O Semeador*; *Jornal Tribuna da Imprensa*; K&V Promoções; Levi's; Lumière; Marcelo Arar Produções e Eventos; Maxim's Mills; Modamania; Playhouse Eventos; Rádio Alvorada; Rádio Antena Um; Rádio Assembléia de Deus; Rádio Boas Novas; Rádio Catedral; Rádio Cidade; Rádio Clube de Queimados; Rádio Difusora de Duque de Caxias; Rádio El-Shadai; Rádio Escola Bíblica do Ar; Rádio Guanabara; Rádio JB FM; Rádio Mauá Solimões; Rádio MEC; Rádio Melodia; Rádio Metropolitana; Rádio Nacional; Rádio O Dia FM; Rádio Record; Rádio Relógio Federal; Rádio Tropical; Rádio Tupi; Rádio Universal Copacabana; Rádio Universal Ipanema; Rádio Autêntica FM; Rádio Ação FM; Rádio Bicuda FM; Rádio Comunitária Itaboraí; Rádio Estação Primeira; Rádio Estilo Livre; Rádio Maré; Rádio Panorâmica FM; Rádio Rio News; Rádio Rocinha; Rádio Santa Cruz FM; Rádio Transduque; Rádio Transpilares; Rede de Postos Itaipava; Rede Globo de Televisão; Rede TV!; Secretaria de Estado de Educação, RJ; (toda rede estadual de ensino, 786 escolas); Secretaria de Estado de Segurança Pública, RJ; Secretaria Municipal de Educação, RJ (toda rede municipal de ensino, 1.029 escolas); Secretaria Municipal de Meio Ambiente, RJ; SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), RJ; SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), RJ; SESI (Serviço Social da Indústria); SBT-RJ; Shell do Brasil; Shopping Rio Sul; Sistema Globo de Rádio; Sistema Brasileiro de

Televisão; Supervia; Taco; Top Filmes; UNDIME (União Nacional dos Diretores das Escolas Municipais); UNESCO; UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Crianças e Adolescentes); TV Band; TV CNT; TVE; TV Futura; e TV Record.

Programas de Voluntariado – BP Almoço; Conselho Britânico; Consulado da Suécia; Embaixada Britânica; Igreja Menonita; Ministério da Família, Terceira Idade, Mulheres e Jovens do Governo Alemão; NSC/USA (National Safety Council), Rede Globo de Televisão e Volkswagen Brasil.

17) Lugar da avaliação e da pesquisa na experiência

Todo o trabalho desenvolvido é documentado, os relatórios produzidos pelos professores servem de subsídios para as reuniões e avaliações pedagógicas estabelecidas quinzenalmente.

Além das reuniões, ao prestar contas aos financiadores, o programa precisa entregar um relatório de avaliação do desempenho dos alunos perante o curso.

18) Problemas específicos da experiência

- Um dos maiores problemas do projeto é estabelecer uma regularidade de recursos para manter o atendimento às comunidades, vislumbrando-se como, estratégia, aumentar o número de patrocinadores.

Tem instituições que não dão conta. Você vai perceber ali que quem sustenta aquele trabalho é o professor, é ele que corre atrás do aluno, é ele que monta sala, é ele que vai buscar o aluno quando está doente. O aluno, quando está com problema, ele fica levando em casa o material, enfim, é isso. Agora, é claro que, o que a gente faz? A gente procura uma outra instituição local, para transferir a sala se for possível, se não for possível, se não tem, no próximo convênio a gente não vai abrir, até porque a gente não está abrindo duas mil salas, está abrindo 100 salas. Se abrisse duas mil, tudo bem, a gente ia ter que trabalhar com todo mundo, com todas as dificuldades e sair dando conta. Mas, se você vai trabalhar com 100, pode procurar justamente essas comunidades, que a previsão é de 50 alunos. E não tem mais porque não tem cadeira, porque você chega em sala de aula, como a gente já

chegou na Zona Oeste, com aluno sentado na janela. “Eu estudo aqui, eu preciso estudar, preciso terminar o primeiro grau”, não é, então são essas situações que a gente acaba encontrando, a gente vai priorizar os lugares que têm retorno. Zona Sul é muito difícil, na Zona Sul a gente não consegue atuar, agora Zona Oeste, Baixada Fluminense são salas com 50 alunos e não... quarenta e pouco. Claro que muitos procuram estudar e não querem nem fazer a prova, [não] querem ficar em casa, não gostam de... tipo assim, não quero ver novela, gosta de, enfim, são pessoas de uma determinada idade, que vão para lá e que estudam e que na hora da prova não querem fazer prova (Entrevista com coordenação pedagógica, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

- De acordo com o depoimento dos professores e supervisores do projeto, ultimamente vem crescendo o número de adolescentes que procuram as telessalas. Essa ação é preocupante, na medida em que os adolescentes, muitas vezes, têm trocado a escola convencional pelo projeto, no intuito de se formar em menos tempo.

Quanto ao público que você estava falando, eu acho muito ruim o que está acontecendo, apesar de majoritariamente serem jovens, os adolescentes estão vindo mais. Eu não concordo, não acredito que o adolescente esteja lá, naquela sala de aula, por causa do Telecurso, mas sim porque o Telecurso é feito em nove meses. Eu acho que esse adolescente não iria conseguir terminar o primeiro grau num colégio tradicional. Às vezes, poxa, mas você parou, volta, menino, 16 anos, dá para terminar. Minha tia, eu não posso, não agüento, então tem sempre um problema e a classe que a gente vive é essa mesma, não tem jeito (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

- Como a maioria das provas é paga pelos alunos, muitas vezes, eles não têm recursos. Outra dificuldade é que o professor frequentemente tem de se adaptar ao ritmo diário dos alunos, devido ao trabalho.

Não, e a gente resolve também, a gente tem solução para alguns probleminhas, então, por exemplo, é inscrição da prova que termina no dia 12, aí o aluno só vai receber no dia 13, aí ele paga no dia 12 à tarde, não dá tempo de descer, fica desesperado, então, o professor, para fazer a ligação direta aqui, não, então ele vai comunicar primeiro o supervisor, aí eles dizem liga para o supervisor, liga para Maria, liga para fulana, liga para siclana que elas resolvem (Grupo focal com supervisores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

Acho que o que caracteriza é a flexibilidade que nós utilizamos, porque acho que 90% dos alunos são trabalhadores. Pelo fato de ter um local com uma sala de aula viável, que eles possam voltar a estudar, concluir o primeiro grau, melhorar a auto-estima, o trabalho, ainda resgatar a cidadania, muitas vezes chegam no fórum sete e meia, estão chegando do trabalho, então, na escola, não há motivo para chegar fora do horário, eles ficam bem à vontade, têm essa gana de voltar a estudar, mas, quem é da área da rigurosidade e também a falta que muitas pessoas têm, não deixo muitas aulas vagas, acaba dentro do horário e raras vezes isso acontece no projeto. Pode chover canivete que a gente está lá dentro (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

- Apesar de o projeto contar com o apoio de voluntários, ainda encontra dificuldades em aumentar esse número com pessoas da comunidade. Em muitos casos, devido ao ritmo intenso da vida dessas pessoas.

Eu que queria ter todo o tempo e dinheiro para não precisar de trabalhar, para só estar fazendo o projeto para os outros, para estar trabalhando para um e para outro, para ajudar numa coisa e ajudar noutra, só que eu também tenho que ter aquele meu horário, no dia que eu poder ganhar o meu sustento... (Grupo focal com comunidade Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

- Existe uma disparidade quanto ao acompanhamento de alguns alunos. Uns sentem maior dificuldade em acompanhar o projeto e fazem reclamações quanto ao material. Alguns professores defendem que chegar ao projeto sem nenhuma base satisfatória da escola formal torna-se um grande obstáculo para o desenvolvimento dos trabalhos, pois o projeto tem uma dinâmica bastante específica em que cada tema é trabalhado diariamente, não se estendendo para outros dias.

Eu acho que o problema aparece na matemática, justamente, porque é muito complicada, apesar de ser dinâmico, você dá equação do primeiro grau hoje, e equação do segundo grau no dia seguinte. Então você, eu acho, eu convivo com esse conflito muito grande, porque você sabe, você tem capacidade, enquanto professor, de ajudar aquele aluno a fazer com que ele entenda aquilo e, ao mesmo tempo, está torcendo, realmente, ele bate de frente ali, e eu vi que ele ficou em dúvida. A culpa não é do aluno. (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

Mas vamos pensar no seguinte, vamos pegar uma criança dessa e colocar lá no interior desse país, que não tem um orientador mais capacitado, ele vai ter que segurar, porque aquele material ali que não é 100%, que se o material pudesse ser melhorado, vai adiantar essa pessoa que está lá no meio do mato do país, se essa informação, se esse material vier atualizado, vier melhorado, vai ser melhor, quem está aqui, que nem você que já é cobra criada, está tranqüilo, você vai fazer daquilo ali o que você quiser, agora, quem não é, quem vai com aquilo ali, o professor lá do interior do país, que vi lidar com idosos, com adolescentes, que estudaram lá, ele vai ter que passar aquilo ali, esse material está meio complicado... (Grupo focal com comunidade, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

20) Por que uma experiência inovadora?

- De uma maneira geral, o ambiente das telessalas é considerado agradável e familiar, o que colabora para uma atmosfera satisfatória ao trabalho. Até mesmo as mães, que tinham dificuldades em participar das aulas por causa dos filhos, têm agora uma maior flexibilidade e tranqüilidade para os estudos.
- Considerando o questionário, as taxas de aprovação por disciplina têm sido bastante elevadas nos últimos anos. Os melhores desempenhos são em Ciências e Geografia (índices de aprovação superiores a 90%) e os piores em matemática (em torno de 58%). O projeto, segundo pesquisa realizada, tem também grande impacto sobre a empregabilidade (em torno de 30%, quando comparada com a de jovens que não frequentam o curso) e sobre a vida comunitária, pois a incentiva à participação. Segundo declarações, cerca de 45 mil a 50 mil pessoas já passaram pelas Telessalas. A grande vantagem é a realização das atividades nas próprias comunidades o que, além de valorizar a organização comunitária, facilita o acesso dos beneficiários, diminuindo os custos e os eventuais “choques” com obrigações familiares.

O módulo de história vai ser colocado logo no início, porque ele começa a perceber o quanto ele faz parte de todo aquele processo, quanto aquilo é importante. E eu queria dizer antes é que a Telessala, ela acaba se tornando tão importante para eles, que ela vira um ponto de referência dentro da comunidade. Eu digo isso porque eu estou lá, contando os dois projetos juntos é a quinta

turma e os alunos antigos vivem fazendo ponto de encontro na porta da sala. Quando eu estou dando aula, só vejo as cabecinha paradas na porta esperando para até participar daquilo ali, começo até da janela a comentar o que está acontecendo lá dentro, acaba no final eles tão sentados, tão tudo misturado e é uma presença constante, os alunos antigos, que acabam, os que não se conhecem passam a se conhecer ali. Eles têm aquilo ali como um ponto de volta, de retorno, quer dizer, a gente nota que está fazendo falta, eles acabam o curso e começam a sentir falta daquele movimento que eles tinham ali dentro. (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

Quando estava falando da questão do espaço das Telessalas dentro da comunidade, você veja bem, todas as comunidades, em todas as comunidades existe a questão do tráfico, existe a questão da violência, existe a questão do baile funk, que não seja no seu bairro, mas seja próximo, tal, toda comunidade tem essa realidade. A Telessala ali é um espaço diferente, ela é o diferencial da comunidade. Em todos os locais que você vá na comunidade, você encontra algum tipo de coisa que não está de acordo, ou está em desacordo com a questão, vamos dizer assim, normal. Você entrando na Telessala não, quando ele entra na Telessala, pelo menos, ele tem a garantia de que aquele espaço ali ele está sendo bem acolhido e que ali tem alguém preocupado com o futuro dele, que no caso somos nós. Então eu acho que esse espaço é que vai valorizar esse aluno. (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

- Contando inicialmente com apenas recursos públicos, o projeto vem recebendo significativos aportes de recursos privados. Considerando seu custo elevado para os beneficiários, o projeto só é sustentável com este tipo de aporte, como, por exemplo, quanto à utilização de prédios de escolas da rede e o apoio de diversos profissionais como antropólogos, grupos de estatísticos etc.

21) Efeitos da experiência para mudanças na vida dos jovens

- Os alunos, ao participarem do projeto, adquiriram maior segurança de si mesmos e uma maior percepção sobre as questões sociais em que estão inseridos, aumentando, assim, a sua participação na comunidade e a sua liderança. Muitos ao entrarem

apenas tinham a intenção de terminar o primeiro grau e, ao freqüentarem o projeto, passaram a sonhar em terminar o segundo grau e entrar para a universidade.

Podemos entrar num mundo porque o Telecurso para cuidar disso aqui, ele mudou a paisagem do Rio de Janeiro em si, porque os alunos agora vêem mais cidadania, eles acham bonito entrar na sala de aula, o professor é incentivado a mostrar para ele que ele é capaz, então não pára. Se você está dentro da sala, você estará contribuindo com a sociedade em si. Eles ficam me perguntando mais, por que eu pratico cidadania? Lógico que você pratica, você não está estudando? Você não está passando sabedoria? E ele começa a puxar também o grupo para sala de aula, logo que tenha um, dois, ou quatro, ou grupo, deu aquele grupo, que às vezes para a sociedade era visto como marginais. Eu trabalho nesse projeto desde quando inaugurou o Viva Rio, então, realmente esse projeto é um sucesso, ele nunca pode acabar, porque o jovem, ele deposita confiança, ele acredita nesse projeto. Ele fala também da diferença da sala, ele fala da diferença, eu não gostava de freqüentar aula, hoje o professor faz a gente rir e é mais um aliado. Então, o [colégio] vai mostrar para ele o direito dele. (Grupo focal com a comunidade, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ)

- Para os professores, realmente houve um crescimento na comunicação entre eles, as instituições, as comunidades. Consideram que hoje os agentes estão mais abertos para outras vivências, estão muito mais interativos para as questões políticas. Possuem clareza de que as atividades ainda são incipientes, mas que esses trabalhos têm um caráter muito importante para o crescimento do projeto. Um exemplo seria a situação de alguns jovens que não conseguiam se adequar em outras situações, e que no Telecurso tornaram-se os melhores alunos.

Esse menino fez, um dos que fizeram Provão, concurso para Escola Técnica, ele, em Geografia, tirou 9, no Provão, Matemática foi 8, no Provão. Ainda perguntaram que colégio, você veio, “eu não vim de colégio nenhum não, eu vim do Telecurso, em nove meses”, e conseguiu essas notas? Ele falou assim: “Não adianta eu dentro de um colégio se eu não me interessava, passava dez anos dentro de um colégio e não me interessava por nada, no Telecurso, pelo menos, eu me interessei por todas as matérias, Matemática, Português, História e Ciências, que são básicas, re-

almente tem que dar continuidade depois, que eles tão fazendo” (Grupo focal, com a comunidade, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

Eu percebi o quanto eles cresceram, porque eles chegavam lá dizendo “ah, eu vim terminar o primeiro grau, porque eu preciso, porque o patrão mandou eu estudar”. Aí depois, eu falei, não, mas vocês têm que continuar, prosseguir no estudo. Hoje, eu percebo, ele já pensa em ter o segundo grau alguns, outros já estão pensando em ir para uma universidade e também, quando apareceram outros projetos, que davam oportunidade de emprego para eles, muitos entraram no Telecurso, fizeram e passam isso para a própria comunidade, como agente de saúde, e isso me deixa assim bastante satisfeita (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

- As salas de aula são compostas por alunos de diferentes idades e procedência (exemplo, adolescentes que cumprem medidas de liberdade assistida), o que permite relações de afetividade entre os diversos alunos.

Liberdade assistida e os relatórios dos técnicos vêm elogiando muito e a gente percebe isso. Esses garotos dentro do programa, eles têm um salto. Eles colocam muito isso: “escola não dá gente entrar porque a gente é marcado como o bandido da comunidade”. Numa sala de aula nossa, no programa, esse garoto entra, então ele tem na sala de aula uma pessoa com trinta e poucos anos, como uma mulher e um homem de 60? Essa relação é de muita afetividade. Você pega os relatórios dos professores, é aniversário todo mês, o aniversariante do mês, é, compra lembrança para a menina que ganhou bebê, a neta... Então, isso tem dentro da sala, quer dizer, é um espaço de relações afetivas e a gente percebe que esses garotos, quando entram no nosso programa, têm uma resposta significativa, especificamente esses garotos (Entrevista com coordenação, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

- De acordo com um depoimento, o projeto também trouxe mudanças para a vida dos professores.

Isso é uma coisa que eu não descarto, entendeu, acho que eu me descobri dentro do projeto do PAE. Eu trabalhei numa prestadora de serviços da Petrobras, antes de trabalhar no PAE. Também trabalhei na Cofape e não agüentava trabalhar no escritório, com um computador na frente, para entrar oito horas da manhã e sair

cinco da tarde, fazendo o mesmo serviço de segunda a sexta-feira. Para mim era tediante, não estava agüentando mais. Eu falei: Meu Deus, eu preciso de alguma coisa nova, pronto. Hoje eu já estou no quinto período de História, está legal, na Gama Filho, e, se Deus quiser, para início do ano que vem, eu já estou concluindo com a minha monografia meu curso de História, entendeu? Eu acho que não tenho o que falar do projeto. É claro que o projeto, ele tem as suas imperfeições, como todo projeto educacional, mas eu acho que a luta continua, como um jargão aí bem antigo, entendeu? Eu acho que eu só tenho mesmo a agradecer (Grupo focal com professores, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

5

Vocabulário de sentidos

5.1 Esclarecimentos

Por intermédio da análise de documentos impressos, vídeos, *sites* da Internet e de depoimentos de animadores/educadores e jovens participantes das experiências aqui pesquisadas, é possível identificar a construção de um vocabulário estratégico específico, que pretende apoiar em bases ético-estéticas as suas práticas. Esse conjunto de palavras-chave, que ganham significado diferenciado a partir da diversidade, será aqui destacado com a denominação de *vocabulário de sentidos*.

Várias intenções orientaram a estratégia de organizar o que aqui se apresenta como vocabulário de sentidos. Interessava, primeiramente, sair de generalidades e captar os sentidos atribuídos a algumas palavras recorrentes nas falas dos entrevistados, suas concordâncias e diversidades. Adverte-se que a separação ou foco em alguns termos ou vocábulos, assim como o destaque para certos temas, na composição de verbetes, não deve sugerir departamentalizações. Cabe também chamar a atenção para o fato de que se procedeu a uma montagem livre, juntando falas de diversos atores e agências, a partir de grupos focais e entrevistas, o que pode induzir à idéia de uma articulação coerente, ou uma harmonia de horizontes quanto a valores. Ao contrário, a recorrência a um mesmo vocábulo não indica necessariamente igual compreensão e mesmo uso em todas as experiências. Também se busca, portanto, representar a diversidade.

Outro intento foi captar o que mais mobilizou e que sentidos orientaram as pessoas — jovens, educadores e outros — para atuar nesse campo de trabalho, rompendo com uma noção simplista de que os pobres apenas necessitam de pão, emprego, educação formal, serviços de saúde ou cursos de qualificação.

Buscou-se não somente a análise temática, mas também a identificação de peças de linguagem mais recorrentes, quando as referências eram os jovens, seus problemas e formas de lidar com violências. Em termos operacionais, a primeira intenção foi responder a questões de pesquisa, tais como: que valores caracterizam essas experiências que lidam com jovens? Em que medida faz parte de seu universo simbólico lidar com violências e partilhar valores? A idéia

é destacar os sentidos dados pelos entrevistados para termos e práticas, construções que são parte das experiências, ou seja, expressões de seus valores e visões de mundo.

Organizou-se, portanto, um vocabulário, composto por termos, assim cumprindo o seu significado corrente, qual seja “o conjunto das palavras de uma língua” ou “o conjunto das palavras especializadas em qualquer campo do conhecimento ou atividade, nomenclatura, terminologia”. Foram priorizados sentidos, ou seja, que significados seriam transmitidos para e pelos jovens e que conotações seriam dadas a uma série de termos que – à custa de tanto se repetir – se tornam esvaziados ou ambíguos. Partiu-se da hipótese de que, para cultivar vidas, há que insistir em atribuir sentidos ao vivido e cuidar para que não se subvertam os significados da palavra.

A maioria dos termos desse vocabulário, assim como os discursos sobre os modos de pensar as atividades, matéria dos verbetes a seguir destacados, são compartilhados por distintos projetos, além de serem termos correntes na literatura contemporânea sobre jovens. Por exemplo, cita-se com frequência protagonismo juvenil, auto-estima, direitos, identidade e cidadania²¹. Estes termos, entretanto, podem ser singularizados, enfatizando-se referências diferentes, em distintas experiências, moldando-se por um saber em uso.

Tal vocabulário constitui um acervo de princípios que se destaca para melhor caracterizar as unidades de análise quanto ao seu potencial de influenciar comportamentos, trabalhar valores, educar pelo lúdico, pelo artístico, pelo interativo, ouvindo, dialogando, criando junto com os jovens. Em muitos casos, estaria respaldado por conhecimento acumulado, especializado em diversas áreas.

Note-se, nos recortes e montagem de tal vocabulário e verbetes, que mais que referências isoladas, cada termo ou conceito vai-se enredando a outros. Assim é que, por exemplo, protagonismo se relaciona com a auto-estima, esta, com o respeito, a sensibilidade com a alteridade, o lugar do outro, seus direitos e a responsabilidade social. Por sua vez, o cultural e o social se infiltram no debate sobre arte-educação.

21 Ver entre outros, GROPPPO, 2000; ABRAMO, FREITAS e SPOSITO, 2000; ZALUAR, 1994 e NOVAES, 1997.

5.2 Vocábulos

5.2.1 Protagonismo juvenil

É comum a ênfase no jovem como sujeito das atividades, observando-se que mudanças de comportamento, grau de satisfação e interesse, enfim, o sucesso das atividades, em muito depende de tal perspectiva. O protagonismo juvenil permite, entretanto, apreensões diversificadas, em especial quanto ao equacionamento de relações sociais, como as que se podem desenvolver entre gerações, entre jovens e educadores e entre espaços sociais.

Protagonismo juvenil se entrelaça com uma série de outros conceitos próprios de um léxico preocupado em qualificar a democracia, dando-lhes um sentido geracional, quer em termos de propriedade para um ciclo de vida, ou seja, a juventude, quer para um pretendido momento na história. É assim que protagonismo sugere autoestima, busca por pertencimento, exploração de identidades, afirmação de cidadania.

A seguir, algumas ilustrações da plasticidade de desenhos de protagonismo juvenil, sendo que as seções seguintes exploram mais o entrelaçamento desses conceitos.

A formação de lideranças seria uma maneira de estimular o protagonismo juvenil. Este é o caso da ONG Cidade Escola Aprendiz (São Paulo) que também investe na capacidade de intervenção dos jovens em suas comunidades.

As ONGs Auçuba (Recife), CRIA(Salvador) e Cores de Belém (Belém), como tantas outras, se preocupam em incentivar a relativa independência dos alunos no desenvolvimento das atividades dos projetos, desde os primeiros momentos de participação. A intenção é que os jovens apresentem espetáculos, colaborem na formação artística e cidadã de outros jovens e de crianças e que atuem em outras atividades sociais:

Temos que dar espaço para que eles se coloquem, para que eles protagonizem o espaço, para que eles possam colocar suas idéias e vivenciar essas idéias. Caso contrário, ficam cheios de idéias e frustrados porque não têm espaço para expor essas idéias. Cotidianamente o que eles aprenderam nas oficinas de vídeo e no núcleo de produção está próximo ao que se passa nas comunida-

des, porque o objetivo do núcleo é que os jovens criem uma espécie de embriões de TVs comunitárias (Entrevista com educadores, Auçuba, Recife /PE).

O protagonismo juvenil também pode ser compreendido como gerência da sua própria vida pelos jovens, como se adverte na seguinte citação:

Todo ano estamos mudando, nos adaptando aos novos alunos e vice-versa, aos novos tempos, para permanecer e manter a qualidade do trabalho, mas, além da importância desse trabalho que os jovens estão fazendo, sabemos que a autonomia deles depende da garantia para a sobrevivência, conseguir pagar seu aluguel, sua roupa, sua alimentação, seu passeio, seu lazer. Tal aspecto é também importante, porque aí o cara vai assumir responsabilidade logo cedo com a sua própria vida. Então lutamos para contribuir com a autonomia dos jovens, o que passa por ter ocupação e algum rendimento (Entrevista com coordenação, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

Protagonismo, desejo e criatividade, em muitos projetos, são dimensões que se reativam. Por exemplo, na ONG Comunicação e Cultura (Fortaleza), é o jovem quem escreve, edita, organiza e publica o jornal escolar. Desta forma, estimula-se sua participação e responsabilidade, e o jovem pode exibir o resultado do seu trabalho e aumentar sua capacidade expressiva, em especial com a linguagem escrita.

De fato, em muitos casos, os jovens que freqüentam as oficinas e os grupos são estimulados a participar do processo de criação e de elaboração das atividades desenvolvidas, recorrendo ao desejo, ao sonho e ao fascínio com o espetáculo, o que requer conter expectativas e não contribuir para frustrações. Tal advertência faz parte do ideário do Afro Reggae (Rio de Janeiro)

Temos um compromisso. Há muito se vivencia essa idéia de ter o jovem como protagonista de fato. E nós nem usávamos esse nome. Pretendemos transformá-los em atores potenciais e ir botando todo mundo no mesmo nível. Tem que se trabalhar com o sonho do cara. Se ele sonha em ser artista, você tem que trabalhar também para que ele se desvincule disto. Porque aqui não é uma fábrica de artistas, não. A maioria aqui não será artista. A gente faz um trabalho aqui para ter empreendedores (Entrevista com coordenação, Afro Reggae, Rio de Janeiro/RJ).

O protagonismo também seria construído por comunicação intrageneracional. Por exemplo, o movimento *Hip Hop* Artvistas MDE (Curitiba) é constituído de jovens que se organizam, sensibilizados pelas violências e exclusões a que estão expostos.

Em linha similar, a Associação Curumins (Fortaleza) insiste na motivação do desejo do jovem de deixar a rua e voltar para a família. O jovem é visto como o *senhor da decisão* sobre seu futuro. Essa é uma experiência que também enfoca, em sua metodologia, o desejo e a vontade dos jovens:

Se eles não tiverem mesmo o desejo de sair da rua e entrar aqui numa atividade, não vamos conseguir que eles permaneçam, porque não é fechando portão, não é dessa forma que se pensa resolver alguma coisa (Entrevista com coordenação, Associação Curumins, Fortaleza-CE).

Na EDISCA (Fortaleza), os jovens são estimulados a participar de várias decisões a respeito da entidade, isto é, são convidados a emitir suas opiniões acerca de variados temas, desde uma coreografia até a disposição dos móveis na sede da organização. Isto faz com que eles se sintam privilegiados e ao mesmo tempo, responsáveis, por tudo o que acontece na entidade:

Eles se identificam com o projeto, olham para um armário e dizem: “Olha a tampa daquele armário ali, fui eu que pinteí”, então daqui há pouco vão dizer outras coisas mais “que eu que fiz”, “fui eu que desenhei”, “fui eu que organizei aquela gincana”, “fui eu que criei a coreografia do meu grupo”. Quer dizer, procuramos passar a idéia de que eles são capazes, para que lá fora possam construir novas situações favoráveis a si (Entrevista com coordenação, EDISCA, Fortaleza/CE).

O cultural, o social e o protagonismo juvenil também se misturaram no discurso do Umbu Ganzá (Recife) que atua em uma das áreas consideradas das mais violentas e pobres da região. A perspectiva é a produção de sujeitos sociais e culturais, para, a partir da potencialidade dos jovens, resgatar projetos, referências de vida, balsas contra a maré, contra as ondas de violências. Também se aposta nesses jovens para servirem de exemplos, construindo visões alternativas à imagética de líderes da violência.

O projeto nasceu de uma experiência social que incorpora a cultura como elemento de resgate pessoal e coletivo, além de motivar para a descoberta e construção de um projeto de vida para o jovem:

Os jovens em situação de risco pessoal e social têm a necessidade de conexão com grupos mais estruturados, de uma mesma comunidade. Quer por seu exemplo, quer porque são considerados líderes, ou pelo reconhecimento de sua produção artística, teriam potencialidade de exercício de protagonismo juvenil e seriam capacitados para serem animadores no projeto (Entrevista com coordenação, Umbu Ganzá, Recife/PE).

A estratégia de ter jovens ensinando a outros jovens e a crianças de suas comunidades, ou da mesma situação de vidas, emprestaria um sentido de orientação intergeracional entre iguais, tendo como ênfase a cultura, e a reconstrução de valores éticos, como os de solidariedade e de responsabilidade social:

Em um primeiro momento do nosso trabalho, o público foi adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e social, de rua ou ligados a gangues da comunidade, sob medida socioeducativa de liberdade assistida. Em um segundo momento, sentimos necessidade de dar uma oxigenada e trabalhamos com adolescentes e jovens que já têm alguma iniciação com a cultura do bairro, com grupos de dança e de música. O objetivo era que esses jovens se organizassem, exercendo o protagonismo juvenil, ou seja, virem a ser um referencial positivo para o grupo do primeiro momento (Entrevista com coordenação, Umbu Ganzá, Recife/PE).

5.2.2 Auto-estima

Assim como o protagonismo juvenil, a auto-estima é enfatizada como um processo básico para desarmar violências, contribuindo para dar sentidos positivos e projetos de vida aos jovens, o que se cultiva através de atividades artísticas, esportivas e de educação para a cidadania. Também comporta distintas referências, sendo que muitas por construções analógicas ao de protagonismo juvenil, como a interação entre a auto-apreciação e a gratificação pelo reconhecimento social.

Em alguns casos os jovens das comunidades, com os quais os projetos trabalham, revelam baixa auto-estima, por pertencerem a comunidades de baixa renda, por terem pouca escolaridade e por incorporarem discriminações várias, como o racismo.

A auto-estima seria parte de um processo não-linear e longo, o que colabora para que em muitos projetos se estimule a permanên-

cia prolongada nas atividades, pois muitas vezes ganhos em auto-estima só seriam percebidos após alguns anos de convivência na experiência e, dependendo das violências exteriores, haveria o risco de retrocesso.

É unânime entre educadores/animadores, pais e mães e entre os próprios jovens a apreciação de que uma das mudanças mais notáveis que conseguem participando das experiências é o resgate de auto-estima, ressaltando que este se querer bem pode estar contribuindo para o afastamento de situações de risco, assim como do crime organizado, da violência e das drogas. Entretanto, o sentido de se querer vai além do imediato, do presente é um se querer que se nutre da apreciação por outros, de forma positiva.

Por exemplo, segundo informações da Associação Meninos Do Morumbi (São Paulo), os meninos(as) que *a priori* sentiam-se inferiorizados, em pouco tempo já estariam produzindo, sentindo-se valorizados e parte integrante de um grupo.

Frisa-se, na Fundação Travessia (São Paulo), que a auto-estima constitui um processo de busca identitária ou de desidentificação com símbolos negativos impostos. Jovens, ouvidos em grupo focal, assim descrevem tais mudanças:

Antes de entrar no projeto, eu me sentia um lixo. Me sentia um animal no meio da rua, porque assim me faziam sentir as pessoas, ao me ver todo sujo. Aí passava um moleque bem vestido e eu me sentia mais lixo (Grupo focal com jovens, Fundação Travessia, São Paulo/SP).

Auto-estima, identidade, cidadania cultural, civil e social, e respeito se entrelaçam no discurso de várias organizações, que apontam para modulações de conscientização social e cultural:

A auto-estima é um ponto fundamental. Eles se acham valorizados dentro dos projetos, eles encontram espaço para exercitar as potencialidades artísticas e ocupam os espaços histórico-culturais da cidade também. Aprendem a freqüentar um museu, um teatro, a reconhecer um monumento, a ocupar praças. A terem consciência que são espaços públicos, e identificá-los como espaços culturais. E saber que se é espaço público e cultural, o acesso é um direito mesmo, um direito deles. Então mudou muito a cabeça deles. Mudou a utilização dos direitos aos bens culturais da cidade (Entrevista com coordenação, Cores de Belém, Belém/PA).

A arte transforma esses adolescentes, ajudando-os a ver o mundo de forma diferente. Os adolescentes chegam aqui, no começo do semestre, com um ar totalmente diferente, agressivos, bravos, querendo fazer o que tem vontade. E, com o passar do tempo, eles vão mudando, com o trabalho, quando começam a se envolver, a criar alguma coisa, algo que é admirado por outras pessoas, ou algo que pode ser útil na vida deles. Começam a se interessar com a possibilidade de virem a ser artistas, que, quando forem maiores, poderão ser um grande cantor, ator, artista ou capoeirista (Grupo focal com educadores, Fundação Cidade Mãe, Salvador/BA).

Auto-estima, para muitos, remete a projetos, à visão de futuro, indo contra a onda do desencanto e do “eterno presente” (Jameson, 1993). Por exemplo, um dos principais impactos do Auçuba na vida dos jovens seria o de influenciar suas expectativas com relação ao futuro, combinando-se críticas a barreiras estruturais, próprias da economia, com uma visão otimista sobre a profissão que estão aprendendo, demonstrando *garra* para conseguir exercê-la:

Eles começam a acreditar neles mesmos e começam a ter outras ambições. Já vieram me pedir para termos curso de cinema (Entrevista com educadores, Auçuba, Recife/PE).

Na citação seguinte, sugere-se que a auto-estima é o valor que melhor se resgata, quando condições materiais de vida dão suporte para mudanças positivas, ou seja, quando oportunidades de realização de potencialidades do ser humano se apresentam:

O que mudou foi que antes eu era desrespeitada, hoje eu sei dar respeito e receber, também apareceram muitas oportunidades para mim depois do Centro, apareceram cursos, eu me interessei mais em ir para escola, apareceu um emprego para mim, eu consegui mais amigos, consegui mostrar que eu estava naquele caminho porque estava sendo induzida e mostrei que eu podia mudar e mudei (Grupo focal com jovens, Centro de Mulheres do Cabo/PE).

No Afro Reggae, coordenadores e professores que trabalham com meninos e meninas (a maioria de ascendência afro) fazem com que esses se percebam enquanto *sujeitos de direitos, desejos e conhecimento*. A auto-estima está relacionada com a esperança de um futuro, de uma profissão e com a crença neles mesmos, apesar das dificuldades concretas:

Antigamente eu não tinha objetivo nenhum. “Ah, você vai fazer o primeiro, o segundo grau.” Está bom, só para dizer que eu estudei, mas hoje não. Por isso que eu estou falando que o trabalho no Afro Reggae mexe um pouco com a nossa auto-estima. Hoje eu quero fazer uma faculdade, tá entendendo? Eu queria ser advogado, mas agora eu não quero mais ser advogado, quero ser outra coisa, mas meu objetivo é chegar à faculdade, tá entendendo? Eu sei que as barreiras são muito grandes, tá entendendo? Para terminar os estudos hoje, tá muito difícil (Grupo focal com jovens, Afro Reggae, Rio de Janeiro/RJ).

A auto-estima é um conceito ambíguo, assim como protagonismo juvenil. Ambos podem ser acionados também por culturas de violência, quando se traduz por admiração e respeito o medo que se inspira ou certas inclinações sem respeito ao outro. No vocabulário das experiências analisadas, se apreendem melhor outras referências a disputar sentidos, na surda luta entre construção de auto-estima por valores de cultura de vida, de paz, contra valores de cultura de morte, de violência, como bem sugere o depoimento de um jovem:

Eu acho assim, eu mudei. Antes eu só pensava em querer usar drogas, não queria fazer nada. No dia que eu consegui ter as coisas, não tudo que eu quero, mas as coisas que eu sempre quis ser, como ser parte de um grupo de rap, vi que não dava para continuar naquela. Acho que se eu estivesse na rua, ainda usando crack, eu não teria essa oportunidade de um dia ser cantor, oportunidade de um dia fazer sucesso, e muitas coisas legais, como estar estudando na escola, fazer mais passeios, me divertir (Grupo focal com jovens, Fundação Travessia, São Paulo/SP).

Aliado à arte, especificamente à estética, o conceito de auto-estima pode ser trabalhado não somente em processos individualizados, com cada jovem em particular, mas também em ação coletiva. Tais vetores seriam parte de uma trajetória interligando o individual e o coletivo, ou seja, um aconteceria em decorrência do outro. O indivíduo produz, mas a auto-estima resulta do reconhecimento coletivo de sua produção artístico-cultural ou do prazer de ser um conhecedor do assunto, um consumidor de arte e cultura.

No Centro das Mulheres de Cabo (PE), um dos eixos de trabalho é insistir na sociabilidade, no pertencimento comunitário, a fim de que as jovens sejam respeitadas e façam valer seus direitos, principalmente pela argumentação relacionada à defesa desses direitos.

Para isso, é preciso que conheçam seus direitos, como, por exemplo, no plano das relações de gênero, terem informações sobre sexo seguro e sexualidade e, no plano de identidades juvenis, saber as conquistas adquiridas com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

A auto-estima, nessa linha, não separaria identidade de alteridade. Ou seja, por um lado, investir-se-ia em direitos individuais e defesa de direitos coletivos, o que revela preocupação com os outros, mas, por outro lado, a auto-estima comportaria uma dimensão interativa, que também requer alter-estima, ou seja, ser bem considerado socialmente, ser respeitado e, no caso das meninas que participam do Centro, não serem mais identificadas como “marginais”:

A mudança foi que eu passei a ser respeitada pelas pessoas. Quando eu não vivia no projeto do Centro, eu levava nome de prostituta, de maconheira. Até nome de rapariga eu levei, porque quando eu fugi de casa foram dizer que eu tinha fugido para ir para a zona, aí quando as pessoas ficaram sabendo que eu estava participando do grupo no Centro passaram a me respeitar (Grupo focal com jovens, Centro das Mulheres do Cabo/PE).

Quando eu vivia na rua, nessa vida que eu levava, quando chegava alguém que perguntava se eu queria trabalhar e eu dizia que queria, chegavam outras pessoas e diziam para aquela pessoa que não me botasse para trabalhar, porque eu era maconheira e andava com ladrão, e se me botasse para trabalhar na casa, quando ela saísse de casa eu ia botar meus amigos para entrar e roubar. Diziam também que eu era rapariga e que transava com o marido dos outros, e hoje eu estou mostrando a eles que eu não sou isso (Grupo focal com jovens, Centro das Mulheres do Cabo/PE).

As atividades artístico-culturais, através de grupos que se apresentam em espetáculos, contribuiriam para a auto-estima, por permitir que as jovens revelem seus talentos e seu trabalho para a sociedade.

Tenho observado as moças se maquiando, também aprendendo a gostar mais delas, se dando mais valor, e eu consigo observar isso depois da primeira apresentação de dança em público. Elas se engajaram mais. Havia o medo, nos ensaios, o primeiro desafio. Agora vivem perguntando, quando é a próxima? Ficou todo mundo empolgado, elevou a auto-estima delas. Estão mostrando o que aprenderam e, ao mesmo tempo, apagando a história do passado delas (Grupo focal com educadores, Centro das Mulheres do Cabo/PE).

No EDISCA, a auto-estima é utilizada como ferramenta de trabalho, sendo as jovens reconhecidas e valorizadas socialmente. Essa posição pode ser exemplificada pelo seguinte depoimento:

Eles adoram viajar, adoram fazer sucesso, estar nos jornais, adoram dar entrevista, adoram estar na televisão. Domingo agora, eles vão estar no Planeta Xuxa. Você imagina o que é uma criança da favela ser o artista principal do Planeta Xuxa? É porque isso, dentro do psicológico deles, é uma coisa fabulosa, imagina! E é! Estar no teatro, viajar para São Paulo, ser capa da Folha de São Paulo, para que melhor? O Ariano Suassuna chorar no espetáculo deles. Aparecer na primeira página do Povo. Isso tudo são momentos que lhes vão marcar pela vida toda. E quem passa por um momento de glória, jamais vai querer passar por qualquer coisa. Eles vão sempre escolher momentos de glória. Eles conhecem a possibilidade de fazer sucesso, de ser feliz, de ser reconhecido. Quando a criança ou o adolescente prova e se vê capaz, se vê reconhecido, jamais vai optar pelo que não é bom (Entrevista com coordenação, EDISCA, Fortaleza/CE).

No Coletivo Mulher Vida, traduz-se a auto-estima mais do que por qualidade ou forma de estar centrada em si, pela ênfase na solidariedade, no sentir-se parte de um coletivo e por este ser apoiado. Destaca-se a solidariedade entre as mulheres, o respeito às diferenças e aos processos de buscas. No caso de adolescentes mulheres, isto significaria poder denunciar violências, como estupros, e criticar formas tradicionais repressivas, próprias de interações sociais no universo familiar:

A forma como são passadas as informações é importante. Não se diz, “faça isso” ou “faça aquilo”. Mostra-se caminhos e com ela, nós vamos pensar, analisar o caminho que vamos seguir e também ver as conseqüências. Como por exemplo de denunciar um caso [de assédio sexual ou de estupro na família]. Este é um exemplo, e a gente se sente bem até consigo quando no grupo se diz “estamos todos com você, eu estou com você até onde você quiser ir” (Grupo focal com jovens, Coletivo Mulher Vida, Recife/PE).

Os sentimentos de respeito, auto-estima, aceitação resultam de um maior conhecimento do corpo:

Aprendi a me amar mais. Não que eu não me amasse antes, mas a me amar mais ainda. Aprendi a conhecer mais o meu corpo, aprendi sobre uma série de assuntos. São informações para se conhecer mais (Grupo focal com jovens, Coletivo Mulher Vida, Recife/PE).

Para eles subirem no palco e terem uma platéia assistindo é necessário que assumam que a pessoa, o artista, deve estar muito bem com o próprio corpo, gostando de si, gostando da sua imagem. Então há situações de demonstração pública que requerem todo um trabalho anterior, o que faz com que eles se sintam bem, gostem de si próprios, o que é o primeiro passo. Qualquer trabalho passa pelo resgate da auto-estima e a arte ajuda bastante. Mas tem que ter disciplina e principalmente saber os limites (Entrevista com coordenação, Liceu de Artes e Ofícios, Salvador/BA).

5.2.3 Pertencer

Sentimento de “pertence” é um construto valorizado no universo cognitivo das entidades e também qualifica o debate sobre protagonismo juvenil. A idéia é estimular os jovens para que remodelem referências e valores, identificando-se com as práticas, princípios e produtos dos projetos, situando-se como parte deles, em um momento, e como parte de uma comunidade com responsabilidades sociais, em outro. Um dos coordenadores da Cidade Escola Aprendiz relata:

Os meninos se sentem participando, atuando, decidindo junto, e a arte, esse veículo que trabalha, é muito convidativo, permite muitas coisas, muitas formas de expressão e cada um tem a sua forma (Entrevista com coordenação, Cidade Escola Aprendiz, São Paulo/SP).

Pertencimento é um conceito também essencial ao projeto Meninos do Morumbi. A partir do desenvolvimento dos trabalhos, os jovens começam a se sentir parte de um grupo, comprometidos com a arte, com a música, com a comunidade e, principalmente, com os problemas relacionados à sociedade.

O próprio “pertencimento” a um grupo com que eles se identificam, do qual “vestem a camiseta” lhes acrescenta outras identidades, e passam a ser, por exemplo, o “José da Silva”, menino do Morumbi. Nesse grupo, eles conhecem as pessoas, são conhecidos,

transitam à vontade e esse trânsito tem um significado especial, ampliando as relações, fazendo com que os jovens sintam-se competentes:

Hoje eles são amigos, namoram, transitam entre comunidades. Não tem mais essa fronteira do território, e isto foi em função do projeto, em função da aproximação, desse vínculo que eles constroem aqui. Esse “pertencimento” ao projeto estabelece um vínculo que abre novas possibilidades até para que eles se possam perceber fazendo alguma coisa que eles gostem, fazendo algo que eles possam ser vistos como competentes e descobrir essa competência. Muitas vezes é a primeira experiência de competência na vida deles. E se eles se apropriam dessa competência, o grande desafio é que possam ampliar essa competência para a vida dele, na própria escola, na vida familiar, na vida (Entrevista com coordenação, Associação Meninos do Morumbi, São Paulo/SP).

No processo de construção do pertencimento, um ponto importante para a decolagem do projeto é atrair os jovens. No caso da Associação Corumins (Fortaleza), por exemplo, por lidarem com crianças e adolescentes em situação de rua, é comum que seu público seja bastante rotativo, pois estes jovens têm dificuldade para se enquadrar em qualquer tipo de atividade que exija disciplina ou seguimento de normas. Assim, todo o trabalho da entidade é feito com base na noção de que os educadores precisam “conquistar o jovem”. É preciso ganhar sua confiança e manter o interesse do jovem pelo projeto, pois, do contrário, ele volta para a situação anterior.

Uns dos principais instrumentos para “atrair os jovens” são as atividades que privilegiam o lúdico, a arte, o esporte e o lazer. Na fala que se segue, os educadores descrevem o processo de conquista dos jovens:

Para atrair as crianças na rua, temos oficinas culturais, a capoeira e, em alguns casos, a banda de latas. É principalmente a capoeira e o teatro de rua que mais atraem. Levamos um telão para a rua, câmeras filmando e começamos a fazer um trabalho, por exemplo, sobre violência familiar. Nós começamos a conversar com a criança, com o jovem que acha aquilo ali interessantíssimo, “eu estou saindo na televisão”. Aí correm, correm para perto, ficam ali conversando conosco, querem ser entrevistados, querem entrevistar, querem fazer algum trabalho (Grupo focal com funcionários/animadores, Associação Curumins, Fortaleza/CE).

O pertencimento é também acionado para lidar com exclusões sociais, rejeições na família e estranhamento em outros espaços:

Você sabe aquele negócio do sujeito não pertencer a um tempo, não pertencer a um ambiente, é assim que os jovens de bairros pobres e seus pais também se sentem. Eles não são donos, mas aquilo ali é deles. Por exemplo, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, o Parque do Flamengo, é nosso, é coisa pública e o público sou eu, mas o sujeito é tão excluído que aquilo ali passa a ser daquelas pessoas mais abastadas, que têm condição de pagar o ingresso. Estamos mudando a cabeça desse pessoal todo, para que isso seja questionado no dia-a-dia (Entrevista com parceiros, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

5.2.4 Identidade

Também recorre-se de forma relacional aos conceitos já mencionados, quando se discute identidade. Por exemplo, na Associação Meninos do Morumbi reconhece-se que, para que o projeto alcance seu principal objetivo, é fundamental que os jovens criem uma identidade com a proposta apresentada, que se identifiquem com os instrumentos utilizados, com as atividades de todo o conjunto.

A música é o elemento determinante no projeto para a construção de uma identidade social e individual. A música estabelece o sentido de todo o trabalho que desenvolvem no projeto, é pela música que se abandonam outros espaços de autoconsumo, inclusive, os de violência, e a música é o veículo para a possibilidade de inclusão social.

5.2.5 Conscientização identitária – a raça

Nas atividades da Escola Criativa do Olodum (Salvador), sublinha-se a preocupação com a construção da identidade, entendida como:

Trazer à tona toda a historicidade do negro para que ele se valorize, desenvolva a auto-estima, porque o sistema se incumbem de não mostrar a relevância do negro, a contribuição do negro para a construção do Brasil. Nas televisões, você não vê negros, nas melhores casas você não vê negros, nos melhores carros você não vê negros, então aqui nós nos preocupamos em mostrar que eles podem se tornar cidadãos autônomos e construir a sua própria identidade afro-brasileira e ser reconhecido por isso (Entrevista com coordenação, Escola Criativa Olodum, Salvador/BA).

No Olodum, o discurso sobre identidade racial se entrelaça ao de identidade nacional, passando pelo resgate da história, contando desde a trajetória do povo nordestino até a história de vida de Zumbi:

Quando se conta histórias, da trajetória de um povo, de como uma sociedade foi formada, a possibilidade de denunciar o que se considera errado através da arte não tem aquele teor panfletário, é uma história que é a história dos jovens no projeto, de seu povo. Nessa faixa etária, de 16 a 21 anos, estão num processo de formação individual e de visão de mundo e através do tipo de arte que a gente está oferecendo, com conteúdo, a gente pode fazer com que no futuro eles sejam transformadores da sociedade (Grupo focal com educadores, Escola Criativa Olodum, Salvador/BA).

A arte, a educação artística colabora para o questionamento sobre a música que se ouve hoje na rua [a referência é a música “Tapa na cara não dói”]. Música que é reflexo do que as pessoas estão pensando, mas é isso que queremos reproduzir? É essa mensagem que queremos passar na nossa arte, ou queremos uma mensagem diferente? Então, fazer arte dessa forma que se pretende faz parte de um processo revolucionário. São pessoas que vão ter uma preocupação com o país (Grupo focal com educadores, Escola Criativa Olodum, Salvador/BA).

A questão da consciência étnica é também um princípio nuclear da ONG Descobrimdo o Saber (São Luiz), que assim reflete sobre a relação entre o social e o cultural:

Muitas pessoas são negras, mas não colocam na sua ficha que são negras. Se descrevem como moreno ou morena clara. Discutimos com os jovens essa questão. Discutimos sobre o racismo, a importância de você se amar do jeito que você é, da sua cor, do seu cabelo. Quando o projeto foi idealizado, eu pensei nessas pessoas que estão aí: essas crianças que estavam jogadas nas ruas. Então já foi uma preocupação social e quando as crianças e jovens vieram para cá, tiveram que aprender toda essa questão da cultura, de falar da questão da ética, da cidadania, da dignidade, tudo isso, então o projeto nasce do social e incorpora o cultural (Entrevista com coordenação, Descobrimdo o Saber, São Luís/MA).

5.2.6 Cidadania

Nos relatos sobre as experiências, o princípio de cidadania se restringe à reflexão mais ampla contemporânea, sintetizada na expressão de Hannah Arendt, “o direito a ter direitos (Arendt, 1954), mas também recebe empiricamente variada modelação, como direito à informação, ao acesso a bens culturais, à riqueza acumulada, à expressão e a desenvolver talentos.

No caso dos jovens, a referência é comumente a um processo em aberto, uma busca em que cidadania juvenil não é reconhecida como um campo que, ainda que se esparrame pelo geral, guarda especificidades. A cidadania juvenil refere-se ao que é próprio de uma geração (no tempo e em um ciclo etário). A cidadania plena é tida como um vir a ser hipotético, cabendo aos jovens lutar para sua realização. Entretanto, as propostas se preocupam com o próximo ou com o imediato, com a sobrevivência, em suas várias acepções, ainda que se faça referência a um impulso na busca pelo exercício de cidadanias, conjugando-se a social, a civil, a política e a cultural.

A busca da cidadania é importante. Se perceber cidadão que tem direitos, saber que pode opinar sobre as coisas e que tem força para isso. Pode-se passar a vida inteira não fazendo algo que goste, ou não buscando algo, ou não indo atrás de um ideal porque não teve ninguém para dizer assim “olha, se faz, você pode fazer, todo mundo é capaz de fazer” (Grupo focal com educadores, Nós do Morro, Rio de Janeiro/RJ).

De acordo com a coordenadora pedagógica do Afro Reggae, o projeto deve preocupar-se com o desenvolvimento da cidadania dos jovens, considerando referenciais coletivos e partindo da materialidade das condições sociais da existência. Reconhece, porém, que tal perspectiva de cidadania remete a um processo complexo, afirmando-se, muitas vezes, somente uma cidadania específica – como raça – negando-se outras, sem respeitar a alteridade, deixando de lado a sensibilidade para construções sobre as relações sociais entre os sexos, questões de gênero, para citar só alguns exemplos:

De que cidadania o Afro Reggae está falando? De que lugar falamos de cidadania, para não correr o risco de estar oferecendo um universo de fantasia para esse futuro cidadão? O cidadão que queremos não se envolveria em conflitos. E convive com situa-

ções de conflito que não gostaríamos de ter dentro do projeto. Por exemplo, um menino tendo uma relação violenta com a sua namorada, isso é quase inconcebível, quase que incompatível, depois do cara estar quase sete anos dentro de um projeto como esse. Essa idéia de cidadania é uma idéia muito distante ainda, eu vejo que o cotidiano tem nos apresentado isso, que as pessoas não se vêem ainda como cidadãos, não conseguem exigir coisas, batalhar, inovar, ainda estão muito ligadas no “vem me dá”, “vem que eu estou aqui”, “vem que eu estou esperando” e não “estou junto”, “quero fazer junto” (Entrevista com coordenação pedagógica, Afro Reggae, Rio de Janeiro/RJ).

Solidariedade é outro vetor acionado quando se reflete sobre cidadania, como sugere o depoimento seguinte:

Procuramos mostrar a eles que tem muita gente em situação pior, vamos fazer uma cesta básica para ajudar, quer dizer, falo para eles da situação do outro, vamos um dia no asilo, a gente vai lá ajudar. Quer dizer, mostrar que tem pessoas em situação bem pior do que eles, que tem alguma coisa que a gente pode doar para alguém (Grupo focal com comunidade, Viva Rio, Rio de Janeiro/RJ).

Como já mencionamos, a cidadania civil é comumente acionada pela divulgação e debate do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Diversas organizações se afastam de uma perspectiva de cidadania por direitos legais ou socialmente distribuídos pelo Estado e apostam mais em formar uma massa crítica, defendendo implicitamente que cidadania civil e cidadania política, ou seja, interlocução e crítica ao Estado, se realimentam.

O povo tem que saber, se espelhar um pouco em Zumbi, o que Zumbi fez. Saber que na ilha tinha índios, negros, e inclusive brancos também aliados que estavam lutando em prol de uma cidadania, uma cidadania a bem dizer quase independente. Como é difícil a gente ser independente hoje em dia, porque tudo gira em torno de política! Às vezes eu falo para o cara: “se você não gosta de política, você não pode reclamar do abuso da polícia, você não pode reclamar da situação se as coisas estão caras, porque tudo isto gira em torno da política” (Entrevista com coordenação, Artvistas MDE Hip Hop, Curitiba/PR).

Direitos e respeito são também construções essenciais em projetos voltados para a educação para cidadania, como explicam as educadoras da Fundação Gol de Letra (São Paulo). A idéia é que cada cidadão consiga compreender o que significam esses conceitos e, mais ainda, que aprenda a utilizá-los em seu contexto social específico: *“Esses meninos não sabem quais são os seus direitos, quais são os deveres que eles também têm que cumprir como cidadãos”* (Entrevista com educadores, Fundação Gol de Letra, São Paulo/SP).

5.3 Campos e verbetes

5.3.1 Cultura

É recorrente o trânsito entre cultura, educação e arte nos depoimentos relacionados às experiências.

Cultura assume sentidos múltiplos que contribuiriam para a construção de um processo que viria na contramão de violências, por exemplo: 1) como forma de estar na vida – identidade por interação, relacionando, portanto, identidade individual e coletiva; 2) como orientação por nexos entre ética e estética e 3) como outra cultura, por posição crítica e por advogar direitos:

A cultura é um instrumento que permite o homem e a mulher se conhecerem, fortalecerem sua identidade individual e coletiva e ainda aprender, de forma lúdica, além de construir conceitos de ética e estética. A cultura como instrumento pedagógico colabora para a organização comunitária e política dos jovens (Entrevista com coordenação, Umbu Ganzá, Recife-PE).

Em distintas experiências, sublinha-se o objetivo de identificação com a cultura de raiz, com a cultura popular, em muitos casos, apenas depositada na tradição oral, acessando-se matrizes culturais nacionais. Nessa linha, exploram-se histórias, danças e músicas. Várias experiências em Pernambuco, por exemplo, têm oficinas e formam grupos artísticos que recorrem ao maracatu e à literatura de cordel. Em Salvador, cancioneiros e poetas de rua são fontes de oficinas de composição de peças de teatro, enquanto a capoeira de raiz e o maculelê atraem jovens que também recebem ensinamentos sobre a

cultura afro. Outras experiências se voltam para, documentar com os jovens a história de comunidades, como é o caso do Viva Rio:

Estamos desenvolvendo um projeto trabalhando com memória da comunidade, com as lideranças. Vamos organizar a memória histórica por pesquisa com os jovens, desenvolvendo a capacidade de observação, buscando ter dados sobre as comunidades (Entrevista com a coordenação, Viva Rio, Rio/RJ).

Preserva-se um “patrimônio nacional intangível”²² que, por sua vez, contribuiria para referências alternativas à cultura de mercado, aos estímulos comercializados pela mídia oficial e até pelas escolas como relatam os jovens da Cidade Escola Aprendiz: “*Na minha escola, você não vê uma festa de cultura brasileira, mas você vê uma festa de halloween que é uma cultura que não tem nada a ver com a gente. Você não honra as suas origens.*”

As atividades artísticas e lúdicas comumente integram os projetos no plano de linguagens para cidadania, com a intenção de estimular a criatividade e a liberdade de expressão.

Em alguns casos, a cultura se sustenta mais pelo sentido das atividades do que pelas atividades em si. Seriam meios relacionados a fins, objetivando uma educação para a cidadania, não cabendo, portanto, avaliações quanto à qualidade artística das atividades organizadas, isto é, avaliações segundo padrões do campo das artes. Há, entretanto, entidades como a EDISCA e a Orquestra de Flautas (Cuiabá, MT) que associam a noção de cultura – estar e ser na vida – com a de arte erudita, pretendendo realizar cursos de balé e de música clássica, que se orientam por critérios de profissionalização de alto nível artístico, para jovens de setores populares.

Cultura como modo de ser na vida²³ assume múltiplos vetores, não se restringindo à transmissão de uma herança. Ela é dinâmica e muitas falas revelam a intenção de produzir sujeitos criadores. Assim, seria lugar-comum entre as entrevistas, a referência à criatividade.

22 “Nossa geração herdou uma riqueza de recursos culturais tangíveis e intangíveis que encarnam a memória coletiva de comunidades de todo o mundo e proporciona sentido de identidade em período de incerteza. O patrimônio intangível [diferentemente dos recursos tangíveis] não teve uma sorte igualmente feliz. Se é verdade que todas as formas de herança cultural são frágeis, os bens imateriais, alojados nas mentes e nos corações das pessoas, são ainda mais... O passado tornou-se verdadeiramente um ‘país estrangeiro’ [David Lowenthal]” (CUELLAR, 1997, p. 231).

23 Sobre cultura, entre outros, ver GEERTZ, WILLIAMS, 1992 e CERTEAU, 1993.

Seguindo nessa linha, a cultura seria também um movimento contra a reprodução acrítica de usos e costumes, como, por exemplo, os que significam obediência cega e “rotinização” de práticas autoritárias entre gerações, como se pode registrar nos campos da família e escola, o que para os jovens seriam violências. Violências essas que sufocariam críticas:

O papel das atividades culturais no trabalho com os jovens é estimular a sua criatividade, a liberdade de expressão, a questão da cidadania mesmo, enquanto uma pessoa constituída de direito. À medida que se estimula a criatividade, se está também abrindo espaço para a escolha. Esses jovens são tão carentes de escolhas, de espaço e de repente, com a criatividade estimulada, poderão desenvolver critérios de escolha melhores, para suas vidas (Grupo focal com educadores, Coletivo Mulher Vida, Recife/PE).

A abertura de espaços de conhecimento, democratizando o acesso à informação cultural, é outro sentido presente nos discursos. É, por exemplo, o que sublinham os animadores da organização governamental Paca (Camaragibe/PE), ao declarar ser um dos objetivos da experiência “*ampliar os horizontes dos jovens*”, discutindo-se e encenando-se situações, quando se tocaria na razão e na emoção, sensibilizando os jovens pela fantasia e afetividade.

Reconhece-se que a “intangibilidade da cultura” (Cuéllar, 1997) travaria seu reconhecimento, na sociedade, como importante para a reconstrução de sentidos de vida entre os jovens, o que passa também pela valoração instrumental de conhecimentos mais negociáveis no mercado de trabalho e de produção de bens e riqueza. Daí, em alguns casos, existir uma maior procura de cursos como o de informática, em detrimento de outros, como dança, música e artes em geral. Tal fato justifica a estratégia utilizada pelo Paca e outras entidades, combinando informática com outros conhecimentos:

Percebemos resistência contra o enfoque em cultura na sociedade. É como se você precisasse aprender o que é computador, português, matemática, porque isso vai lhe dar um resultado na vida. E a cultura, não! Ela é abstrata. Ela é subjetiva. Isso é o imaginário. O coletivo passa por aí. Então temos que trabalhar para que os jovens se sensibilizem, juntando a importância do conhecimento técnico-cultural para fins de mercado e para transformar a vida deles. É um trabalho muito difícil (Grupo focal com educadores, Paca, Camaragibe/PE)

Com tal perspectiva, há que trabalhar de uma forma gradual. Quando os jovens chegam querem o mais imediato: “Vamos fazer tal trabalho”; “Vai ligar agora o computador?, já está ligado?”. A ansiedade deles é com o computador. Não vão querer saber se vamos falar sobre a cultura, sobre a questão de gênero. Não! Primeiro é o computador. É a partir de temática mais específica que se trabalha melhor com eles, apelando para a imaginação – deles e nossa. O cotidiano tem muita força, é concreto, é real. É o pão, é a casa, é a escola. A fantasia não é realmente explorada em tal cotidiano. Tem que se trabalhar pela recuperação do uso da imaginação, pelo exercício da fantasia (Grupo focal com educadores, Paca, Camaragibe/PE).

O depoimento seguinte, segundo os técnicos do Paca, indica como se procedem as relações entre o social e o cultural:

Sem cultura, o jovem fica coisificado. Fica instrumentalizado tecnicamente, mas não tem um olhar para o mundo, partindo do referencial dele. A cultura permite que você se veja enquanto indivíduo, enquanto ser. Traz para dentro dele a informação.

Outra referência comum ao se discutir cultura seria a questão de cidadania, referindo-se também a exclusões sociais. Neste sentido, a idéia é expor os jovens a bens e atividades culturais distintas daquelas a que eles estão habituados. Mas há também o sentido instrumental, recorrendo-se à cultura no sentido de garantir possibilidades de mobilidade social, sendo a cultura um estímulo aos estudos:

A cultura tem a característica de formar o cidadão de tal maneira que ele pega gosto pelo estudo. Uma pessoa sem cultura, sem uma informação cultural, não tem nenhuma noção da necessidade de se especializar numa área, numa profissão, ou até mesmo numa área de arte (Entrevista com parceiros, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

Ser jovem é estar encaminhado para a educação, essa fase de juventude é a fase deles estarem aprendendo a serem educados, e terem acesso à diversão. A única diversão que eles têm é o baile funk, porque não se promove, nem se incentiva esses jovens a terem acesso a outro tipo de cultura (Entrevista com coordenação, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

Oferecer atividades culturais é outro lugar-comum mencionado nas entrevistas, inclusive pelos próprios jovens, mas se reconhe-

ce que são os pais e as mães que mais enfatizam a positividade das experiências para ocupar os jovens, “tirando-os da rua”:

[O Projeto é] uma oportunidade a mais, principalmente para os pais, pois eles têm a certeza que a gente está vindo para o treino, não está fazendo outras coisas, não está com as drogas, nas ruas, à-toa, sem fazer nada, essas coisas (Grupo focal com jovens, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

5.3.2 Desconstruindo preconceitos culturais: a capoeira

Depoimentos colhidos na organização governamental Fundação Cidade-Mãe (Salvador/BA) e no Liceu de Artes e Ofícios (Salvador/BA) sobre formas e mudanças na apreensão dos significados da capoeira na vida de jovens, expostos a violências em áreas de pobreza, ilustram a tese sobre cadeias de conhecimentos e a importância de momentos, estímulos, destacando-se a intercomunicação que se pode desenvolver entre atividades culturais, saberes por valores de cidadania e posturas por conhecimento.

Note-se, nos depoimentos seguintes, o efeito corrente que se estabelece, quando se promove uma cadeia de conhecimentos, com elos que se estimulam mutuamente. Além disso, a recorrência a uma arte marcial, cultura de raiz, identificada como “coisa de negro” por muitos em Salvador, como a capoeira, em programas contra a violência, pode significar enfrentar preconceitos, mas também os desconstruir:

A capoeira era vista como uma atividade violenta, mas qualquer pessoa pode perceber hoje que meus filhos são tranquilos, não brigam e através da capoeira conseguem se relacionar com outras pessoas. Eles têm a capoeira como uma arte. A capoeira que eles aprendem na vida contribuiu para tirá-los de espaços violentos. Estando aqui, não temo pela segurança deles. Com um programa desses, a gente sai para o trabalho, sabendo que ao retornar vamos encontrar o nosso filho. Na rua, na ociosidade vem o apelo para usar drogas, para ir para furtos. E com a capoeira, eles são respeitados na comunidade. (Grupo focal com pais, Fundação Cidade-Mãe, Salvador/BA)

A recorrência à capoeira contribui para uma desconstrução de códigos no sistema de gênero, divisões sexuais de papéis, e na raça, o que é próprio de branco e o que é próprio de negro.

5.3.3 Cultura de rua e grafite

“Cultura de rua” é expressão corrente entre experiências que trabalham com jovens que vivem nas ruas e em comunidades de bairros pobres, onde a rua é espaço por excelência de socialização. É lugar de ser e estar para juventudes.

Mas cultura de rua é também marcador de criação própria, de grupos, como no caso do movimento *hip hop*, indicando a junção do *rap*, do *break*, do grafite e do DJ, utilizados na perspectiva de denunciar problemas sociais. De fato, cultura de rua é cultura de denúncia, cultura para chocar, para subverter. Seria uma das tantas linguagens culturais de grupos juvenis.

A cultura de rua tem a potencialidade de ressignificar o espaço público como espaço de diversão e de sociabilidade. Dessa forma, se contrapõe à comum associação entre rua e lugar de violência. Como se menciona em várias partes desse trabalho tirar os jovens da rua ou ocupá-los seria uma forma livrá-los do perigo, reificando-se o público ou a rua como o perigo, quando pela cultura de rua se estaria indiretamente reivindicando o direito ao espaço público.

Valores artísticos, culturais e estéticos são transmitidos aos jovens, buscando transformar sua visão de mundo e valorizando a mudança da percepção e ressignificando seus próprios trabalhos, como os de grafite-expressões artísticas permeadas de valores sociais contraditórios, considerados por alguns como arte e, por outros, como formas de vandalismo. No Liceu de Artes e Ofícios, por exemplo, uma forma de diminuir as pichações de escolas foi incentivar o grafite, estimulando, indiretamente, o cuidado com aquelas escolas. Muitas experiências trabalham nesse sentido, utilizando grafite como expressão artística:

Então no final dessa oficina, você faz a comparação entre a pichação e o grafite, inclusive na oficina eles aprendem a estética da arte, trabalhar figura e símbolo, proporção, então se você pegar os dois trabalhos, você vê a mudança, inclusive nas últimas aulas. Eles gostam de participar, eles gostam de estar, seduzir espaços, do fazer artístico, da apreciação estética, é, eles gostam de estar interagindo nesses espaços, então um dos objetivos do projeto é estabelecer espaços interativos, onde o jovem realmente participe, integre-se, desenvolva-se e reconheça que há diferentes tipos de grafite e de pichação, ou seja, com diferentes sentidos (Entrevista com educadores, Cores de Belém, Belém/PA).

5.3.4 Linguagens

A maioria dos projetos cristaliza linguagens culturais próprias, o que faz cada experiência singular, próxima das características do público-alvo, das necessidades e potencialidades das comunidades de referência.

Há também, em muitas organizações, a preocupação com o domínio da linguagem escrita, dos códigos oficiais, tentando-se pontes entre a escola formal e as experiências, como por exemplo, por reforço escolar ou levando atividades das experiências para dentro das escolas.

Arte e cultura seriam também linguagens estratégicas para a profissionalização, entre várias experiências, e também para o exercício de pensamento crítico e da escolha:

Permitir que os jovens tenham uma linguagem diferente é importante. Os meios de comunicação de massa estão aí. Esses meninos estão em contato com isso e nem sempre de uma forma positiva. Então temos que promover contatos com outros estímulos, linguagens como vídeo, música, teatro e fotografia. Mas de uma forma mais crítica, mostrando para eles que todas as vezes que estivermos fazendo um trabalho, temos algo a dizer, a mostrar, e que há uma intenção por trás. Tem muitos meninos que falam assim: “eu quero sair daqui e quero fazer um curso de teatro”, outros de fotografia. Eles querem trabalhar. É essa a intenção, despertar neles a possibilidade de pensar em outros trabalhos. De se interessar por outros cursos e de fazer com que entrem em contato com a leitura, com a escrita (Entrevista com educadores, Fundação Gol de Letra/SP, São Paulo/SP)

5.3.5 Escola e arte-cidadania

Em várias experiências, tem-se a idéia de trabalhar uma nova concepção e uma nova maneira de pensar a escola, em que o processo educativo não mais fique restrito aos muros escolares, mas que também complemente o processo de aprendizagem com outras atividades. Rejeita-se a idéia de ser a experiência um espaço alternativo à escola, insistindo-se na perspectiva de complementação.

Em muitos casos, a escola assume um papel fundamental nos projetos. A idéia principal é que ela possa ser um elemento transfor-

mador dentro da comunidade. Além do contato com a comunidade pedagógica, e do acompanhamento escolar dos jovens, algumas experiências, como o Cria, desenvolvem atividades artístico-culturais com os professores e discutem com eles a importância de aceitar e estimular o pensamento crítico dos jovens e os comportamentos tidos como irreverentes.

Para o CRIA tal perspectiva estimularia a adoção pela escola de novas formas de ensinar e aprender, além de incentivar políticas públicas para a juventude, frisando a coordenadora da instituição: *“A escola pública é nossa, queremos que se institucionalizem experiências que iniciamos na sociedade civil, sempre terá lugar para tal articulação, mas não é fácil.”*

Nas experiências, procura-se também reavivar o interesse dos jovens pelo ensino formal, insistindo na necessidade social da escolaridade. Por exemplo, muitos jovens, ao entrarem no projeto Viva Rio, tinham apenas a intenção de finalizar o ensino fundamental por exigência do mercado de trabalho. Com o desenvolvimento de atividades na ONG, passaram a valorizar mais o processo do conhecimento escolarizado e as oportunidades que esse lhes oferece. Os jovens também reconhecem que o desencanto com o ensino formal não pode ser imputado somente à qualidade desse, mas também à sua perda de centralidade para inserção no mercado de trabalho: *“Eu me pergunto, para que o segundo grau? E tenho que trabalhar, não é? Não vejo bem a necessidade de um segundo grau para ganhar dinheiro. Pedem mais é experiência.”* A maioria dos entrevistados se preocupa com o lugar da escola na formação cidadã, artístico-cultural dos jovens, considerando importante a educação formal. Comumente os projetos têm como pré-requisito que os jovens frequentem a escola pública para poderem participar de suas atividades e muitos acompanham o desempenho escolar dos jovens. Contudo, não é um relacionamento fácil aquele tecido entre experiências no plano da sociedade civil com jovens e as escolas públicas, sendo comum as críticas às formas de relacionamento entre professores e jovens, o distanciamento daqueles em relação ao universo cognitivo e afetivo destes, o desconhecimento total do que gostam e querem os jovens:

A escola brasileira não tem capacidade de educar, ela simplesmente repassa informações e o jovem que se vire. Na escola se diz “não faça isso”, mas não se explica o porquê de não fazer. Diz-

se assim para o menino: “você não pode pichar a parede” e ele retruca: “mas eu tenho vontade, a escola não é minha, não é pública, não é nossa?” Ninguém diz o porquê que ele não deve pichar... e, mais, que ele poderia fazer isso de outra forma (Grupo focal com educadores, Rádio Margarida, Belém/PA).

A arte pega o jovem pelo que ele tem de mais forte, mais característico que é a emoção, a paixão, que é a energia e infelizmente a escola não consegue lidar com isso, não consegue entender isso. A arte permite toda a liberação dessa energia e é um trabalho que atinge o jovem com muita naturalidade, com muito prazer. O jovem, por exemplo, que trabalha no vídeo. Para ele, o próprio equipamento, a própria linguagem é fascinante, principalmente para o jovem de baixa renda, que tem pouco acesso às tecnologias. Então, para produzir um vídeo, ele tem que estudar uma série de coisas que não é enfadonho para ele, porque o que ele quer, isso vai lhe dar motivação, e essa motivação faz com que ele se discipline, assuma responsabilidade, aprenda a falar, aprenda uma série de competências que se quer que ele desenvolva, e que assim ele se forme. Da mesma forma é a dança. Já a linguagem formal, a passagem de conhecimentos como se dá na escola não tem essa força, tal motivação (Grupo focal com educadores, Cria, Salvador/BA).

As atividades artístico-culturais exigem um processo de aprendizagem quanto à cidadania. Pode-se educar os jovens através da arte, considerando que os alunos, muitas vezes, sentem dificuldades com a escola formal. Já através da dança, eles começam a desenvolver aptidões e inclusive vir a ter melhor desempenho na escola formal (Grupo focal com pais, Fundação Cidade Mãe, Salvador/BA).

5.3.6 Arte-educação

Este é um campo básico, campo de atividades da maioria das experiências pesquisadas, mas também um campo que pede muita criatividade e cuidado, a fim de que a educação não sufoque, não discipline constituintes da arte, como a irreverência e a liberdade:

Além do caráter estético da arte e do seu papel educativo, tem o fato de que os jovens falam nas peças, expõem atitudes, hábitos e

valores. Os educadores estão todo o tempo questionando, provocando, refletindo sobre seus comportamentos, suas práticas, como lidam com seu corpo, com a prevenção de doenças, com a responsabilidade nas relações sexuais etc. (Grupo focal com educadores, CRIA, Salvador/BA).

Há uma discussão em nível universal sobre arte e sobre arte e educação. Educar através da arte é tendência que se expande. Você leva educação de uma forma lúdica, de uma forma leve. E, a partir daí se trabalha a potencialidade e a auto-estima, especialmente nessa classe, nessa galera que não tem muito acesso a essas coisas (Grupo focal com educadores, Circo Escola, São Luís/MA).

5.3.7 Entre expressão e disciplina

Embora a atividade artística atraia os jovens e valorize a liberdade de expressão, as exigências quanto à disciplina, ensaio e repetição, tão necessárias ao exercício de atividades artísticas, exigiria cultivo e método por parte dos animadores e professores que, em distintas experiências, frisam que há resistência a tais construtos entre os jovens e sugerem que se fazem necessárias negociações e respeitar tempos – o ritmo dos jovens – em um processo:

Os jovens têm dificuldade em ficar quietos, concentrados, numa atitude disponível para o aprendizado. Já com relação à questão da recepção, eles não se incomodavam, nas aulas de música e canto, podendo cantar a mesma música durante uma hora, duas horas, tocar a percussão. A forma que eu consegui para eles ficarem quietos é estimular que eles sejam produtores, agentes ativos, então uma modalidade é incentivar que cantem, por mais tempo possível (Grupo focal com professores Olodum, Salvador/BA).

Outra relação que se percebe em muitos meninos é que a própria compreensão de que precisa de disciplina, de concentração os leva a serem mais críticos quanto a drogas, a refletirem sobre essa contraposição que há entre ser artista e usar de drogas:

Meninos que faziam uso de droga se deram conta que o dia que usavam isso ou aquilo não dava, porque ele tinha que atravessar o arame, por exemplo. Então tinha que fazer uma escolha. A noção de que se necessita disciplina para ser artista naturalmente ajudava nessa consciência. Até porque são questões físicas contra ques-

tões físicas, quer dizer, efeito físico contra aquilo que você precisa, então isso ficava uma coisa muito clara também (Entrevista com coordenação, Se Essa Rua Fosse Minha, Rio de Janeiro/RJ).

5.3.8 Arte e pedagogia de/para participação

Afetividade, diálogo e saber ouvir seriam ingredientes ressaltados como básicos para se comunicar com jovens, dimensões nem sempre consideradas em processos de educação formal e nas relações familiares:

O CRIA é o grande ouvido, porque a juventude, e boa parcela da sociedade, sofre muito por não ter uma pessoa para quem falar seus anseios, não tem esse espaço. A escola não propicia esse espaço de ouvir o jovem, ouvir as necessidades do jovem, de ser aberta para que os jovens possam estar discutindo questões do interesse deles. Aqui, no CRIA, eles têm esse espaço de discussão. Eles estão amadurecendo questões que estão na vida deles, no dia-a-dia. Eles não podem direcionar a visão para coisas que têm a ver com a pessoa dele, com o desenvolvimento pessoal dele, como ser humano, eles têm que estar trabalhando desde cedo. Essa transformação da fase jovem para a adulta é muitas vezes acelerada. O que o CRIA tem de singular para mim é que não é só transformador, mas me sinto transformada o tempo todo. Aqui o conceito de ensinar foi superado pelo conceito de aprender. As pessoas nunca se sentem formadas, prontas, estão sempre aprendendo coisas novas, crescendo e ampliando possibilidades (Grupo focal com educadores, CRIA, Salvador/BA).

É consenso na literatura especializada sobre jovens e entre os entrevistados, que a linguagem das artes está mais próxima da realidade deles, sendo um campo que possibilita, inclusive, trocas e contatos entre gerações. Encontrar-se-iam as gerações no cultivo da liberdade, da beleza e também da crítica. A arte, entretanto, comportaria uma diversidade de posições, assim como a juventude, sendo que destacar a participação não necessariamente qualifica conteúdos:

Porque a arte tem vários ângulos. Tem quem prefere o trágico. Nós, não, o trágico já se vive no nosso cotidiano. Pegamos o trágico e o transformamos em crítico, o que faz seguir na frente. Discutimos exploração de criança, falta de cidadania, de infraestrutura, de esgoto. E monta-se o teatro, debate-se o certo e o

errado, o que faz parte da nossa cultura cristã. E para essa cultura tem que haver equilíbrio na vida. O jovem se identifica com isso, chega, tem algo de conservador e algo de libertador (Grupo focal com educadores, Rádio Margarida, Belém-PA).

5.3.9 Arte-educação: o circo

O circo se anima no lúdico, ativa a auto-estima, a responsabilidade social – a escola de circo colabora na abertura para conhecimentos e para a prática do estudo, da disciplina. Socializa com a beleza, atinge a alma, é arte completa – dança, música, esporte –, exige equilíbrio, disciplina e muita concentração.

A proposta do Circo Picolino, por exemplo, é propiciar uma intervenção integral na vida do jovem, combinando diferentes tipos de atividades artísticas e ações no plano da personalidade e de comportamentos, estimulando a solidariedade:

O circo, quando mexe com uma criança ou com um adolescente, mexe com o equilíbrio, ou mexe com o nervo, ou mexe com a coragem. Mexe com a solidariedade concretamente e com muito mais. Em toda as aulas, se vê alguém mergulhando e alguém segurando. Se a pessoa que tiver segurando largar, o outro se arrebenta. Então tem essa questão da confiança, da troca, da importância da solidariedade, dimensões com efeitos múltiplos. Aprende-se a reagir, quando se anda sobre um fio, um fiozinho a três, quatro metros do chão, tem que andar de verdade. Então você tem que encontrar seu equilíbrio, aí alguma coisa muda em você. Esses elementos do circo são muito fortes. Estamos descobrindo, ao longo da história do Circo Picolino, todas as possibilidades que o circo oferece para a transformação. A pessoa é a pessoa, o circo é uma atividade altamente individualista, por mais que exija um conjunto, o conjunto só funciona se o indivíduo estiver bem, isso muda o indivíduo, porque ele tem que se cuidar. Se o artista do circo vai andar no arame, jogar malabarismo, fazer uma pirâmide ou se pendurar no alto, tais atividades mexem com a estrutura psicológica toda. É essa a forma também como trabalhamos: partir do individual, permitir que a individualidade se manifeste no seu limite, no seu tempo, então não tem tempo preestabelecido, com um ano você passa de ano ou perde de ano, não é assim? Que cada um chegue a seguir o seu próprio ritmo é fundamental. Muitos chegam aqui com 17 anos 18, 19 e 20 e rapidamente respondem ao circo e aqui têm um lugar. O circo o aco-

lhe, o circo é um útero acolhedor da diversidade (Entrevista com coordenação, Circo Picolino, Salvador/BA).

5.3.10 Direitos e limites

Parâmetros éticos passam por direitos coletivos e individuais, quando o reconhecimento dos primeiros cobram limites ao indivíduo. Com tal forma de conceituar cidadania, arte e educação se realimentam, afastando-se da perspectiva comum a algumas organizações que trabalham no campo cultural com os jovens, que é deixar em segundo plano a importância de insistir na construção pedagógica da arte e, ao mesmo tempo, valorizar a aprendizagem sobre o que é ser e estar em sociedade:

A arte vem exatamente como uma luva, ou melhor, uma mão, porque ela abre a mente para uma visão de mundo. Porque o que acontece muito, especialmente aqui no bairro, é que os jovens só conhecem esse mundo e a reflexão que fazemos é em cima disso, pois é essa a referência que eles têm. É o bairro, é a violência. As brincadeira deles são violentas, briga-se muito e se fica buscando essa válvula de escape na arte. Utilizamos o canto-coral. Claro que o objetivo maior é que eles cantem, mas tem toda uma história pelo caminho, uma ressocialização quanto a relações: o respeito, o ouvir o outro, a atenção, a questão de se saber o momento de começar e de parar, são limites que eles desconhecem. A arte dá uma visão de mundo e de limite e, o que é mais importante, estimula uma consciência individual – sua possibilidade de viver a beleza, admirar-se com sons e cores – e uma consciência coletiva (Grupo focal com educadores, Fundação Cidade-Mãe, Salvador/BA).

Nós, educadores, somos extremamente rigorosos, como o artista é extremamente rigoroso consigo próprio, é o perfil do artista. De maneira que nós trabalhamos com eles, segundo tal parâmetro, e os meninos entram nesse ritmo, nesse rigor, nessa disciplina de treinamento, na busca de superação, mas também no reconhecimento de limites (Entrevista com coordenação, Liceu de Artes e Ofícios, Salvador/BA).

5.3.11 Cidadania cultural e o exercício da crítica social

Em diversas experiências com jovens em que se focalizam temas de cidadania, é comum a preocupação de não apenas oferecer

conhecimento sobre cidadania civil e direitos legais, ou cidadania social e direito aos bens sociais, mas também investir em cidadania cultural, no direito ao acesso a bens culturais, no direito a ser sujeito, criador de cultura e no direito à diferença.²⁴ Por extensão, recorrer-se-ia ao desenvolvimento da capacidade crítica, relacionando cidadania à participação:

O que eu acho muito importante e bonito no Liceu é que ele não está preocupado em formar apenas artistas gráficos, nem marceneiros, mas sim seres humanos, pessoas cidadãs, que tenham uma visão crítica maior sobre o que está acontecendo na sociedade. E com relação aos outros jovens, que pena que eles não estão tendo essa oportunidade que nós estamos tendo, que inclusive para entrar aqui foi uma concorrência enorme. Mas eu acho que o que o Liceu passa para a gente não pode ficar só aqui, dentro de quatro paredes, mas que nosso aprendizado aqui nós tentemos passar, que coloquemos mesmo em nossas vidas, nas pessoas que nos cercam lá fora, em nossa família, com os nossos amigos (Grupo focal com jovens, Liceu de Artes e Ofícios, Salvador/BA).

O fato de que a reflexão seguinte tenha sido expressa por adolescentes mulheres que em suas histórias de vida tiveram passagens por situações de violência sugere também que tal resgate de cidadania, o sentir-se sujeito, e com direitos à diferença, também contribuiria para certo “empoderamento” no gênero: “*Hoje me respeitam, antes não, no bairro eu não era respeitada, era diferente. Quando estou no palco, sei que sou admirada, gosto*” (Grupo focal com jovens, Liceu de Artes e Ofícios, Salvador/BA).

5.3.12. Esporte – esporte e cidadania – direitos e limites

O esporte é considerado ferramenta pedagógica capaz de passar para as crianças e os jovens noções como disciplina, respeito, companheirismo e responsabilidade, segundo um entrevistado da Mangueira:

O esporte dá disciplina de cumprir horário, de cumprir uma rotina de trabalho, de saber respeitar o colega do lado, de saber

24 Sobre cidadania cultural, entre outros, ver: CANCLINI, 1989; BHABHA, 1990 e HALL, 1997.

respeitar uma pessoa, uma autoridade, um professor, esse tipo de coisa, assim a gente nota (Entrevista com parceiros, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

A metamorfose do esporte competição em esporte solidariedade bem sugere a disputa de sentidos que contrapõe construções para uma cultura de paz *versus* tendências culturais que potencializam violências e discriminações, a partir do mesmo objeto:

Porque o esporte é uma atividade onde você não tem como discriminar. Você não tem como dizer, “eu vou botar esse aqui porque ele é branco, vou botar esse aqui porque ele é preto, vou botar esse aqui porque ele é roxo, vou botar esse aqui porque ele é católico, vou botar esse aqui porque ele é protestante, vou botar esse aqui porque ele é...”. Você não tem como fazer isso, se você fizer isso, você perde na competição. O esporte é uma máquina propulsora de retenção do jovem à distância da marginalidade (Entrevista, com parceiros, Projeto Olímpico da Mangueira, Rio de Janeiro/RJ).

O incentivo à prática de esportes é essencial também na Gol de Letra. A própria inspiração do projeto veio da experiência de dois jogadores bem-sucedidos com o mundo dos esportes. No projeto, as atividades esportivas não são oferecidas e ensinadas como saída para todos os problemas, mas sim como proposta alternativa de escolha pessoal de cada jovem:

O esporte é uma forma dos jovens se expressarem. Infelizmente o esporte deixou de ser uma coisa de amador, passou a ser profissional, gerar dinheiro, gerar divisa, gerar CPI, enriquecer muita gente. Mas para nós, o esporte propicia sair de ambientes propícios a violências, a cuidar do corpo, e ter visão de equipe (Entrevista com educadores, Fundação Gol de Letra, São Paulo/SP).

Os conceitos se mesclam, se encadeiam, sugerindo a ênfase em processos de busca identitária ou de desidentificação com símbolos negativos. Cultivar vida implica trabalhar conceitos, valores contra desencantos, sentidos de impotência, o que, para alguns entrevistados, se dá por conscientização social e cultural e, para outros, pela persistência em projetos, na visão de futuro e no seu próprio reconhecimento como sujeitos de direitos, desejos e conhecimento.

Em síntese, com o exercício anterior, indicando cadeias conceituais e alguns entre os vários usos de diversos conceitos, buscou-se demonstrar como nas experiências analisadas os sentidos associam cursos, oficinas e preparação de artistas e multiplicadores comunitários com a intenção de partilhar visões de mundo que desarmem imaginários de violência.

6

Conclusões

Iniciou-se esta aventura investigativa citando o Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento, promovido pela UNESCO, sublinhando-se a importância do investimento cultural para o desenvolvimento e humanização de jovens em situação de pobreza. Termina-se resgatando o título desse Relatório – “Nossa diversidade criadora” (Cuéllar, 1997) – para sintetizar a propriedade das experiências analisadas. Ou seja, o investimento na diversidade e na criatividade, resgatando individualizações juvenis e, implicitamente, assumindo que cultura pode dar sentidos à vida, ou seja, que vidas cultivadas potencializam o desarme de violências.

As estatísticas e os estudos de caso recentemente publicados pela UNESCO bem alertam para a necessidade de perspectivas integrais e transversais na compreensão de como a violência atinge os jovens – quer no plano de sua vida cotidiana, provocando inseguranças, perda de referências e de valores éticos, quer na imagem que eles projetam ou na forma como são construídos por outros, sendo assim partícipes, por várias entradas, de uma “cultura do medo”. Cultura esta que, para alguns, seria sempre produzida por outros, assim estigmatizando os jovens, principalmente se pobres e, mais ainda, se pobres e negros, como agentes de violências e relacionados a drogas.²⁵

Destaca-se o fato de que as experiências analisadas não se pautam por práticas que cultuam a impotência frente a estruturas solidificadas ou por críticas azedas. Lida-se com a idéia de afastar fatalismos, e por meio de brincadeiras, diversão, atividades artísticas redefinem-se territórios de poder e de responsabilidades. Registraram-se na pesquisa distintos testemunhos de jovens que se afastaram do consumo de drogas e da violência por se darem conta, com a cola-

25 “Em diversas pesquisas, em especial as realizadas pela própria UNESCO no Brasil, confirma-se que os jovens têm muito o que dizer, querem dizer e já estão à frente de práticas consideradas inovadoras. Essas práticas envolvem a cultura e a cidadania, e que estão em claro contraponto à ligação feita pela mídia e ‘a chamada indústria da cultura do medo’ que relacionaria direta e automaticamente a juventude com a violência e as drogas” (UNESCO- Rio de Janeiro, 2001).

boração de educadores, de que há uma incompatibilidade entre corpo produtor de arte, de espetáculos e corpo consumidor de drogas; outros reencontraram o sentido da vida ao se descobrirem atores. Cultivam-se, nas experiências, mudanças de mentalidade, auto-estima, valores éticos, sem camuflar realidades vividas, materialidades existenciais que sustentam medos e incertezas.

Muitas experiências sublinham as lacunas deixadas pelas políticas públicas no que se refere a um sistema de saúde apropriado, sensível a vivências dos jovens em relação sexualidade e à vida reprodutiva, em particular das meninas e moças. Aponta-se também a necessidade de uma melhor qualidade do ensino público e dos sistemas de qualificação para a colocação dos jovens no mercado de trabalho, considerando-se o paradoxo do requisito de experiência prévia para uma primeira colocação, e a defasagem do ensino formal frente às novas exigências de habilidades e conhecimentos. Só assim se conseguiria lidar com a questão de escasseamento das oportunidades. Dados e falas advertem para a complexidade de se equacionar trabalho e educação.

Entrevistados apresentam críticas a situações vividas e reclamam por políticas que beneficiem não somente aos jovens. Enfatiza-se tanto a importância de políticas relacionadas à economia política em geral, como atenção específica aos jovens, a alguns grupos entre esses.

Faz-se necessário, em políticas públicas, assumir a transversalidade de questões ditas como singulares a uma geração, já que cada esfera da vida social assume perfilhação única a depender da população atingida ou beneficiada por tais políticas. Inclusive, especialistas em políticas e juventude advertem que um dos problemas das formulações correntes é enfatizar mais políticas específicas e relacionadas a setores específicos, e não se pressionar por uma “perspectiva geracional” em políticas universais.

A questão da participação dos jovens é também mais complexa do que se denuncia, mais restrita para lidar com tal complexidade, baseando-se na cultura adultocrata de civilizações ocidentais, submetidas à divisão “geracional” do poder. Como nos referimos anteriormente, uma das marcas contemporâneas dos estudos sobre juventude é a preocupação com a participação. Esse é de fato um ganho democrático, ainda que, muitas vezes, retórico e genérico.

As experiências investem no resgate da auto-estima, incentivando o jovem para que se sinta sujeito coletivo, que se queira como pessoa, que seja admirado entre amigos e comunidades não por ins-

pirar medo, pelo poder de uma arma, mas pelo poder de produzir prazeres, porque é um artista, um empreendedor, um produtor e consumidor do belo e da arte. O aprendizado de se representar, de uma cultura participativa dar-se-ia por formatações não-convencionais da participação política, como o envolvimento em produções culturais e artísticas, no âmbito comunitário, levando, em muitos casos, mensagens de cidadania. Mas também nossos achados sugerem diversidade, com experiências investindo em formação de lideranças em espaços tradicionais, como o da representação gremial, em escolas, por exemplo.

Participação, protagonismo juvenil, reconhecimento de limites frente aos direitos de outros, ênfase na responsabilidade por multiplicação das habilidades artístico-culturais aprendidas, assim como a transmissão de conhecimentos sobre cidadania, para outros jovens e outras gerações – estas seriam contribuições da cultura partilhada nas experiências, auxiliando o jovem a lidar com violências, com menosprezo, com o não ser, respeitado, e a construir auto-estima apesar da intimidação dos outros.

Não se estaria, assim, resvalando para uma perspectiva culturalista, mas se evitando o desânimo, situando insegurança e incerteza não mais em si, ou seja, contribuindo para a não-cumprimento das vítimas com as violências estruturais que as afetam ou que venham vitimar outros, pessoas próximas, em muitos casos. Por outro lado, se insiste no direito à cultura e ao reconhecimento das formas de sociabilidade pautadas em práticas de cultura popular, ou seja, o direito não somente a consumir, mas a produzir formas culturais diversas.

Ressalta-se em distintas partes deste estudo que um dos temas subjacentes em experiências que se voltam para educação para a cidadania seria o reconhecimento, por parte dos jovens, de que são sujeitos de direitos e que se percebem também como sujeitos de cultura, como produtores culturais, o que afirmaria identidades, abrindo mentalidades para valores positivos, pela vida.

O protagonismo juvenil é um conceito de referência ampla, nos discursos dos entrevistados, indicando plasticidade de sentidos e uma comum preocupação com que o jovem assuma projetos, dê direção às suas vidas. Protagonismo juvenil, para muitos projetos, se relacionaria ao direito à gerência da sua própria vida; para outros, se associaria à formação de lideranças; enquanto outros o relacionam ao exercício da criatividade e à comunicação intrageracional, – por exemplo, ao assu-

mir responsabilidade com outros jovens – ou intergeracional – caso da formação de agentes educadores junto a crianças.

Se em alguns projetos a noção de protagonismo juvenil se vincula à de identidade, outros a modelam por produção de sujeitos sociais e culturais, para descobertas e construção de um projeto de vida. Solidariedade e responsabilidade social seriam, para muitos, construtos de protagonismo juvenil.

Protagonismo se relaciona a outro conceito comum no vocabulário das experiências, o de auto-estima. Esse implica a interação entre auto-apreciação e gratificação pelo reconhecimento social. Ressalta-se que, ao gostar de si mesmo, o sujeito pode estar contribuindo para o afastamento de situações de risco, como o crime organizado e a violência. Entretanto, o sentido de se querer bem vai além do imediato, do presente e se nutre da apreciação por outros, de forma positiva.

O indivíduo produz, se exhibe no picadeiro, por exemplo, e é produzido, já que se produz pelo reconhecimento coletivo de sua produção artístico-cultural ou pelo prazer de ser alguém que conhece, um entendido, um consumidor de arte e cultura. Nesse caso, a auto-estima dos sentidos também contaria.

Para muitos jovens, participar de uma experiência bem conceituada entre os da comunidade significa abalar estigmas, ser respeitado e não ser mais identificado como “marginal”.

Seguindo a série de conceitos utilizados, também se destaca, como vocabulário comum, o conceito de pertencer. A idéia essencial deste conceito é estimular para que os jovens remodelem referências, valores, identificando-se com práticas, princípios e produtos dos projetos, situando-se como parte deles, em um momento, e como parte de uma comunidade com responsabilidades sociais, em outros é então que se equaciona protagonismo e auto-estima com o conceito de limites.

Em linha similar aos conceitos já citados, o de cidadania se destaca por sua formalização mais difundida, e por ser ainda um alvo a conquistar. Há que se empenhar para a sua realização – em algumas experiências, este empenho deve ser pessoal; em outras, coletivo. Em especial entre os jovens nos projetos, entende-se cidadania por referenciais coletivos e partindo da materialidade das condições sociais de existência. Solidariedade, direitos e respeito se confundem com este conceito. Em algumas experiências, enfatizam-se cidadania cultural e social, o direito a linguagens próprias e à produção cultural pública.

Ressalta-se, do quadro discursivo apresentado, o caráter de disputa de sentidos no cultivo de vidas para desarmar violências e o investimento das experiências estudadas em atrair e ter jovens participando pela vida. Entretanto, também se destacam os limites em que se movem tais experiências para que seus avanços não se limitem a espaços circunscritos a um tempo – o da permanência dos jovens nas experiências – considerando as dificuldades que estes jovens de setores populares encontram para inserções efetivas na sociedade e exercícios de cidadania.

7

Recomendações

As recomendações a seguir listadas fazem parte de práticas de algumas entidades e são também necessidades registradas por outras. Contudo, não foram necessariamente mencionadas por todas, daí a relevância da listagem que se segue, pois destacam-se tanto temas que foram objeto de depoimentos como resultantes da análise aqui apresentada.

Sobre os jovens

1. Estabelecer a montagem de sistemas de acompanhamento dos jovens que estão nos projetos, tanto em relação à sua vida cotidiana e como em outras distintas dimensões.
2. Acompanhar os egressos para melhor conhecer os possíveis impactos dos projetos nas vidas dos jovens.
3. Ampliar seu horizonte de informações quanto a alternativas no campo da indústria cultural e da formação artístico-cultural, estabelecendo nexos entre os jovens e as ofertas nesse campo.
4. Possibilitar atividades de interação entre jovens de distintos projetos relacionados a atividades artístico-culturais.
5. Possibilitar que os jovens participem na formatação das atividades dos projetos, como produtores de informações e de espetáculos.
6. Criar e ampliar programas de formação profissional, de reforço aos talentos, com ênfase nas artes, no esporte e na criatividade juvenil.
7. Colaborar com o protagonismo juvenil em distintas instâncias, apoiando as respectivas formas organizativas.

Sobre as famílias

8. Desenvolver atividades atrativas para as famílias, possibilitando uma maior interação entre jovens, animadores/educadores, pais e mães, facilitando, também que a família par-

tipice e apóie o processo de educação artístico-cultural e cidadã pelo qual passam os jovens nas instituições.

Sobre as escolas

9. Investir nas relações com as escolas, democratizando seu capital social e cultural a um maior número de jovens e contribuindo para novas formas educacionais, atraindo professores e alunos.

Para agendas das instituições

10. Investir na formação de redes de organizações que trabalham com jovens, a fim de contribuir para replicar e trocar experiências bem-sucedidas e ampliar sua capacidade de captação de recursos.
11. Sistematizar as suas práticas, ampliando o horizonte de comunicação e divulgação.
12. Contribuir para a agenda cultural-esportiva e educacional de projetos relacionados ao Programa Abrindo Espaços-Educação e Cultura para a Paz, como os que se voltam para a abertura de escolas nos finais de semana e atividades por redes entre experiências que trabalham no campo da cultura, da arte, do esporte e da educação pela cidadania entre jovens, e que se apresentam em espetáculos e encontros em diversos espaços.²⁶

26 “Considerando o acervo teórico conceitual da UNESCO, e fazendo eco à preocupação nacional com a juventude e com a violência, a UNESCO apresenta uma proposta aparentemente simples, mas de complexa engenharia: a abertura das escolas nos finais de semana, com atividades para jovens, em lugares de concentração de população pior situada na escala de distribuição de riquezas. Mas com tal gesto são muitos os espaços que se pretende abrir” (WERTHEIN, “Introdução” In UNESCO, 2001).

Sobre avaliação de uma experiência de Escolas da Paz-caso do Rio de Janeiro, ver ABRAMOVAY, 2001.

Ver também material sobre o Projeto UNESCO em parceria com o Governo do Estado do Rio de Janeiro, “Fala Galera-Juventude, Cultura e Cidadania”. Esse projeto, cuja concepção se estrutura a partir de setembro de 2000, visa estimular a criação de rede entre experiências educacional-culturais e intercâmbio entre projetos, em nível nacional e internacional; a abertura de outros espaços, por ocupação de lugares públicos da cidade, por espetáculos, lançamentos, oficinas, encontros e outros eventos; e somar parcerias, estimulando a constituição de uma rede financiadora com instituições e empresas públicas e privadas. Vinte experiências com jovens de setores populares, na área de cultura, arte e educação para cidadania, da cidade do Rio de Janeiro fazem parte do Grupo de Trabalho que vem desenvolvendo o projeto junto com a Representação da UNESCO no Rio de Janeiro (UNESCO – Rio de Janeiro, 2001).

Para as agências de cooperação – setor público e privado

13. Apoiar as experiências analisadas e outras congêneres de forma efetiva, evitando descontinuidade e considerando a especificidade do campo artístico-cultural e educacional, ou seja, o fato de que mudanças de mentalidades exigem atividades com maior tempo de duração do que pacotes de cursos curtos e de maturação.
14. Utilizar critérios de acompanhamento e avaliação mais afins com o campo e o público-alvo das experiências.
15. Contribuir com pesquisas que divulguem as experiências existentes dando conta da sua diversidade e riqueza.
16. Possibilitar nexos entre as experiências nacionais e outras congêneres internacionais, quer por promoção de festivais, seminários e encontros, quer por colaboração com infra-estrutura comunicacional (redes por Internet, boletins, fanzines etc.).
17. Cooperar para a realização de oficinas, reuniões e seminários especializados a fim de possibilitar encontros entre animadores, educadores e jovens das experiências.
18. Colaborar com a formação da capacidade de gestão no campo de organizações cultural-esportiva-educacionais, visando à captação de recursos de distintas ordens.
19. Cooperar para o aperfeiçoamento disciplinar, quer na área de arte, esporte e cultura para cidadania, quer no plano técnico-administrativo de educadores e monitores, com especial atenção para jovens profissionais.
20. Contribuir para que as experiências redimensionem melhor suas práticas, promovendo avaliações ampliadas e de processos.
21. Contribuir para sistematizar observatórios sobre cultura e juventude, banco de dados e documentação disponível por meio eletrônico para que se conte com o acompanhamento sobre a situação dos jovens, violências que os vulnerabilizam e se divulguem experiências ativas voltadas para fazer frente a vulnerabilidades sociais e culturais, em particular aquelas que têm jovens como protagonistas, quer no plano nacional, quer no plano internacional.

Para as políticas públicas

22. Ressaltar a necessidade de elaboração de políticas públicas que conduzam à expansão da cidadania social e, em decorrência, à adoção de mecanismos que promovam a diminuição das desigualdades sociais.
23. Rediscutir o conceito de segurança pública à luz dos conceitos dos direitos humanos e promoção social.
24. Incluir o tema “juventude” e seus correlatos nos cursos de formação inicial e continuada de todos os profissionais vinculados à manutenção da ordem interna.
25. Intensificar as políticas de vigilância sobre o contrabando de armas e de drogas, já que tais práticas criminais utilizam, cada vez mais, a mão-de-obra juvenil para suas ações.
26. Investir nos projetos político-pedagógicos e curriculares da rede pública, visando a um modelo de educação oficial mais integrador e que seja compatível com as necessidades da formação geral das diversas juventudes contemporâneas.
27. Incluir nos projetos pedagógicos as experiências das ONGs e instituições governamentais de trabalho com os jovens.
28. Valorizar a arte e a cultura tanto como meios efetivos de resgate da dignidade dos indivíduos e de seus desejos positivos, quanto como caminhos de reconstrução das perspectivas individuais coletivamente elaboradas.
29. Estimular o debate permanente entre a sociedade e os meios de comunicação, no sentido de discutir temas como violência, cidadania e valores democráticos em confronto com o conteúdo das programações e propagandas veiculadas.
30. Dar ênfase aos espaços que possibilitem a socialização dos esforços positivos de emancipação e individualização dos jovens, considerando-os fundamentais para a universalização da consciência da cidadania.
31. Criar, por parte dos poderes públicos, programas de sensibilização e prevenção à violência doméstica.
32. Elaborar políticas de acesso para os jovens em situação de pobreza a espetáculos culturais, como cinema, teatro, debates, museus, bibliotecas, *shows* etc.
33. Desenvolver atividades direcionadas à incorporação dos jovens, vinculadas a programas sociais que possibilitem uma maior sensibilização em relação à tolerância e à solidariedade.

34. Organização de atividades conjuntas entre jovens de diferentes classes sociais, como esporte, apresentação de bandas etc. a fim de diminuir o *apartheid* social.
35. Investir na descentralização de equipamentos para a difusão artístico-cultural e de esportes e para a democratização do seu uso, mediante a constituição de espaços protegidos.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis, punks, darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____; FREITAS, Maria Virginia e SPOSITO, Marília Pontes (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.); LEITE, Ana Maria; ANDRADE, Eliane Ribeiro; GIL ESTEVES, Luis Carlos; NUNES, Maria Fernanda Rezende; BONFIM, Maria Inês do Rêgo e FARAH NETO, Miguel. *Escolas de Paz*. Brasília: UNESCO e Governo do Estado do Rio de Janeiro, 2001.
- ABRAMOVAY, Miriam; WAISSSELFISZ, Júlio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho e RUA, Maria das Graça. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, SETUR e Garamond, 1999.
- ARENDT, Hanna. *La crise de la culture*. Paris: Galimard, 1954.
- ARIAS, Alfonso Rodríguez. Avaliando a situação ocupacional e dos rendimentos do trabalho dos jovens entre 15 a 24 anos de idade na presente década. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD/IPEA, 1998, p. 519-541.
- ARIZPE, Lourdes. La Cultura Como Contexto Del Desarrollo. In: EMMERIJ, L. y ARCO, J. Nunez del (comp). *El desarrollo económico y social en los umbrales del siglo XXI*. Washington, DC: Banco Interamericano de Desarrollo, 1998
- BARREIRA, César. *Ligado na galera*. Brasília: UNESCO, FNUAP, UNICEF, Instituto Ayrton Senna, 1999.

- BERCOVICH, Alicia M; DELLASOPA, Emilio e ARRIAGA, Eduardo. J'adjunte, mais je ne corrige pas: Jovens, violência e demografia no Brasil. Algumas reflexões a partir dos indicadores de violência. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD/IPEA, 1998. p. 293-362.
- BHABHA, Homi K. *Nation and narration; dissemination: time, narrative, and the margins of the modern nation*. New York: Routledge, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Éditions Minuit, 1979.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Grijalbo, 1989.
- CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena. *Bibliografia sobre juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica de salário*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Cultura identidades e cidadania: experiências com adolescentes em situação de risco. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD/IPEA, 1998. p. 571-644.
- CEPAL. *Juventud, población y desarrollo en América Latina y el Caribe*. Problemas, oportunidades e desafios. CEPAL, Santiago, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo: Papiurus, 1993.
- CUÉLLAR, Javier Perez (Org.). *Nossa diversidade criadora. Relatório da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento*. Brasília: UNESCO e Papiurus, 1997.
- DELORS, Jacques. *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Brasília: UNESCO, MEC e Cortez, 1998.
- DIMENSTEIN, Gilberto. In: *O aprendiz do futuro*, São Paulo: Ática, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. New York: Doubleday Anchor, 1959. 256p.
- GOMES, Cândido Alberto. *Dos valores proclamados aos valores vividos: traduzindo em atos princípios das Nações Unidas e da UNESCO para projetos escolares e políticas educacionais*. Brasília: UNESCO, 2001.
- GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. *Protagonismo juvenil. Adolescência, educação e participação democrática*. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.
- GONZALEZ, Maria Victoria Espinheira. Jovem: uma categoria social em extinção. in: *Bahia & Análise & Dados*. Salvador: SEI. vol. 6, nº 1, 1996.
- GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HALL, Stuart. *Representation: cultural representations and signifying practices. Culture, media and identities*. Londres: SAGE Publications, 1997.
- _____; JEFFERSON, Tony. *Resistance thorough rituals. Youth subcultures in post war britain*. Londres: Hutchinson of London e Center for Contemporary Cultural Studies-University of Birmingham, 1975.
- HEBDIGE, Clarke. *Reconceptualising youth culture*. Londres: Birmingham University, 1974.
- HOPENHAYN, Martín. La vulnerabilidad reinterpretada: asimetrías, cruces y fantasmas, texto apresentado. In: *Seminario internacional las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en America Latina y el Caribe*. CEPAL/CELADE, Santiago de Chile, 6/2001, xerox.
- IBGE - Diretoria de Pesquisas, Departamento de População e Indicadores Sociais. *Pesquisa de Informações Básicas 1999*. IBGE, Rio de Janeiro, 1999.
- JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a sociedade de consumo. In: KAPLAN, Ann (org.). *O mal-estar no pós-modernismo. Teorias, práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.

- KLIKSBERG, Bernardo. *Capital social y cultura. Claves olvidadas del desarrollo*. Buenos Aires: Banco Interamericano de Desarrollo-INTAL, 2000. p. 6.
- KRUEGER, Richard. *Focus Group: a practical Guide for Applied Research*. SAGE Publications. California, 1994.
- LANDIM, Leilah; CATELA, Ludmila da Silva; NOVAES, Regina (coord.). *Juventude, profissionalização e ação social católica no Rio de Janeiro*. São Paulo: ISER, 1996.
- MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos e UNICEF, 1997.
- MADEIRA, Felícia Reicher. Recado dos Jovens: mais qualificação. In CNPD. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD/IPEA, 1998:427-496.
- MELLO JORGE, M. Helena P de. Como morrem nossos jovens. In Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD/IPEA, 1998:209-292.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fundação Osvaldo Cruz e Garamond, 1999.
- MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: UNESCO e Cortez, 1999.
- NOVAES, Regina. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____; CATELA, Ludmila da Silva; NASCIMENTO, Roziclea E.do. *Caminhos cruzados: juventude, conflitos e solidariedade*. Rio de Janeiro: ISER, 1996.
- OLIVEIRA, Juarez de Castro; PEREIRA, Nilza de; OLIVEIRA; Camarano, Ana Amélia; Baeninger, Rosana. *Evolução e características da população jovem no Brasil*. In: CNPD, 1998, p. 7-19.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE e VOX POPULI. *Primeiro diagnóstico da área de cultura de Belo Horizonte*. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 1996.
- PNUD/ IBGE/IPEA/ FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*. PNUD: CD-Rom, 1998
- POCHMANN, Márcio. *O trabalho sob fogo cruzado*. Contexto: São Paulo, 1999. p. 115.
- REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. Número especial. *Juventude e contemporaneidade*. 5/5/1997.
- RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. CNPD, Brasília 1998, p. 731-752.
- SALLAS, Ana Luisa et al. *Os jovens de Curitiba: esperanças e desencantos, juventude, violência e cidadania*. Brasília: UNESCO, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida da. O Rap das Meninas. In: *Estudos feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ - PPCIS/UERJ. v. 3, n. 2, 1995. p.515-524.
- UNESCO. *Abrindo Espaços: Educação e Cultura de Paz*. Brasília: UNESCO, 2001.
- UNESCO - Escritório do Rio de Janeiro. *Fala Galera. Juventude, Cultura e Cidadania. Relatório de Processo*. Rio de Janeiro: UNESCO, 2001 - XEROX.
- UNESCO. *Carta internacional da educação física e desporto*. Conferência Geral da UNESCO, 1978.
- UNESCO. *Carta internacional de educação para o lazer*. Conferência Geral da UNESCO, 1978.
- VASCONCELOS, Frederico. Mapa revela exclusão do lazer na periferia. In: *Folha de São Paulo*, Cotidiano, C1, 6/5/2001.
- WAISELFISZ, Jacobo. *Mapa da violência; Os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna e Garamond, 1998.

- WASELFISZ, Jacobo. *Mapa da violência II; Os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: UNESCO, Instituto Ayrton Senna e Ministério da Justiça, 2000.
- WENDEL, Helena; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez e Ação Educativa, 2000.
- WERTHEIN, Jorge. Mais espaço para a paz. In: *A Tarde-Opinião-Salvador*, 01/06/2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- [www.cebrid.drogas.nom.br/Levantamentos entreEstudantes/Levantamento1.../síntese](http://www.cebrid.drogas.nom.br/Levantamentos%20entreEstudantes/Levantamento1.../síntese). 15/05/2001.
- www1.ibge.gov.br/ibge/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/default.shtm. Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD). 15/05/2001
- www1.ibge.gov.br/perfil/index.htm. Pesquisa de Informações Básicas Municipais. 1999. 15/05/2001
- www.inep.gov.br/censo/censo1998/sinopse.htm. Censo Escolar 1998.
- www.saude.gov.br. Ministério da Saúde/FNS/CENEPI/Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM)
- ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social*. São Paulo: UNICAMP, 1994.

Lista de Quadros

Quadro 1 – Vão esmolando	46
Quadro 2 – Tem que ter estudos.	51
Quadro 3 – O desemprego	54
Quadro 4 – Ficar pelas ruas no final de semana.	60
Quadro 5 – O tráfico foram nossos heróis.	62
Quadro 6 – Ela mora nas favelas.	64
Quadro 7 – Ela prefere parar o negro.	67
Quadro 8 – Qualquer um já viu: Nego morrendo, apanhando.	71
Quadro 9 – Amamentados ao som dos tiros.	72
Quadro 10 – E mataram.	74
Quadro 11 – Tinha que fazer tudo ou apanhava.	77
Quadro 12 – O futuro é morrer.	82
Quadro 13 – Com a brutalidade de um carrasco.	86
Quadro 14 – Experiências, Por Ano de Fundação, Público-Alvo e Áreas de Atuação e UF onde se situam	91

Lista de Tabelas

Tabela 1 – População entre 15 a 24 anos na população total, por sexo, segundo cidades selecionadas, 1998 (%)	42
Tabela 2 – População de 15 a 24 anos na População Economicamente Ativa (PEA), por tipo de inserção no trabalho(1) e por sexo, segundo cidades selecionadas(2), 1998 (%)	45

Tabela 3 – Trabalhadores Admitidos e Desligados, segundo cidades selecionadas, em Dezembro/2000. (Números Absolutos, Saldo e Razão)	53
Tabela 4 – Bibliotecas Públicas e Razão entre Bibliotecas e População de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999	56
Tabela 5 – Museus e Razão entre Museus e População de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999	57
Tabela 6 – Teatros/Casas de Espetáculos e Razão entre Teatros/Casas de Espetáculos e população de 15 a 24 anos (%), segundo municípios selecionados, 1999	58
Tabela 7 – Cinemas e Razão entre Cinemas e População de 15 a 24 anos (%), segundo cidades selecionadas, 1999	59
Tabela 8 – População Empregada, por cor ou raça, segundo Unidades da Federação (UF) e/ou Regiões Metropolitanas (RM), 1999 (%)	65
Tabela 9 – População Ocupada, por cor ou raça, anos médios de estudo e rendimento médio em salários mínimos, segundo Unidades da Federação (UF) e/ou Regiões Metropolitanas (RM), 1999	66
Tabela 10 – Óbitos na População de 15 a 24 anos, por grupos de causas, segundo cidades selecionadas, 1998 (%)	70
Tabela 11 – Estudantes do ensino fundamental e médio, consumidores de drogas lícitas e ilícitas, por ano do levantamento, segundo cidades selecionadas (%) – 1987-1997	80

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Orçamento anual das entidades, por faixa (2000)	98
Gráfico 2 – Custo per capita mensal por jovem, nas experiências, em reais	99

Lista de Siglas

AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Comunidade Solidária
 ABONG – Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais
 ABRINQ – Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos
 ANDI – Agência de Notícias do Direito da Infância
 APEOESP – Sindicato de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

BCC – Brasil Criança Cidadã
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNDES – Banco de Desenvolvimento Econômico e Social
CADCT – Superintendência de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CCN – Centro de Cultura Negra
CDI – Comitê para Democratização da Informática
CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CEFET – Centro de Ensino Técnico Federal
CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CETAD – Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas
CIARTE – Projeto Cidadania, Arte e Educação
CIEP – Centro Integrado de Educação Pública
CISS – Conferência Interamericana de Seguridade Social
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMDICA – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente
CREDES – Centros Regionais de Desenvolvimento do Ensino
CRIA – Centro de Referência Integral de Adolescentes
DATASUS – Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
DETRAN – Departamento Estadual de Trânsito
DST – Doença Sexualmente Transmissível
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
ECO – Escola Criativa Olodum
EDISCA – Escola de Dança e Integração Social para a Criança
EICs – Escolas de Informática e Cidadania
EMBAGE – Empresa Bahiana de Armazéns Gerais Ltda
FASE – Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
FEBEM – Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
FUNCAS – Fundação Municipal de Crianças e Assistência Social
FUNDAC – Fundação da Criança e do Adolescente
IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDESP – Instituto de Estudos Econômicos e Sociais de São Paulo
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MEC – Ministério da Educação
MIAC – Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania
ONG – Organização Não-Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PACA – Programa de Atendimento à Criança e ao Adolescente
PDDE – Plano de Dinheiro Direto para a Escola
PET- Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
POMMAR – Partners of America
PRONAC – Programa Nacional de Incentivo à Cultura
SAAP/FASE – Serviço de Análise e Assessoria a Projetos
SEAS – Secretaria de Estado e de Assistência Social
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEMED – Secretaria Municipal de Educação
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAFE – Seminário Nacional da Formação do Educador
SESC – Serviço Social do Comércio
SETEPS – Secretaria Executiva do Trabalho e Promoção Social
SETRADS- Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social
SIM – Sistema de Informações sobre Mortalidade
SINE – Sistema Nacional de Emprego
SUS – Sistema Único de Saúde
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UNODCCP - Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
USAID – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional
WCF – World Childhood Foundation

10

Anexos

Declaração de Ministros Responsáveis pela Juventude

Lisboa, Portugal
8-12 agosto de 1998

Conferência Mundial dos Ministros
Ponto 11 da ordem de trabalhos
Aprovação da Declaração de Lisboa Sobre Políticas e Programas
de Juventude

Apresentado pelo Comitê Principal

Nós, os Governos participantes na Primeira Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude, recebidos pelo Governo da República Portuguesa em cooperação com as Nações Unidas e reunidos em Lisboa, de 8 a 12 de Agosto de 1998,

Tendo em atenção que, tanto a Assembléia Geral das Nações Unidas, através da sua resolução 52/83, como o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, através da resolução 1997/55, receberam com agrado o convite do Governo Português para acolher uma Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude, em colaboração com as Nações Unidas, e pediram ao seu Secretário-Geral que disponibilizasse a todos os Estados-membros os relatórios desta Conferência Mundial,

Recordando os resultados do Ano Internacional da Juventude em 1985 e as sessões especiais da Assembléia Geral sobre a juventude em 1985 e 1995, que levaram à adoção de um Programa Mundial de Ação para a Juventude para além do ano 2000,²⁷

27 Resolução da Assembléia Geral 50/81

Relembrando que, conforme é sugerido no parágrafo 123 do Programa Mundial de Ação para a Juventude até além do ano 2000, a Assembléia Geral convidou as conferências regionais e inter-regionais dos ministros responsáveis pela juventude a intensificarem a cooperação mútua e a preverem a realização de reuniões regulares, a nível internacional, sob a égide das Nações Unidas, de modo a estabelecer um diálogo de âmbito mundial sobre questões relacionadas com a juventude,

Registrando e reconhecendo os relatórios da segunda²⁸ e terceira²⁹ reuniões do Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas. Realizadas em Viena, em 1996, e em Braga, Portugal, em 1998,

Recordando também que a Assembléia Geral, no parágrafo 124 do Programa de Ação, convidou os órgãos e agências do sistema das Nações Unidas relacionados com a juventude a colaborar com as conferências regionais e internacionais que os referidos órgãos e agências deram a sua contribuição para essas reuniões, assim como para esta Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude,

Reconhecendo os esforços feitos pelos nossos Governos e sociedades para responder com maior eficácia às necessidades econômicas sociais, educacionais, emocionais, culturais e espirituais dos jovens, bem como aos seus problemas,

Reconhecendo a juventude como uma força positiva na sociedade e com enorme potencial para contribuir para o desenvolvimento e progresso das sociedades,

Reconhecendo a urgência de criar mais e melhores empregos para os jovens de ambos os sexos e o papel essencial do emprego jovem numa mais fácil transição da escola para o mercado de trabalho, reduzindo assim a delinqüência e o abuso de drogas e garantindo a participação e coesão social,

Registrando com preocupação a situação dos jovens que vivem em estado de pobreza, assim como as particulares dificuldades sentidas pelos diferentes grupos de jovens de ambos os sexos, tais como os que estão envolvidos ou são afetados pelo desemprego, abuso de drogas e outras substâncias, violência, incluindo a violência baseada no sexo, negligência, abuso sexual, exploração sexual; jovens de ambos os sexos que vivem com incapacidade; jovens indígenas; jovens pertencentes a minorias étnicas e culturais; jovens delinqüen-

28 A/52/80-E/1997/14

29 WCMRY/1998/5

tes; adolescentes grávidas; e outros jovens de ambos os sexos desfavorecidos e marginalizados,

Registrando também com preocupação a situação dos jovens indígenas de muitos países, nesta Década Internacional dos Povos Indígenas de Todo o Mundo, e tendo em conta os obstáculos que lhes deparam relativamente à qualidade de vida, participação e acesso à educação, serviços e oportunidades,

Tendo em conta as realizações conseguidas desde a quarta Conferência Mundial da Mulher, realizada em Pequim em 1995, e tendo presentes as dificuldades e os obstáculos que ainda impedem a plena participação das mulheres em todos os setores da sociedade, em particular a participação de mulheres jovens,

Tendo em consideração as disposições da Declaração Universal dos Direitos do Homem,³⁰ o Convênio Internacional sobre Direitos Cívicos e Políticos³¹ e o Convênio Internacional sobre Direitos Econômicos e Sociais e Culturais³² e considerando também os progressos alcançados na implementação, por parceiros dos Estados, de outros instrumentos e normas sobre direitos humanos, tais como a Declaração sobre o Direito ao Desenvolvimento,³³ a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação da Mulher³⁴ e a Convenção sobre os Direitos da Criança,

Tendo também em atenção as recomendações feitas por outras importantes conferências das Nações Unidas incluindo a Cimeira Mundial da Criança, a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Conferência Mundial sobre Direitos do Homem, a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, a Cimeira Mundial para o Desenvolvimento Social, a quarta Conferência Mundial da Mulher, a segunda Conferência das Nações Unidas sobre Aglomerados Humanos (Habitat II) e a Conferência Mundial sobre Educação para Todos até o ano 2000, que aprovou a Declaração de Educação para Todos, a Cimeira Mundial da Alimentação, que aprovou a Declaração de Roma sobre Segurança Alimentar Mundial e o respectivo Plano de Ação e a Conferência Internacional do Trabalho, na sua 86ª sessão, que aprovou a declaração sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho,

30 Resolução 217 A (III) da Assembléia Geral

31 Resolução 2200 A (XXI) da Assembléia Geral

32 Resolução 41/128 da Assembléia Geral, em anexo

33 Resolução 34/180 da Assembléia Geral, em anexo

34 Resolução 44/25 da Assembléia Geral, em anexo

Reconhecendo que a formulação e a implementação de estratégias, políticas, programas e ações em prol dos jovens de ambos os sexos são de responsabilidade de cada país, devendo estes ter em conta a diversidade de condições econômicas, sociais e ambientais de cada país, com todo o respeito pelos vários valores religiosos e étnicos, antecedentes culturais e convicções filosóficas dos seus povos, e em conformidade com todos os direitos humanos e liberdades fundamentais,

Reconhecendo que a família é a célula básica da sociedade e, como tal deve ser reforçada, que lhe assiste o direito de beneficiar de total apoio e proteção e que, em determinados sistemas culturais, políticos e sociais existem vários tipos de família; reconhecendo também que os jovens de ambos os sexos que se casam têm de fazê-lo com o consentimento livre do futuro cônjuge e que os maridos e as mulheres devem ter direitos iguais,

Comprometemo-nos a:

Política Nacional de Juventude

1. Garantir que os processos de formulação, implementação e acompanhamento da política nacional de juventude beneficiem, ao nível apropriado, do empenhamento dos mais altos níveis políticos, incluindo a provisão de níveis adequados de recursos;
2. Desenvolver políticas nacionais de juventude e programas operacionais, aos níveis apropriados, para pôr em prática o Programa Mundial de Ação para a Juventude até ir além do ano 2000, tendo em conta as prioridades as realidades e as limitações nacionais, que resultam dos diferentes contextos de desenvolvimento económico e social;
3. Criar as políticas e programas necessários até ao ano 2000, para melhorar o nível de vida dos jovens de ambos os sexos e para permitir a aplicação eficaz das políticas nacionais de juventude, de natureza inter-setorial previstas, entre outros, no Programa de Ação;
4. Analisar a situação da juventude e suas necessidades e incluir a auto-avaliação de prioridades feitas pelos próprios jovens, através da sua participação num processo de auscultação, e garantir que os

jovens de ambos os sexos contribuam ativamente para a formulação, implementação e avaliação das políticas e programas nacionais e locais de juventude e dos respectivos planos de ação;

5. Desenvolver a formação de capacidades, através da concessão de autonomia às associações e redes de jovens, formais e informais;
6. Reforçar parcerias responsáveis entre todos os intervenientes-chave, especialmente as redes de jovens, instituições e organizações de juventude não-governamentais, e outras organizações não-governamentais, incluindo também os jovens do sexo feminino, particularmente as mais novas, jovens do sexo masculino, suas famílias, governos, agências internacionais, estabelecimentos de ensino, sociedade civil, o setor empresarial e os meios de comunicação social, de modo a criar sinergias capazes de melhor gerir não só as potencialidades com os problemas dos jovens, tanto a nível nacional como local;
7. Estabelecer objetivos e indicadores mensuráveis e calendarizados que constituam uma base comum para uma avaliação nacional da aplicação das políticas acima mencionadas;
8. Apoiar o intercâmbio bilateral, sub-regional e internacional das melhores práticas, a nível nacional, para a formulação, implementação e avaliação de políticas da juventude e para uma disponibilização adequada de instrumentos de desenvolvimento e de assistência técnica, através da criação de redes;
9. Garantir a adequação da política nacional de juventude e do desenvolvimento, dos planos e dos programas internacionais;

Participação

10. Garantir e incentivar a participação ativa dos jovens em todas as esferas da sociedade e nos processos de decisão. A nível nacional, regional e internacional e garantir que sejam tomadas as medidas anti-discriminatórias necessárias para assegurar a igualdade dos jovens de ambos os sexos, bem como criar as condições necessárias ao cumprimento dos seus deveres cívicos;
11. Promover a educação, a formação democrática e o espírito de cidadania e de responsabilidade cívica entre os jovens de ambos os sexos, para reforçar e facilitar o seu empenhamento, participação e plena integração na sociedade;

12. Facilitar o acesso dos jovens aos órgãos legislativos e políticos, através dos seus representantes, de modo a fomentar o seu íntimo envolvimento na formação, execução, acompanhamento e supervisão e avaliação das atividades e programas de juventude, garantindo assim a sua participação no desenvolvimento;
13. Apoiar e reforçar políticas que permitam formas de vida associativa independentes e democráticas, incluindo a eliminação dos obstáculos identificados à participação dos jovens e à liberdade de associação no local de trabalho;
14. Dar maior prioridade aos jovens de ambos os sexos, marginalizados, vulneráveis e desfavorecidos. Especialmente aos que estão separados das suas famílias, e às crianças que vivem e/ou trabalham nas ruas, com programas e ações adequados e o financiamento necessário, entre outros, de modo a proporcionar-lhes os meios e a motivação necessários para que possam dar uma contribuição eficaz às sociedades em que vivem;
15. Dar prioridade à criação de canais de comunicação com os jovens, para lhes dar voz ativa, a nível nacional, regional e internacional, e para lhes fornecer a informação de que necessitam, ajudando-os assim a preparem-se para as funções de participação e chefia;
16. Incentivar o voluntariado jovem como forma de participação dos mesmos;

Desenvolvimento

17. Garantir o direito ao desenvolvimento de todos os jovens de ambos os sexos;
18. Promover o acesso dos jovens de ambos os sexos à terra, ao crédito, às tecnologias e à informação, reforçando assim as oportunidades e os recursos para o desenvolvimento dos jovens que vivem em comunidades rurais e remotas;
19. Promover ações para a igualdade de acesso e utilização das novas tecnologias da informação pelos jovens de ambos os sexos, visto que aquelas constituem um instrumento privilegiado para reduzir ou eliminar gradualmente as desigualdades, bem como para promover o desenvolvimento;

20. Realçar o papel das organizações de juventude na formulação, implementação e avaliação dos planos e programas nacionais de desenvolvimento;
21. Criar ou reforçar, conforme o caso, uma política de combate à pobreza, promovendo campanhas de luta contra a pobreza, bem como reconhecer o direito dos jovens de ambos os sexos a uma habitação condigna, assegurando-lhes condições de vida, ambientais e de trabalho seguras, saudáveis e estáveis, incluindo a sua proteção, e integrar as preocupações dos jovens de todas as políticas e programas nacionais e locais relevantes, apoiando as suas capacidades para o desempenho de um papel ativo e criativo na gestão e desenvolvimento dos aglomerados humanos, de modo a poderem contribuir eficazmente para a melhoria das condições de vida e ambientais, não apenas para si próprios, como também para as suas comunidades e sociedades em geral;
22. Incentivar a conscientização e o empenhamento entre os jovens de ambos os sexos em princípios e práticas de desenvolvimento sustentável, especialmente em relação à proteção do ambiente, e apoiar as ações dos jovens para a promoção desses princípios numa cooperação interpaíses, com base nas suas necessidades mútuas e interesses comuns;
23. Lembrar que a cédula familiar tem um papel vital a desempenhar na integração dos jovens na sociedade, atuando como agente de transição, facilitando a aprendizagem e a educação, prestando apoio emocional e econômico, transmitindo valores e contribuindo para a formação e desenvolvimento dos jovens de ambos os sexos como adultos responsáveis; devem ser criados e reforçados programas e mecanismos específicos, numa perspectiva integrada da família;
24. Reconhecer a necessidade de uma perspectiva equilibrada entre os sexos, que tenha em conta as preocupações identificadas pelo Conselho Econômico e Social, durante as atividades operacionais para o segmento do desenvolvimento da sua sessão substantiva de 1998;
25. Encorajar a cooperação bilateral, regional e internacional, de modo a garantir a plena participação dos jovens de ambos os sexos no desenvolvimento econômico e social;
26. Desencorajar a adoção e evitar tomar qualquer medida unilateral, que não esteja de acordo com a legislação internacional e

com a Carta das Nações Unidas, que impeça a plena consecução do desenvolvimento econômico e social pela população dos países afetados, em particular os jovens de ambos os sexos, que dificulte o seu bem-estar e que crie obstáculos ao pleno gozo dos seus direitos humanos;

27. Tomar medidas que estejam conformes com a legislação internacional, com o objetivo de atenuar qualquer impacto negativo de sanções econômicas exercidas sobre os jovens de ambos os sexos;

Paz

28. Ter sempre presentes os objetivos e princípios da Carta das Nações Unidas para manter a paz e a segurança internacional, nomeadamente tomando medidas coletivas e eficazes contra as diferentes formas de violência e ameaça à paz, suprimindo os atos de agressão e promovendo a resolução dos conflitos, em conformidade com os princípios da justiça e da lei internacional;
29. Tendo em mente o importante papel da juventude na promoção da paz e da não violência, deverão ser tomadas medidas que estejam de acordo com as disposições relevantes das leis internacionais, incluindo as normas internacionais sobre direitos humanos, destinadas a evitar a participação e o envolvimento dos jovens em todos os atos de violência, em particular atos de terrorismo em todas as suas formas e manifestações, xenofobia e racismo, ocupação estrangeira, assim como no tráfico de armas e de drogas;
30. Reforçar o papel dos jovens e das organizações de juventude na construção da paz, na prevenção e na resolução de conflitos, entre outros, com base nas resoluções e tratados das Nações Unidas e do conselho de Segurança, e na construção da aprendizagem intercultural, educação cívica, tolerância, educação sobre direitos humanos e democracia, com vista a um respeito mútuo pela diversidade cultural, étnica e religiosa, responsabilidade, solidariedade e cooperação internacional, como meio de evitar conflitos e situações de angústia;
31. Encorajar, do modo mais apropriado, o papel dos jovens nas ações a favor do desarmamento geral e total sob um controle internacional eficaz, incluindo o desmantelamento de todos os tipos de armas de destruição maciça;

32. Construir uma efetiva cultura de paz e tolerância, pondo em prática um sistema universal de educação e formação para a paz, destinada ao progresso social, combatendo as desigualdades e reconhecendo a importância do diálogo e da cooperação através das linhas de conflito, com vista à promoção da tolerância, respeito e entendimento mútuos;
33. Ajudar os jovens e as organizações de jovens a dar uma contribuição substancial para a comemoração do Ano Internacional da Cultura da Paz no ano 2000;
34. Evitar a participação, recrutamento e envolvimento de crianças em conflitos armados, de acordo com as leis internacionais;
35. Promover e proteger os direitos dos povos, incluindo os jovens que vivem sob regime colonial ou outras formas de domínio ou ocupação estrangeira, em particular o direito desses povos à autodeterminação;
36. Mobilizar os jovens para a reconstrução das áreas devastadas pela guerra, levar ajuda aos refugiados e vítimas da guerra e promover atividades de reconciliação e reabilitação;
37. Garantir que os jovens de ambos os sexos possam viver num ambiente livre de ameaças, conflitos, todas as formas de violência, maus-tratos e exploração;

Educação

38. Promover a educação em todos os seus aspectos, nomeadamente a educação formal e não formal, assim como a alfabetização funcional, a formação para jovens de ambos os sexos e uma aprendizagem vitalícia, facilitando assim a integração dos jovens no mercado de trabalho;
39. Garantir aos jovens de ambos os sexos a igualdade de acesso e a continuidade de uma educação básica de boa qualidade, especialmente nas áreas rurais e entre a população mais pobre das cidades, com a finalidade de erradicar o analfabetismo;
40. Estabelecer objetivos nacionais calendarizados para o alargamento da igualdade de acesso dos jovens de ambos os sexos ao ensino secundário e superior, bem como para a melhoria de qualidade deste ensino;

41. Assegurar que os jovens de ambos os sexos estejam bem informados sobre os seus direitos humanos, entre outros, através do ensino;
42. Oferecer uma formação adequada sobre as modernas técnicas de comunicação e informação sobre os meios de comunicação social, pois estes têm um impacto importante sobre a juventude e o seu comportamento;
43. Proporcionar a reabilitação e, quando apropriado, a reintegração na sociedade, especialmente em cenários educacionais dos jovens de ambos os sexos saídos de estabelecimentos correccionais ou prisionais;
44. Conceber novas estratégias centradas nos jovens vítimas de circunstâncias angustiantes e violentas, com o fim de pôr cobro à exclusão, oferecendo novas oportunidades de aprendizagem aos jovens que abandonam a escola prematuramente, bem como oportunidades de aprendizagem e de formação contínua, tanto para os jovens empregados como desempregados;
45. Apoiar as estruturas familiares, nomeadamente dando assistência aos pobres e fornecendo os recursos necessários às famílias e escolas que lidam com jovens de ambos os sexos com deficiências físicas e mentais;
46. Reforçar e criar novas parcerias que permitam aos jovens de ambos os sexos aprender, criar e expressar-se através de atividades culturais, físicas e desportivas, em benefício de um desenvolvimento físico, intelectual, artístico, moral, emocional e espiritual equilibrado, assim como da sua integração social;
47. Atribuir recursos à formação vocacional e garantir que os sistemas de ensino e formação correspondam a realidades económicas, sociais e empresariais baseadas nas necessidades identificadas e no processo tecnológico;
48. Desenvolver políticas educativas que apoiem todos os jovens de ambos os sexos na conquista do acesso a um ensino que corresponda às suas capacidades e potenciais específicos, dando especial atenção aos jovens socialmente desfavorecidos;
49. Incentivar a integração de temas como a educação para a vida em família, a saúde reprodutiva, incluindo conseqüências adversas das práticas tradicionais que são prejudiciais à saúde das

jovens mulheres e moças, e a prevenção do abuso de drogas e substâncias, nos planos curriculares das escolas, assim como nas atividades extra-curriculares;

50. Encorajar a participação dos jovens no trabalho comunitário como parte importante do sistema educativo;
51. Apoiar, quando necessário, as associações de estudantes, criando condições para o exercício dos seus direitos e fornecendo-lhes os meios necessários que lhes permitam desempenhar devidamente as suas funções e responsabilidades;
52. Criar e desenvolver atividades desportivas, culturais e recreativas entre os jovens de ambos os sexos, que se destinem a promover e reforçar o intercâmbio desportivo e cultural a nível nacional, sub-regional, regional e internacional;

Emprego

53. Afirmar o objetivo social fundamental do pleno emprego, de modo a garantir a igualdade de oportunidades para os jovens de ambos os sexos no acesso ao emprego remunerado;
54. Promover a igualdade de oportunidades de emprego para os jovens, assim como a igualdade de proteção contra a discriminação, nomeadamente no pagamento de salários, de acordo com a legislação nacional do trabalho, independentemente da origem étnica ou nacional e da raça, sexo, deficiências, opções políticas, credo ou religião, ou ainda, extrato social, cultural ou económico;
55. Promover a igualdade de oportunidades de emprego para os jovens entre outros, aprovando e aplicando leis contra a discriminação baseada no sexo no mercado de trabalho, assim como legislação que garanta os direitos dos jovens de ambos os sexos a salário igual para trabalho igual ou trabalho de igual valor;
56. Melhorar as parcerias complementares entre as autoridades públicas, o setor privado e os estabelecimentos de ensino, em paralelo com as iniciativas da sociedade civil, para a promoção de empregos dos jovens;
57. Promover a investigação sobre o emprego dos jovens, tendo em conta as tendências e exigências do mercado, de modo a conce-

- ber e implementar políticas e programas de emprego para os jovens, com especial atenção para as circunstâncias específicas de cada sexo;
58. Investir na capacidade empresarial dos jovens de ambos os sexos e fornecer-lhes as competências e os recursos necessários para a criação das suas próprias empresas e negócios;
 59. Tomar medidas eficazes para assegurar a proibição e a eliminação imediata das piores formas de trabalho infantil, nomeadamente o apoio às negociações em curso para a finalização, pela Organização Internacional do Trabalho, de um futuro instrumento que possa resolver esta questão, bem como medidas que protejam os jovens de ambos os sexos contra todas as formas de exploração, incluindo o turismo sexual, a prostituição, o tráfico de seres humanos e a escravatura, e todo o tipo de trabalho, remunerado ou não, que afete negativamente o seu desenvolvimento mental, físico, social e moral, com especial atenção à situação particular das mulheres jovens;
 60. Promover o ensino e a formação vocacionada para a vida ativa, para garantir a permanente adaptação do ensino às transformações do ambiente social e económico, incluindo as exigências do mercado;
 61. Promover o desenvolvimento de mecanismos de orientação profissional dos jovens através dos estabelecimentos de ensino e de formação, assim como da comunidade;
 62. Promover um maior empenho nacional e internacional na proteção dos jovens trabalhadores migrantes, tendo em atenção os seus direitos como seres humanos, as suas necessidades sociais e a sua proteção contra a exploração;
 63. Promover a competência empresarial dos jovens nas áreas rurais, para os ajudar a assumirem atividades de autogestão e autofinanciamento;

Saúde

64. Promover um desenvolvimento sanitário equitativo para os jovens de ambos os sexos e prevenir e dar resposta aos seus problemas de saúde, criando um ambiente de segurança e proteção, fornecendo informação, formando competências e proporcionando

nando-lhes o acesso a serviços de saúde, incluindo o aconselhamento, com o envolvimento da cédula familiar, de grupos de pares, das escolas, da comunicação social, dos serviços de saúde e de outros parceiros;

65. Combater as doenças curáveis e prevenir e tratar as doenças incuráveis, através da criação de parcerias funcionais entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento e da promoção de campanhas de informação e vacinação que envolvam a célula familiar, os grupos de pares, as escolas, os meios de comunicação social, os serviços de saúde e outros parceiros, de modo a formar capacidades, dando especial atenção aos jovens de ambos os sexos;
66. Criar as condições políticas, legais, materiais e sociais que permitam o acesso a cuidados básicos de saúde com serviços dirigidos aos jovens e que prestem especial atenção aos programas de informação e prevenção com particular relevo para as principais doenças como a tuberculose, o paludismo, o HIV/Aids, a subnutrição, oncorcerose (cegueira dos rios) e as doenças diarréicas, especialmente a cólera;
67. Reconhecendo que o consumo do tabaco e o abuso do álcool pelos jovens de ambos os sexos constitui uma ameaça à sua saúde, apoiar a criação em todos os países de programas abrangentes para reduzir o consumo do tabaco, a exposição ambiental ao fumo do tabaco e o abuso de álcool;
68. Elaborar programas de informação, educação e comunicação e realizar campanhas de sensibilização entre os jovens de ambos os sexos para o combate ao HIV/Aids e às doenças sexualmente transmissíveis;
69. Reconhecer as necessidades especiais de saúde dos jovens de ambos os sexos com deficiências mentais ou físicas e assegurar a sua reabilitação e reintegração, de modo a promover-lhes a autoconfiança;
70. Promover atividades humanitárias em prol das vítimas das minas terrestres e sensibilizar as crianças e os jovens para o perigo das minas terrestres, especialmente nos países afetados pelas minas antipessoais;
71. Reconhecer e apoiar o importante papel da célula familiar, das associações de jovens e das organizações não-governamentais como o melhor mecanismo para criar um ambiente propício a

uma vida saudável, por meio da transmissão de conhecimentos, informação, competências e motivação;

72. Formular políticas favoráveis ao desenvolvimento de programas de saúde nas áreas rurais e urbanas pobres, incluindo o abastecimento de água potável, o saneamento e o tratamento de lixos, tendo em conta as necessidades específicas dos jovens de ambos os sexos, para um ambiente saudável;
73. Reconhecer a importância dos cuidados genéricos de saúde, incluindo os cuidados de saúde reprodutiva, e criar uma base de dados fidedigna sobre saúde reprodutiva dos jovens, bem como facilitar a divulgação da informação e serviços eqüitativos dirigidos aos jovens de ambos os sexos. De modo a garantir o seu bem-estar físico, mental e social, assim como o acesso a métodos legais de planeamento familiar da sua escolha que sejam seguros, eficazes, acessíveis e aceitáveis;
74. Intensificar esforços e ações para a cooperação internacional, na área da assistência sanitária, em situações de catástrofes naturais e de outras emergências;
75. Reconhecer o problema da exploração sexual, do abuso sexual e de outros tipos de violência contra os jovens de ambos os sexos e tomar medidas eficazes para a sua prevenção, tais como as referidas no Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial das Crianças, realizado em Estocolmo, de 27 a 31 de agosto de 1996;
76. Garantir a total proteção dos jovens de ambos os sexos contra todas as formas de violência, incluindo a violência baseada no sexo, o abuso e a exploração sexual e promover não só a recuperação física e psicológica, como também a reintegração social e econômica das vítimas;

Abuso de Drogas e Outras Substâncias

77. Reconhecer as repetidas referências que são feitas aos jovens nos documentos aprovados na vigésima sessão especial da Assembleia Geral, sobre o problema mundial da droga;³⁵

35 Ver resoluções S-20/2, S-20/3 e S-20/4 da Assembleia Geral

78. Reforçar a sensibilização da juventude, em colaboração com os jovens de ambos os sexos e as associações de jovens para os perigos do abuso de drogas e outras substâncias, lícitas ou ilícitas, e promover alternativas que permitam aos jovens optar por estilos de vida saudáveis e livres do abuso de substâncias nocivas, assim como mobilizar as comunidades aos diferentes níveis para participarem ativamente nos esforços de prevenção contra as drogas;
79. Colaborar, em conjunto com os jovens de ambos os sexos e com organizações de juventude, em estratégias destinadas a prevenir e combater o abuso e o tráfico de drogas, a reduzir a sua procura e a promover o apoio não só ao tratamento e à reabilitação dos tóxicos-dependentes, visando à sua reintegração na sociedade, como também às suas famílias;
80. Reforçar a cooperação internacional, regional, sub-regional e bilateral e aumentar os esforços para a redução da procura e para o combate à produção, fornecimento e tráfico ilegal de substâncias narcóticas e psicotrópicas;
81. Instituir medidas rigorosas com o fim de limitar e/ou prevenir o acesso dos jovens de ambos os sexos às drogas;

Por Todas estas Razões Concordamos em:

82. Convidar os responsáveis por todos os programas relevantes das Nações Unidas, bem como os fundos e agências especializadas e outros organismos do sistema das Nações Unidas, nomeadamente o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, o Fundo das Nações Unidas para as Populações, o Fundo das Nações Unidas para a Infância, a Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas, a Organização Mundial de Saúde, a Organização Internacional do Trabalho, o Banco Mundial e as organizações intergovernamentais e instituições financeiras regionais, a darem um apoio às políticas e programas nacionais de juventude no âmbito dos seus programas nacionais;
83. Promover, a nível nacional, regional e internacional, a investigação, a recolha de informação, a compilação estatística e uma ampla divulgação dos resultados desses estudos e dessa investigação;

84. Convidar o Secretário-Geral das Nações Unidas a reforçar o Departamento da Juventude do Secretariado das Nações Unidas e apresentar à quinquagésima quarta sessão da Assembléia Geral propostas sobre as formas e meios de conseguir esse reforço;
85. Convidar o Secretário-Geral das Nações Unidas a participar ativamente num seguimento eficaz da Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude, tendo em consideração a resolução 52/83 da Assembléia Geral e a resolução 1997/55 do Conselho Econômico e Social, no quadro do Programa Mundial de Ação para a Juventude até e para além do ano 2000;
86. Implementar sistemas de coordenação e cooperação entre as comissões e organizações regionais e as reuniões ministeriais e outras, nas suas atividades relacionadas com a juventude, e preparar a atribuição do financiamento necessários para garantir o cumprimento das recomendações da Conferência Mundial dos Ministros Responsáveis pela Juventude;
87. Instar os Governos interessados, as organizações não-governamentais e o setor privado a disponibilizarem recursos financeiros mais substanciais para o Fundo das Nações Unidas para a Juventude e criar um órgão consultivo para este fundo, que possa orientar, tanto as estratégias de angariação de fundos, como a formulação, implementação e avaliação de projetos para dar seguimento à Conferência Mundial com projetos específicos para os jovens;³⁶
88. Nós, aqui presentes, aprovamos e comprometemo-nos, enquanto Governos, a implementar as medidas acima mencionadas e a promover a continuação da implementação do Programa Mundial de Ação para a Juventude até e para além do ano 2000, com a participação ativa da juventude, garantindo que as perspectivas próprias dos jovens se reflitam nas nossas políticas e programas nacionais.

36 Ver §139 do Programa de Ação (resolução 50/81 da Assembléia)

Plano de Ação de Braga para a Juventude

2 a 7 de agosto de 1998,
Braga, Portugal

Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas

Introdução

Nós, os representantes dos jovens e das organizações ao serviço da juventude, do Sistema das Nações Unidas e de outras organizações intergovernamentais, reunimos de 2 a 7 de agosto de 1998 em Braga, Portugal, no terceiro Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas.

Congregamo-nos aqui para promover a Participação dos Jovens no Desenvolvimento Humano, convictos de que a participação da juventude é um requisito indispensável ao desenvolvimento da humanidade no seu todo.

No limiar do próximo milênio, os jovens estão plenos de esperança e empenhamento. Estamos convictos de que com uma parceria dos jovens e organizações ao serviço da juventude, por um lado, e dos governos das nações, o Sistema das Nações Unidas e outras organizações intergovernamentais, por outro, poderemos moldar o nosso mundo com vista à criação de um melhor futuro para todos.

Os jovens sofrem os desafios da injustiça e da exclusão, resultantes sobretudo das enormes iniquidades na distribuição do rendimento, da riqueza e do poder que dominam o mundo de hoje. Existe um fosso cada vez maior entre ricos e pobres porque o comércio e os acordos e relações para o investimento continuam a não ser justos.

Os jovens são sobrecarregados com a crise financeira e de endividamento e, como resultado dos Programas Estruturais de Ajus-

tamento, sentem as conseqüências dos cortes que os governos vão fazendo nas despesas com os serviços humanos. Os sistemas educativos estão em declínio, o acesso dos jovens aos serviços de saúde é restringido e o desemprego juvenil aumenta.

Os jovens sofrem atos de xenofobia e de racismo, de homofobia e de exclusão da participação democrática. Os jovens não têm acesso à informação, apesar das novas possibilidades de comunicar além-fronteiras, que deviam promover a tolerância em sociedades multiétnicas, um respeito acrescido pelos Direitos do Homem e uma maior participação.

Só a nível mundial se podem encontrar soluções reais e sustentáveis para estes problemas, por meio da criação de novas parcerias entre todas as partes envolvidas. Essas soluções incluem a promoção de despesas sociais, graças ao cancelamento da dívida externa dos países pobres mais seriamente endividados, acordos comerciais que respeitem o direito ao trabalho e condições decentes de vida, o cumprimento do objetivo acordado de 0,7% do PIB para Apoio Oficial ao Desenvolvimento, o pagamento integral e incondicional das dívidas à ONU em devido tempo, bem como a continuação da reforma do Sistema das Nações Unidas.

Os jovens podem e devem participar na solução dos problemas mundiais. Em todo o lado jovens e organizações de juventude mostram que não são obstáculos, mas recursos valiosos para o desenvolvimento. Os jovens estão construindo a liderança democrática, a sociedade civil e o capital da sociedade para o século XXI.

Com o Plano de Ação da Juventude de Braga, queremos emancipar os jovens para que participem no desenvolvimento humano. A Participação da Juventude no Desenvolvimento Humano exige que:

- a comunidade internacional, o setor privado e especialmente os governos forneçam aos jovens os recursos financeiros adequados para dar realização a todo o seu potencial, tornando-os parceiros integrais e ativos no processo de desenvolvimento;
- os jovens sejam reconhecidos, não só como futuros dirigentes, mas como atores da sociedade contemporânea, com uma participação direta no processo de desenvolvimento;
- os jovens de ambos os sexos tenham condições de participação em termos de igualdade: a discriminação sexual é um obstáculo que tem de ser ultrapassado, e a emancipação da mulher é um pré-requisito indispensável ao desenvolvimento;

- TODOS os jovens tenham a possibilidade de participar como autores e também como beneficiários do desenvolvimento: o desemprego, o analfabetismo, a discriminação contra os jovens indígenas, contra os jovens deficientes e que se baseia nos credos religiosos, bem como outras formas de exclusão social, são ameaças ao desenvolvimento;
- a justiça entre as gerações presente e futura seja reconhecida como base fundamental para um desenvolvimento sustentado: os jovens devem participar nas decisões tomadas sobre os recursos do amanhã;
- os jovens participem nas decisões políticas tomadas em todos os níveis, podendo organizar-se como ONGs juvenis, associações de estudantes, sindicatos e partidos políticos e que colaborem na criação dos meios de comunicação de massa, a fim de participarem cabalmente na vida política, econômica, cultural e social;
- as questões da juventude não sejam tratadas isoladamente, mas em harmonia com todas as decisões políticas. O terceiro Fórum Mundial da Juventude é um exemplo de como uma abordagem trans-setorial pode ser usada com sucesso.

O Plano de Ação de Braga para a juventude é um compromisso conjunto para a Participação dos Jovens no desenvolvimento Humano, assumido pelas ONGs juvenis, o sistema das Nações Unidas e outras organizações intergovernamentais em parceria.

Como participantes no terceiro Fórum Mundial da Juventude do Sistema das Nações Unidas, afirmamos o nosso empenhamento pessoal e inabalável na Participação dos Jovens no desenvolvimento Humano.

Apelamos agora a todos os jovens, aos governos do mundo e à comunidade internacional para que trabalhem ao nosso lado, para concretizarmos estes compromissos e tornarmos a nossa visão da Participação dos Jovens no Desenvolvimento Humano uma realidade.

O Fórum Mundial da Juventude Recomenda:

Políticas de Juventude

Políticas de Juventude Integradas Trans-setoriais:

1. Até o ano 2005, a formulação, em todos os Estados, de políticas de juventude que sejam trans-setoriais, abrangentes e elaboradas com visão a longo prazo, em conjunto com Planos de Ação que tenham em conta as orientações traçadas no *Plano Mundial de Ação até e para além do Ano 2000*. As políticas de juventude devem ter estatuto jurídico e ser apoiadas por estruturas legislativas e por recursos suficientes. Encorajamos todos os governos a criar e/ou reforçar instituições juvenis de referência, no âmbito da estrutura governamental. As políticas de juventude devem ser formuladas após um extenso processo de consultas entre as plataformas do governo e as das ONGs juvenis nacionais, bem como de outros intervenientes, como parceiros iguais no processo.
2. A implementação efetiva de políticas de juventude trans-setoriais, de acordo com os Planos de Ação e os seus calendários, a formular em simultâneo com as políticas de juventude. Os Planos de Ação deverão ser usados por todos os intervenientes, especialmente as plataformas de ONGs juvenis, como indicadores para o acompanhamento e avaliação do nível de implementação das políticas de juventude.
3. Que as Nações Unidas, em colaboração com outras organizações intergovernamentais e não-governamentais, identifique as melhores práticas na formulação e implementação das políticas de juventude e encorajem a adaptação dos princípios e das experiências entre os Estados-Membros das Nações Unidas. O mecanismo do Grupo Temático de Jovens podia ser mais utilizado no âmbito do Sistema dos Coordenadores Residentes das Nações Unidas, para aumentar a coordenação das entidades das Nações Unidas na área da juventude, com vista à promoção de políticas nacionais de juventude. O Grupo Temático de jovens deveria dar prioridade à colaboração entre ONGs juvenis e as entidades das Nações Unidas.

Cooperação das ONGs Juvenis a Nível Nacional:

4. A criação e/ou reforço de plataformas de ONGs juvenis nacionais, representando o maior número possível de organizações juvenis democráticas de cada Estado, a criar por iniciativa das próprias organizações de jovens. As plataformas deverão respeitar a independência organizativa de cada membro e funcionar com base nos princípios da solidariedade e da democracia. Os governos deverão reconhecer legalmente as plataformas das ONGs juvenis nacionais como parceiros na decisão política de proporcionar-lhes o apoio financeiro adequado e garantir o livre crescimento das ONGs.
5. A criação de mecanismo informais e formais de consulta entre as plataformas de ONGs juvenis nacionais e os governos, que devem funcionar com base nos princípios do respeito mútuo e da parceria em plano de igualdade, de modo a que as preocupações dos jovens se reflitam por inteiro nas decisões políticas nacionais.
6. O Sistema das Nações Unidas e as organizações internacionais, incluindo as plataformas de ONGs juvenis nacionais e internacionais, deverão reforçar a capacidade das ONGs juvenis a nível nacional, regional e internacional, através de um cooperação alargada a todos os níveis.

Juventude, Erradicação da Pobreza e Desenvolvimento:

7. Com base na Iniciativa de Braga sobre a Crise de Endividamento, os governos, a comunidade internacional, incluindo o FMI, o Banco Mundial e outras agências das Nações Unidas deverão trabalhar em associação com as ONGs juvenis, no sentido de organizarem seminários regionais antes do ano 2000, de modo a avaliar os impactos da crise de endividamento nos jovens de ambos os sexos que vivem em países com estas dívidas. Os resultados das suas observações deverão ser utilizados para estabelecer políticas esclarecidas a nível da comunidade internacional, em particular nas áreas dos programas de ajustamento estrutural, da formação de capacidades, e do reforço da sensibilização e apoio ativo, visando à erradicação da pobreza. Estes seminários regionais deverão, também, dar origem a uma conferência

conjunta internacional das ONGs juvenis e do sistema das Nações Unidas, incluindo o Banco Mundial e o FMI, a realizar antes do ano 2001.

8. Recomendamos que as organizações juvenis, em cooperação com os governos, as agências e organizações das Nações Unidas, as OIG e as instituições financeiras internacionais, se estabeleçam onde não existem e que reforcem as redes e agências para a juventude existentes a nível nacional, sub-regional e regional. Estas organizações, dotadas de autonomia em termos de planeamento, de poder de decisão e de implementação, deverão executar planos eficazes de erradicação da pobreza, participar em programas de desenvolvimento e atuar como organismo de supervisão para avaliar os progressos. Deverão prestar a devida atenção aos antecedentes sociais e culturais dos grupos-alvo, promovendo uma formação e acompanhamento adequados, com envolvimento de membros da comunidade local.
9. Embora enfatizando o fato de os principais responsáveis pela erradicação da pobreza serem os Governos e a comunidade internacional, o Fórum Mundial da Juventude confirma a contribuição indispensável dada pelos jovens para a erradicação da pobreza e para o desenvolvimento. Recomendamos que todos os principais agentes envolvidos nas áreas da pobreza e da juventude promovam, apóiem, desenvolvam e financiem o voluntariado da juventude. Além disso, deverá ser dada uma importância especial ao voluntariado de iniciativa dos jovens, durante o Ano Internacional dos Voluntários em 2001.

Participação da Juventude

Participação de TODOS os jovens:

10. Que seja reconhecido que os jovens afetados por deficiências têm maiores dificuldades em participar na sociedade devido à inexistência de oportunidades iguais. Para melhorar o seu acesso, de modo independente, ao ambiente físico, é indispensável fornecer uma informação adequada, dispositivos auxiliares e equipamentos e realizar campanhas de sensibilização e de

angariação de fundos. Estas ações devem ser promovidas e incentivadas a todos os níveis, através da cooperação entre ONGs preocupadas com os problemas relacionados com as deficiências, assim como entre agências das Nações Unidas, os Governos e as OIG.

11. Os governos, as ONGs, as OIG e o sistema das Nações Unidas devem promover a compreensão intercultural entre as diferentes culturas através de reuniões de trabalho, seminários, programas de intercâmbio e campos de juventude, utilizando um processo de avaliação adequado para assegurar que todas as culturas, e especificamente, os jovens indígenas, sejam totalmente reconhecidas, respeitadas e valorizadas pela sociedade. Propomos igualmente que as Nações Unidas patrocinem uma Conferência Mundial da Juventude Indígena e que, em relação a quaisquer futuras atividades ligadas à juventude, patrocinadas pelas Nações Unidas, sejam criados mecanismos para assegurar que são especificamente incluídos participantes indígenas como delegados com direitos próprios.
12. Que as ONGs tomem a iniciativa, em cooperação com agências especializadas, programas e fundos das Nações Unidas, assim como com plataformas nacionais para a juventude, de realizar conferências que permitam um intercâmbio de experiências e informação sobre o trabalho com jovens vivendo em condições de extrema pobreza e com jovens que necessitem de proteção contra a violência, em particular as mulheres jovens. Deverá ser dada prioridade ao contato com jovens que vivam em condições de extrema pobreza e ao trabalho, em estreita ligação com os mesmos, de criação e implementação de políticas de juventude e projetos concretos nas áreas da saúde, educação, formação e emprego. Propomos, também, a criação de centros nacionais de supervisão que apresentem ao Sistema das Nações Unidas um relatório anual sobre os indivíduos jovens vítimas de violência. Os resultados das conferências sobre os jovens excluídos por condições de pobreza extrema e o relatório sobre os jovens vítimas de violência deverão ser objeto de uma ampla divulgação através de todos os tipos de meios de comunicação, sendo utilizados como referência na avaliação da implementação das políticas nacionais de juventude.

As Organizações para a Juventude e o Sistema das Nações Unidas:

13. As Nações Unidas apóiam um envolvimento amplo, de forma democrática, das ONGs juvenis no processo de tomada de decisão de todo o Sistema das Nações Unidas. Pedimos a intensificação do processo de consultas e uma participação plena e eficaz das ONGs juvenis nas conferências, comissões, agências especializadas, programas e fundos do Sistema das Nações Unidas – as quais deverão reunir-se em diferentes regiões de modo a assegurar uma representação geográfica equitativa. Encorajamos os Estados Membros a incluírem representantes das ONGs juvenis nas delegações nacionais à Assembléia Geral e a outras conferências e comissões do Sistema das Nações Unidas. Este procedimento deverá garantir uma representação ampla, abrangente e equilibrada, em função dos sexos, de todos os jovens, incluindo grupos como os indivíduos indígenas, os jovens com deficiências, os imigrantes, os refugiados e todas as minorias.
14. O reconhecimento da responsabilidade dos jovens em quererem assumir, por si próprios, o auxílio necessário à implementação do Plano de Ação de Braga para a Juventude, e de outras iniciativas das Nações Unidas – deste modo, oferecemos ao Sistema das Nações Unidas os serviços dos jovens aos níveis nacional, regional e internacional. Para que seja obtido êxito, deverá existir uma maior coordenação da implementação tanto ao nível nacional como regional e a informação deverá ser facilmente acessível a todos os indivíduos jovens (ação que poderá ser facilitada pelas delegações do Sistema das Nações Unidas); deverá ter-se em consideração a questão do financiamento nacional para alargar a eficácia das ONGs juvenis, visando utilizar esses fundos para criar eventuais organizações autônomas; e a juventude não associada deverá ser envolvida de modo a assegurar a implementação eficaz de todos os programas.
15. Que seja dada, no Sistema das Nações Unidas, a maior prioridade às questões relacionadas com a juventude. Recomendamos o reforço do Departamento da Juventude das Nações Unidas e dos seus equivalentes em outros fundos, programas e agências especializadas e que lhes sejam atribuídos maiores recursos em termos financeiros e de pessoal – em especial de pessoal jovem. Recomendamos que o respectivo mandato seja alargado por for-

ma a incluir a disseminação da informação e a coordenação das políticas e programas entre as ONGs juvenis e as várias agendas, fundos e programas especializados. Deverão existir escritórios nacionais de ligação, para os Jovens, nos escritórios locais das Nações Unidas bem como uma quota para as organizações juvenis nos programas nacionais das Nações Unidas. Deverão igualmente assegurar a continuação do processo dos Fóruns Mundiais para a Juventude, incluindo a convocação de fóruns regionais para a juventude/de consulta, tanto para a preparação e acompanhamento do Fórum, como para o fortalecimento das suas ligações com as futuras conferências-intergovernamentais ao mais alto nível sobre a juventude (como seja a Conferência dos Ministros da Juventude), através da preparação, sessões e acompanhamento conjuntos. Os Estados-membros deverão contribuir generosamente para o Fundo das Nações Unidas para a Juventude, o qual deverá dar prioridade ao projeto Sul – Sul.

Educação para o Século XXI:

16. Que a educação seja gratuita a todos os níveis e igualmente acessível a todos. O acesso a todos os níveis de educação não deverá estar sujeito à situação econômica. Exortamos os governos a atribuírem mais recursos à educação, e que a UNESCO seja a agência coordenadora, com as contribuições técnicas e financeiras dos Governos, da criação de um Fundo Mundial para a Educação que conceda bolsas de estudo, de modo a permitir uma igualdade de acesso à educação a todos os níveis.
17. Que se reconheça a emancipação da juventude como um direito, através de uma participação ampla e ativa e de uma representação em todos os níveis de educação, instando os governos a procederem de igual modo. Recomendamos aos governos que reconheçam e promovam a importância da educação não formal, como parte integrante do desenvolvimento completo dos indivíduos e das sociedades, sendo, portanto, complementar da educação formal. Recomendamos a criação de Departamentos de Educação Não Formal no âmbito dos Ministérios da Educação, os quais trabalharão em parceria com as ONGs responsáveis pelas políticas da educação não formal, através de um fórum democrático das ONGs.

18. Embora reconhecendo que a educação deve ser relevante para as oportunidades de emprego, exortamos os governos a analisar e rever as suas políticas de educação formal, de modo a incorporarem o ensino de línguas, incluindo as línguas locais e indígenas, e a educação global dos cidadãos, com ênfase para os conceitos universais de paz, direitos humanos, compreensão intercultural e inter-religiosa, proteção ambiental, desenvolvimento sustentável e igualdade entre os sexos. O Fórum Mundial para a Juventude preconiza o desenvolvimento de materiais de ensino regionais e internacionais através das agências das Nações Unidas, a formação adequada de todos os educadores e a criação de unidades de coordenação nacionais.

Emprego dos Jovens para o Desenvolvimento Social:

19. O reconhecimento de que o problema do desemprego dos jovens é uma questão séria e complexa que requer ações, tanto a nível macro como microeconômico, por parte dos governos, dos parceiros sociais, das ONGs e do Sistema das Nações Unidas. Existe necessidade de promover, melhorar e alargar a forma e implementação das políticas e programas destinados a promover o emprego dos indivíduos jovens. Recomendamos que o Sistema das Nações Unidas, em colaboração estreita com as ONGs juvenis, procedam a uma avaliação comparativa da situação dos programas para o emprego dos jovens, em diferentes países de diferentes regiões. Esta avaliação deverá dar relevo aos programas para os jovens que apresentem desvantagens, nomeadamente, mas não exclusivamente, para as mulheres, os jovens com deficiências, os desempregados há muito tempo, os povos indígenas e os migrantes. A avaliação deverá incidir sobre questões como a sustentabilidade dos empregos, criados quando os programas terminarem, a qualidade dos empregos criados e a contribuição do projeto para o desenvolvimento social.
20. O reconhecimento de que existe uma falta de capacidade institucional das ONGs na área do emprego e de comunicação entre as ONGs e o Sistema das Nações Unidas. As ONGs enfrentam freqüentemente dificuldades na angariação de fundos para financiar projetos e na falta de conhecimentos sobre programas e projetos já existentes para promover o emprego juvenil. Para

ultrapassar estas dificuldades, propomos um novo Sistema de troca de informações entre as ONGs juvenis e o Sistema das Nações Unidas, assim como um plano estrutural de colaboração para fornecer apoio técnico e financeiro às ONGs. O primeiro passo a dar é garantir-lhes o acesso a serviços relevantes de comunicação, com a ajuda das Nações Unidas. O segundo passo diz respeito à criação de um *web site* e de um diretório de caixa de envio de correio, com e para as ONGs, como outros meios de comunicação. O Webster deve conter, entre outras coisas, informações que digam respeito às ONGs e às próprias Organizações Internacionais, material impresso em formato eletrônico publicado pelo Sistema das Nações Unidas, atualizações de projetos e experiências e idéias sobre como obter apoio financeiro e técnico para atividades relacionadas com o emprego juvenil.

21. Que há uma necessidade de dar autonomia, mobilizar e informar os jovens acerca dos direitos fundamentais no mercado de trabalho. Esses direitos têm de ser respeitados por todos, para assim se promover o desenvolvimento social. As ONGs juvenis devem participar nos esforços da OIT para divulgar as suas Convenções, Recomendações e Resoluções, particularmente a “Declaração sobre os Princípios e Direitos Fundamentais do Trabalho”, aprovada pela Conferência Internacional do Trabalho, que teve lugar em junho de 1998. Recomendamos ainda que seja empreendida pelas ONGs uma campanha de divulgação de informações, com o apoio financeiro do Sistema das Nações Unidas, para esclarecer os jovens acerca dos seus direitos de acordo com os documentos da OIT. A campanha deve ser constituída por conferências, materiais de informação e formação e deve realçar a participação das bases.

Juventude, Saúde e Desenvolvimento:

22. A formulação/análise e implementação de uma política de saúde nacional integrada para a juventude que trate de todos os temas importantes da saúde, incluindo a saúde sexual e reprodutiva, o HIV/AIDS, as doenças infecciosas, o abuso de substâncias, a nutrição e a higiene, as práticas tradicionais nocivas como a mutilação dos órgãos genitais femininos, o abuso sexual, a exploração sexual, a saúde mental, a saúde ocupacional e

ambiental. Tudo isto requer a participação ativa da juventude, das organizações relacionadas com a juventude, dos órgãos do governo, das ONGs, das organizações internacionais e das agências do Sistema das Nações Unidas.

23. A prestação de serviços de saúde orientados para a juventude, serviços de aconselhamento e particularmente de saúde reprodutiva, que sejam globais, acessíveis e participantes, para assegurar o bem-estar holístico de todos os jovens.
24. A comunidade internacional deverá implementar a pesquisa fidedigna, a supervisão e a avaliação das necessidades de saúde dos jovens com a sua total participação e a troca alargada e interativa de informações que tratem dessas necessidades. Os órgãos do governo, as ONGs, as organizações internacionais e as agências do Sistema das Nações Unidas, em colaboração com as organizações da juventude, devem coordenar uma formação eficaz dos jovens dada pelos seus pares, em todas as situações que tenham de enfrentar na vida, bem como a formação dos pais, professores, líderes religiosos e tradicionais, e dos educadores sobre competências de apoio. Devem ser criados centros de informação que serão geridos por e para jovens.

O Papel da Juventude na Promoção dos Direitos Humanos:

25. Que a educação dos direitos humanos seja reconhecida como um direito humano básico. Este direito inclui o acesso e a troca de informações sobre direitos cívicos, culturais, econômicos, políticos e sociais universalmente aceites, assim como sobre as respectivas violações. Tem por objetivo a defesa da implementação dos direitos humanos básicos. TODOS OS jovens devem estar envolvidos na educação para os direitos humanos como receptores e fornecedores-chave.
26. As instituições, incluindo os governos, o sistema das Nações Unidas, as organizações intergovernamentais e as autoridades educativas responsáveis pela educação dos direitos humanos na comunidade, a nível nacional, regional e internacional, devem assegurar um meio ambiente que favoreça o envolvimento dos jovens na educação sobre direitos humanos. Isto inclui a oportunidade para uma participação ativa das organizações de jo-

vens no processo de tomada de decisões, na implementação, assim como nos procedimentos já existentes de supervisão e informação para a educação em direitos humanos.

27. Que as organizações da juventude se comprometam a desenvolver e implementar estratégias eficazes sobre a educação em direitos humanos. Recomendamos que seja designado em cada organização da juventude um ponto fulcral dos direitos humanos. Deve ser criada uma parceria entre o sistema das Nações Unidas e esses pontos fulcrais, dentro do quadro estrutural da Década da Educação para os Direitos Humanos das Nações Unidas (1995-2004). As metodologias da educação para os direitos humanos devem ter em conta a necessidade de uma sensibilização cultural e devem incluir a criação de grupos de promoção, o estabelecimento de canais e a troca das experiências positivas, da formação de capacidades e da preparação de materiais nas línguas locais.

Carta dos Direitos da Juventude e Relator Especial sobre Direitos da Juventude:

28. Que a Unidade da Juventude das Nações Unidas publique e ajude as ONGs juvenis a divulgar a nível internacional, regional, nacional e local um *compêndio sobre os direitos da juventude*, composto pela recolha dos direitos existentes que dizem respeito aos jovens, já incluídos nas resoluções adotadas pela Assembleia Geral e nos documentos das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos, incluindo conferências nacionais das Nações Unidas, tais como as conferências do Cairo, de Copenhague, de Viena e de Pequim. O referido compêndio deve ser publicado numa edição *amiga da juventude* e estar disponível e ser acessível a todos os jovens do mundo.
29. *O Relator Especial das Nações Unidas sobre os Direitos da Juventude* deve ser nomeado pelo Secretário Geral das Nações Unidas antes do fim de 1999, tendo como base as indicações resultantes de consultas regionais das ONGs a efetuar em agosto de 1999. O/A Relator/a deve ser mandatado por três anos (com possibilidade de renovação até três mandatos). O/A Relator/a deve ser um perito independente jovem (que não tenha mais de 35 anos de idade à data da nomeação e da renovação do manda-

to), com experiência em temas relacionados com os direitos humanos, recentemente e diretamente envolvido em organizações da juventude. Devem ser feitos esforços no sentido de evitar discriminação nas nomeações, assegurando assim, em termos de futuro, oportunidades justas e iguais no acesso ao cargo. O/A Relator/a deve entregar um relatório anual ao Secretário Geral das Nações Unidas e aos outros órgãos relevantes, incluindo recomendações para uma melhor implementação dos direitos dos jovens. O/A Relator/a deve ser apoiado ativamente pelas estruturas das Nações Unidas.

30. Exortamos o Secretário Geral das Nações Unidas a tomar, com a ajuda das agências especializadas, das organizações regionais importantes e das ONGs juvenis, a iniciativa de organizar um acontecimento *ad hoc* sobre os Direitos Humanos, no sentido de unir os representantes dos Estados e de todas as ONGs juvenis nacionais, regionais e internacionais interessadas. Este acontecimento Mundial (quer seja uma sessão especial da Assembleia Geral das Nações Unidas quer seja uma Conferência Mundial das Nações Unidas sobre os Direitos da Juventude) deve ser preparado a nível nacional e regional, através de uma campanha que promova o maior envolvimento possível dos jovens. O acontecimento *ad hoc* sobre os Direitos Humanos deve analisar questões tendentes a melhorar a situação dos Direitos Humanos dos jovens sujeitos a sanções, embargos e injustiças no local de trabalho.

Encontro sobre melhores práticas em projetos com jovens do Cone Sul

Declaração Final

CEPAL, BID, UNESCO, INJ, FLAJ
Santiago do Chile
8 a 11 de novembro de 1999

Introdução

Reunidos na cidade de Santiago do Chile com o objetivo de compartilhar e trocar experiências na formulação, gestão e avaliação de projetos com jovens do Cone Sul, e havendo analisado detidamente cada um desses pontos, à luz das declarações de Braga e Lisboa, de 1998, em grupo de jovens da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai consideramos:

1. Quanto à formulação de projetos que envolvem os jovens

Dificuldades:

- Falta aprofundar o diagnóstico das necessidades dos jovens.
- Há no momento dificuldades em acessar a informação sobre elementos estatísticos e dados técnicos, por responsabilidade tanto dos que a fornecem como dos que a solicitam.
- Há elementos de rigidez estrutural e tecnicismos no momento da apresentação de projetos a órgãos públicos e privados.

Vantagens:

- O fato de que os projetos dos jovens estejam caracterizados pelo ímpeto, a força de vontade e o desejo de transformar as situações e as necessidades que afetam os setores mais vulneráveis da sociedade.

- Entre os valores privilegiados pelos jovens para a formulação dos projetos está o desejo de promover os direitos fundamentais do ser humano, mediante a superação, a aprendizagem, a fé, a coragem, a criatividade, o caráter empreendedor e o compromisso com a percepção da realidade circundante.

Recomendamos assim:

- Convocar os jovens para que participem ativamente na percepção e definição das suas necessidades, com o objetivo de formular projetos destinados a supri-las.
- Proporcionar a assistência técnica que permita aos jovens e a suas organizações aprender a administrar as metodologias adequadas à formulação de projetos.
- Recomendar a conveniência de que essa formulação contenha um componente de sustentabilidade que contribua para a permanência no tempo dos projetos que envolvam a juventude.
- Partir de uma concepção integral da pessoa humana e dos problemas sociais (dada a complexidade destes), o que leva inevitavelmente a uma formulação que tenha em conta a abordagem multidisciplinar da situação.
- Coligir informação, aprofundar o estudo dos problemas e levar em conta a investigação sobre experiências similares.
- Acompanhar os beneficiários, para assegurar o equilíbrio entre os indicadores estatísticos e as necessidades da população.
- Propiciar a inserção rápida do Estado e da sociedade civil como atores importantes na formulação dos projetos que envolvam os jovens.
- Buscar a institucionalização do projeto desde a fase da sua formulação, de modo que a respectiva informação e administração não recaiam em uma só pessoa, contribuindo desta forma para a gestão participativa da proposta.
- A partir da formulação, cuidar de que não sejam provocadas expectativas desmedidas, que conspiram contra o sucesso das iniciativas.

2. Quanto à gestão dos projetos que envolvem os jovens

Dificuldades:

- As organizações de jovens têm dificuldades para constituir equipes de formulação e gestão, devido à escassez de fundos para o desenvolvimento do projeto e para o seu fortalecimento institucional, o que conspira contra a sustentabilidade dos projetos.
- A maioria dos projetos apresentados estão inseridos em organizações que trabalham com voluntários, o que torna ainda mais difícil alcançar a meta já mencionada, devido à alta rotatividade desses voluntários e a sua pouca disponibilidade de tempo.
- Há dificuldades para alcançar um enfoque multidisciplinar dos problemas que afetam os jovens dos dois sexos.
- As organizações juvenis demonstram debilidades na geração e difusão da informação sobre a formulação, gestão e avaliação dos projetos com jovens.

Recomendamos assim:

- Quanto ao processo de gestão, manter a transparência, dando conta dos atos e decisões, cumprindo os compromissos contraídos pela entidade que está conduzindo o projeto, de modo a conservar a sua credibilidade ante a opinião pública e os outros atores sociais. Por outro lado, é necessário introduzir flexibilidade na gestão, levando em conta as características do trabalho com os jovens.
- As organizações que trabalham com os jovens devem desenvolver estratégias de geração de recursos, na medida em que o trabalho voluntário não garante por si só a sustentação do projeto. Nos casos em que há financiamento externo, é preciso defender a autonomia da organização juvenil. Se não for possível manter a sustentabilidade do financiamento externo, devem ser consideradas alternativas para a auto-sustentabilidade, de acordo com a filosofia de cada instituição.
- Quanto às equipes de trabalho voluntário, acreditamos necessário incorporar o conceito de *aprender fazendo*, que significa contemplar a confrontação empírica como mecanismo para gerar conhecimentos relevantes. Isso implica, ademais, que o proces-

so de ensino e aprendizagem deve contribuir para o desenvolvimento pessoal e profissional dos voluntários, e para o fortalecimento da capacidade de gestão das organizações que convocam os jovens. Com respeito às organizações que trabalham com os jovens, é importante que procurem mecanismos de autogestão. Consideramos que isso se conseguirá mediante o fortalecimento institucional, o estabelecimento de estratégias claras e a aproximação dos diferentes atores entre si, com o objetivo de concertar alianças estratégicas para o êxito da execução e a posterior sustentabilidade dos projetos.

- É necessário fazer com que as alianças se baseiem na formação de redes para a cooperação técnica, a aprendizagem conjunta, o financiamento e a negociação permanentes, evitando assim a duplicação de gastos com recursos humanos e financeiros.
- Para fortalecer as organizações em que se inserem os projetos juvenis deve-se promover o sentido democrático em toda a sua amplitude, estendido a todos os aspectos do projetos. Não obstante, deve ser evitada a rigidez formal não condizente com o espírito do projeto e as características da juventude.
- É necessário visar à difusão e publicidade dos projetos com os jovens, o que deverá contribuir para a formação de alianças estratégicas com outros atores sociais, a sustentabilidade dos projetos e a melhoria da imagem dos jovens.

3. Quanto à avaliação dos projetos que envolvem os jovens

Dificuldades:

- Falta de recursos técnicos qualificados para efetuar a avaliação e para divulgar os resultados do projeto, de forma pontual.
- Falta de indicadores apropriados que permitam medir os resultados esperados nos projetos que envolvem os jovens.
- Os projetos sociais apresentam maiores dificuldades para serem avaliados, devido às áreas de intervenção e os campos em que pretendem atuar.

Recomendamos assim:

- Avaliar sistemática e permanentemente a formulação e gestão, designando para esse fim recursos e métodos aplicáveis ao trabalho com os jovens.

- Desenvolver, sistematizar e divulgar metodologias de avaliação qualitativa.
- Reunir nas avaliações todos os atores que intervêm nos projetos, para chegar a uma visão real e completa dos resultados obtidos.
- Privilegiar o enfoque da avaliação da qualidade, mais do que a quantitativa.
- Zelar para que a avaliação seja feita no curto, médio e longo prazos, com ênfase neste último, para apreciar o impacto do projeto sobre a população-alvo.

4. Conclusões e recomendações gerais

As sugestões propostas nesta parte do documento estão orientadas para os atores sociais que consideramos de maior relevância, dentre eles os governos, a sociedade civil e os organismos internacionais.

- Propor às organizações a criação de um Parlamento Jovem do Cone Sul, que tenha por finalidade a interação das ONGs e dos governos ou a canalização das propostas dos jovens. Isso permitiria fomentar a participação e o protagonismo dos jovens na realidade de hoje.
- Instar as organizações de jovens a respeitar os princípios democráticos e constitucionais, bem como os direitos humanos.
- Exortar os governos do Cone Sul a consultar e levar em conta as organizações de jovens na elaboração de políticas para a juventude, a partir dos jovens e com eles.
- Levar em conta a integralidade, sustentabilidade e participação dos jovens nas políticas, programas e projetos orientados para eles, como um direito que lhes é próprio.
- Propor, na área de influência do Cone Sul, o reconhecimento tanto trabalhista como educacional entre os vários países, de modo a contribuir para a integração dos nossos povos, e especialmente dos jovens.
- Estabelecer uma mesa de diálogo, em que técnicos e organizações de jovens analisem os requisitos para a formulação dos projetos juvenis, de modo que eles podem traduzir-se em requisitos para

postular os fundos de organismos orientados para a juventude e os projetos apresentados por iniciativa dos próprios jovens.

- Financiar projetos que envolvam jovens, não só a partir das formulações iniciais estabelecidas pelas agências de cooperação mas também levando em conta a avaliação no campo, o trabalho realizado, o processo vivido e os sucessos alcançados.
- Dar maior publicidade às atividades que estejam sendo realizadas por certos grupos juvenis, e o impacto que têm tido tanto em seus beneficiários como nos próprios executores.
- Destinar fundos a programas de capacitação para o preparo de projetos juvenis que ajudem na compreensão do contexto, os diferentes alcances e as múltiplas possibilidades.
- Criar canais alternativos que permitam o acesso à informação. Por exemplo, organizar uma rede de informação das diferentes instituições que trabalham com projetos para a juventude, de modo a intercambiar experiências.
- Flexibilizar e repropor critérios de avaliação dos projetos juvenis a nível dos governos, dos organismos internacionais e outras organizações.
- Instrumentar formas não convencionais de educação, complementares ou alternativas com relação ao sistema formal, e que sejam por sua vez reconhecidas pelas instituições governamentais pertinentes.
- Sensibilizar os organismos internacionais e a sociedade em geral para que levem em consideração os projetos dos jovens e ofereçam condições de financiamento mas flexíveis.

Ao Estado:

- Criar canais claros de informação, de divulgação das ações e vias de financiamento para os projetos que envolvam os jovens, além de desburocratizar as gestões relativas às organizações juvenis, para facilitar o seu trabalho.
- Dar um contexto legal, aval e garantia aos projetos com jovens, por jovens ou destinados à juventude que contribuam para o desenvolvimento social.
- Facilitar a infra-estrutura e a assistência técnica fundamentalmente àqueles projetos que impliquem a intervenção de jovens e contribuam para o seu desenvolvimento.

- Reconhecer e valorizar o trabalho voluntário das ONGs no campo das políticas de desenvolvimento social para os jovens.

À sociedade civil:

- Apoiar a divulgação pública das ações empreendidas dentro dos projetos que envolvem os jovens e suas organizações.
- Instar os empresários a que se comprometam de modo responsável com a busca, a sustentabilidade e a geração de alternativas válidas para a solução dos problemas que afetam a juventude.
- Voltar a propor o papel da família como ator relevante no trabalho dos projetos com jovens.
- Buscar a interação das instituições e dos projetos que mobilizam os jovens e outros setores da sociedade civil, construindo redes e articulando os respectivos esforços.

Aos organismos internacionais:

- Promover, política e financeiramente, atividades associativas que concernem aos jovens e às organizações juvenis de caráter nacional e regional.
- Celebrar reuniões no nível das nações que propiciem o aprofundamento do tratamento dos problemas comuns dos projetos com jovens, e apresentem soluções para esses problemas.
- Criar bases de dados de organismos de cooperação que proporcionem informação sobre projetos com jovens, em execução e por executar.
- Facilitar o acesso à informação sobre requisitos, critérios e formulários de elaboração de projetos.